SIGMUND FREUD

INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE

TRADUZIDO COM AUTORIZAÇÃO DO AUTOR PELO

DR. ELIAS DAVIDOVICH

EDITORA GUANABARA
WAISSMAN KOOGAN LTDA.
OUVIDOR, 132 — RIO

ADVERTÊNCIA

Publicando esta "Introdução à Psicanálise", não penso absolutamente destiná-la a fazer concurrência às exposições de conjunto já existentes nêste campo científico (Pfister, Die psychoanalystiche Methode 1913; *Leo Kaplan,* Grundzüge der Psychoanalyse, 1914; *Régis e Hesnard,* La psychanalyse des névroses et des psychoses, *Paris, 1914; Adolph F. Meijer,* De Behandeling van Zenuwzieken door Psycho-Analyse, *Amsterdam, 1915). Êste livro constitue a reprodução fiel das lições que dei durante os semestres de inverno* 1915-16 *e* 1916-17, *ante um auditório composto de médicos e leigos de ambos os sexos.*

Esta gênese de meu livro explica todas as particularidades que êle pode deparar, algumas das quais são de molde a admirar o leitor. Não me foi possível dar à minha exposição a fria serenidade de um tratado científico. Achava-me então, leitor, na obrigação de fazer todo o possível para não deixar esmorecer a atenção de meus ouvintes, durante as duas horas, mais ou menos, que durava cada uma de minhas preleções. Visando produzir um efeito imediato, fui freqüentemente forçado a tratar em várias oportunidades do mesmo tema, uma vez, por exemplo, a propósito da interpretação dos sonhos, outra vez a propósito do problema das neuroses. A distribuição das matérias teve igualmente por conseqüência que certas questões importantes, a do inconciente, por exemplo, em vez de serem tratadas de modo completo numa só vez, tiveram de ser retomadas e abandonadas aqui e ali, até que uma ocasião nova nos permitisse acrecentar qualquer coisa a nossos conhecimentos concernentes a esses pontos.

Os que estão familiarizados com a literatura psicanalítica encontrarão nesta "Introdução" pouca novidade, pouco material que já não tenha sido publicado alhures, em obras mais extensas. Mas a necessidade de desbastar as arestas do assunto, tornando-o mais compreensivel, obrigou o autor a utilizar em certas secções (as relativas à etiologia, à angústia, às fantasias histéricas) materiais até hoje inéditos.

S. FREUD.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Ignoro quantos dentre os senhores conhecem a psicanálise, de leitura ou de ouvir dizer. Mas o título mesmo destas lições: *Introdução à Psicanálise*, impõe-me a obrigação de agir como si nada soubessem a êste respeito e precisassem ser iniciados em seus primeiros elementos.

Entretanto, devo supor que os senhores sabem que a psicanálise é um processo de tratamento médico de pessoas afectadas de doenças nervosas. Dito isto, posso mostrar-lhes imediatamente, num exemplo, que as coisas aqui não se passam como noutros ramos da medicina, e que até se passam de um modo absolutamente contrário. Via de regra, quando submetemos um doente a uma técnica terapêutica nova para êle, esforçamo-nos por diminuir a seus olhos os inconvenientes dela e insistimos em dar-lhe todas as garantias possíveis quanto ao sucesso do tratamento. Creio que temos razão de fazê-lo, pois, assim procedendo, aumentamos efetivamente as probabilidades de êxito. Mas procedemos de um modo absolutamente diverso, quando submetemos um neurótico ao tratamento psicanalítico. Pomo-lo então ao par das dificuldades do método, de sua duração, dos esforços e sacrifícios que exige; e quanto ao resultado, dizemos-lhe que nada podemos prometer, que isso depende do comportamento do próprio doente, de sua inteligência, obediência, paciência. E' obvio que boas razões, cuja importância os senhores talvez apreendam mais tarde, nos ditam esta conduta inusitada.

Peço-lhes que não me queiram mal si começo por tratá-los como a êsses doentes neuróticos. Desaconselho-lhes muito simplesmente de me virem ouvir outra vez. Nesta intenção, vou-lhes fazer tocar com o dedo todas as imperfeições que estão forçosamente adstritas ao ensino da psicanálise e todas as dificuldades que se opõem à aquisição de um juizo pessoal nesta matéria. Vou mostrar-lhes que toda a sua cultura anterior e todos os hábitos de seu pensamento devem ter feito dos se-

nhores necessàriamente adversários da psicanálise, e direi o que devem vencer em si mesmos para dominar esta hostilidade instintiva. Não posso naturalmente predizer-lhes o que minhas lições lhes farão ganhar do ponto de vista da compreensão da psicanálise, mas sem dúvida posso garantir-lhes que o fato de ter assistido a estas lições não bastará para torná-los capazes de empreender uma pesquisa ou de conduzir um tratamento psicanalítico. Si, porém, entre os senhores houvesse alguem que, não se contentando com um conhecimento superficial da psicanálise, desejasse entrar em contato permanente com ela, não sómente eu o dissuadiria disso, como até o poria diretamente em guarda contra semelhante tentativa. No atual estado de coisas, quem escolhesse esta carreira privar-se-ia de toda possibilidade de êxito universitário e achar-se-ia, como prático, em face de uma sociedade que, não lhe compreendendo as aspirações, o consideraria com desconfiança e hostilidade, pronta a lançar contra êle todos os maus espíritos que abriga em seu seio. E podem fazer um cálculo aproximado do número dêsses maus espíritos pensando simplesmente nos fatos que acompanham a guerra que devasta atualmente a Europa.

Ha, todavia, pessoas para as quais todo conhecimento novo apresenta um atrativo, mau grado os inconvenientes a que acabo de aludir. Si alguns dos senhores pertencem a esta categoria e querem mesmo, sem se deixar desanimar por minhas advertências, voltar aqui na proxima vez, serão benvindos. Mas todos têm o direito de conhecer as dificuldades da psicanálise que lhes vou expor.

A primeira dificuldade é inerente ao próprio ensino da psicanálise. No ensino da medicina, os senhores estão habituados a ver. Vêem a preparação anatômica, o precipitado que se forma em conseqüência de uma reação química, a contração do músculo por efeito da excitação de seus nervos. Mais tarde apresentam a seus sentidos o paciente, os sintomas de sua afecção, os produtos do processo mórbido, e em muitos casos chega-se a pôr ante vossos olhos, perfeitamente isolado, o germe que provocou a doença. Nas especialidades cirúrgicas, assistem às intervenções com as quais se socorre o doente, e têm mesmo de experimentar executá-las pessoalmente. E até na psiquiatria, a demonstração do enfêrmo, com o jôgo movediço de sua fisionomia, com sua maneira de falar e comportar-se, traz-lhes uma porção de observações que lhes deixam uma impressão profunda e durável. E' assim que o professor de medicina preenche o papel de um guia e intérprete que os acompanha como que através de um museu, enquanto os senhores se põem em

relação direta com os objetos e acreditam haver adquirido, por uma percepção pessoal, a convicção da existência de fatos novos.

Infelizmente, as coisas se passam de um modo absolutamente diverso na psicanálise. O tratamento psicanalítico não comporta mais que uma troca de palavras entre o analisado e o médico. O paciente fala, conta os sucessos de sua vida passada e suas impressões presentes, queixa-se, confessa desejos e emoções. O médico trata de dirigir a marcha das idéias do paciente, desperta-lhe a atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou incompreensão que assim provoca no paciente. A família inculta de nossos doentes, à qual só se impõe o que é visível e palpável, de preferência atos como os que se vêem desenrolar-se na tela do cinematógrafo, nunca deixa de manifestar sua dúvida quanto à eficácia que podem ter "simples discursos", como meio de tratamento. Esta crítica é pouco judiciosa e ilógica. Não é esta mesma gente que sabe com certeza que os doentes apenas "imaginam" sentir tais ou tais sintomas? As palavras faziam primitivamente parte da magía, e ainda hoje a palavra conserva muito de seu poder de outrora. Com palavras um homem pode tornar seu semelhante feliz ou levá-lo ao desespêro, e é valendo-se de palavras que o mestre transmite seu saber aos dicípulos, que um orador impressiona os ouvintes, determinando seus juizos e decisões. As palavras provocam emoções e constituem para os homens o meio geral de se influenciarem recíprocamente. Não procuremos, pois, diminuir o valor que pode apresentar a aplicação de palavras à psicoterapia e contentemo-nos de assistir como ouvintes à troca de palavras entre o analista e o doente.

Palavra

Mas ainda isto não é possível. A conversação que constitue o tratamento psicanalítico não tolera ouvintes; não se presta à demonstração. Pode-se naturalmente, no correr de uma lição de psiquiatria, apresentar aos alunos um neurastênico ou um histérico que exprimirá suas queixas e contará seus sintomas. Mas isto será tudo. Quanto às informações de que o analista precisa, o doente só as dará si sentir pelo médico uma afinidade de sentimento particular; assim que constatar a presença mesmo de uma única testemunha indiferente, êle se calará. E' que êstes dados se referem ao que ha de mais íntimo na vida psíquica do doente, a tudo o que êle deve, como pessoa social autônoma, ocultar aos outros e, enfim, a tudo o que não quer confessar a si mesmo, como pessoa que tem conciência de sua unidade.

Os senhores não podem, portanto, assistir como ouvintes a um tratamento psicanalítico. Podem apenas ouvir falar a seu respeito e, no

sentido mais rigoroso da palavra, só poderão conhecer a psicanálise por ouvir-dizer. O fato de só poderem obter informações, por assim dizer, de segunda mão, cria-lhes condições fora do comum para a formação de um juizo. Tudo depende em grande parte do grau de confiança que lhes inspira quem os informa.

Suponham um instante que assistem, não a uma lição de psiquiatria, mas a uma lição de história, e que o conferencista lhes fala da vida e façanhas de Alexandre Magno. Que razões teriam de acreditar na veracidade de sua narrativa? À primeira vista, a situação parece ainda mais desfavorável que na psicanálise, pois o professor de história não participou mais que os senhores nas expedições de Alexandre, de passo que o psicanalista ao menos lhes fala de fatos em que êle mesmo representou um papel. Mas então intervém uma circunstância que torna o historiador digno de fé. Êle pode principalmente recomendar-lhes os textos de antigos escritores, contemporâneos dos acontecimentos em questão ou bastante próximos dêles, isto é, manda-los consultar os livros de Plutarco, Diodoro, Arrênio, etc.; pode fazer passar ante vossos olhos reproduções das moedas ou estátuas do rei e uma fotografia do mosaico pompeano que representa a batalha do Isso. Para dizer a verdade, todos êstes documentos provam apenas que gerações anteriores já acreditaram na existência de Alexandre e na realidade de suas façanhas, e os senhores vêem nesta consideração um novo ponto de partida para sua crítica. Esta terá a tentação de concluir que tudo o que foi contado a respeito de Alexandre não é digno de fé ou não pode ser estabelecido com certeza em todos os seus pormenores; todavia, recuso-me a admitir que os senhores possam deixar a sala de conferências duvidando da realidade de Alexandre Magno. Tal decisão será determinada por duas considerações principais: a primeira é que o conferencista não tem nenhuma razão imaginável para lhes fazer admitir como real o que êle próprio não considera como tal; a segunda é que todos os livros de história de que dispomos representam os acontecimentos de um modo quasi idêntico. Si em seguida abordarem o exame das fontes mais antigas, levarão em conta os mesmos fatores, isto é os móveis que puderam guiar os autores e a concordância de seus testemunhos. No caso de Alexandre, o resultado do exame será certamente confirmador, coisa que já não sucederá quando se trata de personalidades tais como Moisés ou Nemrod. Quanto às dúvidas que podem conceber relativamente ao grau de confiança que merece o relato de um psicanalista, ainda terão ocasião de apreciar seu justo valor.

Agora, estão no direito de me perguntar: posto que não existe critério objectivo para julgar da veracidade da psicanálise e não temos nenhuma possibilidade de fazer desta um objeto de demonstração, como se pode aprender a psicanálise e assegurar-se da verdade de suas afirmações? Com efeito, esta aprendizagem não é fácil, e são pouco numerosos aqueles que aprenderam a psicanálise de um modo sistemático; mas nem por isso deixam de existir vias de acesso para esta aprendizagem. O indivíduo aprende em primeiro lugar a psicanálise em seu próprio corpo, pelo estudo de sua própria personalidade. Não é perfeitamente o que se chama auto-observação, mas a rigor o estudo de que falamos pode ser a ela levado. Existe toda uma série de fenômenos psíquicos muito freqüentes e geralmente conhecidos dos quais se pode, mercê de algumas indicações relativas à sua técnica, fazer em si mesmo objetos de análise. Isto feito, adquire-se a convicção tão procurada da realidade dos processos descritos pela psicanálise e da justeza de suas concepções. Convêm dizer todavia que, seguindo êste caminho, não se deve esperar a consecução de progressos indefinidos. Avança-se muito mais deixando-se analisar por um psicanalista competente, sentindo em seu proprio eu os efeitos da psicanálise e aproveitando a ocasião para aprender a técnica do processo em todas as suas minúcias. Subentende-se que êste excelente meio sempre só pode ser utilizado por uma única pessoa e nunca se aplica a uma reunião de várias.

Ao acesso dos senhores à psicanálise opõe-se ainda uma outra dificuldade, que já não é inerente à psicanálise como tal: são os senhores mesmos os responsáveis por ela, por fôrça de seus estudos médicos anteriores. A preparação que até hoje receberam, imprimiu-lhes ao pensamento certa orientação que muito os afasta da psicanálise. Foram habituados a consignar às funções do organismo e a suas perturbações causas anatômicas, a explicá-las colocando-se no ponto de vista da química e da física, a concebê-las do ponto de vista biológico, mas seu interêsse nunca se orientou para a vida psíquica na qual, entretanto, culmina o funcionamento de nosso organismo, tão admirávelmente complicado. Eis porquê se conservaram estranhos à maneira de pensar psicológica, e eis porquê tambem adquiriram o costume de considerar esta com desconfiança, recusando-lhe todo carácter científico, e abandonando-a aos leigos, poetas, filósofos da natureza e místicos. Esta limitação é certamente prejudicial à atividade médica dos senhores, pois, como é de regra em todas as relações humanas, o doente sempre começa por apresentar-lhes sua fachada psíquica, e receio muito que os senhores não

sejam obrigados, para seu castigo, a abandonar aos leigos, poetas e místicos a quem tanto desprezam, boa parte da influência terapeutica que procuram exercer.

Não desconheço as razões que se podem alegar para excusar esta lacuna na preparação dos senhores. Ainda nos falta essa ciência filosófica auxiliar que poderiam utilizar para a realização dos fins visados pela atividade médica. Nem a filosofia especulativa, nem a psicologia descritiva, nem a psicologia dita experimental e que se relaciona com a fisiologia dos sentidos, são capazes, tais como as ensinam nas escolas, de lhes fornecer dados úteis sôbre as relações entre o corpo e a alma, e de lhes oferecer o meio de compreender uma perturbação psíquica qualquer. No campo mesmo da medicina, a psiquiatria, é bem verdade, ocupa-se em descrever as perturbações psíquicas que observa e em reüní-las em quadros clínicos; mas em seus bons momentos os psiquiatras perguntam a si mesmos si seus arranjos puramente descritivos merecem o nome de ciência. Não conhecemos nem a origem, nem o mecanismo, nem os laços recíprocos dos sintomas que integram êsses quadros nosológicos; não lhes corresponde nenhuma modificação demonstrável do órgão anatômico da alma; quanto às modificações invocadas, não dão nenhuma explicação dos sintomas. Essas perturbações psíquicas só se mostram acessiveis a uma ação terapêutica quando constituem efeitos secundários de uma afecção orgânica qualquer.

Eis uma lacuna que a psicanálise trata de preencher. Quer dar à psiquiatria a base psicológica que lhe falta. Espera descobrir o terreno comum que tornará inteligivel o encontro de uma perturbação somática e de uma perturbação psíquica. Para atingir êste fim, deve manter-se à distância de qualquer pressuposição de ordem anatômica, química ou fisiológica, trabalhar apoiando-se apenas em noções puramente psicológicas, o que, eis o meu grande receio, será precisamente a razão pela qual ela lhes parecerá estranha à primeira vista.

Ha enfim uma terceira dificuldade, da qual aliás não indicarei como responsáveis nem os senhores nem sua preparação anterior. Entre as premissas da psicanálise, existem duas que chocam todo o mundo e lhe atraem a desaprovação universal: uma delas colide com um preconceito inteletual, a outra com um preconceito estético-moral. Não desdenhemos tais preconceitos: são coisas poderosas, sobreviventes de fases de desenvolvimento úteis, necessárias mesmo, da humanidade. São mantidos por fôrças afectivas, e a luta contra êles é difícil.

Segundo a primeira dessas desagradáveis premissas da psicanálise, os processos psíquicos seriam em si mesmos inconcientes; quanto aos concientes, não passariam de atos isolados, frações da vida psíquica total. Recordem a êste respeito que estamos, ao contrário, acostumados a identificar o psíquico e o conciente, que consideramos precisamente a conciência como uma caracteristica, como uma definição do psíquico e que a psicológia consiste para nós no estudo dos conteúdos da conciência. Esta identificação nos parece mesmo tão natural que vemos um absurdo manifesto na menor objeção que se lhe oponha. Contudo, a psicanálise não pode deixar de levantar objeção contra a identidade do psíquico e do conciente. Sua definição do psíquico diz que êle se compõe de processos que fazem parte dos domínios do sentimento, do pensamento e da vontade; e ela deve afirmar que ha um pensamento inconciente e uma vontade inconciente. Mas por esta definição e esta afirmação afasta de si a simpatia de todos os amigos de uma ciência fria e provoca a suspeita de não ser mais que uma ciência esotérica e fantastica que desejaria edificar nas trevas e pescar em águas turvas. Mas os senhores naturalmente ainda não podem compreender com que direito chamo de preconceito uma proposição tão abstrata como a que afirma que "o psíquico é o conciente", assim como ainda não podem dar-se conta do desenvolvimento que poude levar à negação do inconciente (a supor que êste existe) e das vantagens de tal negativa. Discutir a questão de saber si se deve fazer coïncidir o psíquico com o conciente ou estender aquele além dos limites dêste, pode parecer vã logomáquia, mas posso assegurar-lhes que a admissão de processos psíquicos inconcientes inaugura na ciência uma orientação nova e decisiva.

Tambem não podem suspeitar a relação íntima que existe entre esta primeira audácia da psicanálise e a que vou mencionar em segundo lugar. A segunda proposição que a psicanálise proclama como uma de suas descobertas contém principalmente a afirmação de que impulsos que se podem classificar apenas de sexuais, no sentido restrito ou lato da palavra, representam, como causas determinantes das doenças nervosas e psíquicas, um papel extraordinàriamente importante, que até hoje não foi apreciado em seu justo valor. Mais que isso: afirma que essas mesmas emoções sexuais tomam uma parte que está longe de ser negligenciável nas creações do espírito humano nos domínios da cultura, da arte, e da vida social.

De acôrdo com a minha experiência, a aversão suscitada pelo resultado da investigação psicanalítica constitue a razão mais importante

das resistências que a esta se antolham. Querem saber como explicamos êste fato? Acreditamos que a cultura foi creada sob o surto das necessidades vitais e a expensas da satisfação dos instintos, e que sempre grande parte dela é de novo creada do mesmo modo, pois cada indivíduo novo que entra na sociedade humana renova, em prol da coletividade, o sacrifício de seus instintos. Entre as forças instintivas assim recalcadas, as emoções sexuais representam um papel considerável; elas passam por uma sublimação, isto é, são desviadas de seu fim sexual e orientadas para fins socialmente superiores, que já não têm mais nada de sexual. Mas aí se trata de uma organização instável. Os instintos sexuais são mal dominados, e cada indivíduo que deve participar no trabalho cultural corre o risco de ver seus instintos sexuais resistirem a este recalcamento.

A sociedade não vê ameaça mais grave à sua cultura que a que representariam a liberação dos instintos sexuais e sua volta aos primitivos fins. Tambem a sociedade não gosta que lhe recordem essa parte escabrosa dos alicerces sôbre os quais repousa. Não tem interêsse algum em que a força dos instintos seja reconhecida e a importância da vida sexual revelada a todo mundo; ao contrário, adoptou um método de educação que consiste em desviar a atenção dêste terreno.

Eis porquê não suporta este resultado da psicanálise de que estamos tratando: de bom grado o estigmatizaria como repelente do ponto de vista estético, como condenável do ponto de vista moral, como perigoso sob todos os aspetos.

Mas não é com recriminações de tal gênero que se pode suprimir um resultado objetivo do trabalho científico. A oposição, si quer fazer-se ouvir, deve ser transferida ao domínio intelectual. Ora, a natureza humana é feita de tal sorte, que somos levados a considerar injusto o que nos desagrada; isto feito, é fácil encontrar argumentos para justificar nossa aversão. E' assim que a sociedade transforma o desagradável em injusto, combate as verdades da psicanálise, não com argumentos lógicos e concretos, mas com o auxílio de razões tiradas do sentimento, e mantém estas objeções, sob a forma de preconceitos, contra todas as tentativas de refutação.

Convém, todavia, observar que manifestando a proposição em apreço não quisemos manifestar tendência alguma. Nosso único fim era expor um estado de fato, que cremos haver constatado após um trabalho cheio de dificuldades. E ainda esta vez, julgamo-nos no dever de

protestar contra a intervenção de considerações práticas no trabalho científico, isto antes mesmo de examinar si os receios em nome dos quais nos quereriam impor tais considerações são justificados ou não.

Estas são algumas das dificuldades que encontrarão si quiserem ocupar-se de psicanálise. E' talvez mais do que o necessário para começar. Si sua perspetiva não lhes infunde terror, podemos continuar.

CAPÍTULO II

OS ATOS FALHADOS

Não é por suposições que vamos começar, mas por uma pesquisa, a que daremos por objeto certos fenômenos, muito freqüentes, muito conhecidos e muito insuficientemente apreciados, que nada têm a ver com o estado mórbido, posto que podem ser observados em todo homem são. Trata-se dos fenômenos que designaremos pelo nome genérico de *atos falhados* e que se produzem quando uma pessoa pronuncia ou escreve, apercebendo-se disso ou não, uma palavra diferente daquela que quer dizer ou traçar (*lapso*); quando se lê, num texto impresso ou manuscrito, uma palavra diversa da que está realmente impressa ou escrita (*falsa leitura*), ou quando ouvimos coisa difeernte da que nos é dita, sem que esta *falsa audição* tenha como causa uma perturbação do órgão auditivo. Outra série de fenômenos do mesmo gênero tem por base o *olvido*, entendendo-se todavia que se trata de um esquecimento não duradouro, mas momentâneo, como no caso, por exemplo, em que não se pode encontrar um *nome* que entretanto se sabe e que se acaba regularmente encontrando mais tarde, ou no caso em que nos esquecemos de pôr em execução um *projeto* de que entretanto nos lembramos mais tarde e que, por conseguinte, só é olvidado momentâneamente. Numa terceira série, é a condição de momentaneidade que falta, como, por exemplo, quando não conseguimos localizar um objeto que contudo tinhamos deixado nalguma parte; na mesma categoria se incluem os casos de *perda* perfeitamente análogos. Trata-se aí de esquecimentos que tratamos diferentemente dos outros, esquecimentos de que nos admiramos e que nos contrariam, em vez de nos parecerem compreensiveis. A êstes casos ainda se ligam certos *erros*, em que a momentaneidade aparece de novo, como quando acreditamos durante algum tempo em coisas das quais antes sabíamos e tornaremos a saber posteriormente que não são tais como se nos deparam. A todos êstes casos ainda se poderia acrescentar uma porção de fenômenos análogos, conhecidos sob diversos nomes.

Trata-se de acidentes cujo parentesco íntimo é pôsto em evidência pelo fato de os nomes que servem para designá-los terem todos um prefixo comum (1), acidentes que são todos de carácter insignificante, em sua maioria de curta duração e sem grande importância na vida dos homens. Só raramente tal ou tal dentre êles, como a perda de objetos, adquire certa importância prática. Eis porquê não despertam grande atenção, só dando lugar a emoções fracas, etc.

E' dêstes fenômenos que quero conversar com os senhores. Mas já os ouço exalar seu mau humor: "Existem no vasto mundo exterior, assim como no mundo mais restrito da vida psíquica, tantos enigmas grandiosos, existem, no domínio dos disturbios psíquicos, tantas coisas impressionantes que exigem e merecem explicação, que é verdadeiramente frívolo perder tempo ocupando-se com semelhantes bagatelas. Si nos pudesse explicar porquê tal homem tendo sãos a vista e o ouvido chega a ver em pleno dia coisas que não existem, porquê tal outro se sente de repente perseguido por aqueles que até então lhe eram tão caros ou corre atrás de quimeras que uma criança julgaria absurdas, então lhe diríamos que a psicanálise merece ser tomada em consideração. Mas si a psicanálise só é capaz de investigar porquê um orador de banquete pronunciou uma palavra por outra, ou porquê uma dona de casa não consegue encontrar as chaves, ou outras futilídades do mesmo gênero, então, na verdade, ha outros problemas que solicitam nosso tempo e nossa atenção."

Ao que lhes responderei: "Paciência! Sua crítica não tem razão de ser. Sem dúvida, a psicanálise não pode gabar-se de nunca se ter ocupado de coisas de somenos. Ao contrário, o material de suas observações é geralmente constituído por êstes fatos pouco aparentes que as outras ciências põem de lado, como insignificantes, pela escória do mundo dos fenômenos. Mas não confundem em sua crítica a importância dos problemas com a aparência dos sinais? Não existem coisas importantes que, em dadas condições e em dados momentos, se manifestam por sinais muito fracos? Ser-me-ia fácil citar-lhes mais de uma situação dêste gênero. Não é por sinais imperceptíveis que vocês, rapazes, adivinham ter grangeado a simpatia de tal ou tal moça? Espe-

(1) Refere-se FREUD ao idioma alemão: Versprechen (lapso), Ver- lesen (falsa leitura); Ver-hören (falsa audição); Ver-legen (impossibilidade de encontrar um objéto que nós mesmos pusemos num lugar), etc. N. do T.

ram, para sabê-lo, uma declaração explícita, ou que a jovem lhes cáia em cima aos abraços e beijos? Não se contentam, ao contrário, com um olhar furtivo, um gesto discreto, um apêrto de mão apenas prolongado? E quando, na qualidade de magistrados, fazem um inquérito sobre um assassinato, esperam que o assassino haja deixado no local do atentado sua fotografia e endereço, ou se contentam normalmente, para chegar a descobrir a identidade do criminoso, com vestígios freqüentemente muito vagos e insignificantes? Não desprezemos, pois, os pequenos indícios: êles podem lançar-nos no rastro de coisas mais importantes. Aliás, penso como os senhores que são os grandes problemas do mundo e da ciência que devem sobretudo solicitar-nos a atenção. Mas muitas vezes de nada serve formular o simples projeto de consagrar-nos à investigação dêste ou daquele grande problema, pois nem sempre sabemos aonde dirigir nossos passos. No trabalho científico, é mais racional começar pelo que temos diante de nós, pelos objetos que por si mesmos se oferecem à nossa investigação. Si o fazemos sériamente, sem idéias preconcebidas, sem esperanças exageradas e si temos sorte, pode suceder que, graças aos laços que unem todas as coisas entre si, as pequenas às grandes, êste trabalho empreendido sem nenhuma pretenção abra um acesso ao estudo de grandes problemas."

Eis o que eu lhes queria dizer para manter alerta a atenção dos senhores, quando tiver de tratar dos atos falhados, aparentemente insignificantes, do homem são. Dirijamo-nos agora a alguem que seja completamente estranho à psicanálise e perguntemos-lhe como explica a produção dêstes fatos.

E' certo que começará por uma resposta assim: "Oh, êstes fatos não merecem explicação alguma; são pequenos incidentes". Que quer êle dizer com isto? Pretenderia que existem acontecimentos muito pequenos, que se acham fora do encadeamento da fenômenologia do mundo e poderiam da mesmíssima forma não se produzir? Mas quebrando o determinismo universal, ainda que num único ponto, desorganiza-se toda a concepção científica do mundo. Deve-se mostrar a êsse homem como a concepção religiosa do mundo é mais conseqüente consigo mesma, quando afirma expressamente que um pardal não cai do teto sem uma intervenção particular da vontade divina. Suponho que nosso amigo, em vez de tirar a conseqüencia que decorre de sua primeira resposta, mudará de idéia e dirá que sempre encontra a explicação das coisas que estuda. Tratar-se-ia de pequenos desvios da função, de incorreções do funcionamento psíquico cujas condições seriam fáceis de

determinar. Um homem que, via de regra, fala corretamente pode enganar-se falando: 1º. quando está ligeiramente indisposto ou fatigado; 2º. quando está superexcitado; 3º. quando está demasiado absorto por outras coisas. Estas asserções podem facilmente ser confirmadas. Os lapsos produzem-se particularmente quando estamos fatigados, quando nos assalta uma dor de cabeça ou os pródromos de uma enxaqueca. E' ainda nas mesmas circunstâncias que ocorre fàcilmente o esquecimento de nomes próprios. Muitas pessoas reconhecem a iminência de uma enxaqueca só por êste esquecimento. Assim também, na superexcitação confundimos muitas vezes tanto as palavras como as coisas, "enganamo-nos", e o esquecimento de projetos, assim como um porção de outras ações não intencionais, torna-se particularmente freqüente quando estamos distraídos, isto é, quando a atenção se acha concentrada noutra coisa. Um exemplo conhecido de tal distração nos é dado por aquele professor dos "Fliegende Blätter", que esquece o guarda-chuva e leva um outro chapeu em vez do seu, porque está pensando nos problemas que deve versar em seu próximo livro. Quanto aos exemplos de projetos concebidos e promessas feitas, uns e outros esquecidos porque em seguida intercorreram circunstâncias que atraíram violentamente a atenção para outro ponto, — cada um de nós ha de encontrá-los em sua própria experiência.

Isto parece perfeitamente compreensivel e ao abrigo de qualquer objeção. Talvez não seja muito interessante, não tão interessante quanto teríamos acreditado. Examinemos mais de perto estas explicações dos atos falhados. As condições que se consideram como determinantes para sua produção não são todas da mesma natureza. Mal-estar e perturbação circulatória intervêm na perturbação de uma função normal a título de causas fisiológicas; superexcitação, fadiga, distração são fatores de ordem diferente: pode-se chamá-los psico-fisiológicos. Êstes últimos fatores deixam-se fàcilmente traduzir em teoria. A fadiga, a distração, talvez tambem a excitação geral, produzem uma dispersão da atenção, o que produz o seguinte efeito: a função considerada, não recebendo mais a dose de atenção suficiente, pode ser fàcilmente perturbada ou realizar-se com uma precisão insuficiente. Uma indisposição, modificações circulatórias sobrevindo no órgão nervoso central, podem ter o mesmo efeito, influenciando igualmente o fator mais importante, isto é, a repartição da atenção. Tratar-se-ia, pois, em todos os casos, de fenômenos consecutivos a perturbações da atenção,

quer estas perturbações sejam produzidas por causas orgânicas ou psíquicas.

Tudo isto não é de molde a estímular nosso interêsse pela psicanálise e poderíamos ter de novo a tentação de renunciar a nosso tema. Examinando todavia as observações de um modo mais minucioso, perceberemos que no concernente aos atos falhados, nem tudo concorda com esta teoria da atenção ou, pelo menos, não se deixa deduzir dela naturalmente. Constataremos principalmente que esquecimentos e atos falhos tambem se produzem em pessoas que, longe de estar fatigadas, distraídas ou superexcitadas, se acham em estado normal sob todos os pontos de vista, e que é sómente depois, precisamente após o ato falho, que se atribue a estas pessoas uma superexcitação que elas se recusam a admitir. E' uma afirmação um pouco simplista a que pretende que o aumento da atenção assegura a execução adequada de uma função, de passo que uma diminuição da atenção teria um efeito contrário. Existe uma multidão de ações que executamos automàticamente ou com uma atenção insuficiente, o que em nada prejudica sua precisão. O passeante, que mal sabe aonde vai, nem por isso deixa de seguir o bom caminho e chega à meta sem hesitações. O pianista dextro deixa, sem pensar nisso, os dedos caírem sôbre as teclas indicadas. Naturalmente, pode acontecer que êle se engane, mas si o toque automático fosse de natureza a aumentar as probabilidades de êrro, seria o concertista, que, em conseqüencia de um longo exercício, passou a tocar de um modo puramente automático, o mais exposto a enganar-se. Vemos, ao contrário, que muitas ações são particularmente bem sucedidas quando não lhes dedicamos uma atenção especial, e que o êrro póde produzir-se precisamente quando fazemos questão fechada da perfeita execução, isto é, quando a atenção se acha antes exaltada. Pode-se então dizer que o êrro é feito da "excitação". Mas porquê a excitação não alteraria antes a atenção votada a uma ação à qual ligamos tanto interêsse? Quando, num discurso importante ou numa negociação verbal, alguém comete um lapso e diz o contrário do que queria dizer, incorre num êrro que dificilmente se deixa explicar pela teoría psicofisiológica ou pela teoría da atenção.

Os próprios atos falhos são acompanhados de uma porção de pequenos fenômenos secundários, que não compreendemos e que as explicações até hoje tentadas não tornaram mais inteligíveis. Quando, por exemplo, esquecemos momentâneamente uma palavra, impacientamonos, procuramos recordá-la e só descansamos depois de encontrá-la.

Por quê motivo o homem a tal ponto contrariado consegue tão raramente, mau grado seu desejo, dirigir sua atenção para a palavra que tem, como êle mesmo diz, "na ponta da língua", e que reconhece logo que a pronunciam diante dêle? Ou, ainda, ha casos em que os atos falhos se multiplicam, concatenam-se entre si, substituem-se reciprocamente. Da primeira vez, esquecemos uma entrevista; na vez seguinte, estamos bem decididos a não esquecê-la, mas dá-se que anotámos por engano uma hora diferente. Enquanto procuramos por toda sorte de rodeios recordar uma palavra esquecida, deixamos escapar da memória uma segunda palavra, que poderia ajudar a encontrar a primeira: e enquanto nos pomos à procura desta segunda palavra, esquecemos uma terceira, e assim por diante. Sabemos que estas complicações podem igualmente produzir-se nos êrros tipográficos, que se podem considerar como atos falhos do compositor. Um êrro persistente dêste gênero apareceu um dia numa folha social-democrata. Nela se lia, em uma notícia de certa solenidade: "Notou-se, entre os assistentes, a presença de Sua Alteza, o *Kornprinz*" (em vez de *Kronprinz*, príncipe herdeiro). No dia seguinte, o jornal tentou uma retificação; desculpou-se de seu êrro e escreveu: "queríamos dizer naturalmente, o *knorprinz*" (sempre em vez do nome certo). Em casos tais, fala-se vulgarmente de um gênio mau que presidiria aos êrros tipográficos, do "gato" da revisão, expressões todas que ultrapassam o alcance de uma simples teoría psicofisiológica do êrro tipográfico.

Talvez também saibam que se podem provocar lapsos de linguagem, por sugestão, por assim dizer. A êste respeito, existe uma anecdota: um ator novato é encarregado um dia, na "Pucelle d'Orléans", do importante papel que consiste em anunciar ao rei que o *Condestável* lhe manda de volta sua espada (*Schwert*). Ora, durante o ensaio, um dos figurantes divertiu-se em soprar ao tímido ator, em vez do texto verdadeiro, êste: o *Confortável* manda de volta o seu cavalo (*Pferd*) (1). E sucedeu que êste mau gaiato conseguiu seu fim: o desditoso ator começou realmente, no curso da representação, pela frase

---

(1) Damos aqui a justaposição das duas frases em alemão:
1°. Der Connétable schickt sein Schwert zurück;
2°. Der Comfortabel schickt sein Pferd zurück.
Ha, portanto, confusão, de um lado entre as palavras **Connétable** e **Comfortabel**; de outro lado, entre as palavras **Schwert** e **Pferd**. — N. do T.

assim modificada, e isto mau grado as advertências que recebera a êste respeito, ou talvez mesmo por causa destas advertências.

Ora, todas estas pequenas particularidades dos atos falhados não se explicam precisamente pela teoria da atenção desviada. O que não quer dizer que esta teoria seja falsa. Para ser completamente satisfatória, precisaria ser completada. Mas, por outro lado, é verdade que mais de um ato falhado ainda pode ser encarado de outro ponto de vista.

Consideremos, entre os atos falhos, os que melhor se prestam a nossas intenções: os êrros de linguagem (lapsos). Aliás, tambem poderíamos escolher os êrros de escrita ou de leitura. A êste respeito, devemos tomar em consideração o fato de que a única questão que até agora pusemos diante de nós era saber quando e em que condições se cometem lapsos e que só para esta pergunta obtivemos resposta. Mas tambem se pode considerar a *forma* que toma o lapso, o efeito que dêle resulta. Já adivinham que enquanto não se elucidar esta última questão, enquanto não se explicar o efeito produzido pelo lapso, o fenômeno continua a ser, do ponto de vista psicológico, um acidente, mesmo quando se encontrou sua explicação fisiológica. E' evidente que, quando eu cometo um lapso, este pode assumir mil formas diferentes; posso pronunciar, em vez da palavra certa, mil palavras não apropriadas, imprimir à palavra justa mil deformações. E quando, num caso particular, não cometo, de todos os lapsos possives, sinão determinado lapso, ha para isto razões decisivas, ou trata-se apenas de um fato acidental, arbitrário, de uma questão que não comporta nenhuma resposta racional?

Dois autores, Meringer e Maíer (aquele filólogo, êste psiquiatra) ensaiaram em 1895 abordar por êste lado a questão dos êrros de linguagem. Reuniram exemplos, que a princípio expuseram colocando-se do ponto de vista meramente descritivo. Agindo assim, naturalmente não trouxeram nenhuma explicação, mas indicaram o caminho susceptivel de levar a ela. Dispõem as deformações que os lapsos imprimem ao discurso intencional nas seguintes categorias: *a*) intercâmbios; *b*) antecipação de uma palavra ou parte de uma palavra sôbre a que a precede; *c*) prolongamento supérfluo de uma palavra; *d*) confusões (contaminações); *e*) substituições. Vou citar-lhes exemplos pertencentes a cada uma destas categorias. Ha *intercâmbio* quando alguem diz: a *Milo de Venus*, em vez de a *Venus de Milo* (inversão da ordem das palavras). Ha *antecipação*, quando se diz: "Es war mir auf der *Sch*-west... auf der Brust so *schwer*". (O sujeito queria dizer: "eu tinha

um tal peso no peito"; nesta frase, a palavra *schwer* [pesado] dominou em parte a palavra antecedente *Brust* [peito]). (1) Ha prolongamento ou repetição supérflua de uma palavra em frases como êste brinde infeliz: "Ich fordere sie *auf, auf* das Wohl unseres Chefs *aufzustossen*" ("Convido-os a *demolir* a prosperidade de nosso chefe", em vez de "beber — *stossen* — à prosperidade de nosso chefe") (2). Estas três formas de lapsos não são muito freqüentes. Encontrarão muito mais observações em que o lapso resulta de uma *contração* ou *associação*, como quando um cavalheiro aborda uma dama na rua, dizendo-lhe: "Wenn sie gestatten, Fräulein, möchte ich sie gerne *begleit-digen*" ("Si o permite, Senhorita, acompanho-a com grande prazer" — é pelo menos o que o homem queria dizer, mas cometeu um lapso por contração, combinando a palavra *begleiten*, acompanhar, com *beleidigen*, ofender, faltar ao respeito). Direi de passagem que o rapaz não deve ter tido muito êxito junto a essa moça (3). Citarei, enfim, como exemplo de *substituição*, esta frase tirada de uma das observações de Meringer e Mayer: "Ponho as preparações na caixa do correio (*Briefkasten*)", quando se queria dizer: "na estufa (*Brutkasten*)" (4).

O ensaio de explicação que os dois autores precitados julgaram poder deduzir de sua coleção de exemplos, parece-me de todo insuficiente. Êles pensam que os sons e as síbalas de uma palavra possuem valores diferentes e que a inervação de um elemento tendo um valor superior pode exercer uma influência perturbadora sôbre a dos elementos de valor menor. Isto, a rigor, só seria verdadeiro para os casos, aliás pouco freqüentes, da segunda e terceira categorias; nos outros lapsos, esta predominância de certos sons sôbre outros, supondo que exista, não representa nenhum papel. Os lapsos mais freqüentes são entretanto aqueles em que se substitue uma palavra por outra que com ela se parece, e esta semelhança é aos olhos de muitas pessoas bastante para explicar o lapso. Um professor diz, por exemplo, em sua lição inaugural: "Não tenho disposição (*geneigt*) para apreciar como convém os méritos de

(1) Em português, teríamos um exemplo semelhante na frase: "Senti um peito..., digo um pêso no peito". N. do T.

(2) Exemplo semelhante em português: "A casa tem duas salas e quatro quatros" — por "quatro quartos" — N. do T.

(3) Exemplo semelhante em português: "Fecha o armave" — por "Fecha o armário e traze-me a chave". — N. do T.

(4) Ex. sem. em português: "O escultor perdeu o pincel..., digo o cinzel". — N. do T.

meu predecessor", quando queria dizer: "Não tenho autoridade suficiente (*geeignet*) para apreciar, etc." Ou outro: "No que concerne ao aparêlho genital feminino, a-pesar-das numerosas *tentações*..., perdão, mau grado as numerosas *tentativas*"...

Mas o lapso mais freqüente e mais impressionante é aquele em que se diz exatamente o contrário do que se queria dizer. E' evidente que nêstes casos as relações fônicas e os efeitos de semelhança sã representam um pequeno papel; pode-se, para substituir êstes fatores, invocar o fato de que existe entre os contrários uma estreita afinidade de conceito e que êles se acham particularmente aproximados na associação psicológica. Possuímos exemplos históricos dêste gênero: um presidente de nossa Câmara dos Deputados abre um dia a sessão com estas palavras: "Senhores, constato a presença de tantos membros e, por conseguinte, declaro a sessão *fechada*". (1).

Qualquer outra associação fácil, capaz de, em certas circunstâncias, surgir fora de propósito, pode produzir o mesmo efeito. Conta-se, por exemplo, que no correr de um banquete oferecido por ocasião do casamento de uma das filhas de Helmholtz com um filho do grande industrial bem conhecido, E. Siemens, o célebre fisiologista Dubois-Reymond pronunciou um discurso e terminou seu brinde, sem dúvida brilhante, pelas seguintes palavras: "Viva, portanto, a nova fírma Siemens e Halske". Dizendo-o, pensava naturalmente na velha firma Siemens-Halske, associação de nomes que era familiar a todo berlinense.

E' assim que além das relações tonais e da semelhança de palavras, devemos igualmente admitir a influência da associação das palavras. Mas isto ainda não basta. Existe toda uma série de casos em que a explicação de um lapso observado só é conseguida quando se toma em consideração a proposição que foi enunciada ou mesmo pensada anteriormente.

São portanto mais casos de ação à distância, no gênero do citado por Meringer, mas de amplitude maior. E aqui lhes devo confessar que, considerando bem tudo, me parece que estamos agora menos que

---

(1) Na Assembléa brasileira encarregada de elaborar a Constituição de 1934, um deputado partidário do Ditador, além de ser seu amigo pessoal, assim se exprime em relação à sua pessoa:

— **Dizendo tais e tais coisas em seu louvor, limito-me apenas a fazer justiça a um homem que merece ser justiçado!**

A frase provoca hilaridade geral. — **N. do T.**

nunca em condições de compreender a verdadeira natureza dos êrros de linguagem.

Contudo, não creio enganar-me ao dizer que os exemplos de lapsos citados no correr da investigação anterior deixam uma impressão nova, que vale a pena de nos determos nêste ponto. Examinámos em primeiro lugar as condições em que um lapso se produz de um modo geral, e em seguida as influências que determinam tal ou tal deformação da palavra; mas ainda não estudámos o efeito do lapso em si, independentemente de seu modo de produção. Si nos decidimos a fazê-lo, devemos enfim ter a coragem de dizer: nalguns dos exemplos citados, a deformação que constitue o lapso tem um sentido. Que entendemos por estas palavras: *tem um sentido*? Que o efeito do lapso talvez tenha o direito de ser considerado como um ato psíquico completo, tendo seu fim próprio, como uma manifestação tendo seu conteúdo e significação próprios. Até agora só temos falado de atos falhados, mas presentemente nos parece que o ato falhado às vezes possa ser uma ação perfeitamente correta, que não faz sinão substituir-se à ação esperada ou desejada.

Este sentido próprio do ato falhado aparece em certos casos de um modo impressionante e irrecusável. Si, às primeiras palavras que pronuncía, o presidente declara que fecha a sessão, quando queria declará-la aberta, sentímo-nos inclinados, nós que conhecemos as circunstâncias em que se produzíu êste lapso, a achar um sentido no ato falho. O presidente não espera nada de bom da sessão e não lhe parecia mal poder interrompê-la. Podemos sem a menor dificuldade descobrir o sentido, compreender a significação do lapso em apreço. Quando uma senhora conhecida por sua energia conta: "Meu marido consultou um médico acêrca do regime que devia seguir; disse-lhe o médico que êle não precisava de regime, podendo comer e beber *o que eu quisesse*" aí ha um lapso, é certo, mas que surge como a expressão irrecusável de um programa bem determinado.

Si conseguirmos constatar que os lapsos com sentido, longe de constituírem excepção, são ao contrário muito freqüentes, êste sentido, de que até agora não tratámos a respeito dos atos falhos, nos surgirá forçosamente como a coisa mais importante, e teremos o direito de passar para um plano posterior todos os outros pontos de vista. Poderemos notadamente deixar de lado todos os fatores físiológicos e psicofisiológicos, limitando-nos a pesquisas puramente psicológicas sôbre o sentido, a si-

gnificação que êles revelam. Assim, não tardaremos a examinar dêste ponto de vista um número mais ou menos importante de observações.

Contudo, antes de realizar êste projeto, convido-os a seguir comigo uma outra trilha. A mais de um poeta sucedeu servir-se do lapso ou de um outro ato falho qualquer como de um meio de representação poética. Este fato basta, por si só, para provar-nos que o poeta considera o ato falho, o lapso, por exemplo, como não sendo desprovido de sentido, tanto mais que produz êsse ato intencionalmente. Ninguem admitiria que o poeta se tenha enganado escrevendo e, deixando subsistir o êrro, êste se tornasse um lapso na boca da personagem. Pelo lapso, o poeta quer-nos fazer entender alguma coisa, e é-nos fácil ver o que isto pode ser, constatar si êle pretende advertir-nos que a pessoa em questão está distraída, ou fatigada, ou ameaçada de um acesso de enxaqueca. Mas quando o poeta se serve do lapso como de uma palavra tendo um sentido, não devemos naturalmente exagerar-lhe o alcance. Na realidade, um lapso pode ser inteiramente desprovido de sentido, não passar de um acidente psíquico ou só excepcionalmente ter sentido, sem que se possa recusar ao poeta o direito de espiritualizá-lo, dando-lhe um sentido, afim de fazê-lo servir às intenções do texto. Mas não se admirem si lhes disser que os senhores podem informar-se melhor a êste respeito lendo os poetas do que estudando os trabalhos de filólogos e psiquiatras.

Encontramos um tal exemplo de lapso no "Wallenstein" (*Piccolomini*, 1.° ato, cena V). Na cena anterior, Piccolomini tomara apaixonadamente o partido do duque, exaltando-lhe os benefícios da paz, benefícios que lhe são revelados no correr de uma viagem que fez para acompanhar ao campo a filha de Wallenstein. Deixa seu pai e o enviado da côrte na mais profunda consternação. E a cena prossegue:

QUESTENBERG. — Ai de nós! Chegámos a isto? Vamos, amigo, deixá-lo laborar no êrro, sem chamá-lo de novo e sem abrir-lhe os olhos imediatamente?

OTAVIO (saíndo de profunda meditação). — Ele acaba de abrir os meus.... Vejo mais do que quisera ver, e isto em nada me regozija.

QUESTENBERG. — De quê se trata, amigo?

OTAVIO. — Maldita seja esta viagem!

QUESTENBERG. — Porquê? Quê ha?

OTAVIO. — Venha! Tenho de seguir imediatamente a desgraçada pista. Tenho de observá-la com meus próprios olhos... Venha!

(Quer levá-lo consigo.)

QUESTENBERG. — Que tem? Aonde que ir?

OTÁVIO (**precipitando-se**). — Ter com ela!
QUESTENBERG. — **Ter com...**
OTÁVIO (**corrigindo-se**) — Ter com o duque! Vamos! etc...

Otávio queria dizer: "Encaminhemo-nos para êle, para o duque!" Mas comete um lapso e revela (pelo menos a nós) pelas palavras: *ter com ela,* que êle adivinhou sob quê influência o jovem guerreiro sonha com os benefícios da paz.

Otto Rank descobriu em Shakespeare um exemplo ainda mais impressionante do mesmo gênero. Êste exemplo se acha no *Mercador de Veneza,* na célebre cena em que o feliz amante deve escolher entre três cofres. Creio que o melhor é reproduzir a passagem de Rank referente a esta passagem:

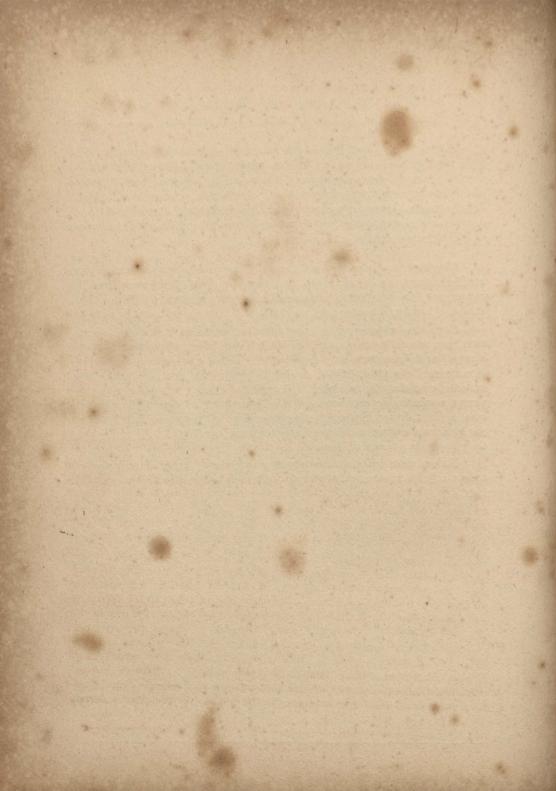
"Outro exemplo de equívoco oral, finamente motivado e utilizado com grande maestria técnica, nos mostra, como o que Freud assinalou em "Wallestein", que os poetas conhecem muito bem a significação e o mecanismo dêste ato falhado, e supõem que o público tambem o conhece ou compreenderá. Encontra-se êste exemplo no *Mercador de Veneza* (3.º ato, cena II), de Shakespeare. Pórcia, obrigada pela vontade do pai a tomar por marido o pretendente que acertasse ao escolher uma das três caixas que lhe fossem apresentadas, teve, até êsse momento, a sorte de não ver acertar na escolha nenhum dos que, amando-a, não lhe eram gratos. Afinal, encontra em Bassano o homem a quem de bom grado entregaria seu amor, e receia então que êsse tambem sáia vencido na prova. Quisera dizer-lhe que, mesmo que assim fosse, continuaria a amá-lo, mas seu juramento não lho permite. E' nêsse conflito interior que o poéta a faz dizer ao ditoso pretendente:

"Peço-lhe que fique! Passe aqui um dia ou dois, antes de jogar na sorte, pois si a escolha não for acertada, perderei sua companhia. Espere, pois! Algo me diz (mas não é o amor) que eu teria pena de perdê-lo... Poderia guiá-lo, de jeito a orientar-lhe a escolha, mas seria perjura, e isto, oh! nunca! Por outro lado, poderia não me obter... E então me faria arrepender-me de não haver sido perjura. Oh! êsses olhos que me perturbaram e me dividiram em duas metades: uma que é sua, outra que é sua... digo, minha. Mas, sendo minha, é igualmente sua, e eu sou toda sua".

Assim, pois, o que Pórcia queria apenas indicar ligeiramente a Bassano, por ser algo que na verdade lhe queria calar absolutamente, isto é, que já antes da prova o amava e era *toda* sua, o autor, com admiravel sensibilidade psicológica, deixa-o surgir claramente no equívoco. Mercê dêste artificio, consegue acalmar, não só a intolerável incerteza do apaixonado, como tambem a angústia igualmente intensa do público quanto ao desfêcho da escolha".

Observemos ainda com quê finura Pórcia acaba conciliando as duas confissões contidas em seu lapso, suprimindo a contradição que entre êles existe, ao dar livre curso à expressão de sua promessa: "Mas, sendo minha, é igualmente sua, e eu sou toda sua".

Com uma só observação, um pensador estranho à medicina encontrou, por um feliz acaso, o sentido de um ato falho, poupando-nos assim o trabalho de procurar-lhe a explicação. Todos conhecem o genial satírico Lichtenberg (1742-1799), de quem Goethe dizia que cada um de seus gracejos escondia um problema. E é muitas vezes a um gracejo que devemos a solução do problema. Ora, Lichtenberg nota em alguma parte que, a fôrça de ler Homero, acabara por ler "Agamemnon" em todo lugar onde via escrita a palavra "angenommen" (aceito). Aí reside verdadeiramente a teoria do lapso.

Na próxima lição, examinaremos a questão de saber si podemos estar de acôrdo com os poetas quanto à concepção dos atos falhos.

CAPÍTULO III

OS ATOS FALHADOS

(Continuação)

No capítulo anterior, concebêramos a idéia de encarar o ato falhado, não em suas relações com a função intencional que êle perturba, mas em si mesmo. Parecera-nos que o ato falhado traía em certos casos um sentido próprio, e tinhamo-nos dito que, si fosse possível confirmar esta primeira impressão em maior escala, o sentido próprio dos atos falhados seria de natureza a interessar-nos mais vivamente que as circunstâncias em que êste ato se produz.

Ponhamo-nos mais uma vez de acôrdo com o que pretendemos dizer, quando falamos do "sentido" de um processo psíquico. Para nós, êste "sentido" não é outra coisa sinão a intenção a que serve e o lugar que ocupa na série psíquica. Poderiamos mesmo, na maior parte de nossas pesquisas, substituir a palavra "sentido" pelas palavras "intenção" ou "tendência". Pois bem, essa intenção que cremos discernir no ato falho, não seria apenas uma aparência enganosa ou um exagêro poético?

Atenhamo-nos sempre aos exemplos de lapsos e passemos em revista um número mais ou menos importante de observações a êles referentes. Encontraremos então categorias inteiras de casos em que o sentido do lapso ressalta com evidência. Trata-se, em primeiro lugar, dos casos em que dizemos o contrário do que desejaríamos dizer. O presidente diz logo de início: "Declaro a sessão *encerrada*". Aqui, não ha engano possível. O sentido e a intenção traídos por estas palavras são que êle quer encerrar a sessão. A êste respeito, poder-se-ia acrescentar: "Aliás, êle mesmo o diz, e basta pegá-lo pela palavra". Não me perturbem por enquanto com suas objeções, opondo-me, por exemplo, que a coisa é impossível, pôsto que sabemos que êle queria, não encerrar a sessão,

mas abrí-la, e que êle mesmo, em quem reconhecemos a suprema instância, confirma que queria abrí-la. Não esqueçam que tínhamos combinado só encarar de início o ato falho em si; quanto às suas relações com a intenção que êle perturba, havemos de estudá-las mais tarde. Procedendo de outra forma, cometeríamos um êrro lógico que nos faria muito simplesmente escamotear a questão (*begging the question*, dizem os ingleses) que temos de tratar.

Noutros casos, em que não se disse precisamente o contrário do que se queria, o lapso nem por isso deixa de exprimir um sentido oposto. *Ich bin nicht geneigt die Verdienste meines Vorgängers zu würdigen*. A palavra *geneigt* (disposto) não é o contrário de *geeignet* (autorizado); mas aqui se trata de uma confissão pública, em flagrante oposição com a situação do orador.

Noutros casos ainda, o lapso acrescenta simplesmente um novo sentido ao sentido desejado. A proposição surge então como uma espécie de contração, abreviação, condensação de várias proposições. Tal o caso da senhora enérgica de que falámos no capítulo anterior. "Êle pode comer e beber, dizia ela do espôso, o que *eu quero*". E' como si dissesse: "Ele pode comer e beber o que quiser. Mas êle tem querer? Sou eu que quero em seu lugar".

Os lapsos deixam muitas vezes a impressão de serem abreviações dêste gênero. Exemplo: um professor de anatomia, depois de terminar uma lição sôbre a cavidade nasal, pergunta aos ouvintes si o compreenderam. Tendo êstes respondido afirmativamente, o professor continúa: "Não creio, pois as pessoas que compreendem a estrutura anatômica da cavidade nasal podem, mesmo numa cidade de um milhão de habitantes, ser contadas *por um dedo*... perdão, pelos dedos da mão". A frase abreviada tambem tinha seu sentido: o professor queria dizer que só havia um homem que compreendia a estrutura da cavidade nasal.

Ao lado dêste grupo de casos, em que o sentido do ato falhado aparece por si só, ha outros em que o lapso nada revela de significativo e que, por conseguinte, são contrários a tudo o que poderíamos esperar. Quando alguem mutila um nome próprio ou justapõe seqüências de sons não usuais, o que ainda sucede com bastante freqüência, a questão do sentido dos atos falhados só comporta uma resposta negativa. Mas, examinando êstes exemplos mais de perto, vemos que as deformações das palavras ou das frases se explicam fàcilmente, ou seja, que a diferença entre os casos mais obscuros e os casos mais claros acima citados não é tão grande como acreditávamos a princípio.

Um cavalheiro, a quem pedem notícias de seu cavalo, responde: "Ja das *draut*... das dauert vielleicht noch einen Monat". Queria dizer: isto vai durar (*das dauert*) talvez ainda um mês. Mas, interrogado sôbre o sentido que atribuía à palavra *draut* (que escapou de empregar no lugar de *dauert*), respondeu que, pensando que a doença do cavalo era para êle um triste (*traurig*) acontecimento, fizera, mau grado seu, a fusão das palavras *traurig* e *dauert*, o que produziu o lapso *draut* (Meringer e Mayer).

Um outro, falando de processos que o revoltam, acrescenta: "Dann aber sind Tatsachen zum *Vorschwein* gekommen..." Ora, êle pretendia dizer: "Dann aber sind Tatsachen zum *Vorschein* gekommen." ("Revelaram-se então fatos...") Mas, como qualificava mentalmente tais processos de *porcarias* (*Schweinereien*), operara involuntariamente a associação dos palavras *Vorschein* e *Schweinereien*, daí resultando o lapso *Vorschwein* (Meringer e Mayer).

Recordem o caso dêsse rapaz que se ofereceu para acompanhar uma dama a quem não conhecia, como a palavra *begleit-digen*. Tomámos a liberdade de decompôr a palavra em *begleiten* (acompanhar) e *beleidigen* (faltar ao respeito), e estavamos tão certos desta interpretação que nem siquer julgámos útil procurar sua confirmação. Vêem por êstes exemplos que mesmo os casos de lapsos mais obscuros se deixam explicar pelo encontro, *interferência*, das expressões verbais de duas intenções. A única diferença que existe entre as diversas categorias de casos consiste em que em certos dentre êles, como nos lapsos por oposição, uma intenção substitue inteiramente outra (*substituição*), de passo que nos outros casos tem lugar uma deformação ou modificação de uma intenção por outra, com produção de palavras mixtas tendo mais ou menos sentido.

Acreditamos assim ter penetrado o segrêdo de grande número de lapsos. Mantendo esta maneira de ver, estaremos em condição de compreender outros grupos, que ainda parecem enigmáticos. E' assim que, no que concerne à deformação de nomes, não podemos admitir que sempre se trate de uma concurrência entre dois nomes, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes. Mesmo na ausência desta concurrência, a segunda intenção não é difícil de descobrir. A deformação de um nome dá-se muitas vezes fora de qualquer lapso. Procuramos, com ela, tornar um nome malsoante ou dar-lhe uma consonância que lembra um objeto vulgar. E' um gênero de insulto muito disseminado, a que o homem culto acaba renunciando, muitas vezes a contragosto. Dá-lhe freqüentemente a forma de um "gracejo", de qualidade perfeitamente inferior.

Parece portanto indicado admitir que o lapso resulta à-miude de uma intenção injuriosa que se manifesta pela deformação do nome. Estendendo nossa concepção, vemos que explicações análogas se aplicam a certos casos de lapsos de efeito cômico ou absurdo: "Convido-os a *demolir* (*aufstossen*) a prosperidade de nosso chefe" (em vez de: *beber à saude* — *anstossen*). Aqui uma disposição solene é perturbada, contra toda a espectativa, pela irrupção de uma palavra que desperta uma representação desagradável; e, recordando certas frases e discursos injuriosos, somos autorizados a admitir que, no caso de que se trata, uma tendência procura manifestar-se, em flagrante contradição com a atitude aparentemente respeitosa do orador. No fundo, é como si êste houvesse querido dizer: não acreditem no que estou dizendo, pois não falo a sério, estou zombando do bom rapaz, etc. Tambem existem sem dúvida lapsos em que palavras anódinas se acham transformadas em pralavras inconvenientes e obscenas.

A tendência a esta transformação, ou antes, a esta deformação, observa-se em muita gente que age assim por prazer, para "fazer espírito". E, com efeito, cada vez que ouvimos uma tal deformação, devemos informar-nos sôbre si o autor quis apenas mostrar-se espirituoso ou si deixou escapar um lapso verdadeiro.

Eis assim resolvido, com relativa facilidade, o enigma dos atos falhados! Mas são acidentes, mas atos psíquicocs sérios, providos de sentido, produzidos pelo concurso, ou antes, pela oposição de duas intenções diferentes. Mas prevejo todas as questões e todas as dúvidas que podem apresentar-me a êste respeito, questões e dúvidas que devem receber respostas e soluções antes que tenhamos o direito de regozijar-nos por êste primeiro resultado obtido. Não é absolutamente minha intenção levá-los a decisões precipitadas. Discutamos todos os pontos por ordem, com calma, um após o outro.

Que poderiam perguntar-me? Si penso que a explicação que proponho se aplica a todos os casos ou apenas a um certo número dêles? Si a mesma concepção se estende a todas as outras variedades de atos falhados: erros de leitura, de escrita, esquecimento, equívoco, impossibilidade de encontrar um objeto pôsto no lugar, etc.? Que papel podem ainda representar a fadiga, a excitação, a distração, os distúrbios da atenção, em face da natureza psíquica dos atos falhos? Constata-se, além disto, que, das duas tendências que concorrem num ato falhado, uma é sempre patente, a outra não. Que fazemos para pôr em evidência esta última e, quando acre-

ditamos tê-lo conseguido, como se prova que esta tendência, longe de ser apenas verosimel, é a única possível? Ainda têm outras perguntas a fazer-me? Si não, continuarei a fazer-mas eu mesmo. Lembrar-lhes-ei que para dizer verdade, os atos falhados, como tais, pouco nos interessam; queríamos apenas tirar de seu estudo resultados aplicáveis à psicanálise. Eis porquê apresento a seguinte questão: quais são essas intenções e tendências, susceptíveis de perturbar assim outras intenções e tendências, e quais as relações que existem entre as tendências perturbadas e as tendências perturbadoras?

Dêste modo, nosso trabalho não fará sinão começar após a solução do problema.

Vejamos pois: Nossa explicação é válida para todos os casos de lapso? Sinto-me muito levado a acreditá-lo, porque encontramos essa explicação todas as vezes que examinamos um lapso. Mas nada prova que não haja lapsos produzidos por outros mecanismos. Seja. Entretanto, do ponto de vista teórico esta possibilidade pouco nos importa, pois as conclusões que pretendemos formular no que se refere à introdução à psicanálise se mantêm de pé, mesmo que os lapsos que se enquadram em nossa concepção constituíssem minoria, o que certamente não é o caso. Quanto à questão seguinte, a saber, si devemos estender às outras variedades de atos falhos os resultados obtidos relativamente aos lapsos, responderei afirmativamente por antecipação. Aliás, hão de ver que tenho razão de fazê-lo, quando abordarmos o exame dos exemplos relativos aos êrros de escrita, aos enganos, etc. Proponho-lhes, todavia, por motivos técnicos, protelar êste trabalho enquanto não aprofundamos mais o problema dos lapsos.

E, agora, em face do mecanismo psíquico que acabamos de descrever, que papel cabe ainda a êsses fatores aos quais os autores dão uma importância primordial: perturbações circulatórias, fadiga, excitação, distração, desvios da atenção? Esta questão merece um exame atento. Notem bem que não contestamos absolutamente a ação dêsses fatores. Aliàs, não é freqüente a psicanálise contestar o que é afirmado por outros. Em geral, ela se limita a acrescentar algo novo e, nessa ocasião, verifica-se que o que fôra omitido por outros e acrescentado por ela constitue precisamente o essencial. A influência das disposições fisiológicas, resultante de mal estar, de perturbações circulatórias, de estados de esgotamento, sôbre a produção de lapsos deve ser reconhecida sem reservas. Sua experiência pessoal e quotidiana basta para lhes tornar evidente esta influência. Mas, quão pouco explica esta explicação!

E, antes de mais nada, os estados que acabamos de enumerar não são condições necessárias do ato falhado. O lapso tambem se produz em plena saúde, no estado normal.

Êstes fatores somáticos só têm valor porque facilitam e favorecem o mecanismo psíquico particular do lapso. Servi-me um dia, para ilustrar esta relação, de uma comparação que hoje vou utilizar novamente, pois não poderia substituí-la por outra melhor. Suponhamos que eu, passando numa noite escura por um lugar deserto, seja atacado por um gatuno que me despoja de meu relógio e carteira. Depois de ser assim roubado pelo malfeitor, cujo rosto não pude discernir, vou fazer queixa na delegacia de polícia mais próxima, dizendo: "A solidão e a escuridão acabam de tirar-me meus haveres". O comissário poderá então responder-me: "Parece-me que o senhor faz mal em ater-se a esta explicação ultra-mecanista. Si quiser, vamos antes representar a situação da seguinte maneira: protegido pela treva, favorecido pela solidão, um ladrão desconhecido lhe tirou os objetos de valor. O que, a meu ver, mais importa no seu caso, é encontrar o ladrão; só então teremos alguma probabilidade de retomar-lhe os objetos que êle lhe roubou".

Os fatores psico-fisiológicos, tais como a excitação, a distração, os distúrbios da atenção, são evidentemente de pouco valor para a explicação dos atos falhados. Trata-se de maneiras de falar, biombos detrás dos quais não podemos deixar de lançar um olhar. Antes podemos perguntar: qual é, em tal e tal caso, a causa da excitação, da derivação particular da atenção? Por outro lado, as influências tonais, as semelhanças verbais, as associações habituais que as palavrs apresentam têm igualmente, é forçoso reconhecê-lo, certa importância. Todos êstes fatores facilitam o lapso, indicando-lhe o caminho que êle pode seguir. Mas basta-me ter um caminho diante de mim, para que fique entendido que o seguirei? Ainda se faz mister um motivo para decidir-me, é preciso uma fôrça para levar-me a isso. Estas relações tonais e estas semelhanças verbais não fazem pois, precisamente como as disposições corporais, mais que favorecer o lapso, sem própriamente explicá-lo. Mas pensem tambem que, na enorme maioria dos casos, meu discurso não é absolutamente perturbado pelo fato de as palavras por mim empregadas lembrarem outras por sua consonância, ou estarem íntimamente ligadas às suas contrárias, ou provocarem associações usuais. Ainda se poderia dizer, a rigor, com o filósofo Wundt, que o lapso se produz quando, em conseqüência de um estasamento corporal, a ten-

dência à associação acaba dominando todas as outras intenções do discurso. Isto seria perfeito si esta explicação não fosse contraditada pela experiência, que mostra, em certos casos, a ausência dos fatores corporais e, noutros, a ausência de associações susceptiveis de favorecer o lapso.

Mas acho particularmente interessante a questão que os senhores me propõem relativamente à maneira como se constatam as duas tendências interferentes. Provàvelmente não suspeitam as graves conseqüências que ela pode apresentar, conforme a resposta que receber. No que concerne a uma destas tendências, à tendência perturbada, nenhuma dúvida é possível a seu respeito: a pessoa que realiza um ato falhado conhece esta tendência e declara-o. Dúvidas e hesitações só podem surgir quanto à outra tendência, a tendência perturbadora. Ora, — eu já lhes disse e certamente ainda não esqueceram, — ha toda uma série de casos em que esta última tendência é igualmente manifesta. Ela nos é revelada pelo lapso, quando temos apenas a coragem de encarar êste efeito em si. O presidente diz o contrário do que deveria dizer: é evidente que quer abrir a sessão, mas não é menos evidente que não o desgostaria encerrá-la. Isto é tão claro que qualquer outra interpretação seria inútil. Mas nos casos em que a tendência perturbadora não faz sinão deformar a tendência primitiva, sem se exprimir, como podemos destacá-la desta deformação?

Numa primeira série de casos, podemos fazê-lo com muita simplicidade e segurança, da mesma forma com que estabelecemos a tendência perturbada. Nos casos de que se trata, vamos sabê-la da boca da própria pessoa interessada que, depois de cometer o lapso, se corrige e restabelece a palavra justa, como no exemplo citado mais acima: "Das *draut*... nein, das *dauert* vielleicht noch einen Monat". Á pergunta: porquê começou empregando a palavra *draut?* a pessoa responde que queria dizer: "é uma triste (*traurige*) história", mas, sem querer, associou as palavras *dauert* e *traurig*, o que produziu o lapso *draut*. E eis a tendência perturbadora revelada pela própria pessoa interessada. O mesmo se dá no caso do lapso *Vorschwein* (veja-se anteriormente, capítulo II): tendo a pessoa sido interrogada, responde que queria dizer *Schweinereien* (porcarias), mas que se conteve, entrando num caminho falso. Ainda aqui, a determinação da tendência perturbadora se faz com tanta certeza como a da tendência perturbada. Não foi sem intenção que citei êstes casos cuja comunicação e análise não provêm de mim nem de nenhum partidário meu. Tambem não é menos verdade

que nêstes dois casos se fez mister certa intervenção para facilitar a solução. Foi preciso perguntar às pessoas porquê cometeram tal ou tal lapso, o que tinham a dizer a êste respeito. Não fôra isto, talvez houvessem passado junto ao lapso sem se darem o trabalho de explicá-lo. Interrogadas, explicaram-no pela primeira idéia que lhes veio à mente. Os senhores vêem: esta pequena intervenção e seu resultado, já é psicanálise, já é o modêlo em pequena escala da pesquisa psicanalítica que instituïremos mais tarde.

Será que sou demasiado desconfiado, suspeitando que no momento exato em que a psicanálise surge diante dos senhores, sua resistência contra ela se torna do mesmo passo mais firme? Não teriam o desejo de objetar-me que as informações fornecidas pelas pessoas que cometeram o lapso não são de todo probantes? Pensam os senhores que as pessoas estão naturalmente inclinadas a seguir o convite que lhes é feito para explicarem o lapso e dizem a primeira coisa que lhes passa pela cabeça, si lhes parece própria a fornecer a explicação procurada. Tudo isto não prova, na sua opinião, que o lapso tenha realmente o sentido que lhe atribuimos. Pode tê-lo, mas tambem pode ter um outro. Outra idéia, tão apta como esta, sinão mais apta, a servir de explicação, podia ter vindo ao espírito da pessoa interrogada.

Acho verdadeiramente assombroso o pouco respeito que os senhores têm no fundo pelos fatos psíquicos. Imaginem que alguem, tendo feito a análise química de uma certa substância, dela haja retirado um pêso determinado, tantos miligramas por exemplo, de um de seus elementos constitutivos. Dessa quantidade de pêso deixam-se deduzir conclusões definidas. Acreditam que se encontrará um químico capaz de contestar tais conclusões, com o pretêxto de que a substância isolada poderia ter tido outro pêso? Todo o mundo se inclina ante o fato de que é o pêso encontrado que constitue o pêso real e baseiam-se nêsse fato, sem hesitar, as conclusões ulteriores. Ora, quando nos encontramos em presença do fato psíquico constituido por uma idéia determinada vinda ao espírito de uma pessoa, já não aplicamos a mesma regra e dizemos que a pessoa poderia ter tido outra idéia! Os senhores têm a ilusão de uma liberdade psíquica e gostariam de não renunciar a ela! Lastimo não poder compartilhar-lhes a opinião a respeito.

Pode ser que cedessem nêste ponto, mas para renovar a resistência mais além. Continuarão dizendo: Compreendemos que a técnica especial da psicanálise consiste em obter da própria boca do sujeito analisado a solução dos problemas de que ela se ocupa. Ora, retomemos

êste outro exemplo em que o orador do banquete convida os circunstantes a "demolir" (*aufstossen*) a prosperidade do chefe. O senhor diz que nêste caso a intenção perturbadora é uma intenção injuriosa que se vem opor à intenção respeitosa. Mas isto é apenas sua interpretação pessoal, fundada em observações exteriores ao lapso. Mas interroguem o autor dêste. Êle nunca ha de confessar uma intenção injuriosa; ao contrário, ha de negá-la, e com a maior energia. Porquê não abandona sua interpretação indemonstrável, em face dêste protesto irrefutável?"

Desta vez encontraram um argumento importante. Imagino o orador desconhecido; é provàvelmente assistente do honrado chefe, talvez até livre-docente; vejo-o com o aspeto de um rapaz cujo porvir está cheio de promessas. Vou perguntar-lhe insistentemente si não sentiu alguma resistência à expressão de sentimentos respeitosos para com o chefe. Eis-me, porém, bem recebido. Êle impacienta-se e arrebata-se violentamente: "Peço-lhe que cesse com suas indagações; sinão, zango-me. Com suas suspeitas, é capaz de estragar-me toda a carreira. Eu disse muito simplesmente *aufstossen* (demolir), em vez de *anstossen* (brindar), porque já empregara, na mesma frase, duas vezes a preposição *auf*. E' o que Meringer chama *Nach-Klang*, e não ha procurar outra interpretação. Compreendeu-me? Que isto lhe baste!" Hum! A reação é bem violenta, a negação demasiado enérgica. Vejo que não ha nada a tirar do rapaz, mas tambem penso que êle está pessoalmente muito interessado em que não se encontre nenhum sentido em seu ato falho. Pensarão talvez que êle faz mal em se mostrar tão grosseiro a propósito de uma investigação puramente teórica, mas enfim, acrescentarão os senhores, decerto saberá o que queria ou não queria dizer.

Realmente? E' o que ainda seria preciso saber.

Mas desta vez os senhores crêem que me apanharam: "Aí está, pois, a sua técnica", ouço-os dizer. "Quando uma pessoa que cometeu um lapso diz a êste respeito algo que lhe convém, o senhor declara que ela é a autoridade: Pois si é êle mesmo quem o diz! Mas si o que a pessoa interrogada diz não lhe convém, o senhor pretende imediatamente que tal explicação não tem nenhum valor, que não lhe devemos dar crédito".

Isto está na ordem das coisas. Mas posso apresentar-lhes um caso análogo em que as coisas se passam de um modo igualmente extraordinário. Quando um acusado confessa seu delito, o juiz acredita na confissão; mas quando o nega, o juiz não o acredita. Si fosse de outro

modo, a administração da justiça não seria possível; a-pesar-dos êrros eventuais, somos obrigados a aceitar êste sistema.

Mas são os senhores juizes, e quem cometeu um lapso surgiria ante os senhores como um acusado? Seria o lapso um delito?

Talvez não devamos repelir mesmo esta comparação. Mas vêem as profundas diferenças que se revelam quando aprofundamos um pouco que seja os problemas aparentemente tão anódinos que suscitam os atos falhados. Diferenças que ainda não sabemos suprimir. Proponho-lhes um contrato provisório baseado precisamente nesta comparação com o juiz e o acusado. Devem os senhores conceder-me que o sentido de um ato falhado não admite a menor dúvida quando é dado pelo próprio analisado. Em compensação, conceder-lhes-ei que a prova direta do sentido suspeitado é impossivel de obter quando o analisado recusa dar qualquer informação ou quando não está presente para nos informar. Ficamos então reduzidos, como no caso de um inquérito judiciário, a contentar-nos com indícios que tornarão nossa decisão mais ou menos inverosímel, segundo as circunstâncias. Por fôrça de razões práticas, o tribunal deve declarar um acusado culpado, mesmo quando só possue provas presuntivas. Esta necessidade para nós não existe; mas tambem não devemos renunciar à utilização de tais indícios. Seria um êrro acreditar que uma ciência só se compõe de teses rigorosamente demonstradas, e faríamos mal si o exigíssemos. Semelhante exigência é coisa de temperamentos que precisam de autoridade, procurando substituir o catecismo religioso por um outro, nem que fosse científico. O catecismo da ciência só contém poucas proposições apodíticas; a maior parte de suas afirmativas apresenta apenas certo gráu de probabilidade. E' precísamente próprio do espírito científico saber contentar-se com estas aproximações da certeza e poder continuar o trabalho construtor, mau grado a falta de provas definitivas.

Mas, nos casos em que não obtemos da própria boca do analisado informações sôbre o sentido do ato falhado, onde encontramos pontos de apôio para nossas interpretações e indícios para nossas demonstrações? Êsses pontos de apôio e êsses indícios vêm-nos de várias fontes. São-nos fornecidos, em primeiro lugar pela comparação analógica com fenômenos que não se ligam a atos falhados, como quando constatamos, por exemplo, que a deformação de um nome, desde que seja um ato falho, tem o mesmo sentido injurioso que o que teria uma deformação intencional. Mas ponto de apôio e indícios ainda nos são fornecidos pela situação psíquica em que se produz o ato falho, pelo conhecimento que temos do

caráter da pessoa que realiza êste ato, pelas impressões que a referida pessoa podia ter antes do ato e contra as quais talvez reage pela produção dêste. As coisas geralmente se passam de tal sorte, que formulamos desde logo uma interpretação do ato falhado segundo princípios gerais. O que assim obtemos é apenas uma presunção, um projeto de interpretação que procuramos confirmar com o exame da situação psíquica. Às vezes somos obrigados, para obter a confirmação de nossa presunção, a esperar certos acontecimentos que nos são como que anunciados pelo ato falhado.

Não me será fácil dar-lhes provas do que adianto, enquanto estiver confinado no domínio restrito dos lapsos, si bem que aqui tambem se possam encontrar alguns bons exemplos. O rapaz que, desejando acompanhar uma senhora, se oferece para a *begleitdigen* (associação das palavras *begleiten*, acompanhar, e *beleidigen*, faltar ao respeito) é certamente um tímido; a senhora cujo marido deve comer e beber o que *ela* quer, é sem dúvida uma dessas mulheres enérgicas (e eu conheço-a como tal) que sabem mandar em sua casa. Ou tomemos ainda o caso seguinte: numa assembléia geral da associação "Concórdia", um jovem pronuncia violento discurso de oposição, durante o qual interpela a diretoria, dirigindo-se aos membros da comissão de empréstimos (*Vorschuss*), em vez de dizer membros do "conselho diretor" (*Vor*stand) ou do "comité" (*Ausschuss*). Formou, portanto, sua palavra *Vorschuss*, combinando, sem se dar conta, as palavras VOR-*stand* e AUS-*schuss*. Pode-se presumir que sua oposição se tivesse chocado com uma tendência perturbadora, em relação possível com um negócio de empréstimo. E, com efeito, vimos a saber que o nosso orador tinha constante necessidade de dinheiro e que êle fizera ha pouco um novo pedido de empréstimo. Pode-se, pois, ver a causa da intenção perturbadora na idéia seguinte: farias bem si fosses moderado em tua oposição, pois te diriges a pessoas que te podem conceder ou recusar o empréstimo que pedes.

Poderei apresentar-lhes um numeroso apanhado destas provas-indícios quando abordar o vasto domínio dos outros atos falhados.

Quando alguem esquece ou, a-pesar-de todos os seus esforços, só dificilmente retém um nome que, entretanto, lhe é familiar, estamos no direito de supor que sente algum ressentimento para com o portador dêsse nome, o que não lhe deixa pensar nêle de bom grado. Reflitam nas revelações que seguem concernentes à situação psíquica em que se produziu um dêstes atos falhados.

"O sr. Y... amava, sem ser correspondido, uma senhora, que acabara desposando o sr. X... Si bem que o sr. Y... conheça o sr. X... ha muito tempo, mantendo mesmo com êle relações comerciais, esquece constantemente seu nome, de sorte que se vê obrigado a perguntá-lo a outras pessoas, todas as vezes que tem de lhe escrever (1)."

E' evidente que o sr. Y... nada quer saber de seu feliz rival: "*nicht gedacht soll seiner werden!*" (2)

Outro: Uma senhora pede a seu médico notícias de uma outra senhora a quem ambos conhecem, mas designando-a por seu nome de solteira. Quanto ao nome que ela usa desde que se casou, esqueceu-o completamente. Interrogada a êste respeito, declara que está muito descontente com o consórcio da amiga e não póde suportar o marido desta. (3)

Ainda teremos muito que dizer sôbre o esquecimento de nomes. O que aqui nos interessa principalmente é a situação psíquica em que êste esquecimento se produz.

O esquecimento de projetos pode ser relacionado, de um modo geral, com a ação de uma corrente contrária que se opõe à sua realização. Esta não é sómente a opinião dos psícanalistas; é também a de todo o mundo, a opinião que cada um de nós professa na vida corrente, e nega na teoria. O pai, que se desculpa perante o filho de ter esquecido seu pedido, não se acha absolvido aos olhos dêste, que logo pensa: "Não é verdade o que meu pai diz, êle simplesmente não quer manter a promessa que me fez". Aí está porquê o esquecimento é interdito em certas circunstâncias da vida, e a diferença entre a concepção popular e a concepção psicanalítica dos atos falhados desaparece. Imaginem uma dona de casa recebendo seu convidado com estas palavras: "Como! Então era hoje que o senhor devia vir? Eu tinha esquecido completamente que o convidara para hoje." Ou então imaginem o caso do rapaz forçado a confessar à mulher amada que se esqueceu de comparecer ao encontro marcado: antes de fazer esta confissão, inventará os obstáculos mais inverosímeis, que, depois de impedir-lhe o pontual comparecimento à entrevista, ainda o puzeram na impossibilidade de avisá-la que não ia. Na vida militar, a desculpa de ter esquecido qualquer

(1) Observação de C. G. Jung.

(2) Verso de Heine: "Apaguemo-lo de nossa memória!" — N. do T.

(3) Observação de A. A. Brill.

coisa não é tomada em consideração e não evita o castigo: é um fato que todos conhecemos e achamos plenamente justificado, porque reconhecemos que nas condições da vida militar certos atos falhados têm um sentido e na maioria dos casos sabemos qual é êsse sentido. Porquê não somos bastante lógicos para estender a mesma maneira de ver aos outros atos falhados, para declará-la francamente e sem restrições? Naturalmente, também para isto há uma resposta.

Si o sentido que apresenta o esquecimento de projetos não é duvidoso, mesmo para os leigos, os senhores sentir-se-ão tanto menos surpresos de constatar que os poetas utilizam êste ato falhado com a mesma intenção. Aqueles dentre os senhores que viram representar ou leram *César e Cleopatra*, de B. Shaw, lembram-se sem dúvida da última cena em que César, prestes a partir, vê-se obsedado pela idéia de um projeto que concebera, mas de que já não se podia recordar. Sabemos finalmente que êsse projeto consistia em ir despedir-se de Cleopatra. Por êste pequeno artifício, o poeta quer atribuir ao grande César uma superioridade que êle não possuia e à qual até não pretendia. Sabem os senhores, de fonte histórica, que César mandara vir Cleopatra a Roma. Ela ali ficou com seu pequeno Cesárion até o assassinato de César, depois do qual fugiu da cidade.

Os casos de esquecimentos de projetos são em geral tão claros, que quasi não podemos utilizá-los em vista do fim que visamos e que consiste em deduzir a situação psíquica dos indícios relativos ao sentido do ato falhado. Assim, vamos fixar nossa atenção em um ato que carece particularmente de clareza: a perda de objetos e a impossibilidade de encontrar objetos guardados. Que nossa intenção represente certo papel na perda de objetos, acidente que muitas vezes sentimos tão dolorosamente, eis o que lhes parecerá inverosimel. Mas existem numerosas observações no gênero desta: um rapaz perde um lápis de que muito gostava; ora, na véspera êle recebera do cunhado uma carta que terminava por estas palavras: "Aliás, não tenho tempo nem vontade de encorajar tua leviandade e tua preguiça". (1) O lápis fôra precisamente um presente dêsse cunhado. Sem essa coïncidência, naturalmente não poderíamos afirmar que a intenção de se desembaraçar do objeto tenha representado um papel na perda dêste. Casos dêste gênero são muito freqüentes. Perdemos objetos quando estamos zangados com aqueles que os deram e não queremos mais pensar nêles. Ou, ainda, perdemos

(1) **Observação de B. Dattner.**

objetos quando não fazemos mais questão dêles e queremos substituí-los por outros melhores. À mesma atitude para com um objeto corresponde, naturalmente, o fato de deixá-lo cair, de quebrá-lo, de deteriorá-lo. Tratar-se-á de um simples acaso quando um colegial perde, destroi, quebra seus objetos de uso corrente, tais como a bolsa ou o relógio, por exemplo, justamente na véspera do dia de seu aniversário natalício?

Quem muitas vezes se encontrou no caso difícil de não poder encontrar um objeto que pôs pessoalmente no lugar, não quererá acreditar que uma intenção qualquer presida a êste incidente. E, contudo, não são raros os casos em que as circunstâncias que acompanham um esquecimento dêste gênero revelam uma tendência a afastar provisòriamente ou de um modo durável o objeto em questão. Cito um dêstes casos, talvez o mais belo de todos os conhecidos ou publicados até hoje:

Um homem ainda jovem me conta que ha alguns anos tinham surgido malentendidos em seu lar: "Eu achava, me dizia êle, minha mulher demasiado fria, e vivíamos lado a lado, sem ternura, o que aliás não me impedia de reconhecer suas excelentes qualidades. Um dia, voltando de um passeio, ela me trouxe um livro que adquiriu, por achar que êle me interessaria. Agradecí-lhe a "atenção" e prometi-lhe ler o livro, que deixei separado. Mas sucedeu que logo esqueci o lugar onde o guardara. Passaram-se meses durante os quais, lembrando-me várias vezes do livro desaparecido, procurara descobrí-lo, sem o conseguir jamais. Cêrca de seis meses mais tarde, minha mãe, de quem eu gostava muito, cai doente, e minha espôsa deixa imediatamente a casa para ir tratar dela. O estado da enfêrma agrava-se, o que foi para minha espôsa ocasião de revelar suas melhores qualidades. Uma noite, volto para casa encantado com minha mulher, cheio de reconhecimento por tudo o que ela fizera. Aproximo-me da escrivaninha, abro sem nenhuma intenção definida, mas com uma segurança toda sonâmbula, uma certa gaveta, e a primeira coisa que me cai sob os olhos é o livro transviado, que por tanto tempo permanecera impossível de encontrar."

Desaparecido o motivo, o objeto torna-se possível de encontrar.

Poderia multiplicar ao infinito os exemplos dêste gênero, mas não o farei. Em minha *Psicopatologia da Vida Quotidiana* (já traduzida em português. — N. do T.) encontrarão abundante casuística para servir ao estudo dos atos falhados (1). De todos êstes exemplos, tira-se apenas

(1) Assim como nas coleções de A. Maeder (em francês), A. A. Brill (em inglês), E. Jones (em inglês), J. Starke (em holandês) etc.

uma conclusão: os atos falhados têm sentido e indicam os meios de desvendar êste sentido, segundo as circunstâncias que acompanham o ato. Serei hoje mais breve, pois tencionamos apenas tirar dêste estudo os elementos de uma preparação para a psicanálise. Por isto, só lhes falarei de mais dois grupos de observações: observações relativas aos atos falhados acumulados e combinados, e observações que concernem à confirmação de nossas interpretações por acontecimentos que sobrevêm ulteriormente.

Os atos falhados acumulados e combinados constituem certamente a mais bela floração de sua espécie. Si se tratasse apenas de demonstrar que os atos falhados podem ter um sentido, limitar-nos-iamos desde o princípio a tratar apenas dêstes, pois seu sentido é tão evidente, que se impõe ao mesmo tempo à inteligência mais obtusa e ao espírito mais crítico. O acúmulo das manifestações revela uma perseverança que é difícil atribuir ao acaso, mas bem se enquadra na hipótese de um desígnio. Enfim, a substituição de certos atos falhados por outros nos mostra que o importante e essencial nêstes não deve ser procurado na forma, nem nos meios de que se servem, e sim na intenção a que êles mesmos servem e que pode ser realizada pelos meios mais variados. Vou citar-lhes um caso de esquecimento repetido: Ernest Jones conta que, por motivos que êle ignora, deixara uma vez na escrivaninha, durante vários dias, uma carta que escrevera. Um dia, decide-se a remetê-la, mas a missiva é devolvida pela secção de refugo dos Correios, porque se esquecera de escrever o endurêço. Tendo sanado êste esquecimento, põe a carta no correio, mas desta vez sem o sêlo. Então, é obrigado a confessar que no fundo não fazia absolutamente questão de mandar a carta.

Num outro caso, temos a combinação de uma apropriação errônea de um objeto e da impossibilidade de encontrá-lo. Uma senhora faz uma viagem a Roma com o cunhado, pintor célebre. O visitante é muito festejado pelos alemães que habitam Roma e recebe, entre outros presentes, uma medalha antiga de ouro. A senhora constata com pena que seu cunhado não sabe apreciar a linda peça em seu justo valor. Tendo vindo a sua irmã substituí-la em Roma, volta para casa e constata, ao abrir a mala, que trouxera consigo a medalha, sem saber como. Informa-o imediatamente ao cunhado, avisando que lhe mandaria a medalha a Roma no dia seguinte. Mas no dia seguinte a medalha estava tão bem arrumada, que já não poude encontrá-la; era, portanto, impossível expedí-la. Só então a senhora teve a intuição do que significava sua "distração": era o desejo de guardar a medalha para ela.

Citei-lhes mais acima um exemplo de combinação de um esquecimento e um êrro: tratava-se de alguem que, tendo esquecido uma entrevista uma primeira vez, e decidido a não esquecê-la na vez seguinte, comparece entretanto ao segundo encontro numa hora diferente da marcada.

Um amigo meu, que se ocupa ao mesmo tempo de ciências e de literatura, contou-me um caso perfeitamente análogo, tirado de sua vida pessoal. "Eu aceitara, me dizia êle, ha alguns anos, uma função na diretoria de certa associação literária, porque pensava que a associação poderia um dia ajudar-me a conseguir que fosse representado um de meus dramas. Todas as sextas-feiras, assistia, aliás sem grande interêsse, às sessões da diretoria. Ha alguns meses, recebi a notícia de que uma de minhas peças seria representada no teatro de F..., e a partir dêsse momento *esqueço-me* regularmente de comparecer às ditas sessões. Mas depois de ler o que o senhor escreveu sôbre estas coisas, envergonhei-me de meu procedimento e disse a mim mesmo, censurando-me, que não estava bem de minha parte faltar às sessões, desde o instante em que já não precisava do auxílio com o qual contava. Tomei, pois, a decisão de não faltar na sexta-feira seguinte. Pensava nisto todo o tempo, até o dia em que me vi ante a porta da sala de sessões. Qual não foi minha surpresa ao encontrá-la fechada, posto que a sessão se realizara na véspera! Com efeito, eu me enganara no dia e comparecera num sábado."

Seria muito aprazivel reunir outras observações do mesmo gênero. Abstenho-me, todavia, de fazê-lo, pois prefiro apresentar alguns casos pertencentes a um outro grupo, notadamente àquele em que nossa interpretação deve, para encontrar uma confirmação, esperar os acontecimentos ulteriores.

E' óbvio que a condição essencial dêstes casos consiste em que a situação psíquica atual nos é desconhecida ou inacessivel a nossas investigações. Nossa interpretação possue então o valor de simples presunção, a que não damos grande importância. Mais tarde, porém, sobrevém um fato capaz de demonstrar que nossa primeira interpretação era justificada. Um dia fui convidado à residência de um casal que contraíra matrimônio ha pouco tempo. Durante a visita, a jovem senhora contou-me rindo que, no dia seguinte ao regresso de sua viagem de núpcias, fôra procurar a irmã solteira, para ir com ela, como outrora, fazer compras, enquanto o marido ía cuidar de seus negócios. De repente, avistou na calçada fronteira um senhor e disse, um pouco açodadamente, à irmã: "Olha, aí vem o sr. L..." Não se dera conta de

que êsse senhor não era outro sinão seu marido das últimas semanas. Esta narrativa me deixou uma impressão penosa, mas eu não queria fiar-me na conclusão que ela me parecia implicar. Só ao cabo de alguns anos esta historieta me voltou à memória: com efeito, soube então que o casamento de meus jovens amigos tivera um desfêcho desastroso.

A. Maeder refere o caso de uma senhora que, na véspera do casamento, se esqueceu de ir experimentar o vestido de noiva, só se lembrando disto, para grande desespêro da costureira, tarde da noite. Êle vê uma relação entre êsse esquecimento e o divórcio que seguiu de perto o matrimônio.

Conheço uma senhora, hoje divorciada, à qual freqüentemente sucedia, muito tempo antes do divórcio, assinar seu nome de solteira em documentos referentes à administração de seus bens.

Conheço casos de outras mulheres que, no correr de sua viagem de núpcias, perderam a aliança, acidente a que os acontecimentos ulteriores conferiram uma significação não equívoca. Conta-se o caso de um célebre químico alemão, cujo matrimônio não se poude realizar, porque êle esqueceu a hora da cerimônia e, em vez de dirigir-se à igreja, foi ao laboratório. Foi bastante sensato para ater-se a esta única tentativa e morreu muito velho, celibatário.

Os senhores sentem-se, sem dúvida, inclinados a pensar que em todos èstes casos os atos falhados substituem os *omina* ou sinais dos antigos. E, com efeito, certos *omina* não eram sinão atos falhados, como quando alguem tropeçava ou caía. Outros, contudo, tinham os caracteres de um acontecimento objetivo, e não os de um ato subjetivo. Mas não imaginam a que ponto é às vezes difícil discernir si um acontecimento dado pertence a uma ou a outra dessas categorias. Muitas vezes o ato resolve vestir a máscara de um acontecimento passivo. Todos aqueles dentre os senhores que têm detrás de si uma experiência suficientemente longa, dirão talvez de si para consigo que se teriam poupado muitas decepções e dolorosas surpresas, si tivessem tido a coragem e a decisão de interpretar os atos falhados que se produzem nas relações inter-humanas como sinais oraculares, e de utilizá-los como indícios de intenções ainda secretas. As mais das vezes, não ousamos fazê-lo; receamos ter o ar de voltar à superstição, passando por cima da ciência. Aliás, nem todos os presságios se realizam e, quando conhecerem melhor nossas teorias, os senhores compreenderão que nem sempre é necessário que se realizem todos.

CAPÍTULO IV

OS ATOS FALHADOS

(Conclusão)

Os atos falhados têm um sentido. Tal a conclusão que devemos admitir, tirando-a da análise que precede e pondo-a como base de nossas pesquísas ulteriores. Digamo-lo uma vez mais: não afirmamos (e dado o fim que visamos, tal afirmativa não é necessária) que todo ato falhado seja significativo, si bem que eu considere a coisa como provável. Basta-nos constatar êste sentido com relativa freqüência, nas diferentes formas de atos falhados. Aliás, nêste particular, ha diferenças de uma forma a outra. Os lapsos orais, os erros de escrita, etc., podem ter uma base puramente fisiológica, o que me parece pouco provável nas diferentes variedades de casos de esquecimento (esquecimento de nomes e projetos, impossibilidade de encontrar objetos prèviamente postos no lugar, etc.), de passo que existem casos de perda onde provàvelmente não intervém intenção alguma, e creio dever acrescentar que os êrros que se cometem na vida só podem ser julgados segundo nossos pontos de vista dentro de certa medida. Queiram ter estas limitações presentes no espírito, pois daqui em diante nosso ponto de partida deverá ser que os atos falhados são atos psíquicos resultantes da interferência de duas intenções.

E' êsse o primeiro resultado da psicanálise. A psicologia nunca suspeitara essas interferências, nem os fenômenos que daí decorrem. Aumentámos consideràvelmente a extensão do mundo psíquico e conquistámos para a psicologia fenômenos que antes não faziam parte dela.

Detenhamo-nos um instante ainda na afirmação de que os atos falhados são "atos psíquicos". Com esta afirmação, dizemos apenas que os atos psíquicos têm um sentido, ou ela implica mais alguma coisa? Não penso que haja oportunidade de ampliar-lhe o alcance. Tudo o

que pode ser observado na vida psíquica será eventualmente designado pelo nome de fenômeno psíquico. Tratar-se-á apenas de saber si tal manifestação psíquica dada é o efeito direto de influências somáticas, orgânicas, corporais, em cujo caso escapa à investigação psicológica, ou si tem por antecedentes imediatos outros processos psíquicos além dos quais começa nalguma a parte a série das influências orgânicas. E' nesta última eventualidade que pensamos quando qualificamos um fenômeno de processo psíquico, e eis porquê é mais racional dar à nossa proposição a forma seguinte: o fenômeno é significativo, possue um sentido, isto é, revela uma intenção, uma tendência, e ocupa certo lugar numa série de relações psíquicas.

Ha muitos outros fenômenos que se aproximam dos atos falhos, mas aos quais êste nome não convém. Chamamo-los *atos acidentais* ou *sintomáticos*. Êles tem igualmente todos os caracteres de um ato não motivado, insignificante, desprovido de importância, e sobretudo supérfluo. Mas o que os distingue dos atos falhados pròpriamente ditos, é a ausência de uma intenção hostíl e perturbadora vindo contrariar uma intenção primitiva. Confundem-se por outro lado, com os gestos e movimentos que servem para a expressão das emoções. Fazem parte desta categoria de atos falhados todas as manipulações, aparentemente sem fim, a que submetemos, como que brincando, nossas roupas, tais ou tais partes de nosso corpo, objetos ao alcance de nossa mão; as melodias que trauteamos pertencem à mesma categoria de atos, que são em geral caracterizados pelo fato de os suspendermos, como os iniciámos, sem motivo aparente. Ora, não hesito em afirmar que todos êstes fenômenos são significativos e se deixam interpretar da mesma forma que os atos falhados, que constituem pequenos sinais reveladores de outros processos psíquicos mais importantes, que são atos psíquicos no sentido completo da palavra. Mas não tenho a intenção de deter-me nesta ampliação do domínio dos fenômenos psíquicos. Prefiro retomar a análise dos atos falhados que nos deparam, com toda a nitidez desejavel, as mais importantes questões da psicanálise.

As questões mais interessantes que formulámos a propósito dos atos falhados, às quais ainda não demos resposta, são as seguintes: dissemos que os atos falhados resultam da interferência de duas intenções diferentes, uma das quais póde ser qualificada de perturbada, a outra de perturbadora; ora, si as intenções perturbadas não suscitam nenhuma questão, importa-nos saber, no que concerne às intenções perturbadoras, em primeiro lugar quais são essas intenções que se afirmam como sus-

ceptíveis de perturbar outras, e, em segundo lugar, quais as relações existentes entre as perturbadas e as perturbadoras.

Permitam-me tomar de novo o lapso oral como representante da espécie inteira e responder em primeiro lugar à segunda dessas questões.

Entre as duas intenções pode haver uma relação de conteúdo, em cujo caso a intenção perturbadora contradiz a intenção perturbada, retifica-a ou completa-a. Ou então, e aqui o caso se torna mais obscuro e mais interessante, não ha a menor relação entre os conteúdos das duas tendências.

Os casos que já conhecemos e outros análogos permitem-nos compreender sem dificuldade a primeira destas relações. Em quasi todos os casos em que se diz o contrário do que se quer dizer, a intenção perturbadora exprime uma oposição em face da intenção perturbada; o ato falhado representa o conflito entre as duas tendências inconciliáveis. "Declaro a sessão aberta, mas preferiria encerrá-la", tal o sentido do lapso cometido pelo presidente. Um jórnal político, acusado de corrupção, defende-se num artigo que se devia resumir nestas palavras: "Nossos leitores são testemunhas de que sempre defendemos o bem geral do modo mais *desinteressado*." Mas o redator encarregado de fazer essa defesa escreve: "do modo mais *interessado*". Isto, a meu ver, revela seu pensamento: "Devo escrever uma coisa, mas sei perfeitamente que a verdade é outra". Um deputado que se propõe declarar que se deve dizer ao Imperador a verdade *sem considerações* (rückhaltlos), percebe de repente uma voz interior que o põe em guarda contra sua audácia e o faz cometer um lapso em que a palavra "sem considerações" (rückhaltlos) é substituida pela expressão "de espinha curvada" (rückgratlos) (1).

Nos casos que os senhores conhecem e que deixam a impressão de contrações e abreviaturas, trata-se de retificações, adjunções e continuações, mediante as quais uma segunda tendência vem à tona ao lado da primeira. "Produziam-se coisas (*zum* VORSCHEIN *gekommen*); eu de bom grado diria que eram porcarias (SCHWEINEREIEN)"; resultado: "*zum* VORSCHWEIN *gekommen*". "As pessoas que compreendem isto podem ser contadas *pelos dedos da mão;* mas, não... para dizer a verdade, só existe uma pessoa que compreende estas coisas; logo, as pessoas que compreendem estas coisas podem ser contadas *por um único dedo*". Ou ainda: "Meu espôso pode comer e beber o que *êle* quer; mas os

(1) Sessão do Reichstag alemão, Novembro 1908.

senhores bem sabem que eu não suporto que êle queira alguma coisa; logo, êle deve comer e beber o que *eu* quero". Em todos êstes casos, vê-se, o lapso deriva do conteúdo mesmo da intenção perturbada ou a êle está ligado.

O outro gênero de relações entre as duas intenções interferentes parece bizarro. Si não ha nenhum elo entre os seus conteúdos, de onde vem a intenção perturbadora e como se explica que ela manifeste sua ação perturbante em tal momento preciso? A observação, que só ela é susceptivel de resolver esta questão, permite constatar que a perturbação provém de uma corrente de idéias que pouco antes preocupara a pessoa em questão e que, si intervém no discurso dêsse modo particular, tambem poderia (o que não é necessário), nêle encontrar uma expressão diferente. Trata-se de um verdadeiro eco, mas que não é sempre e necessàriamente produzido por palavras pronunciadas. Ainda aqui, existe um elo associativo entre o elemento perturbado e o elemento perturbador, mas êste elo, em vez de residir no conteúdo, é puramente artificial e sua formação resulta de associações forçadas.

Dou a seguir um exemplo muito simples, que observei pessoalmente. Um dia encontro em nossos belos Dolomitas duas senhoras vienenses, com roupa de turistas. Caminhamos juntos durante algum tempo, falando dos prazeres e inconveniências da vida de excursionista. Uma das senhoras reconhece que de fato às vezes intercorrem coisas desagradáveis... "E' verdade, diz ela, que não é absolutamente agradável, quando andámos todo o dia ao sol e estamos com a blusa e a camisa empapada de suor..." A estas últimas palavras, tem uma pequena hesitação. Depois continúa: "Mas quando em seguida voltamos *nach Hose* (em vez de *nach Hause*, para casa) e podemos enfim mudar de roupa..." Ainda não analisámos êste lapso, mas não creio que isto seja necessário. Em sua primeira frase, a senhora tivera a intenção de fazer uma enumeração mais completa: blusa, camisa, calça (*Hose*). Por questões de conveniência, absteve-se de mencionar esta última peça de roupa, mas na frase seguinte, absolutamente independente por seu conteúdo da primeira, a palavra *Hose*, que não foi pronunciada no momento devido, aparece a título de deformação da palavra *Hause*.

Podemos agora abordar a principal questão cujo exame por muito tempo protelámos: quais são essas intenções que, manifestando-se de um modo tão insólito, vêm perturbar as outras? Trata-se evidentemente de intenções muito diferentes, mas das quais queremos destacar os caracteres comuns. Si examinamos dêste ponto de vista uma série de exem-

plos, êstes imediatamente se deixam agrupar em três categorias. Fazem parte do primeiro grupo os casos em que a tendência perturbadora é conhecida daquele que fala e além disso se revelou a êle antes do lapso. O segundo grupo compreende os casos em que a pessoa que fala, ainda que reconhecendo na tendência perturbadora uma tendência que lhe pertence, não sabe que esta tendência já era ativa nela antes do lapso. Aceita, pois, nossa interpretação dêste, mas não pode deixar de mostrar-se surpresa. Exemplos desta atitude talvez nos sejam fornecidos mais fàcilmente por atos falhados que não sejam os equívocos orais. O terceiro grupo compreende casos em que a pessoa interessada protesta com energia contra a interpretação que lhe sugerimos: não contente de negar a existência da intenção perturbadora antes do lapso, afirma que essa intenção lhe é totalmente alheia. Lembrem-se do brinde do jovem assistente que propõe "demolir" a prosperidade do chefe, assim como a resposta nada amena que me fiz dirigir quando pus ante os olhos do autor do brinde a intenção perturbadora. Os senhores sabem que ainda não conseguimos chegar a um acôrdo quanto à maneira de conceber êstes casos. No que me concerne, o protesto do assistente, autor do brinde, não me perturba absolutamente e não me impede de manter minha interpretação, o que talvez não seja o seu caso: impressionados pela negativa dêle, os senhores decerto perguntam a si mesmos si não faríamos bem em renunciar a procurar a interpretação de casos dêste gênero e considerá-los como atos puramente fisiológicos, no sentido pre-psicanalítico da palavra. Suspeito um pouco da causa da atitude dos senhores. Minha interpretação implica que a pessoa que fala pode manifestar intenções que ela própria ignora, mas que eu estou em condição de desvendar segundo certos indícios. E os senhores hesitam em aceitar esta suposição tão singular e prenhe de conseqüências. Contudo, si querem conservar-se lógicos em sua concepção dos atos falhados, baseada em tantos exemplos, não devem hesitar em aceitar esta última hipótese, por mais desconcertante que lhes pareça. Si isto lhes for impossivel, só lhes resta renunciar à compreensão tão penosamente adquirida dos atos falhados.

Detenhamo-nos um instante no que une os três grupos que acabamos de estabelecer, no que é comum aos três mecanismos de lapso. A êste respeito, encontramo-nos felizmente em presença de um fato que, êste, sim, está acima de qualquer contestação. Nos dois primeiros grupos, a tendência perturbadora revela-se imediatamente antes do lapso. Mas, tanto no primeiro grupo como no segundo, *a tendência em ques-*

tão acha-se recalcada. Como a pessoa que fala decidiu não fazê-la aparecer no discurso, comete um lapso, isto é, a tendência recalcada manifesta-se em que pese à pessoa, seja modificando a intenção confessada, seja confundindo-se com ela, seja, enfim, tomando simplesmente seu lugar. Tal é, pois, o mecanismo do lapso.

Meu ponto de vista me permite explicar pelo mesmo mecanismo os casos do terceiro grupo. Só tenho de admitir que a única diferença existente entre meus grupos consiste no grau de recalcamento da intenção perturbadora. No primeiro grupo, esta intenção existe e é percebida pela pessoa que fala, antes de sua manifestação; é então que se produz o recalcamento de que a intenção se vinga pelo lapso. No segundo grupo, o recalcamento é mais acentuado, e a intenção não é percebida antes do começo do discurso. O que admira é que êste recalcamento, bastante profundo, não impede a intenção de participar na produção do lapso. Esta situação nos facilita singularmente a explicação do que se passa no terceiro grupo. Irei mesmo ao ponto de admitir que se pode apreender no ato falhado a manifestação de uma tendência, recalcada ha muito tempo, ha muitíssimo tempo mesmo, de sorte que a pessoa que fala absolutamente não se dá conta dela e é bem sincera quando lhe nega a existência. Mas, mesmo deixando de lado o problema relativo ao terceiro grupo, os senhores não podem deixar de aderir à conclusão que decorre da observação de outros casos, a saber, que o *recalcamento de uma intenção de dizer qualquer coisa constitue a condição indispensável de um lapso.*

Agora podemos dizer que realizámos novos progressos quanto à compreensão dos atos falhados. Sabemos não só que êsses atos são atos psíquicos com sentido e marcados por uma intenção, resultantes da interferência de duas intenções diferentes, mas tambem que uma dessas intenções deve, antes do discurso, ter passado por um certo recalcamento, para poder manifestar-se pela perturbação da outra. Ela mesma deve ser perturbada, antes de poder tornar-se perturbadora. Subentende-se que com isto ainda não adquirimos uma explicação completa dos fenômenos que chamamos atos falhados. Vemos imediatamente surgir outras questões, e pressentimos em geral que quanto mais avançarmos em nosso estudo, mais numerosas se tornarão as ocasiões de levantar novas questões. Podemos perguntar, por exemplo, porquê as coisas não se passam muito mais simplesmente. Quando alguem tem a intenção de recalcar certa tendência, em vez de deixá-la exprimir-se, deveríamos encontrar-nos em presença de um dos dois casos seguintes: ou

o recalcamento é obtido, e então nada deve aparecer da tendência perturbadora; ou então o recalcamento não é obtido, e nêsse caso a tendência em apreço deve exprimir-se franca e completamente. Mas os atos falhados resultam de convênios; significam que o recalcamento falhou em parte e em parte surtiu efeito, que a intenção ameaçada, si não está completamente suprimida, está suficientemente recalcada para não poder manifestar-se, abstração feita de certos casos isolados, tal qual é, sem modificações. Temos o direito de supor que a produção dêstes efeitos de interferência ou de concessões mútuas exige certas condições particulares, mas não temos a menor idéia da natureza destas condições Não creio que mesmo um estudo mais aprofundado dos atos falhados nos ajude a descobrir estas condições desconhecidas. Para chegar a êste resultado, precisaremos antes explorar outras regiões obscuras da vida psíquica; só as analogias que aí encontrarmos nos darão a coragem de formular as hipóteses capazes de nos conduzirem a uma explicação mais completa dos atos falhados. Mas ha outra coisa: mesmo quando se trabalha sôbre pequenos indícios, como aqui fazemos, expomo-nos a certos perigos. Existe uma doença psíquica, chamada *Paranoia combinatória,* em que os pequenos indícios são utilizados de um modo ilimitado, e eu não afirmaria que todas as conclusões daí deduzidas sejam exatas. Só podemos preservar-nos contra êsses perigos dando a nossas observações uma base tão larga quanto possivel, graças à repetição das mesmas impressões, seja qual for a esfera da vida psíquica que exploramos.

Vamos pois abandonar aquí a análise dos atos falhados. Apenas lhes recomendarei isto: guardem na memória, como modêlo, a maneira por que tratámos êstes fenômenos. **De acôrdo com esta maneira, os senhores podem julgar desde já quais são as intenções de nossa psicologia.** Não queremos apenas descrever e classificar os fenômenos; queremos também concebê-los como índices de um jôgo de fôrças que se realiza na alma, como a manifestação de tendências que têm um fim definido e trabalham seja na mesma direção, seja em direções opostas. Procuramos formar uma *concepção dinâmica* dos fenômenos psíquicos. Em nossa concepção, os fenômenos percebidos devem apagar-se ante as tendências apenas admitidas.

Não iremos mais adiante no estudo dos atos falhados. Mas ainda podemos fazer nêste terreno uma incursão no correr da qual encontraremos coisas conhecidas e descobriremos algumas novas. Para isto, vamos ater-nos à divisão em três grupos que estabelecemos no início de

nossas pesquisas: *a*) o lapso, com suas subdivisões em êrros de escrita, de leitura, falsa audição; *b*) esquecimento, com suas subdivisões correspondentes ao objeto esquecido (nomes próprios, palavras estrangeiras, projetos, impressões); *c*) o equívoco, a perda, a impossibilidade de encontrar um objeto pôsto no lugar. Os êrros só nos interessam quando se relacionam com o esquecimento, o equívoco, etc.

Já temos falado muito a respeito do lapso; entretanto, ainda temos alguma coisa a acrescentar a seu respeito. Com o lapso se relacionam pequenos fenômenos afectivos que não são desprovidos de interêsse. Ninguem reconhece de bom grado que cometeu um lapso; sucede muitas vezes que não ouvimos o nosso lapso, de passo que ouvimos sempre o de outrem. O lapso tambem é, em certa medida, contagioso; não é facil uma pessoa falar de lapsos, sem que ela mesma cometa um. Os lapsos mais insignificantes, os que não nos ensinam nada de particular sôbre processos psíquicos ocultos, têm entretanto raízes que não é difícil apreender. Quando, em conseqüência de uma perturbação qualquer, sobrevinda no momento de pronunciar uma palavra dada, alguem emite em tom breve uma vogal longa, não deixa de alongar a vogal breve que vem imediatamente depois, cometendo assim um novo lapso, destinado a compensar o primeiro. O mesmo se dá quando alguem pronuncía imprópriamente ou negligentemente uma vogal dupla; êle procura corrigir-se pronunciando a vogal dupla seguinte de modo a recordar a pronúncia exata da primeira: dir-se-ia que a pessoa que fala faz questão de mostrar ao ouvinte que conhece sua língua materna e não se desinteressa da pronúncia correta. A segunda deformação, que se pode chamar compensadora, tem precisamente por fim atraír a atenção do ouvinte para a primeira e mostrar-lhe que o autor do lapso tambem se apercebeu dêle. Os lapsos mais simples, mais freqüentes e mais insignificantes consistem em contrações e antecipações que se manifestam nas partes pouco aparentes do discurso. Numa frase um pouco longa, por exemplo, comete-se o lapso consistente em pronunciar por antecipação a última palavra do que se quer dizer. Isto dá a impressão de uma certa impaciência de acabar a frase, ou atesta em geral uma certa repugnância em comunicar êsse conceito ou simplesmente em falar. Chegamos assim aos casos-limítes em que as diferenças entre a concepção psicanalítica do lapso e sua concepção fisiológica usual se apagam. Nós pretendemos que existe nêstes casos uma tendência que perturba a intenção que se deve exprimir no discurso; mas esta tendência só nos anuncia sua existência, e não o fim que ela própria visa. A perturbação que

ela provoca segue certas influências tonais ou afinidades associativas e pode ser concebida como servindo para desviar a atenção do que se quer dizer. Mas nem essa perturbação da atenção, nem essas afinidades associativas bastam para caracterizar a natureza do processo em si. Uma e outra não testemunham menos a existência de uma intenção perturbadora, sem que possamos formar uma idéia de sua natureza por seus efeitos, como podemos fazer num caso mais acentuado.

Os êrros de escrita que abordo agora parecem-se tanto com os equívocos orais, que não nos podem fornecer nenhum ponto de vista novo. Ainda assim, experimentemos uma pequena digressão nêste terreno. As faltas, as contrações, a antecipação de palavras que devem vir mais tarde, e sobretudo de palavras que devem vir em último lugar, todos êstes acidentes atestam manifestamente que não temos grande vontade de escrever e estamos impacientes por acabar; efeitos mais pronunciados dos erros de escrita deixam reconhecer a natureza e a intenção da tendência perturbadora. Sabe-se em geral, quando se encontra um *lapsus calami* numa carta, que a pessoa que escreveu não estava em seu estado normal; mas nem sempre se pode estabelecer o que lhe sucedeu. Os êrros de escrita são tão raramente percebidos pelos seus autores como os equívocos orais. Assinalamos a interessante observação que segue: ha pessoas que têm o hábito de reler, antes de expedí-las, as cartas que escreveram. Outras não têm êste hábito, mas quando por acaso o fazem uma vez, sempre têm ocasião de encontrar e corrigir um êrro que as deixa admiradas. Como explicar êste fato? Dir-se-ia que essas pessoas sabiam, a-pesar-de tudo, que tinham cometido um lapso ao escrever. Devemos realmente admití-lo?

À importância prática dos lapsos *calami* liga-se um interessante problema. Os senhores decerto se lembram do caso do assassino H..., que, fazendo-se passar por um bacteriologista, sabia arranjar nos institutos científicos culturas de micróbios patogênicos excessivamente perigosos, utilizando tais culturas para suprimir por êste método ultra-moderno pessoas que lhe estavam intimamente ligadas. Um dia êsse homem dirigiu à diretoria de um dêsses institutos uma carta em que se queixava da ineficácia das culturas que lhe tinham sido enviadas, mas cometeu um êrro ao escrever, de sorte que em vez das palavras "em minhas experiências feitas em ratos e cobaios", lia-se distintamente: "em minhas experiências feitas em homens". Aliás, êste êrro chamou a atenção dos médicos do Instituto em questão, que todavia dêle não tiraram, que eu saiba, nenhuma conclusão. Acham os senhores que os

médicos não teriam andado bem inspirados, si tivessem tomado êste êrro por uma confissão, provocando um inquérito que teria cortado cerce as façanhas do bandido? Não acham que nêste caso a ignorância da concepção dos atos falhados foi causa de um atraso infinitamente lamentável? No que me concerne, êste êrro certamente me teria parecido muito suspeito; mas à sua utilização como confissão se opõem obstáculos muito graves. A coisa não é tão simples quanto parece. O lapso de escrita constitue um indício incontestável, mas não basta por si só para justificar a abertura de um processo. Sem dúvida, o lapso de escríta atesta que o homem está preocupado pela idéia de infectar seus semelhantes, mas não nos permite decidir si se trata de um projeto malfazejo bem determinado ou de uma fantasia sem nenhum alcance prático. E' mesmo possível que o homem que cometeu êste lapso de escríta encontre os melhores argumentos subjetivos para negar esta fantasia e para afastá-la como si lhe fosse inteiramente estranha. Mais tarde os senhores compreenderão melhor as possibilidades dêste gênero, quando tivermos de estudar a diferença que existe entre a realidade psíquica e a realidade material.

Nos erros de leitura, achamo-nos em presença de uma situação psíquica que difere nitidamente dos lapsos orais e de escrita. Uma das tendências concurrentes é substituida aqui por uma excitação sensorial, o que talvez a torne menos resistente. O que temos de ler não é uma emanação de nossa vida psíquica, como as coisas que pretendemos escrever. Eis porquê os êrros de leitura consistem na maior parte dos casos em uma completa substituição. A palavra a ler é substituida por outra, sem que exista necessàriamente uma relação de conteúdo entre o texto e o efeito do êrro, pois a substituição em geral se faz em virtude de uma simples semelhança entre as duas palavras. O exemplo de Lichtenberg: *Agamemnon*, em vez de *angenommen*, — é o melhor dêste grupo. Si se quer descobrir a tendência perturbadora, causa do êrro, deve-se deixar completamente de lado o texto que se leu mal e começar o exame analítico fazendo estas duas perguntas: qual a primeira idéia que vem ao espírito e que mais se aproxima do êrro cometido, e em que situação se cometeu o êrro? Às vezes, o conhecimento da situação basta por si só para explicar o êrro. Exemplo: alguem, sentindo uma certa necessidade natural, anda por uma cidade estranha e avista, à altura do primeiro andar de uma casa, uma grande taboleta onde está escrito: "CLOSEThaus" (latrina). Admira-se de ver a taboleta colocada tão alto, antes de perceber que o que devia ler era "CORSEhaus" (casa de coletes). Noutros casos, o êrro, precisamente porque independente do

conteúdo do texto, exige uma análise aprofundada que só surte efeito quando estamos exercitados na técnica psicanalítica e nela confiamos. Mas nas mais das vezes é muito mais fácil obter a explicação de um êrro de leitura. Como no exemplo de Lichtenberg (*Agamemnon* em vez de *angenommen*), a palavra substituída revela sem dificuldade o curso de idéias que constitue a fonte da perturbação. Em tempo de guerra, por exemplo, muitas vezes sucede lermos nomes de cidades, de chefes militares e expressões bélicas, que ouvimos a todo momento, cada vez que nos encontramos em face de palavras tendo certa semelhança com essas palavras e expressões. O que nos interessa e preocupa vem tomar o lugar do que nos é estranho e ainda não nos interessa. Os reflexos de nossas idéias perturbam-nos as percepções novas.

Os êrros de leitura tambem nos deparam não poucos casos em que é o próprio texto do que se lê que desperta a tendência perturbadora, a qual então o transforma o mais das vezes em seu contrário. Achamo-nos em face de uma leitura indesejável e, graças à análise, damo-nos conta de que é o desejo intenso de evitar certa leitura que é responsável por sua deformação.

Nos êrros de leitura mais freqüentes, que mencionámos em primeiro lugar, os dois fatores a que atribuimos um papel importante nos atos falhados só representam um papel muito secundário: queremos falar do conflito de duas tendências e do recalcamento de uma delas, recalcamento êsse que reage precisamente pelo ato falhado. Não é que os êrros de leitura apresentem caracteres em oposição com êstes fatores, mas a fôrça usurpadora da corrente de idéias que leva ao êrro de leitura é muito mais forte que o recalcamento que essa corrente sofrera anteriormente. E' nas diversas modalidades do ato falhado provocado pelo esquecimento que êsses dois fatores ressaltam com mais nitidez.

O esquecimento de projetos é um fenômeno cuja interpretação não tem dificuldade alguma e, como vimos, não é contestada nem pelos leigos. A tendência que perturba um projeto consiste sempre numa intenção contrária, num não-querer, do qual só nos resta saber porquê não se exprime de outro modo e de maneira menos dissimulada. Mas a existência dêste contra-querer é incontestável. E' verdade que às vezes conseguimos apreender alguma coisa das razões que obrigam a dissimular êste contra-querer: é que assim se dissimulando êle sempre atinge o seu fim que realiza no ato falhado, de passo que estaria certo de ser afastado si se apresentasse como uma contradição franca. Quando se produz, no intervalo que separa a concepção de um projeto de sua

execução, uma mudança importante da situação psíquica, alteração incompatível com a execução do dito projecto, o esquecimento dêste já não póde ser taxado de ato falhado. Êste esquecimento já não impressiona, porque nos damos conta de que a execução do projeto seria supérflua em a nova situação psíquica. O esquecimento de um projeto não pode ser considerado como um ato falhado, a não ser nos casos em que não acreditamos numa mudança desta situação.

Os casos de esquecimento de projetos são em geral tão uniformes e evidentes, que não apresentam nenhum interêsse para nossa investigação. Entretanto, em dois pontos o estudo dêste ato falho é susceptível de ensinar-nos qualquer coisa de novo. Dissemos que o esquecimento, e portanto a não-execução de um projeto, denota um contra-querer hostíl a êste. Isto continua a ser verdadeiro, mas, de acôrdo com as nossas pesquisas, o contra-querer pode ser direto ou indireto. Para mostrar o que entendemos por contra-querer ou vontade-contrária indireta, o melhor que temos a fazer é citar um ou dois exemplos. Quando o tutor se esquece de recomendar seu pupílo a uma terceira pessoa, seu esquecimento pode ter a seguinte causa: não se interessando excessivamente por seu pupílo, êle não sente grande desejo de fazer a necessária recomendação. Ao menos, é assim que o pupílo interpretará o esquecimento do tutor. Mas a situação pode ser mais complicada. A repugnância em realizar seu desígnio pode no tutor provir de outro ponto e ser orientada para outro sector. Antes de mais nada, o pupilo pode não intervir absolutamente no esquecimento, o qual seria determinado por causas relacionadas com a terceira pessoa. Vêem assim os senhores como pode ser difícil a utilização prática de nossas interpretações. Mau grado a justeza de sua interpretação, o pupilo arrisca-se a tornar-se demasiado desconfiado e injusto para com o seu tutor. Ou, ainda, quando alguem esquece uma entrevista que combinara e à qual êle próprio resolvera assistir, a razão mais verosímel do esquecimento deverá ser procurada as mais das vezes na pouca simpatia votada à pessoa com quem se deveria encontrar. Mas, nêste caso, a análise poderia demonstrar que a tendência perturbadora se refere, não à pessoa, mas ao local onde se deve realizar o encontro e que se desajaria evitar por causa de uma penosa recordação com êle relacionada. Outro exemplo: quando nos esquecemos de mandar uma carta, a tendência perturbadora pode de fato tirar sua origem do conteúdo da missiva; mas tambem pode suceder que êsse conteúdo seja perfeitamente anódino e que o esquecimento provenha do fato de êle recordar de qualquer forma o conteúdo de uma

outra carta, escrita ha tempos, e que fez nascer diretamente a tendência perturbadora. Pode-se então dizer que a vontade-contrária estendeu-se da carta anterior, onde era justificada, à carta atual, que absolutamente não a justifica. Vêem os senhores que devemos proceder com precaução e prudência, mesmo nas interpretações aparentemente mais exatas. O que tem o mesmo valor do ponto de vista psicológico pode mostrar-se susceptivel de várias interpretações do ponto de vista prático.

Fenômenos como êstes de que acabo de falar-lhes podem parecer-lhes extraordinários. Poderão perguntar de si para si: "A vontade-contrária indireta não imprime ao processo um carácter patológico?" Mas eu posso assegurar-lhes que êste processo é igualmente compatível com o estado normal, com o estado de saúde. Contudo, compreendam-me bem. Não sou absolutamente levado a admitir a incerteza de nossas interpretações analíticas. A possibilidade de múltiplas interpretações do esquecimento de projetos só subsiste enquanto não empreendemos a análise do caso e enquanto nossas interpretações só têm por base nossas suposições de ordem geral. Todas as vezes que nos entregamos à análise da pessoa interessada, sabemos com bastante certeza si se trata de uma vontade-contrária direta e qual é sua fonte.

Outro ponto é o seguinte: tendo constatado que num grande número de casos o esquecimento de um projeto tem como causa uma vontade-contrária, sentimo-nos animados a estender a mesma conclusão a uma outra série de casos em que a pessoa analisada não se contentando de não confirmar a vontade-contrária que desvendámos, nega-a pura e simplesmente. Pensem nos numerosos casos em que nos esquecemos de devolver livros que nos foram emprestados, de pagar contas ou dívidas. Devemos ter a audácia de afirmar à pessoa interessada que ela tem a intenção de guardar para si os livros, de não pagar as dívidas, mesmo que essa pessoa negue a intenção que lhe atribuímos, sem estar em condições de nos explicar sua atitude por outras razões. Dir-lhe-emos que ela tem essa intenção, mas não o sabe; que para nós, entretanto, basta que ela se tráia pelo esquecimento. O outro nos responderá que se esqueceu precisamente porque não se lembrou. Vêem assim os senhores que chegamos a uma situação em que já estivemos uma vez. Querendo dar todo o seu desenvolvimento lógico às nossas interpretações, tão variadas quão justificadas, dos atos falhados, somos infalívelmente levados a admitir que existem no homem tendências capazes de agir sem que êle o saiba. Mas, formulando esta proposição, pomo-

nos em oposição com todas as concepções em vigor na vida e na psicologia.

O esquecimento de nomes próprios, de nomes e palavras estrangeiras deixa-se igualmente explicar por uma intenção contrária, ligada direta ou indiretamente ao nome ou à palavra em questão. Já lhes citei anteriormente vários exemplos de repugnância direta para com palavras e nomes. Mas nêste gênero de esquecimentos a determinação indireta é mais freqüente, só podendo ser estabelecida, na maior parte das vezes, depois de minuciosa análise. Foi assim que a última guerra, durante a qual nos vimos obrigados a renunciar a tantas de nossas afeições antigas, creou associações as mais bizarras, que tiveram por efeito debilitar nossa memória de nomes próprios. Sucedeu-me recentemente não poder reproduzir o nome da inofensiva cidade moravia *Bisenz*, e a análise demonstrou que não se tratava absolutamente de uma hostilidade de minha parte contra essa cidade, mas que o esquecimento era antes devido à semelhança que existe entre seu nome e o do palácio *Bisenzi*, em Orvieto, no qual eu passara em tempos idos algumas épocas agradáveis. Achamo-nos aqui pela primeira vez em presença de um princípio que, do ponto de vista da motivação da tendência favorecendo o esquecimento de nomes, se revelará mais tarde como representando um papel preponderante na determinação de sintomas neuróticos: trata-se principalmente da recusa da memória de evocar lembranças associadas a sensações penosas, lembranças cuja evocação reproduziria essas sensações. Nesta tendência a evitar o desprazer que podem causar as recordações ou outros atos psíquicos, nesta fuga psíquica ante tudo o que é penoso, devemos ver a extrema razão eficaz, não só do esquecimento de nomes, mas tambem de muitos outros atos falhados, tais como negligências, êrros, etc.

Mas parece que o esquecimento de nomes é particularmente facilitado por fatores psico-fisiológicos; eis porquê podemos observá-lo, mesmo nos casos em que não intervém nenhum elemento em relação com uma sensação de desprazer. Quando nos achamos em presença de alguem que tem tendência a esquecer nomes, a investigação analítica sempre nos permitirá constatar que, si certos nomes lhe escapam, não é porque lhe desagradem ou lhe tragam à mente reminiscências desagradáveis, mas porque pertencem nêle a outros ciclos de associações com os quais se acham em relações mais estreitas. Dir-se-ía que tais nomes estão ligados a êsses ciclos e são recusados a outras associações que se podem formar segundo as circunstâncias. Recordem os artifícios da

mnemotécnica e constatarão, não sem certo espanto, que os nomes são esquecidos em conseqüência das próprias associações que estabelecemos intencionalmente para preservá-los contra o esquecimento. Temos um exemplo dos mais típicos nos nomes próprios de pessoas que, como é óbvio, devem ter, para homens diferentes, um valor psíquico diferente. Tomem, por exemplo, o prenome Teodoro. Para alguns dos senhores nada significa; para outro, é o prenome do pai, de um irmão, de um amigo, ou mesmo o dêle. A experiência analítica lhes demonstrará que os primeiros não correm o risco de esquecer que uma certa pessoa estranha usa êste nome, de passo que as outras sempre terão uma tendência a recusar a um estranho um nome que lhes parece reservado às suas relações íntimas. E agora que a êste obstáculo associativo se vêm juntar a ação do princípio do desprazer e a de um mecanismo indireto, só agora os senhores poderão fazer uma idéia adequada do grau de complicação que caracteriza a determinação do esquecimento momentâneo de um nome. Mas uma análise minuciosa é capaz de destrinçar todos os fios desta meada complicada.

O esquecimento de impressões e acontecimentos vivídos faz ressaltar, com mais nitidez e de um modo mais exclusivo do que nos casos de esquecimento de nomes, a ação da tendência que procura afastar da lembrança tudo o que é desagradável. Êste esquecimento não pode ser considerado como um ato falhado sinão na medida em que, estudado à luz da nossa experiência quotidiana, nos parece surpreendente e injustificado, isto é, quando o esquecimento afecta, por exemplo, impressões demasiado recentes ou demasiado importantes, ou impressões cuja ausência abre uma lacuna em um conjunto de que nos lembramos perfeitamente. Porquê e como podemos esquecer em geral e, entre outros, acontecimentos que, tais como os dos primeiros anos de nossa infância, certamente nos deixaram uma impressão das mais profundas? Eis um problema de ordem completamente diferente, na solução do qual podemos consignar certo papel à defesa contra as sensações de desgôsto, ainda que prevenindo que êste fator está longe de explicar o fenômeno em sua totalidade. E' um fato incontestável que as impressões desagradáveis são fàcilmente esquecidas. Numerosos psicólogos se aperceberam dêste fato. A impressão por êle produzida no grande Darwin foi tão profunda, que êle se impôs a "regra de ouro" de anotar com um cuidado particular as observações que pareciam desfavoráveis à sua teoria e que, conforme êle teve ocasião de constatar, não se queriam fixar em sua memória.

Os que ouvem falar pela primeira vez do esquecimento como meio de defesa contra as recordações penosas, raramente deixam de formular esta objeção: de acôrdo com sua experiência pessoal, são antes as reminiscências dolorosas que se apagam difícilmente, que voltam sem cessar, por mais que a gente faça por sufocá-las, e nos torturam sem descanso, como se dá, por exemplo, com as recordações de ofensas e humilhações. O fato é exato, mas a objeção não tem importância. Urge começar a contar em tempo com o fato de que a vida psíquica é um campo de batalha, uma arena onde lutam tendências opostas, ou, para falar uma linguagem menos dinâmica, que ela se compõe de contradições e pares antinômicos. Provando a existência de determinada tendência, não provamos *ipso facto* a ausência de outra tendência, agindo em sentido contrário. Ha lugar para ambas. Trata-se apenas de conhecer as relações que se estabelecem entre as oposições, as ações que emanam de uma e de outra.

A perda e a impossibilidade de encontrar objetos postos no lugar interessam-nos muito particularmente, por causa da multiplicidade de interpretações de que são susceptíveis êstes dois atos falhados e da variedade das tendências a que êles obedecem. O que é comum a todos os casos é a vontade de perder; o que difere de um caso a outro é a razão e o fim da perda. Perde-se um objeto quando êle está gasto, quando se tem a intenção de substituí-lo por um melhor, quando êle cessou de agradar, quando foi recebido por uma pessoa com a qual se deixou de manter boas relações ou quando foi adquirido em circunstâncias nas quais não se quer mais pensar. Deixar caír, deteriorar, quebrar um objeto, são outros tantos atos que podem servir para os mesmos fins. A experiência da vida social tem comprovado que os filhos impostos e nascidos fora do matrimônio são muito mais frágeis que os filhos reconhecidos como legítimos. Êste resultado não é conseqüente a uma técnica viciosa das "fazedoras de anjos"; explica-se por uma certa negligência nos cuidados que são concedidos aos primeiros. Poderia suceder que a conservação dos objetos tivesse a mesma explicação que a conservação dos filhos.

Mas noutros casos, perdem-se objetos cujo valor se mantém intato, com a única intenção de sacrificar alguma coisa à sorte, conjurando assim uma outra perda que é temida. A análise demonstra que esta maneira de conjurar a sorte é muito espalhada entre nós e que por esta razão nossas perdas são muitas vezes um sacrifício voluntário. A perda pode igualmente ser uma expressão de desafio ou de penitência. Em

suma, as motivações remotas da tendência a desembaraçar-se de um objeto pela perda são inúmeras.

Como os outros êrros, o engano é muita vez utilizado para realizar desejos que deveríamos recusar-nos. A intenção reveste então a máscara de um acaso feliz. Um de nossos amigos, por exemplo, que embarca para ir fazer, numa cidade próxima, uma visita dê que não faz muita questão, engana-se de trem na localidade onde se fazia baldeação e torna a tomar o comboio que regressa ao ponto de partida. Ou sucede ainda que, desejando no correr de uma viagem fazer numa cidade intermediária uma parada incompativel com certas obrigações, perdemos como por acaso um trem em correspondência, o que nos permite no fim de contas gozar a parada que desejavamos. Posso ainda citar-lhes o caso de um de meus doentes, a quem eu proïbira de chamar a amante pelo telefone: todas as vezes que êle me queria telefonar, chamava "por engano", mentalmente, um número errado que era precisamente o de sua amante. Eis enfim, a observação, referente a um equívoco, que nos é relatada por um engenheiro, observação elegante e de considerável importância prática, pelo fato de tornar palpaveis as preliminares dos danos causados a um objeto:

"Havia algum tempo que eu estava ocupado, com vários colegas, no laboratório da Escola Superior, trabalhando numa série de complicadas experiências sôbre a elasticidade, trabalho que empreendêramos voluntàriamente, mas que começava a ocupar-nos por mais tempo do que desejaríamos. Dirigindo-me um dia ao laboratório em companhia de meu colega, o sr. F., êste exprimiu quão desagradável lhe era ver-se forçado a perder tanto tempo naquele dia, pois tinha muito que fazer em casa. Concordei com suas palavras, e acrescentei, um pouco por pilhéria, aludindo a um incidente da semana anterior: "Felizmente, é de esperar que a máquina falhe outra vez e tenhamos de interromper a experiência. Assim poderemos saír cedo".

"Na distribuição do trabalho, tocou a F. regular a válvula da prensa, isto é, abrí-la prudentemente, para deixar passar pouco a pouco o líquido compressor dos acumuladores ao cilindro da prensa hidráulica. O diretor da experiência ficara observando o manômetro, e quando êste marcou a pressão desejada, gritou: "Alto!" Ao ouvir esta ordem, F. pegou a válvula e voltou-a, com toda a fôrça... para a esquerda (todas as válvulas, sem excepção, se fecham para a direita). Esta falsa manobra fez com que a pressão do acumulador atuasse de repente sô-

bre a prensa, coisa para a qual os tubos não estavam preparados. Resultado: partiu-se um ponto em que dois estavam soldados.

O acidente não era grave para a máquina, mas obrigou-nos a abandonar o serviço por aquele dia e a retirar-nos para as nossas casas. O que é curioso é o fato de, tempos após, ao falarmos dêste incidente, F. não poder recordar as palavras que lhe disse quando nos dirigíamos juntos ao laboratório, palavras que eu recordava com toda a segurança".

Casos como êste são de natureza a sugerir-nos a suspeita de que si as mãos de nossos criados se transformam tão freqüentemente em inimigas dos objetos que possuímos em casa, isto pode não ser devido a um acaso inofensivo. Mas podemos igualmente perguntar-nos si é tambem por acaso que nos machucamos e pomos em perigo nossa própria integridade. Suspeita e questão que a análise das observações de que os senhores poderão dispôr eventualmente lhes permitirá verificar e resolver.

Estou longe de ter esgotado tudo o que pode ser dito a respeito dos atos falhados. Restam ainda muitos pontos a examinar e discutir. Mas ficaria muito satisfeito si soubesse que consegui, pelo pouco que lhes disse, abalar suas antigas idéias sôbre o tema que nos ocupa e torná-los aptos a aceitar novas. Quanto ao resto, não sinto o menor escrúpulo em deixar as coisas no ponto a que as fiz chegar, sem ir mais além. Nossos princípios não tiram toda a sua demonstração exclusivamente dos atos falhados, e nada nos obriga a limitar nossas pesquisas, fazendo-as incidir únicamente sôbre o material que êsses atos nos fornecem. Para nós, o grande valor dos atos falhados consiste em sua frequência, no fato de cada qual poder observá-los fàcilmente em si mesmo e de sua produção não ter como condição necessária um estado mórbido qualquer.

Para terminar, eu queria apenas lembrar-lhes uma de suas perguntas que até agora deixei sem resposta: posto que, segundo os numerosos exemplos que conhecemos, os homens estão tantas vezes tão próximos da compreensão dos atos falhados e se comportam como si apreendessem seu sentido, como se explica que, de um modo geral, êsses fenômenos lhes pareçam freqüentemente acidentais, desprovidos de sentido e importância, e que se mostrem tão refratários à explicação psicanalítica ?

Os senhores têm razão: trata-se de um fato extraordinário, que pede uma explicação. Mas em vez de lhes dar esta explicação já preparada, prefiro pô-los, mercê de encadeamentos sucessivos, em condições de encontrá-la, sem que eu precise vir em seu auxílio.

SEGUNDA PARTE

O SONHO

CAPÍTULO V

DIFICULDADES E PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Descobriu-se um dia que os sintomas mórbidos de certos nervosos têm sentido (1).

Foi êsse o ponto de partida do tratamento psicanalítico. No correr dêsse tratamento, constatou-se que os doentes alegavam sonhos à guisa de sintomas. Supôs-se então que êsses sonhos tambem deviam ter um sentido.

Entretanto, em vez de seguir a ordem histórica, vamos começar nossa exposição pela extremidade oposta. A título de preparação para o estudo das neuroses, vamos demonstrar o sentido dos sonhos. Esta inversão da ordem de exposição é justificada pelo fato de que não só o estudo dos sonhos constitue a melhor preparação para o das neuroses, mas tambem o sonho em si é um sintoma neurótico, e um sintoma que apresenta para nós a vantagem inapreciável de poder ser observado em toda a gente, mesmo nos indivíduos sãos. Ainda mesmo que todos os homens fossem sãos e se contentassem com sonhar, poderíamos, pelo exame de tais sonhos, chegar às mesmas constatações que obtemos pela análise das neuroses.

E' assim que o sonho se torna objeto da investigação psicanalítica. Fenômeno ordinário, fenômeno a que se liga pouca importância, aparentemente desprovido de qualquer valor prático, como os atos falhos com os quais tem de comum o fato de tambem se produzir em pessoas

(1) Joseph Breuer, em 1880-1882. Ver a êste respeito as conferências que fiz na América em 1909 (Cinco conferências sôbre a Psicanálise).

sãs, o sonho se depara à nossa investigação em condições até desfavoráveis. Os atos falhados eram apenas negligenciados pela ciência e pouco se preocupavam com êles; mas, no fim de contas, não havia vergonha alguma em tratar dêles, e diziamos com a nossa conciência que, si ha coisas mais importantes, pode ser que os atos falhados tambem nos forneçam dados interessantes. Mas entegar-se a pesquisas sôbre os sonhos era considerado como uma ocupação não só sem valor prático e supérflua, mas ainda como um passatempo vergonhoso. Via-se nisso uma ocupação anticientífica, denotando em quem a ela se dedicava uma inclinação para o misticismo. Um médico consagrar-se ao estudo do sonho, quando a neuropatología e a psiquiatria deparam tantos fenômenos infinitamente mais sérios: tumores, às vezes do volume de uma maçã, que comprimem o órgão da vida psíquica, hemorragias, inflamações crônicas, no correr das quais podemos demonstrar ao microscópio as alterações dos tecidos ! Não, o sonho é um objeto demasiado insignificante, que não merece as honras de uma investigação !

Trata-se, além disto, de um objeto cujo carácter está em oposição com todas as exigências da ciência exata, um objeto sôbre o qual o investigador não possue nenhuma certeza. Uma idéia fixa, por exemplo, apresenta-se com contornos nítidos e bem delimitados. "Sou o imperador da China", proclama o doente em voz alta. Mas o sonho ? As mais das vezes, nem siquer se deixa contar. Quando alguem expõe seu sonho, que nos garante a exatidão de sua narrativa ? Que nos prova que êle não deforma o sonho enquanto o relata, que não lhe acrescenta pormenores imaginários, conseqüentes à incerteza de sua reminiscência ? Sem falar que a maior parte dos sonhos escapa à memória, dêles só restando fragmentos insignificantes. E é sôbre a interpretação dêste material que se quer basear uma psicologia científica ou um método de tratamento de doentes ?

Um certo excesso num julgamento sempre nos deve fazer desconfiar. E' evidente que as objeções contra o sonho, como objeto de investigação, vão demasiado longe. Dizem que os sonhos têm uma importância insignificante ? Já tivemos de responder a uma objeção do mesmo gênero a propósito dos atos falhados. Dissemo-nos então que grandes coisas podem manifestar-se por pequenos sinais. Quanto à indeterminação dos sonhos, constitue precisamente um carácter como qualquer outro; não podemos prescrever às coisas o carácter que elas devem apresentar. Aliás, tambem ha sonhos claros e definidos. E, por outro lado, a investigação psiquiátrica muitas vezes se volta para obje-

tos que padecem da mesma indeterminação, como é o caso de muitas representações obsedantes que todavia prendem a atenção de muitos psiquiatras respeitáveis e eminentes. Lembro-me do último caso que se apresentou em minha prática médica. A doente começou por declarar-me: "Assoberba-me um sentimento como de ter feito ou ter querido fazer mal a um ser vivo... A uma criança? Mas não, antes seria um cão. Tenho a impressão de tê-lo atirado de uma ponte, ou de o haver maltratado de outra forma". Podemos remediar o prejuizo resultante da incerteza das recordações que se referem a um sonho, determinando que só deve ser considerado como sendo o sonho o que o indivíduo conta e que devemos fazer abstração de tudo o que êle poude esquecer ou deformar em suas reminiscências. Enfim, não é permitido dizer de um modo geral que o sonho é um fenômeno sem importância. Todos nós sabemos por experiência própria que a disposição psíquica em que despertamos após um sonho pode manter-se durante um dia inteiro. Os médicos conhecem casos em que uma doença psíquica começou por um sonho e em que o doente conservou uma idéia fixa originária dêsse sonho. Conta-se que personagens históricas têm haurido em sonhos a fôrça de realizar certas grandes ações. Podemos, pois, perguntar de onde vem o desprêzo que os meios científicos votam ao sonho.

Vejo nêsse desprêzo uma reação contra a exagerada importância que outrora lhe fôra atribuida. Sabe-se que a reconstituição do passado não é coisa fácil. Mas podemos admitir sem hesitação que os nossos antepassados de ha três mil anos e mais sonhavam da mesma maneira que nós. Pelo que sabemos, todos os povos antigos deram aos sonhos um grande valor e consideraram-nos como sendo pràticamente utilizáveis. Nêles procuraram indicações relativas ao porvir, daí retirando presságios. Entre os gregos e os povos orientais, uma campanha militar sem intérpretes de sonhos era reputada tão impossível como em nossos dias uma campanha sem os meios de reconhecimento fornecidos pela aviação. Quando Alexandre Magno empreendeu sua expedição de conquista, tinha em seu séquito os mais afamados intérpretes de sonhos. A cidade de Tiro, que nessa época ainda era situada numa ilha, opunha ao rei uma tal resistência, que êle estava decidido a levantar o cêrco, quando viu uma noite um sátiro entregando-se a uma dansa triunfal. Tendo contado o sonho a seu adivinho, êste lhe deu a certeza de que devia ver nisso o anúncio de uma vitória sôbre a cidade. Em conseqüência ordenou o assalto, e a cidade foi tomada. Os etruscos e os romanos serviam-se de outros meios de adivinhar o futuro, mas a

interpretação dos sonhos foi cultivada e gozou de grande favor durante toda a época greco-romana.

Da literatura referente a êste ponto, só nos resta a obra capital de Artemidoro de Efeso, que dataria da época do imperador Adriano. Como se explica que a arte de interpretar os sonhos decaísse e o próprio sonho se desacreditasse? E' o que não lhes posso dizer. Não se pode ver nessa decadência e nêsse descrédito o efeito da instrução, pois a sombria Idade-Média conservou fielmente coisas muito mais absurdas que a antiga interpretação dos sonhos. Mas o fato é que o interêsse pelos sonhos degenerou pouco a pouco em superstição e encontrou seu derradeiro refúgio entre a gente inculta. O último abuso de interpretação, que se manteve até os nossos dias, consiste em saber pelos sonhos os numeros que serão sorteados na loteria. Em compensação, a ciência exata de nossos dias em muitas oportunidades se ocupou dos sonhos, mas sempre com a intenção de aplicar-lhes suas teorias psicológicas. Os médicos viam naturalmente no sonho, não um ato psíquico, mas uma manifestação psíquica de excitações somáticas. Binz declara em 1879 que o sonho é um "processo corporal, sempre inutil, muitas vezes mesmo mórbido e que está para a alma e para a imortalidade assim como um terreno arenoso, coberto de mato ruim e situado num lugar absconso, está para o éter azul que o domina das altura". Maury compara o sonho às contrações desordenadas da dansa de São Guido, em oposição com os movimentos coordenados do homem normal, e uma velha comparação assimila os sonhos aos sons que "produz um homem inexperiente em música, fazendo correr os dez dedos sôbre as teclas do piano".

Interpretar significa encontrar um sentido oculto; naturalmente não é disto que se trata, quando se deprecia a tal ponto o valor do sonho. Leiam a descrição do sonho em Wandt, em Jodl e outros filósofos modernos: todos se contentam com enumerar os pontos em que o sonho se afasta do pensamento desperto, com fazer ressaltar a decomposição das associações, a supressão do senso crítico, a eliminação de todo conhecimento e todos os outros sinais tendentes a demonstrar o pouco valor que devemos ligar aos sonhos. A única contribuição preciosa ao conhecimento do sonho, que devemos à ciência exata, refere-se à influência que exercem sôbre o conteúdo dos sonhos as excitações corporais que se produzem durante o sono.

Um autor norueguês recentemente falecido, J. Mourly-Vold, deixou-nos dois grandes volumes de pesquisas experimentais sôbre o sono,

tratando quasi únicamente dos efeitos produzidos pelos deslocamentos dos membros. Louvam-se estas pesquisas como modêlos de investigações exatas sôbre o sono. Mas que diria a ciência exata, si soubesse que queremos tentar descobrir o sentido dos sonhos? Talvez ela já se tenha pronunciado a êste respeito, mas não nos deixaremos vencer por seu julgamento. Posto que os atos falhados podem ter um sentido, nada se opõe a que o mesmo se dê com os sonhos, e em muitos casos êstes têm efectivamente um sentido que escapou à pesquisa exata. Façamos, por conseguinte, nosso o preconceito dos antigos e do povo e sigamos as pégadas dos interpretes de sonhos de outrora.

Mas, antes de mais nada, devemos orientar-nos em nossa tarefa, passar em revista o domínio do sonho. Que é um sonho? E' difícil responder a isto por uma definição. Eis porquê não tentaremos uma definição num ponto onde basta indicar uma matéria que todo o mundo conhece. Mas deveríamos fazer sobressaír os caracteres essenciais do sonho. Onde encontrá-lo? Ha tantas diferenças, e de todo o gênero, no interior da moldura que delimita nosso domínio! Os caracteres essenciais serão aqueles que poderemos indicar como sendo comuns a todos os sonhos.

Ora, o primeiro dos caracteres comuns a todos os sonhos é que quando sonhamos estamos dormindo. E' evidente que os sonhos reprecentam uma manifestação da vida psíquica durante o sono e que, si esta vida oferece certas semelhanças com a do estado de vigília, tambem se vê separada dela por diferenças consideráveis. Tal era já a definição de Aristóteles. E' possível que existam entre o sonho e o sono relações ainda mais íntimas. Somos muita vez despertados por um sonho, freqüentemente estamos a sonhar quando acordamos espontâneamente ou quando nos tiram violentamente do sono. O sonho surge assim como um estado intermediário entre o sono e a vigília. Eis-nos, por conseguinte, reconduzidos ao sono. Que é o sono?

Êste é um problema fisiológico ou biológico ainda muito discutido e discutivel. Nada podemos decidir a seu respeito, mas acho que devemos procurar caracterizar o sono do ponto de vista psicológico. O sono é um estado em que o dormente nada quer saber do mundo exterior, em que seu interêsse se acha completamente destacado dêsse mundo. E' retirando-me do mundo exterior e premunindo-me contra as excitações que dêle provêm, que eu penetro no sono. Adormeço ainda quando estou fatigado por êsse mundo e suas excitações. Adormecendo, digo ao mundo exterior: deixa-me em repouso, pois quero dormir. Ao

contrário, a criança diz: não quero dormir, não estou cansado, ainda quero ficar acordado. A tendência biológica do repouso parece pois consistir no descanso; seu carácter psicológico, na extinção do interêsse pelo mundo exterior. Em relação a êste mundo a que viemos sem querer, encontramo-nos numa situação tal, que não podemos suportá-lo de um modo ininterrupto. Eis porquê tornamos a imergir de vez em quando no estado em que estávamos antes de vir ao mundo, por ocasião de nossa existência intra-uterina. Ao menos, creamo-nos condições perfeitamente análogas às dessa existência: calor, obscuridade, ausência de excitações. Além disto, alguns dentre nós se encolhem completamente, com os membros aderindo ao corpo, e assumem, durante o sono, uma atitude anàloga a que temos nas entranhas maternas. Dir-se-ia que mesmo no estado adulto só pertencemos ao mundo por dois terços da nossa individualidade e que por um terço ainda não somos nascidos. Cada despertar matinal é para nós, nestas condições, como que um novo nascimento.

Não costumamos porventura dizer do estado em que nos achamos ao saír do sono: sinto-me como um recem-nascido? Ao dizê-lo, fazemos sem dúvida uma idéia muito falsa da sensação geral do recem-nascido. E' mais de supôr que êste se sinta muito mal. Dizemos igualmente do nascimento: ver a luz do dia.

Si o sono é o que acabamos de dizer, o sonho, longe de dever fazer parte dêle, aparece antes como um acessório inoportuno. Acreditamos que o sono sem sonhos é o melhor, o único verdadeiro; que nenhuma atividade psíquica deveria ter lugar durante o sono. Si uma atividade psíquica se produz, é que não conseguimos realizar o estado de repouso fetal, suprimir os últimos restos de qualquer atividade psíquica. Os sonhos não seriam outra coisa sinão êstes restos, e com efeito pareceria que o sonho não deve ter nenhum sentido. Outra coisa seria com os atos falhados, que são atividades do estado vigil. Mas quando durmo, depois de ter conseguido deter minha atividade psíquica, com excepção de alguns restos, não é absolutamente necessário que êsses restos tenham algum sentido. Êsse sentido, eu nem siquer poderia utilizá-lo, dado que a maior parte de minha vida psíquica está adormecida. Com efeito, só se poderia tratar de reações sob a forma de contrações, de fenômenos psíquicos diretamente provocados por uma excitação somática. Assim, os sonhos não seriam mais que restos da atividade psíquica do estado de vigília, restos apenas susceptiveis de perturbar o

sono; e só nos restaria abandonar êste tema como não fazendo parte do quadro da psicanálise.

Mas, mesmo supondo que o sonho seja inútil, nem por isso deixa de existir, e poderíamos tentar explicar-nos esta existência. Porquê não adormece a vida psíquica? Sem dúvida, porque alguma coisa se opõe a seu repouso. Agem sôbre ela excitações, a que tem de reagir. O sonho exprimiria, pois, o modo de reação da alma, durante o estado de sono, às excitações por que passa. Percebemos aqui uma via de acesso à compreensão do sonho. Podemos investigar quais são, nos diferentes sonhos, as excitações que tendem a perturbar o sono e às quais o dormente reage pelos sonhos. Assim teremos desvendado o primeiro carácter comum a todos os sonhos.

Existe um outro carácter comum? Certamente, mas, é muito mais difícil de apreender e descrever. Os processos psicológicos do sono diferem completamente dos que se passam em estado de vigília. No sono, assistimos a muitos acontecimentos em que acreditamos, quando, talvez só se trate de uma excitação que nos perturbe. Vemos sobretudo imagens visuais que às vezes podem ser acompanhadas de sentimentos, idéias, impressões, fornecidas por outros sentidos além da vista, mas sempre e em toda parte são as imagens que dominam. A dificuldade de contar um sonho provém em parte do fato de termos de traduzir imagens em palavras. Poderia desenhar-lhe meu sonho, diz muitas vezes o indivíduo, mas não saberia contá-lo. Aí não se trata, a rigor, de uma atividade psíquica reduzida, como a do fraco de espírito junto à do homem de gênio: trata-se de algo *qualitativamente* diferente, sem que se possa dizer em que consiste a diferença. G.-Th. Fechner formula em certo ponto a suposição de que o palco em que se desenrolam os sonhos (na alma) não é o das representações da vida vigil. E' uma coisa que não compreendemos, de que não sabemos que pensar; mas isto exprime bem a impressão de estranheza que nos deixa a maior parte dos sonhos. A comparação da atividade que se manifesta nos sonhos, com os efeitos obtidos pela mão de um músico inexperiente, já não nos vale aqui de nada, porque o piano tocado por essa mão emite sempre os mesmos sons, que não precisam ser melodiosos, todas as vezes que o acaso fizer os dedos tocarem as teclas. Tenhamos bem presente no espírito o segundo carácter comum dos sonhos, por incompreendido que seja.

Ainda existem outros carácteres comuns? Não encontro nenhum e de um modo geral só vejo diferenças em todos os pontos: tanto no

que concerne à duração aparente como na nitidez, no papel representado pelas emoções, na persistência, etc. Tudo se passa, a nosso ver, diferentemente do que sucederia si se tratasse apenas de uma defesa forçada, momentânea, espasmódica contra uma excitação. No que concerne, por assim dizer, às suas dimensões, ha sonhos muito curtos que se compõem de uma imagem ou de algumas raras imagens e não contêm sinão uma idéia, uma palavra; ha outros cujo conteúdo é muito rico, desenrolando-se como verdadeiros romances e parecendo durar muito tempo. Ha sonhos tão nítidos como acontecimentos da vida real, tão nítidos que, mesmo despertos, precisamos de algum tempo para verificar que só se trata de um sonho; outros ha que são desesperadamente debeis, apagados, nebulosos, e mesmo, num só e único sonho, encontram-se às vezes partes de grande nitidez, ao lado de outras que são inapreensivelmente vagas. Ha sonhos cheios de sentido ou pelo menos coerentes, e até espirituais, de uma beleza fantástica; outros são confusos, estúpidos, absurdos e até extravagantes. Certos sonhos nos deixam completamente frios, de passo que noutros, todas as nossas emoções são despertadas, e sentimos dor a ponto de chorar, angústia que nos faz acordar, espanto, encantamento, etc. A maior parte dos sonhos é ràpidamente esquecida depois de despertar ou, si se conservam durante o dia, empalidecem cada vez mais e à tarde apresentam grandes lacunas; certos sonhos, ao contrário, os das crianças, por exemplo, conservam-se tão bem que vamos encontrá-los às vezes em suas recordações, ao cabo de 30 anos, como uma impressão recente. Certos sonhos podem, como o indivíduo humano, produzir-se apenas uma vez; outros se reproduzem várias vezes na mesma pessoa, seja absolutamente idênticos, seja com ligeiras variações. Em suma, esta insignificante atividade psíquica noturna dispõe de um repertório colossal, é capaz de tornar a criar tudo o que a alma cria durante sua atividade diurna, mas nunca é a mesma.

Poder-se-ia tentar explicar todas estas variedades do sonho, supondo que correspondem aos diversos estados intermediários entre o sono e a vigília, às diversas fases do sono incompleto. Mas, si assim fosse, deveríamos, à medida que o sonho adquire mais valor, um conteúdo mais rico e maior nitidez, perceber cada vez mais distintamente que se trata de um sonho, pois nos sonhos dêste gênero a vida psíquica se aproxima ao máximo do que é em estado de vigília. E, sobretudo, não deveria haver então, ao lado de fragmentos de sonho nítidos e razoáveis, outros fragmentos desprovidos de toda nitidez, absurdos e seguidos de

novos fragmentos nítidos. Admitir a explicação que acabamos de enunciar, seria atribuir à vida psíquica a faculdade de mudar a profundidade de seu sono com uma velocidade e uma facilidade que não correspondem à realidade. Podemos, pois, dizer que esta explicação não tem fundamento. Via de regra, as coisas não são tão simples.

Até nova ordem, renunciaremos a procurar o "sentido" do sonho, para tentar, partindo dos caracteres comuns a todos os sonhos, compreendê-los melhor. Das relações que existem entre o sonho e o estado de sono, concluímos que o sonho é uma reação a uma excitação que vem perturbar o sono. E', bem o sabemos, o único ponto em que a psicologia experimental nos pode dar seu concurso, fornecendo-nos a prova de que as excitações sofridas durante o sono aparecem no sonho. Conhecemos muitas pesquisas referentes a êste ponto, até e inclusive as de Mourly-Vold de que falámos atrás, e cada um de nós teve ocasião de confirmar estas constatações por observações pessoais. Citarei algumas experiências escolhidas entre as mais antigas. Maury fez algumas em sua própria pessoa. Deram-lhe a cheirar durante o sono agua de Colônia: sonhou que se achava no Cairo, em a loja de João-Maria Farina, fato a que se ligava uma porção de aventuras extravagantes. Ou, ainda, lhe beliscavam ligeiramente a nuca: sonhou imediatamente com um emplastro e com um médico que o tratara na infância. Ou, enfim, lhe derramavam uma gota de água na fronte: sonhou que estava na Itália, transpirava muito e tomava vinho branco de Orvieto.

O que impressiona nêstes sonhos provocados experimentalmente talvez se nos depáre ainda com mais nitidez numa outra série de sonhos por excitação. Trata-se de três sonhos comunicados por um observador sagaz, Hildebrandt, e que constituem todos três reações ao ruído produzido por um despertador.

"Sáio por uma bela manhã de primavera e passeio através do campo, até a aldeia vizinha, cujos habitantes vejo em traje domingueiro, dirigindo-se em grande número à igreja, com o livro de orações à mão. Efetivamente, é domingo, e a primeira missa deve começar dentro em pouco. Decido assistí-la, mas, como faz muito calor, entro, para descansar, no cemitério que cerca a igreja. Estando ocupado em ler as diversas inscrições das lápides, ouço o sineiro subir ao campanário e avisto lá no alto o pequeno sino da aldeia, que anunciará daqui a pouco o início da prece. Ainda se mantém imovel durante uns instantes, depois começa a mover-se e, súbito, seus sons se tornam claros e

penetrantes, a ponto de porem um fim ao meu sono. Foi o despertador que tocou.

"Outra combinação. E' um claro dia de inverno. As ruas estão cobertas por uma espessa camada de neve. Devo participar num passeio em trenó; mas sou obrigado a esperar muito tempo antes que me anunciem que o trenó está diante da porta. Antes de subir a êle, faço meus preparativos: ponho a pelíça, instalo o aquecedor. Emfim, eis-me instalado no trenó. Nova demora, até que as rédeas dão aos cavalos sinal de partida. Êstes afinal encetam a marcha, os guizos violentamente sacudidos começam a fazer soar sua conhecida música de janizaros, com uma fôrça que despedaça instantâneamente a teia de aranha do sono. Ainda esta vez, tratava-se simplesmente da campaínha do despertador.

"Terceiro exemplo. Vejo uma copeira caminhar por um corredor para a sala de jantar, com uma pilha de algumas dúzias de pratos. A coluna de porcelana que ela carrega parece-me em perigo de desabar. "Cuidado, lhe advirto, toda a tua carga cairá por terra". Recebo a resposta usual de "estou acostumada, etc.", o que não me impede de acompanhar a criada com um olhar inquiéto. Com efeito, ei-la que tropeça bem no limiar da porta. A louça cái e espalha-se no soalho em mil pedaços, com um tilintar espantoso. Mas logo percebo que não se trata de um tilintar própriamente dito, e sim de um perfeito toque de campaínha. Ao despertar, constato que era o toque do despertador."

Êstes sonhos são muito belos, cheios de sentido e, ao contrário da maior parte dos sonhos, muito coerentes. Eis porquê não lhes fazemos nenhuma observação. Seu traço comum consiste em que a situação se resolve sempre por um ruído que em seguida se reconhece como sendo produzido pela campaínha de um despertador. Vemos, pois, como se produz um sonho. Mas ainda aprendemos mais alguma coisa. Quem sonha não reconhece a campaínha do despertador (êste aliás não figura no sonho), mas substitue seu ruído por um outro e interpreta cada vez de um modo diferente a excitação que interrompe o sono. Porquê? Para isto não ha nenhuma resposta: dir-se-ia que aí se trata de alguma coisa arbitrária. Mas, compreender o sonho, seria precisamente poder explicar porquê o sonhador escolhe precisamente tal ruído, e não outro, para interpretar a excitação que provoca o despertar. Pode-se mesmo objetar aos sonhos de Maury que, si vemos a excitação manifestar-se no sonho, não vemos precisamente porquê se manifesta sob tal forma dada, que absolutamente não decorre da natureza da excitação. Além

disto, nos sonhos de Maury, vemos ligar-se ao efeito direto da excitação uma multidão de efeitos secundários, como, por exemplo, as extravagantes aventuras do sonho que tem por objeto a agua de Colônia, aventuras que é impossível explicar.

Ora, notem bem que ainda é nos sonhos que vêm ter ao despertar que temos o máximo de probabilidades de estabelecer a influência das excitações interruptoras do sono. Na maior parte dos outros casos, a coisa será muito mais difícil. Nem sempre despertamos depois de um sonho e, quando nos lembramos de manhã do sonho noturno, como tornar a encontrar a excitação que talvez houvesse agido durante o sono? Conseguí uma vez, subentende-se que graças a circunstâncias particulares, constatar de repente uma excitação sonóra dêste gênero. Despertei certa manhã numa estação de altura do Tirol com a convicção de ter sonhado que o papa falecera. Procurava explicar-me êste sonho, quando minha esposa me perguntou: "Ouviste de madrugada o formidável concêrto de sinos a que se entregaram todas as igrejas e capelas?" Não, nada ouvira, pois durmo com um sono bastante profundo, mas esta comunicação me permitiu compreender meu sonho. Qual é a freqüência destas excitações que induzem quem dorme a sonhar, sem que mais tarde obtenha a menor informação a seu respeito? Talvez seja grande, talvez não. Quando a excitação já não pode ser provada, é impossível ter a menor idéia a seu respeito. Aliás, não devemos deter-nos na discussão do valor das excitações exteriores, do ponto de vista da perturbação que elas trazem ao sono, posto que sabemos que são susceptíveis de nos explicar apenas uma pequena parte do sonho, e não toda a reação que o constitue.

Mas isso não é razão para abandonar toda esta teoria, que aliás pode ser desenvolvida. Pouco importa, no fundo, a causa que perturba o sono e incita aos sonhos. Quando esta causa não reside numa excitação sensorial vinda do exterior, pode-se tratar de uma excitação cenestética, proveniente dos órgãos internos. Esta última hipótese parece muito provável e corresponde à concepção popular concernente à produção dos sonhos. Os sonhos provêm do estômago, é coisa que ouvimos dizer freqüentemente. Mas, ainda aqui, pode infelizmente suceder que uma excitação cenestética que agiu durante a noite não deixou nenhum vestígio de manhã, tornando-se por isso indemonstrável. Entretanto, não queremos desdenhar as boas e numerosas experiências que pleiteiam em favor da teoria que liga os sonhos às excitações internas. E' em geral um fato incontestável que o estado dos órgãos in-

ternos é capaz de influir sôbre os sonhos. As relações que existem entre o conteúdo de determinados sonhos, de uma parte, e o acúmulo de urina na bexiga ou a excitação dos órgãos genitais, de outra, não podem ser ignorados. Dêstes casos evidentes passamos a outros onde a ação de uma excitação interna sôbre o conteúdo do sonho parece mais ou menos verosímel, posto que êsse conteúdo tem em si elementos que podem ser considerados como uma elaboração, uma representação, uma interpretação de uma excitação dêste gênero.

Scherner, que estudou longamente os sonhos (1861), insistiu mais particularmente sôbre esta relação de causa a efeito que existe entre as excitações originárias dos órgãos internos e os sonhos, e citou alguns belos exemplos em apôio de sua tese. Quando vê, por exemplo, "duas fileiras de belos rapazes de cabelos louros e tez delicada enfrentando-se numa atitude de luta, para se precipitarem uns sôbre os outros, tocarem-se mútuamente, separando-se em seguida de novo para voltar às posições primitivas e recomeçar a luta", a primeira interpretação que se apresenta é que as fileiras de rapazes são uma representação simbólica de duas fileiras de dentes, e esta interpretação foi confirmada pelo fato de que o sonhador se encontrou, depois desta cena, na necessidade de "mandar arrancar um dente". Não parece menos plausivel a explicação que atribue a uma irritação intestinal um sonho em que o indivíduo via "corredores compridos, estreitos, sinuosos", e podemos admitir com Scherner que o sonho procura antes de tudo representar o órgão que envia a excitação por objetos que se lhe assemelham.

Não devemos, pois, recusar-nos a conceder que as excitações internas são susceptíveis de desempenhar o mesmo papel que as excitações provenientes do exterior. Infelizmente, sua intrpretação está sujeita às mesmas objeções. Num grande número de casos a interpretação por uma excitação interna é incerta ou não demonstrável; certos sonhos mal permitem suspeitar a participação de excitações que têm seu ponto de partida num órgão interno; enfim, exatamente como a excitação sensorial exterior, a excitação de um órgão interno só explica do sonho o que corresponde à reação direta à excitação e deixa-nos na incerteza quanto à proveniência das outras partes do sonho.

Notemos entretanto uma particularidade dos sonhos que põe em relêvo o estudo das excitações internas. O sonho não reproduz a excitação tal qual é: transforma-a, designa-a por uma alusão, classifica-a sob uma rubrica, substitue-a por outra coisa. Êste lado do trabalho que se realiza no correr do sonho deve interessar-nos, porque é toman-

do-o em consideração que temos probabilidades de aproximar-nos mais do que constitue a essência do sonho. Quando fazemos alguma coisa por ocasião de uma certa circunstância, esta nem sempre esgota o ato realizado. Macbeth, de Shakespeare, é uma peça de circunstância, escrita por ocasião da coroação de um rei que foi o primeiro a reunir em sua mão o cetro de três países. Mas esta circunstância histórica esgota o conteúdo da peça, explica a sua grandeza e seus enigmas? Pode suceder que as excitações exteriores e interiores que atúam sôbre quem dorme sirvam apenas para desencadear o sonho, sem nos revelar nada de sua essência.

O outro carácter comum a todos os sonhos, sua singularidade psíquica, é, de uma parte, muito difícil de compreender e, de outra parte, não oferece nenhum ponto de apôio para investigações ulteriores. As mais das vezes, os acontecimentos têm a forma visual. As excitações dão uma explicação dêste fato? Trata-se realmente no sonho da excitação que sofremos? Mas porquê é que o sonho é visual, quando a excitação ocular só desencadeia um sonho em casos excessivamente raros? Ou então, quando sonhamos com palestras ou discursos, pode-se provar que uma conversação ou outro ruído qualquer nos impressionaram o ouvido durante o sono? Tomo a liberdade de repelir enérgicamente esta última hipótese.

Posto que não nos podemos socorrer dos caracteres comuns a todos os sonhos para a explicação dêstes, talvez sejamos mais felizes apelando para as diferenças que os separam. Os sonhos são muitas vezes desprovidos de sentido, confusos, absurdos; mas tambem ha sonhos cheios de sentido, claros, razoáveis. Vejamos ràpidamente si êstes permitem explicar aqueles. Para êste fim vou-lhes contar o último sonho razoável que me foi contado por um rapaz: "Passeando na Karntnerstrasse, encontro-me com o sr. X... com o qual ando um bocado. Em seguida, dirijo-me ao restaurante. Duas senhoras e um cavalheiro vêm sentar-se à minha mesa. Sinto-me a princípio contrariado e não quero olhá-los. Finalmente, ergo os olhos e constato que são muito elegantes". Quem sonha observa a êste propósito que, na noite anterior ao sonho, estivera realmente na Karntnerstrasse onde passa habitualmente e ali encontrara efetivamente o sr. X... A outra parte do sonho não constitue uma reminiscência direta, mas parece-se até certo ponto com um acontecimento sobrevindo em época anterior. Eis um outro sonho dêste gênero, que uma senhora teve. O marido pergunta-lhe: "não é preciso mandar afinar o piano?" Ao que ela responde: "é inútil, pois

de qualquer forma será necessário mandar mudar os abafadores." Êste sonho reproduz quasi perfeitamente a conversação que ela teve na véspera com o espôso. Que aprendemos nêstes dois sonhos sóbrios? Que em certos sonhos se podem encontrar reproduções de acontecimentos do estado de vigília ou episódios que se ligam a tais acontecimentos. Já seria um resultado apreciável, si pudéssemos dizer o mesmo de todos os sonhos.

Mas não é isto o que se dá, e a conclusão que acabamos de formular só se aplica a bem poucos sonhos. Na maioria dos sonhos, não encontramos nada que se ligue ao estado de vigília, e sempre ficamos ignorando os fatores que determinaram os sonhos absurdos e insensatos. Sabemos apenas que nos achamos em presença de um problema novo. Queremos saber não sómente o que um sonho significa, mas também, quando, como nos casos que acabamos de citar, sua significação é nítida, porquê e com quê fim o sonho reproduz tal acontecimento conhecido, que se deu recentemente.

Os senhores estão sem dúvida, como eu próprio, cansados dêste gênero de investigações. Vemos que, por mais que nos interesse um problema, isto não basta, enquanto não sabemos em que direção se deve procurar sua solução. A psicologia experimental só nos fornece alguns raros dados, preciosos é verdade, sôbre o papel das excitações no desencadear dos sonhos. De parte da filosofia podemos apenas esperar que nos oponha desdenhosamente a insignificância intelectual de nosso tema. Enfim, nada queremos pedir às ciências ocultas. A história e a sabedoria dos povos nos ensinam que o sonho tem um sentido e importância, que êle antecipa o futuro, o que é difícil de admitir e não se deixa demonstrar. E' assim que nosso primeiro esfôrço se revela totalmente impotente.

Contra toda espectativa, vem-nos um auxílio de uma direção que ainda não tínhamos encarado. A linguagem, que nada deve ao acaso, mas constitue por assim dizer a cristalização dos conhecimentos acumulados, a linguagem, dizemos nós, que todavia não se deve utilizar sem precaução, conhece "sonhos acordados": são produtos da imaginação, fenômenos muito gerais que se observam tão bem nos indivíduos sãos como nos doentes e que cada um de nós pode fàcilmente estudar em si mesmo. O que distingue mais particularmente estas produções imaginárias é que receberam o nome de "sonhos acordados". Efetivamente, não apresentam nenhum dos dois caracteres comuns aos sonhos própriamente ditos. Conforme seu nome indica, não têm a menor relação com

o estado de sono, e no que se refere ao segundo carácter comum, não se trata nestas produções nem de acontecimentos, nem de alucinações, mas antes de representações: sabemos que estamos imaginando, que não vemos, e sim pensamos. Êstes sonhos se observam na época que precede a puberdade, muitas vezes desde a segunda infância, e desaparecem na idade madura, mas algumas vezes persistem até a mais adiantada velhice. O conteúdo dêstes produtos de imaginação é dominado por uma motivação muito transparente. Trata-se de cenas e acontecimentos em que o egoísmo, a ambição, a necessidade de potência ou os desejos eróticos de quem cisma encontram sua satisfação. Nos rapazes, são os sonhos de ambição que dominam; nas mulheres, que põem toda a sua ambição nos êxitos amorosos, são os sonhos eróticos que ocupam o primeiro plano. Mas muitas vezes também percebemos a necessidade erótica detrás dos sonhos masculinos: todos os êxitos e façanhas heroicas dêsses cismadores só têm por fim grangear-lhes a admiração e os favores das mulheres. Afora isto, os sonhos acordados diferem muito e sua sorte varia igualmente. Alguns dentre êles são abandonados, ao cabo de pouco tempo, para serem substituídos por outros; outros são conservados, desenvolvidos a ponto de formarem longas histórias, adaptando-se às modificações das condições de vida. Marcham por assim dizer com o tempo, dêle recebendo o "cunho" que atesta a influência da nova situação. São a matéria prima da produção poética, pois é fazendo seus "sonhos acordados" passarem por certas transformações, revestindo-os de novas formas, resumindo-os, ampliando-os, que o autor de obras de ficção cria as situações que vai pôr em seus romances, novelas ou peças teatrais. Mas é sempre o sonhador em pessoa que, diretamente ou por manifesta identificação com um outro, é o herói de seus sonhos despertos.

Êstes talvez tenham recebido tal nome pelo fato de que, no concernente ás suas relações com a realidade, não devem ser considerados como sendo mais reais que os sonhos própriamente dítos. Também pode ser que esta comunidade de nome se baseie num carácter psíquico que ainda não conhecemos, que procuramos. E' possível ainda que façamos mal em dar importância a esta comunidade de nome. São outros tantos problemas que só mais tarde poderão ser elucidados.

CAPÍTULO VI

CONDIÇÕES E TÉCNICA DA INTERPRETAÇÃO

Precisamos, pois, para fazer progredir nossas investigações sôbre o sonho, de um novo caminho, de um método novo. Vou fazer-lhes a êste respeito uma proposta muito simples: admitamos, em tudo o que se vai seguir, que o sonho não é um fenômeno somático, e sim psíquico. Sabem o que isto significa. Mas quê nos autoriza a fazê-lo? Nada. Mas tambem nada se lhe opõe. As coisas apresentam-se dêste jeito: si o sonho é um fenômeno somático, não nos interessa. Só nos pode interessar si for um fenômeno psíquico. Trabalhamos pois afirmando que realmente é tal, para ver o que pode resultar de nosso trabalho executado nestas condições. Conforme o resultado obtido, julgaremos si devemos manter nossa hipótese e adoptá-la, por sua vez, como um resultado. Com efeito, a que aspiramos, com que fim trabalhamos? Nosso fim é o da ciência em geral: queremos compreender os fenômenos, ligá-los uns aos outros e, por fim, ampliar o mais possível nosso poder sôbre êles.

Prosseguimos, pois, nosso estudo, admitindo que o sonho é um fenómeno psíquico. Mas, nesta hipótese, o sonho seria uma manifestação do sonhador, e uma manifestação que nada nos dá a saber, que não compreendemos. Ora, que fariam os senhores em presença de uma manifestação de minha parte que lhes fosse incompreensivel? Interrogar-me-iam, não é verdade? Porquê não faremos o mesmo com o indivíduo que sonha? Porquê não lhe perguntaremos o que seu sonho significa?

Recordem que já estivemos uma vez em situação igual. Tratava-se da análise de certos atos falhados, de um caso de lapso. Alguem disse: "Da sind Dinge zum *Vorschwein* gekommen" Então lhe perguntámos... não, felizmente, não fomos nós que lhe perguntámos, e sim outras pessoas, absolutamente estranhas à psicanálise, lhe pergun-

taram o que queria dizer com esta frase ininteligível. Respondeu que tencionava dizer: "Das waren *Schweinereien* (eram porcarias)", mas esta intenção fôra recalcada por uma outra, mais moderada: "Da sind Dinge zum*Vorschein* gekomen (então aconteceram coisas)"; apenas a primeira intenção, recalcada, lhe fez substituir na frase a palavra *Vorschein* por *Vorschwein*, expressão desprovida de sentido, mas que todavia acentuava sua apreciação pejorativa "das coisas que se produziram". Expliquei-lhes então que esta análise constitue o protótipo de toda investigação psicanalítica, e agora compreendem porquê a psicanálise segue a técnica que consiste, na medida do possível, em fazer resolver seus enigmas pelo próprio sujeito analisado. E' assim que por sua vez o próprio sonhador nos deve dizer o que significa seu sonho.

Entretanto, no sonho as coisas não são precisamente tão simples. Nos atos falhados, tínhamos antes de mais nada de lidar com um certo número de casos simples; depois dêstes, achámo-nos em presença de outros em que o sujeito interrogado nada queria dizer e até repelia com indignação a resposta que lhe sugeríamos. Nos sonhos, os casos da primeira categoria faltam totalmente: o sonhador diz sempre que não sabe nada. Não pode recusar nossa interpretação, porque não temos nenhuma a lhe propor. Devemos, pois, renunciar novamente à nossa tentativa? Si quem sonha não sabe de nada, si nós mesmos não temos nenhum elemento de informação e si nenhuma outra pessoa está em melhores condições, não nos resta a menor esperança de saber qualquer coisa. Pois bem, renunciem, si quiserem, à tentativa. Mas, si fazem questão de não abandoná-la, sigam-me. Em verdade lhes digo que é muito possível, que é mesmo verosímel que o sonhador saiba, a despeito de tudo, o que seu sonho significa, mas, não sabendo que o sabe, crê ignorá-lo.

Observar-me-ão a êste respeito que introduzo uma nova hipótese, a segunda desde o começo de nossas pesquisas sôbre os sonhos, e que, fazendo-o, diminúo consideravelmente o valor de meu método.

Primeira suposição: o sonho é um fenômeno psíquico. Segunda suposição: passam-se no homem fatos, psíquicos que êle conhece, sem sabê-lo, etc. Basta, me dirão os senhores, considerar a inverosimilhança destas duas suposições para desinteressar-nos completamente das conclusões que delas podem ser tiradas.

Sim, mas não lhes fiz vir aqui para revelar-lhes ou ocultar-lhes qualquer coisa. Anunciei "lições elementares servindo de introdução à psicanálise", o que não implicava absolutamente de minha parte a in-

tenção de lhes fazer uma exposição *ad usum delphini*, isto é, uma exposição uniforme, dissimulando as dificuldades, preenchendo as lacunas, lançando um véu sôbre as dúvidas, e tudo isto para lhes fazer crer em toda conciência que aprenderam alguma coisa de novo. Não. Precisamente porque os senhores são principiantes, quis apresentar-lhes nossa ciência tal qual é, com suas desigualdades e asperezas, suas pretenções e hesitações. Sei perfeitamente que o mesmo sucede em toda ciência, e sobretudo que não pode suceder diferentemente numa ciência em início. Tambem sei que o ensino se esforça as mais das vezes em dissimular a princípio aos estudantes as dificuldades e imperfeições da ciência ensinada. Formulei por conseguinte duas hipóteses, uma das quais engloba a outra, e si o fato lhes parece demasiado penoso e incerto, si estão habituados a certezas mais elevadas e a deducções mais elegantes, podem dispensar-se de seguir-me mais avante. Creio mesmo que fariam bem, nêste caso, si deixassem completamente de lado os problemas psicológicos, pois é de temer que aqui não achassem êsses caminhos exatos e seguros que estão acostumados a trilhar. Aliás é inútil que uma ciência que tem qualquer coisa a dar procure ouvintes e partidários. Seus resultados devem falar por ela, e pode esperar que êsses resultados tenham acabado por chamar a atenção.

Faço, porém, questão de advertir àqueles dentre os senhores que pretendem persistir comigo em minha tentativa, que minhas duas suposições não têm igual valor. No que concerne à primeira, segundo a qual o sonho seria um fenômeno psíquico, propomo-nos demonstrá-la pelo resultado de nosso trabalho; quanto à segunda, já foi demonstrada noutro terreno, e toma apenas a liberdade de utilizá-lo para a solução dos problemas que nos interessam aqui.

Onde e em quê domínio se demonstrou que existe um conhecimento de que entretanto nada sabemos, assim como o admitimos aqui, no que concerne ao indivíduo que sonha? Sería um fato notável, surpreendente, capaz de modificar totalmente nossa concepção da vida psíquica e que não deveria ficar oculto. Sería além disto um fato que, ainda se contradizendo em seus termos — *contradictio in adjecto* — nem por isso deixaria de exprimir alguma coisa de real. Ora, êste fato não está absolutamente oculto. Não lhe cabe a culpa si não o conhecemos ou si não nos interessa bastante; da mesma forma que não é culpa nossa si os juizos sôbre todos êstes problemas psicológicos são formulados por pessoas alheias às observações e experiências decisivas a êste respeito.

Foi no domínio dos fenômenos hipnóticos que se fez a demonstração de que falamos. Assistindo, em 1889, às impressionantes demonstrações de Liébault e Bernheim, de Nancy, fui testemunha da seguinte experiência. Mergulhava-se um homem no estado sonâmbulo, durante o qual o faziam passar por toda sorte de alucinações: ao despertar, parecia não saber nada do que se passara durante seu sono hipnótico. Ao pedido direto que Bernheim lhe fazia para contar esses acontecimentos, o indivíduo começava por assegurar que não se lembrava de nada. Mas Bernheim insistia, garantindo ao sujeito que êle o sabia, que se devia lembrar: via-se então o sujeito tornar-se hesitante, começar a reünir suas idéias, lembrar-se a princípio, como através de um sonho, da primeira sensação que lhe fôra sugerida, depois de uma outra; as reminiscências tornavam-se cada vez mais nítidas e completas, até emergirem sem a menor lacuna. Ora, pôsto que o sujeito não fôra entrementes informado por ninguem de tais coisas, estamos autorizados a concluir que, antes mesmo de ser impelido, incitado a lembrar-se, conhecia os fatos que se haviam passado durante seu sono hipnótico. Apenas, êsses fatos lhe eram inacessíveis, não sabia que os conhecia, julgava não conhecê-los. Tratava-se, por conseguinte, de um caso perfeitamente análogo ao que suspeitamos em quem sonha.

O fato que acabo de estabelecer vai sem dúvida susprecndê-los e os senhores hão de perguntar-me: Mas porquê não recorreu a essa demonstração a propósito dos atos falhados, quando chegámos a atribuir ao indivíduo que cometeu o lapso intenções verbais de que êle nada sabia e que negava ? Desde o momento em que alguem acredita nada saber sôbre acontecimentos cuja reminiscência entretanto traz em si, não é absolutamente inverosímel que ignore muitos outros de seus processos psíquicos. Êsse argumento, acrescentariam os senhores, decerto nos impressionaria, ajudando-nos a compreender os atos falhados. E' certo que eu poderia recorrer a êle em tal ocasião, si não quisesse reservá-lo para outra ocasião em que me parecesse mais necessário. Os atos falhados deram parte de sua explicação por si mesmos, e por outro lado os levaram a admitir, em nome da unidade dos fenômenos, a existência de processos psíquicos ignorados. Quanto ao sonho, somos obrigados a procurar explicações alhures, e conto além disso que, no que lhe concerne, os senhores admitirão mais fàcilmente sua assimilação à hipnose. O estado em que realizamos um ato falhado deve parecer-lhes normal, sem nenhuma similhança com o estado hipnótico. Existe, ao contrário, uma similhança bem patente entre o estado hipnótico e o estado

de sono que é a condição do sonho. Chama-se com efeito à hípnose *sono artificial*. Dizemos à pessoa que hipnotizamos: durma! E as sugestões que lhe fazemos podem ser comparadas aos sonhos do sono natural. As situações psíquicas são, nos dois casos, verdadeiramente análogas. No sono natural, desviamos nossa atenção de todo o mundo exterior; no sono hipnótico, fazemos outrotanto, com a única excepção de que continuamos a interessar-nos pela pessoa — e só por ela — que nos hipnotizou e com a qual continuamos em relação. Aliás, o que se chama *sono de nutriz*, isto é, o sono durante o qual a nutriz se mantém em relação com a criança e só por esta pode ser despertada, forma o equivalente normal do sono hipnótico. Não ha portanto a menor ousadía em estender ao sono natural uma particularidade característica da hipnose. E é assim que a suposição segundo a qual o sonhador possuíria um conhecimento de seu sonho, mas um conhecimento que lhe é momentâneamente inacessível, não se mostra totalmente desprovida de base. Notemos, aliás que aqui se abre uma terceira via de acesso ao estudo do sonho: depois das excitações interruptoras do sono, depois dos sonhos despertos, temos os sonhos sugeridos do estado hipnótico.

E agora talvez possamos reencetar nossa tarefa com mais confiança. E' portanto muito verosímel que o sonhador tenha um conhecimento de seu sonho e que se trate apenas de torná-lo capaz de recuperar êsse conhecimento e de trazê-lo até nós. Não lhe pedimos que nos diga imediatamente o sentido de seu sonho: queremos apenas permitir-lhe que encontre sua origem, que remonte ao conjunto de idéias e interêsses de onde êle proveio. Nos casos dos atos falhados (recordam-se?) principalmente naquele em que se tratava do lapso *Vorschwein*, perguntámos ao autor do lapso como deixou escapar esta palavra, e a primeira idéia que lhe veio ao espírito a êste respeito deixou-nos imediatamente satisfeitos. Quanto ao sonho, seguiremos uma técnica muito simples, calcada nêste exemplo. Perguntaremos ao sonhador como foi levado a ter tal ou tal sonho, e consideremos sua primeira resposta como uma explicação. Não tomaremos, portanto, em consideração as diferenças que possam existir entre os casos em que o indivíduo crê saber e aqueles em que não o crê; trataremos uns e outros como fazendo parte da mesma categoria.

Esta técnica é certamente muito simples, mas receio bastante que provoque uma forte oposição. Os senhores dirão: "Eis uma nova hipótese! E' a terceira e a mais inverosímel de todas! Como? Pergunta ao sonhador o que recorda acêrca de seu sonho, e considera como

explicação a primeira lembrança que lhe atravessa a mente? Mas não é necessário que êle se lembre do que quer que seja, e pode lembrar-se sabe Deus de quê! Não vemos em que baseia sua espectativa. E' denotar excessiva confiança num ponto em que um pouco mais de espírito crítico seria mais indicado. Além disto, um sonho não pode ser comparado a um lapso único, posto que se compõe de numerosos elementos. A que lembrança devemos então prestar atenção?"

Os senhores têm toda razão em suas objeções secundárias. Efetivamente, um sonho se distingue de um lapso pela multiplicidade de seus elementos, e a técnica deve levar em conta essa diferença. Eis porquê eu lhes proporia que decompusessem o sonho em seus elementos e examinassem cada elemento separadamente: assim teremos restabelecido a analogia com o lapso. Têm igualmente razão quando dizem que, mesmo interrogado a respeito de cada elemento do sonho, o indivíduo pode responder que não se lembra de nada. Ha casos, e os senhores conhecê-los-ãos mais tarde, em que podemos utilizar esta resposta, e, fato curioso, são precisamente os casos a cujo respeito nós mesmos podemos ter idéias definidas. Mas, via de regra, quando o sonhador nos disser que não tem idéia alguma, devemos contradizê-lo, insistir junto dêle, garantir-lhe que ha de ter uma idéia, e acabaremos tendo razão. Êle apresentará uma idéia, não importa qual. Participar-nos-á com a máxima facilidade certas informações a que podemos chamar históricas. Dirá: "isto sucedeu ontem" (como nos dois sonhos "sóbrios" que citámos anteriormente); ou ainda: "isto me lembra alguma coisa que sucedeu recentemente. E constataremos, procedendo desta sorte, que a ligação dos sonhos a impressões recebidas nos últimos dias que os precederam, é muito mais freqüente do que acreditávamos a princípio. Finalmente, tendo sempre o sonho como ponto de partida, o indivíduo lembrar-se-á de acontecimentos mais remotos, às vezes mesmo muito distantes.

Enganam-se entretanto no essencial. Iludem-se ao pensar que ajo arbitràriamente quando admito que a primeira idéia de quem sonha deve trazer-me o que procuro; fazem mal em dizer que a idéia em questão pode ser qualquer e sem relação alguma com o que busco e que, si minha esperança é outra, é por excesso de confiança. Já uma vez me permiti exprobar-lhes sua crença profundamente arraigada na liberdade e na espontaneidade psicológicas, e nessa ocasião lhes disse que similhante crença é completamente anti-científica e deve dissipar-se ante a

reivindicação de um determinismo psíquico. Quando o indivíduo interrogado exprime uma dada idéia, achamo-nos em presença de um fato ante o qual devemos inclinar-nos. Dizendo-o, não pretendo opor uma crença a outra. E' possível provar que a idéia exposta pelo sujeito interrogado não apresenta nada de arbitrario nem de indeterminado e que não deixa de ter relação com o que buscamos. Soube até recentemente, aliás, sem lhe ligar exagerada importância, que a psicologia experimental tambem forneceu provas dêste gênero.

Dada a importância do tema, apelo para toda a atenção dos que me ouvem. Quando peço a alguem que me diga o que lhe vem à mente em relação com determinado elemento de seu sonho, rogo-lhe que se entregue à livre associação, partindo de uma representação inicial. Isto exige uma orientação particular da atenção, orientação diferente da que tem lugar na reflexão. Alguns acham fàcilmente esta orientação; outros denotam, nêste particular, incrivel falta de jeito. Ora, a liberdade de associação ainda apresenta um grau superior: é quando abandono até esta representação inicial e só estabeleço o gênero e a espécie da idéia, convidando, por exemplo, a pessoa a pensar livremente num nome próprio ou num número. Tal idéia ainda deveria ser mais arbitrária e imprevisivel que a utilizada em nossa técnica. Pode-se todavia demonstrar que é em cada caso rigorosamente determinada por importantes dispositivos internos que, no momento em que agem, não nos são mais conhecidos que as tendências perturbadoras dos atos falhados e as tendências provocadoras dos atos acidentais.

Fiz numerosas experiências dêste gênero sôbre os nomes e os números pensados ao acaso. Outros, depois de mim, repetiram essas experiências, muitas das quais foram publicadas. Procedemos suscitando, a respeito do nome pensado, associações seguidas, as quais então já não são completamente livres, mas se acham ligadas umas às outras como as idéias evocadas a propósito dos elementos do sonho. Continúa-se até que o estímulo para formar tais associações esteja esgotado. Terminada a experiência, encontramo-nos em presença da explicação que dá as razões que presidiram a livre evocação de um nome dado e que faz compreender a importância que êsse nome pode ter para o sujeito da experiência. As experiências dão sempre os mesmos resultados, abrangem imensa variedade de casos e requerem numerosos desenvolvimentos. As associações que os números livremente pensados fazem surgir são talvez as mais probantes: desenrolam-se com tamanha rapidez, e tendem para um fim oculto com uma certeza tão incompreensivel que nos ve-

mos verdadeiramente desorientados quando assistimos à sua sucessão. Comunicar-lhes-ei um exemplo apenas de análise visando um nome, exemplo excepcionalmente favorável, posto que pode ser exposto sem demasiados rodeios.

Um dia, falando sôbre êste assunto com um de meus jovens clientes, formulei a proposição de que, a-pesar-de em tudo parecer arbitrário, cada nome livremente pensado é determinado de perto pelas circunstâncias mais próximas, pelas particularidades do sujeito da experiência e por sua situação de momento. Como êle duvidasse, propus-lhe fazermos ali mesmo uma experiência desta índole. Sabendo-o muito assíduo junto as mulheres, eu acreditava, que, convidado a pensar livremente num nome de mulher, só teria o embaraço da escolha. Êle concordou. Mas para espanto meu, e sobretudo talvez para o seu, em vez de me esmagar com uma infinidade de nomes femininos, quedou-se mudo por um instante e confessou-me em seguida que um único nome, com exclusão de qualquer outro, lhe acudia ao espírito: *Albina*. "E' extraordinário, lhe disse eu, mas que se relaciona em seu espírito com êste nome? Quantas mulheres conhece assim chamadas?" Pois bem: não conhecia nenhuma mulher chamada Albina, e nada via em seu espírito que com êste nome se relacionasse. Seria o caso de crer que a análise falhara. Na realidade, ela estava apenas concluída, e para explicar seu resultado não se fazia mister nenhuma idéia nova. Esse rapaz era excessivamente louro e, no correr do tratamento, por várias vezes eu o chamara, gracejando, de albino; além disto, estávamos ocupados, na época em que se realizou a experiência, em estabelecer o que havia de feminino em sua constituição. Era pois êle mesmo essa Albina, essa mulher que nessa ocasião mais o interessava.

Assim também as melodias que nos passam pela cabeça sem razão aparente, revelam-se à análise como sendo determinadas por uma certa série de idéias e como fazendo parte dessa série que tem o direito de nos preocupar sem que saibamos coisa alguma de sua atividade. E' então fácil de demonstrar que a evocação aparentemente involuntária dessa melodia se relaciona ou com sua letra, ou com sua origem. Todavia, não falo dos verdadeiros musicistas, a respeito dos quais não tenho experiência alguma e em cujo cérebro o conteúdo musical de uma melodia pode fornecer uma razão suficiente para sua evocação. Mas os casos da primeira categoria são os mais freqüentes. Conheço um rapaz que foi durante muito tempo literalmente obsedado pela melodia, aliás, encantadora, da ária de Paris, na "Bela Helena", e isto até o dia

em que a análise lhe revelou, em seu interêsse, a luta que se desenrolava em sua alma entre uma Ida e uma Helena.

Si idéias surgindo livremente, sem o menor constrangimento e sem esfôrço, são assim determinadas e fazem parte de certo conjunto, estamos no direito de concluir que idéias que só têm uma ligação, a que as relaciona com uma representação inicial, podem não ser menos determinadas. A análise mostra efectivamente que, afora a relação pela qual as ligámos à representação inicial, elas estão sob a dependência de certos interêsses e idéias passionais, de *complexos* cuja intervenção se mantém desconhecida, isto é, inconciente, no momento em que se produz.

As idéias que apresentam êste modo de dependência foram objeto de pesquisas experimentais muito instrutivas, que representaram na história da psicanálise um papel considerável. A escola de Wundt propusera a experiência chamada de associação, no correr da qual o indivíduo é convidado a responder, tão ràpidamente quanto possível, por uma *reação* qualquer á palavra que lhe é apresentada a título de *excitação*. Pode-se assim estudar o intervalo que decorre entre a excitação e a reação, a natureza da resposta dada a título de reação, os êrros que se podem reproduzir durante a repetição ulterior da experiência, etc. Sob a direção de Bleuler e Jung, a escola de Zurich obteve a explicação das reações que se produzem no correr da experiência de associação, pedindo ao sujeito de experiência que tornasse suas reações mais explícitas, quando não o eram bastante, mercê de associações suplementares. Verificou-se então que essas reações pouco explícitas, bizarras, eram determinadas do modo mais rigoroso pelos *complexos* do sujeito da experiência. Graças a essa constatação, Bleuler e Jung lançaram a primeira ponte que permitiu a passagem da psicologia experimental à psicanálise.

Assim edificados, os senhores poderiam dizer-me: "Reconhecemos agora que as idéias livremente pensadas são determinadas, e não arbitrárias, como tínhamos pensado. Reconhecemos igualmente a determinação das idéias que surgem em relação com os elementos dos sonhos. Mas não é isso que nos interessa. O senhor pretende que a idéia que nasce a propósito do elemento de um sonho é determinada pelo conceito do segundo plano psíquico, por nós ignorado, dêsse elemento. Ora, isto é que não nos parece demonstrado. Prevemos na verdade que a idéia que nasce a propósito do elemento de um sonho se revelará como sendo determinada por um dos *complexos* do sonhador. Mas qual é a utilidade desta constatação? Em vez de nos ajudar a compreender o

sonho, ela apenas nos proporciona, precisamente como a experiência da associação, o conhecimento dêsses chamados *complexos*. E êstes últimos, que têm a ver com o sonho?"

Os senhores têm razão, mas ha uma coisa que lhes escapa, e principalmente a razão porquê não tomei a experiência da associação como ponto de partida desta exposição. Nessa experiência, somos nós com efeito que escolhemos arbitràriamente um dos fatores determinantes da reação: a palavra que age como excitação. A reação surge, pois, como um elo intermediário entre a palavra excitação e o complexo que essa palavra desperta no sujeito da experiência. No sonho, a palavra excitação é substituida por qualquer coisa que vem da vida psíquica do sonhador, de uma fonte que lhe é desconhecida, e essa "qualquer coisa" bem poderia ser ela própria "produto" de um complexo. Eis porquê não é exagerado admitir que as idéias ulteriores que se relacionam com os elementos de um sonho, sejam, elas também, determinadas apenas pelo complexo dêsse elemento e possam por conseguinte ajudar-nos a descobrir êste.

Permitam-me demonstrar-lhes, com um outro exemplo, que as coisas se passam realmente assim como esperamos, no caso que nos interessa. O esquecimento de nomes próprios implica operações que constituem uma excelente ilustração das que se passam na análise de um sonho, com uma reserva apenas: nos casos de esquecimento todas as operações se acham reünidas numa só e mesma pessoa, de passo que na interpretação de um sonho elas se repartem entre duas pessoas. Quando esqueci momentaneamente um nome, nem por isso deixo de possuir a certeza de que sei êsse nome, certeza que no caso de quem sonha só podemos adquirir por um meio indireto, dado pela experiência de Bernheim. Mas o nome esquecido e contudo conhecido não me é acessivel. E' em vão que faço esforços para evocá-lo: a experiência não tarda a mostrar-me a inanidade de meu intento. Posso todavia evocar cada vez, no lugar de um nome esquecido, um ou vários nomes que o substituam. Quando um dêsses nomes de substituição me vem espontâneamente ao espírito, a analogia de minha situação com a que existe na análise de um sonho é evidente. O elemento do sonho também não é uma coisa autêntica; vem apenas substituir êsse "algo" que não conheço e que a análise do sonho deve revelar-me. A única diferença que existe entre as duas situações consiste em que por ocasião do esquecimento de um nome eu reconheço imediatamente e sem hesitar que tal nome evocado é apenas um nome de substituição, de passo que no

que concerne ao elemento de um sonho só chegamos a essa convicção depois de longas e penosas investigações. Ora, nos casos de esquecimentos de nomes, temos um meio de encontrar o verdadeiro nome, esquecido e mergulhado no inconciente. Quando, concentrando a atenção nos nomes de subtituïção, fazemos surgir a propósito dêles outras idéias, chegamos sempre, após rodeios mais ou menos longos, ao nome esquecido. Constatamos então que tanto os nomes de substituïção surgidos espontâneamente, como os provocados, se relacionam estreitamente com o nome esquecido e são por êle determinados.

Vou dar aqui uma análise dêste gênero. Um dia constato que esqueci o nome dêsse pequeno país da Riviera, cuja cidade mais conhecida é Monte Carlo. E' desagradável, mas é um fato. Passo em revista tudo o que sei sôbre êsse país, penso no príncipe Alberto, da casa de Matignon-Grimaldi, em seus casamentos, em sua paixão pelas explorações submarinas, em muitas coisas mais que com êsse país se relacionam, mas debalde. Cesso, pois, minhas pesquisas e deixo os nomes de substituïção surgirem em vez do nome esquecido. Êsses nomes se sucedem ràpidamente: Monte Carlo em primeiro lugar, depois Piemonte, Albânia, Montevidéu, Cólico. Nesta série, a palavra *Albânia* impõe-se mais à minha atenção, mas é imediatamente substituída por *Montenegro,* por causa do contraste entre *alvo* e *negro*. Percebo então que quatro destas palavras de substituïção contêm a sílaba *mon;* logo a seguir encontro a palavra esquecida e exclamo: *Monaco!* Os nomes de substituïção foram pois realmente derivados do nome esquecido, reproduzindo os quatro primeiros a primeira sílaba e o último a série de sílabas e toda a última sílaba. Posso ao mesmo tempo descobrir a razão que me fez esquecer momentâneamente o nome de Monaco: foi a palavra *München,* que não é sinão a versão alemã de *Monaco,* que exerceu a ação inibidora.

O exemplo que acabo de citar é certamente belo, mas demasiado simples. Noutros casos, somos obrigados, para tornar aparente a analogia com o que se passa na interpretação dos sonhos, a agrupar em tôrno dos primeiros nomes de substituïção uma série mais longa de outros nomes. Fiz várias experiências dêste gênero. Um estrangeiro me convida um dia a tomar um vinho italiano. Uma vez no café, não é capaz de se lembrar do nome do vinho que tencionava oferecer-me, porque dêle guardara as melhores recordações. Após uma longa série de nomes de substituïção surgidos em vez do nome esquecido, supus poder concluir que o esquecimento fôra efeito de uma inibição exercida pela lembrança de uma certa Hedwige. Participo essa descoberta a meu

companheiro, que não sómente confirma que tomara êsse vinho pela primeira vez em companhia de uma mulher chamada Hedwige, mas tambem consegue, graças a esta descoberta, encontrar o verdadeiro nome do vinho em questão. Na época de que lhes falo, êle era casado e feliz em seu lar; suas relações com Hedwige remontavam a uma época anterior, de que não se lembrava com prazer.

O que é possível quando se trata do esquecimento de um nome, tambem deve ser bem sucedido quando cuidamos de interpretar um sonho: deve-se principalmente poder tornar acessíveis os elementos ocultos e ignorados, graças a associações relacionadas com a substituïção tomada como ponto de partida. De acôrdo com o exemplo fornecido pelo esquecimento de um nome, devemos admitir que as associações relacionadas com o elemento de um sonho são determinadas tanto por êsse elemento como por seu substrato inconciente. Si tal suposição é exata, nossa técnica encontrará nela certa justificação.

CAPÍTULO VII

CONTEÚDO MANIFESTO E IDÉIAS LATENTES DO SONHO

Vêem os senhores que nosso estudo dos atos falhados não foi de todo inútil. Graças aos esforços que consagrámos a êsse estudo, obtivemos, sob a reserva das suposições que os senhores conhecem, dois resultados: uma concepção do elemento do sonho e uma técnica da interpretação do sonho. No que concerne ao elemento do sonho, sabemos que êle carece de autenticidade, servindo apenas de substituto a alguma coisa que o sonhador ignora, como nós ignoramos as tendências de nossos atos falhados, a alguma coisa de que o sonhador possue o conhecimento, mas um conhecimento inacessivel. Esperamos poder estender esta concepção ao sonho em sua totalidade, isto é, considerado como um conjunto de elementos. Nossa técnica consiste, deixando a associação desenvolver-se livremente, em fazer surgir outras formações substitutivas dêsses elementos e em servir-nos dessas formações para trazer à superfície o conteúdo inconciente do sonho.

Proponho-lhes agora fazer uma alteração em nossa terminologia, com o único fito de dar a nossos movimentos um pouco mais de liberdade. Em vez de dizer: *oculto, inacessivel, não autêntico,* diremos doravante, para dar a descrição exata: inacessivel à conciência de quem sonha ou *inconciente*. Como no caso de uma palavra esquecida ou da tendência perturbadora que provoca um ato falhado, aqui só se trata de coisas *momentâneamente inconcientes*. Subentende-se que os elementos próprios do sonho e as representações substitutivas obtidas pela associação serão, por contraste com êsse inconciente transitório, chamados *concientes*. Essa terminologia ainda não implica nenhuma construção teórica. O uso da palavra *inconciente,* a título de descrição exata e fàcilmente inteligivel é irrepreensivel.

Si estendemos nossa maneira de ver do elemento separado ao sonho total, verificamos que o sonho total constitue uma substituïção defor-

mada de um acontecimento inconciente e que a interpretação dos sonhos tem como tarefa descobrir êsse inconciente. Dessa constatação decorrem imediatamente três princípios, com os quais nos devemos conformar em nosso trabalho de interpretação:

1.º — A questão de saber o que significa determinado sonho não nos interessa absolutamente. Que êle seja inteligivel ou absurdo, claro ou confuso, pouco nos importa, contanto que represente de algum modo o inconciente que procuramos (mais tarde veremos que esta regra comporta uma limitação); 2.º — nosso trabalho deve limitar-se a despertar representações substitutivas em tôrno de cada elemento, sem refletir nisto, sem procurar saber si elas contêm algo de exato, sem nos preocupar de saber si e em que medida elas nos afastam do elemento do sonho; 3.º — espera-se até que o inconciente oculto, procurado, surja por si só, como no caso da palavra *Monaco*, na experiência anteriormente citada.

Compreendemos agora quão pouco importa saber em que medida, grande ou pequena, com que grau de fidelidade ou de incerteza nos lembramos de um sonho. E' que o sonho de que nos lembramos não constitue, a falar verdade, o que procuramos; é apenas uma substituïção deformada que nos deve permitir, mercê de outras formações substitutivas que fazemos surgir, aproximar-nos da essência mesma do sonho, tornar o inconciente conciente. Si, portanto, nossa recordação foi infiel, é que ela fez essa substituïção sofrer uma nova deformação, que, por sua vez, pode ser motivada.

O trabalho de interpretação pode ser feito tanto em nossos próprios sonhos como nos alheios. Aprendemos mesmo mais em nossos próprios sonhos, pois aqui o processo de interpretação se mostra mais demonstrativo. Desde que iniciamos êsse trabalho, notamos que êle tropeça em obstáculos. Temos muitas idéias, mas não deixamos todas se firmarem. Submetemo-las a provas e a uma selecção. A propósito de uma, dizemos: não, não concorda com o meu sonho, não se coaduna com êle; a propósito de outra: é demasiado absurda; a propósito de uma terceira: é demasiado secundária: e podemos observar que, graças a estas objeções, as idéias são sufocadas e eliminadas antes de terem o tempo de se tornarem claras. E' assim que, de um lado, ficamos demasiado presos à representação inicial, ao elemento do sonho, e do outro, perturbamos o resultado da associação por uma prevenção de escolha. Quando, em vez de interpretar nosso próprio sonho, o deixamos interpretar por um outro, um novo móvel intervém para favorecer

essa escolha ilícita. Às vezes dizemos no íntimo: não, esta idéia é demasiado desagradável; não quero ou não posso participá-la.

E' evidente que estas objeções são uma ameaça para o bom èxito de nosso trabalho. Devemos preservar-nos contra elas: quando se trata de nossa própria pessoa, podemos fazê-lo tomando a firme decisão de não ceder diante delas; quando se trata de interpretar o sonho de outra pessoa, impondo a esta como regra inviolável não recusar a comunicação de idéia alguma, mesmo que essa pessoa achasse determinada idéia demasiado desprovida de importância, demasiado absurda, sem relação com o sonho ou desagradável de comunicar. A pessoa cujo sonho queremos interpretar prometerá obedecer a esta regra, mas não deveremos zangar-nos si a virmos, em havendo oportunidade, faltar à promessa. Alguns pensariam então que, mau grado todas as garantias autoritárias, não pudemos convencer a pessoa da legitimidade da livre associação, e suporiam que é preciso começar por ganhar sua adesão teórica fazendo-a ler obras sôbre o assunto ou convidando-a a assistir conferências capazes de fazerem dela um adepto de nossas idéias sôbre a livre associação. Fazendo-o, cometeríamos na verdade um êrro, e para evita-lo bastará pensar que si bem estejamos seguros de nossa própria convicção, nem por isso deixamos de ver surgir em nosso íntimo, contra certas idéias, as mesmas objeções críticas, que só são afastadas ulteriormente, ou seja, em segunda instância.

Em vez de nos impacientarmos ante a desobediência do sonhador, podemos utilizar estas experiências para delas tirar novos ensinamentos, tanto mais importantes quanto para êles estamos menos preparados. Compreende-se que o trabalho de interpretação se realiza contra uma certa *resistência* que se lhe opõe e que encontra sua expressão nas críticas de que falamos. Esta resistência é independente da convicção teórica de quem sonha. Aprendemos mesmo alguma coisa mais. Constatamos que essas objeções críticas nunca são justificadas. Ao contrário, as idéias que assim desejaríamos recalcar revelam-se *sempre e sem excepção* como sendo as mais importantes e as mais decisivas, do ponto de vista da descoberta do inconciente. Uma objeção dêste gênero constitue, por assim dizer, a nota distintiva da idéia a que acompanha.

Esta resistência é algo novo, um fenômeno que descobrimos graças a nossas hipóteses, mas que absolutamente não estava implícito nelas. Êste novo fator introduz em nossos cálculos uma surpresa que não poderíamos qualificar de agradável. Já suspeitamos que êle não é feito para facilitar-nos o trabalho. Seria de molde a paralisar todos os nos-

sos esforços no sentido de resolver o problema do sonho. Lidar com uma coisa tão pouco importante como o sonho e chocar-se com dificuldades técnicas tão grandes! Mas, por outro lado, estas dificuldades são talvez de natureza a estimular-nos e a fazer-nos entrever que o trabalho vale os esforços que de nós exige. Tropeçamos sempre com dificuldades quando queremos penetrar, da substituïção pela qual se manifesta o elemento do sonho, até o seu inconciente oculto. Estamos, pois, no direito de pensar que detrás da substituïção se oculta algo importante. Qual é então a utilidade destas dificuldades, si devem contribuir para manter em seu esconderijo êsse "algo" oculto? Quando uma criança não quer abrir o punho para mostrar o que esconde na mão, é que ali oculta alguma coisa que não deveria ocultar.

No mesmo momento em que introduzimos em nossa exposição a concepção dinâmica de uma resistência, devemos advertir que se trata de um fator quantitativamente variável. A resistência pode ser grande ou pequena, e devemos estar preparados para ver essas diferenças se manifestàrem no correr de nosso estudo. Podemos talvez ligar a êste fato uma outra experiência que fazemos igualmente no decurso de nosso trabalho de interpretação dos sonhos. E' assim que em certos casos uma só idéia ou um pequeníssimo número de idéias bastam para nos conduzir do elemento do sonho a seu substrato inconciente, de passo que noutros casos, precisamos, para chegar a êsse resultado, alinhar longas cadeias de associações e refutar numerosas objeções críticas. Diremos a nós mesmos, e provàvelmente com razão, que essas diferenças dependem das variáveis intensidades da resistência. Quando a resistência é pouco considerável, a distância que separa a substituïção do substrato inconciente é mínima; mas uma forte resistência se acompanha de consideráveis deformações do inconciente, o que só pode aumentar a distância que separa a substituïção do substrato inconciente.

Seria talvez tempo de experimentarmos nossa técnica num sonho, afim de ver si o que esperamos dela se verifica. Sim, mas para isso, que sonho escolheríamos? Não seriam capazes de acreditar a que ponto esta escolha me é difícil, e ainda não lhes posso dar a compreender em que consistem essas dificuldades. Certamente deve haver sonhos que, em seu conjunto, não tenham sofrido uma grande deformação, e o melhor seria começar por êles. Mas quais são os sonhos menos deformados? Seriam os sonhos razoáveis, não confusos, de que já lhes citei dois exemplos? Nem pensem nisso. A análise demonstra que êsses sonhos haviam passado por uma deformação extraordinàriamente

grande. Si, entretanto, renunciando a qualquer condição particular, eu escolhesse o primeiro sonho que me aparecesse, os senhores provàvelmente ficariam decepcionados. Pode acontecer que tenhamos de anotar ou observar, a propósito de cada elemento de um sonho, uma tal quantidade de idéias, que nosso estudo adquirisse por isso uma amplidão impossível de abranger. Si transcrevêssemos o sonho e registrássemos todas as idéias que surgissem em tôrno dêle, estas últimas seriam capazes de ultrapassar várias vezes a extensão do texto. Pareceria, pois, perfeitamente indicado procurar para os fins de uma análise alguns sonhos curtos, cada um dos quais possa ao menos dizer-nos ou confirmar alguma coisa. Será esta a nossa decisão, a menos que a experiência nos ensine onde podemos encontrar os sonhos pouco deformados.

Depara-se-nos ainda um outro meio capaz de facilitar nosso trabalho. Em vez de visar a interpretação de sonhos inteiros, contentar-nos-emos com encarar apenas elementos isolados de sonhos, afim de ver numa série de exemplos assim escolhidos como êles se deixam explicar, graças à aplicação de nossa técnica.

a) Uma senhora conta que sendo criança sonhou muitas vezes que *o bom Deus tinha na cabeça um boné de papel pontudo*. Como compreender êste sonho sem o auxílio de quem o teve? Não parece totalmente absurdo? Mas torna-se menos bizarro quando ouvimos a dama contar-nos que quando era criança, muitas vezes lhe punham à cabeça um boné dessa espécie, porque tinha o hábito, estando sentada à mesa, de lançar olhares furtivos aos pratos de seus irmãos, afim de se assegurar si não eram melhor servidos do que ela. O boné era pois destinado, por assim dizer, a lhe tapar a vista, como se faz aos animais de tração. Eis uma informação puramente histórica, fornecida sem a menor dificuldade. A interpretação dêsse elemento e, por conseguinte, de todo o sonho consegue-se fàcilmente, graças a uma nova idéia da senhora que teve o sonho. "Como ouvi dizer que o bom Deus sabe tudo e vê tudo, meu sonho só pode significar uma coisa: como o bom Deus, sei e vejo tudo, mesmo quando querem impedir-mo". Mas êste exemplo é talvez demasiado simples.

b) Uma paciente céptica tem um sonho um pouco mais longo durante o qual certas pessoas lhe falam, elogiando muito, de meu livro sôbre o "Chiste". Depois se fala de um "*Canal*", *talvez de um outro livro em que se trata de um canal ou que tem qualquer relação com um canal... ela não sabe mais... está tudo confuso.*

Os senhores estarão talvez inclinados a crer que o elemento "canal", sendo tão indeterminado, escapará a toda interpretação. E' certo que esta tropeça em dificuldades, mas estas dificuldades não provêm da falta de clareza do elemento: ao contrário, a falta de clareza do elemento e a dificuldade de sua interpretação provêm de uma causa única. Nenhuma idéia vem ao espírito da sonhadora a propósito do canal; no que me concerne, naturalmente também não posso dizer nada a seu respeito. Um pouco mais tarde, para dizer a verdade no dia seguinte, vem-lhe uma idéia que *talvez* tenha relação com êsse elemento de seu sonho. Trata-se de um gracejo que ela ouvira contar. Num barco que fazia o trajeto Dowers-Calais, um escritor conhecido conversa com um inglês que cita, no correr da palestra, esta frase: "Do sublime ao ridículo não ha mais que um passo". O escritor responde: "Sim, o Passo de Calais". Com isto queria dizer que achava a França sublime e a Inglaterra ridícula. Mas o Passo de Calais é um *canal*, o canal da Mancha. Os senhores vão-me perguntar si vejo alguma relação entre esta idéia e o sonho. Mas certamente, pois a idéia em questão dá realmente a solução dêste enigmático elemento do sonho. Ou então, si duvidam que êste chiste tenha existido desde antes do sonho como substrato inconciente do elemento "canal", podem admitir que êle tenha sido inventado depois e pelas necessidades da causa? Esta idéia testemunha o cepticismo que nela se dissimula detrás de um espanto involuntário, donde uma resistência que explica tanto a lentidão com que a idéia surgiu como o carácter indeterminado do elemento correspondente do sonho. Considerem aqui as relações existentes entre o elemento do sonho e seu substrato inconciente: aquele é como uma pequena fração dêste, como uma alusão que se lhe faz; foi por seu isolamento do substrato inconciente que o elemento do sonho se tornou completamente incompreensivel.

c) Um paciente tem um sonho bastante longo: *vários membros de sua família estão sentados em tôrno de uma mesa que tem uma forma particular*, etc. A propósito desta mesa, lembra-se de ter visto um móvel exatamente igual por ocasião de uma visita que fez a uma família. Depois suas idéias se seguem: nessa família, as relações entre o pai e o filho não eram de extrema cordialidade; e acrescenta imediatamente que entre seu pai e êle existem relações análogas. Foi, pois, para designar êsse paralelo que a mesa se introduziu no sonho.

Êsse indivíduo estava ha muito tempo familiarizado com as exigências da interpretação do ssonhos. Um outro teria achado estranho que

se fizesse de um pormenor tão insignificante como a forma de uma mesa o objeto de uma investigação. E, com efeito, para nós não ha nada no sonho que pareça acidental ou indiferente. E' precisamente da elucidação de minúcias assim insignificantes e não motivadas que esperamos as informações que nos interessam. O que talvez ainda os assombre é que o trabalho realizado no sonho de que nos ocupamos tenha exprimido a idéia: *em nossa casa as coisas se passam como nessa família,* pela escolha da mesa. Mas terão igualmente a explicação dessa particularidade, quando eu lhes disser que a família de que se trata se chamava *Tischler*. (Em alemão, *tisch* — mesa). Acomodando os membros de sua própria família em tôrno dessa mesa, o sonhador age como si êles tambem se chamassem *Tischler*. Notem todavia como às vezes devemos ser indiscretos quando queremos participar certas interpretações de sonhos. Os senhores devem ver nisso uma das dificuldades em que, como lhes disse, tropeça a escolha de exemplo. Ter-me-ia sido fácil substituir êste exemplo por um outro, mas é provável que só evitasse a indiscreção que cometo a propósito dêste sonho ao preço de uma outra indiscreção, a propósito de outro sonho.

Aqui me parece indicado introduzir dois termos de que nos teríamos podido servir ha muito tempo. Chamaremos *conteúdo manifesto do sonho* o que o sonho nos conta, e *idéias latentes do sonho* o que está oculto e que queremos tornar acessível pela análise das idéias que surgem a propósito dos sonhos. Examinemos, pois, as relações, tais como se apresentam nos casos citados entre o conteúdo manifesto e as idéias latentes dos sonhos. Aliás, estas relações podem ser muito variadas. Nos exemplos *a* e *b* o elemento manifesto faz igualmente parte, mas numa medida bem diminuta, das idéias latentes. Uma parte do grande conjunto psíquico formado pelas idéias inconcientes do sonho penetrou no sonho manifesto, seja a título de fragmento, seja, noutros casos, a título de alusão, de expressão simbólica, de abreviação telegráfica. O trabalho de interpretação tem por tarefa completar êsse fragmento ou essa alusão, como o fizemos perfeitamente no caso *b*. A substituïção por um fragmento ou uma alusão constitue, pois, uma das formas de deformação dos sonhos. Existe, além disto, no exemplo *c* uma outra circunstância, que veremos ressaltar com mais pureza e nitidez nos exemplos que seguem.

d) O indivíduo que sonha *arrasta para trás da cama uma senhora a quem conhece*. A primeira idéia que lhe vem à mente dá-lhe o sentido dêste elemento do sonho: êle dá a essa senhora a preferência. (Tro-

cadilho entre arrastar, *hervorziehen,* e preferência, *Vorzug.* A raiz *zug* é derivada de *ziehen.*)

e) Um outro sonho: *seu irmão está fechado num cofre.* A primeira idéia substitue *cofre* por *armário* (SCHRANK), e a idéia seguinte dá imediatamente a interpretação do sonho: seu irmão *se encolhe* (SCHRANKT, *sich* EIN, em vez de *sich einschranken,* literalmente: fechar-se num armário).

f) O indivíduo que sonha *faz a ascensão de uma montanha, de onde descobre um panorama extraordinàriamente vasto.* Nada mais natural, e parece que isto não necessita de nenhuma interpretação. Seria apenas o caso de saber a que reminiscência se liga êste sonho e que razão faz surgir esta reminiscência. Êrro! Verifica-se que êste sonho tem tanta necessidade de interpretação quanto um outro, mesmo confuso e emaranhado. Não são as ascenções que êle teria feito que lhe vêm à memória. Pensa apenas em um de seus amigos, editor de uma "Revista" (em alemão *Rundschau,* golpe de vista circular), que se ocupa de nossas relações com as regiões mais afastadas da terra. O pensamento latente do sonho consiste, pois, nêste caso, na identificação de quem sonha com "aquele que passa em revista o espaço que o cerca" (*Rundschauer*).

Encontramos aqui um novo modo de relação entre o elemento manifesto e o elemento latente do sonho. Aquele é menos uma deformação que uma representação dêste, sua imagem plastica e concretá, tendo sua fonte no modo de expressar verbal. A falar verdade, trata-se ainda aqui de uma deformação, pois quando pronunciamos uma palavra, perdemos ha muito tempo a lembrança da imagem concreta que lhe deu origem, de sorte que já não a reconhecemos, quando se acha substituída por essa imagem. Si os senhores querem ter a bondade de tomar em consideração o fato de que o sonho manifesto se compõe principalmente de imagens visuais, mais raramente de idéias e palavras, compreenderão a importância particular que se deve dar a êsse modo de relação, do ponto de vista da interpretação dos sonhos. Vêem tambem que assim se torna possível crear no sonho manifesto, para toda uma série de pensamentos abstratos, imagens de substituição que aliás não são absolutamente incompatíveis com a latência das idéias. Tal é a técnica que preside à solução de nosso enigma das imagens. Mas de onde vem esta aparência de jogos de espírito que apresentam as representações dêste gênero? Eis aí uma outra questão de que não nos devemos ocupar nêste ponto.

Passarei em silêncio um quarto modo de relação entre o elemento latente e o elemento manifesto. Falar-lhes-ei a seu respeito quando êle se revelar por si mesmo na técnica. Graças a esta omissão, minha enumeração não será completa. Mas, tal como é, basta a nossas necessidades.

Agora, têm coragem de abordar a interpretação de um sonho completo? Experimentemos, afim de ver si estamos bem aparelhados para essa tarefa. Está claro que o sonho que vou escolher, sem ser dos mais obscuros, apresentará todas as propriedades, tão pronunciadas quanto possível, de um sonho.

Uma senhora jovem ainda, casada ha vários anos, tem o seguinte sonho: *Está com o marido no teatro. Uma parte da platéia acha-se completamente vazia. O marido lhe conta que Elisa L... e seu noivo tambem gostariam de vir ao teatro, mas só encontraram maus lugares (3 poltronas por 1 coroa e 50 kreuzer) que não podiam aceitar. Ela acha aliás que isto não foi uma grande desgraça.*

A primeira coisa que essa senhora nos participa a respeito de seu sonho demonstra que o pretêxto dêste já se encontra no conteúdo manifesto. Seu marido contara-lhe e recontara que Elisa L..., uma amiga que tinha a mesma idade que ela, acabara de ficar noiva. O sonho constitúe pois uma reação a essa notícia. Já sabemos que é fácil em muitos casos encontrar o pretêxto do sonho nos acontecimentos do dia que o precede e que os sonhadores indicam sem dificuldade esta filiação. Informações da mesma índole são-nos fornecidas pela sonhadora para outros elementos do sonho manifesto. Donde vem o pormenor concernente à ausência de espectadores numa parte da platéia? Êsse pormenor é uma alusão a um fato real da semana precedente. Tendo-se proposto assistir a certa representação, ela adquirira bilhetes com *antecedência,* com tanta antecedência que fôra obrigada a pagar ágio ao cambista. Chegando com o marido ao teatro, percebeu que fizera mal em apressar-se, *pois uma parte da platéia estava quasi vazia.* Nada perderia si adquirisse os bilhetes no mesmo dia do espectáculo. Aliás, o marido não deixou de gracejar com ela a respeito dessa pressa. — E donde vem a minúcia concernente à quantia de 1 coroa e 50 kreuzer? Tem sua origem num conjunto inteiramente diferente, nada tendo de comum com o anterior, si bem que tambem constitua uma alusão a uma circunstância que data do dia anterior ao sonho. Sua cunhada, tendo recebido de seu marido, como presente, a quantia de 150 coroas, não encontrara (que tolice!) nada mais urgente que correr à joalheria e tro-

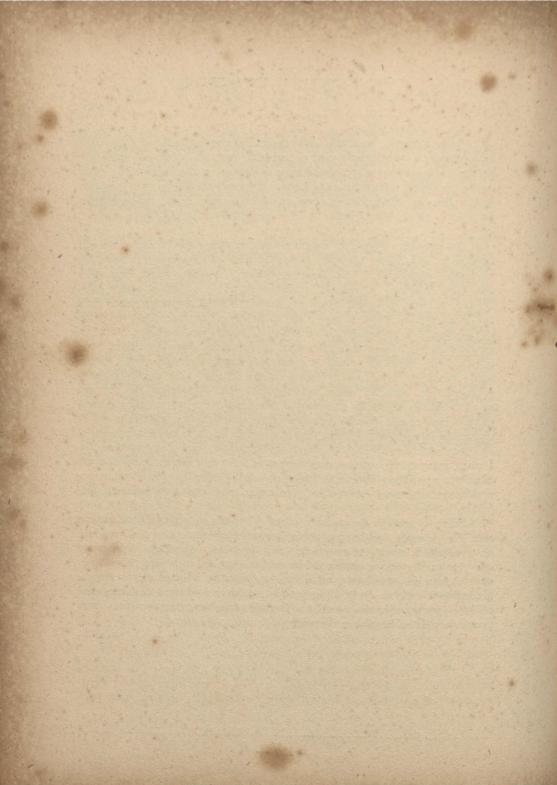
car seu dinheiro por uma jóia. — Qual a origem do número 3 (3 lugares)? Quanto a isto, a senhora nada sabe dizer-nos, a menos que, para explicá-lo, utilizemos o dado seguinte: a noiva, Elisa L..., é três meses mais jovem que ela, que já está casada ha dez anos. E como explicar o absurdo que consiste em adquirir três bilhetes para duas pessôas? A senhora não o diz, e aliás recusa qualquer novo esfôrço de memória, qualquer nova informação.

Mas o pouco que nos disse basta largamente para nos fazer descobrir as idéias latentes de seu sonho. O que deve atrair nossa atenção é que nas comunicações que nos fez a propósito de seu sonho, por várias vezes nos dá pormenores que estabelecem um laço comum entre diferentes partes. Êsses pormenores são todos de ordem *temporal*. Ela pensara nos bilhetes *demasiado cedo*, adquirira-os com *demasiada antecedência*, de sorte que foi obrigada a pagá-los mais caro; a cunhada *apressara-se* igualmente a levar o dinheiro à joalheria, para comprar uma jóia, como si tivesse medo de perdê-la. Si às noções tão acentuadas "demasiado cedo", "com antecedência", acrescentarmos o fato que serviu de pretêxto ao sonho, assim como a informação de que a amiga três meses apenas *menos idosa* que ela, ficou noiva de um excelente homem, e a crítica reprobatória dirigida à sua cunhada de que era *absurdo* apressar-se tanto, — obteremos a seguinte construção das idéias latentes do sonho, das quais o sonho manifesto é apenas uma ruim substituição deformada:

"Foi *absurdo* de minha parte ter-me apressado tanto a cacsar-me Vejo, pelo exemplo de Elisa, que nada perderia si esperasse." (A pressa é representada por sua atitude no caso da compra dos bilhetes e pela de sua cunhada na compra da joia. O casamento tem sua substituição no fato de ter ido com o espôso ao teatro.) Tal seria a idéia principal; poderíamos continuar, mas seria com menos certeza, pois aqui a análise já não poderia apoiar-se nas indicações de quem sonhou: "Pelo mesmo dinheiro poderia ter encontrado um 100 vezes melhor" (150 coroas formam uma quantia 100 vezes superior a 1 coroa e 50 kreuzer). Si substituirmos a palavra *dinheiro* pela palavra *dote*, o sentido da última frase seria que é com o dote que se adquire o marido: a joia e os bilhetes maus de teatro seriam então noções que se vêm substituir à de *marido*. Seria ainda mais desejável saber si o elemento "3 entradas" se refere igualmente a um homem. Mas nada nos permite ir tão longe. Descobrimos apenas que o sonho em questão exprime a *desestima* da mulher pelo marido e sua pena de *ter-se casado tão cedo*.

A meu ver, o resultado desta primeira interpretação de um sonho é de molde a surpreender-nos e perturbar-nos, ao envez de nos satisfazer. Depara-se-nos uma multidão de coisas, o que nos torna extremamente difícil orientar-nos. Desde já percebemos que não esgotaremos todos os ensinamentos que se depreendem desta interpretação. Demo-nos pressa em separar o que consideramos como dados novos e certos.

Em primeiro lugar: E' espantoso que o elemento da pressa se ache acentuado nas idéias latentes, enquanto não encontramos vestígio dêle no sonho manifesto. Não fosse a análise, jamais teríamos suspeitado que êste elemento representa qualquer papel. Afigura-se pois possível que a coisa principal, o centro mesmo das idéias inconcientes falte nos sonhos manifestos, o que é de natureza a imprimir uma modificação profunda à impressão que o sonho deixa em seu conjunto. Em segundo lugar: Acha-se no sonho uma aproximação absurda: 3 por 1 coroa 50; nas idéias do sonho encontramos esta proposição: foi um absurdo (casar-se tão cedo). Pode-se negar de um modo absoluto que a idéia *foi um absurdo* esteja representada pela introdução de um elemento absurdo no sonho manifesto? Em terceiro lugar: um exame comparado nos revela que as relações entre os elementos manifestos e os elementos latentes estão longe de ser simples; em todo caso, nem sempre acontece que um elemento manifesto substitua um elemento latente. Devem antes existir entre os dois campos relações de conjunto, podendo um elemento manifesto ocupar o lugar de vários elementos latentes, e podendo um elemento latente ser substituído por vários elementos manifestos.

Sôbre o sentido do sonho e sôbre a atitude da senhora que o teve ante êle, haveria igualmente coisas surpreendentes a dizer. Ela adere na verdade à nossa interpretação, mas mostra-se admirada. Ignorava que tivesse tão pouca estima pelo marido; e ignora as razões pelas quais deve deixar de estimá-lo a tal ponto. Ainda ha muitos pontos incompreensíveis. Creio decididamente que ainda não estamos bastante aparelhados para poder empreender a interpretação dos sonhos e que ainda precisamos de indicações e de uma preparação suplementar.

CAPÍTULO VIII

SONHOS INFANTÍS

Temos a impressão de haver-nos adiantado demasiado depressa. Voltemos um pouco atrás. Antes de tentar o último ensaio de vencer, graças à nossa técnica, as dificuldades decorrentes da deformação dos sonhos, tínhamo-nos dito que o melhor seria contornar essas dificuldades, atendo-nos exclusivamente aos sonhos nos quais (supondo que existam) a deformação não se produziu ou só foi insignificante. Êste processo vai aliás de encontro à história de nosso conhecimento, pois, na realidade, é sòmente depois de uma aplicação rigorosa da técnica de interpretação a sonhos deformados e depois de uma análise completa dêstes, que nossa atenção se vê atraída para a existência de sonhos não deformados.

Os sonhos que procuramos observam-se nas crianças. São breves, claros, coerentes, fàcilmente inteligíveis, inequívocos, e no entanto são incontestàvelmente sonhos. A deformação dos sonhos observa-se nas crianças, muito cedo mesmo; conhecemos sonhos de crianças de 5 a 8 anos, que já apresentam todos os caracteres dos sonhos mais tardios. Si todavia limitarmos as observações à idade compreendida entre os princípios discerníveis da atividade psíquica e o quarto ou quinto ano, encontramos uma série de sonhos apresentando um caráter que se pode chamar infantil e de que podemos ocasionalmente encontrar exemplos em crianças mais idosas. Em certas circunstâncias, podemos observar, mesmo em pessoas adultas, sonhos que têm um tipo perfeitamente pueril.

Pela análise dêsses sonhos infantis, podemos muito fàcilmente e com grande certeza obter, sôbre a natureza do sonho, dados que, é lícito esperá-lo, se mostrarão decisivos e universalmente válidos.

1.° — Para compreender êsses sonhos, não precisamos de análise, nem da aplicação de qualquer técnica. Não se deve interrogar o menino que conta o sonho. Mas é preciso completar êste com uma nar

rativa referente à vida da criança. Ha sempre um acontecimento que, tendo-se dado no dia que precede o sonho, nos explica êste. O sonho é a reação do sono a êste acontecimento do estado de vigília.

Citemos alguns exemplos que servirão de apôio a nossas conclusões ulteriores.

a) Um menino de 22 meses é encarregado de oferecer a alguem, a título de congratulação, um cesto de cerejas. Desempenha a missão manifestamente muito a contragosto, mau grado a promessa de que em recompensa também receberia algumas cerejas. Na manhã seguinte conta, em seu tatibitati, ter sonhado que "*Hermann comeu todas as cerejas*".

b) Uma menina de três anos e três meses faz sua primeira viagem por mar. No momento do desembarque, não quer deixar o navio e põe-se a chorar amargamente. Parece-lhe que a duração da viagem foi demasiado curta. Na manhã seguinte, conta: "*Esta noite viajei no mar*". Devemos completar esta narrativa, dizendo que esta viagem durou mais tempo do que a menina dizia.

c) Um menino de cinco anos e meio é levado numa excursão a *Escherntal*, perto de *Hallstatt*. Ouvira dizer que *Hallstatt* ficava ao pé do Dachstein, montanha pela qual muito se interessava. De sua residência em Aussee via-se muito bem o Dachstein e nêle se podia distinguir, com um óculo de alcance, *Simonyhütte*. O menino várias vezes tratara de avistá-lo através do óculo, mas não se sabe com que resultado. Começou a excursão em disposição jovial, dado que tinha muito excitada a curiosidade. Todas as vezes que se avistava um monte, o menino perguntava: "E' êsse o Dachstein?" Tornava-se cada vez mais taciturno, à medida que ia recebendo respostas negativas; acabou por não pronunciar mais palavra alguma e recusou tomar parte numa pequena ascenção que queriam fazer para ir ver a torrente. Supuseram que estivesse cansado; mas no dia seguinte êle contou todo contente: "Sonhei esta noite *que estivemos em Simonyhütte*." Fôra, pois, na espectativa dessa visita que tomara parte na excursão. No que se refere a pormenores, só deu aquele que ouvira anteriormente, a saber que para chegar à cabana é preciso subir degraus durante seis horas.

Êstes três sonhos bastam para todos os dados que podemos desejar.

2.° Vê-se que êstes sonhos de criança não são desprovidos de sentido: são *atos psíquicos inteligíveis, completos*. Lembrem-se do que lhes disse a respeito do juizo dos médicos sôbre os sonhos, e principalmente sôbre a comparação com os dedos que o musicista inhábil faz cor-

rer sobre o teclado do piano. A oposição flagrante entre os sonhos infantis e esta concepção decerto não lhes escapará. Mas tambem seria extraordinário que a criança fosse capaz de realizar durante o sono atos psíquicos completos, quando, nas mesmas condições, o adulto se contentaria com reações convulsiformes. Temos aliás todas as razões para atribuir à criança um sono melhor e mais profundo.

3.º Êstes sonhos de criança que não sofreram deformação alguma não exigem nenhum trabalho de interpretação. Aqui o sonho manifesto e o sonho latente se confundem. *A' deformação não constitúe pois um caracter natural do sonho.* Espero que isto lhes tirará um pêso do peito. Contudo, devo advertir-lhes que, refletindo mais de perto, seremos obrigados a conceder mesmo a êstes sonhos uma pequenina deformação, uma certa diferença entre o conteúdo manifesto e as idéias latentes.

4.º O sonho infantil é uma reação a um acontecimento do dia que deixa atrás de si uma saudade, uma tristeza, um desejo insatisfeito. *O sonho traz consigo a realização direta, não velada, dêsse desejo.* Lembrem-se agora do que dissemos a respeito do papel das excitações corporais exteriores e interiores, consideradas como perturbadoras do sono e produtoras de sonhos. Apreendemos nêste particular fatos perfeitamente certos, mas só um pequeno número de fatos se prestava a esta explicação. Nêstes sonhos infantís nada indica a ação de excitações somáticas; nêste ponto, nenhum êrro é possível, pois os sonhos são perfeitamente inteligíveis e fáceis de abranger com um só olhar. Mas isto não é razão para abandonar a explicação etiológica dos sonhos pela excitação. Podemos apenas perguntar como é possível que tenhamos esquecido desde o início que o sono pode ser perturbado por excitações não sómente corporais, mas também psíquicas? Sabemos entretanto que é pelas excitações psíquicas que o sono do adulto é mais freqüentemente perturbado, pois elas o impedem de realizar a condição psíquica do sono, isto é, a abstração de todo interêsse pelo mundo exterior. O adulto não adormece, porque hesita em interromper sua vida ativa, seu estudo ou trabalho em coisas que o interessam. Na criança, esta excitação psíquica, perturbadora do sono, é fornecida pelo desejo insatisfeito, ao qual ela reage pelo sonho.

5.º Partindo daí, chegamos, pelo caminho mais curto, a conclusões sobre a função do sonho. Na qualidade de reação à excitação psíquica, o sonho deve ter por função afastar essa excitação, afim de que o sono possa prosseguir. Por quê meio dinâmico o sonho desempenha

esta função? E' o que por enquanto ignoramos. Mas desde já podemos dizer que, *longe de ser*, conforme lho censuram, *um perturba-sono, o sonho é um guardião do sono, que êle defende contra o que é susceptível de perturbá-lo*. Quando acreditamos que sem o sonho teríamos dormido melhor, laboramos em êrro; na realidade, si não fosse o sonho, não teríamos dormido absolutamente. E' a êle que devemos o bocado de sono que desfrutámos. Êle não poude evitar ocasionar-nos certos incômodos, assim como o guarda-noturno tambem é obrigado a levantar certo rumor, quando persegue os que com seu escândalo intempestivo nos teriam perturbado em grau infinitamente maior.

6.º O desejo é o excitante do sonho; a realização do desejo forma o conteúdo do sonho. Tal é um dos caracteres fundamentais do sonho. Outro carácter, não menos constante, consiste em que o sonho, não contente de exprimir um pensamento, representa êsse desejo como realizado, sob a forma de um pensamento psíquico alucinatório. *Quisera viajar no mar*: tal o desejo excitador do sonho. *Viajo no mar*: tal é o conteúdo do sonho. Persiste pois, até nos sonhos infantis tão simples, uma diferença entre o sonho latente e o sonho manifesto, uma deformação do pensamento latente do sonho: *é a transformação do pensamento em acontecimento vivido*. Na interpretação do sonho, é preciso antes de tudo fazer abstração desta pequena transformação. Si fosse verdade que aqui se tratasse de um dos caracteres mais gerais do sonho, o fragmento do sonho citado mais acima: *vejo meu irmão fechado num cofre*, deveria ser traduzido não por: *meu irmão se encolhe*, mas por: *eu quisera que meu irmão se encolhesse, meu irmão deve encolher-se* (ou restringir-se, ou trancar-se). Dos dois caracteres gerais do sonho que acabamos de fazer ressaltar, o segundo tem mais probabilidades de ser aceito sem oposição. E' só depois de demoradas investigações e estudando um material abundante, que podemos demonstrar que o excitador do sonho deve sempre ser um desejo, e não uma preocupação um projeto ou uma censura; mas isto deixará intato o outro carácter do sonho que consiste em que êste, em vez de reproduzir a excitação pura e simplesmente, suprime-a, afasta-a, esgota-a, por uma espécie de assimilação vital.

7.º Atentando nêstes dois caracteres do sonho, podemos retomar a comparação entre êste e o ato falhado. Nêste último, distinguimos uma tendência perturbadora e uma tendência perturbada, e no próprio ato falho veremos um acôrdo entre estas duas tendências. O mesmo esquema se aplica ao sonho. No sonho, a tendência perturbada não pode

ser sinão a tendência a dormir. Quanto à tendência perturbadora, substituímo-la pela excitação psíquica, e portanto pelo desejo que exige sua satisfação: efectivamente, não conhecemos até agora outra excitação psíquica susceptivel de perturbar o sono. Por conseguinte, o sonho também resultaria de um compromisso, de uma concessão mútua. Dormindo, sentimos a satisfação de um desejo; satisfazendo um desejo, continuamos a dormir. Ha satisfação parcial e supressão parcial de um e de outro.

8.º Recordem a esperança que tínhamos concebido anteriormente de poder utilizar, como via de acesso à inteligência do problema do sonho, o fato de que certos produtos, muito transparentes, da imaginação receberam o nome de *sonhos despertos*. Com efeito, êstes sonhos despertos não passam de realizações de desejos ambiciosos e eróticos, que conhecemos muito bem; mas, si bem que vivamente representadas, essas realizações de desejo são apenas pensadas e nunca tomam a forma de acontecimentos alucinatórios da vida psíquica. E' assim que dos dois caracteres principais do sonho, é o menos certo que é mantido aqui, de passo que o outro desaparece, porque depende do estado de sono e não é realizável na vida de vigília. A própria linguagem corrente parece suspeitar que o principal carácter dos sonhos consiste na realização de desejos. Digamos de passagem que si os acontecimentos vividos no sonho não passam de representações transformadas e tornadas possíveis pelas condições do estado de sono, e portanto dos "sonhos despertos noturnos", compreendemos que a formação de um sonho tenha por efeito suprimir a excitação noturna e satisfazer o desejo, pois a atividade dos sonhos despertos também implica a satisfação de desejos e só se exerce visando essa satisfação .

Outras maneiras de falar exprimem ainda o mesmo sentido. Todo o mundo conhece os provérbios: "O porco sonha com a lavagem, o urubú com a carniça", ou a pergunta: "Com que sonha a galinha?" cuja resposta é: "Com os grãos de milho." E' assim que, descendo ainda mais baixo do que fizemos, isto é, da criança ao animal, o provérbio também vê no conteúdo do sonho a satisfação de uma necessidade. São em grande número as expressões que traduzem o mesmo sentido: "belo como num sonho", "nunca teria sonhado tal coisa", "é uma coisa que nunca me teria passado pela idéia, mesmo em meus sonhos mais audazes". Aí existe, de parte do vernáculo, uma evidente idéia preconcebida. Também ha sonhos que se acompanham de angústia, sonhos que deparam um conteúdo penoso ou indiferente, mas êsses sonhos não receberam hospitalidade da

linguagem usual. E' verdade que essa linguagem fala de sonhos "maus", mas o sonho sem adjetivo é para ela sómente o sonho que proporciona a doce satisfação de um desejo. Não existe provérbio em que se trate de porcos ou galinhas sonhando que estão sendo sangrados.

Teria sido dècerto incompreensível que os autores que trataram do sonho não tivessem percebido que sua principal função consiste na realização de desejos. Ao contrário, muitas vezes notaram êsse carácter, mas ninguem jamais teve a idéia de reconhecer-lhe um alcance geral e de fazer dêle o ponto de partida da explicação do sonho. Temos uma forte suspeita (e mais adiante voltaremos a isto) sôbre o que poude impedí-los de fazê-lo.

Mas pensem em todos os dados preciosos que pudemos obter, quasi sem dificuldade, do exame dos sonhos infantis. Sabemos antes de mais nada que o sonho tem por função guardar o sono, que êle resulta do encontro de duas tendências opostas, uma das quais, a necessidade de sono, é constante, de passo que a outra procura satisfazer uma excitação psíquica. Possuímos, além disto, a prova de que o sonho é um ato psíquico, significativo, e conhecemos seus dois principais caracteres, satisfação de desejos e vida psíquica alucinatória. Ao adquirir estas noções todas, mais de uma vez tivemos a tentação de esquecer que tratávamos de psicanálise. Afora sua ligação com os atos falhados, nosso trabalho nada tinha de específico. Qualquer psicólogo, mesmo ignorando totalmente as premissas da psicanálise, poderia dar esta explicação dos sonhos infantis. Porquê nenhum psicólogo chegou a fazê-lo?

Si não houvesse sonhos infantís, o problema estaria resolvido, nossa tarefa terminada, sem que precisássemos interrogar o sonhador, fazer intervir o inconciente, recorrer à livre associação. Já constatámos, em várias oportunidades, que caracteres, a que tínhamos começado por atribuir um alcance geral, na realidade só pertenciam a uma certa categoria e a um certo número de sonhos. Trata-se, pois, de saber si os caracteres gerais que nos deparam os sonhos infantis são mais estáveis, si pertencem igualmente aos sonhos menos transparentes, cujo conteúdo manifesto não apresenta relação alguma com a sobrevivência de um desejo diurno. De acôrdo com a nossa maneira de ver, êstes sonhos sofreram uma deformação considerável, o que não nos permite pronunciar-nos a seu respeito imediatamente. Tambem entrevemos que, para explicar esta deformação, precisaremos da técnica psicanalítica que pudemos dispensar quando da aquisição de nossos conhecimentos relativos aos sonhos infantís.

Ainda existe um grupo de sonhos não deformados que, tais como os sonhos de crianças, surgem como realizações de desejos. São os sonhos que, durante todo o correr da vida, são provocados pelas imperiosas necessidades orgânicas: fome, sêde, necessidades sexuais. Constituem portanto realizações de desejos em reação a excitações internas. E' assim que uma menina de 19 meses tem um sonho composto de um cardápio, a que ela acrescentara seu nome (*Ana F..., morangos, framboesas, omelete, caldo*): êste sonho é uma reação à dieta a que fôra submetida durante um dia, por causa de uma indigestão que fôra atribuida à ingestão de morangos e framboesas. A avó desta pequerrucha, cuja idade somada à dela dava um total de 70 anos, foi obrigada, por causa de perturbações que lhe ocasionara sua ptose renal, a deixar de alimentar-se durante um dia inteiro: na noite seguinte, sonha que foi convidada a jantar em casa de amigos que lhe oferecem os melhores bocados. As observações referentes a prisioneiros privados de alimentos, ou pessoas que, no correr de viagens e expedições, se vêem submetidas a duras privações, mostram que nestas condições todos os sonhos têm por objeto a satisfação de desejos que não podem ser satisfeitos na realidade. Em seu livro *Antartic* (vol. I, p. 336, 1904), Otto Nordenskjöld fala assim da equipagem que com êle invernara: "Nossos sonhos, que nunca foram mais vivos e numerosos que então, eram muito significativos, ao indicarem nitidamente a direção de nossas idéias. Mesmo aqueles de nossos camaradas que, na vida normal, só excepcionalmente sonhavam, todas as manhãs tinham de nos contar longas histórias, quando nos reuníamos para permutar nossas últimas experiências hauridas no mundo da imaginação. Todos êstes sonhos se referiam ao mundo exterior de que estávamos tão distantes, mas tambem muitas vezes à nossa situação atual... Comer e beber: tais eram os centros em tôrno dos quais nossos sonhos gravitavam as mais das vezes. Um de nós, que tinha a especialidade de sonhar com grandes banquetes, sentia-se encantado quando nos podia anunciar de manhã que tomara uma refeição composta de três pratos; outro sonhava com tabaco, montanhas de tabaco; outro ainda via em seus sonhos o barco navegar de velas pandas em águas livres. Ainda ha outro sonho digno de menção: o carteiro traz a correspondência e explica porquê se fez esperar tanto tempo; teria havido um engano em sua distribuição e só com muita dificuldade conseguira tornar a encontrar as cartas. Ocupavamo-nos naturalmente no sono de coisas ainda mais impossíveis; mas em todos os sonhos que eu próprio tive ou que ouvi contar, a pobreza de imaginação era perfeitamente extraor-

dinaria. Si todos êsses sonhos pudessem ser anotados, teríamos aí documentos de um grande interêsse psicológico. Mas é fácil de compreender como o sonho era benvindo para nós todos, posto que nos podia proporcionar o que mais ardentemente desejávamos." Cito ainda, conforme Du Prel: "Mungo Park, tendo caído, durante uma viagem através da África, num estado quasi de inanição, sonhava todo o tempo com os vales e planícies verdejantes de sua terra natal. Era assim que Trenck, atormentado pela fome, se via sentado numa cervejaria de Magdeburgo ante uma mesa coberta de opíparas refeições. E George Back, que tomou parte na primeira expedição de Franklin, sonhava sempre e regularmente com lautas comidas, mas veio a morrer literalmente de fome após terríveis privações".

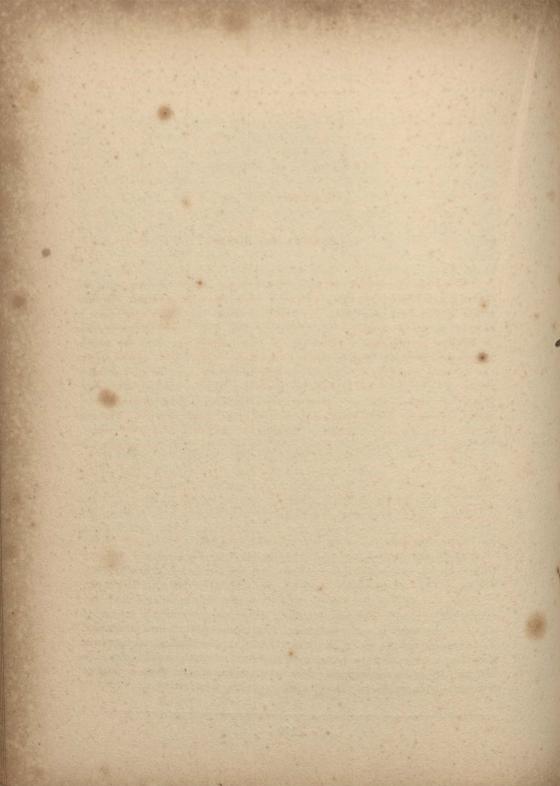
Aquele que, depois de comer iguarías temperadas, sente sêde durante a noite, sonha fàcilmente que está bebendo. E' naturalmente impossivel suprir pelo sonho uma sensação de sêde ou fome mais ou menos intensa; despertamos dêsses sonhos com sêde e vemo-nos obrigados a beber água verdadeira. Do ponto de vista prático, o serviço que os sonhos prestam nêstes casos é insignificante, mas não é menos evidente que êles têm por fim manter o sono em que pese à excitação que impele ao despertar e à ação. Quando se trata de necessidades menos intensas, os sonhos de satisfação exercem freqüentemente uma ação eficaz.

Assim tambem, sob a influência das excitações sexuais, o sonho proporciona satisfações que todavia apresentam particularidades dignas de ser anotadas. A necessidade sexual, como depende menos estreitamente de seu objeto que a fome e a sêde dos seus, pode receber, graças à emissão involuntária do líquido espermático, uma satisfação real; e em conseqüência de certas dificuldades, de que trataremos mais tarde, inerentes às relações com o objeto, muitas vezes sucede que o sonho que acompanha a satisfação real apresenta um conteúdo vago ou deformado. Esta particularidade das emissões involuntárias de esperma faz com que estas, segundo a observação de Otto Rank, se prestem muito bem ao estudo das deformações dos sonhos. Todos os sonhos de adultos que têm por objeto necessidades contêm aliás, além da satisfação, alguma coisa mais, alguma coisa que provém das fontes de excitação psíquicas e que, para ser compreendida, precisa ser interpretada.

Aliás não afirmamos que os sonhos de adultos que, formados sôbre o modêlo dos sonhos infantís, implicam a satisfação de desejos, só se apresentam a título de reações às necessidades imperiosas que enunciámos acima. Conhecemos igualmente sonhos de adultos, breves e cla-

ros, que, nascidos sob a influência de certas situações dominantes, provêm de fontes de excitações incontestavelmente psíquicas. Tais são, por exemplo, os sonhos de impaciência: depois de fazer os preparatívos para uma viagem, ou tomar todas as disposições para assistir a um espectáculo que nos interessa particularmente, ou a uma conferência, ou para fazer uma visita, sonhamos de noite que o fim que nos propúnhamos foi alcançado, que assistímos à representação ou que conversamos com a pessoa que íamos visitar. Tais são ainda os sonhos que com razão denominamos "de preguiça": pessoas que gostam de prolongar seu sono, sonham que já se levantaram, que se estão lavando ou já se acham entregues a suas ocupações, quando na realidade continuam a dormir, demonstrando que preferem estar de pé no sonho a erguer-se verdadeiramente. O desejo de dormir que, como vimos, participa normalmente na formação de sonhos, manifesta-se muito nitidamente nos sonhos dêste gênero, dos quais constitue mesmo o fator essencial. A necessidade de dormir coloca-se com todo direito ao lado das outras grandes necessidades orgânicas.

Vou mostrar-lhes aqui, numa reprodução de um quadro de Schwind, que se acha na galeria Schack, em Munich, com que poder de intuïção o pintor fixou a origem de um sonho numa situação dominante. E' o "Sonho do Prisioneiro", cujo conteúdo naturalmente só pode ser a evasão. O que é muito bem apanhado é que a evasão deve efectuar-se pela janela, pois foi pela janela que penetrou a excitação luminosa que põe fim ao sono do prisioneiro. Os gnomos, trepados uns sôbre os outros, representam as sucessivas atitudes que o prisioneiro teria de tomar para alçar-se até a janela, e, a menos que me engane e que atribua ao pintor intenção que êle não tinha, parece-me que o gnomo que forma o ápice da pirâmide e serra os varões da grade, fazendo assim o que o prisioneiro seria feliz si pudesse fazer, é extraordinàriamente parecido com êste.

Em todos os outros sonhos, salvo os de crianças e os do tipo infantil, a deformação, dissemos, constitue um obstáculo em nosso caminho. Não podemos dizer desde logo si também representam realizações de desejos, conforme estamos inclinados a crer. Seu conteúdo manifesto nada nos revela sôbre a excitação psíquica a que devem sua origem e é-nos impossível provar que visam igualmente afastar ou anular essa excitação. Êstes sonhos devem ser interpretados, isto é, traduzidos, sua deformação deve ser corrigida e o conteúdo manifesto substituído pelo conteúdo latente: só então poderemos julgar si os dados válidos para os sonhos infantis o são igualmente para todos os sonhos sem excepção.

CAPÍTULO IX

A CENSURA DO SONHO

O estudo dos sonhos infantis revelou-nos o modo de origem, a essência e a função do sonho. *O sonho é um meio de supressão de excitações (psíquicas) que vêm perturbar o sono, supressão esta que se efectua graças à satisfação alucinatória.* No que concerne aos sonhos de adultos, só pudemos explicar um de seus grupos, precisamente aquele que qualificámos de "sonhos de tipo infantil". Quanto aos outros, ainda não sabemos nada do que a êles se refere; direi até que não os compreendemos. Obtivemos um resultado provisório de que não devemos depreciar o valor: todas as vezes que um sonho nos é perfeitamente inteligível, revela-se como satisfação alucinatória de um desejo. Trata-se de uma coïncidência que não pode ser nem acidental nem indiferente.

Quando nos encontramos em presença de um sonho de outro gênero, admitimos, em conseqüência de diversas reflexões e por analogia com a concepção dos atos falhados, que êle constitue uma substituïção deformada de um conteúdo que ignoramos e ao qual deve ser reajustado. Analisar, compreender esta *deformação do sonho*, tal é portanto nossa tarefa imediata.

A deformação do sonho é o que faz com que êste se nos depare estranho e incompreensivel. Queremos saber muitas coisas a seu respeito: em primeiro lugar sua origem, sua dinâmica; em seguida o que faz e, enfim, como o faz. Também podemos dizer que a deformação do sonho é o produto do trabalho que se realiza no sonho. Vamos descrever êsse trabalho do sonho e ajustá-lo às fôrças cuja ação êle suporta.

Ora, escutem o sonho seguinte. Foi consignado por uma senhora de nosso círculo (a dra. V. Hug-Hellmuth) e pertence, ao que nos informa, a uma senhora idosa, muito estimada, muito culta. Êste sonho não foi analisado. Nossa informante pretende que para as pessôas que trabalham em psicanálise êle não precisa absolutamente de interpre-

tação. A própria senhora que o teve não o interpretou, mas julgou-o e condenou-o como si soubesse interpretá-lo. Eis precisamente como se pronunciou a êste respeito: "e é uma mulher de 50 anos que tem um sonho tão horrível e estúpido, uma mulher que noite e dia só se preocupa com seu filho!"

E agora, vamos aos sonho concernente aos *serviços de amor*. "Ela se dirige ao hospital militar N 1 e diz ao plantonista que quer falar ao médico em chefe (dá um nome que lhe é desconhecido) a quem quer oferecer seus serviços no hospital. Dizendo-o, acentúa a palavra *serviços*, de tal sorte que o sub-oficial logo percebe que se trata de *serviços de amor*. Vendo que trata com uma senhora de idade, deixa-a passar após alguma hesitação. Mas em vez de chegar à presença do médico em chefe, ela vai ter a uma sala grande e sombria, onde se vêem numerosos oficiais sentados ou em pé em torno de uma longa mesa. Dirige-se com seu oferecimento a um médico-major, que a compreende logo às primeiras palavras. Eis o texto de seu discurso tal como o pronunciou no sonho: "Eu e muitas outras mulheres e moças de Viena, estamos prontas, aos soldados, homens e oficiais sem distinção..." A estas palavras, ouve (sempre sonhando) um murmúrio.

"Mas a expressão, ora constrangida, ora maliciosa, que se pinta nos semblantes dos oficiais, prova-lhe que todos os presentes compreendem bem o que ela quer dizer. A senhora continúa: "Sei que nossa decisão pode parecer exquisita, mas tomamo-la muitíssimo a sério. Não se pergunta ao soldado em campanha si quer morrer ou não". Aqui um minuto de silêncio penoso. O major-medico toma-a pela cintura e diz: "Minha cara senhora, suponha que nós chegassemos realmente a isso..." (Murmúrios) Ela desprende-se de seu amplexo, pensando que êste vale tanto quanto outro, e responde: "Meu Deus, sou uma mulher velha e pode ser que jamais me encontre nesta contingência. Todavia, deve-se satisfazer uma condição: será preciso tomar em consideração a idade... não ha de ser uma mulher idosa para um rapaz... (murmúrios); seria horrivel." —. O major-médico: "Compreendo perfeitamente." Alguns oficiais, entre os quais se acha um que lhe fez a côrte na juventude, desatam a rir, e a senhora deseja ser conduzida junto ao médico-chefe que é seu conhecido, afim de esclarecer as coisas. Mas constata, com grande espanto seu, que ignora o nome dêsse médico. Todavia, o major-médico lhe indica cortês e respeitosamente uma escada de ferro, estreita e em espiral, que conduz aos andares superiores e lhe recomenda que suba até o segundo. Subindo, ouve um oficial dizer:

"E' uma decisão colossal, que a mulher seja jovem ou velha. Meus respeitos!" Com a conciência de quem realiza um dever, ela sobe uma escadaria interminavel.

"O mesmo sonho se reproduz mais duas vezes no espaço de algumas semanas, com alterações (segundo a apreciação da senhora) de todo insignificantes e perfeitamente absurdas."

Êste sonho se desenrola como uma fantasia diurna; só apresenta um pouco de descontinuidade e certos pormenores de seu conteúdo poderiam ser esclarecidos si tomassemos o cuidado de informar-nos, o que, os senhores sabem, não foi feito. Mas o que para nós é o mais importante e o mais interessante, é que êle apresenta certas lacunas, não nas recordações, mas no conteúdo. Em três ocasiões o conteúdo se acha como que esgotado, sendo de cada vez o discurso da senhora interrompido por um murmúrio. Não se tendo feito nenhuma análise dêste sonho, não temos, a falar verdade, o direito de pronunciar-nos sôbre seu sentido. Ha todavia alusões, como a implicada nas palavras *serviços de amor*, que autorizam certas conclusões, e sobretudo os fragmentos de discurso que precedem imediatamente o murmúrio precisam ser completados, o que só pode ser feito em determinado sentido. Fazendo as restituições necessárias, constatamos que, para cumprir um dever patriótico, a sonhadora está pronta a pôr sua pessoa à disposição dos soldados e oficiais para a satisfação de suas necessidades amorosas. Idéia das mais escabrosas, modêlo de uma invenção audazmente libidinosa; só que esta idéia, esta fantasia não está expressa no sonho. Precisamente no ponto em que o contexto parece implicar esta confissão, ela é substituida no sonho manifesto por um murmúrio indistinto, acha-se apagada ou suprimida.

Os senhores sem dúvida suspeitam que é precisamente a indecência destas passagens que causa a sua supressão. Mas onde encontram uma analogia com eta maneira de proceder? Nos dias que correm, não têm muito que procurar (1). Abram qualquer um jornal político; aqui, ali, hão de encontrar o texto interrompido, deixando aparecer a alvura do papel. Sabem que isto foi feito para cumprir ordens da censura. Nêstes espaços brancos deviam figurar trechos que, não tendo agradado às autoridades superiores da censura, tiveram de ser supri-

(1) Lembramos ao leitor que estas lições foram dadas durante a Grande Guerra. — N. do T.

taidos. Os senhores dizem que é pena, que as passagens suprimidas bem podiam ser as mais interessantes, as "melhores passagens".

Outras vezes a censura não se exerce sôbre certas passagens inteiramente concluidas. O autor, tendo previsto que certas passagens se chocarão com o veto da censura, atenuou-as prèviamente, modificou-as ao de leve, ou se contentou com aflorar ou designar com alusões o que tinha por assim dizer no bico da pena. O jornal aparece então com claros, mas certas paráfrases e obscuridades fàcilmente lhes revelarão os esforços que o autor fez para escapar à censura oficial impondo-se sua própria censura prévia.

Conservemos esta analogia. Dizemos que as passagens do discurso de nossa observada que se acham omitidas ou são cobertas por um murmúrio, também foram vítimas de uma censura. Falamos diretamente de uma *censura do sonho*, à qual se deve atribuir certo papel na deformação dos sonhos. Todas as vezes que o sonho manifesto apresenta lacunas, deve-se incriminar a intervenção da censura do sonho. Podemos mesmo ir mais longe e dizer que, todas as vezes que nos encontramos em presença de um elemento de sonho particularmente fraco, indeterminado e duvidoso, quando outros deixaram recordações nítidas e distintas, deve-se admitir que aquele sofreu a ação da censura. Mas a censura raramente se manifesta tão abertamente, tão ingênuamente poderíamos dizer, como no sonho de que aqui tratamos. As mais das vezes ela se exerce de acôrdo com a segunda modalidade, impondo atenuações, aproximações, alusões ao verdadeiro pensamento.

A censura dos sonhos exerce-se ainda segundo uma terceira modalidade, para a qual não encontro analogia no domínio da censura da imprensa; mas posso ilustrar esta modalidade com um exemplo, o do único sonho que analisámos. Lembram-se decerto do sonho em que figuravam "três más localidades de um teatro por 1 coroa 50 kr." Nas idéias latentes dêsse sonho, o elemento "antecipadamente, demasiado cedo" ocupava o primeiro plano: foi um absurdo casar-se *tão cedo*, foi igualmente absurdo comprar as entradas para o teatro com tanta *antecedência*, foi ridículo de parte da cunhada pôr tanta *pressa* em gastar o dinheiro na compra de uma joia. Dêste elemento central das idéias do sonho nada passara para o sonho manifesto, no qual tudo girava em torno de um fato: ida ao teatro e compra de bilhetes. Por êsse deslocamento do centro de gravidade, por êste reagrupamento dos elementos do conteúdo, o sonho manifesto torna-se tão diferente do sonho latente, que é impossivel suspeitar êste através daquele. Êste deslocamento do

centro de gravidade é um dos principais meios pelos quais se efectua a deformação dos sonhos; é êle que imprime ao sonho êste carácter bizarro que o faz surgir aos olhos do mesmo indivíduo que o teve como não sendo sua própria produção.

Omissão, modificação, reagrupamento dos materiais: tais são por conseguinte os efeitos da censura e os meios de deformação dos sonhos A própria censura é a principal causa ou uma das principais causas da deformação dos sonhos, cujo exame nos prende a atenção no momento. Quanto à modificação e ao reagrupamento, temos o hábito de concebê-los igualmente como meios de "deslocamento".

Depois destas observações sôbre os efeitos da censura dos sonhos, ocupemo-nos de seu dinamismo. Não tomem esta expressão num sentido demasiado antropomórfico e não imaginem o censor do sonho sob as feições de um homenzinho severo ou de um espírito instalado num compartimento do cérebro, de onde exerceriam suas funções; da mesma forma, não dêem à palavra dinamismo um sentido demasiado "localizatório", pensando um centro cerebral de onde emanaria a influência censurante, que uma lesão ou a ablação dêsse centro poderia suprimir. Não vejam nesta palavra mais que um termo cômodo para designar uma relação dinâmica. Ela não nos impede absolutamente de perguntar por que tendências e sôbre que tendências se exerce esta influência; e não ficaremos surpreendidos ao constatar que já nos sucedeu anteriormente achar-nos em presença da censura dos sonhos, sem talvez nos termos dado conta do que se tratava.

Foi com efeito o que se deu. Lembrem-se da extraordinária constatação que fizemos quando começámos a aplicar nossa técnica da livre associação. Sentimos então uma *resistência* que se opunha aos nossos esforços para passar do elemento do sonho ao elemento inconciente que êle substitue. Esta resistência, dissemos, pode variar de intensidade, pode ser de uma intensidade ora prodigiosa, ora perfeitamente insignificante. Nêste último caso, nosso trabalho de interpretação só tem poucas etapas a transpôr; mas quando a intensidade é grande, devemos seguir, a partir do elemento, uma longa cadeia de associações que nos afasta muito dêle e, pelo caminho, devemos superar todas as dificuldades que se apresentam sob a forma de objeções críticas contra as idéias que surgem a propósito do sonho. O que em nosso trabalho de interpretação se apresentava com o aspecto de uma resistência, deve ser integrado no trabalho que se realiza no sonho, pois a resistência em questão é apenas o efeito da censura que se exerce sôbre o sonho. Vemos

assim que a censura não limita sua função a determinar uma deformação do sonho, mas atúa de modo permanente e ininterrupto, afim de manter e conservar a deformação produzida. Aliás, assim como a resistência em que tropeçámos por ocasião da interpretação variava de intensidade de um elemento para outro, a deformação produzida pela censura também difere, no mesmo sonho, de um elemento para outro. Si comparamos o sonho manifesto e o sonho latente, constatamos que certos elementos latentes foram completamente eliminados, que outros sofreram modificações mais ou menos importantes, que outros ainda passaram para o conteúdo manifesto do sonho sem ter sofrido modificação alguma, às vezes até reforçados.

Mas queriamos saber por que tendências e contra que tendências se exerce a censura. Para esta pergunta, que é de importância fundamental para a inteligência do sonho, e talvez mesmo da vida humana em geral, obtém-se fàcilmente a resposta, si se percorre a série dos sonhos que puderam ser submetidos à interpretação. As tendências que exercem a censura são aquelas que o sonhador, em seu juizo do estado de vigília, reconhece como sendo suas, sentindo-se em acôrdo com elas. Estejam certos que quando recusam dar sua aquiescência a uma interpretação correta de um de seus sonhos, as razões que ditam tal recusa são as mesmas que as que presidem à censura e à deformação, tornando necessária a interpretação. Basta pensar no sonho da dama quinquagenária. Sem ter interpretado seu sonho, acha-o horrivel, mas ficaria ainda mais desolada si a dra. V. Hug-Hellmuth lhe tivesse comunicado uma parte ínfima dos dados obtidos pela interpretação que nêste caso se impunha. Não se deve ver precisamente uma espécie de condenação dêstes pormenores no fato de estarem as partes mais indecentes do sonho substituídas por um murmúrio?

Mas as tendências contra as quais se orienta a censura do sonho devem ser descritas antes de mais nada colocando-nos do ponto de vista da própria instância representada pela censura. Podemos dizer então que são tendências repreensiveis, indecentes do ponto de vista ético, estético e social, que são coisas em que não ousamos pensar ou em que só pensamos com horror. Êsses desejos censurados e que recebem no sonho uma expressão deformada são antes de tudo as manifestações de um egoismo sem limites e sem escrúpulos. Aliás, não existe sonho em que o *eu* do sonhador não represente o principal papel, si bem que êle saiba muito bem dissimular-se no conteúdo manifesto. Êste "sacro egoismo" do sonho está sem dúvida relacionado com a nossa disposição

ao sono, que consiste precisamente no desprendimento de todo interêsse pelo mundo exterior.

O *eu* desembaraçado de qualquer entrave moral cede a todas as exigências do instinto sexual, às que nossa educação estética ha muito tempo condenou e às que estão em oposição com todas as regras de restrição moral. A procura do prazer, o que chamamos a *libido*, escolhe seus objetos sem encontrar a menor resistência, e escolhe de preferência os objetos proïbidos; escolhe não só a mulher do próximo, mas também os objetos aos quais o acôrdo unânime da humanidade conferiu um carácter sagrado: o homem elege a mãe e a irmã, a mulher dá preferência ao pai e ao irmão (o sonho de nossa dama quinquagenária é igualmente incestuoso, pois sua *libido* se dirigia incontestavelmente ao filho). Cobiças que supúnhamos estranhas à natureza humana mostram-se suficientemente fortes para provocar sonhos. O ódio toma o freio nos dentes. Os desejos de vingança, os votos pela morte das pessoas que mais estimamos na vida, pais, irmãos, espôsos, filhos, estão longe de ser manifestações excepcionais nos sonhos. Êstes desejos censurados parecem subir de um verdadeiro inferno; a interpretação feita no estado de vigília demonstra que os temas não se detêm diante de nenhuma censura que pretenda reprimí-los.

Mas êste horrendo conteúdo não deve ser imputado ao sonho em si. Não esqueçam que êste conteúdo desempenha uma função inofensiva, útil até, que consiste em defender o sono contra todas as causas de perturbação. Esta malvadez não é inerente à natureza intrínseca do sonho, pois os senhores não ignoram que ha sonhos nos quais se póde reconhecer a satisfação de desejos legítimos e de necessidades orgânicas imperiosas. Êstes últimos sonhos não sofrem aliás deformação alguma. Não precisam dela, dado que estão em condições de desempenhar sua função sem atentar absolutamente contra as tendências morais e estéticas do *eu*. Saibam igualmente que a deformação do sonho que realiza em função de dois fatores. E' tanto mais pronunciada quanto mais repreensivel é o desejo que tem de ser censurado e quanto mais severas num momento dado são as exigências da censura. Eis porquê uma mocinha bem educada e de um pudor extremado, deformará, impondo-lhes impiedosa censura, tentações sentidas no sonho, quando essas tentações se nos deparam, a nós que somos médicos, como desejos inocentemente libidinosos, e surgirão como tais à própria sonhadora quando tiver mais dez anos de idade.

De resto, não temos nenhuma razão suficiente para indignar-nos a propósito dêste resultado de nosso trabalho de interpretação. Creio que ainda não o compreendemos bem; mas nossa tarefa é antes de tudo preservá-lo contra certos ataques. Não é difícil encontrar nêle pontos fracos. Nossas interpretações de sonhos foram feitas sob a reserva de um certo número de suposições, a saber que o sonho em geral tem um sentido, que se devem atribuir ao sono normal processo psíquicos inconcientes análogos aos que se manifestam no sono hipnótico e que todas as idéias que surgem a propósito dos sonhos são determinadas. Si, partindo destas hipóteses, houvéssemos chegado a resultados plausíveis, teríamos, o direito de concluir que as hipóteses em questão correspondem à realidade dos fatos. Mas, em presença dos resultados que efectivamente obtivemos, mais de um de nós teria a tentação de dizer: sendo êstes resultados impossíveis, absurdos, ou pelo menos muito inverosimeis, as hipóteses que lhes servem de base só podem ser falsas. Ou o sonho não é um fenômeno psíquico, ou o estado normal não comporta nenhum processo inconciente, ou enfim sua técnica ha de ter algum defeito. Não são estas conclusões mais simples e satisfatórias que todos os horrores que o senhor diz ter descoberto partindo de suas hipóteses?

São com efeito mais simples e mais satisfatórias, mas daí não se segue que sejam mais exatas.

Tenhamos paciência: a questão ainda não está madura para a discussão. Antes de abordar esta, só podemos reforçar a crítica dirigida contra as nossas interpretações de sonhos. Que os resultados dessas interpretações sejam pouco regozijantes e apetitosos, eis o que também importa relativamente pouco. Há, porém, um argumento mais sólido: é que os indivíduos que pomos ao par dos desejos e tendências que depreendemos da interpretação de seus sonhos repelem êstes desejos e tendências com a maior energia, apoiando-se em boas razões. "Como?! diz um. Quer-me demonstrar, de acôrdo com o meu sonho, que lastimo as somas que dispendi para dotar minhas irmãs e educar meu irmão? Mas é impossível, pois só trabalho para minha família, não tenho outro interêsse na vida sinão o cumprimento de meu dever para com ela, conforme prometi, na minha qualidade de primogênito, à nossa pobre mãe." Ou aqui uma sonhadora que nos diz: "Ousa pretender que desejo a morte de meu marido! Mas é um absurdo revoltante! Não lhe direi apenas, e o senhor decerto não acreditará, que formamos um casal dos mais felizes; mas sua morte me privaria de repente de tudo o que possuo no mundo." Um outro ainda nos diria: "Tem a audácia

de me atribuir desejos sexuais pela minha irmã? Mas é ridículo; ela não me interessa absolutamente, pois estamos zangados e ha anos que não trocamos palavras." Ainda seria bom si êsses sonhadores se contentassem de não confirmar ou de negar as tendências que lhes atribuímos: poderíamos então dizer que se trata de coisas que êles ignoram. Mas o que se torna desconcertante é que pretendem sentir desejos diametralmente opostos àqueles que lhes atribuímos de acôrdo com os seus sonhos e que estão mesmo em situação de demonstrar-nos a predominância dêsses desejos opostos em toda a sua conduta de vida. Não seria tempo de renunciar de uma vez por todas ao nosso trabalho de interpretação cujos resultados nos levaram *ad absurdum*?

Não, ainda não. Êste argumento, a-pesar-de sua fôrça aparentemente maior, não resistirá à nossa critica. Supondo que existam na vida psíquica tendências inconcientes, que prova se pode tirar contra elas do fato da existência de tendências diametralmente opostas na vida conciente? Na vida psíquica talvez haja lugar para tendências contrárias, para antinômias coexistindo lado a lado; e é possivel que a predominância de uma tendência seja a condição do recalcamento para o inconciente da que se lhe opõe. Resta entretanto a objeção segundo a qual os resultados da interpretação dos sonhos não seriam nem simples, nem animadores. No que concerne à simplicidade, observar-lhes-ei que não será ela que lhes ajudará a resolver os problemas relativos aos sonhos, posto que cada um dêsses problemas nos põe desde logo em face de circunstâncias complicadas; quanto ao carácter pouco animador de nossos resultados, devo dizer-lhes que fazem mal em deixar-se guiar pela simpatia ou antipatia em seus juizos científicos. Os resultados da interpretação dos sonhos lhes parecem pouco agradáveis, e mesmo vergonhosos e repelentes? Que importância tem êsse fato? "*Ça ne les empêche pas d'exister*", ouvi dizer num caso análogo meu mestre Charcot, quando, ainda jovem médico, eu assistia às suas demonstrações clínicas. E' preciso ter a humildade de reprimir suas simpatias e antipatias si querem conhecer a realidade das coisas dêste mundo. Si um físico chegasse a demonstrar-lhes que a vida orgânica deve extinguir-se na terra dentro de um prazo muito curto, os senhores teriam a idéia de responder-lhe: "Não, não é possivel; esta perspetiva é demasiado desanimadora"? Prefiro crer que guardarão silêncio, até que um outro físico tenha conseguido demonstrar que a conclusão do primeiro se baseia em falsas suposições ou falsos cálculos. Repelindo o que lhes é

desagradável, reproduzem o mecanismo da formação dos sonhos, em vez de procurar compreendê-lo e dominá-lo.

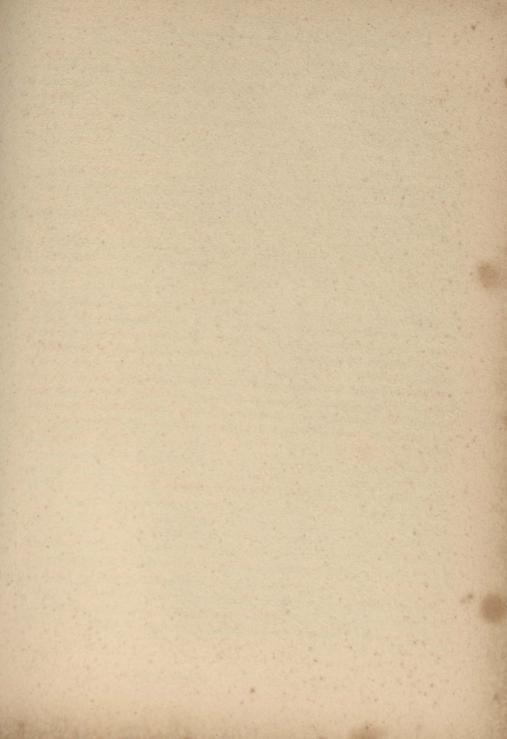
Talvez se decidam a fazer abstração do caráter repelente dos desejos censurados dos sonhos, mas para cair no argumento de que é inverosimel que o mal ocupe tão grande lugar na constituição do homem. Mas suas próprias experiências lhes autorizam a servir-se dêste argumento? Não falo da opinião que podem ter de si mesmos; mas seus superiores e concurrentes têm-lhes dado tantas provas de benevolência, seus inimigos têm-se mostrado para com os senhores tão cavalheirescos e têm constatado nas pessoas que os cercam tão pouca inveja, para que se julguem no dever de protestar contra a parte que atribuimos ao egoismo na natureza humana? Não sabem então a que ponto a média da humanidade é incapaz de dominar suas paixões, desde que se trate da vida sexual? Ou ignoram que todos os excessos e todos os deboches com que sonhamos à noite são diàriamente praticados (degenerando às vezes em crimes) por pessoas acordadas? Faz a psicanálise outra coisa sinão confirmar a velha máxima de Platão de que os bons são aqueles que se contentam com sonhar o que os outros, os perversos, fazem na realidade?

E agora, desviando-nos do individual, lembrem-se da grande guerra que acaba de devastar a Europa e pensem em toda a brutalidade, em toda a ferocidade e em todas as mentiras que ela acaba de desencadear no mundo civilizado. Acreditam que um punhado de ambiciosos e aproveitadores sem escrúpulos bastaria para desenfrear todos êsses maus espíritos sem a cumplicidade de milhões de indivíduos que por êles se deixaram levar? Teriam a coragem, perante estas circumstâncias, de quebrar uma única lança em favor da exclusão do mal da constituïção psíquica do homem?

Dir-me-ão que faço sôbre a guerra um juizo unilateral; que a guerra fez sobressair o que o homem tem de mais belo e mais nobre: seu heroísmo, seu espírito de sacrifício, seu sentimento social. Sem dúvida, mas não se tornem culpados da injustiça que muitas vezes se tem cometido com a psicanálise, censurando-lhe o fato de negar uma coisa, pela simples razão de que ela afirmava uma outra. Longe de nós a intenção de negar as nobres tendências da natureza humana, e nada fizemos para lhes diminuir o valor. Ao contrário: falo-lhes não só dos maus desejos censurados no sonho, mas também da própria censura que recalca êsses desejos, tornando-os irreconhecíveis. Si insistimos sôbre o que ha de mau no homem, é ùnicamente porquê outros o negam, o

que não melhora a natureza humana, mas só a torna ininteligivel. E' renunciando à apreciação moral unilateral que temos probabilidades de encontrar a fórmula que exprime exatamente as relações existentes entre o que ha de bom e o que ha de mau na natureza humana.

Fiquemos nisto, portanto. Mesmo quando acharmos estranhos os resultados de nosso trabalho de interpretação dos sonhos, não deveremos abandoná-los. Talvez mais tarde nos seja possivel aproximar-nos de sua compreensão seguindo um outro caminho. Por enquanto, mantemos isto: a deformação do sonho é uma conseqüência da censura que as tendências confessadas do *eu* exercem contra tendências e desejos indecentes que surgem em nós à noite, durante o sono. Porquê êstes desejos e tendências nascem à noite e de onde vêm? Esta questão fica de pé, à espera de novas investigações.

Mas seria injusto de nossa parte não fazer ressaltar sem mais demora um outro resultado de nossas pesquisas. Os desejos que, surgindo nos sonhos, vêm perturbar-nos o sono são-nos desconhecidos. Só sabemos de sua existência depois da interpretação do sonho. Podemos, pois, qualificá-los provisóriamente de inconcientes, no sentido corrente da palavra. Mas devemos confessar a nós mesmos que são mais que transitóriamente inconcientes. Como vimos em muitos casos, o sonhador nega-os, mesmo depois de a interpretação tê-los tornado manifestos. Encontramos aqui a mesma situação que quando interpretámos o lapso "Aufstossen"; ali o orador indignado afirmava-nos que não conhecia e jamais conhecera em si quaquer sentimento desrespeitoso em relação a seu chefe. Já nessa ocasião haviamos pôsto em dúvida o valor desta segurança, e apenas admitimos que o orador podia não ter conciência da presença de um tal sentimento em sua mente. A mesma situação se reproduz toda vez que interpretamos um sonho fortemente deformado, o que só pode aumentar sua importância para nossa concepção. Eis porquê estamos inteiramente dispostos a admitir que existem na vida psíquica processos, tendências de que em geral nada sabemos, de que nada sabemos ha muito tempo, de que talvez nunca tivéssemos sabido nada. Em conseqüência disto, o inconciente se nos depara com um outro sentido; o fator de "atualidade" ou de "momentaneidade" deixa de ser um de seus caracteres fundamentais; o inconciente pode ser inconciente de um modo *permanente,* e não apenas "momentâneamente latente". Subentende-se que teremos de voltar a êste ponto mais tarde e com mais pormenores.

CAPÍTULO X

O SIMBOLISMO NO SONHO

Vimos que a deformação que nos impede de compreender o sonho é efeito de uma censura que exerce sua atividade contra os desejos inaceitáveis, inconcientes. Mas naturalmente não afirmámos que a censura seja o único fator que produz a deformação. Com efeito, o estudo mais aprofundado do sonho nos permite constatar que outros fatores tomam parte, ao lado da censura, na produção dêste fenômeno. Isto, dizíamos, é tão verdadeiro que mesmo que a censura fosse totalmente eliminada, nossa inteligência do sonho não seria absolutamente facilitada, e nem por isso seria maior a coïncidência entre o sonho manifesto e as idéias latentes do sonho.

E' tomando em consideração uma lacuna de nossa técnica que chegamos a descobrir êsses outros fatores que contribuem para obscurecer e deformar os sonhos. Já lhes concedi que nos sujeitos analisados os elementos particulares de um sonho às vezes não despertam nenhuma idéia. Sem dúvida, êste fato é menos freqüente do que os sujeitos afirmam; em muitos casos se fazem surgir idéias à força de perseverança e insistência. Mas nem por isso deixa de ser verdade que em certos casos falta a associação ou, quando lhe provocamos o funcionamento, ela não dá o que esperávamos. Quando êste fato se produz no correr de um tratamento psicanalítico, adquire uma importância particular, de que não devemos ocupar-nos aqui. Mas êle também se produz na interpretação de sonhos de pessoas normais ou na de nossos próprios sonhos. Nos casos dêste gênero, quando adquirimos a certeza de que toda insistência é inútil, acabamos por descobrir que êste indesejável acidente se verifica regularmente a propósito de certos e determinados elementos do sonho. Percebemos então que se trata, não de uma insuficiência acidental ou excepcional da técnica, mas de um fato regido por certas leis.

Em presença dêste fato, sentimos a tentação de interpretar nós mesmos êsses elementos "mudos" do sonho, de efectuar a tradução dêles por nossos próprios meios.

Temos a impressão de obter um sentido satisfatório toda vez que nos fiamos em semelhante interpretação, ao passo que o sonho se conserva desprovido de sentido e coesão, enquanto não nos decidimos a empreender êste trabalho. A medida que êste se aplica a casos cada vez mais numerosos, com a condição de serem análogos, nossa tentativa, a princípio tímida, torna-se cada vez mais segura.

Exponho-lhes tudo isto de um modo um tanto esquemático, mas o ensino admite as exposições desta índole quando simplificam a questão sem deformá-la.

Procedendo como acabamos de dizer, obtemos, para uma série de elementos dos sonhos, traduções constantes, perfeitamente semelhantes às que nossos "livros dos sonhos" populares dão para todas as coisas que nos sonhos se apresentam. Espero — digamo-lo de passagem — que os senhores não tenham esquecido que com a nossa técnica da associação nunca se obtêm traduções constantes dos elementos de sonhos.

Dir-me-ão que êste modo de interpretação lhes parece ainda mais incerto e sujeito a crítica que o outro que se vale de idéias livremente pensadas. Mas aí intervém um outro pormenor. Quando, depois de repetidas experiências, conseguimos reünir um número bastante considerável destas traduções constantes, percebemos que se trata de interpretações que poderíamos obter baseando-nos únicamente no que nós mesmos sabemos e que para compreendê-las não tinhamos necessidade de recorrer às recordações do indivíduo que sonhou. Veremos no correr desta explanação de onde nos vem o conhecimento de sua significação.

Damos a esta relação constante entre o elemento do sonho e sua tradução o nome de *simbólica*, sendo o próprio elemento um *símbolo* do pensamento inconciente do sonho. Os senhores lembram-se sem dúvida de que examinando anteriormente as relações existentes entre os elementos dos sonhos e seus substratos, eu havia estabelecido que um elemento do sonho pode estar para seu substrato assim como uma parte está para todo, o que êles também pode ser uma alusão a êsse substrato ou sua representação figurada. Além dêstes três gêneros de relações, eu anunciara então um quarto a que não dei nome. Era justamente a relação simbólica, a que introduzimos aqui. Ligam-se a ela discussões muito interessantes, de que vamos tratar antes de expor nossas obser-

vações especialmente simbólicas. O simbolismo constitue talvez o capítulo mais notável da teoria dos sonhos.

Devemos dizer antes de tudo que na qualidade de traduções permanentes, os símbolos realizam em certa medida o ideal da antiga e popular interpretação dos sonhos, ideal de que nossa técnica nos afastou consideravelmente.

Êles nos permitem, em certas circunstâncias, interpretar um sonho sem interrogar o sonhador que, aliás, nada poderia acrescentar ao símbolo. Quando conhecemos os símbolos usuais dos sonhos, a personalidade do sonhador, as circunstâncias em que êle vive e as impressões em conseqüência das quais o sonho sobreveio, achamo-nos muitas vezes em condições de interpretar um sonho sem a menor dificuldade, de traduzí-lo, por assim dizer, de livro aberto. Uma tal demonstração de fôrça é de molde a lisonjear o intérprete e a inspirar respeito ao sonhador; constitue um descanso benéfico do penoso trabalho que comporta o interrogatório dirigido ao indivíduo que teve o sonho. Mas não se deixam seduzir por esta facilidade. Nossa tarefa não consiste em realizar demonstrações de fôrça. A técnica que se apoia no conhecimento dos símbolos não substitue a que se baseia na associação e não pode competir com ela. Não faz mais que completar esta última e fornecer-lhe dados utilizáveis. Mas no que concerne ao conhecimento da situação psíquica do sonhador, saibam que os sonhos que têm a interpretar nem sempre são de pessoas que os senhores conhecem bem, que geralmente os senhores não estão ao par dos acontecimentos do dia que puderam provocar o sonho e que são as idéias e reminiscências do sujeito analisado que lhes fornecem o conhecimento do que se chama a situação psíquica.

E' além disto perfeitamente singular, mesmo do ponto de vista das conexões de que trataremos mais tarde, que a concepção simbólica das relações entre o sonho e o inconciente haja tropeçado numa resistência das mais encarniçadas. Até pessoas refletidas e autorizadas, que não tinham a formular contra a psicanálise nenhuma objeção do princípio, recusaram acompanhá-la nêste caminho. E esta atitude é tanto mais singular quanto o simbolismo não é uma caracteristica própria do sonho exclusivamente e sua descoberta não é obra da psicanálise, que entretanto fez noutros terrenos descobertas estrondosas. Si quisermos a todo preço situar nos tempos modernos a descoberta do simbolismo nos sonhos, devemos considerar como seu autor o filósofo K.-A. Scherner

(1861). A psicanálise confirmou a maneira de ver de Scherner, introduzindo-lhe aliás profundas modificações.

E agora querem decerto aprender alguma coisa sôbre a natureza do simbolismo nos sonhos e ver alguns exemplos. Comunicar-lhes-ei de bom grado o que sei a êste respeito, si bem que prevenindo-lhes que êste fenômeno ainda não nos é tão compreensivel quanto desejariamos.

A essência da relação simbólica consiste numa comparação. Mas não basta uma comparação qualquer para que esta relação se estabeleça. Suspeitamos que a comparação requer certas condições, sem poder dizer de que gênero são estas condições. Nem tudo o que pode servir de comparação com um objeto ou um processo surge no sonho como um símbolo dêste objeto ou processo. Por outro lado, o sonho, longe de simbolizar sem escolher, só escolhe para êste fim certos elementos das idéias latentes do sonho. O simbolismo acha-se assim limitado de ambos os lados. Devemos convergir igualmente em que a noção de simbolo ainda não se acha nitidamente delimitada, que muitas vezes se confunde com as de substituição, de representação, etc., que chega até a aproximar-se da de alusão. Em certos símbolos a comparação que lhes serve de base é evidente. Mas ha outros a propósito dos quais somos obrigados a perguntar a nós mesmos onde é preciso procurar o fator comum, o *tertium comparationis* da comparação presumida. Uma reflexão mais aprofundada nos permitirá às vezes descobrir êste fator comum que, noutros casos, se conservará realmente oculto. Além disto, si o símbolo é uma comparação, é singular que a associação não nos faça descobrir esta comparação, que o próprio sonhador não a conheça e dela se sirva sem nada saber a seu respeito; mais ainda: que o sonhador não se mostre absolutamente disposto a reconhecer esta comparação, quando ela é posta diante de seus olhos. Os senhores vêem assim que a relação simbólica é uma comparação de um gênero inteiramente particular e cujas razões por enquanto não alcançamos. Talvez mais tarde encontremos alguns índices relativos a esta incógnita.

Os objetos que encontram no sonho uma representação simbólica são pouco numerosos. O corpo humano, em seu conjunto, os pais, os filhos, os irmãos, o nascimento, a morte, a nudez, — e alguma coisa mais. E' a *casa* que constitue a única representação típica, isto é, regular, do conjunto da pessoa humana. Êste fato já foi reconhecido por Scherner, que lhe queria atribuir uma importância de primeira ordem, erradamente a nosso ver. Vemo-nos freqüentemente em sonho deslisar ao longo de fachadas de casas, experimentando durante esta descida uma sensa-

ção ora de prazer, ora de angústia. As casas de paredes lisas são homens; as que apresentam saliências e varandas, às quais nos podemos apegar, são mulheres. Os pais têm como símbolos o imperador e a imperatriz, o rei e a rainha, ou outras pessoas eminentes: é assim que os sonhos onde figuram os pais se desenrolam numa atmosfera de piedade. Menos ternos são os sonhos onde figuram filhos ou irmãos, os quais têm como símbolos *pequenos animais, vermes*. O nascimento é quasi sempre representado por uma ação cujo principal fator é a *água*: sonhamos seja que nos atiramos à água ou dela saímos, seja que retiramos uma pessoa da água ou somos retirados por ela, ou com outras palavras, que existe entre essa pessoa e o sonhador uma relação maternal. A morte iminente é substituída no sonho pela *partida*, por uma *viagem de trem;* a morte realizada, por certos presságios obscuros, sinistros; a nudez por *vestes* e *uniformes*. Vêem que dominam por assim dizer os dois gêneros de representações: os símbolos e as alusões.

Saíndo desta enumeração tão pequena, abordamos um domínio cujos objetos e conteúdos são representados por um simbolismo extraordinàriamente rico e variado. E' do domínio da vida sexual, dos órgãos genitais, dos atos sexuais, das relações sexuais. A maior parte dos símbolos no sonho é de símbolos sexuais. Mas aqui nos achamos em presença de uma desproporção notável. Enquanto os conteúdos a designar são pouco numerosos, os símbolos que os designam são em quantidade extraordinária, de sorte que cada objeto pode ser expresso por múltiplos símbolos, tendo todos mais ou menos o mesmo valor. Mas no correr da interpretação temos uma desagradável suspresa. Contràriamente às representações de sonhos, que são muito variadas, as interpretações dos símbolos são extremamente monótonas. Eis um fato que desagrada a todos os que têm ocasião de constatá-lo. Mas que podemos fazer?

Como é a primeira vez que vamos tratar, nesta palestra, de conteúdos da vida sexual, devo dizer-lhes como pretendo compulsar êste assunto. A psicanálise não tem a menor razão para falar por termos encobertos ou para contentar-se com alusões, não sente vergonha alguma de se ocupar dêste importante tema, acha correto e conveniente chamar as coisas pelos nomes e considera que êste é o melhor meio de nos preservarmos contra perturbadoras segundas intenções. O fato de nos encontramos falando perante um auditório composto de representantes de ambos os sexos, em nada altera a questão. Assim como não ha ciência *ad usum delphini*, não deve haver uma para uso de mocinhas ingênuas, e as senhoras que aqui vejo decerto quiseram demonstrar com

sua presença que desejam ser tratadas, no terreno científico, em pé de igualdade com os homens.

O sonho possue, portanto, para os órgãos sexuais do homem, uma multidão de representações que se podem chamar simbólicas e nas quais o fator comum da comparação é as mais das vezes evidente. Para o aparelho genital do homem, em seu conjunto, é sobretudo o número sagrado 3 que apresenta uma importância simbólica. A parte principal, e para os dois sexos a mais interessante, do aparelho genital do homem, o penis, encontra em primeiro lugar suas substituições simbólicas nos objetos que se lhe assemelham pela fórma, a saber: *bengalas, guarda-chuvas, hastes, árvores*, etc.; em seguida nos objetos que têm de comum com o membro viril o poderem penetrar no interior de um corpo e causar ferimentos: *armas pontudas*, de toda espécie, tais como *facas, punhais, lâminas, sabres*, ou ainda *armas de fogo*, tais como *fusís, pistolas* e, mais particularmente, a arma que por sua forma se presta especialmente a esta comparação, isto é, o *revólver*. Nos pesadêlos das moças a perseguição por um homem armado de um punhal ou de uma arma de fogo representa um grande papel. E' talvez o caso mais freqüente do simbolísmo dos sonhos, e sua interpretação não apresenta a menor dificuldade. Não menos compreensivel é a representação do membro masculino por objetos de onde jorra um líquido: *torneiras de água, jarros, fontes de repuxo*, e por outros que são susceptíveis de alongar-se tais como *lâmpadas de suspensão, lápis de correr*, etc. O fato de que os *lápis*, as *canetas*, as *limas para unhas*, os *martelos* e outros instrumentos são incontestavelmente representações simbólicas do órgão masculino prende-se por sua vez a uma concepção fàcilmente compreensível dêsse órgão.

A notavel propriedade que êle possue de poder erguer-se contrariando as leis da gravidade, propriedade que faz parte do fenômeno de erecção, creou a representação simbólica que se vale de *balões, aviões* e, mais recentemente, *dirigiveis*. Mas o sonho ainda conhece um outro meio, muito mais expressivo, de símbolizar a erecção. Faz do órgão sexual a essência mesma da pessoa e faz com que toda esta se ponha a voar. Não se admirem si lhes disser que os sonhos freqüentemente tão belos que todos conhecemos, nos quais o vôo representa tão importante papel, devem ser interpretados como tendo por base uma excitação sexual geral, o fenômeno da erecção. Entre os psicanalistas, foi Federn que estabeleceu esta interpretação mercê de provas irrefutáveis, mas mesmo um experimentador tão imparcial, tão alheio e talvez mes-

mo tão ignorante da psicanálise como Mourly-Vold chegou ás mesmas conclusões, depois de suas experiências que consistiam em dar aos braços e às pernas, durante o sono, posições artificiais. Não me objetem o fato de que as mulheres também podem sonhar que voam. Lembrem-se antes que nossos sonhos pretendem ser realizações de desejos e que o desejo, conciente ou inconciente, de ser homem é muito freqüente na mulher. E aqueles dentre os senhores que são mais ou menos versados na anatomia nada encontrarão de espantoso no fato de a mulher estar em condições de realizar êsse desejo com a ajuda das mesmas sensações que o homem experimenta. A mulher possue com efeito em seu aparelho genital um pequeno membro semelhante ao órgão masculino, e êsse pequeno membro, o clitóris, desempenha na infância e na idade que precede as relações sexuais o mesmo papel que o penis do homem.

Entre os símbolos sexuais masculinos menos compreensiveis citaremos os *répteis* e os *peixes*, mas sobretudo o famoso símbolo da serpente. Porquê receberam o *chapéu* e a *capa* a mesma aplicação? E' o que não é fácil de adivinhar, mas sua significação simbólica é incontestável. Podemos enfim perguntar-nos si a substituição do órgão sexual masculino por um outro membro tal como o pé ou como a mão, deve igualmente ser considerada como simbólica. Creio que considerando o conjunto do sonho e levando em conta os órgãos correspondentes da mulher, seremos cada vez mais obrigados a admitir esta significação.

O aparelho genital da mulher é representado simbólicamente por todos os objetos cuja característica consiste em circunscreverem uma cavidade em que se pode alojar alguma coisa: *minas, fossos, cavernas, vasos* e *garrafas, caixas* de todas formas, *cofres, bolsos*, etc. O *navio* também faz parte desta série. Certos símbolos tais como *armários, fornos* e sobretudo *quartos* referem-se antes ao útero que ao aparelho sexual própriamente dito. O symbolo *quarto* toca aqui o de *casa, porta* e *portão*, que por sua vez se tornam símbolos que designam o acesso do orifício sexual. Têm ainda uma significação simbólica certos materiais, tais como *madeira* e *papel*, assim como os objetos feitos com êsses materiais, tais como *mesa e livro*. Entre os animais, os *caracois* e os *moluscos que têm conchas* são incontestavelmente símbolos femininos. Citaremos ainda, entre os órgãos do corpo, a *boca* como símbolo do orifício genital e, entre os edifícios, a *igreja* e a *capela*. Conforme vêem, nem todos êsses símbolos são igualmente inteligíveis.

Devemos considerar como fazendo parte do aparelho genital os seios que, como os curtos hemisférios, maiores, do corpo feminino, encontram sua representação simbólica nas *maçãs, pêssegos, frutos* em geral. Os pelos que guarnecem o aparelho genital nos dois sexos são descritos pelo sonho sob o aspecto de uma *floresta* ou de um *bosque*: A complicada topografía do aparelho genital feminino faz com que freqüentemente o representemos como uma *paisagem*, com rochedo, floresta, água, enquanto o imponente mecanismo do aparelho genital do homem é simbolizado sob a forma de todas as espécies de *máquinas* complicadas, difíceis de descrever.

Um outro símbolo interessante do aparelho genital da mulher é representado pelo *cofre de joias; joia* e *tesouro* são as carícias que dirigimos, mesmo em sonho, à pessoa amada; as *gulodices* servem freqüentemente para simbolizar o prazer sexual. A satisfação sexual obtida sem o concurso de uma pessoa do sexo oposto é simbolizada por todas as as espécies de *ocupações musicais*, entre outras por *tocar piano*. O *deslisamento*, a *descida brusca*, o *arrancamento de um ramo* são representações finamente simbólicas do onanismo. Temos ainda uma representação particularmente notável na *quéda da um dente*, na *extração de um dente*: êste símbolo significa certamente a castração, encarada como punição pelas práticas contra a natureza. Os símbolos destinados a representar mais particularmente as relações sexuais são menos numerosos nos sonhos do que seríamos levados a crer pelas comunicações que possuímos. Podemos citar, como pertencendo a esta categoria, atividades rítmicas tais como a *dansa*, a *equitação*, a *ascenção*, assim como acidentes violentos, como por exemplo o fato de *ser atropelado por um veiculo*. Acrescentemos ainda certas *atividades manuais* e, naturalmente, a *ameaça com uma arma*.

A aplicação e a tradução dêstes símbolos são menos simples do que os senhores talvez creiam. Uma e outra comportam numerosos pormenores inesperados. Assim constatamos êste fato incrivel de que as diferenças sexuais muitas vezes mal são acentuadas nestas representações simbólicas. Muitos símbolos designam um órgão genital em geral — masculino ou feminino, pouco importa: tal o caso dos símbolos em que figuram uma criança *pequena*, uma menina *pequena*, um menino *pequeno*. Outras vezes, um símbolo masculino serve para designar uma parte do aparelho genital feminino, e vice-versa. Tudo isto permanece incompreensivel, enquanto não estamos ao par do desenvelvimento das representações sexuais dos homens. Em certos casos, esta ambiguidade

dos símbolos pode ser apenas aparente; e os símbolos mais incisivos, tais como *bolso*, *arma*, *caixa*, não têm esta aplicação.

Começando, não pelo que o símbolo representa, mas pelo símbolo em si, vou passar em revista os domínios de onde se retiram os símbolos sexuais, fazendo seguir esta investigação de algumas considerações relativas principalmente aos símbolos cujo fator comum se mantém incompreendido. Temos um símbolo obscuro dêste gênero no *chapéu*, talvez em todos os objetos que servem para cobrir extremidades, de significação geralmente masculina, mas às vezes também feminina. Assim também um *manto* serve para designar um homem, si bem que muitas vezes de um outro ponto de vista que não o sexual. Estão no direito de perguntar qual a razão disto. A gravata que desce sôbre o peito e não é usada pela mulher, é manifestamente um símbolo masculino. *Roupa branca, fazendas*, são em geral símbolos femininos; *vestes, uniformes* são, já o sabemos, símbolos destinados a exprimir a nudez, as formas do corpo; *sapato, chinelo* designam simbólicamente os órgãos genitais da mulher. Já falámos dêstes símbolos enigmáticos, mas seguramente femininos, que são a *mesa*, a *madeira*. *Escada, escadaria, rampa*, assim como o ato de subir uma escada, etc., são certamente símbolos que exprimem as relações sexuais. Refletindo sôbre isto de perto, encontramos como um fator comum a rítmica da ascenção, talvez também o *crescendo* da excitação-opressão, à medida que se sobe.

Já mencionámos a *paisagem*, como representação do aparelho genital feminino. *Montanha* e *rochedo* são símbolos do membro masculino, *jardim* é um símbolo freqüente dos órgãos genitais da mulher. O *fruto* designa, não a criança, mas o seio. Os *animais selvagens* servem para representar em primeiro lugar homens apaixonados, e em seguida os maus instintos, as paixões. *Botões* e *flores* designam os órgãos genitais da mulher, e mais especialmente a virgindade. Recordem a êste respeito que os botões são efectivamente os órgãos genitais das plantas. Já conhecemos o símbolo *aposento*. Desenvolvendo-se a representação, as janelas, as entradas e saídas do aposento adquirem a significação de aberturas, de orifícios do corpo. *Quarto aberto, quarto fechado*, participam do mesmo simbolismo, e a *chave* que abre é incontestavelmente um símbolo masculino.

Tais são os materiais que entram na composição do simbolismo dos sonhos. Estão aliás longe de ser completos; nossa exposição poderia ter-se estendido tanto em superfície como em profundidade. Penso, todavia, que minha enumeração lhes parecerá mais que suficiente. Pode mesmo

suceder que os senhores me digam exasperados: "A dar-lhe ouvido, viveríamos apenas num mundo de símbolos sexuais. Todos os objetos que nos cercam, todas as roupas que vestimos, todas as coisas que tomamos na mão, não seriam pois, a seu ver, sinão símbolos sexuais, e nada mais?" Concordo que ha coisas feitas para admirar, e a primeira questão que se ergue muito naturalmente é esta: como podemos conhecer a significação dos símbolos dos sonhos, quando o próprio sonhador não nos proporciona a seu respeito nenhuma informação ou apenas informações de todo insuficientes?

Respondo: êste conhecimento nos vem de diversas fontes, dos contos e dos mítos, de farças e facécias, do folk-lore, isto é, do estudo dos costumes, usos, provérbios e canções de diferentes povos, da linguagem poética e da linguagem comum. Aí encontramos em toda parte o mesmo simbolismo, que muitas vezes compreendemos sem a menor dificuldade. Examinando estas fontes umas após outras, nelas descobriremos um tal paralelísmo com o simbolismo dos sonhos, que nossas interpretações sairão dêsse exame com uma certeza aumentada.

O corpo humano, dissemos, é freqüentemente representado, segundo Scherner, pelo símbolo da casa; ora, fazem igualmente parte dêste símbolo as janelas, portas, portões que simbolizam os acessos às cavidades do corpo, as fachadas, lisas ou guarnecidas de saliências e sacadas que podem servir de pontos de apôio. Êste simbolismo é encontrado em nossa linguagem corrente: é assim que cumprimentamos familiarmente um antigo amigo, tratando-o de "velha casa" (1) e dizemos de alguem que tem macaquinhos no "sótão".

À primeira vista, parece bizarro que os pais sejam representados nos sonhos sob o aspecto de um casal real ou imperial. Não acreditam que em muitos contos que começam pela frase: "Era uma vez um rei e uma rainha", nos encontramos em presença de uma representação simbólica da frase: "Era uma vez um pai e uma mãe"? Nas famílias, muitas vezes se chamam os filhos, brincando, *príncipes*, recebendo o mais velho o título de *príncipe herdeiro*. O próprio rei se faz chamar o *pai do povo*. E' ainda gracejando que as criancinhas são chamadas *vermes* e que dizemos delas compassivamente: *os pobres vermezinhos*.

---

(1) Esta expressão não é usual em português. Não faltam, porém, à nossa língua locuções familiares em que o corpo humano é comparado a um edifício. — N. do T.

Mas voltemos ao símbolo *casa* e a seus derivados. Quando em sonho nos utilizamos das saliências das casas como pontos de apôio, não ha nisso uma reminiscência da reflexão bem conhecída que a gente do povo formula quando encontra uma mulher de seios fortemente desenvolvidos: "tem por onde se pegar"? Na mesma ocasião, a gente do povo ainda se exprime de outra maneira, dizendo: "Aí está uma mulher que tem muita lenha diante de casa" (1), como si quisesse confirmar nossa interpretação que vê na madeira um símbolo feminino, materno.

A propósito de madeira, só conseguiremos compreender a razão que fez dela um símbolo materno, feminino, si invocarmos o auxílio da lingüística comparada. Nossa palavra alemã *Holz* (madeira) grega UNH, que significa matéria, matéria prima. Mas muitas vezes sucede que uma palavra genérica acaba por designar um objeto particular. Ora, existe no Atlântico uma ilha chamada Madeira, nome que lhe foi dado pelos portuguêses por ocasião de sua descoberta, porque estava então coberta de florestas. Os senhores sem dúvida reconhecem nesta palavra *madeira* a palavra latina *materia* ligeiramente modificada. Ora, a palavra *materia* é um derivado de *mater*. A matéria de que uma coisa é feita é como a contribuição maternal a essa coisa. E' portanto esta velha concepção que se perpetua no uso simbólico de *madeira* por *mulher*, mãe.

O nascimento acha-se regularmente expresso no sonho pela intervenção da água: mergulhamos na água ou saímos da água, o que quer dizer que geramos ou nascemos. Ora, não se esqueçam de que êste símbolo pode ser considerado como duplamente ligado à verdade transformista: de uma parte (e êste é um fato muito recuado no tempo) todos os mamíferos terrestres, compreendidos entre êles os antepassados dos homens, descendem de animais aquáticos; de outra parte, cada mamífero, cada homem passa a primeira fase de sua existência na água, isto é, sua existência embrionária passa-se no líquido placentário do útero materno, e para êle nascer significa saír da água. Não afirmo que o indivíduo que sonha saiba tudo isto, mas também acho que êle não tem necessidade de sabê-lo. O sonhador sabe decerto coisas que lhe foram contadas em sua infância; mas mesmo a respeito dêstes conhecimentos, afirmo que em nada contribuiram para a formação do símbolo. Contaram-lhe outrora que a cegonha é que traz as crianças. Mas onde as encontra? Nos rios, nos poços, por conseguinte sempre na água. Um de meus pa-

(1) Conservamos aqui a expressão citada no original a-pesar-de não ser usual em nossa língua. — N. do T.

cientes, ainda criança nessa época, tendo ouvido contar esta história, desapareceu durante toda a tarde. Acabaram encontrando-o à beira do tanque do castelo que habitava, com o rosto inclinado para a água, procurando avistar no fundo as criancinhas.

Nos mitos relativos ao nascimento de herois, que Otto Rank submeteu a uma análise comparada (o mais antigo é o que concerne ao nascimento do rei Sargão, de Agade, no ano 2800 A. C.), a imersão na água e o salvamento da água representam papel preponderante. Rank verificou que aí se trata de representações simbólicas do nascimento, análogas às que se manifestam no sonho. Quando sonhamos que salvamos uma pessoa da água, fazemos dessa pessoa nossa mãe ou simplesmente uma mãe; no mito, uma pessoa que salvou uma criança da água, confessa ser a verdadeira mãe desta criança. Existe uma anecdota bem conhecida, onde se pergunta a um judeuzinho inteligente: "Quem foi a mãe de Moisés?" Responde sem hesitar: "A princesa. — Mas, não, lhe objetam, esta apenas o salvou das águas. — E' ela que o insinua", responde êle, mostrando assim que encontrou a significação exata do mito.

A partida simbóliza no sonho a morte. Aliás, quando uma criança pede notícias de uma pessoa que não vê ha muito tempo, costumamos responder-lhe, quando se trata de uma pessoa falecida, que partiu em viagem. Ainda aqui, pretendo que o símbolo nada tem a ver com esta explicação para uso das crianças. O poeta serve-se do mesmo símbolo quando fala do além como de um país inexplorado, de onde nenhum *viajor* (*no traveller*) regressa. Mesmo em nossas palestras quotidianas, freqüentemente nos sucede falar da última viagem. Todos os conhecedores dos antigos ritos sabem que a representação de uma viagem ao país da morte fazia parte da religião do velho Egito. Restam numerosos exemplares do livro dos mortos que, como um guia, acompanhava a múmia nessa viagem. Desde que os lugares de sepultura foram separados dos lugares de habitação, esta última viagem do morto tornou-se em realidade.

Assim também o simbólismo genital não é exclusivamente próprio do sonho. A cada um de nós tem sucedido, ao menos uma vez na vida, levar a descortezia ao ponto de chamar uma mulher de "lata velha", sem saber quiçá que ao dizê-lo nos servíamos de um símbolo genital. Está escrito no Novo Testamento: a mulher é um *vaso* frágil. Os livros sagrados dos judeus estão, em seu estílo tão próximo da poesia, cheios de expressões tiradas do simbólismo sexual, expressões que nem sempre foram exatamente compreendidas e cuja interpretação, no Cântico dos

Cânticos por exemplo, deu lugar a muitos desentendidos. Na literatura hebraica posterior, encontramos muito freqüentemente o símbolo que representa a mulher como uma casa cuja porta corresponde ao orifício genital. O marido queixa-se, por exemplo, no caso de perda da virgindade, de ter encontrado a *porta aberta*. A representação da mulher pelo símbolo *mesa* encontra-se igualmente nessa literatura. A mulher diz do marido: pus-lhe a mesa, *mas êle virou-a*. Os filhos nascem aleijados porque o pai *vira a mesa*. Tiro êstes dados de uma monografia de L. Levy, de Brünn, sôbre *O simbolismo sexual na Bíblia e no Talmud*.

Foram os etimologistas que tornaram verosímel a suposição de que o batel é uma representação simbólica da mulher: a palavra *Schiff* (navio), que primitivamente servia para designar um *vaso* de argila, não seria na realidade mais que uma modificação da palavra *Schaff* (tigela) (1). Que *forno* é symbolo da mulher e do útero, é o que nos confirma a lenda grega relativa a Periandro de Corinto e sua espôsa Melissa. Quando, de acôrdo com a narrativa de Heródoto, o tirano, depois de ter, por ciume, assassinado a espôsa bem amada, conjurou sua sombra a dar-lhe notícias dela, a morta revelou sua presença lembrando a Periandro que êle *pusera seu pão num forno frio*, expressão velada, destinada a designar um ato que nenhuma outra pessoa podia conhecer. Na *Anthropophyteia* publicada por F. S. Kraus e que constitue uma mina incomparável de informações em tudo o que se refere à vida sexual dos povos, lemos que em certas regiões da Alemanha se diz de uma mulher que acaba de parir: *seu forno ruíu*. A preparação do fogo, com tudo o que lhe concerne, é profundamente penetrada de simbolismo sexual. A chama sempre simboliza o órgão genital masculino, e a lareira o regaço feminino.

Si acham estranho que as paisagens sirvam tão freqüentemente nos sonhos para representar simbolicamente o aparelho genital da mulher, deixem-se instruir pelos mitologistas que lhes dirão que grande papel a *terra mater*, a terra nutriz desempenhou sempre nas representações e cultos dos povos antigos e a que ponto a concepção da agricultura foi determinada por êsse simbolismo. Terão a tentação de procurar na linguagem corrente as razões que, nos sonhos, fazem de *quarto* a representação simbólica da mulher: não dizemos em alemão *Frauenzimmer* (mulher, mas literalmente *alcova da mulher*), substituíndo assim a pessoa humana pelo lugar que lhe é destinado? Dizemos da mesma forma a "Sublime Porta", designando por esta expressão o sultão e seu govêrno; ainda

(1) Em português, dizemos vaso de guerra — N. do T.

da mesma forma, a palavra *Pharaó*, que servia para designar os soberanos do antigo Egipto, significava "páteo grande" (no antigo Oriente, os páteos dispostos entre as portas duplas da cidade eram lugares de reunião, precisamente como as praças de mercado no mundo clássico). Penso entretanto que esta filiação é um pouco superficial demais. Acreditaria antes que o *quarto* se tornou símbolo de *mulher* por sua condição de espaço em que o homem se acha encerrado. Já conhecemos o símbolo *casa* nêste particular; a mitologia e o estílo poético nos autorizam a admitir como outras representações simbólicas da mulher: *castelo, praça-forte, fortaleza, cidade*. A dúvida, no que concerne a esta interpretação, só é lícita quando nos encontramos em presença de pessoas que não falam o alemão e, por conseguinte, são incapazes de nos compreender. Ora, tive ocasião de, no correr dêstes últimos anos, tratar de um grande número de pacientes estrangeiros e creio recordar que em seus sonhos, mau grado a ausência de qualquer analogia entre estas duas palavras nas suas respetivas línguas maternas, *quarto* sempre significava *mulher* (*Zimmer* por *Frauenzimmer*). Ainda ha outras razões de admitir que a relação simbólica pode ultrapassar os limites linguísticos, fato que já foi reconhecido pelo intérprete dos sonhos Schubert (1862). Devo dizer todavia que nenhum de meus indivíduos ignorava totalmente a língua alemã, de sorte que devo deixar o cuidado de estabelecer esta distinção aos psicanalístas que estejam em condição de reunir noutros países observações relativas a pessoas que só falam uma língua.

No que concerne às representações simbólicas do órgão sexual do homem, não ha uma que não esteja expressa na linguagem corrente sob uma forma cômica, vulgar ou, como às vezes nos poetas da antiguidade, sob uma forma poética. Entre estas representações figuram não só os símbolos que se manifestam nos sonhos, mas ainda outros, como por exemplo diversos utensílios e principalmente a charrúa. De resto, a representação simbólica do órgão sexual masculino toca um domínio muito extenso, muito controverso, do qual, por considerações de economía, nos queremos conservar afastados. Faremos apenas algumas observações a respeito de um único dêstes símbolos fora de série: o símbolo da trindade (3). Deixemos de parte a questão de saber si é a esta relação simbólica que o número 3 deve seu carácter sagrado. Mas o que é certo é que si objetos compostos de três partes (trevos de três folhas, por exemplo) deram sua forma a certas armas e certos emblemas, foi únicamente em razão de sua significação simbólica.

A flor de lírio francesa de três ramos e o *Triskelés* (três ossos semi-curvos partindo de um centro comum), êsses bizarros brazões de duas ilhas tão afastadas uma da outra como a Sicília e a Ilha de Man, não passariam igualmente, a meu ver, de reproduções simbólicas, estilizadas, do aparelho genital do homem. As reproduções do órgão sexual masculino eram consideradas na antiguidade como poderosos meios de defesa (*Apotropaea*) contra as más influências, e talvez se deva ver uma sobrevivência dessa crença nêste fato: ainda em nossos dias, todos os amuletos, "mascotes", não são sinão símbolos genitais ou sexuais. Examinem uma coleção dêsses amuletos trazidos em tôrno do pescoço em forma de colar: encontrarão um trevo de quatro folhas, um porco, um cogumelo, uma ferradura, uma escada, um limpador de chaminés. O trevo de quatro folhas substitue o trevo mais propriamente simbólico de três folhas; o porco é um antigo símbolo de fecundidade; o cogumelo é um símbolo incontestável do penis, e ha cogumelos que, como o *Phallus impudicus*, devem o nome à sua notavel semelhança com o órgão sexual do homem; a ferradura reproduz os contornos do orificio genital da mulher, e o limpa-chaminés que carrega a escada faz parte da coleção, porque exerce uma dessas profissões que o vulgo compara às relações sexuais (vejam a *Anthropopyteia*). Já conhecemos a escada como fazendo parte do simbolismo sexual dos sonhos; a língua alemã socorre-nos aqui mostrando que as palavras "subir, montar" são empregadas num sentido essencialmente sexual (1). Dizemos em alemão: "subir atrás das mulheres " e "um velho montador". Em francês, onde a palavra alemã *Stufe* se traduz por *marcha,* chama-se a um velho mulherengo um "velho andador" (1). O fato de muitos animais copularem estando o macho trepado na fêmea decerto não é estranho a esta aproximação.

O arrancamento de um ramo, como representação simbólica do onanismo, não corresponde apenas às designações vulgares do ato onâmico mas também possue numerosas analogias mitológicas. Mas o que é particularmente notável é a representação do onanismo, ou antes da castração encarada como um castigo por êsse pecado, pela queda ou a extração de um dente: com efeito, a antropologia nos depara um símile desta representação, símile que poucos sonhadores devem conhecer. Não creio enganar-me vendo na circuncisão praticada em tantos povos um equiva-

---

(1) No português da giria: **trepar**, copular, **trepada**, cópula. — N. do T.

(1) No português da giria: **andar com...**, copular. — N. do T.

lente ou um sucedâneo da castração. Sabemos por outro lado que certas tríbus primitívas do continente africano praticam a circuncisão a título de rito da puberdade (para celebrar a entrada do rapaz na idade viril), de passo que outras tríbus, vizinhas destas, substituem a circuncisão pelo arrancamento de um dente.

Concluo minha explanação com êstes exemplos. Não são sinão exemplos; sabemos outras coisas a êsse respeito, e os senhores bem podem imaginar quanto mais variada e interessante seria uma coleção dêste gênero feita, não por amadores como nós, mas por especialistas em antropologia, linguística, folk-lore e mitologia. Contudo, o pouco que dissemos comporta certas conclusões que, sem pretenderem esgotar o assunto, são de natureza a fazer refletir.

Antes de mais nada, estamos em presença dêste fato: o sonhador tem à sua disposição o modo de expressão simbólica que não conhece nem reconhece no estado de vigília. Isto é tão estranhável como si nos informassem que nossa arrumadeira compreende o sânscrito, quando sabemos perfeitamente que ela nasceu numa aldeia da Bohêmia e nunca estudou essa língua. Não é fácil darmo-nos conta dêsse fato com o auxílio de nossas concepções psícológicas. Podemos apenas dizer que no sonhador o conhecimento do simbolismo é inconciente, que faz parte de sua vida psíquica inconciente. Mas esta explicação não nos leva muito longe. Até agora, só precisavamos admitir tendências inconcientes, isto é, tendências que se ignoram momentâneamente ou durante um período mais ou menos longo. Mas desta vez se trata de mais alguma coisa: de conhecimentos inconcientes, de relações inconcientes entre certas idéias, de comparações inconcientes entre diversos objetos, comparações em conseqüência das quais um dêsses objetos se vem instalar de modo permanente no lugar do outro. Estas comparações não se efectuam de cada vez pelas necessidades da causa: são feitas uma vez por todas e estão sempre prontas. Temos a prova disso no fato de que são idênticas nas pessoas mais diferentes, mau grado as diferenças de língua.

Donde pode vir o conhecimento dessas relações simbólicas? A linguagem usual só nos fornece pequena parte delas. As numerosas analogias que podem deparar outros domínios são as mais das vezes ignoradas pelo sonhador; e foi só com muita dificuldade que nós mesmos pudemos reünir certo número.

Em segundo lugar, estas relações simbólicas não pertencem exclusivamente ao sonhador e não caracterizam únicamente o trabalho que se realiza no correr do sonho. Já sabemos que os mitos e os contos, o povo

em seus provérbios e canções, a linguagem corrente e a imaginação poética utilizam o mesmo simbolismo. O domínio do simbolismo é extraordinàriamente vasto; o simbolismo dos sonhos não é mais que uma pequena província do mesmo. Nada menos indicado do que visar o problema todo partindo do sonho. Muitos símbolos empregados alhures não se manifestam ou só raramente se manifestam nos sonhos; quanto aos símbolos dos sonhos, muitos ha que não se encontram alhures ou só se encontram, conforme os senhores viram, aqui e ali. Temos a impressão de estar em presença de um modo de expressão antigo, mas desaparecido, salvo alguns restos disseminados em diferentes domínios, uns aqui, outros alí, outros ainda conservados, sob formas levemente modificadas, em vários terrenos. Lembro-me a êste respeito da fantasia de um interessante alienado que imaginara a existência de uma "lingua fundamental", de que todas essas relações simbólicas eram, a seu ver, sobrevivências.

Em terceiro lugar, devem achar surpreendente que o simbolismo em todos os outros domínios não seja necessàriamente e únicamente sexual, quando nos sonhos os símbolos servem quasi exclusivamente para a expressão de objetos e relações sexuais. Também isto não é fácil de explicar. Símbolos primitivamente sexuais teriam recebido com o tempo outra aplicação, e essa mudança de aplicação teria pouco a pouco acarretado sua degradação, até o desaparecimento de seu carácter simbólico? E' evidente que não podemos responder a estas questões enquanto nos ocuparmos exclusivamente do simbolismo dos sonhos. Devemos apenas manter o princípio de que existem relações particularmente íntimas entre os verdadeiros símbolos e a vida sexual.

Recebemos recentemente, no que se refere a estas relações, uma importante contribuição. Um filólogo, H. Sperber (de Upsala), que trabalha sem ligações com a psicanálise, pretendeu que as necessidades sexuais desempeneharam um papel dos mais importantes na origem e desenvolvimento da língua. Os primeiros sons articulados serviram para comunicar idéias e chamar o parceiro sexual; o ulterior desenvolvimento das raizes da língua acompanhara a organização do trabalho na humanidade primitiva. Os trabalhos eram efectuados em comum e com acompanhamento de palavras e expressões rítmicamente repetidas. O interêsse sexual deslocara-se assim voltando-se para o trabalho. Dir-se-ia que o homem primitivo só se resignou ao trabalho fazendo dêle o equivalente e a substituição da atividade sexual. Era assim que a palavra lançada no correr do trabalho em comum tinha dois sentidos, um exprimindo o ato sexual, o outro o trabalho ativo que era assimilado a êsse ato.

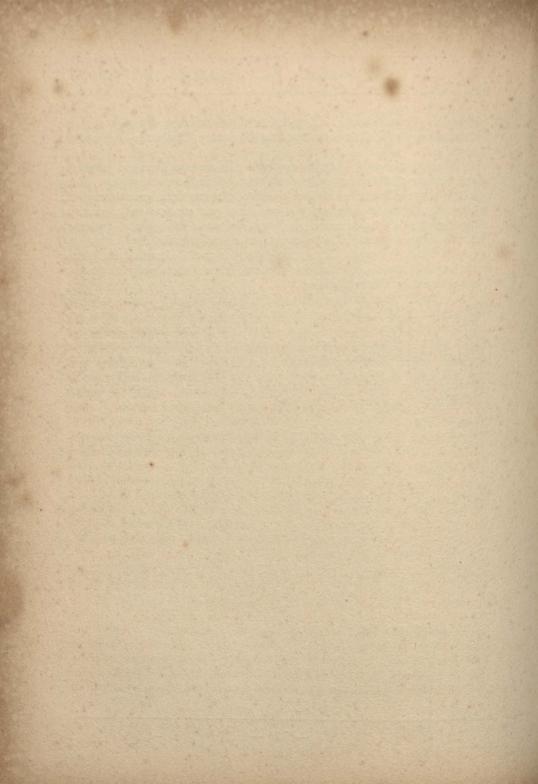
Paulatinamente a palavra se destacou de sua significação sexual para ligar-se definitivamente ao trabalho. O mesmo se deu em gerações ulteriores que, depois de terem inventado uma nova palavra tendo significação sexual, aplicaram-na a um gênero novo de trabalho. Assim se teriam formado numerosas raízes, tendo todas uma origem sexual e tendo acabado por abandonar sua significação sexual. Si êste esquema que acabamos de esboçar é exato, abre-nos uma possibilidade de compreender o simbolismo dos sonhos, de compreender porquê o sonho, que guarda alguma coisa dessas antigas condições, apresenta tantos símbolos relacionados com a vida sexual, e porquê, de um modo geral, as armas e utensílios servem de símbolos masculinos, enquanto as fazendas e objetos trabalhados são símbolos femininos. A relação simbólica seria uma sobrevivência da antiga identidade de palavras; objetos que tiveram outrora os mesmos nomes que os objetos ligados à esfera e à vida genitais, apareceriam agora nos sonhos a títulos de símbolos dessa esfera e dessa vida.

Todas essas analogias evocadas a propósito do simbolismo dos sonhos lhes permitirão fazer uma idéia da psicanálise que surge assim como uma disciplina de interêsse geral, o que não é o caso nem da psicologia nem da psiquiatria. O trabalho psicanalítico põe-nos em relação com uma porção de outras ciências morais, tais como a mitologia, a linguística, o folk-lore, a psicologia dos povos, a ciência das religiões, cujas pesquisas são susceptíveis de proporcionar-nos os dados mais preciosos. Também não estranharão que o movimento psicanalítico tenha chegado à creação de um periódico ùnicamente consagrado ao estudo dessas relações: quero falar da revista *Imago*, fundada em 1912 por Hans Sachs e Otto Rank. Em todas as suas relações com as outras ciências, a psicanálise dá mais do que recebe. Sem dúvida, os resultados freqüentemente exquisitos anunciados pela psicanálise tornam-se mais aceitáveis ante o fato de sua confirmação pelas pesquisas efectuadas noutros domínios; mas é a psicanálise que fornece os métodos técnicos e estabelece os pontos de vista cuja aplicação deve mostrar-se fecunda nas outras ciências. A investigação psicanalítica descobre na vida psíquica do indivíduo humano fatos que nos permitem resolver ou pôr em seus verdadeiros termos mais de um enigma da vida coletiva dos homens.

Mas ainda não lhes disse em que circunstâncias podemos obter a visão mais profunda desa presumida "língua fundamental", qual o domínio que conservou maior número de restos seus. Enquanto não o souberem, ser-lhes-á impossível darem-se conta de toda a importância do tema. Ora, êsse domínio é o das neuroses; seus materiais são constituidos pelos

sintomas e outras manifestações dos sujeitos nervosos, sintomas e manifestações cuja explicação e tratamento formam precisamente o objeto da psicanálise.

Meu quarto ponto de vista nos leva pois a nosso ponto de partida e nos orienta na direção que nos é traçada. Dissemos que mesmo que a censura dos sonhos não existisse, o sonho não nos seria mais inteligível, pois então teríamos de resolver o problema que consiste em traduzir a linguagem simbólica do sonho na língua de nosso pensamento desperto. O simbolísmo é portanto um outro fator de deformação dos sonhos, independente da censura. Mas podemos supor que é cômodo para a censura servir-se do simbolismo, que concorre para o mesmo fim: tornar o sonho bizarro e incompreensivel.

O estudo ulterior do sonho pode fazer-nos descobrir outro fator de deformação. Mas não quero deixar a questão do simbolismo sem lembrar-lhes uma vez mais a atitude enigmática que as pessoas cultas julgaram dever adoptar em face dêle: atitude toda de resistência, quando a existência do simbolismo é demonstrada com toda certeza no mito, na religião, na arte e na língua, onde os símbolos pululam de polo a polo. Deveremos ver a razão dessa atitude nas relações que estabelecemos entre o simbolismo dos sonhos e a sexualidade?

CAPÍTULO XI

A ELABORAÇÃO DO SONHO

Si conseguiram fazer uma idéia do mecanismo da censura e da representação simbólica, estarão em condições de compreender a maior parte dos sonhos, sem todavia conhecer a fundo o mecanismo da deformação dos sonhos. Para compreendê-lo, servir-se-ão efectivamente das duas técnicas que se completam mútuamente: farão surgir no sonhador reminiscências, até se verem levados da substituição ao substrato mesmo do sonho, e substituirão, de acôrdo com seus conhecimentos pessoais, os símbolos por sua significação. No correr dêste trabalho, hão de encontrar-se em face de algumas incertezas. Mas disso falaremos mais tarde.

Podemos agora retomar um trabalho que tentámos abordar anteriormente com meios insuficientes. Queríamos precisamente firmar quais as relações existentes entre os elementos dos sonhos e seus substratos, tendo verificado que essas relações eram em número de quatro: relação de uma parte para o todo, aproximação ou alusão, relação simbólica e representação verbal plástica. Vamos empreender o mesmo trabalho numa escala mais vasta, comparando o conteúdo manifesto do sonho em seu conjunto com o sonho latente tal como nos é revelado pela interpretação.

Espero que não lhes suceda mais confundir o sonho manifesto e o sonho latente. Mantendo esta distinção sempre presente no espírito, terão ganho, do ponto de vista da compreensão dos sonhos, mais que a maior parte dos leitores de minha "*Interpretação dos sonhos*". Deixem-me recordar-lhes que o trabalho que transforma o sonho latente em sonho manifesto se chama *elaboração do sonho*. O trabalho oposto, o que quer chegar do sonho manifesto ao sonho latente, chama-se *trabalho de interpretação*. O trabalho de interpretação procura suprimir o trabalho de elaboração. Os sonhos do tipo infantil, nos quais reconhecemos sem dificuldade realizações de desejos, nem por isso deixaram de sofrer

certa elaboração, antes de mais nada a transformação do desejo em realidade, e as mais das vezes também a das idéias em imagens visuais. Aqui necessitamos, não de uma interpretação, mas de um simples olhar lançado detrás dessas duas transformações. O que nos outros sonhos se vem acrescentar ao trabalho de elaboração, constitue o que chamamos a *deformação do sonho*, e esta só pode ser suprimida pelo nosso trabalho de interpretação.

Tendo tido oportunidade de comparar grande número de interpretações de sonhos, estou em condições de expor-lhes de um modo sintético o que o trabalho de elaboração faz com os materiais das idéias latentes dos sonhos. Rogo-lhes todavia não tirem conclusões demasiado rápidas do que lhes vou dizer. Vou apenas apresentar-lhes uma descrição que requer ser escutada com uma atenção calma.

O primeiro efeito do trabalho de elaboração de um sonho consiste na *condensação* dêste. Com isso queremos dizer que o conteúdo do sonho manifesto é menor que o do sonho latente, representando por conseguinte uma espécie de tradução abreviada dêste. A condensação às vezes pode faltar, mas existe de um modo geral, sendo freqüentemente considerável. Nunca se observa o contrário, isto é, nunca sucede que o sonho manifesto seja mais extenso que o sonho latente e tenha um contúdo mais rico. A condensação efectua-se por um dos três processos seguintes: 1° certos elementos latentes são muito simplesmente eliminados; 2° o sonho manifesto não recebe mais que fragmentos de certos conjuntos do sonho latente; 3° elementos latentes que têm traços comuns acham-se fundidos no sonho manifesto.

Si querem podem reservar o termo "condensação" únicamente a êste ultimo processo. Seus efeitos são particularmente fáceis de demonstrar. Recordando os seus próprios sonhos, os senhores encontrarão fàcilmente casos de condensação de várias pessoas numa só. Uma pessoa composta dêste gênero tem o aspecto de A, apresenta-se como B, faz alguma coisa que lembra C, e contudo sabemos que se trata de D. Nesta mistura, põe-se naturalmente em relêvo um carácter ou atributo comum às quatro pessoas. Pode-se igualmente formar um composto de vários objetos ou localidades, com a condição de que os objetos ou localidades em questão possuam um traço ou traços comuns, que o sonho latente acentúa de modo particular. Forma-se aí como que uma noção nova e efêmera tendo por núcleo o elemento comun. Da superposição das unidades fundidas num todo composto resulta em geral uma imagem de contornos vagos, análoga à que se obtém tirando várias fotografias

na mesma placa. O trabalho de elaboração deve ser fortemente interessado na produção dessas formações compostas, pois é fácil verificar que os traços comuns que constituem sua condição são creados intencionalmente onde faltam, escolhendo, por exemplo, a expressão verbal para uma idéia. Já conhecemos condensações e formações compostas dêste gênero; vímo-las precisamente representar certo papel em dados casos de lapso. Lembrem-se do rapaz que queria *begleit-digen* (palavra composta de *begleiten*, acompanhar, e *beleidigen*, faltar ao respeito) uma senhora. Existem além disto chistes cuja técnica se reduz a uma condensação dêste gênero. Mas, abstração feita dêstes casos, o processo em questão parece perfeitamente extraordinário e bizarro. A formação de pessoas compostas nos sonhos tem, é bem verdade, similares em certas creações de nossa fantasia, que freqüentemente funde num só elementos que não se acham reünidos na experiência: tais os centauros e os animais lendários da mitologia antíga ou dos quadros de Böcklin. Aliás, a imaginação "creadora" é incapaz de inventar seja lá o que for: ela contenta-se com reünir elementos separados uns dos outros. Mas o processo posto em ação pelo trabalho de elaboração apresenta uma particularidade: os materiais de que dispõe consistem em idéias, algumas das quais podem ser indecentes e inaceitáveis, mas que são todas formadas e expressas corretamente. O trabalho de elaboração dá a essas idéias uma outra forma, e é notável, incompreensivel, que, nesta transcrição ou tradução como que noutra língua, êle se sirva do processo da fusão ou da combinação. Uma tradução se aplica geralmente em tomar em consideração as particularidades do texto e não confundir as similhanças. O trabalho de elaboração, ao contrário, esforça-se por condensar duas idéias diferentes, procurando, como num trocadilho, uma palavra de vários sentidos em que se possam encontrar as duas idéias. Não devemos precipitar-nos em tirar conclusões desta particularidade, que pode aliás tornar-se importante para a concepção do trabalho de elaboração.

Si bem que a condensação torne o sonho obscuro, não temos a impressão de que seja um efeito da censura. Poderíamos antes atribuir-lhe causas mecânicas e econômicas; mas ainda assim a censura tem nela o seu quinhão.

Os efeitos da condensação podem ser perfeitamente extraordinários. Ela torna eventualmente possível reünir num sonho manifesto duas séries de idéias latentes de todo diferentes, de sorte que se pode conseguir uma interpretação aparentemente satisfatória de um sonho, sem se aperceber da possibilidade de uma interpretação em segundo grau.

A condensação tem ainda por efeito perturbar, complicar as relações entre os elementos do sonho latente e os do sonho manifesto. E' assim que um elemento manifesto pode corresponder simultâneamente a vários elementos latentes, assim como um elemento latente pode participar de vários manifestos: tratar-se-ía, pois, de uma espécie de cruzamento. Constata-se igualmente, no correr da interpretação de um sonho, que as idéias que surgem a propósito de um elemento manifesto não devem ser utilizados do mesmo passo, na ordem de sua sucessão. Muitas vezes é mister esperar que todo o sonho tenha recebido sua interpretação.

O trabalho de elaboração opera por conseguinte uma transcrição pouco comum das idéias dos sonhos; uma transição que não é nem uma tradução palavra por palavra ou sinal por sinal, nem uma escolha guiada por certa regra, como quando só reproduzimos as consoantes de uma palavra, omitindo as vogais, nem o que se poderia chamar uma substituição, como quando fazemos sempre sobressair um elemento a expensas de vários outros: achamo-nos em presença de algo completamente diferente e muito mais complicado.

Um outro efeito do trabalho de elaboração consiste no *deslocamento*. Êste felizmente já é nosso conhecido; sabemos antes de mais nada que êle é *in totum* obra da censura dos sonhos. O deslocamento exprime-se de duas maneiras: em primeiro lugar, um elemento latente é substituído, não por um de seus próprios elementos constitutivos, mas por alguma coisa mais afastada, portanto por uma alusão; em segundo lugar, o acento psíquico é transferido de um elemento importante para um outro, pouco importante, de maneira que o sonho recebe um outro centro e parece estranho.

A substituição por uma alusão existe igualmente em nosso pensamento desperto mas com uma certa diferença. No pensamento desperto, a alusão deve ser fàcilmente inteligivel, devendo haver entre a alusão e o pensamento verdadeiro uma relação de conteúdo. O chiste serve-se freqüentemente da alusão, sem observar a condição da associação entre os conteúdos; substitue esta associação por uma associação exterior pouco usada, que se baseia na semelhança tonal, na multiplicidade dos sentidos que uma palavra possue, etc. Entretanto, observa rigorosamente a condição de inteligibilidade; o gracejo perderia totalmente seu efeito si não pudéssemos remontar sem dificuldade da alusão ao seu objeto. Mas o deslocamento por alusão que se efectua no sonho subtrai-se a estas duas limitações. Aqui a alusão só apresenta

relações de todo exteriores e muito afastadas com o elemento a que substitue; da mesma forma é ininteligivel, e quando queremos remontar ao elemento, a interpretação da alusão dá a impressão de um gracejo falhado ou de uma explicação forçada, arrancada a fôrça de muito trabalho. A censura dos sonhos só atinge seu fim quando consegue que não se possa encontrar o caminho que conduz da alusão a seu substrato.

O deslocamento do acento constitue o meio por excelência da expressão dos pensamentos. Às vezes nos servimos dêle no pensamento desperto, para produzir um efeito cômico. Para lhes dar uma idéia dêste efeito, vou lembrar-lhes a anecdota seguinte: havia numa aldeia um ferreiro que se tornara culpado de um crime grave. O tribunal decidiu que êsse crime devia ser punido; mas como o ferreiro era o único na aldeia, e, por conseguinte, indispensavel, e como, em compensação, havia na mesma aldeia três alfaiates, um dêstes é que foi enforcado em lugar do ferreiro.

O terceiro efeito do trabalho de elaboração é, do ponto de vista psicológico, o mais interessante. Consiste numa transformação de idéias em imagens visuais. Isto não quer dizer que todos os elementos constitutivos das idéias dos sonhos passem por esta transformação; muitas idéias conservam sua forma e surgem como tais ou a título de conhecimentos no sonho manifesto; por outro lado, as imagens usuais não são a única forma que as idéias revestem. Nem por isso deixa de ser verdadeiro que as imagens visuais representam um papel essencial na formação dos sonhos. Esta parte do trabalho de elaboração é a mais constante; já o sabemos, assim como já conhecemos a "representação verbal plástica" dos elementos individuais de um sonho.

E' evidente que êste efeito não é fácil de obter. Para ter uma idéia das dificuldades que êle apresenta, imaginem que resolveram substituir um artigo de fundo político por uma série de ilustrações, isto é, substituir os caracteres de imprensa por sinais figurados. No que concerne às pessoas e objetos concretos dêsse artigo, ser-lhes-á fácil e, talvez, mesmo cômodo substituí-los por imagens, mas tropeçarão nas maiores dificuldades logo que abordarem a representação concreta das palavras abstratas e das partes do discurso que exprimem as relações entre as idéias; partículas, conjunções, etc. Quanto às palavras abstratas, podem-se servir de toda sorte de artifícios. Procurarão, por exemplo, transcrever o texto do artigo sob uma outra forma verbal quiçá pouco usada, mas contendo mais elementos concretos e susceptíveis de representação. Lembrar-se-ão então de que a maior parte das palavras abs-

tratas são palavras que outrora foram concretas, e procurarão, à medida do possível, remontar ao seu sentido primitivamente concreto. Ficarão, por exemplo, encantados de poder representar a "posse" (*Besitzen*) de um objeto por sua significação concreta que é a de *estar sentado sôbre* (*daraufsitzen*) êsse objeto. O trabalho de elaboração não procede de outra forma. A uma representação feita nestas condições não se deve exigir uma precisão demasiado grande. Por isso, os senhores não tratarão com rigor o trabalho de elaboração si substitue um elemento tão difícil de exprimir com ajuda de imagens concretas como o adultério (*Ehebruch*) (1) por uma fratura do braço (*Armbruch*) (2). Conhecendo êstes pormenores, poderão em certa medida corrigir as faltas de precisão da escrita figurada quando é chamada a substituir a escrita verbal.

Mas êstes meios auxiliares faltam quando se trata de representar partes do discurso que exprimem relações entre idéias: *porque, pela razão de que*, etc. Êstes elementos do texto não poderão pois ser transformados em imagens. Assim também o trabalho de elaboração dos sonhos reduz o conteúdo das idéias dos sonhos à sua matéria bruta feita de objetos e atividades. Os senhores devem estar contentes si têm a possibilidade de traduzir por uma maior delicadeza de imagens as relações que não são susceptíveis de representação concreta. Efectivamente, é assim que o trabalho de elaboração consegue exprimir certas partes do conteúdo das idéias latentes do sonho pelas propriedades for-

---

(1) **Ehebruch**, literalmente: ruptura de matrimônio. — N. do T.

(2) Enquanto corrigia as provas destas páginas, caíu-me casualmente sob os olhos uma notícia que aqui transcrevo, porque traz uma confirmação inesperada às considerações precedentes:

O CASTIGO DE DEUS

Fratura de braço (**Armbruch**) como expiação por um adultério (**Ehbruch**)

Ana M..., espôsa de um reservista, apresenta contra Clementina K... uma queixa de adultério. Diz na queixa que Clementina tivera com M... relações culpadas, enquanto seu próprio marido estava na frente de batalha, de onde até lhe enviava 70 coroas por mês. Clementina já recebera do marido da denunciante muito dinheiro, enquanto a queixosa e seu filho sofrem fome e miséria. Camaradas de M... contaram à queixosa que seu marido freqüentou com Clementina tavernas onde ficava até tarde da noite. Uma vez mesmo Clementina perguntou ao marido da denunciante, na presença de vários soldados, si não se decidiria em breve a abandonar sua "velha",

mais do sonho manifesto, pelo maior ou menor grau de clareza ou obscuridade que lhe imprime, por sua divisão em vários fragmentos, etc. O número dos sonhos parciais em que se decompõe um sonho latente corresponde via de regra ao número dos temas principais, das séries de idéias de que êle se compõe; um breve sonho preliminar representa em relação ao sonho principal subseqüente o papel de uma introdução, ou de uma motivação; uma idéia secundária que se vem acrescentar às idéias principais é substituída no sonho manifesto por uma mudança de cena intercalada no cenário principal em que se desenrolam os sucessos do sonho latente. E assim por diante. A própria forma dos sonhos não é despida de importância, exigindo também uma interpretação. Vários sonhos que se produzem no correr da mesma noite apresentam freqüentemente a mesma importância e testemunham um esfôrço para dominar cada vez mais uma excitação de intensidade crescente Num só e mesmo sonho, um elemento particularmente difícil pode ser representado por vários símbolos, por duplicações.

Prosseguindo nosso confronto entre as idéias dos sonhos e os sonhos manifestos que as subtituem, constatamos uma multidão de coisas que não esperávamos; é assim que verificamos, por exemplo, que até o absurdo dos sonhos tem sua significação particular. Pode-se dizer que nêste ponto a oposição entre a concepção médica e a concepção

---

para vir viver com ela. A senhoria de Clementina viu muitas vezes o marido da queixosa no quarto de sua amante, em trajes mais que indiscretos. — Perante um juiz de Leopoldstadt, Clementina pretendeu ontem que não conhecia M..., negando por conseguinte, e com mais forte razão, qualquer relação intima com êle.

Mas a testemunha Albertina M..., depôs que surpreendera Clementina abraçando o marido da queixosa.

Já ouvido no correr de uma audiência anterior a título de testemunha, M... negara por sua vez qualquer relação com Clementina. Mas ontem o juiz recebe um carta em que M... retira seu depoïmento anteriormente prestado e confessa ter tido Clementina como amante até o mês de Junho passado. Si negou qualquer relação com essa mulher, por ocasião do interrogatorio precedente, foi porque ela viera procurá-lo e lhe suplicara de joelhos que a salvasse nada confessando. "Hoje, escrevia o depoente, sinto-me forçado a dizer ao tribunal toda a verdade, porque, tendo quebrado o braço esquerdo, considero êsse acidente como um castigo que Deus me inflige por meu pecado.

No correr do processo, Ana M... veio a retirar sua queixa e a incriminada beneficiou-se com essa circunstância.

psicanalítica do sonho atinge um tal grau de acuidade que se torna quasi absoluta. De acôrdo com a primeira o sonho seria absurdo porque a atividade psíquica de que êle é efeito perdeu toda faculdade de formular um juizo crítico; de acôrdo com a nossa concepção, ao contrário, o sonho se torna absurdo logo que se exprime a crítica contida nas idéias do sonho, logo que se acha formulado o juizo: é absurdo. Têm um bom exemplo disto no sonho, que já conhecem, relativo à intenção de assistir a uma representação teatral (três entradas por uma coroa e cincoenta kreuzer). O juizo formulado nessa ocasião era: foi *um absurdo* casar-se tão cedo.

Constatamos igualmente, no correr do trabalho de interpretação, o que corresponde às dúvidas e incertezas tão freqüentemente expressas pelo sonhador, a saber si um certo elemento dado se manifestou realmente no sonho, si era efectivamente o elemento alegado ou suposto, e não um outro. Via de regra, nada nas idéias latentes do sonho corresponde a estas dúvidas e incertezas; são únicamente efeito da censura e devem ser considerados como correspondendo a uma tentativa, parcialmente frutuosa, de supressão, de recalcamento.

Uma das constatações mais surpreendentes é a relativa à maneira porque o trabalho de elaboração trata as oposições que existem no seio do sonho latente. Já sabemos que os elementos análogos dos materiais latentes são substituidos no sonho manifesto por condensações. Ora, os contrários são tratados do mesmo modo que as analogias e são expressos de preferência pelo mesmo elemento manifesto. E' assim que um elemento do sonho manifesto que tem seu contrário pode tão bem significar êle mesmo como êsse contrário, ou ambos a um só tempo; só de acôrdo com o sentido geral podemos decidir nossa escolha quanto à interpretação. E' o que explica que não se encontre no sonho representação, ao menos unívoca, do "não".

Esta estranha maneira de operar que caracteriza o trabalho de elaboração encontra uma feliz analogia no desenvolvimento da língua. Muitos linguistas constataram que nas línguas mais antigas as oposições: forte-fraco, claro-escuro, grande-pequeno são expressas pelo mesmo radical ("Oposição de sentido nas palavras primitivas)"). E' assim que no velho egípcio *ken* significava primitivamente *forte* e *fraco*. Para evitar malentendidos que pudessem resultar do emprêgo de palavras tão ambivalentes, recorria-se, na linguagem falada, a uma entonação e a um gesto que variavam com o sentido que se queria dar à palavra; e na escrita fazia-se seguir a palavra de um "determinativo",

isto é, de uma imagem que não era destinada a ser pronunciada. Escrevia-se pois *ken*-forte, fazendo seguir a palavra de uma imagem representando um homem erguido; e escrevia-se *ken*-fraco, fazendo seguir a palavra da imagem de um homem indolentemente acocorado. Só mais tarde é que se obteve, em conseqüência de ligeiras modificações impressas à palavra primitiva, uma designação especial para cada um dos contrários que ela englobava. Chegou-se assim a desdobrar *ken* (forte-fraco), em *ken*-forte e *ken*-fraco. Algumas línguas mais recentes e certas línguas vivas de nossos tempos conservaram numerosos vestígios desta primitiva oposição de sentido. Vou citar-lhes alguns exemplos, de acôrdo com C. Abel (1884).

O latim continua a apresentar as seguintes palavras ambivalentes: *altus* (alto, profundo, e *sacer* (sagrado, danado).

Eis alguns exemplos de modificação do mesmo radical:

clamare (gritar); *clam* (silencioso, suave, secreto);

Siccus (sêco); *succus* (suco).

E em alemão:

stimme (voz); *stumm* (mudo).

A aproximação de línguas que têm parentesco fornece numerosos exemplos do mesmo gênero:

Inglês: *lock* (fechar); alemão: *Loch* (buraco), *Lücke* (lacuna);

Inglês: *cleave* (fender); alemão: *kleben* (colar).

A palavra inglesa *without*, cujo sentido literal é "com-sem", hoje em dia só é empregada no sentido de "sem"; que a palavra *with* foi empregada para designar não só uma adjunção, mas também uma subtração, é o que provam as palavras compostas *withdraw, withhold*. O mesmo se dá com a palavra alemã *wieder*.

Ainda uma outra particularidade do trabalho de elaboração encontra paralelo no desenvolvimento da língua. No antigo egípcio, como noutras línguas mais recentes, muitas vezes sucede que, de uma língua para outra, a apalavra apresenta, para o mesmo sentido, os sons arranjados em ordens opostas. Damos alguns exemplos tirados da comparação entre o inglês e o alemão.

Topf (panela) — *pot; boat* (barco) — *tub; hurry* (apressar-se) *Ruhe* (repouso); *Balken* (barrote) — *Kloben* (acha de lenha), *club; wait* (esperar) — *tâuwen*.

E a comparação entre o latim e o alemão dá:

capere (apreender, agarrar) — *packen; ren* (rim) — *Niere*.

As inversões no gênero destas, produzem-se no sonho de várias maneiras. Já conhecemos a inversão do sentido, a substituição de um sentido pelo seu contrário. Produzem-se, alem disto, nos sonhos, inversões de situações, de relações entre duas pessoas, como si tudo se passasse num "mundo às avessas". No sonho, é freqüentemente a lebre que persegue o caçador. A sucessão dos acontecimentos passa igualmente por uma inversão, de sorte que a série antecedente ou causal vem-se colocar depois da que normalmente lhe deveria seguir. E' como nas peças que se representam nos teatrinhos de feira, onde o heroi cai morto, antes que atroe os ares nos bastidores o tiro que deve matá-lo. Ha ainda sonhos onde a ordem dos elementos é totalmente invertida, de maneira que, si lhes queremos encontrar o sentido, devemos interpretá-los começando pelo último elemento, para acabar pelo primeiro. Sem dúvida se recordam de nossos estudos sôbre o simbolismo dos sonhos, onde demonstrámos que mergulhar ou caír na água significa a mesma coisa que sair da água, isto é, parir ou nascer, e que trepar numa escada de mão ou subir uma escadaria tem o mesmo sentido que descer uma ou outra. Fàcilmente percebemos as vantagens que a deformação dos sonhos pode tirar dessa liberdade de representação.

Estas particularidades do trabalho de elaboração devem ser consideradas como traços *arcaicos*. São igualmente inerentes aos antigos sistemas de expressão, às antigas línguas e escrítos, onde deparam as mesmas dificuldades de que ainda falaremos mais tarde, em relação com algumas observações críticas.

Para terminar, formulemos algumas considerações suplementares. No trabalho de elaboração, trata-se evidentemente de transformar em imagens concretas, preferentemente de natureza visual, as idéias latentes verbalmente concebidas. Ora, todas as nossas idéias têm como ponto de partida imagens concretas; seus primeiros materiais, suas fases preliminares são constituídas por impressões sensoriais ou, mais exatamente, pelas imagens-lembranças dessas impressões. Só mais tarde é que as palavras foram ligadas a essas imagens entrelaçadas em idéias. O trabalho de elaboração, faz, por conseguinte, as idéias passarem por uma marcha *regressiva*, por um desenvolvimento retrógrado e, no correr desta regressão, deve desaparecer tudo o que o desenvolvimento das imagens-recordações e sua transformação em idéias poude trazer a título de novas aquisições.

Tal seria, pois, o trabalho de elaboração dos sonhos. Em presença dos processos que êle nos revelou, nosso interêsse pelo sonho mani-

festo recuou forçosamente para um plano secundário. Mas como o sonho manifesto é a única coisa que conhecemos de modo direto, ainda lhe vou consagrar algumas observações.

Que o sonho manifesto perca de importância a nossos olhos, nada mais natural. Pouco nos importa que êle seja bem composto ou que se deixe dissociar numa série de imagens isoladas, sem ligação entre si. Mesmo quando tem uma aparência significativa, sabemos que esta deve sua origem à deformação do sonho e não apresenta, com o conteúdo interno do sonho, mais relação orgânica do que a existente entre a fachada de uma igreja italiana e sua estrutura e sua planta. Em certos casos, esta fachada do sonho também apresenta uma significação que retira do fato de reproduzir sem deformação, ou ligeiramente deformado, um elemento constitutivo importante das idéias latentes do sonho. Entretanto, êste fato nos escapa enquanto não efectuamos a interpretação do sonho, que nos permite apreciar o gráu de deformação. Uma dúvida análoga se aplica ao caso em que dois elementos do sonho parecem aproximados a ponto de se acharem em contato íntimo. Pode-se tirar dêste fato a conclusão de que os elementos correspondentes do sonho latente devem igualmente ser aproximados, mas noutros casos é possível constatar que os elementos unidos nas idéias latentes são dissociados no sonho manifesto.

De um modo geral, devemos guardar-nos de querer explicar uma parte do sonho manifesto por outra, como si o sonho fosse concebido como um todo corrente e formasse uma representação pragmática. O sonho parece-se antes, na maioria dos casos, com um mosaico feito com fragmentos de diferentes pedras reünidos com cimento, de modo que os desenhos daí resultantes não correspondem absolutamente aos contornos dos minerais de que êsses fragmentos foram retirados. Existe com efeito uma *elaboração secundária dos sonhos*, que se encarrega de transformar num todo mais ou menos coerente os dados mais imediatos do sonho, mas arrumando-os numa ordem muitas vezes absolutamente incompreensível e completando-os nos pontos onde isso parece necessário.

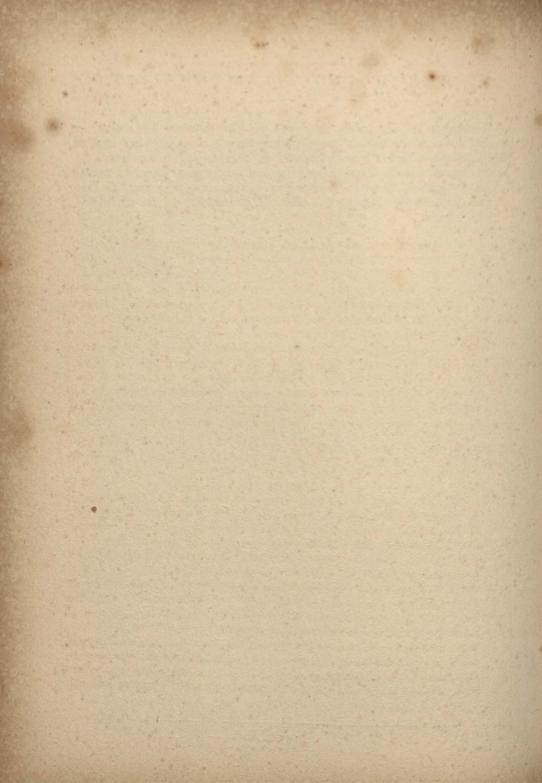
Por outro lado, não se deve exagerar a importância do trabalho de elaboração nem conceder-lhe uma confiança sem reserva. Sua atividade se esgota nos efeitos que acabamos de enumerar; condensar, deslocar, efectuar uma representação plástica, submeter em seguida o total a uma elaboração secundária, eis tudo o que pode fazer. E nada mais Os juizos, as apreciações críticas, o espanto, as conclusões que se pro-

duzem nos sonhos, nunca são efeito do trabalho de elaboração, raramente são efeito de uma reflexão sobre o sonho: as mais das vezes são fragmentos de idéias latentes que passaram para o sonho manifesto, depois de passar por certas modificações e uma certa adaptação recíproca. O trabalho de elaboração também não pode compor discursos. Afora algumas excepções raras, os discursos ouvidos ou pronunciados nos sonhos são ecos os justaposições de discursos ouvidos ou pronunciados no dia que precedeu o sonho, tendo sido êstes discursos introduzidos nas idéias latentes na qualidade de materiais ou a título de excitadores do sonho. Os cálculos escapam igualmente à competência do trabalho de elaboração; os que encontramos no sonho manifesto são quasi sempre justaposições de números, aparências de cálculos, totalmente desprovidas de sentido ou, ainda, simples cópias de cálculos efectuados nas idéias latentes do sonho. Nestas condições, não nos devemos admirar de ver o interêsse que se votava ao trabalho de elaboração desviar-se dêle, dirigindo-se para as idéias latentes que o sonho manifesto revela num estado mais ou menos deformado. Mas faz-se mal em levar esta mudança de orientação ao ponto de, nas considerações teóricas, só falar das idéias latentes do sonho, pondo-as no lugar do sonho manifesto, e em formular, a propósito dêste último, proposições que só se aplicam às primeiras. E' exquisito que se tenha podido abusar dos dados da psicanálise para operar esta confusão. O "sonho" não é outra coisa sinão o efeito do trabalho de elaboração; é portanto a *forma* que êste trabalho imprime às idéias latentes.

O trabalho de elaboração é um processo de uma ordem absolutamente particular, do qual ainda não se conhece análogo na vida psíquica. Estas condensações, deslocamentos, transformações regressivas de idéias em imagens, são novidades cujo conhecimento constitue a principal recompensa dos esforços psicanalíticos. Doutra parte, podemos, por analogia com o trabalho de elaboração, constatar os laços que ligam os estudos psicanalíticos a outros domínios tais como a evolução da língua e do pensamento. Os senhores só estarão em condições de apreciar toda a importância destas noções quando souberem que os mecanismos que presidem o trabalho de elaboração são os protótipos dos que regulam a produção dos sintomas neuróticos.

Sei igualmente que ainda não podemos abranger com um olhar de conjunto todas as novas aquisições que a psicologia pode retirar dêstes trabalhos. Apenas chamamos a atenção dos senhores para as novas provas que pudemos obter em favor da existência de atos psíquicos

inconcientes (e são precisamente isso as idéias latentes dos sonhos) e sobre o acesso insuspeito que a interpretação dos sonhos abre àqueles que querem adquirir o conhecimento da vida psíquica inconciente.

Agora, vou analisar perante os senhores alguns pequenos exemplos de sonhos, afim de mostrar-lhes minuciosamente o que só lhes apresentei até êste momento, a título de preparação, de um modo sintético e geral.

CAPÍTULO XII

ANÁLISE DE ALGUNS EXEMPLOS DE SONHOS

Não fiquem decepcionados si ainda agora, em vez de convidá-los a assistir à interpretação de um grande e belo sonho, só lhes apresento fragmentos de interpretação. Os senhores pensam decerto que depois de tanta preparação têm o direito de ser tratados com mais confiança e que depois da feliz interpretação de tantos milhares de sonhos deveríamos ter podido, ha muito tempo, reünir uma coleção de excelentes exemplos de sonhos oferecendo todas as provas desejadas em favor de tudo o que dissemos, no que se refere ao trabalho de elaboração e às idéias dos sonhos. Talvez tenham razão, mas devo advertir-lhes que numerosas dificuldades se opõem à realização de seu desejo.

Antes de tudo, faço questão de lhes dizer que não ha pessoas que façam da interpretação dos sonhos sua ocupação principal. Quando temos ocasião de interpretar um sonho? Ocupamo-nos às vezes, sem nenhuma intenção especial, dos sonhos de uma pessoa amiga, ou então trabalhamos durante algum tempo com os nossos próprios sonhos, afim de exercitar-nos na técnica psicanalítica; mas as mais das vezes temos de nos haver com sonhos de pessoas nervosas, submetidas ao tratamento psicanalítico. Êstes últimos sonhos constituem material excelente e nada ficam a dever ao sonhos de pessoas sãos, mas a técnica do tratamento nos obriga a subordinar a interpretação dos sonhos às exigências terapêuticas e a abandonar de passagem um grande número de sonhos, logo que conseguimos extrair dêles dados susceptíveis de receber uma utilização terapêutica. Certos sonhos, especialmente os que se produzem durante a cura, escapam muito simplesmente a uma interpretação completa. Como surgem do conjunto total dos materiais psíquicos que ainda ignoramos, só podemos compreendê-los uma vez terminada a cura. A comunicação dêstes sonhos necessitaria que puséssemos ante os olhos dos senhores todos os mistérios de uma neurose; isto não

se coaduna com nossas intenções, pôsto que vemos no estudo do sonho uma preparação ao das neuroses.

Assim sendo, talvez os senhores renuciem de bom grado a êstes sonhos, para ouvir a explicação de sonhos de homens sãos ou de seus próprios sonhos. Mas isto é quasi impraticavel, dado o conteúdo de uns e outros. E' quasi impossível confessar-se a si mesmo ou confessar os que depositaram em nós sua confiança, com essa franqueza e sinceridade que exigiria uma interpretação completa de sonhos, os quais, conforme sabem, derivam do que ha de mais íntimo em nossa personalidade. Fora dessa dificuldade de obter materiais, ainda ha uma outra razão que se opõe à comunicação dos sonhos. O sonho, sabem os senhores, depara-se ao sonhador como algo estranho; com mais forte razão deve surgir como tal aos que não conhecem a pessoa que teve o sonho. Não faltam à nossa literatura boas e completas análises de sonhos; eu próprio tenho publicado algumas a propósito de observações de doentes; o mais belo exemplo de interpretação é talvez o publicado por Otto Rank. Trata-se de dois sonhos de uma moça, um relacionado com o outro. Sua exposição ocupa apenas duas páginas impressas, quando a análise vai a setenta e seis. Ser-me-ia preciso quasi um semestre para efectuar com os senhores um trabalho dêste gênero. Quando abordamos a interpretação de um sonho um pouco longo e mais ou menos consideravelmente deformado, necessitamos de tantos esclarecimentos, precisamos tomar em consideração tantas idéias e lembranças que surgem na mente do sonhador, embrenhar-nos em tantas digressões, que um relatório de um trabalho dêste gênero adquiriria uma extensão considerável e não lhes daria nenhuma satisfação. Devo portanto pedir-lhes que se contentem com o que é mais fácil de obter, isto é, com a comunicação de pequenos fragmentos de sonhos de pessoas neuróticas, dos quais se pode estudar isoladamente tal ou tal elemento. São os símbolos dos sonhos e certas particularidades da representação regressiva dos sonhos que mais fàcilmente se prestam à demonstração. Dir-lhes-ei, a propósito de cada um dos sonhos que seguem, as razões pelas quais êle me parece merecer uma comunicação.

1. Eis um sonho que se compõe de duas breves imagens: *Seu tio fuma um cigarro, a-pesar-de ser sábado. — Uma mulher o abraça e acaricia como seu filho.*

A propósito da primeira imagem, o sonhador, que é judeu, diz que seu tio homem piedoso, nunca praticou e nunca seria capaz de praticar

um tal pecado (1). A propósito da mulher que figura na segunda imagem, só pensa em sua mãe. Existe certamente uma relação entre estas duas imagens ou idéias. Mas qual? Como exclue formalmente a realidade do ato de seu tio, temos a tentação de reünir as duas imagens pela relação de dependência temporal. "*No caso em que* meu tio, santo homem, se decidisse a fumar um cigarro no sábado, eu deveria deixar-me acariciar por minha mãe." Isto significa que as carícias trocadas com a mãe constituem uma coisa tão pouco permitida como para um judeu piedoso fumar no sábado. Já lhes disse, e os senhores decerto se lembram disso, que no correr do trabalho de elaboração todas as relações entre as idéias dos sonhos se acham suprimidas, que essas mesmas idéias são reduzidas à condição de materiais brutos e que a tarefa da interpretação é reconstituir estas relações desaparecidas.

2. Em conseqüência de minhas publicações sôbre o sonho, tornei-me, em certa medida, um consultor oficial para os assuntos que se relacionam com os sonhos, e recebo ha vários anos missivas de toda parte, nas quais me comunicam sonhos ou me pedem opinião sobre sonhos. Estou naturalmente agradecido a todos os que me enviam materiais suficientes para tornar a interpretação possivel ou que propõem êles mesmos uma interpretação. Desta categoria faz parte o seguinte sonho, que me foi comunicado em 1910 por um estudante de medicina de Munich. Cito-o para lhes mostrar como um sonho é em geral difícil de compreender, quando o sonhador não nos forneceu todas as informações necessárias. Vou igualmente poupar-lhes um grave êrro, pois suspeito que estão propensos a considerar a interpretação dos sonhos que se baseia na importância dos símbolos como a interpretação ideal e a rejeitar para o segundo plano a técnica baseada nas associações que surgem a propósito dos sonhos.

13 de Julho de 1910: Ao amanhecer tenho o seguinte sonho: *Desço de bicicleta uma rua de Tubinga, quando um cachorrinho preto se precipita atrás de mim e me abocanha o calcanhar. Salto do veículo um pouco mais adiante, sento-me num batente e começo a defender-me contra o animal que ladrava com fúria.* (Nem a mordedura nem a cena que a segue me fazem experimentar uma sensação desagradável). *Diante de mim estão sentadas duas senhoras que me contemplam com um ar zombeteiro. Desperto então e, coisa que já me sucedeu mais de uma vez,*

---

(1) Fumar e, em geral, acender fogo no sabado é considerado um pecado pelos judeus.

no momento exato da passagem do sono ao estado de vigília, todo o meu sonho me parece claro.

Os símbolos aqui nos seriam de pouca valia. Mas o sonhador nos informa o seguinte: "Eu estava, havia algum tempo, apaixonado por uma moça que só conhecia de tê-la visto muitas vezes na rua, sem nunca ter tido ocasião de aproximar-me dela. Sentir-me-ia muito feliz si essa ocasião me fosse proporcionada por um *basset*, pois gosto muito de animais e acreditava com prazer ter surpreendido o mesmo sentimento na moça". Acrescenta que freqüentemente lhe foi dado intervir, com muita dextreza e grande admiração dos espectadores, para separar cães que brigavam. Sabemos ainda que a moça que lhe agradava era sempre vista em companhia de um cachorro dessa raça. Apenas, no sonho manifesto a moça estava afastada e só se conservara o cão que lhe estava ligado. Pode ser que as damas que zombavam dêle lhe tivessem sido evocadas no lugar da moça. Suas informações ulteriores não bastam para esclarecer êste ponto. O fato de êle se ver no sonho passeando de bicicleta constitue a representação direta da situação de que êle se recorda. Só encontrava a moça com o cachorrinho quando estava passeando de bicicleta.

3. Quando alguem perde um parente que lhe é caro, tem durante muito tempo sonhos singulares nos quais se encontram os mais estranhos convênios entre a certeza da morte e a necessidade de fazer reviver o falecido. Ora o desaparecido, a-pesar-de estar morto, continua a viver, pois não sabe que está morto, e morreria de todo si o soubesse; ora está meio morto, meio vivo, e cada um dêsses estados se distingue por sinais particulares. Faríamos mal si tratássemos êstes sonhos de absurdos, pois a ressureição não é mais inadmissivel no sonho que no conto, por exemplo, onde constitue um acontecimento ordinário. Pelo que tenho podido analisar dêstes sonhos, verifiquei que se prestavam a uma explicacção racional, mas que o piedoso desejo de trazer o morto à vida sabe satisfazer-se pelos meios mais extraordinários. Vou-lhes citar um sonho dêste gênero, que parece exquisito e absurdo e cuja análise lhes revelará certos pormenores que nossas considerações teóricas eram de natureza a lhes fazer prever. E' o sonho de um homem que perdeu seu pai ha vários anos.

O pai morreu, mas foi exhumado e está com mau aspecto. Continua vivo depois da exhumação, e o sonhador faz todo o possivel para que êle não o perceba. (Aqui o sonho passa a outras coisas, aparentemente muito afastadas dêle).

O pai morreu: sabemo-lo. Sua exhumação não corresponde mais à realidade que as minúcias ulteriores do sonho. Mas o sonhador conta: quando voltou do entêrro do pai, sentiu dor de dente. Queria tratar o dente doente segundo a prescrição da lei judaica: "Quando um dente te faz sofrer, arranca-o", e foi procurar um dentista. Mas êste lhe disse: "Não se arranca um dente nestas condições; é preciso ter paciência. Vou pôr no dente uma coisa que matará a polpa. Volte daqui a três dias, para extraír o nervo."

E' essa "extração", diz de repente o sonhador, que corresponde à exhumação.

Teria razão o sonhador? Não de todo, pois não era o dente que devia ser extraído, e sim sua parte morta. Mas essa é uma das numerosas imprecisões que, de acôrdo com as nossas experiências, freqüentemente constatamos nos sonhos. O sonhador teria então operado uma condensação, fundindo num só o pai defunto e o dente morto e entretanto conservado. Nenhuma admiração si daí resultou no sonho manifesto algo absurdo, pois tudo o que se diz do dente não se pode aplicar ao pai. Onde se encontraria em geral, entre o pai e o dente, êste *tertium comparationis* que tornou possivel a condensação que encontramos no sonho manifesto?

Entretanto, deve haver uma relação entre o pai e o dente, pois o sonhador nos diz que sabe que quando se sonha com um dente caído, isto significa que se vai perder um membro da família.

Sabemos que esta interpretação popular é inexata ou só é exata num sentido especial, isto é, como gracejo. Eis porquê ficaremos tanto mais admirados si encontrarmos êste tema detrás de todos os outros fragmentos do conteúdo do sonho.

Sem que lho solicitemos, nosso sonhador põe-se entretanto a falar da doença e da morte de seu pai, assim como de sua atitude para com êste. A doença do pai durara um tempo enorme, tendo os cuidados e o tratamento custado muito dinheiro ao filho. E contudo, êle, o filho, nunca se lastimara, nunca manifestara a menor impaciência, nunca exprimira o desejo de ver tudo aquilo acabado. Gaba-se de sempre ter votado ao pai um sentimento de piedade verdadeiramente judaico, de sempre se haver conformado rigorosamente com a lei judaica. Não se admira da contradição existente nas idéias que se referem aos sonhos? Êle identificou o dente e o pai. Para com o dente, queria agir segundo a lei judaica, que ordenava arrancá-lo desde o instante em que era uma causa de dor e contrariedade. Para com o pai, queria igualmente agir

segundo a lei que, desta vez, ordena entretanto não se queixar da despesa e da contrariedade, suportar pacientemente a provação e interdizer-se toda intenção hostil para com o objeto que é causa de dor. A analogia entre as duas situações teria sido todavia mais completa, si o filho sentisse pelo pai os mesmos sentimentos que votava ao dente, isto é, si tivesse desejado que a morte viesse pôr fim à existência dolorosa, inútil e custosa daquele.

Estou persuadido de que tais foram efectivamente os sentimentos de nosso sonhador para com seu pai durante a penosa moléstia dêste, e que seus ruidosos protestos de amor filial eram apenas destinados a desviá-lo dessas recordações. Em situações dêste gênero, sentimos geralmente o desejo de ver chegar a morte, mas êsse desejo se cobre com a máscara da piedade: a morte, dizemos, seria uma libertação para o doente que sofre. Reparem entretanto que aqui transpomos o limite das idéias latentes em si. A primeira intervenção destas decerto só foi inconciente durante pouco tempo, isto é, durante o período de formação do sonho; mas os sentimentos hostís para com o pai devem ter existido no estado inconciente desde um tempo bastante longo, talvez mesmo desde a infância, e só ocasionalmente, durante a moléstia, é que êles, tímidos e acentuados, se insinuaram na conciência. Com mais certeza ainda, podemos afirmar o mesmo no que concerne a outras idéias latentes que contribuíram para constituir o conteúdo do sonho. Não se descobre no sonho nenhum vestígio de sentimentos hostís para com o pai. Mas si procurarmos a raiz de semelhante hostilidade, remontando até a infância, recordamos que ela reside no temor que nos inspira o pai, o qual desde cedo começa a refrear a atividade sexual do rapaz e continua a opor-lhe obstáculos, por força de razões sociais, mesmo na idade que segue a puberdade. Isto tambem é verdade no que se refere à atitude de nosso sonhador em relação ao pai: seu amor era mitigado por muito respeito e temor, que tinham sua fonte no controle exercido pelo pai sôbre a atividade sexual do filho.

Os outros pormenores do sonho manifesto explicam-se pelo onano-complexo. "Está com mau aspecto": isto bem pode ser uma alusão às palavras do dentista de que é má perspetiva perder um dente nêsse lugar. Mas esta frase talvez tambem se refira ao aspecto abatido pelo qual o rapazinho que atinge a puberdade trai ou teme traír sua atividade sexual exagerada. Não foi sem certo alívio para si mesmo que o sonhador, no conteúdo do sonho manifesto, transferiu o mau aspecto ao pai, e isto em virtude de uma inversão do trabalho de elaboração que já conhecem.

"Continúa a viver depois": esta idéia corresponde tão bem ao desejo de ressurreição como à promessa do dentista de que o dente poderá ser conservado. Mas a proposição: "o sonhador faz todo o possível *para que êle (o pai) não perceba isso*", é perfeitamente requintada, pois tem por fim sugerir-nos que êle está morto. A única conclusão significativa decorre entretanto do "onano-complexo", pois é absolutamente compreensível que o rapaz faça todo o possível para dissimular ao pai sua vida sexual. Recordem a êste respeito que sempre fomos levados a recorrer ao onanismo e ao temor do castigo pelas praticas que êle comporta, para interpretar os sonhos que têm por objeto a dor de dente.

Vêem agora como se poude formar êste sonho incompreensivel. Vários processos foram postos em ação para êste fim: condensação singular e enganadora, deslocamento de todas as idéias fora da série latente, creação de várias formações substitutivas para as mais profundas e recuadas no tempo dentre estas idéias.

4. Já tentámos em várias oportunidades abordar êstes sonhos sóbrios e banais que nada contêm de absurdo ou estranho, mas a propósito dos quais se suscita a questão: porquê sonhamos com coisas tão indiferentes? Vou, por conseguinte, citar-lhes um novo exemplo dêste gênero: três sonhos ligados entre si e tidos por uma jovem sonhadora no correr da mesma noite.

a) Atravessa o salão de seu apartamento e bate com a cabeça no lustre suspenso do teto. Disto resulta uma ferida cruenta.

Nenhuma reminiscência; nenhuma recordação de um acontecimento realmente havido. As informações que ela fornece índicam uma direção bem diferente. "Sabem a que ponto me estão caíndo os cabelos. Meu filho me disse ontem: Mamãe, si isto continua, tua cabeça dentro em breve estará como um trazeiro". A cabeça surge aqui como símbolo da parte oposta no corpo. A significação simbólica do lustre é evidente: todos os objetos alongados são símbolos do órgão sexual masculino. Tratar-se-ia, pois, de uma hemorragia na parte inferior do tronco, em conseqüência do ferimento ocasionado pelo penis. Isto ainda poderia ter vários sentidos; as outras informações fornecidas pela sonhadora demonstram que se trata da crença segundo a qual as regras seriam provocadas pelas relações sexuais com o homem, teoria sexual que conta muitos fieis entre as raparigüinhas que ainda não atingiram a puberdade.

b) Vê na vinha uma cova profunda que, ela o sabe, provém do arrancamento de uma árvore. Observa a êste respeito que a própria

árvore *falta*. Crê não ter visto a árvore no sonho, mas toda a sua frase serve à expressão de uma outra idéia que lhe revela a significação simbólica. Refere-se êste sonho particularmente a uma outra teoria sexual segundo a qual as meninas teriam a principio os mesmos órgãos sexuais que os meninos; só em consequência da castração (arrancamento de uma árvore) é que os órgãos sexuais da mulher tomariam a forma que sabemos.

c) *Está em pé diante da gaveta de sua escrivaninha, cujo conteúdo lhe é tão familiar que logo percebe a menor intervenção de mão estranha*. A gaveta da escrivaninha é, como qualquer gaveta ou caixa, a representação simbólica do órgão sexual da mulher. Ela sabe que os vestigios de relações sexuais (e, conforme acredita, dos contatos manuais) são fáceis de reconhecer e durante muito tempo receara essa prova. Creio que o interêsse dêstes sonhos reside principalmente nos *conhecimentos* que a sonhadora demonstra: recorda a época de suas reflexões infantis sôbre os mistérios da vida sexual, assim como os resultados a que chegara e de que então muito se envaidecera.

5. Ainda um pouco de simbolismo. Mas desta vez devo préviamente expor com brevidade a situação psíquica. Um cavalheiro, que passou uma noite na intimidade de uma senhora, fala a respeito dela como uma dessas naturezas maternais em que o sentimento amoroso se baseia unicamente no desejo de ter um filho. Mas as circunstâncias em que teve lugar o encontro de que se trata eram tais, que se tiveram de tomar precauções contra a maternidade eventual, e sabemos que a principal dessas precauções consiste em impedir o liquido seminal de penetrar nos órgãos genitais de mulher. Ao despertar que segue o encontro em questão, a senhora conta o seguinte sonho:

Um oficial coberto por um manto vermelho persegue-a na rua. Põe-se a correr, sobe a escada de sua casa; êle segue-a sempre. Sem fôlego, ela chega diante de seu apartamento, entra a correr e fecha a porta detrás de si. Êle fica de fora e, olhando pela janéla, ela o vê sentado num banco e chorando.

Os senhores reconhecem sem dificuldade, na perseguição pelo oficial de capa vermelha e na precipitada ascenção da escada, a representação do ato sexual. O fato de a sonhadora se trancar a chave para esquivar-se à perseguição, representa um exemplo dessas inversões que tão freqüentemente se produzem nos sonhos: alude à não-conclusão do ato sexual pelo homem. Assim tambem ela deslocou sua tristeza, atri-

buíndo-a ao companheiro: é êle que vê chorar no sonho, o que constitue igualmente uma alusão à emissão de esperma.

Decerto já ouviram dizer que segundo a psicanálise todos os sonhos teriam uma significação sexual. Agora estão em condições de constatar a que ponto êste juizo é incorreto. Conhecem sonhos que são realizações de desejos, sonhos em que se trata da satisfação das necessidades mais fundamentais, como a fome, a sêde, a necessidade de liberdade, conhecem tambem sonhos que denominei de comodidade e de impaciência, sonhos de cupidez, sonhos egoístas. Mas devem considerar como outro resultado da investigação psicanalítica o fato de que os sonhos muito deformados (nem todos aliás) servem principalmente para exprimir desejos sexuais.

6. Tenho aliás uma razão especial para acumular os exemplos de aplicação de símbolos nos sonhos. Logo em nosso primeiro encontro lhes disse quão difícil era, no ensino da psicanálise, fornecer as provas do que se adianta, conseguindo dêsse jeito convencer os ouvintes. Desde então, os senhores tiveram mais de uma oportunidade de certificar-se de que eu tinha razão. Ora, existe entre as diversas proposições e afirmações da psicanálise um laço tão íntimo, que a convicção adquirida num ponto pode estender-se a uma parte maior ou menor do todo. Da psicanálise pode-se dizer que basta estender-lhe o dedo mindinho para que ela segure a mão inteira. Quem compreendeu e adoptou a explicação dos atos falhados deve, para ser lógico, adoptar todo o resto. Ora, o simbolismo dos sonhos nos oferece um outro ponto também fàcilmente acessivel. Vou expor-lhes um sonho, já publicado, de uma mulher do povo, cujo marido é agente de polícia e que decerto nunca ouvira falar de simbolismo dos sonhos e de psicanálise. Julguem por si mesmos si a interpretação dêste sonho com a ajuda de símbolos sexuais deve ou não ser considerada como arbitrária e forçada

"... Alguem se introduziu então no alojamento; cheia de angústia, ela chama um agente de polícia. Mas êste, de acôrdo com dois ladrões, entrou numa igreja à qual conduziam vários degrus. Detrás da igreja, havia uma montanha coberta de uma floresta espêssa. O agente de polícia estava coberto por um capote e trazia colarinho alto e capa. Usava crescida a barba, que era negra. Os dois vagabundos, que acompanhavam tranqüilamente o agente, traziam à cintura aventais abertos em forma de sacos. Um caminho conduzia da igreja à montanha. Êsse caminho era coberto dos dois lados de hervas e sarças, que

se tornavam cada vez mais espessos para se transformar em verdadeira floresta no ápice da montanha."

Reconhecem fàcilmente os símbolos empregados. Os órgãos genitais masculinos são representados por uma trindade de pessoas, os órgãos femininos por uma paisagem, com capela, montanha e floresta. Encontram aqui os degraus como símbolo do ato sexual. O que é chamado montanha no sonho tem o mesmo nome em anatomia: monte de Venus.

7. Mais um sonho que deve ser interpretado com o auxílio de símbolos, notavel e probante pelo fato de ter sido o próprio sonhador quem traduziu todos os símbolos, sem possuir o menor conhecimento teórico relativo à interpretação dos sonhos. Circunstância absolutamente extraordinária, cujas condições não são exatamente conhecidas.

"*Está passeando com o pai num lugar que é certamente o Prater, pois se vê a rotunda e diante desta uma pequena saliência á qual está preso um balão captívo, que parece bastante vazio. O pai pergunta-lhe para que serve tudo isto; a pergunta admira-o, mas nem por isso deixa de dar a explicação que lhe é pedida. Chegam em seguida a um páteo no qual está estendida uma grande placa de folha de flandres. O pai queria destacar um grande pedaço dela, mas olha em redór para saber si ninguém o está observando. Diz-lhe que basta prevenir o guarda: poderá então levar tudo o que quiser. Dêsse páteo, uma escadaria conduz a um fosso, cujas paredes são pregueadas como, por exemplo, os arremates de uma poltrona de couro. Na extremidade dêsse fosso, encontra-se uma comprida plataforma, depois da qual começa outro fosso*".

O sonhador interpreta êle mesmo: "A rotunda, são os meus órgãos genitais; o balão captivo que se acha diante dela não é sinão meu membro, cuja faculdade de erecção está diminuída nêstes últimos tempos". Para traduzir mais exatamente, a rotunda é a região glútea que a criança considera geralmente como fazendo parte do aparelho genital; a pequena saliência diante da rotunda é o escroto. No sonho, o pai lhe pergunta o que tudo isto significa, isto é, qual o fim e a função dos órgãos genitais. Podemos, sem risco de nos enganar, inverter as situações e admitir que é o filho que interroga. Como o pai, na vida real, nunca fez semelhante pergunta, devemos considerar esta idéia do sonho como um desejo ou só aceitá-la condicionalmente: "Si eu pedisse a meu pai informações relativas aos órgãos sexuais." Tornaremos a encontrar daqui a pouco a seqüência e o desenvolvimento desta idéia.

O páteo em que está estendida a placa de folha de flandres não deve ser considerado como sendo essencialmente um símbolo: faz parte do local em que o pai exerce seu comércio. Por discreção, substituí pela folha de flandres o artigo em que êle trabalha, sem nada alterar no texto do sonho. O sonhador, que auxilia o pai em seus negócios, foi chocado desde o primeiro dia pela incorrecção dos processos em que se baseia grande parte do lucro. Eis porquê devemos dar à idéia de que falámos mais acima a seguinte seqüência: "(Si perguntasse a meu pai), ter-me-ia enganado, como engana seus fregueses". O pai queria tirar um pedaço da chapa: pode-se ver nêste desejo a representação da deshonestidade comercial, mas o próprio sonhador dá outra explicação; significa o onanismo. Isto, sabemo-lo ha muito tempo, mas, por outro lado, essa interpretação concorda com o fáto de que o segrêdo do onanismo é expresso pelo seu contrário (o filho diz ao pai que si quer levar um pedaço de folha, deve fazê-lo abertamente, pedindo licença ao guarda). Também não nos admira ver o filho atribuir ao pai as práticas onanicas, como lhe atribuiu a interrogação na primeira cena do sonho. Quanto ao fosso, o sonhador interpreta-o evocando a macia ondulação das paredes vaginais. E eu acrescento de minha parte que a descida, como noutros casos a subida, significa o ato do coito.

O primeiro fosso, dizia-nos o sonhador, era seguido de uma longa plataforma, ao fim da qual começava outro fosso. Aqui se trata de pormenores biográficos: Depois de ter tido relações sexuais freqüentes, o sonhador acha-se atualmente estorvado na realização do ato sexual e espera, graças ao tratamento, recobrar o vigor de outrora.

8. Os dois sonhos que seguem pertencem a um estrangeiro de disposições poligâmicas muito pronunciadas. Cito-os para lhes mostrar que é sempre o *eu* do sonhador que aparece no sonho, mesmo quando se acha dissimulado no sonho manifesto. As malas que figuram nêsses sonhos são símbolos de mulheres.

a) Parte em viagem; suas bagagens são trazidas à estação por um carro. Compõem-se de grande número de malas, entre as quais se acham duas grandes malas pretas, no gênero de malas de mostruários. Diz a alguém à guiza de consôlo: estas só vão até a estação.

Viaja efectivamente com muita bagagem, mas também faz intervir no tratamento muitas histórias de mulheres. As duas malas pretas correspondem a duas mulheres morenas, que atualmente representam em sua vida um papel de primeira importância. Uma delas queria acompanhá-lo a Viena; a conselho meu, telegrafou-lhe que não viesse.

b) Uma cena na alfândega: *um de seus companheiros de viagem abre a mala e diz fumando negligentemente um cigarro: não ha nada aí dentro. O guarda-alfandegário parece acreditar, mas recomeça a pesquisar e encontra alguma coisa absolutamente proïbida. O viajante diz então com resignação: não ha nada a fazer.* — E' êle mesmo que é o viajante; eu sou o guarda-alfandegário. Geralmente muito sincero em suas confissões, êle quís dissimular-me as relações que acabava de entabolar com uma senhora, pois podia supôr com razão que essa senhora não me era desconhecida. Transferiu para outra pessoa a penosa situação de alguém que recebe um desmentido, e é assim que parece não figurar nêste sonho.

9. Exemplo de um símbolo que ainda não mencionei:

Êle encontra a irmã em companhia de duas amigas, que também são irmãs. Estende a mão a estas, mas não à sua própria irmã.

Êste sonho não se relaciona com nenhum acontecimento conhecido. Suas lembranças o reportam antes a uma época em que observa pela primeira vez, procurando a causa dêste fato, que o peito se desenvolve tarde nas raparigas. As duas irmãs representam, pois, dois seios que êle pegaria de bom grado, contanto que não fossem os seios de sua irmã.

10. Um exemplo de simbolísmo da morte no sonho:

O sujeito caminha por uma ponte de ferro com duas pessoas que conhece, mas cujos nomes esqueceu ao despertar. Súbito, essas duas pessoas desaparecem, e êle vê um homem espectral de boné e roupa de linho. Pergunta-lhe si é o mensageiro dos telégrafos... Não. Si é o condutor de veículos. Não. Continúa seu caminho, sente ainda durante o sonho uma grande angústia e, mesmo depois de acordado, prolonga o sonho imaginando que a ponte de ferro se desmorona e que êle se precipita no abismo.

As pessoas de que dizemos não conhecê-las ou que esquecemos seus nomes são as mais das vezes pessoas muito chegadas. O sonhador tem um irmão e uma irmã; si desejasse a morte de ambos, nada mais justo do que sentir êle mesmo por isso uma angústia mortal. A respeito do mensageiro dos telégrafos, observa que são sempre portadores de más notícias. Pelo informe, também podia ser um acendedor de lampeões, mas os acendedores de lampeões também são encarregados de apagá-los, como o gênio da morte extingue a chama da vida. A idéia do condutor de veículo associa o poema de Uhland sôbre a viagem marítima do rei Carlos, e lembra-se a êste respeito de uma perigosa viagem por mar

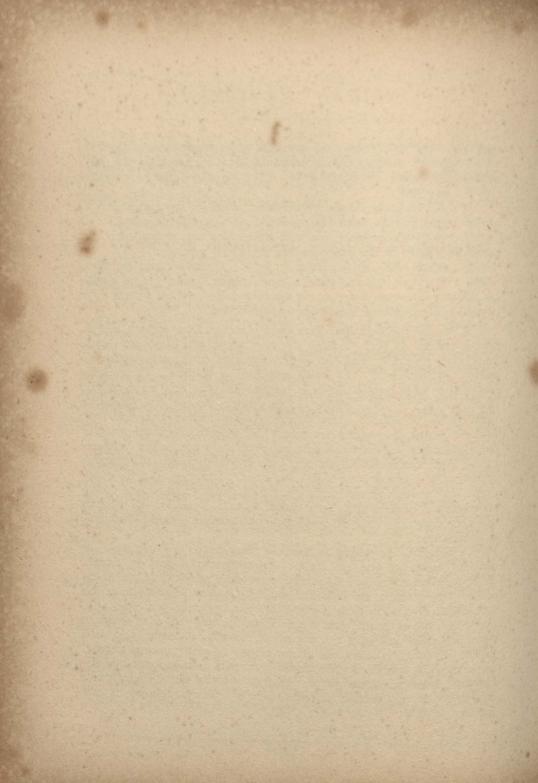
com dois camaradas, viagem no correr da qual representara o papel do rei no poema. A propósito da ponte de ferro, lembra-se de um grave acidente sobrevindo ha pouco tempo e do absurdo aforismo: a vida é uma ponte pensil.

11. Outro exemplo de representação simbólica da morte: *um cavalheiro desconhecido deixa um cartão de visita tarjado de preto.*

12. O sonho seguinte, que tem aliás, entre seus antecedentes, um estado neurótico, ha de interessar-lhes sob vários aspectos:

O sujeito viaja em caminho de ferro. O trem estaca em pleno campo. Êle pensa que se trata de um acidente, que é preciso pensar em salvar-se, atravessa todos os compartimentos do comboio e mata todas as pessoas que encontra: condutor, maquinista, etc.

A isto se liga a lembrança de uma narrativa feita por um amigo. Numa estrada de ferro italiana, transportava-se um louco num compartimento reservado, mas por engano deixaram entrar um viajante no mesmo compartimento. O doido assassinou o viajante. O sonhador identifica-se pois com o doido e justifica seu ato pela representação obsedante, que o atormenta de vez em quando, de que deve "suprimir todas as testemunhas". Mas depois encontra melhor motivação que forma o ponto de partida do sonho. Na véspera, reviu no teatro a moça que devia desposar, mas de quem se separara porque lhe fazia ciumes. Dada a intensidade que nêle pode atingir o ciume, enlouqueceria realmente si houvesse desposado essa moça. Isto significa: êle considera-a tão pouco fiel, que seria obrigado a matar todos os que encontrasse em seu caminho, pois teria ciumes de todo o mundo. Já sabemos que atravessar uma série de aposentos (aqui compartimentos) é símbolo de casamento.

A propósito da parada do trem em pleno campo e do medo de um acidente, conta-nos que um dia em que realmente viajava em estrada de ferro, o trem parara subitamente entre duas estações. Uma jovem senhora que estava a seu lado declarou-lhe que provavelmente se ia dar uma colisão com outro trem, e que nêste caso a primeira precaução a tomar é levantar as pernas para o ar. Estas "pernas para o ar" tambem desempenharam um papel nas numerosas excursões e passeios pelo campo que fez com a tal moça nos ditosos tempos de seus primeiros amores. Nova prova de que êle deveria ser um louco para casar-se agora com ela. Contudo, o conhecimento que eu tinha da situação permite-me afirmar que nem por isso deixava de persistir nêle o desejo de cometer esta loucura.

CAPÍTULO XIII

TRAÇOS ARCAICOS E INFANTILISMO DO SONHO

Voltemos ao nosso resultado, segundo o qual, sob a influência da censura, o trabalho de elaboração comunica às idéias latentes do sonho um outro modo de expressão. As idéias latentes não são sinão as idéias concientes de nossa vida desperta, idéias que conhecemos. O novo modo de expressão apresenta numerosos traços que nos são ininteligíveis. Dissemos que êle remonta a estados, ha muito tempo ultrapassados, de nosso desenvolvimento intelectual, à linguagem figurada, às relações simbólicas, talvez a condições que teriam existido antes do desenvolvimento de nossa linguagem abstrata. Eis porquê qualificámos de *arcaico* ou *regressivo* o modo de expressão do trabalho de elaboração.

Daí poderiam concluir que o estudo mais aprofundado do trabalho de elaboração nos permitirá recolher dados precisos sôbre os começos pouco conhecidos de nosso desenvolvimento intelectual. Espero que assim seja, mas êsse trabalho ainda não foi empreendido. A prehistória a que nos leva o trabalho de elaboração é dupla: ha em primeiro lugar a prehistória individual, a infância; ha em seguida, na medida em que cada indivíduo reproduz em resumo, no correr de sua infância, todo o desenvolvimento da espécie humana, a prehistória filogenética. Que se consiga um dia estabelecer a parte que, nos processos psíquicos latentes, cabe à prehistória individual e os elementos que, nesta vida, provêm da prehistória filogenética, é coisa que não me parece impossivel. E' assim, por exemplo, que estamos autorizados, a meu ver, a considerar como um legado filogenético a simbolização que o indivíduo como tal nunca aprendeu.

Mas não é êste o único caráter arcaico do sonho. Os senhores todos conhecem por experiência a notável amnesia da infância. Falo do fato de que os cinco, seis ou oito primeiros anos da vida não deixam,

como os acontecimentos da vida ulterior, vestígios na memória. Encontramos na verdade indivíduos que crêem poder-se gabar de uma continuidade mnemônica estendendo-se por toda a vida, desde seus primeiros começos, mas o caso contrario, o de lacunas na memória, é muito mais freqüente. Acho que êste fato não suscitou o espanto que merece. Na idade de dois anos, a criança já sabe falar; logo depois, demonstra que sabe orientar-se em situações psíquicas complicadas e manifesta suas idéias e sentimentos por palavras e atos que lhe recordam mais tarde, mas que ela própria esqueceu. Entretanto, sendo a memória da criança menos sobrecarregada durante os primeiros anos de vida do que durante os anos que seguem, por exemplo o oitavo, deveria ser mais maleável, portanto mais apta a reter os fatos e as impressões. Por outro lado, nada nos autoriza a considerar a função da memória como uma função psíquica elevada e difícil: ao contrário, encontramos uma boa memória mesmo em pessoas cujo nível intelectual é muito baixo.

A esta particularidade superpõe-se uma outra, a saber que a vida mnemônica que se estende aos primeiros anos da infância não é completa. Só emergem certas reminiscências bem conservadas, reminiscências que correspondem a impressões plásticas e cuja conservação nada aliás justifica. As recordações referentes a acontecimentos ulteriores passam na memória por uma selecção: o que é importante é conservado, e o resto é rejeitado. Já o mesmo não se dá com as recordações conservadas que remontam à primeira infância. Não correspondem forçosamente a acontecimentos importantes dêste período da vida, nem mesmo a acontecimentos que poderiam parecer importantes do ponto de vista da criança. Estas lembranças são freqüentemente tão banais e insignificantes que nos inquirimos com espanto porquê êsses pormenores escaparam ao olvido. Tentei ha tempo resolver com o auxílio da análise o enigma da amnesia infantil e dos restos de lembranças conservados mau grado esta amnesia, e cheguei à conclusão de que mesmo na criança as recordações importantes são as únicas que escaparam aos desaparecimento. Apenas, graças aos processos que já conhecem e que são o de condensação e sobretudo o de deslocamento, o importante é substituído na memória por elementos que parecem menos importantes. Em razão dêste fato, dei às recordações da infância o nome de *recordações de cobertura;* uma análise aprofundada permite retirar delas tudo o que foi esquecido.

Nos tratamentos psicanalíticos sempre nos encontramos na necessidade de preencher as lacunas que apresentam as reminiscências infan-

tis; e, na medida em que o tratamento dá resultados mais ou menos satisfatórios, isto é, num número muito grande de casos, conseguimos evocar o conteúdo dos anos de infância coberto pelo esquecimento. As impressões reconstituidas não foram, na realidade, jámais esquecidas, apenas se tornam inacessiveis, latentes, recalcadas na região do inconciente. Mas tambem sucede que elas extravasem espontâneamente do inconciente, e isto acontece freqüentemente por ocasião dos sonhos. Parece então que a vida de sonho sabe encontrar o acesso a esses acontecimentos infantis latentes. Disto encontramos belos exemplos na literatura e eu mesmo posso trazer em apôio dêste fato um exemplo pessoal. Eu sonhei uma noite, entre outras, com certa pessoa que me prestara um serviço e que eu via nítidamente diante de meus olhos. Era um homenzinho vesgo, gordo, com a cabeça encravada nos ombros. Concluí, pelo contexto do sonho, que êsse homem era um médico. Felizmente, pude perguntar à minha mãe, que ainda vivia, qual o aspecto exterior do método de minha cidade natal, que eu deixara na idade de três anos, e soube que êle era com efeito vesgo, baixo, gordo, com a cabeça encravada nos ombros; soube além disso por minha mãe em que ocasião, esquecida por mim, êle me tratara. Êste acesso aos materiais esquecidos dos primeiros anos de infância constitue, pois, outro traço arcaico do sonho.

A mesma explicação vale por uma outra dos enigmas em que tínhamos tropeçado até agora. Recordam-se do espanto que sentiram, quando lhes apresentei a prova de que os sonhos são excitados por desejos sexuais fundamentalmente maus e de uma licenciosidade a miude desenfreada, a ponto de terem tornado necessária a instituição de uma censura dos sonhos e de uma deformação dos sonhos. Quando interpretamos perante o sonhador um sonho dêste gênero, êle quasi nunca deixa de protestar contra nossa interpretação, mas mesmo no caso mais favorável, isto é, mesmo quando se inclina ante a interpretação, sempre pergunta a si mesmo de onde lhe poude vir um tal desejo que sente incompatível com seu caráter, contrário mesmo ao conjunto de suas tendências e sentimentos. Não devemos tardar em demonstrar a origem dêsses desejos. Êsses maus desejos têm sua origem no passado, e freqüentemente num passado que não é muito remoto. E' possivel provar que êles foram outrora conhecidos e concientes. A mulher cujo sonho significa que deseja a morte de sua filha de dezessete anos verifica, sob nossa direção, que realmente tivera êsse desejo, numa certa época. A criança nascera de um casamento infeliz, que terminara

por um rompimento. Quando ainda estava grávida da filha, tivera, em conseqüência de uma cena com o marido, um acesso de raiva tal que, tendo perdido todo controle, pôs-se a esmurrar o próprio ventre, na esperança de assim ocasionar a morte da criança que trazia no seio. Quantas mães que hoje amam os filhos com ternura, talvez mesmo com exagerada ternura, não os conceberam entretanto a contragosto e desejaram que êles morressem antes de nascer; quantas dentre elas não deram a seu desejo um começo, felizmente inofensivo, de realização! E' assim que o desejo enigmático de ver morrer uma pessoa estimada remonta ao próprio início das relações com essa pessoa.

O pai, cujo sonho nos autoriza a admitir que êle deseja a morte do filho mais velho e preferido, acaba igualmente por se lembrar que êsse desejo nem sempre lhe foi estranho. Quando a criança ainda estava no seio materno, o pai, que não se sentia contente com o seu matrimônio, muitas vezes dizia de si para si que si êsse serzinho, que para êle não era nada, morresse, tornaria a ser livre e faria de sua liberdade o uso que lhe aprouvesse. Pode-se demonstrar a mesma origem num grande número de casos de ódio; trata-se nêstes casos de recordações relacionadas com fatos que pertencem ao passado, que foram outrora concientes e desempenharam seu papel na vida psíquica. Dir-me-ão os senhores que quando não houve modificação na atitude em relação a uma pessoa, quando essa atitude foi sempre benévola, os desejos e sonhos em questão não deveriam existir. Estou inteiramente disposto a conceder-lhes esta conclusão, lembrando-lhes todavia que devem tomar em consideração, não a expressão verbal do sonho, mas o sentido que êle adquire em consequüência da interpretação. Pode suceder que o sonho manifesto tendo por objeto a morte de uma pessoa estimada tenha apenas revestido uma máscara espantosa, mas na realidade signifique outra coisa, ou que só se tenha servido da pessoa amada a título de substituição enganosa por outra pessoa.

Mas esta mesma situação ainda suscita outra questão muito mais séria. Dir-me-ão os senhores: Mesmo admitindo que êsse desejo de morte tenha existido e se ache confirmado pela recordação evocada, em que constitue isto uma explicação? Êste desejo, ha muito tempo vencido, só pode existir atualmente no inconciente a título de reminiscência indiferente, desprovida de qualquer poder de estímulo. Com efeito, nada prova êste poder. Porquê então êsse desejo é evocado no sonho? Pergunta perfeitamente justificada; a tentativa de responder-lhe levar-nos-ia longe e obrigar-nos-ia a adoptar uma atitude determinada sôbre

um dos pontos mais importantes da teoria dos sonhos. Mas sou forçado a permanecer no âmbito de minha exposição e praticar a abstenção momentânea. Contentemo-nos, pois, de ter demonstrado o fato de que êste desejo abafado representa o papel de excitador do sonho e prossigamos nossas pesquisas com o fito de verificar si outros maus desejos têm igualmente sua origem no passado do indivíduo.

Atenhamo-nos aos desejos de supressão, que devemos atribuir as mais das vezes ao egoísmo ilimitado do sonhador. E' muito fácil de demonstrar que êste desejo é o mais freqüente creador de sonhos. Todas as vezes que alguém nos barra o caminho na vida (e quem não sabe como êste caso é freqüente nas condições tão complicadas de nossa vida atual ?), o sonho se mostra pronto a suprimí-lo, seja êsse alguém o pai, a mãe, um espôso, etc. Esta perversidade da natureza humana admirara-nos e sem dúvida não estávamos dispostos a admitir sem reservas a justeza dêste resultado da interpretação dos sonhos. Mas desde o instante em que devemos procurar a origem dêstes desejos no passado, descobrimos imediatamente o período do passado individual em que êsse egoísmo e êsse desejo, mesmo em relação aos mais próximos, não apresentam mais nada de desconcertante. E' a criança em seus primeiros anos, que mais tarde se acham velados pela amnesia, — é a criança, dizemos, que freqüentemente demonstra no mais alto grau êsse egoísmo, mas que em todo tempo apresenta sinais dêle ou, antes, restos muito acentuados. E' a si mesma que a criança ama em primeiro lugar; só mais tarde aprende a amar os outros, a sacrificar a outros uma parte de seu *eu*. Mesmo as pessoas que a criança parece amar desde o início, só as ama a princípio porque precisa delas, não pode passar sem elas, e portanto por motivos egoístas. Só mais tarde é que o amor se destaca do egoísmo. Na verdade, *é o egoísmo que lhe ensina o amor*.

E' muito instrutivo a êste respeito estabelecer uma comparação entre a atitude da criança em relação aos irmãos e a que mantém em relação aos pais. A criança não gosta necessáriamente dos irmãos, e via de regra não gosta absolutamente dêles. E' incontestável que vê nêles concurrentes, e sabemos que essa atitude se mantém ininterruptamente durante longos anos, até a puberdade e mesmo mais tarde. Ela é freqüentemente substituída ou, antes encoberta por uma atitude mais terna, mas, de um modo geral, é a atitude hostil a mais antiga. Observamo-la mais fàcilmente em crianças de dois anos e meio a cinco anos, quando um novo irmão vem ao mundo. Êste tem quasi sempre uma rece-

pção pouco amistosa. Protestos, como: "*Não quero saber dêle, que a cegonha o leve de volta*", são perfeitamente comuns. Daí em diante, a criança aproveita todas as oportunidades para desmoralizar o intruso, e nêstes casos não são raras as tentativas de molestar, os atentados diretos. Si a diferença de idade não é muito grande, a criança, quando sua atividade psíquica atinge mais intensidade, acha-se em presença de uma concurrência já instalada e acomoda-se com os fatos consumados. Si a diferença de idade é suficientemente grande, o recem-nascido pode desde o início despertar certas simpatías: surge então como um objeto interessante, com uma espécie de boneca viva; e quando a diferença comporta oito anos ou mais, podemos ver manifestar-se, sobretudo nas meninas, uma solicitude quasi maternal. Mas para falar francamente: quando descobrimos, detrás de um sonho, o desejo de ver morrer um irmão, raramente se trata de um anseio enigmático e sem dificuldade lhe encontramos a origem na primeira infância, muitas vezes mesmo numa época mais tardia da vida em comum.

Dificilmente se encontraria um quarto de crianças sem violentos conflitos entre seus habitantes. As razões dêstes conflitos são: o desejo que cada qual tem de monopolizar em seu proveito o amor dos pais, a posse dos objetos e do espaço disponível. Os sentimentos hostis visam tanto os mais idosos como os mais jovens dos irmãos. Creio que foi Bernardo Shaw quem disse: si ha um ser que uma moça inglesa odeia mais que à sua mãe, é decerto sua irmã mais velha. Nesta observação ha alguma coisa que nos desconcerta. Ainda podemos, a rigor, conceber a existência de um ódio e de uma concurrência entre irmãos. Mas como podem os sentimentos de aversão insinuar-se nas relações entre filha e mãe, entre pais e filhos?

Sem dúvida, as próprias crianças manifestam mais benevolência para com os pais do que para com os irmãos. Isto aliás corresponde perfeitamente à nossa espectativa: consideramos a ausência de amor entre pais e filhos um fenômeno muito mais contrário à natureza do que a inimizade entre irmãos. Consagrámos, por assim dizer, no primeiro caso o que no outro deixámos no estado profano. Entretanto, a observação quotidiana nos demonstra que freqüentemente as relações sentimentais entre pais e filhos ficam aquém do ideal estabelecido pela sociedade, quanta inimizade encobrem que não deixaria de manifestar-se, não fosse a intervenção inibidora da piedade e de certas tendências afectivas. As razões dêste fato são geralmente conhecidas: trata-se antes de tudo de uma fôrça que tende a separar os membros de uma família que pertencem

ao mesmo sexo, a mãe da filha, o pai do filho. A filha encontra na mãe uma autoridade que lhe restringe a vontade e é encarregada da missão de lhe impor a renúncia, exigida pela sociedade, à liberdade sexual; sem falar que em certos casos se trata, entre a mãe e a filha, de uma espécie de rivalidade, às vezes de verdadeira concorrência. Encontramos as mesmas relações, com maior evidência ainda, entre pais e filhos. Para o filho, o pai se depara como a personificação de todo constrangimento social impacientemente suportado; o pai opõe-se à expansão da vontade do filho, interdiz-lhe o acesso aos prazeres sexuais e, nos casos de comunidade de bens, a entrada no gôzo dêstes. A espera da morte do pai eleva-se, no caso do sucessor ao trono, a uma verdadeira culminância trágica. Em compensação, as relações entre pais e filhas, entre mães e filhos, parecem mais francamente amistosas. E' sobretudo nas relações de mãe a filho e vice-versa que encontramos os mais puros exemplos de uma ternura invariável, isenta de qualquer consideração egoísta.

Os senhores decerto perguntam a si mesmos porquê lhes falo destas coisas que entretanto são banais e geralmente conhecidas. Faço-o porque existe uma forte tendência a negar sua importância na vida e a considerar que o ideal social é sempre e em todos os casos seguido e obedecido. E' preferivel que seja o psicólogo quem diga a verdade, em vez de transmitir êste encargo ao cínico. Todavia é bom dizer que a negação a que nos referimos só se refere à vida real; mas à arte da poesia narrativa e dramática se deixa toda liberdade de se servir das situações que resultam das investidas feitas contra êsse ideal.

Eis porquê não nos devemos admirar si, em muitas pessoas, o sonho revela o desejo de supressão dos pais, sobretudo do pai do mesmo sexo. Devemos admitir que êste desejo existe igualmente na vida desperta e se torna mesmo às vezes conciente, quando pode tomar a máscara de outro móvel, como no caso de nosso sonhador do exemplo n. 3, onde o desejo de ver morrer o pai era disfarçado pela piedade que se dizia suscitada pelos inúteis sofrimentos dêste.

E' raro que a hostilidade domine sózinha a situação. As mais das vezes se oculta detrás dos sentimentos mais ternos que a recalcam, e deve esperar que o sonho venha por assim dizer isolá-la. O que, em consequência dêste isolamento, toma no sonho proporções exageradas, retrai-se novamente depois que a interpretação o fez entrar no conjunto da vida (H. Sachs). Mas encontramos êsse desejo de morte mesmo nos casos em que a vida não lhe oferece nenhum ponto de apôio

e em que o homem desperto não consente jamais em confessá-lo. Isto se explica pelo fato de que a razão mais profunda e mais habitual da hostilidade, sobretudo entre pessoas do mesmo sexo, se afirmou durante a primeira infância.

Esta razão não é outra sinão a concurrência amorosa, cujo caracter sexual convém fazer sobressair mais particularmente. Quando ainda é pequenino, o filho começa a sentir pela mãe uma ternura especial: considera-a como seu bem pesosal, vê no pai uma espécie de concurrente que lhe disputa a posse dêsse bem; da mesma forma, a menina vê na mãe uma pessoa que perturba suas relações afetuosas com o pai e ocupa um lugar de que ela, a filha, desejaria ter o monopolio. E' pelas observações que sabemos a que idade se deve fazer remontar essa atitude a que damos o nome de *complexo de Edipo*, porque a lenda cujo heroi é Edipo realiza, imprimindo-lhe apenas uma atenuação muito ligeira, os dois desejos extremos que decorrem da situação do filho: o desejo de matar o pai e o de desposar a mãe. Não afirmo que o *complexo de Edipo* esgote tudo o que se relaciona com a atitude recíproca de pais e filhos, pois esta atitude pode ser muito mais complicada. Por outro lado, o *complexo de Edipo* em si é mais ou menos acentuado, pode mesmo sofrer modificações; mas nem por isso deixa de ser um fator regular e muito importante da vida psíquica da criança e corremos mais o risco de estimar abaixo de seu valor do que de exagerar sua influência e os efeitos que dela decorrem. Aliás, si as crianças reagem pela atitude correspondente ao *complexo de Edipo*, é muitas vezes pela provocação dos próprios pais que, em suas preferências, freqüentemente se deixam guiar pela diferença sexual, que faz o pai preferir a filha e a mãe preferir o filho, ou faz o pai voltar para a filha e a mãe para o filho o afecto que um ou outro deixa de encontrar no lar conjugal.

Não se pode dizer que o mundo houvesse ficado grato à investigação psicanalítica por sua descoberta do *complexo de Edipo*. Ao contrário, esta descoberta provocou a mais encarniçada resistência. Os que tardaram um pouco a juntar-se ao côro dos que negavam êsse sentimento proïbido e tabú, resgataram sua falta dando a êsse complexo interpretação que lhe tiravam todo valor. Eu me conservo inabalàvelmente convencido de que aí não ha nada a negar, nada a atenuar. Precisamos familiarizar-nos com êste fato, que a própria lenda grega reconhece como uma fatalidade inelutavel. E' interessante, por outro lado, que êsse *complexo de Edipo*, que desejaríamos eliminar da vida, é abandonado à poesia, entregue à sua livre disposição. Rank de-

monstrou, num conciencioso estudo, que o *complexo de Edipo* forneceu à literatura dramática formosos temas, que ela versou imprimindo-lhes toda sorte de modificações, atenuações, disfarces, isto é, deformações análogas às que produz a censura dos sonhos. Devemos, pois, atribuir o *complexo de Edipo* mesmo aos sonhadores que tiveram a felicidade de evitar mais tarde conflitos com seus pais, e a êste complexo se liga estreitamente um outro a que chamamos *complexo de castração*, o qual é uma reação aos entraves e às limitações que o pai imporía à atividade sexual precoce do filho.

Tendo sido levados, pelas pesquisas que precedem, ao estudo da vida psíquica infantil, podemos esperar encontrar uma explicação análoga no que concerne à origem do outro grupo de desejos proïbidos que se manifestam nos sonhos: queremos falar das tendências sexuais excessivas. Assim animados a estudar igualmente a vida sexual da criança, obtemos de várias fontes o conhecimento dos seguintes fatos: antes de tudo, cometemos um grande êrro ao negar a realidade de uma vida sexual na criança e ao admitir que a sexualidade só aparece no momento da puberdade, quando os órgãos genitais alcançaram seu pleno desenvolvimento. Ao contrário, a criança tem desde o início uma vida sexual muito rica, que difere sob vários pontos de vista da vida sexual ulterior, considerada como normal. O que qualificamos de perverso na vida do adulto afasta-se do estado normal pelas particularidades seguintes: desconhecimento de barreira específica (do abismo que separa o homem do animal irracional), da barreira oposta pelo sentimento de desgôsto, da barreira formada pelo incesto (isto é, pela proïbição de procurar satisfazer as necessidades sexuais com pessoas as quais se está ligado por laços consanguíneos), homossexuailidade e enfim transferência do papel sexual a outros órgãos e partes do corpo. Todas estas barreiras, longe de existirem desde o início, são paulatinamente edificadas no correr do desenvolvimento e da educação progressiva da humanidade. A criancinha não as conhece. Ignora que existe entre o homem e o animal um abismo intransponivel; a arrogância com que o homem se opõe à besta só lhe vem mais tarde. Não manifesta a princípio nenhum desgôsto pelo que é excrementício: êste desgosto só lhe vem pouco a pouco, sob a influência da educação. Longe de suspeitar as diferenças sexuais, acredita inicialmente na identidade dos órgãos genitais; seus primeiros desejos sexuais e sua primeira curiosidade visam as pessoas que lhe são mais chegadas ou aquelas que, sem lhes serem proximas, lhe são as mais caras: pais, irmãos pessoas encarregadas de cuidar

da criança. Por último, nela se manifesta um fato que encontramos no paroxismo das relações amorosas, a saber que não é apenas nos órgãos genitais que põe a fonte do prazer que espera: outras partes do corpo pretendem nela a mesma sensibilidade, proporcionam sensações de prazer análogas e podem assim desempenhar o papel de órgãos sexuais. A criança pode, pois, apresentar o que chamariamos uma "perversidade polimorfa", e si todas estas tendências só se manifestam nela em estado de traços, isto se deve, de uma parte, à sua intensidade menor em comparação com a que atinge numa idade mais avançada, e de outra parte ao fato de a educação suprimir com energia, à medida que se vão manifestando, todas as tendências sexuais da criança. Esta supressão passa, por assim dizer, da prática à teoria, pois os adultos se esforçam por fechar os olhos a uma parte das manifestações sexuais da criança e por despojar, com a ajuda de certa interpretação, a outra parte destas manifestações de sua natureza sexual: isto feito, nada mais fácil que negar o todo. E êstes negadores são muitas vezes os mesmos que na *nursery*, profligam com o máximo rigor todas as expressões sexuais das crianças; o que não os impede, uma vez diante de sua mesa de trabalho, de defender a pureza sexual das crianças. Todas as vezes que as crianças são abandonadas a si mesmas ou sofrem influências desmoralizadoras, observamos manifestações freqüentemente muito pronunciadas de perversidade sexual. Sem dúvida, as pessoas crescidas têm razão de não tomar a sério estas "infantilidades" e estas "diversões", pois a criança não deve contas de seus atos nem ao tribunal dos costumes nem ao das leis; nem por isto estas coisas deixam de existir, de ter sua importância, quer como sintomas de uma constituição congênita, quer como antecedentes e fatores de orientação da evolução ulterior, e, enfim, de nos informar sôbre a vida sexual da criança e, com isto, sobre a vida sexual humana em geral. E' assim que, si encontramos todos êstes desejos perversos detrás de nossos sonhos deformados, isto significa apenas que ainda nêste domínio o sonho realizou uma regressão ao estado infantil.

Entre êstes desejos proïbidos, devemos conceder particular menção aos desejos incestuosos, isto é, aos desejos sexuais que visam os pais, os irmãos. Sabem a aversão que as sociedades humanas sentem ou, pelo menos, fazem alarde de sentir em relação ao incesto e que força repressiva apresentam as proïbições relativas a êste ponto. Têm-se feito esforços inauditos para explicar esta fobia do incesto. Uns viram na proïbição do incesto uma representação psíquica da seleção natural, pôsto que as relações sexuais entre parentes próximos devia ter por efeito uma

degenerescência de caracteres sociais; outros pretenderam que a vida em comum praticada desde a mais tenra infância desvia os desejos sexuais das pessoas com as quais nos achamos em contato permanente. Mas tanto num caso como no outro, o incesto achar-se-ia automàticamente eliminado, sem que se tivesse necessidade de recorrer a severas interdições, as quais antes testemunhariam a existência de uma forte propensão ao incesto. A investigação psicanalítica estabeleceu de um modo incontestável que o amor incestuoso é o primeiro em data e existe de um modo regular; só mais tarde é que tropeça numa oposição cujas razões são fornecidas pela psicologia individual.

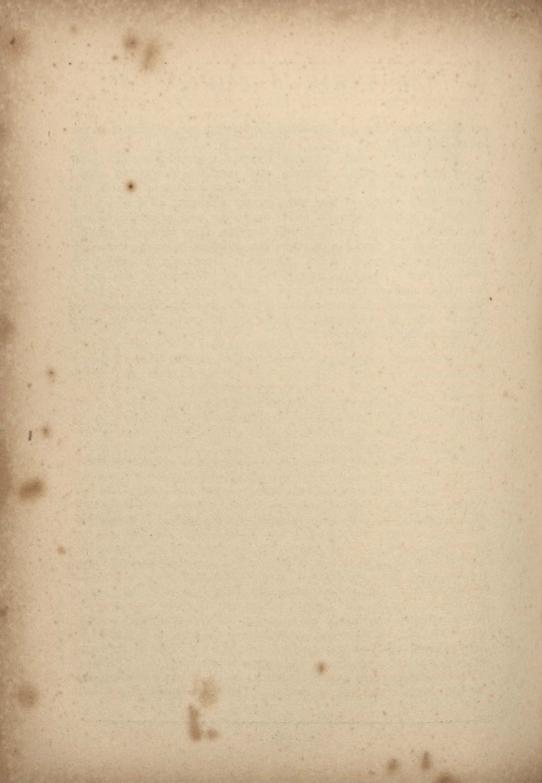
Recapitulemos agora os dados que, fornecidos pelo estudo aprofundado da psicologia infantil, são de molde a facilitar-nos a compreensão do sonho. Não só verificámos que os materiais de que se compõem os acontecimentos esquecidos da vida infantil são acessiveis ao sonho, mas vimos além disto que a vida psíquica das crianças, com todas as suas particularidades, com seu egoísmo, com suas tendências incestuosas, etc., sobrevive no inconciente, para se revelar no sonho, e que este nos reconduz cada noite à vida infantil. Isto nos confirma que o *inconciente da vida psíquica não é sinão a fase infantil dessa vida.* A penosa impressão que nos deixa a constatação da existência de tantos traços maus na natureza humana começa a atenuar-se. Êsses traços tão terrivelmente maus são muito simplesmente os primeiros elementos, os elementos primitivos, infantis da vida psíquica, elementos que na criança podemos encontrar em atividade, mas que nos escapam por causa de suas pequenas dimensões, sem falar que em muitos casos não os tomamos a sério, por não ser muito elevado o nivel moral que exigimos da criança. Retrogradando até esta fase, o sonho parece pôr a descoberto o que ha de peor em nossa natureza. Mas aí se trata apenas de uma aparência enganosa, que não nos deve horrorizar. Somos menos maus do que teríamos a tentação de crer baseando-nos na interpretação dos sonhos.

Pôsto que as tendências que se manifestam nos sonhos são apenas sobrevivências infantis, um regresso aos começos de nosso desenvolvimento moral, transformando-nos o sonho por assim dizer em crianças do ponto de vista do pensamento e do sentimento, não temos nenhuma razão plausivel para ter vergonha dêsses sonhos. Mas como o racional só forma um compartimento da vida psíquica, a qual contém muitos outros elementos que não são nada menos que racionais, disto resulta que sentimos de qualquer forma uma vergonha irracional de nossos sonhos.

Eis porquê os submetemos à censura e nos sentimos envergonhados e contrariados quando um dêsses desejos proïbidos de que os sonhos estão cheios conseguiu penetrar até a conciência sob uma forma bastante inalterada para poder ser reconhecido; e em certos casos, envergonhamo-nos até de nossos sonhos deformados, como si os compreendêssemos. Basta lembrar o juizo cheio de decepção que a excelente senhora idosa formulou a respeito de seu sonho não interpretado, relativo aos "serviços de amor". O problema não, pode, pois, ser considerado como resolvido; é possível que, prosseguindo nosso estudo sôbre os maus elementos que se manifestam nos sonhos, sejamos levados a formular outro juizo e outra apreciação no que se refere à natureza humana.

No termo de toda esta investigação, achamo-nos em presença de dois dados que constituem entretanto o ponto de partida de novos enigmas, novas dúvidas. Primeiramente: a regressão que caracteriza o trabalho de elaboração é não só formal, mas também material. Não se contenta com dar a nossa idéia um modo de expressão primitivo: desperta ainda as propriedades de nossa vida psíquica primitiva, a antiga preponderância do *eu*, as tendências primitivas de nossa vida sexual, e mesmo nossa antiga bagagem intelectual, si queremos considerar como tal os símbolos. Em segundo lugar: todo êsse antigo infantilismo, que foi outrora dominante e predominante, deve ser hoje situado no inconciente, o que modifica e amplia as noções que dêle temos. Já não é apenas o inconciente o que é momentâneamente latente: o inconciente forma um domínio psíquico particular, com suas tendências próprias, seu modo de expressão especial e mecanismos psíquicos que só manifestam sua ativiade nêste domínio, mas as idéias latentes do sonho, que a interpretação dos sonhos nos revelou, não fazem parte dêste domínio: também poderíamos ter as mesmas idéias na vida desperta. No entanto, são inconcientes. Como resolver esta contradição? Começamos a suspeitar que aí ha uma separação a fazer: algo que provém de nossa vida conciente — chamemos-lhe "os vestígios dos acontecimentos do dia" — e participa de seus caracteres, associar-se a algo que provém do domínio do inconciente, e é desta associação que resulta o sonho. O trabalho de elaboração efectua-se entre êstes dois grupos de elementos. A influência exercida pelo inconciente sôbre os restos dos acontecimentos do dia fornece a condição da regressão. Tal é, no que concerne à natureza do sonho, a idéia mais adequada que podemos conceber, enquanto não exploramos outros domínios psíquicos. Mas dentro em breve será tempo de aplicar ao carácter inconciente das idéias latentes do sonho outra qualificação que

permita diferenciá-las dos elementos inconcientes que provêm do domínio do infantilismo.

Naturalmente, ainda podemos levantar a questão seguinte: que é que impõe à atividade psíquica esta regressão durante o sono? Porquê não suprime ela as excitações perturbadoras do sono, sem se valer desta regressão? E si, para exercer a censura, ela é obrigada a disfarçar as manifestações do sonho dando-lhes uma expressão vetusta, hoje em dia incompreensivel, de que lhe serve fazer reviver as tendências psíquicas, os desejos e os traços característicos ha muito tempo ultrapassados, ou noutros termos, acrescentar a regressão material à regressão formal? A única resposta capaz de satisfazer-nos sería que é êsse o único meio de formar um sonho, que do ponto de vista dinâmico é impossivel conceber de outro modo a supressão da excitação que perturba o sono. Mas, no estado atual de nossos conhecimentos, ainda não temos o direito de dar esta resposta.

CAPITULO XIV

REALIZAÇÕES DE DESEJOS

Devo recordar-lhes uma vez mais o caminho que já percorremos? Devo recordar-lhes como, depois que a aplicação de nossa técnica nos pôs em presença da deformação dos sonhos, tivemos a idéia de deixá-la momentâneamente de lado e pedir aos sonhos infantis dados decisivos sôbre a natureza do sonho? Devo lembrar-lhes enfim como, uma vez de posse dos resultados dessas pesquisas, atacámos diretamente a deformação dos sonhos, cujas dificuldades vencemos uma a uma? E, agora, somos obrigados a dizer que o que obtivemos seguindo o primeiro dêstes caminhos não concorda perfeitamente com os resultados fornecidos pelas investigações feitas na segunda direção. Eis porquê temos por tarefa confrontar êstes dois grupos de resultados e ajustá-los um ao outro.

Dos dois lados aprendemos que o trabalho de elaboração dos sonhos consiste essencialmente numa transformação de idéias, em acontecimentos alucinatórios. Esta transformação constitue um fato enigmático; mas aí se trata de um problema de psicologia geral de que não nos devemos ocupar aqui. Os sonhos infantis nos demonstraram que o trabalho de elaboração visa suprimir pela realização de um desejo uma excitação que perturba o sono. Não podíamos dizer o mesmo das deformações dos sonhos, antes de ter aprendido a interpretá-los. Mas esperávamos desde o início poder trazer os sonhos deformados ao mesmo ponto de vista dos sonhos infantis. A primeira realização desta espectativa foi-nos proporcionada pelo resultado de que, a falar verdade, todos os sonhos são sonhos infantis, trabalhando com materiais infantis, tendências e mecanismos infantis. E posto que consideramos como resolvida a questão da deformação dos sonhos, resta-nos investigar si a concepção da realização de desejos se aplica igualmente aos sonhos deformados.

Submetemos mais acima à interpretação uma série de sonhos, sem levar em conta a realização de desejos. Tenho a convicção de que mais

de uma vez os senhores perguntaram de si para si: "Mas que é feito da realização de desejos, que o senhor afirmava ser o fim do trabalho de elaboração?" Esta pergunta é significativa: tornou-se especialmente a pergunta de nossos críticos profanos. Conforme os senhores sabem, a humanidade sente uma aversão instintiva pelas novidades intelectuais. Esta aversão se manifesta, entre outros, pelo fato de que cada novidade se acha imediatamente reduzida a suas menores dimensões, condensada num *cliché*. Na nova teoria dos sonhos, foi a realização de desejos que se tornou êsse *cliché*. Tendo ouvido dizer que o sonho é uma realização de desejos, pergunta-se imediatamente: mas onde está essa realização? E, ao mesmo tempo que se levanta esta questão, ela é resolvida no sentido negativo. Lembrando-se imediatamente de inúmeras experiências pessoais em que o desprazer indo até a angústia mais profunda era atribuido aos sonhos, o crítico declara que a afirmação da teoría psicanalítica dos sonhos é perfeitamente inverosímel. E'-nos fácil responder que nos sonhos deformados a realização de desejos pode não ser evidente, que ela deve a princípio ser procurada, de maneira que é impossivel demonstrá-la antes da interpretação do sonho. Sabemos igualmente que os desejos destes sonhos deformados são desejos interditos, recalcados pela censura, desejos cuja existência constitue precisamente a causa da deformação do sonho, a razão da intervenção da censura. Mas é dificil fazer entrar na cabeça do crítico leigo esta verdade de que não se pode procurar a realização de desejos antes de haver interpretado o sonho. Êle não se cansará de esquecê-lo. Sua atitude negativa em face da teoria da realização de desejos não é no fundo mais que uma conseqüência da censura dos sonhos; ela vem substituir-se nêle aos desejos censurados dos sonhos e é um efeito da negação dêstes desejos.

Teremos naturalmente de nos explicar a existência de tantos sonhos de conteúdo penoso, e mais particularmente sonhos que angustíam, pesadelos. A êste respeito, achamo-nos pela primeira vez em presença do problema dos sentimentos no sonho, problema que mereceria ser estudado pelo seu próprio valor, o que não podemos infelizmente realizar aqui. Si o sonho é uma realização de desejos, não deveria haver no sonho sensações penosas. Nêste ponto, os críticos leigos parecem ter razão. Mas ha três complicações em que não pensaram.

Primeiro: pode suceder que, não tendo o trabalho de elaboração conseguido crear plenamente uma realização de desejo, um resíduo de sentimentos penosos passe das idéias latentes para o sonho manifesto. A análise deveria demonstrar então que estas idéias latentes eram muito

mais penosas do que aquelas de que se compõe o sonho manifesto. Admitimos então que o trabalho de elaboração não alcança seu fim, da mesma forma que não se mata a sêde quando se sonha estar bebendo. Podemos sonhar à vontade com bebidas, mas, quando realmente temos sêde, é preciso acordar para beber. Contudo, tivemos um sonho verdadeiro, um sonho que nada perdeu de seu carácter de sonho, pelo fato da não realização do desejo. Devemos dizer: "*Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas*". Si o desejo não foi satisfeito, nem por isto a intenção é menos louvável. Êstes casos de não consecução estão longe de ser raros. O que contribue para isto é que os sentimentos sendo às vezes muito resistentes, tanto maior se torna a dificuldade antolhada ao trabalho de elaboração na mudança de seu sentido. E assim acontece que quando o trabalho de elaboração conseguiu transformar em realização de desejo o conteúdo penoso das idéias latentes, o sentimento penoso que acompanha essas idéias passa tal qual para o sonho manifesto. Nos sonhos manifestos dêste gênero, ha portanto desacôrdo entre o sentimento e o conteúdo, e nossos críticos estão no direito de dizer que o sonho tanto não é realização de um desejo, que nêle até um conteúdo inofensivo é acompanhado de um sentimento penoso. Objetaremso a esta absurda observação que é precisamente nos sonhos em questão que a tendência à realização de desejos se manifesta com mais nitidez, porque ela aí se acha isolada. O êrro provém do seguinte: os que não conhecem as neuroses imaginam que existe entre o conteúdo e o sentimento um élo indissolúvel e não compreendem que um conteúdo possa ser modificado, sem que o seja o sentimento que lhe está ligado.

Outra complicação, muito mais importante e profunda, que o leigo não leva em conta, é a seguinte. Uma realização do desejo deveria certamente ser uma causa de prazer. Mas para quem? Naturalmente para quem tem êsse desejo. Ora, sabemos que a atitude do sonhador em relação a seus desejos é uma atitude perfeitamente particular. Repele-os, censura-os, em suma não quer absolutamente saber dêles. Sua realização não pode pois proporcionar-lhe prazer: muito ao contrário. E a experiência demonstra que êste contrário, que ainda está por explicar, se manifesta sob a forma de angústia. Em sua atitude em relação aos desejos de seus sonhos, o sonhador parece composto de duas pessoas, reunidas entretanto por íntima comunidade. Em vez de me entregar a novos desenvolvimentos dêste tema, vou lembrar-lhes um conhecido conto em que se encontra exatamente a mesma situação. Uma bôa fada

promete a um pobre casal humano a realização de seus três primeiros desejos. Satisfeitíssimos, êles tratam de escolher êsses três desejos. Seduzida pelo cheiro de salsicha que se evola da choupana vizinha, a mulher é assoberbada pela vontade de ter um par de salsichas. Daí a um instante, lá estão as salsichas: é a realização do primeiro desejo. Furioso, o homem deseja ver estas salsichas suspensas do nariz da mulher. Dito e feito, e já as salsichas não se podem destacar do nariz da mulher: realização do segundo desejo, que é o do marido. Inútil dizer-lhes que a mulher não vê nisso nada de agradável. Conhecem o final. Como no fundo, o homem e a mulher são apenas um, o terceiro desejo deve ser que as salsichas se desprendam do nariz da mulher. Poderíamos ainda utilizar êste conto em muitas outras oportunidades; servimo-nos dêle aqui para demonstrar que a realização do desejo de um pode ser uma fonte de desagrado para outro, quando não ha acôrdo entre ambos.

Agora não lhes será difícil chegar a uma compreensão melhor dos pesadelos. Utilizaremos ainda uma observação, depois do que nos decidiremos em favor de uma hipótese em apôio da qual se pode citar mais de um argumento. A observação a que aludo refere-se ao fato de que os pesadelos têm freqüentemente um conteúdo isento de qualquer deformação, um conteúdo que por assim dizer escapou à censura. O pesadelo é muitas vezes uma realização não velada de um desejo, mas de um desejo que, longe de ser bemvindo, é um desejo recalcado, repelido. A angústia, que acompanha esta realização, toma o lugar da censura. De passo que podemos dizer do sonho infantil que é a realização franca de um desejo admitido e avançado, e do sonho deformado comum, que é a realização *velada* de um desejo recalcado, o pesadelo só pode ser definido como a realização *franca* de um desejo repelido. A angústia é uma indicação de que o desejo repelido se mostrou mais forte que a censura, que se realizou ou está em vias de realizar-se mau grado a censura. Compreende-se que para nós, que nos colocamos do ponto de vista da censura, esta realização só aparece como uma fonte de sensações penosas e uma ocasião de nos pormos em atitude de defesa. O sentimento de angústia que assim experimentamos no sonho é, si querem, a angústia ante a fôrça dêsses desejos que tinhamos conseguido reprimir até então.

O que é verdadeiro para os pesadelos não deformados deve sê-lo igualmente para os que sofreram uma deformação parcial, assim como para outros sonhos desagradáveis, cujas sensações penosas se aproximam provavelmente mais ou menos da angústia. O pesadelo é geralmente

seguido do despertar; nosso sono é as mais das vezes interrompido antes que o desejo reprimido do sonho tenha alcançado, contrariando a censura, sua completa realização. Nêste caso, o sonho faltou à sua missão, sem que por isso sua natureza se tenha modificado. Comparámos o sonho ao guarda-noturno, a quem está encarregado de proteger nosso sono contra as causas de perturbação. Sucede ao vigilante despertar quem dorme quando se sente demasiado fraco para afastar sòzinho a perturbação ou o perigo. Entretanto, acontece-nos manter o sono, mesmo quando o sonho começa a tormar-se suspeito, degenerando em angústia. O indivíduo diz de si para si: "E' apenas um sonho", e continua a dormir.

Como é possivel que o desejo seja bastante poderoso para escapar à censura? Isto tanto pode correr por conta do desejo como da censura. Por motivos desconhecidos, o desejo pode, num momento dado, adquirir uma intensidade excessiva; mas temos a impressão de que as mais das vezes é à censura que é devida esta mudança nas relações recíprocas das fôrças em presença. Já sabemos que a intensidade com que a censura se manifesta varia de um caso para outro, pois cada elemento é tratado com uma severidade cujo grau varía igualmente. Agora podemos acrescentar que esta variabilidade vai muito mais longe e que a censura nem sempre se aplica com o mesmo vigor ao mesmo elemento repressivel. Si lhe acontecer, num caso dado, achar-se impotente em face de um desejo que procura supreendê-la, serve-se do último meio que lhe resta, à falta da deformação, e faz intervir o sentimento de angústia.

Percebemos, a êste respeito, que ignoramos porquê êstes desejos reprimidos se manifestam precisamente durante a noite, para perturbar-nos o sono. A esta questão só podemos responder tomando em consideração a natureza do estado de sono. Durante o dia, êstes desejos estão submetidos a uma rigorosa censura, que via de regra lhes interdiz qualquer manifestação exterior. Mas durante a noite, esta censura, como tantos outros interêsses da vida psíquica, acha-se suprimida, ou pelo menos consideravelmente diminuida, com vantagens para o único desejo do sonho. E' a esta diminuição da censura durante o sonho que os desejos proïbidos devem a possibilidade de se manifestar. Ha nervosos sofrendo de insônia que nos confessaram que sua insônia era desejada a princípio. O medo dos sonhos e o temor das consequências dêste enfraquecimento da censura impedem-nos de dormir. Que esta supressão da censura não constitue uma grosseira falta de previdência, eis o que é fácil de ver. O estado de sono paralisa-nos a motilidade; as intenções más, mesmo quando entram em ação, não podem produzir nada além do

sonho, que é pràticamente inofensivo. Esta situação tranqüilizadora encontra sua expressão na observação perfeitamente razoável do dormente, observação que faz parte da vida noturna, mas não da vida de sonho: "E' apenas um sonho". E pôsto que é apenas um sonho, deixemo-lo em paz, e continuemos a dormir.

Si recordarem, em terceiro lugar, a analogia que estabelecemos entre o sonhador que luta contra seus desejos e a personagem fictícia composta de duas individualidades distintas, mas intimamente ligadas uma a outra, verão fàcilmente que existe outra razão para que a realização de um desejo tenha um efeito extremamente desagradável, a saber, o de uma punição. Retomemos nossa historieta dos três desejos: as salsichas no prato constituem a realização direta do desejo da primeira pessoa, isto é, da mulher; as salsichas no nariz desta são a realização do desejo da segunda pessoa, isto é, do marido, mas também constituem a punição infligida à mulher por seu desejo absurdo. Nas neuroses, encontramos a motivação do terceiro dos desejos de que fala o conto. Ora, são numerosas estas tendências penais na vida psíquica do homem; são muito fortes e responsáveis por uma boa parte dos sonhos penosos. Dir-me-ão agora que, admitido tudo isto, já não resta grande coisa de famosa realização de desejos. Mas, encarando-o mais de perto, constatarão que estão enganados. Si atentarmos na variedade (de que cuidaremos mais tarde) do que o sonho poderia ser e, segundo certos autores, do que realmente é, nossa definição: *realização de um desejo, de um temor, de um castigo,* é na verdade uma definição bem delimitada. A isto ainda se acrescenta o fato de que o temor, a angústia é perfeitamente oposta ao desejo, que na associação os contrários se acham muito próximos um do outro, confundindo-se mesmo, conforme sabemos, no inconciente. Isto sem dizer que a punição tambem é a realização de um desejo, do desejo de outra pessoa, da que exerce a censura.

Assim se vê que, tudo considerado, não fiz nenhuma concessão à prevenção dos senhores contra a teoria da realização dos desejos. Mas tenho o dever, a que não pretendo esquivar-me, de lhes demonstrar que qualquer sonho deformado não é outra coisa sinão a realização de um desejo. Recordem o sonho que já interpretámos e a propósito do qual aprendemos tantas coisas interessantes: o sonho em tôrno de 3 maus lugares de teatro por 1 fl. 50. Uma senhora, à qual o espôso anuncia durante o dia que sua amiga Elisa, 3 meses apenas mais jovem que ela, ficou noiva, sonha que está no teatro com o marido. Uma parte da platéia está mais ou menos vazia. O marido diz-lhe que Elisa e o noivo

também gostariam de vir ao teatro, mas não puderam fazê-lo, porque só encontraram três maus lugares por 1 fl. 50.

Ela pensa que a infelicidade não foi grande. Soubemos que as idéias do sonho se relacionavam com a sua pena de ter-se casado demasiado cedo e com o descontentamento que o marido lhe inspirava. Devemos ter a curiosidade de investigar como estas idéias tristes foram elaboradas e transformadas na realização de um desejo e onde se acham seus vestígios no conteúdo manifesto. Ora, já sabemos que o elemento "demasiado cedo", "precipitadamente", foi eliminado do sonho pela censura. A platéia vazia é uma alusão a isto. O misterioso "três por 1 fl. 50" torna-se-nos agora mais compreensível, graças ao simbolismo que depois aprendemos a conhecer (1). O 3 significa realmente um homem e o elemento manifesto deixa-se traduzir fàcilmente: comprar um marido com o dote ("Com meu dote, podia ter comprado um marido dez vezes melhor.") O casamento é manifestamente substituido pelo fato de ir ao teatro. "Os bilhetes foram comprados demasiado cedo" é um disfarce da idéia: "Casei-me demasiado cedo". Mas esta substituição é o efeito da realização do desejo. Nossa sonhadora nunca esteve tão descontente de seu matrimônio precoce como no dia em que soube a notícia do noivado de sua amiga. Tempo houve em que se envaidecia de estar casada e considerava-se superior a Elisa. As moças ingênuas sentem-se muitas vezes orgulhosas, uma vez noivas, de poder manifestar sua alegria pelo fato de agora tudo lhes ser permitido, por exemplo, ver todas as peças de teatro, assistir a todos os espectáculos. A curiosidade de ver tudo, que aqui se manifesta, foi com toda a certeza a princípio uma curiosidade sexual, voltada para a vida sexual, sobretudo para a dos pais, e mais tarde se tornou um poderoso motivo que decidiu a moça a casar-se cedo.

E' assim que o fato de assistir ao espectáculo se torna uma substituição ao fato de ser casada. Lastimando atualmente seu casamento precoce, acha-se reconduzida à época em que êsse casamento era para ela a realização de um desejo, porque lhe devia proporcionar a possibilidade de satisfazer seu amor aos espectáculos e, guiada por êsse desejo de outrora, substitue o fato de ser casada pelo de ir ao teatro.

---

(1) Não menciono aqui, por falta de materiais que a análise poderia fornecer, outra interpretação possivel dêste 3 numa mulher estéril.

Podemos dizer que querendo demonstrar a existência de uma realização de desejo dissimulada, não escolhemos precisamente o exemplo mais cômodo. Teríamos de proceder de um modo análogo em todos os outros sonhos deformados. Não posso fazê-lo perante os senhores; contentar-me-ei com assegurar-lhes que a pesquisa será sempre coroada de sucesso. Entretanto, faço questão de me deter um pouco nêste pormenor de teoria. A experiência tem-me demonstrado que é um dos mais expostos aos ataques e que é a êle que se liga a maior parte das contradições e malentendidos. Além disso, poderiam ter a impressão de que retirei uma parte de minhas afirmativas, dizendo que o sonho é um desejo realizado ou seu contrário, isto é, uma angústia ou uma punição realizada, e poderia julgar a ocasião adequada para me arrancar outras concessões. Também já me exprobaram o fato de expor demasiado sucintamente e, por conseguinte, de um modo muito pouco persuasivo, coisas que a mim me parecem evidentes.

Muitos dos que me acompanharam na interpretação dos sonhos e aceitaram os resultados que ela deu, detêm-se freqüentemente no ponto em que termina minha demonstração de que o sonho é um desejo realizado, e perguntam: "Admitindo-se que o sonho sempre tem um sentido e que êsse sentido pode ser revelado pela técnica psicanalítica, porquê deve êle, contra toda evidência, ser sempre moldado na fórmula da realização de um desejo? Porquê não teria o pensamento noturno sentidos tão variados e múltiplos como o pensamento diurno? Noutras palavras, porquê não corresponderia o sonho uma vez a um desejo realizado, outra vez, como os senhores mesmos convêm, ao seu contrário, isto é, a uma apreensão realizada, porquê não exprimiria um projeto, uma advertência, uma reflexão com seus *pros* e *contras*, ou ainda uma exprobação, um remorso, uma tentativa de se preparar para um trabalho iminente, etc.? Porquê exprimiria sempre e unicamente um desejo ou, no máximo, seu contrário?"

Poderiam pensar que uma divergência nêste ponto carece de importância, desde que estejamos de acôrdo nos outros; que basta termos descoberto o sentido do sonho e o meio de descobrí-lo, pouco importando, depois disso, que tenhamos delimitado demasiado estritamente êsse sentido. Mas não é assim. Um malentendido nêste ponto é de molde a afectar todos os nossos conhecimentos adquiridos sôbre o sonho e a diminuir o valor que êles poderiam ter para nós quando tratarmos de compreender as neuroses. E' permitido ser "acomodado" nos negócios comerciais,

mas quando se trata de questões científicas, semelhante atitude não é correta e poderia mesmo ser nociva.

Portanto, porquê não ha de o sonho corresponder a outra coisa sinão à realização de um desejo? Minha primeira resposta será, como sempre nos casos análogos: não sei. Eu não veria nenhum inconveniente em que assim fosse. Mas na realidade não é assim, e é o unico pormenor que se opõe a esta concepção mais larga e mais cômoda do sonho. Minha segunda resposta será que eu próprio não estou longe de admitir que o sonho corresponde a formas de pensamento e a operações intelectuais múltiplas. Um dia relatei a observação de um sonho que se reproduzira durante três noites consecutivas, o que expliquei pelo fato de que êste sonho correspondia a um *projeto;* executado êste, o sonho já não tinha razão de se reproduzir. Posteriormente, publiquei um sonho que correspondia a uma confissão. Como posso, pois, contradizer-me afirmando que o sonho é apenas um desejo realizado?

Faço-o para afastar um cândido malentendido, que poderia tornar vãos todos os esforços que nos custou o sonho, um malentendido que confunde o sonho com as idéias latentes do sonho e aplica àquele o que cabe exclusivamente a estas. E' perfeitamente exato que o sonho pode representar tudo o que enumerámos acima e servir-lhe de substituição: projeto, advertência, reflexão, preparativos, tentativa de resolver um problema, etc. Mas, examinando-o de perto, não deixarão de constatar que isto só é verdadeiro no que concerne às idéias latentes do sonho que se transformaram para tornar-se sonho. Sabem pela interpretação dos sonhos que o pensamento inconciente do homem está preocupado por êsses projetos, preparativos, reflexões, que o trabalho de elaboração transforma em sonhos. Si não se interessam, em dado momento, pelo trabalho de elaboração, e voltam todo o seu interêsse para a ideação inconciente do homem, eliminam aquele e dizem com razão que o sonho corresponde a um projeto, a uma advertência, etc. Êste caso é freqüente na atividade psicanalítica: procura-se destruir a forma que o sonho revestiu e, em seu lugar, introduzir no conjunto as idéias latentes que deram origem ao sonho.

E' assim que, só tomando em consideração as idéias latentes, sabemos de passagem que todos esses atos psíquicos tão complicados, a que acabamos de nos referir, se realizam fora da conciência: resultado que tanto tem de magnífico como de perturbador!

Mas, para voltar à multiplicidade dos sentidos que os sonhos podem ter, os senhores só têm o direito de falar disso na medida em que sabem

convenientemente que se estão servindo de uma expressão abreviada e em que não acreditam dever estender esta multiplicidade à própria natureza do sonho. Quando falam do "sonho", devem pensar seja no sonho manifesto, isto é, no produto do trabalho de elaboração, seja, e no máximo, nêsse trabalho em si, isto é, no processo psíquico que forma o sonho manifesto com as ideias latentes do sonho. Qualquer outro emprêgo desta palavra só pode gerar confusão e malentendidos. Si suas afirmações se referem, além do sonho, às idéias latentes, digam-no diretamente, sem mascarar o problema do sonho detrás do modo de expressão vaga de que se servem. As idéias latentes são a matéria que o trabalho de elaboração transforma em sonho manifesto. Porquê quereriam os senhores confundir a matéria com o trabalho que lhe dá forma? Em que se distinguem então daqueles que só conheciam o produto dêste trabalho, sem poder compreender de onde vem êste produto e como é feito?

O único elemento essencial do sonho é constituído pelo trabalho de elaboração que age sôbre a matéria formada pelas idéias. Não temos o direito de ignorá-lo em teoria, si bem que sejamos obrigados a negligenciá-lo em certas situações práticas. A observação analítica demonstra igualmente que o trabalho de elaboração não se limita a dar a estas idéias a expressão arcaica ou regressiva que já conhecem: acrescenta-lhes regularmente algo que não faz parte das idéias latentes do dia, mas constitue por assim dizer a força motriz da formação do sonho. Esta adição indispensável não é sinão o desejo, igualmente inconciente, e o conteúdo do sonho sofre uma transformação que tem por fim a realização dêsse desejo. Na medida em que encaram o sonho colocando-se do ponto de vista das idéias que representa, êle pode portanto significar tudo o que se quiser: advertência, projeto, preparativos, etc.; mas ao mesmo tempo sempre é a realização de um desejo inconciente, e não é mais que isso, si o consideram como efeito do trabalho de elaboração. Por conseguinte, um sonho nunca é um projeto e nada mais, uma advertência e nada mais, etc., mas sempre um projeto ou uma advertencia que receberam, graças a um desejo inconciente, um modo de expressão arcaico, que foi transformado visando a realização dêsse desejo. Um dos caracteres, a realização de desejo, é um carácter constante; o outro pode variar; pode igualmente ser um desejo, em cujo caso o sonho representa um desejo latente do dia realizado mercê de um desejo inconciente.

Compreendo muito bem tudo isto, mas não sei si consegui que os senhores o compreendessem igualmente. E' que me é difícil demonstrá-lo. Essa demonstração exige, de uma parte, minuciosa análise de um

grande número de sonhos e, de outra parte, êste ponto, o mais espinhoso e o mais significativo de nossa concepção do sonho, não pode ser exposto de um modo persuasivo sem ser ligado ao que vai seguir. Acreditam na verdade que, dados os estreitos laços que ligam as coisas umas às outras, se possa aprofundar a natureza de uma, sem atentar nas outras que têm natureza análoga? Como ainda não sabemos nada dos fenômenos que mais se aproximam do sonho, a saber dos sintomas neuróticos, devemos contentar-nos com pontos momentâneamente adquiridos. Vou sómente elucidar perante os senhores mais um exemplo e submeter-lhes uma nova consideração.

Retomemos uma vez mais o sonho de que já nos ocupámos em várias oportunidades, o sonho que tem por objeto 3 lugares de teatro por 1 fl. 50. Posso assegurar-lhes que quando o escolhi como exemplo pela primeira vez, foi sem nenhuma intenção. Conhecem as idéias latentes dêsse sonho: pena de se ter casado demasiado cedo, pena sentida por ocasião de receber a notícia do noivado da amiga; sentimento de desprêzo pelo marido; idéia de que poderia ter tido um marido melhor si tivesse querido esperar. Conhecem igualmente o desejo que fez de todas estas idéias um sonho: é o amor aos espectáculos, o desejo de freqüentar teatros, ramificação provável da antiga curiosidade de saber afinal o que sucede a uma moça que se casa. Sabemos que nas crianças essa curiosidade em geral se volta para a vida sexual dos pais; é portanto uma curiosidade infantil e, na medida em que persiste mais tarde, é uma tendência cujas raizes mergulham na fase infantil da vida. Mas a notícia recebida durante o dia não fornecia o menor pretêxto a êsse amor aos espectáculos: era apenas de natureza a despertar o arrependimento e o remorso. Êste desejo a princípio não fazia parte das idéias latentes do sonho e pudemos, sem tomá-lo em consideração, enquadrar na análise o resultado da interpretação do sonho. Mas a contrariedade em si também não era capaz de produzir o sonho. As idéias: "foi um absurdo de minha parte casar-me tão cedo" só puderam dar lugar a um sonho depois de terem despertado o antigo desejo de ver enfim o que se passa depois do casamento. Êsse desejo formou então o conteúdo do sonho, substituindo o casamento por uma visita ao teatro, e deu-lhe a forma de uma realização de um sonho anterior: sim, eu posso ir ao teatro e ver tudo o que é proïbido, de passo que tu não o podes; sou casada, e tu ainda tens de esperar. Foi assim que a situação atual foi transformada em seu contrário e que um antigo triunfo tomou o lugar de uma decepção recente. Mixto de uma satisfação do amor aos espectáculos e

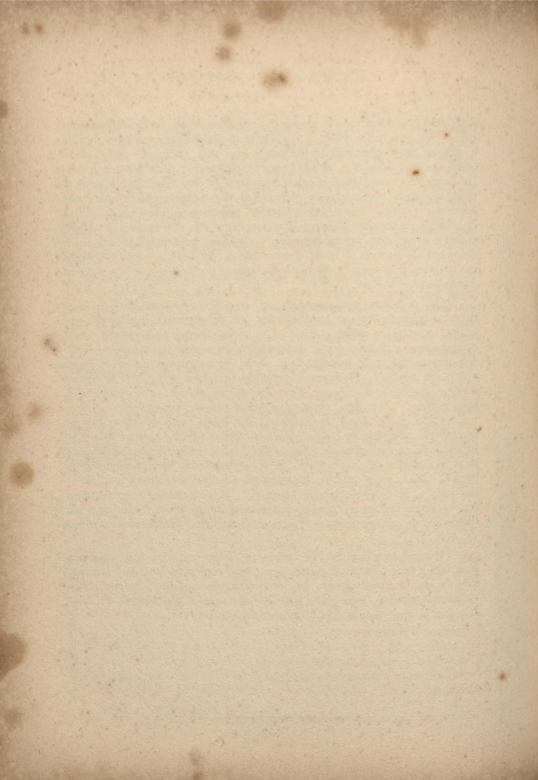
de uma satisfação egoísta proporcionada pelo triunfo sôbre uma concorrente. E' essa satisfação que determina o conteúdo manifesto do sonho, pois êsse conteúdo a põe no teatro, de passo que sua amiga ali não pode entrar. Sôbre esta situação de satisfação se enxertaram, a título de modificação, sem relação com ela e incompreensíveis, as partes do conteúdo do sonho detrás das quais ainda se dissimulam as idéias latentes. A interpretação do sonho deve fazer abstração de tudo o que serve para representar a satisfação do desejo e reconstituir, de acôrdo com as simples alusões de que acabamos de falar, as penosas idéias latentes do sonho.

A consideração que me proponho submeter à apreciação dos senhores é destinada a atraír sua atenção para as idéias latentes que agora vemos ocupar o primeiro plano. Peço-lhes que não se esqueçam: em primeiro lugar, que o sonhador não tem nenhuma conciência destas idéias; em segundo lugar, que elas são perfeitamente inteligíveis e coerentes, de sorte que podem ser concebidas como reações perfeitamente naturais ao acontecimento que serviu de pretêxto ao sonho; enfim, em terceiro lugar, que elas podem ter o mesmo valor que qualquer tendência psíquica ou operação intelectual. Chamarei agora a essas idéias "restos diurnos", dando a estas palavras um sentido mais rigoroso que anteriormente. Aliás, pouco importa que o sonhador concorra ou não com êsses restos. Isto feito, estabeleço uma distinção entre restos diurnos e idéias latentes; e, em conformidade com o uso que anteriormente fizemos dêste têrmo, designarei por idéias latentes tudo o que sabemos pela interpretação dos sonhos, pois os restos diurnos são apenas uma parte das idéias latentes. Dizemos então que algo que pertence igualmente à região do inconciente veio juntar-se aos restos diurnos, que êsse algo é um desejo intenso, mas reprimido, e que foi êsse desejo único que tornou possível a formação do sonho. A ação exercida por êsse desejo sôbre os restos diurnos faz surgir outras idéias latentes, que já não podem ser consideradas como racionais e explicáveis pela vida desperta.

Para ilustrar as relações que existem entre os restos diurnos e o desejo inconciente, servi-me de uma comparação que não posso deixar de reproduzir aqui. Cada empresa necessita de um capitalista que satisfaça as despesas e de um empreendedor que tenha uma idéia e saiba realizá-la. E' o desejo inconciente que, na formação de um sonho, sempre desempenha o papel de capitalista; é êle que fornece a energia psíquica necessária a essa formação. O empreendedor é aqui represen-

tado pelo resto diurno, que decide do emprêgo dêsses fundos, dessa energia. Ora, em certos casos, é o próprio capitalista que pode ter a idéia e possuir os conhecimentos especiais que sua realização exige, assim como noutros casos é o próprio empreendedor que pode possuir o capital necessário para levar a cabo a empresa. Isto simplifica a situação prática, si bem que tornando mais difícil sua compreensão teórica. Na economia política, sempre decompomos esta pessoa única para encará-la separadamente sob o aspecto do capitalista e sob o aspecto de empreendedor; fazendo-o, restabelecemos a situação fundamental que serviu de ponto de partida à nossa comparação. As mesmas variações, cujas modalidades lhes deixo a liberdade de seguir, produzem-se por ocasião da formação dos sonhos.

Não podemos, por enquanto, ir mais além, pois os senhores estão decerto ha muito tempo atormentados por uma questão que merece ser enfim tomada em consideração. Os restos diurnos, perguntam os senhores, são verdadeiramente inconcientes no mesmo sentido que o desejo inconciente, cuja intervenção é necessária para torná-los aptos a provocar um sonho? Nada mais fundado que esta questão. Levantando-a, os senhores provam que vêem com acêrto, pois é o ponto saliente de todo o caso. Pois bem, os restos diurnos não são inconcientes no mesmo sentido que o desejo inconciente. O desejo faz parte de um outro inconciente, daquele que reconhecemos como sendo de orígem infantil e provido de mecanismos especiais. Seria aliás indicado distinguir estas duas variedades de inconciente, dando a cada uma uma designação especial. Mas, para fazê-lo, esperaremos até que estejamos familiarizados com a fenomenologia das neuroses. Já se exproba à nossa teoria seu carácter fantasista, porque admitimos um só inconciente; que não dirão quando confessarmos que, para estar satisfeitos, precisamos ao menos de dois?

Fiquemos por aqui. Por enquanto só ouviram coisas incompletas, mas não é reconfortante pensar que êsses conhecimentos são susceptíveis de um desenvolvimento que será realizado um dia, seja por nossos próprios trabalhos, seja pelos trabalhos dos que vieram depois de nós? E o que já aprendemos não é bastante novo e surpreendente?

CAPITULO XV

INCERTEZAS E CRÍTICAS

Não quero abandonar o domínio do sonho sem me ocupar das principais dúvidas e das principais incertezas a que as novas concepções expostas nas páginas precedentes podem dar lugar. Aqueles dentre os meus ouvintes que me acompanharam com alguma atenção decerto já reüniram êles mesmos algum material relativo a esta questão.

1. Podem ter tido a impressão de que, mau grado a aplicação correta de nossa técnica, os resultados fornecidos por nosso trabalho de interpretação dos sonhos estão crivados de tantas incertezas que uma redução certa do sonho manifesto às idéias latentes se torna impossível. Hão de dizer, em apôio de sua opinião, que em primeiro lugar nunca se sabe si tal elemento dado do sonho deve ser compreendido no sentido próprio ou no setido simbólico, pois os objetos empregados a título de símbolos, não deixam por isso de ser o que são. E pôsto que, nêste ponto, ainda não possuímos nenhum critério de decisão objetivo, a interpretação vê-se abandonada ao arbítrio do intérprete. Além disto, em conseqüência da justaposição de contrários efectuada pelo trabalho de elaboração, nunca se sabe de um modo certo si um dado elemento do sonho deve ser compreendido no sentido negativo ou no sentido positivo, si deve ser considerado como sendo êle mesmo ou como sendo seu contrário: nova oportunidade para o intérprete de fazer intervir seu arbitrio. Em terceiro lugar, dada a freqüência das inversões no sonho, é lícito ao intérprete considerar como inversão qualquer passagem do sonho. Enfim, invocarão o fato de terem ouvido dizer que raramente se pode afirmar com certeza que a interpretação encontrada seja a única possível: corre-se assim o risco de passar ao lado da interpretação mais verosimil. E sua conclusão será que, nestas condições, o arbítrio do intérprete pode exercer-se num campo excessivamente vasto, cuja extensão parece incompatível com a certeza objetiva dos resultados. Ou então podem supôr que

o êrro não depende do sonho, mas que as insuficiências de nossa interpretação decorrem das inexatidões de nossas concepções e hipóteses.

Essas objeções são irrepreensíveis, mas não penso que justifiquem suas conclusões, segundo as quais a interpretação, tal como a praticamos, seria abandonada ao arbítrio, enquanto os defeitos que nossos resultados apresentam poriam em questão a legitimidade de nosso método. Si, em vez de falar do arbítrio do intérprete, os senhores dissessem que a interpretação depende da habilidade, da experiência, da inteligência dêle, eu só poderia concordar com tal alvitre. O fator pessoal não pode ser eliminado, pelo menos quando nos encontramos em presença de fatos de uma interpretação um pouco difícil. Que alguém maneje melhor ou peor que um outro certa técnica, é coisa impossivel de impedir. Aliás, o mesmo se dá em todas as manipulações técnicas. O que, na interpretação dos sonhos, parece arbitrário, acha-se neutralizado pelo fato de que em geral a ligação que existe entre as idéias do sonho, a que existe entre o próprio sonho e a vida do sonhador e, enfim, toda a situação psíquica no meio da qual o sonho se desenrola, permitem, de todas as interpretações possíveis, escolher apenas uma e rejeitar todas as outras como não tendo relação com o caso em apreço. Mas o raciocínio que conclue, considerando as imperfeições da interpretação, pela inexatidão de nossas deducções, vê-se refutado por uma consideração que faz precisamente sobressair como uma propriedade necessária do sonho sua indeterminação e a multiplicidade dos sentidos que lhe podemos atribuir.

Eu disse anteriormente, e os senhores decerto se recordam, que o trabalho de elaboração dá às idéias latentes um modo de expressão primitivo, análogo à escrita figurada. Ora, todos os sistemas de expressão primitivos apresentam estas indeterminações e duplos sentidos, sem que por isto tenhamos o direito de pôr em dúvida a possibilidade de sua utilização. Sabem que o encontro dos contrários no trabalho de elaboração é análogo ao que se chama "oposição de sentido" dos radicais nas línguas mais antigas. O filólogo R. Abel (1884), a quem devemos o ter assinalado êste ponto de vista, previne-nos que não se deve crer que a comunicação que uma pessoa faz a outra valendo-se de palavras tão ambivalentes tenha por isso duplo sentido. O tom e o gesto aí estão para indicar, no conjunto do discurso, de um modo indiscutivel, qual das duas oposições a pessoa que fala quer comunicar a quem a escuta. Na escrita, onde o gesto falta, o sentido é designado por um sinal figurado que não está destinado a ser pronunciado, por exemplo, pela ima-

gem de um homem indolentemente acocorado ou vigorosamente erguido, segundo a palavra *Ken*, deve designar "fraco" ou "forte". Era assim que se evitavam os malentendidos, mau grado a multiplicidade de sentidos das sílabas e dos sinais.

Os antigos sistemas de expressão, por exemplo, as escritas dessas línguas mais antigas, apresentam numerosas indeterminações que não toleraríamos em nossss idiomas atuais. E' assim que em certas línguas semítas só as consoantes das palavras são designadas (1). Quanto às vogais omitidas, cabe ao leitor colocá-las, segundo seus conhecimentos e de acôrdo com o conjunto da frase. Procedendo a escrita hieroglífica, sinão exatamente assim, de um modo muito análogo, desconhecemos a pronúncia do egípcio antigo. A escrita sagrada dos egípcios ainda contém outras indeterminações. E' assim que se deixa ao arbítrio do escritor ordenar as imagens da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Para poder ler, devemos ater-nos ao preceito de que a leitura se deve fazer segundo os rostos das figuras, dos pássaros, etc. Mas o escritor ainda podia ordenar os sinais figurados no sentido vertical, e quando se tratava de fazer inscrições em pequenos objetos, considerações de estética ou de simetria podiam fazer-lhe adoptar uma outra sucessão dos sinais. O fator mais perturbador na escrita hieroglífica é que ela ignora a separação das palavras. Os sinais sucedem-se na folha a igual distância uns dos outros e não se sabe quasi nunca si determinado sinal ainda acompanha o que precede ou constitue o começo de uma palavra nova. Na escrita cuneiforme persa, ao contrário, as palavras são separadas por uma cunha oblíqua.

A língua e a escrita chinesas, muito antígas, são ainda hoje empregadas por 400 milhões de indivíduos. Não vão pensar que eu compreenda patavina delas. Apenas me documentei, na esperança de ali encontrar analogias com as indeterminações dos sonhos, e minha espectativa não foi estéril. A língua chinesa está cheia dessas indeterminações, próprias a nos dar arrepios. E' sabido que ela se compõe de um grande número de sílabas que podem ser pronunciadas seja isoladamente, seja combinadas em pares. Um dos principais dialectos possue cêrca de 400 dessas sílabas. Dispondo o vocabulário dêsse dialecto de cêrca de 4000 palavras, resulta que cada sílaba tem em média dez significados, e portanto certas têm menos, ou-

(1) E' o caso do hebraico, língua nacional dos judeus, atualmente falada na Palestina e, também, por certa parte dos israelitas no resto do mundo. — N. do T.

tras mais. Como o conjunto nem sempre permite adivinhar qual dos dez significados a pessoa que pronuncia determinada silaba quer evocar na que a escuta, inventou-se uma porção de meios destinados a prevenir os malentendidos. Entre êsses meios, é preciso citar a associação de duas sílabas numa única palavra e a pronúncia da mesma sílaba em quatro "tons" diferentes. Uma circunstância ainda mais interessante para nossa comparação é que esta língua não possúe gramática, ou quasi. Não ha uma só palavra monossilábica da qual se possa dizer si é substantivo, adjetivo ou verbo e nenhuma palavra apresenta as modificações destinadas a designar o gênero, o número, o tempo, o modo. Assim sendo, a língua compõe-se apenas de materiais brutos, da mesma forma que nossa língua abstrata é decomposta pelo trabalho de elaboração em seus materiais brutos, pela eliminação da expressão das relações. Na língua chinesa, a decisão, em todos os casos de indeterminação, depende da inteligêncica do ouvinte, que se deixa guiar pelo conjunto. Anotei o exemplo de um provérbio chinês, cuja tradução literal dou a seguir:

pouco (que) ver, muito (que) maravilhoso.

Êste provérbio não é dificil de compreender: quanto menos vimos, mais nos sentimos propensos a admirar. Ou: ha muito que admirar para quem viu poucas coisas. Não se pode naturalmente cogitar de uma decisão entre estas duas traduções que só diferem gramaticalmente. Asseguram-nos entretanto que, mau grado estas indeterminações, a língua chinesa constitue um excelente meio de trocar idéias. A indeterminação tem, pois, como conseqüência necessária a multiplicidade de sentidos.

Contudo, devemos reconhecer que no que concerne ao sistema de expressão do sonho, a situação é muito menos favorável que no caso das línguas e escritas antigas. E' que estas últimas são, no fim de contas, destinadas a servir de meio de comunicação, e portanto a ser compreendidas por êste ou por aquele meio. Ora, é precisamente êste carácter que falta ao sonho. O sonho não pretende dizer nada a ninguém. Longe de ser um meio de comunicação, é destinado a conservar-se incompreendido. Eis porquê não nos devemos admirar nem deixar-nos induzir em êrro pelo fato de um grande número de polivalências e indeterminações do sonho escapar à nossa decisão. O único resultado certo de nossa comparação é que as indeterminações, que outros quiseram utilizar como um argumento contra o carácter concludente de nos

sas interpretações de sonhos, são normalmente inerentes a todos os sistemas de expressão primitivos.

O grau de compreensibilidade real do sonho só pode ser determinado pelo exercício e pela experiência. A meu ver, essa determinação pode ser levada bastante longe, e os resultados obtidos por analístas que receberam uma boa instrução só podem confirmar-me em minha opinião. O público leigo, mesmo com tendências científicas, compraz-se em opôr um desdenhoso cepticismo às dificuldades e incertezas de uma contribuição científica. Bem injustamente, creio eu. Muitos dentre os senhores ignoram talvez que uma situação análoga se urdiu quando se decifraram as inscrições babilônicas. Houve mesmo tempo em que a opinião pública chegou até a taxar de "gaiatos" os decifradores de inscrições cuneiformes e a tratar toda essa investigação de "charlatanismo" Mas em 1857, a *Royal Assiatic Society* fez uma prova decisiva. Convidou quatro dos mais eminentes especialistas, Rawlinson, Hincks, Fox Talbot e Oppert a enviar-lhe, em sobrecarta lacrada, quatro traduções independentes de uma inscrição cuneiforme que acabava de ser descoberta. Depois de comparar as quatro leituras, poude anunciar que concordavam suficientemente para justificar a confiança nos resultados já obtidos e a certeza de novos progressos. As zombarias dos leigos cultos extinguiram-se então paulatinamente e a decifração dos documentos cuneiformes continuou com uma certeza crescente.

2. Outra série de objeções está íntimamente ligada à impressão, a que os senhores mesmos não se esquivaram, de que muitas soluções que somos obrigados a aceitar em conseqüêncica de nossas interpretações, parecem forçadas, artificiais, extraidas a forceps, e portanto deslocadas, muitas vezes até cômicas. As objeções dêste gênero são tão freqüentes, que eu só teria o embaraço da escolha, si lhes quisesse citar algumas; tomo ao acaso a última que me chegou ao conhecimento. Escutem então: Na livre Suíssa um diretor de seminário foi recentemente destituído de seu cargo por ter-se ocupado de psicanálise. Naturalmente protestou contra esta medida, e um jornal de Berna publicou o julgamento feito sôbre êsse cavalheiro pelas autoridades escolares. Só extráio dêsse julgamento alguns parágrafos referentes à psicanálise: "Além disto, muitos exemplos que se encontram no livro citado do dr. Pfister impressionam por seu carácter artificioso e rebuscado... E' verdadeiramente singular que um diretor de seminário aceite sem crítica todas essas aparências de provas". Pretendem fazer-nos aceitar estas proposições cocmo a decisão de um "juiz imparcial". Creio antes que

é esta "imparcialidade" que é "artificiosa". Examinemos um pouco mais de perto êstes juizos, na esperança de que um pouco de reflexão e de competência não podem fazer mal, mesmo a um espírito imparcial.

E' na verdade divertido ver a rapidez e a segurança com que as pessoas se pronunciam sôbre uma questão espinhosa da psicologia do inconciente, ouvindo apenas sua primeira impressão. As interpretações parecem-lhes rebuscadas e forçadas, desagradam-lhes; logo são falsas, e todo êste trabalho nada vale. Nem um minuto lhes passa pela mente a idéia de que possa haver boas razões para que as interpretações tenham esta aparência e que valha a pena procurar essas razões.

A situação de que nos ocupamos caracteriza principalmente os resultados do deslocamento, que, conforme sabem, constitue o meio mais poderoso de que dispõe a censura dos sonhos. E' com a ajuda dêsse meio que a censura creia formações substitutivas que designámos como sendo alusões. Mas aí se trata de alusões dificeis de reconhecer como tais, de alusões cujo substrato é dificil de encontrar e que se ligam a êsse substrato por associações exteriores muito singulares, amiúde absolutamente inusitadas. Mas trata-se em todos êstes casos de coisas destinadas a conservar-se ocultas, e é isso que a censura quer obter. Ora, quando uma coisa foi escondida, não devemos esperar encontrá-la no lugar onde se devia achar normalmente. As comissões de vigilância das fronteiras, que funcionam hoje em dia, são nêste ponto muito mais ardilosas que as autoridades escolares suissas. Não se contentam com o exame de carteiras e bolsas para procurar documentos e desenhos; supõem que os espiões e os contrabandistas, para melhor despistarem a vigilância, podem ocultar êsses objetos proïbidos em lugares onde menos se esperaria encontrá-los, como, por exemplo, na sola dupla dos sapatos. Si os objetos escondidos aí são encontrados, pode-se dizer que foi muito o trabalho para achá-los, mas também que as pesquisas não foram baldadas.

Admitindo que possa haver entre um elemento latente do sonho e sua substituição manifesta os laços mais afastados, mais singulares, às vezes cômicos, às vezes aparentemente engenhosos, não fazemos mais que conformar-nos com as numerosas experiências fornecidas por exemplos, cuja solução não foi geralmente encontrada por nós. Raramente é possivel encontrar por si mesmo interpretações dêste gênero; nenhum homem sensato seria capaz de descobrir o elo que liga tal elemento latente à sua substituição manifesta. Às vezes o sonhador nos fornece a tradução de chofre, graças a uma idéia que lhe vem diretamente a pro-

pósito do sonho (e isto, pode fazê-lo, pois foi nêle que se produziu esta formação substitutiva), vezes outras nos fornece bastantes materiais, mercê dos quais a solução, longe de exigir uma penetração particular, impõe-se por si só com uma espécie de necessidade. Si o sonhador não nos auxilia por um ou por outro dêstes dois meios, o elemento manifesto dado conserva-se a nossos olhos para sempre incompreensível. Permitam-me citar-lhes a êste respeito mais um caso, que tive ocasião de observar recentemente. Uma de minhas pacientes, durante o tratamento, perde o pai. Daí em diante, todo pretêxto lhe serve para fazê-lo reviver em sonho. Num dêsses sonhos, cujas outras condições não se prestam aliás a nenhuma utilização, o pai lhe aparece e diz: "São onze horas e um quarto, onze e meia, meio-dia menos um quarto." Poude interpretar esta particularidade do sonho, lembrando-se de que o pai gostava muito de ver os filhos serem pontuais à hora do almôço. Havia certamente uma relação entre esta reminiscência e o elemento do sonho, sem que aquela permitisse formular qualquer conclusão quanto à origem dêste. Mas a marcha do tratamento autorizava a suspeita de que à produção dêste sonho não era estranha uma certa atitude crítica, recalcada, em relação ao pai amado e venerado. Continuando a evocar suas reminiscências, aparentemente cada vez mais afastadas do sonho, a sonhadora conta que na véspera assistira a uma conversação sôbre psicologia, conversação no correr da qual um de seus parentes dissera: "O homem primitivo (der *Urmensch*) sobrevive em todos nós." Agora, acreditamos compreendê-la. Houve aí para ela uma excelente ocasião de fazer novamente reviver o pai. Transformou-o no seu sonho em *homem da hora (Uhrmensch)*, fazendo-o anunciar os quartos da duodécima hora.

Aí existe evidentemente algo que faz pensar num trocadilho, e muitas vezes sucedeu atribuirem-se ao intérprete trocadilhos que eram de autoria do sonhador. Ainda existem outros exemplos onde não é absolutamente fácil decidir si estamos em presença de um trocadilho ou de um sonho. Mas já conhecemos as mesmas dúvidas a propósito de certos lapsos da palavra. Um homem conta ter sonhado que seu tio lhe dera um beijo enquanto se achavam ambos sentados no *auto* (automóvel) dêste. Não tarda aliás a dar a interpretação dêsse sonho. Significa *autoerotismo* (termo tirado da teoria da líbido e significando a satisfação erótica sem participação de um objeto estranho). Ter-se-ia êsse homem permitido gracejar e ter-nos-ia dado como um sonho o que não era de sua parte mais que um jôgo de palavras? Não o creio ab

solutamente. A meu ver, teve realmente êsse sonho. Mas de onde vem essa notável semelhança ? Em tempos ido sesta questão me levou a fazer uma longa digressão, obrigando-me a submeter a um acurado estudo o jôgo de palavras em si. O resultado a que cheguei foi o seguinte: uma série de idéias concientes é transitôriamente entregue à elaboração inconciente, de onde em seguida torna a saír no estado de jôgo de palavra. Sob a influência do inconciente, estas idéias concientes sofrem a ação dos mecanismos que aí dominam, a saber da condensação e do deslocamento, isto é, dos mesmos processos que encontrámos agindo no trabalho de elaboração. E' únicamente a êste fato que se deve atribuir a semelhança (quando existe) entre o gracejo e o sonho. Mas o "sonho-gracejo", fenômeno não intencional, nada proporciona dêsse prazer que sentimos quando conseguimos fazer um "jogo de palavras" puro e simples. Porquê? E' o que saberão si tiverem ocasião de fazer um estudo aprofundado do chiste. O "sonho-trocadilho" carece de espírito; longe de nos fazer rir, deixa-nos frios.

Nêste ponto nos aproximamos da antiga interpretação dos sonhos que, ao lado de muitos materiais não utilizáveis, nos deixou não poucos exemplos excelentes, que nós mesmos não saberíamos superar. Vou-lhes citar apenas um sonho dêste gênero, por causa de sua significação histórica. Êste sonho, foi tido por Alexandre Magno, é contado com certas variantes, por Plutarco e por Artemidoro de Efeso. Quando o rei sitiava a cidade de Tiro, que se defendia encarniçadamente (322 A. C.), viu em sonho um sátiro dansando. O adivinho Aristandro, que acompanhava o exército, interpretou êsse sonho, decompondo a palavra "satyros"   (Tiro é tua); acreditou assim prometer ao rei a tomada da cidade. Depois dessa interpretação, Alexandre decidiu-se a continuar o cêrco e acabou por conquistar Tiro. A interpretação, que parece bastante artificiosa, era incontestavelmente exata.

3. Os senhores estarão decerto singularmente impressionados pelo fato de que contra a nossa concepção do sonho foram levantadas objeções, mesmo por pessoas que, na qualidade de psicanalistas, durante muito tempo se ocuparam da interpretação dos sonhos. Teria sido de admirar que uma fonte tão abundante de novos êrros não fosse utilizada, e foi assim que a confusão de noções e as generalizações injustificadas a que êles se entregaram a êste respeito, geraram proposições que, por sua inexatidão, muito se aproximam da concepção médica do sonho. Já conhecem uma destas proposições. Pretende que o sonho consiste em tentativas de adaptação ao presente e de solução de tarefas vindou-

ras, acompanhando, por conseguinte, uma "tendência prospetiva" (A. Maeder). Já demonstrámos que esta proposição se baseia na confusão entre o sonho e as idéias latentes do sonho, e que por conseguinte não leva em conta o trabalho de elaboração. Ao pretender caracterizar a vida psíquica inconciente de que fazem parte as idéias latentes do sonho, ela não é nem nova, nem completa, pois a atividade psíquica inconciente se ocupa, alem da preparação do porvir, de muitas outras coisas mais. Numa confusão bastante mais aborrecida se baseia a afirmação de que detrás de cada sonho se encontra a "cláusula da morte". Não sei exatamente o que esta fórmula significa, mas suponho que decorre da confusão entre o sonho e toda a personalidade do sonhador.

Como amostra de uma generalização injustificada tirada de alguns bons exemplos, citarei a proposição segundo a qual cada sonho seria susceptivel de duas interpretações: a interpretação dita psicanalítica, tal como a expusemos, e a interpretação dita anagógica, que faz abstração dos desejos e visa a representação das funções psíquicas superiores (V. Silberer). Os sonhos dêste gênero existem, mas os senhores tentariam em vão estender esta concepção, mesmo que só quisessem estendê-la à maioria dos sonhos. E depois de tudo o que ouviram, acharão perfeitamente inconcebivel a afirmativa segundo a qual todos os sonhos seriam bissexuais e deveriam ser interpretados no sentido de um encontro entre as tendências que podemos chamar masculinas e femininas (A. Adler). Existem naturalmente alguns sonhos isolados dêste gênero e os senhores poderiam aprender mais tarde que êles apresentam a mesma estrutura que certos sintomas histéricos. Menciono todas estas descobertas de novos caracteres gerais dos sonhos, afim de pô-los em guarda contra elas ou pelo menos para não lhes deixar a menor dúvida quanto à minha opinião a seu respeito.

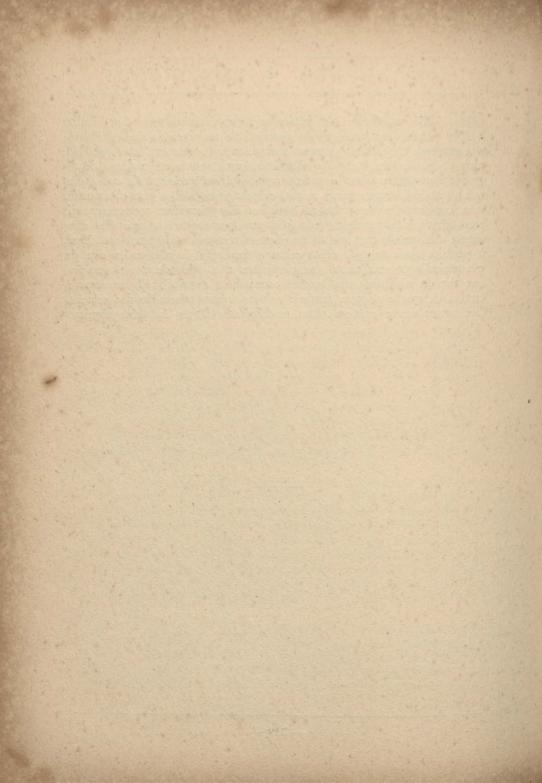
4. Tentaram comprometer o valor objetivo das investigações sôbre o sonho, alegando que os indivíduos submetidos ao tratamento psicanalítico arranja seus sonhos de acôrdo com as teorias preferidas por seus médicos, uns pretendendo ter sobretudo sonhos sexuais, outros sonhos de potência e outros ainda sonhos de palingenesia (W. Stekel). Mas esta observação perde, por sua vez, valor, quando pensamos que os homens sonhavam antes de si inventar o tratamento psicanalítico capaz de guiar, de dirigir seus sonhos, e que os sujeitos atualmente em tratamento tinham o hábito de sonhar antes de começarem a tratar-se. Os fatos em que se baseia esta objeção são perfeitamente compreensíveis e de maneira alguma prejudiciais à teoria do sonho. Os restos diurnos

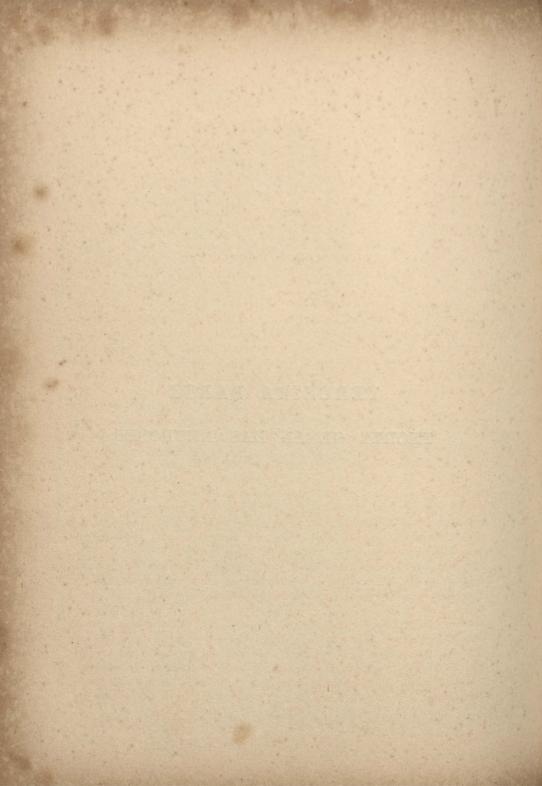
que suscitam o sonho são fornecidos pelos interêsses intensos da vida desperta. Si as palavras e as sugestões do médico adquiriram para o analisado certa importância, intercalam-se no conjunto dos restos diurnos e podem, tanto como os outros interêsses afectivos, ainda não satisfeitos, do dia, fornecer ao sonho excitações psíquicas e agir da mesma forma que as excitações somáticas que influenciam o indivíduo que dorme durante o sono. Assim como os outros agentes excitadores de sonhos, as idéias despertadas pelo médico podem aparecem no sonho manifesto ou ser descobertas no conteúdo latente do sonho. Sabemos que é possível provocar sonhos experimentalmente ou, mais exatamente, introduzir no sonho uma parte dos materiais oníricos. Nestas influências exercidas sôbre os pacientes, o analista desempenha um papel idêntico ao do experimentador que, como Mourly-Vold, faz adoptar aos membros dos sujeitos de suas experiências determinadas atitudes.

Podemos sugerir ao sonhador o objeto de seu sonho, mas é impossível agir sôbre o que êle vai sonhar. O mecanismo do trabalho de elaboração e o desejo inconciente do sonho escapam a qualquer influência estranha. Examinando as excitações somáticas dos sonhos, reconhecemos que a particularidade e a autonomia da vida de sonho se revelam na reação pela qual o sonho corresponde às excitações corporais e psíquicas que recebe. E' assim que a objeção de que aqui nos ocupamos e que pretenderia pôr em dúvida a objetividade das pesquisas sôbre o sonho, baseia-se por sua vez numa confusão, que é a do sonho com os materiais do sonho.

E' tudo o que lhes queria dizer sôbre os problemas que se relacionam com o sonho. Sem dúvida adivinham que omiti não poucas coisas, e perceberam que fui obrigado a ser incompleto em muitos pontos. Mas estas falhas de minha exposição se devem às relações que existem entre os fenômenos do sonho e as neuroses. Estudámos o sonho a título de introdução ao estudo das neuroses, o que foi muito mais correto do que si tivéssemos feito o contrário. Mas assim como o sonho prepara para a compreensão das neuroses, por sua vez só pode ser compreendido em todas as suas minúcias depois que se adquire um conhecimento exato dos fenômenos neuróticos.

Ignoro o que pensam a êste respeito, mas posso assegurar-lhes que não lamento absolutamente tê-los interessado tanto nos problemas do sonho e ter consagrado ao estudo dêstes problemas tão grande parte do tempo de que dispomos. Não ha outra questão cujo estudo possa fornecer tão ràpidamente a convicção de justeza das proposições da psica-

nálise. São precisos vários mêses, e mesmo vários anos de trabalho assiduo para demonstrar que os sintomas de um caso de doença neurótica possuem um sentido, servem a uma intenção e se explicam pela história da pessoa doente. Ao contrário, basta apenas um esfôrço de algumas horas para obter o mesmo resultado, em presença de um sonho que a princípio se apresenta confuso e incompreensivel, e para obter assim uma confirmação de todas as hipóteses da psicanálise concernentes à inconciência dos processos psíquicos, aos mechanismos a que êles obedecem e às tendências que se manifestam através destes processos. E si, à perfeita analogia que existe entre a formação de um sonho e a de um simbolismo neuróticco, acrescentarmos a rapidez da transformação, que faz do sonhador um homem acordado e razoável, adquiriremos a certeza de que a neurose tambem se baseia numa alteração das relações que normalmente existem entre as diferentes fôrças da vida psíquica.

TERCEIRA PARTE

TEORIA GERAL DAS NEUROSES

CAPITULO XVI

PICANÁLISE E PSIQUIATRIA

Alegra-me poder retomar êste ano com os senhores o fio de nossas palestras. Falei-lhes no ano passado da concepção psicanalítica dos atos falhados e dos sonhos; êste ano, quisera familiarizá-los com os fenô menos neuróticos que, conforme verão mais adiante, têm mais de um traço comum com uns e outros. Previno-lhes porém que, no que con cerne a êstes últimos fenômenos, não lhes posso sugerir a meu respeito a mesma atitude que a do ano passado. Então eu me impusera a obri- gação de não dar um passo sem me ter pôsto em acôrdo prévio com os senhores; discutimos muito e tomei em consideração suas objeções; che- guei mesmo ao ponto de ver nos senhores e em sua "sã razão humana" a instância decisiva. Hoje já não podemos fazer o mesmo, e isto por uma razão bem simples. Na qualidade de fenômenos, atos falhados e sonhos não lhes eram inteiramente desconhecidos. Podíamos dizer que os senhores possuiam ou estavam em condições de possuir a seu respeito a mesma experiência que eu. Mas o domínio dos fenômenos neuróticos é-lhes estranho; si não são medicos, só poderão chegar a êle através de mi- nhas informações, e o juizo aparentemente melhor não tem valor quando quem o formula não está familiarizado com os materiais a julgar.

Não creiam entretanto que me proponho fazer-lhes conferências dogmáticas nem que exijam dos senhores uma adesão sem condições. Si o acreditassem, daí resultaria um malentendido que me faria o maior agravo. Não está em minha intenção impôr condições: basta-me exer- cer uma ação estimulante e abalar preconceitos. Quando, por fôrça de uma ignorância material, os senhores não estão em condições de jul- gar, não devem crer nem rejeitar. Só lhes cabe escutar e deixar agir sôbre seu espirito o que lhes dizem. Não é fácil adquirir convicções, e aquelas a que chegamos sem dificuldade se mostram as mais das vezes desprovidas de valor e resistência. Só tem o direito de ter convicções

quem, durante longos anos, trabalhou com os mesmos materiais e assistiu pessoalmente á repetição destas experiências novas e surpreendentes de que lhes vou falar. Para que servem, no domínio intelectual, estas convicções rápidas, estas conversões que se realizam com a instantaneidade de um relâmpago, estas repulsões violêntas? Não vêem então que o "raio", o amor instantâneo, fazem parte de uma região de todo diferente, do domínio afectivo particularmente? Não pedimos a nossos pacientes que se convençam da eficácia da psicanálise ou que lhe dêem sua adesão. Si o fizessem, isto no-los tornaria suspeitos. A atitude que mais apreciamos nêles é a de um benévolo cepticismo. Procurem, pois, também deixar amadurecer lentamente nos senhores a concepção psicanalítica, ao lado da concepção popular ou psicológica, até que surja a oportunidade de ambas poderem entrar numa relação recíproca, medir-se e, associando-se, fazer nascer finalmente uma concepção decisiva.

Por outro lado, fariam mal em acreditar que o que lhes exponho como sendo a concepção psicanalítica seja um sistema especulativo. Trata-se antes de um fato de experiência, de uma expressão direta da observação ou do resultado da elaboração desta. E' pelos progressos da ciência que poderemos julgar si esta elaboração foi suficiente e justificada, e, sem querer gabar-me, posso dizer, tendo detrás de mim uma vida já bastante longa e uma carreira que se estende por cêrca de vinte cinco anos, que me foi preciso. para reünir as experiências em que se baseia minha concepção, um trabalho intensivo e aprofundado. Muitas vezes tive a impressão de que nossos adversarios não queriam absolutamente tomar em consideração esta fonte de nossas afirmações, como si se tratasse de idéias puramente subjetivas às quais se pudesse, à vontade, opor outras. Não consigo compreender bem esta atitude de nossos adversários. Ela deriva talvez do fato de os médicos sentirem repugnância de entrar em relações demasiado íntimas com seus pacientes que sofrem de neuroses. Não prestando bastante atenção ao que êstes lhes dizem põem-se na impossibilidade de tirar de suas comunicações dados preciosos e de fazer sôbre seus doentes observações capazes de servir de ponto de partida a deducções de ordem geral. Por falar nisto, prometo-lhes entregar-me, no correr destas lições, o menos possível a polêmicas, sobretudo com tal ou tal autor em particular. Não creio na verdade da máxima que proclama que a guerra é mãe de todas as coisas. Esta máxima me parece ser produto da sofística grega e pecar, como esta, por atribuir um valor exagerado à dialética. Eu, por mim, acho que o que se chama polêmica científica é uma obra perfeitamente estéril, sem falar

que sempre tende a assumir um carácter pessoal. Eu podia gabar-me, até ha alguns anos passados, de só ter usado as armas da polêmica contra um único sábio (Löwenfeld, de Munich), com êste resultado: de adversários que éramos, tornámo-nos amigos e nossa amizade dura até hoje. E como não estava certo de chegar sempre ao mesmo resultado, por muito tempo me guardei de recomeçar a experiência.

Os senhores poderiam acreditar que uma tal repugnância por qualquer discussão literária atesta seja uma impotência em faca das objeções, seja uma extrema teimosia ou, para me servir de uma expressão de amável linguagem científica de hoje em dia, um "extravio". Ao que lhes responderia que quando, a custa de penosos esforços, adquirimos uma convicção, tambem temos, até certo ponto, o direito de querer mantê-la contra todos e mau grado tudo. Aliás, faço questão de acrescentar, que no correr de meus estudos, em mais de um ponto importante mudei, modifiquei ou substitui por outras certas de minhas opiniões e que nunca deixei de fazer dessas variações uma declaração pública. Qual o resultado de minha franqueza? Uns não tiveram o menor conhecimento das correções que introduzi e ainda hoje me criticam por proposições a que já não atribuo o mesmo sentido de outrora. Outros me censuram precisamente estas variações e declaram que eu não posso ser levado a sério. Dir-se-ia que aquele que modifica de vez em quando suas idéias não merece confiança alguma, pois deixa supor que suas últimas proposições são tão errôneas como as precedentes. E, por outro lado, aquele que mantém suas primeiras idéias e delas não se deixa desviar fàcilmente, passa por um teimoso e um transviado. Diante dêstes dois juizos opostos da crítica, só ha um partido a tomar: continuar a ser o que se é, e seguir apenas seu próprio critério. E' efectivamente ao que estou decidido, e nada me impedirá de modificar e corrigir minhas teorias com o progresso de minha experiência. Quanto a minhas idéias fundamentais, nada encontrei a alterar nelas, e espero que o mesmo suceda de futuro.

Devo portanto expor-lhes a concepção psicanalítica dos fenômesos neuróticos. É-me fácil ligar esta exposição à dos fenômenos de que já lhes falei, tanto por causa das analogias como dos contrastes que existem entre uns e outros. Tomo uma ação sintomática que tenho visto muitas pessoas praticarem durante minha consulta. Os indivíduos que vêm expor num quarto de hora todas as misérias de sua vida mais ou menos longa não interessam ao psicanalista. Seus conhecimentos mais aprofundados não lhe permitem desembaraçar-se do enfêrmo di-

zendo-lhe que não tem grande coisa e prescrevendo-lhe uma ligeira cura hidroterápica. Um de nossos colegas, a quem perguntaram como se comportava com os pacientes que vinham consultá-lo, respondeu encolhendo os ombros: pespego-lhe uma conta de tantas coroas. Também não os deixarei admirados dizendo-lhes que a clientela do psicanalista, mesmo o mais ocupado, no é igualmente muito numerosa. Mandei duplicar e estofar de couro a porta que separa meu gabinete da sala de espera. Trata-se de uma precaução cujo sentido não é difícil de apanhar. Ora, sempre sucede que as pessoas que mando entrar da sala de espera em meu gabinete se esquecem de fechar as duas portas detrás de si. Logo que o percebo, e seja qual for a categoria social da pessoa, não deixo de, em tom irritado, chamar-lhe a atenção, pedindo-lhe que repare sua negligência. Os senhores dirão que isto é pedanteria levada ao excesso. Eu próprio às vezes me tenho exprobado esta exigência, pois freqüentemente se tratava de pessoas incapazes de tocar um fêcho de porta e contentes de transmitir êsse encargo a outrem. Mas na maioria dos casos eu tinha razão, pois os que se portam assim e deixam abertas detrás de si as portas que separam a sala de espera do médico de seu gabinete de consulta são em geral pessoas mal educadas e não merecem um acolhimento amistoso. Entretanto, não se pronunciem antes de conhecer o resto. Esta negligência do paciente só se produz quando êle se acha sózinho na sala de espera e, ao abandoná-la não deixa ninguem detrás dêle. Mas o paciente tem, ao contrário, muito cuidado de fechar as portas quando deixa na sala de espera outras pessoas que esperam ao mesmo tempo que êle. Nêste último caso, compreende muito bem que não lhe interessa permitir a outros escutarem sua conversação com o médico.

Assim determinada, a negligência do paciente não é nem acidental, nem desprovida de sentido e mesmo de importância, pois, conforme veremos, ela ilustra sua atitude em relação ao médico. O paciente pertence à numerosa categoria dos que sonham exclusivamente com celebridades médicas, querendo ser deslumbrados, abalados. Já telefonou talvez para saber a que hora será mais fàcilmente recebido e imagina encontrar diante da casa do médico uma fileira de clientes tão longa como as que se formam em frente a um "guichet" de estampilhas. Ora, ei-lo que entra numa sala de espera vazia e, ainda por cima, muito modestamente mobiliada. Sente-se decepcionado e, querendo vingar-se no médico do exagerado respeito que pretendia testemunhar-lhe, exprime seu estado de alma desdenhando fechar as portas que separam a sala de es-

pera do gabinete de consulta. Fazendo-o, parece querer dizer ao médico: "Para que fechar as portas, si não ha ninguém na sala de espera e provàvelmente ninguém entrará, emquanto eu estiver em seu gabinete?" Acontece mesmo que êle demonstra, durante a consulta, uma grande sem-cerimônia e falta de respeito, si não tratamos de repô-lo imediatamente em seu lugar.

A análise desta pequena ação simtomática não lhes ensina nada que os senhores já não saibam, a saber, que não é acidental, que tem seu móvel, um sentido e uma intenção, que faz parte de um conjunto psíquico definido, que é uma pequena indicação de um estado psíquico importante. Mas êste ato sintomático nos ensina sobretudo que o processo de que é expressão se passa fora do conhecimento de quem o executa, pois nenhum dos pacientes que deixam as duas portas abertas confessariam que quer, por esta negligência, demontrar-me seu desprêzo. E' provável que mais de um convenha em que sentiu uma espécie de decepção ao entrar na sala de espera, mas o certo é que a ligação entre essa impressão e o ato sintomático que lhe segue escapa à conciência.

Vou pôr em paralelo com esta pequena ação sintomática uma observação feita numa doente. A observação que escôlho ainda está fresca em minha memória e presta-se a uma descrição sucinta. Previno-lhes aliás que em todas as comunicações dêste gênero são inevitáveis certas insistências.

Um jovem oficial licenciado me pediu que me encarregasse do tratamento de sua sogra que, a-pesar-de viver nas condições mais venturosas que é possivel imaginar, envenenava a própria existência e a existência de todos os seus por uma idéia absurda. Vi-me em presença de uma senhora de 53 anos de idade, bem conservada, de trato amável e simples, que me contou sem relutar a seguinte história. Vivia muito feliz no campo com o espôso, que dirige uma grande usina. Só pode elogiar os cuidados e atenções de que êle a cerca. Casaram-se por amor ha 30 anos e, desde o dia do casamento, nenhuma discórdia, nenhum motivo de ciume viera perturbar a paz do casal. Seus dois filhos estão bem casados, e seu marido, querendo cumprir até o fim seus deveres de chefe de família, ainda não consente em retirar-se dos negócios. Ha um ano, intercorreu um fato incrivel, que ela mesma não compreende: ela não hesitou em dar crédito a uma carta anônima que acusava seu excelente marido de manter relações amorosas com uma moça. Desde que recebeu essa carta, sua felicidade está arruinada. Uma indagação um pouco apertada revelou que uma arrumadeira, que essa senhora

talvez admitisse demasiado em sua intimidade, perseguia com um ódio feroz uma outra moça que, sendo de origem tão humilde quanto ela, tivera um sucesso infinitamente maior na vida. Em vez de se empregar como criada, fizera estudos que lhe permitiram entrar para a usina na qualidade de funcionária da administração. Como a mobilização tivesse feito escassear o pessoal da usina, essa moça acabara por ocupar um belo cargo: morava na própria usina, só freqüentava "cavalheiros", e todo mundo a chamava "senhorita". Invejosa desta superioridade, a arrumadeira estava pronta a dizer todo o mal possivel de sua antiga companheira de escola. Um dia a patroa lhe fala de um senhor idoso que viera visitá-la e que todos sabiam estar separado da espôsa e vivendo com uma amante. Nossa doente ignora o que a levou, nessa ocasião, a dizer à arrumadeira que para ela não haveria nada mais terrivel que vir a saber que seu marido tem uma amante. No dia seguinte recebe pelo correio a carta anônima em que lhe davam, numa letra disfarçada a fatal notícia. Suspeitou imediatamente que a carta era obra da perversa arrumadeira, pois era precisamente a moça que esta perseguia com seu ódio que ali era acusada de ser a amante do meu marido. Mas si bem que a paciente não tardasse a adivinhar a intriga e tivesse bastante experiência para saber quão pequena confiança merecem estas covardes denúncias, nem por isto essa carta deixou de impressioná-la profundamente. Teve uma crise de excitação terrivel e mandou buscar o marido, a quem dirigiu, logo que apareceu, as mais amargas censuras. O marido acolheu a acusação rindo e fez tudo o que poude para acalmar a espôsa. Mandou vir o médico da família e da usina, que juntou seus esforços aos dêle. A atitude ulterior do casal foi das mais naturais: a arrumadeira foi despedida, mas a pretensa amante conservou-se em seu lugar. Desde êsse dia, a doente assegurava freqüentemente que se acalmara e não acreditava mais no conteúdo da carta anônima. Mas sua calma nunca era profunda nem duradoura. Bastava-lhe ouvir pronunciar o nome da moça ou encontrar esta na rua, para entrar numa nova crise de desconfiança, dores e exprobações.

Tal a história desta excelente senhora. Não é preciso possuir uma grande experiência psiquiátrica para compreender que, ao contrário de outros doentes nervosos, ela estava antes inclinada a atenuar seu caso ou, como o dizemos, a dissimular, e que jámais conseguiu vencer sua fé na acusação formulada na carta anônima.

Que atitude pode adoptar o psiquiatra em face de um caso assim? Já sabemos como êle se comportaria em relação ao ato sintomático do

paciente que não fecha as portas da sala de espera. Vê nesta ação um acidente desprovido de qualquer interêsse psicológico. Mas não pode manter a mesma atitude ante a mulher mórbidamente ciumenta. O ato sintomático surge como uma coisa indiferente, mas o sintoma impõe-se-nos como um fenômeno importante. Do ponto de vista subjetivo, êste sintoma é acompanhado de uma dor intensa; do ponto de vista objetivo, ameaça a felicidade de uma família. Também apresenta um interêsse psiquiátrico inegável. O psiquiatra ensaia a princípio caracterizar o sintoma por uma de suas propriedades essenciais. Não se pode dizer que a idéia que atormenta esta mulher seja absurda em si, pois acontece que homens casados, mesmo idosos, tenham amantes jovens. Mas ha outra coisa, que é absurda e inconcebivel. Afora as afirmações contidas na carta anônima, a paciente não tem nenhuma razão de crer que seu terno e fiel espôso faça parte dessa rara categoria de maridos infieis. Sabe também que a carta não merece a menor confiança e conhece-lhe a proveniência. Deveria portanto dizer a si mesma que seu ciume em nada se justifica; dí-lo, com efeito, mas nem por isso sofre menos, como si possuísse provas irrefutáveis da infidelidade do espôso. Convencionou-se chamar *obsessões* as idéias dêste gênero, isto é, as idéias refratárias aos argumentos lógicos e aos argumentos tirados da realidade. A boa senhora sofre pois da *obsessão do ciume*. Tal é com efeito a característica essencial de nosso caso mórbido.

Em conseqüência desta primeira constatação, nosso interêsse psiquiátrico acha-se ainda mais excitado. Si uma obsessão resiste às provas da realidade, é que não tem sua origem na realidade. De onde vem então? O conteúdo das obsessões varia ao infinito; porquê em nosso caso a obsessão tem precisamente por conteúdo o ciume? Aqui escutaríamos de bom grado o psiquiatra, mas êste nada tem a dizer-nos. De todas as nossas questões, só uma lhe interessa. Procurará os antecedentes hereditários desta mulher e *talvez* nos dê a seguinte resposta: as obsessões produzem-se em pessoas que acusam em seus antecedentes hereditários perturbações análogas ou outras perturbações psiquicas. Noutras palavras, si nesta mulher se desenvolveu uma obsessão, é que ela a isto se achava predisposta hereditàriamente. Esta informação é sem dúvida interessante, mas é tudo o que queremos saber? Não haverá outras causas que tenham determinado a produção de nosso caso mórbido? Constatamos que uma obsessão do ciume se desenvolveu de preferência a qualquer outra: seria êste fato indiferente, arbitrário ou inexplicável? E a proposição que proclama a onipotência da hereditariedade deve ser

igualmente compreendida no sentido negativo, ou noutras palavras, devemos admitir que desde o instante em que uma alma está predisposta. a tornar-se prêsa de uma obsessão, pouco importam os acontecimentos susceptíveis de agir sôbre ela? Os senhores decerto desejariam saber porquê a psiquiatria científica se recusa a nos informar mais alguma coisa. A isto eu lhes responderei: quem dá mais do que tem é deshonesto. O psiquiatra não tem meios de penertar mais avante na interpretação de um caso dêste gênero. E' obrigado a limitar-se a formular o diagnostico e, mau grado sua rica experiência, um prognóstico incerto quanto à marcha ulterio rda doença.

Podemos esperar mais da psicanálise? Certamente, espero poder demonstrar-lhes que mesmo num caso tão dificilmente acessivel como o que nos ocupa, ela é capaz de trazer a lume fatos próprios a torná-lo inteligível a nossos olhos. Em primeiro lugar, queiram lembrar-se dêste pormenor aparentemente insignificante de que, a falar verdade a paciente provocou a carta anônima, ponto de partida da sua obsessão: não foi ela mesma quem disse na véspera à jovem intrigante que sua maior desgraça seria vir a saber que seu marido tem uma amante? Dizendo-o, sugeriu à arrumadeira a idéia de mandar a carta anônima. A obsessão torna-se assim, em certa medida, independente da carta; deve ter existido anteriormente na enfêrma, em estado de apreensão (ou de desejo?). Acrescentem a isto alguns pequenos fatos que pude destacar depois de duas horas de análise. A doente mostrava-se muito pouco disposta a obedecer quando, contada a sua história, lhe pedi que me participasse outras idéias e recordações que com ela se pudessem relacionar. Pretendia que não tinha mais nada a dizer, e ao cabo de duas horas foi preciso cessar a experiência, por ter a doente declarado que se sentia perfeitamente bem e que estava certa de ter-se desembaraçado de sua idéia mórbida. Subentende-se que esta declaração lhe foi ditada pelo receio de me ver prosseguir a análise. Mas nem por isso, no correr dessas duas horas, deixara de emitir algumas considerações que autorizaram, que impuseram mesmo certa interpretação que vinha projetar uma luz deslumbrante sôbre a gênese de sua obsessão. Ela mesma estava assoberbada por um profundo sentimento por um rapaz, por êsse genro a instâncias do qual eu fôra visitá-la. Dêste sentimento não se dava conta; mal tinha conciência dêle: dados os laços de parentesco que a uniam a êsse jovem, sua afeição amorosa não teve dificuldade em revestir a máscara de uma ternura inofensiva. Ora, possuimos suficiente experiência destas situações para poder penetrar sem dificuldade na vida psíquica desta hones-

ta mulher e excelente mãe de 53 anos. A afeição que ela sentia era demasiado monstruosa e impossivel para ser conciente; nem por isso deixava de persistir no estado inconciente, exercendo assim uma forte pressão. Precisava de algo que a libertasse dessa pressão, e deveu seu alívio ao mecanismo do deslocamento que tantas vezes representa um papel na produção do ciume obsedante. Uma vez convencida de que si ela, mulher idosa, estava apaixonada por um moço, seu marido, em compensação, tinha como amante uma moça, sentiu-se livre do remorso que lhe podia causar sua infidelidade. A idéia fixa da infidelidade do marido devia agir como um bálsamo calmante aplicado a uma chaga ardente. Inconciente de seu próprio amor, tinha uma conciência obsedante, indo até à mania, do reflexo dêsse amor, reflexo de que tirava tão grande vantagem. Todos os argumentos que se podiam opor à sua idéia deviam ficar sem efeito, pois eram dirigidos não contra o modêlo, mas contra sua imagem refletida, comunicando aquele sua força a esta e conservando-se oculto, inatacável, no inconciente.

Recapituiemos os dados que pudemos obter por êste breve e difícil esfôrço psicanalítico. Talvez êles nos permitam compreender êste caso mórbido, supondo naturalmente que tenhamos procedido corretamente, coisa de que não poderão ser juizes aqui. Primeiro dado a idéia fixa já não é nada absurdo nem incompreensivel; tem um sentido, é bem motivada, faz parte de um acontecimento afectivo sobrevindo na vida da enfêrma. Segundo dado: esta idéia fixa é um fato necessário, na qualidade de reação contra um processo psíquico inconciente que pudemos desvendar de acôrdo com outros sinais; e é precisamente ao elo que a relaciona com êsse processo psíquico inconciente que deve seu carácter obsedante, sua resistência a todos os argumentos fornecidos pela lógica e pela realidade. Esta idéia fixa é mesmo uma coisa benvinda, uma espécie de consôlo. Terceiro dado: si a doente fez na véspera à jovem intrigante a confidência que sabem, é incontestável que a isto foi impelida pelo sentimento secreto que experimentava em relação ao genro e que forma como que o fundo de sua doença. Êste caso apresenta assim, com a ação sintomática que analisámos mais acima, analogia importantes, pois, aqui como lá, conseguimos desvendar o sentido ou a intenção da manifestação psíquica, assim como suas relações com um elemento inconciente que faz parte da situação.

Subentende-se que não resolvemos todas as questões que se relacionam com o nosso caso. Êste está antes eriçado de problemas, alguns dos quais ainda não são passíveis de solução, de passo que outros não

puderam ser resolvidos, por causa das circunstâncias desfavoráveis particulares neste caso. Porquê, por exemplo, esta mulher, tão feliz no lar, se apaixonou pelo genro e porque a liberação, que bem poderia ter revestido outra forma qualquer, se produziu sob a forma de um reflexo, de uma projeção de seu próprio estado sôbre o marido? Não pensem que aqui se trata de questões ociosas e maliciosas. Comportam respostas para as quais já dispomos de numerosos elementos. Nossa enferma se encontra na idade crítica, que pode trazer uma exaltação súbita e não desejada de necessidade sexual: êste fato poderia, a rigor, bastar por si só para explicar todo o resto. Mas tambem pode suceder que o bom e fiel marido não esteja mais, ha vários anos, na posse de uma potência sexual em acôrdo com a necessidade de sua mulher melhor conservada. Sabemos por experiência que êstes maridos, cuja fidelidade não tem aliás necessidade de outra explicação, votam precisamente a suas esposas uma ternura particular e se mostram de uma grande indulgência para com as suas perturbações nervosas. Além disto, não é absolutamente indiferente que o amor mórbido desta senhora se tenha voltado precisamente para o jovem marido de sua filha. Um forte apêgo erótico à filha, apêgo que pode ser atribuído, em ultima análise, à constituição sexual da mãe, acha muitas vezes o meio de se manter graças a uma tal transformação. Devo lembrar-lhes, a êste respeito, que as relações sexuais entre sogra e genro sempre foram consideradas como particularmente abjetas e eram visadas nos povos primitivos por interdições, *tabú* e marcas de ignomínia? (1) Tanto no sentido positivo como no sentido negativo, estas relações ultrapassam freqüentemente a medida socialmente desejável. Como não me foi possível prosseguir a análise dêste caso durante mais de duas horas, não lhes poderia dizer qual dêstes três fatores deve ser incriminado na doente que nos ocupa; sua neurose pode ter sido produzida pela ação de um ou de dois dentre êles, asim como pela dos três reunidos.

Percebo agora que acabo de lhes falar de coisas que os senhores ainda não estão preparados para compreender. Fi-lo para estabelecer um paralelo entre a psiquiatria e a psicanálise. Pois bem, constataram nalgum ponto uma contradição entre ambas? A psiquiatria não aplica os métodos técnicos da psicanálise, não se preocupa de ligar seja o que for à idéia fixa e contenta-se com mostrar-nos na hereditariedade um fa-

(1) Cfr. **Totem e Tabú,** trd. em português. — **Editora Guanabara, 1934**

ter etiológico geral e remoto, em vez de se entregar à investigação de causas mais especiais e mais próximas. Mas ha nisso uma contradição, uma oposição? Não vêem que, longe de se contradizer, a psiquiatria e a psicanálise se completam uma à outra, ao mesmo tempo que o fator hereditário e o acontecimento psíquico, longe de se combater e de se excluir, colaboram da maneira mais eficaz visando o mesmo resultado? Hão de conceder-me que não ha nada na natureza do trabalho psiquiátrico que possa servir de argumento contra a pesquisa psicanalítica. E' o psiquiatra, e não a psiquiatria que se opõe à psicanálise. Esta está para a psiquiatria mais ou menos como a histologia está para a anatomia: uma estuda as formas exteriores dos órgãos, a outra os tecidos e as células de que êsses órgãos são feitos. Uma contradição entre estas duas ordens de estudos, uma das quais continua a outra, é inconcebível. A anatomia constitue hoje em dia a base da medicina científica, mas houve tempo em que a dissecção de cadáveres humanos, no sentido de conhecer a estrutura íntima do corpo, era vedada, assim como se acha atualmente quasi condenável praticar a psicanálise, visando conhecer o funcionamento íntimo da vida psíquica. Entretanto, tudo leva a crer que não está longe o tempo em que nos daremos conta de que a psiquiatria verdadeiramente científica supõe um bom conhecimento dos processos profundos e inconcientes da vida psíquica.

Esta psicanálise tão combatida tem talvez entre os senhores alguns amigos que a veriam com prazer firmar-se tambem como processo terapêutico. Sabem que os meios psiquiátricos de que dispomos não têm ação alguma sôbre as idéias fixas. A psicanálise, que conhece o mecanismo dêstes sintomas, seria mais feliz nêste ponto? Não; não age sôbre estas afecções mais que qualquer outro meio terapêutico. Ao menos por enquanto. Podemos, graças à psicanálise, compreender o que se passa no doente, mas não temos nenhum meio de fazer com que o próprio doente o compreenda. Já lhes disse que, no caso de que lhes falei nesta lição, não pude levar a análise além das primeiras camadas. Daí se deve concluir que a análise de casos dêste gênero deve ser abandonada, porque estéril? Não creio. Temos o direito e mesmo o dever de prosseguir nossas pesquisas, sem nos preocuparmos com sua utilidade imediata. Enfim, não sabemos nem onde nem quando o pouco de saber que teremos adquirido se verá transformado em poder terapêutico. Mesmo que em face de outras afecções nervosas e psíquicas a psicanálise se houvesse mostrado tão impotente como em face das idéias fixas, nem por isso deixaria de ser perfeitamente justificada como meio insubstitui-

vel de investigação científica. E' verdade que então não estaríamos em em condições de exercê-la; os homens sôbre os quais queremos aprender, os homens que vivem, que são dotados de vontade própria e precisam de motivos pessoais para nos ajudar, recusar-nos-iam sua colaboração. Eis porquê não quero terminar esta lição sem lhes dizer que existem vastos grupos de perturbações nervosas, onde uma melhor compreensão se deixa fàcilmente transformar em poder terapêutico e que, sob certas condições, a psicanálise nos permite obter nestas afecções dificilmente acessíveis resultados que em nada ficam atrás aos que se obtêm em qualquer outro ramo da terapêutica interna.

CAPITULO XVII

O SENTIDO DOS SINTOMAS

Mostrei-lhes na lição anterior que enquanto a psiquiatria não se preocupa com o modo de manifestação e o conteúdo de cada sintoma, a psicanálise volta toda a sua atenção a um e outro e conseguiu estabelecer que cada sintoma tem um sentido e se relaciona estreitamente com a vida psíquica do doente. Foi J. Breuer quem, graças ao estudo e à feliz reconstituição de um caso de histeria que desde então se tornou célebre (1880-1882), primeiro descobriu sintomas neuróticos. E' verdade que P. Janet fez a mesma descoberta, independentemente de Breuer; ao sábio francês pertence mesmo a prioridade de publicação, pois Breuer só publicou sua observação dez anos mais tarde (1893-95), na época de sua colaboração comigo. Aliás, pouco importa saber a quem pertence a descoberta, pois uma descoberta sempre é feita várias vezes; nenhuma é feita uma vez e o sucesso nem sempre é ligado ao mérito. A América não recebeu seu nome de Colombo. Antes de Breur e Janet, o grande psiquiatra Leuret emitira a opinião de que se encontraria um sentido mesmo nos delírios dos alienados si se soubesse traduzí-los. Confesso que por muito tempo estive disposto a atribuir a P. Janet um mérito todo particular, por sua explicação dos sintomas neuróticos, que êle concebia como expressões das "idéias inconcientes" que dominam os doentes. Mais tarde, entretanto, denotando uma reserva exagerada, Janet exprimiu-se como si quizesse fazer compreender que o inconciente era para êle apenas um "modo de dizer" e que em sua idéia êste termo não correspondia a nada de real. Desde então, já não compreendo, as deducções de Janet, mas penso que êle se prejudicou muito, quando poderia ter tido muito mérito.

Os sintomas neuróticos têm portanto seu sentido, exatamente como os atos falhados e os sonhos; como êstes, estão em relação com a vida das pessoas que os apresentam. Quisera tornar-lhes familiar esta impor-

tante maneira de ver valendo-me de alguns exemplos. Que isto é sempre assim e em todos os casos, eis o que lhes posso apenas afirmar, sem estar em condições de prová-lo. Os que procuram por si mesmo experiências acabarão convencendo-se do que digo. Mas, por certas razões, tirarei meus exemplos, não da histeria, e sim de uma outra neurose, perfeitamente notável, no fundo muito vizinha da histeria, a cujo respeito lhes direi algumas palavras a título de introdução. Essa neurose, chamada obsessional, não é tão popular como a histeria, que todo o mundo conhece. E', si assim me posso exprimir, menos importunamente ruidosa, comporta-se antes como um assunto privado do doente, renuncia quasi completamente às manifestações somáticas e concentra todos os seus sintomas no terreno psíquico. A neurose obsessional e a histeria são as formas de neurose que forneceram a primeira base ao estudo da psicanálise, e é no tratamento dessas neuroses que nossa terapêutica tem obtído seus mais belos sucessos. Mas a neurose obsessional, à qual falta esta misteriosa extensão do psíquico ao corporal, foi-nos tornada pela psicanálise mais clara e mais familiar que a histeria, e pudemos constatar que ela manifesta com muito mais nitidez certos caracteres extremos das afecções neuróticas.

A neurose obsessional manifesta-se da seguinte maneira: os doentes são preocupados por idéias que não lhe inspiram interêsse, sentem impulsos que lhes parece totalmente bizarros e são arrastados a ações cuja execução lhes não proporciona prazer algum, mas das quais não podem esquivar-se. As idéias (representações obsedantes) podem ser em si desprovidas de sentido ou apenas indiferentes ao indivíduo, são muitas vezes inteiramente absurdas e desencadeiam em todo caso uma atividade intelectual intensa que esgota o doente. Êle é obrigado, contra a sua vontade, a perscrutar e especular, como si se tratasse de seus negócios vitais mais importantes. Os impulsos que o doente sente podem igualmente parecer infantis e absurdos, mas têm as mais das vezes um conteúdo terrífico, sentindo-se o sujeito incitado a cometer crimes graves, de sorte que não os repele apenas como coisas que lhe são estranhas, mas foge delas horrorizado e defende-se contra a tentação por toda sorte de interdições, renúncias e limitações de sua liberdade. E' bom dizer que êstes crimes e más ações nunca recebem siquer um começo de execução: a fuga e a prudência sempre acabam vencendo. As ações que o doente realiza na verdade, os atos chamados obsedantes, não passam de ações inofensivas, realmente insignificantes, as mais das vezes repetições, embelezamentos cerimoniosos dos atos ordinários da vida corrente, com o

resultado seguinte: os gestos mais necessários, tais como deitar-se, lavar-se, vestir-se, ir passear, tornam-se problemas penosos, de difícil solução. As representações, impulsos e ações doentías não são, em cada forma e caso de neurose obsessional, mesclados em proporções iguais: quasi sempre, é um ou outro dêstes fatores que domina o quadro e dá seu nome à doença, mas todas as formas e todos os casos têm traços comuns que é impossivel desconhecer.

Trata-se sem dúvida de uma doença bizarra. Penso que a fantasia mais extravagante de um psiquiatra em delírio jámais conseguiria construir algo semelhante e si não tivéssemos ocasião de ver todos os dias casos dêste gênero, não acreditaríamos em sua existência. Não creiam entretanto que prestam um serviço ao doente aconselhando-lhe que se distráia, não se entregue às suas idéias absurdas e ponha em seu lugar algo razoável. Êle mesmo quereria fazer o que lhe aconselham, tem o espírito perfeitamente lúcido, compartilha a opinião dos senhores sôbre seus sintomas obsedantes, exprime-a mesmo antes de os senhores a terem formulado. Apenas, nada pode fazer contra seu estado: o que, na neurose obsessional, se impõe à ação, é suportado por uma energia para a qual provàvelmente nos falta comparação na vida normal. Só pode fazer uma coisa: deslocar, trocar, pôr no lugar de uma idéia absurda uma outra, talvez atenuada, substituir uma precaução ou uma interdição por outra, realizar um cerimonial em vez de outro. Pode deslocar o constrangimento, mas é impotente para suprimí-lo. O deslocamento dos sintomas, mercê do qual êles muitas vezes se afastam de sua forma primitiva, constitue um dos principais caracteres de sua afecção; impressiona-nos, além disto, o fato de que as oposições (polaridades) que caracterizam a vida psíquica são particularmente pronunciadas em seu casos. Ao lado do constrangimento ou obsessão de conteúdo negativo ou positivo, vemos surgir, no domínio intelectual, a dúvida que se prende às coisas em geral mais certas. Entretanto, nosso doente foi outrora um homem muito enérgico, excessivamente perseverante, de uma inteligência mais que mediana. Apresenta as mais das vezes um nivel moral muito elevado, mostra-se muito escrupuloso, de correção fora do comum. Os senhores decerto imaginam o trabalho que é preciso realizar para chegar a orientar-se nêste conjunto contraditório e de sintomas mórbidos. Eis porquê, por enquanto, só devemos ambicionar pouca coisa: poder compreender e interpretar alguns dêsses sintomas.

Os senhores talvez desejassem saber, em relação à discussão que se vai seguir, como se comporta a psiquiatria atual em face dos problemas

da neurose obsessional. Bem magro é o seu capítulo referente a êste tema. A psiquiatria distribue nomes às diferentes obsessões e nada mais. Em compensação, insiste em que os portadores dêstes sintomas são "degenerados". Afirmação pouco satisfatória: constitue, não uma explicação, mas um julgamento de valor, uma condenação. Sem dúvida, as pessoas que saem do comum podem apresentar todas as singularidades possíveis, e concebemos muito bem que pessoas nas quais se desenvolvem sintomas como os da neurose obsessional devem ter recebido da natureza uma constituição diferente das dos outros homens. Mas, perguntaremos, são elas mais "degeneradas" que os outros nervosos, por exemplo os histéricos e os doentes que têm psicoses? A característica é evidentemente demasiado geral. Podemos mesmo perguntar si ela é justificada, quando sabemos que homens excelentes, de muito alto valor social, podem apresentar os mesmos sintomas. Em geral, sabemos pouca coisa sôbre a vida íntima de nossos grandes homens: isto se deve tanto à sua própria discreção como à falta de sinceridade de seus biógrafos. Acontece entretanto um fanático da verdade, como Emílio Zola, desvendar perante nós sua vida, e então sabemos por quantos hábitos obsedantes êle foi atormentado (1).

Para êsses neuróticos de escol, a psiquiatria creou a categoria dos "degenerados superiores". Nada melhor. Mas a psicanálise ensinou-nos que é possivel fazer desaparecer definitivamente êstes sintomas obsedantes, como se fizeram desaparecer muitas outras afecções. Eu próprio o consegui mais de uma vez.

Vou citar-lhes dois exemplos de análise de um sintoma obsedante. Um dêstes exemplos é tirado de uma observação já antiga e eu não poderia substituí-lo por um mais belo; o outro é mais recente. Contento-me com êstes dois exemplos, pois os casos dêste genero exigem uma exposição por extenso, sem negligenciar nenhum pormenor.

Uma senhora de seus 30 anos de idade, que padecia de fenômenos de obsessão muito graves e que eu talvez tivesse conseguido aliviar, não fosse um pérfido acidente que tornou baldado todo o meu trabalho (quiçá um dia lhes fale a êste respeito), executava várias vezes ao dia, entre muitas outras, a seguinte ação obsedante, absolutamente notável. Precipitava-se de seu quarto num aposento contíguo, aí se colocava em determinado sítio diante da mesa que ficava ao centro da sala, chamava

---

(1) E. Toulouse. — **Émile Zola, Enquête médico-psychologique.** Paris, 1896.

a criada, dava-lhe uma ordem qualquer ou mandava-a pura e simplesmente retirar-se, e de novo fugia precipitadamente para o seu quarto. Sem dúvida, êste sintoma mórbido não era grave, mas era de natureza a excitar a curiosidade. A explicação foi obtida do modo mais certo e irrefutável, sem a menor intervenção do médico. Não vejo mesmo como teria podido suspeitar siquer o sentido desta ação obsedante, entrever a menor possibilidade de sua interpretação. Todas as vezes que eu perguntava à doente: "porquê o faz?", ela me respondia: "não sei". Mas um dia, depois que conseguiu convencer nela um grave escrúpulo de conciência, achou súbitamente a explicação e contou-me fatos que se relacionavam com esta ação obsedante. Ha mais de dez anos, desposara um homem muito mais idoso que ela, o qual, na noite de núpcias, se mostrara impotente. Passara a noite correndo de seu quarto para o da esposa, afim de renovar a tentativa, mas sempre sem resultado. De manhã, contrariado, disse: "Tenho vergonha da criada que vai arrumar a cama". Dito isto, apanhou um vidro de tinta vermelha, que casualmente havia no quarto, e derramou o conteúdo no lençol, mas não no lugar exato em que se deveria encontrar as manchas de sangue. A princípio não compreendi que relação havia entre esta reminiscência e a ação obsedante de minha doente. A passagem reiterada de um aposento a outro e o aparecimento da criada eram os únicos fatos que tinha em comum com o acontecimento real. Então a doente, conduzindo-me ao segundo aposento e colocando-me diante da mesa, fez-me descobrir no pano desta uma grande mancha vermelha. Explicou-me que se punha diante da mesa numa posição tal, que a criada chamada não podia deixar de perceber a mancha. Então já não tive dúvida sôbre a estreita relação que havia entre a cena da noite de núpcias e a atual ação obsedante. Mas êste caso ainda comportava muitos outros ensinamentos.

Antes de tudo, é evidente que a enfêrma se identifica com o marido; desempenha seu papel imitando a corrida de um aposento a outro. Mas para que a identificação seja completa, devemos admitir que substitue o leito e o lençol pela mesa e respetivo pano. Isto pode parecer arbitrário, mas não foi em vão que estudámos o simbolismo dos sonhos. No sonho também se vê freqüentemente uma mesa que deve ser interpretada como figurando um leito. Mesa e cama reunidas representa o matrimônio. Eis porquê um substitue fàcilmente o outro.

Assim se provaria que a ação obsedante tem um sentido; parece ser uma representação, uma repetição da cena significativa que descreve-

mos mais acima. Mas nada nos obriga a ater-nos a esta aparência; submetendo a um exame mais aprofundado as relações entre a cena e a ação obsedante, talvez obtenhamos informações sôbre fatos mais remotos, sôbre a intenção da ação. O núcleo desta consiste manifestamente no chamado que se dirige a criada, cujo olhar é atraído para a mancha, ao contrário da observação do marido: "deveríamos envergonhar-nos perante a criada". Representando o papel do marido, ela age então como não tendo vergonha da criada, pois a mancha se acha em lugar conveniente. Vemos portanto que a nossa doente não se contentou com reproduzir a cena: continuou-a e corrigiu-a, tornou-a bem sucedida. Mas, fazendo-o, corrige igualmente, outro acidente que tornara necessário o recurso à tinta vermelha: a impotência do marido. A ação obsedante significa pois: "Não, não é verdade; êle não tinha de que se envergonhar; não se mostrou impotente". Como num sonho, representa êsse desejo como realizado numa ação atual, obedece à tendência que consiste em elevar seu marido acima de seu insucesso de outrora.

Em apôio do que acabo de lhes dizer, poderia citar-lhe tudo o que ainda sei sôbre essa mulher. Noutras palavras: tudo o mais que sabemos a seu respeito nos impõe esta interpretação de sua ação obsedante, em si mesma ininteligivel. Essa mulher vive ha anos separada do marido e luta contra a intenção de requerer um rompimento legal do matrimônio. Mas não pode pensar em libertar-se do marido; sente-se constrangida a conservar-se-lhe fiel, vive retirada, afim de não sucumbir a uma tentação, desculpa o espôso e engrandece-o em sua imaginação. Mais ainda: o mistério mais profundo de sua doença consiste em que, por meio desta protege o marido contra gracejos perversos, justifica sua separação no espaço e torna-lhe possível uma existência separada agradável. E' assim que a análise de uma anódina ação obsedante nos conduz diretamente ao núcleo mais recôndito de um caso mórbido e nos revela ao mesmo tempo uma parte não negligenciável do mistério da neurose obsessional. Demorei-me de bom grado nêste exemplo, porque reúne condições que não se podem razoàvelmente esperar em todos os casos. A interpretação dos sintomas foi aqui encontrada de chofre pela doente, fora de qualquer direção ou intervenção da análise, e isto em correlação com um acontecimento que se dera, não num período recuado da infância, mas quando a paciente já era adulta, tendo-se mantido o acontecimento intato em sua memória. Todas as objeções que a crítica dirige geralmente a nossas interpretações de sintomas, quebram-

se de encontro a êste único caso. Subentende-se que nem sempre temos a sorte de encontrar casos assim .

Mais umas palavras, antes de passar ao caso seguinte. Não lhes impressionou o fato de esta ação obsedante pouco aparente nos ter introduzido na vida mais íntima da doente? Quê de mais íntimo na vida de uma mulher que a história de sua noite de núpcias? E seria um fato acidental e sem importância o ter-nos a nossa análise introduzido na intimidade da vida sexual da doente? Sem dúvida, pode ser que eu tenha tido a mão feliz em minha escolha. Mas não concluamos demasiado depressa e abordemos nosso segundo exemplo, de um gênero inteiramente diverso, uma amostra de uma espécie muito comum: um cerimonial que acompanha o deitar.

Trata-se de uma formosa moça de 19 anos, bem dotada, filha única, superior aos pais pela instrução e vivacidade intelectual. Em tempo de criança, era de um carácter selvagem e orgulhoso; no correr dos últimos anos, sem a menor causa exterior aparente, tornara-se doentiamente nervosa. Mostra-se particularmente irritada contra a mãe; é descontente, deprimida, propensa à indecisão e à dúvida; acabou confessando que não pode mais atravessar sòzinha praças e ruas um pouco largas. Ha aí um estado mórbido complicado, que comporta ao menos dois diagnósticos: o de àgorofobia e o de neurose obsessional. Não nos deteremos nêste ponto: a única coisa que nos interessa no caso desta doente é o cerimonial do deitar, que é uma fonte de sofrimentos para seus pais. Pode-se dizer que, em certo sentido, todo indivíduo normal tem seu cerimonial do deitar ou faz questão de realizar certas condições cuja não-execução o impede de adormecer; cercou a passagem do estado de vigíla ao estado de sono de certas formalidades que reproduz exatamente todas as noites. Mas todas as condições de que o homem são, cerca o sono, são racionais e, como tais, fàcilmente se deixam compreender; e quando as circunstâncias exteriores lhe impõem uma mudança, adapta-se sem dificuldade e em curto lapso de tempo. Mas o cerimonial patológico carece de flexibilidade, sabe impor-se à custa dos maiores sacrifícios, abrigar-se detrás de motivos aparentemente racionais e, ao exame superficial, não parece distinguir-se do cerimonial normal, a não ser por uma exagerada minúcia. Mas a um exame mais atento, constata-se que o cerimonial mórbido comporta condições que nenhuma razão justifica, e outras que são claramente antiracionais. Nossa doente justifica as precauções que toma à noite pela razão seguinte: Para dormir, precisa de calma; logo, deve eliminar todas as fontes de ruído. Para realizar êste fim, toma todas as noites,

antes de dormir, as duas precauções seguintes: em primeiro lugar, faz parar a grande pêndula que se acha em seu quarto e manda retirar todos os outros relógios, sem exceptuar siquer o pequeno relógio de pulso que tem guardado em seu estojo; em segundo lugar, reúne em sua escrivaninha todos os vasos e jarras de flores, de tal sorte que nenhum dêles possa, durante a noite, quebrar-se caíndo e perturbar assim seu sono. Sabe perfeitamente bem que a necessidade de repouso só aparentemente, justifica estas medidas; compreende que o pequeno relógio de pulso, deixado no estojo, não poderia perturbar-lhe o sono com seu tique-taque, e todos sabemos por experiência que o tique-taque regular e monótono de um relógio, longe de perturbar o sono, não faz sinão favorecê-lo. A moça concorda, além disto, em que o receio pelos vasos e jarras não se funda em nenhuma verosimilhança. As outras condições do cerimonial nada têm a ver com a necessidade de repouso. Ao contrário: a doente exige, por exemplo, que a porta que separa seu quarto do de seus pais permaneça entreaberta; para obter êsse resultado, imobiliza a porta aberta com o auxílio de diversos objetos, precaução susceptível de gerar ruídos que, sem ela, poderiam ser evitados. Mas as precauções mais importantes têm por teatro o próprio leito. O travesseiro que está na cabeceira não deve tocar na madeira da cama. O travesseiro menor deve estar dispôsto em losango sôbre o grande, e a doente coloca sua cabeça na direção do diâmetro longitudinal dêsse losango. O acolchoado, de penas deve prèviamente ser sacudido, de modo que o lado correspondente aos pés se torne mais espêsso que o lado oposto; mas, isto feito, a doente não tarda a desfazer êsse trabalho e a diminuir essa espessura.

Poupo-lhe outros pormenores, freqüentemente muito minuciosos, dêste cerimonial; não nos ensinariam aliás nada de novo e nos levariam muito longe do fim que nos propomos. Mas saibam que tudo isto não se realiza tão fàcilmente e tão simplesmente como se poderiam crer. Sempre ha o temor de que nem tudo esteja feito com o necessário cuidado: cada ato deve ser controlado, repetido, a dúvida apega-se ora a uma, ora a outra precaução, e todo êste trabalho dura uma ou duas horas, durante as quais nem a moça nem seus pais aterrados podem adormecer.

A análise destas coisas complicadas não foi tão fácil como o da ação obsedante de nossa doente anterior. Fui obrigado a guiar a moça e a propor-lhe projetos de interpretação, que ela repelia invariavelmente com um *não* categórico ou só acolhia com uma uma dúvida eivada de desprêzo. Mas esta primeira reação de negação foi seguida de um período durante o qual ela própria se preocupava com as possibilidades que

lhe eram propostas, procurando fazer surgir idéias que se relacionassem com essas possibilidades, evocando reminiscências, reconstituindo conjuntos, e acabou por aceitar todas as nossas interpretações, mas depois de uma elaboração pessoal. À medida que nela se realizava êste trabalho, tornava-se cada vez menos meticulosa na execução de suas ações obsedantes; antes mesmo de terminar o tratamento, todo o seu cerimonial estava abandonado. Tambem devem saber que o trabalho analítico, tal como o praticamos hoje em dia, não se apega a cada sintoma particular até sua completa elucidação. A todo instante somos obrigados a abandonar um determinado tema, pois estamos certos de a êle ser reconduzidos ao abordar outros conjuntos de idéias. Eis porquê a interpretação dos sintomas que hoje lhes vou submeter constitue uma síntese de resultados que exigiram, em razão de outros trabalhos empreendidos entrementes, semanas e meses para ser obtidos.

Nossa doente começa pouco a pouco a compreender que é a título de símbolo genital feminino que não suporta, durante a noite, a presença de relógios em seu quarto. A pêndula, de que ainda conhecemos outras interpretações, simbólicas, assume êste papel de símbolo genital feminino por causa da periodicidade de seu funcionamento que se realiza com intervalos iguais. Uma mulher pode à-miude gabar-se dizendo que seu catamênio se processa com a regularidade de um pêndulo. Mas o que a nossa doente temia sobretudo era ser perturbada em seu sono pelo tique-taque do relógio. Êsse tique-taque pode ser considerado como uma representação simbólica das pulsações do clitóris por ocasião da excitação sexual. Ela era, com efeito, freqüentemente despertada por esta sensação penosa, e era o temor da erecção que lhe fazia afastar de sua vizinhança, durante a noite as pêndulas e relogios em movimento. Vasos e jarros de flores são igualmente, como todos os recipientes, símbolos femininos. Eis porquê o temor de expô-los durante a noite a cair e quebrar-se não é totalmente desprovido de sentido. Os senhores todos conhecem êsse costume, muito disseminado, que consiste em quebrar, na cerimônia do noivado, um copo ou um prato. Cada um dos assistentes se apropria de um fragmento, o que devemos considerar, colocando-nos do ponto de vista de uma organização matrimonial pre-monogâmica, como uma renúncia aos direitos que cada um podia ou acreditava ter sôbre a noiva. A esta parte de seu cerimonial se ligavam em nossa paciente uma recordação e várias idéias. Em tempo de criança, caíra tendo à mão um vaso de vidro ou de barro, e fizera no dedo um talho que sangrara abundantemente. Depois de moça e tendo

conhecimento dos correlatos às relações sexuais, foi obsedada pelo temor angustioso de que poderia não sangrar em sua noite de núpcias, o que faria nascer no espírito do marido dúvidas sôbre sua virgindade. Suas precauções contra o despedaçamento dos vasos constituem, pois, uma espécie de protesto contra todo o complexo em relação com a virgindade e a hemorragia consecutiva ao primeiro contato sexual, um protesto tanto contra o receio de sangrar como contra o receio oposto, de não sangrar. Quanto às precauções contra o ruído, a que subordinava tais medidas, nada tinham, ou quasi nada, a ver com estas.

Revelou o sentido central de seu cerimonial um dia em que teve a compreensão súbita da razão porquê não queria que o travesseiro tocasse a madeira do leito. O travesseiro, dizia ela, é sempre mulher, e a parede vertical do leito é homem. Queria assim, por uma espécie de ação mágica, ser-nos-ia lícito dizer, separar o homem e a mulher, isto é, impedir seus pais de manter relações sexuais. Muito tempo antes de ter estabelecido seu cerimonial, procurara alcançar o mesmo fim de um modo mais direto. Simular o medo ou utilizara um verdadeiro medo para obter que a porta que separava o seu do quarto de dormir dos pais fosse deixada aberta durante a noite. E conservara essa medida em seu cerimonial atual. Oferecia assim a si mesma a ocasião de espiar os pais e, a força de querer aproveitar essa ocasião, viu-se dominada por uma insônia que durou vários meses. Não contente de perturbar assim seus pais, vinha de vez em quando instalar-se na cama deles, entre o pai e a mãe. Era então que o "travesseiro" e a "madeira da cama" se achavam realmente separados. Quando cresceu enfim, a ponto de não mais deitar-se com os pais sem incomodá-los e sem se sentir ela mesma constrangida, engenhava-se ainda em simular o medo, afim de obter que a mãe lhe cedesse seu lugar junto ao pai, vindo por sua vez deitar-se na cama da filha. Esta situação foi certamente o ponto de partida de algumas invenções cujo vestígio encontramos em seu cerimonial.

Si um travesseiro é um símbolo feminino, o ato consistente em sacudir o acolchoado até que todas as penas, acumulando-se em sua parte inferior, a avolumassem, tinha igualmente um sentido: significava tornar a mulher grávida; mas nossa doente não tardava a dissipar esta gravidez, pois vivera durante anos com medo de que das relações de seus pais nascesse um novo filho, que lhe faria concurrência. Por outro lado, si o travesseiro grande, símbolo feminino, representava a mãe, o pequeno só podia representar a filha. Porquê devia êste último estar

disposto em losango, e porquê devia a cabeça de nossa doente estar colocada no sentido da linha mediana dêsse losango? Porque o losango representa a forma do aparelho genital da mulher, quando está aberto. Era portanto ela mesma que desempenhava o papel de macho, substituindo sua cabeça o aparêlho sexual masculino. (Cfr.: "A castração como representação simbólica da castração.")

Tristes coisas, dirão os senhores, essas que germinaram na cabeça desta moça virgem. Concordo, mas não esqueçam que não inventei estas coisas: limitei-me a interpretá-las. O cerimonial que acabo de descrever-lhes é igualmente uma coisa singular e existe uma correspondência que os senhores não devem desconhecer entre êste cerimonial e as idéias fantasistas que nos revela a interpretação. Mas o que mais me importa é que tenham compreendido que o cerimonial em questão era inspirado, não por uma única idéia fantasista, mas por um grande número dessas idéias, que convergiam todas para um ponto situado nalguma parte. E decerto perceberam igualmente que as prescrições dêsse cerimonial traduziam os desejos sexuais num sentido ora positivo, a título de substituições, ora negativo, a título de meios de defesa.

A análise dêste cerimonial teria podido fornecer-nos ainda outros resultados si tivessemos tomado exatamente em consideração todos os outros sintomas apresentados pela doente. Mas isto não se prendia ao fim que nos tínhamos proposto. Contentem-se de saber que esta moça sentia pelo pai uma atração erótica cujos começos remontavam à sua infância, e talvez se deva ver nêste fato a razão de sua atitude pouco amistosa para com a mãe. Foi assim que a análise dêste sintoma de novo nos introduziu na vida sexual da doente, e acharemos êste fato cada vez menos estranho, à medida que aprendemos a conhecer melhor o sentido e a intenção dos sintomas neuróticos.

Mostrei-lhes, pois, em dois exemplos escolhidos, que, tanto como os atos falhados e os sonhos, os sintomas neuróticos têm um sentido e se relacionam estreitamente com a vida íntima dos doentes. Certamente, não lhes posso pedir que adiram à minha proposição baseando-se nestes dois exemplos. Mas, por outro lado, não me podem exigir que lhes apresente exemplos em número ilimitado, até que se convençam. Efetivamente, dados os pormenores com que sou obrigado a tratar de cada caso, ser-me-ia preciso um curso semestral de cinco horas por semana, para esclarecer êste único ponto da teoria das neuroses. Contento-me pois com estas duas provas em favor de minha proposição e quanto ao resto recomendo-lhes as comunicações que foram publicadas a êste res-

peito, principalmente as clássicas interpretações de sintomas feitas por J. Breuer (*Histeria*), as impressionantes explicações de sintomas muito obscuros observados na demência precoce, explicações publicadas por C. G. Jung na época em que êste autor era apenas psicanalista e não tinha pretenções ao papel de profeta; recomendo-lhes outrossim todos os demais trabalhos que a partir de então encheram nossos periódicos. As pesquisas dêste gênero não faltam própriamente. A análise, a interpretação e a tradução dos sintomas neuróticos fixaram totalmente a atenção dos psicanalistas, a ponto de lhes fazer negligenciar todos os outros problemas que dizem com as neuroses.

Aqueles dentre os senhores que se quiserem impor êste trabalho de documentação, certamente ficarão impressionados pela quantidade e pela fôrça dos materiais reunidos sôbre esta questão. Mas também tropeçarão numa dificuldade. Sabemos que o sentido de um sintoma reside nas relações que apresenta com a vida íntima dos doentes. Quanto mais individualizado por um sintoma, mais nos devemos esforçar por definir esses relações. A tarefa que nos incumbe, quando nos achamos em presença de uma idéia desprovida de sentido e de uma ação sem finalidade, consiste em encontrar a situação passada em que a idéia em aprêço era justificada e a ação conforme com um fim. A ação obsessional de nossa doente, que corria até a mesa e chamava a criada, constitue o protótipo direto dêste gênero de sintomas. Mas também observamos, e mui freqüentemente, sintomas que têm um carácter inteiramente diverso. Deve-se designá-los como sintomas "típicos" da afecção, pois são mais ou menos os mesmos em todos os casos, desaparecida as diferenças individuais ou apagadas a ponto de se tornar difícil relacionar êsses sintomas à vida individual dos doentes ou ligá-los a situações vividas. Já o cerimonial de nossa segunda doente apresenta muitos dêsses traços típicos; mas também apresenta não poucos traços individuais, que tornam possível a interpretação por assim dizer *histórica* dêste caso. Mas todos êstes doentes obsedados têm uma tendência a repetir as mesmas ações, a ritmá-las, a isolá-las das outras. A maior parte dêles têm a mania de lavar. Os doentes de àgorafobia (topofobia, medo do espaço), afecção que já não entra no quadro da neurose obsessional, mas que designamos sob o nome de histería da angústia, reproduzem em seus quadros nosológicos, à-miude com uma monotonia causativa, os mesmos traços: medo dos espaços confinados, de grandes praças descobertas, de ruas e alamedas estendendo-se a perder de vista. Crêem-se protegidos quando os acompanha uma pessoa conhecida ou quando ouvem um carro detrás de si. Mas sôbre êste

fundo uniforme cada doente apresenta suas condições individuais, fantasias poderíamos dizer, que são muitas vezes diametralmente opostas de um caso para outro. Tal teme as ruas estreitas, tal outro as ruas largas; um só pode andar na rua quando ha pouca gente, outro só se sente à vontade no meio da multidão. Assim também a histeria, mau grado toda a sua riqueza em traços individuais, apresenta grande número de caracteres gerais e típicos que parecem tornar difícil a retrospeção histórica. Não esqueçamos entretanto que é por êstes sintomas típicos que nos guiamos para firmar nosso diagnóstico. Si, num caso dado de histeria, conseguimos realmente relacionar um sintoma típico a um acontecimento pessoal ou a uma série de acontecimentos pessoais análogos, por exemplo um vômito histérico a uma série de impressões de náuseas, ficamos totalmente desorientados quando a análise nos revela noutro caso de vômitos a ação presumida de acontecimentos pessoais de natureza inteiramente diversa. Somos então levados a admitir que os vômitos dos histéricos dependem de causas que ignoramos, sendo os dados históricos revelados pela análise apenas pretextos, por assim dizer, que, quando se apresentam, são utilizados por essa necessidade interna.

E' assim que chegamos a esta desanimadora conclusão de que, si nos é possivel obter uma explicação satisfatória do sentido dos sintomas neuróticos individuais, à luz dos fatos e acontecimentos vívidos pelo doente, nossa arte não basta para encontrar o sentído dos sintomas típicos, muito mais freqüentes. Além disto, estou longe de ter-lhes dado a conhecer todas as dificuldades que se nos deparam quando queremos fazer uma rigorosa interpretação histórica dos sintomas. Abster-me-ei aliás desta enumeração, não que queira embelezar as coisas ou dissimular-lhes as coisas desagradáveis, mas porque não me preocupo de desanimá-los ou de confundir suas idéias logo ao meio de nossos estudos comuns. E' verdade que por enquanto só demos os primeiros passos na via da compreensão do que os sintomas significam, mas por enquanto devemos ater-nos aos resultados adquiridos e só avançar progressivamente em direção ao desconhecido. Vou portanto tentar consolá-los dizendo-lhes que uma diferença fundamental entre as duas categorias de sintomas é dificilmente admissível. Si os sintomas individuais dependem incontestavelmente dos acontecimentos vividos pelo doente, é permitido admitir que os sintomas típicos podem ser ligados a acontecimentos igualmente típicos, isto é, comuns a todos os homens. Os outros traços que observamos regularmente nas neuroses podem ser reações gerais que a própria natureza das alterações mórbidas impõe ao doente, como por exemplo a repetição e a

dúvida na neurose obsessional. Em suma, não temos nenhuma razão de nos deixar desanimar, antes de conhecer os resultados que poderemos obter ulteriormente.

Na teoria dos sonhos, vemo-nos em presença de uma dificuldade igual, que não pude fazer sobressair em nossas anteriores palestras sôbre o sonho. O conteúdo manífesto dos sonhos apresenta variações e diferenças índividuais consideráveis, e demonstrámos por extenso o que se pode, graças à análise, tirar dêste conteúdo. Mas, ao lado dêstes sonhos existem outros que se podem igualmente chamar "típicos" e que se produzem de um modo idêntico em todos os homens. São sonhos de conteúdo uniforme, que opõem à interpretação as mesmas dificuldades: sonhos em que nos sentímos caír, voar, planar, nadar, em que nos julgamos entravados por algo ou em que nos vemos inteiramente nús, e outros sonhos angustiosos que se prestam, segundo as pessoas, a diversas interpretações, sem que ao mesmo tempo achemos a explicação de sua monotonia e de sua produção típica. Mas nêstes sonhos constatamos, com nas neuroses típicas, que o fundo comum é animado por pormenores individuais e variáveis; é provável que, ampliando nossa concepção, consigamos fazê-los entrar, sem lhes infligir a menor violência, no quadro que obtivemos em consequência do estudo dos outros sonhos.

CAPÍTULO XVIII

LIGAÇÃO A UMA AÇÃO TRANMATICA. O INCONCIENTE

Disse-lhes da última vez que, para prosseguir nosso trabalho, pretendia tomar como ponto de partida, não nossas dúvidas, mas os dados adquiridos. As duas análises que lhes expús no capítulo precedente comportam duas conseqüências muito interessantes, de que ainda não lhes falei.

Primeiramente: as duas doentes dão-nos a impressão de estar por assim dizer *fixadas* num certo fragmento de seu passado, de não poderem destacar-se dêle, mantendo-se por conseguinte estranhas ao presente e ao futuro. Estão mergulhadas em sua moléstia, como se tinha outrora o hábito de retirar-se num convento para fugir a um mau destino. Em nossa primeira doente, foi a união não consumada com o espôso que serviu de causa a toda a desgraça. E' em seus sintomas que se exprime o processo que ela instaura contra o marido; aprendemos a conhecer as vozes que o defendem, que o excusam, que o rehabilitam, que lhe lastimam a perda. A-pesar-de jovem e desejável, recorreu a todas as precauções reais e imaginárias (mágicas) para conservar-se fiel a êle. Não se mostra diante de estranhos, descuida o trajar, sente dificuldade em erguer-se da poltrona onde está sentada, hesita quando se trata de assinar seu nome, é incapaz de dar um presente a alguém, sob o protêxto de que ninguém devé obter qualquer coisa dela.

Em nossa segunda doente, é uma afeição erótica pelo pai que, tendo-se declarado na puberdade, exerce a mesma influência decisiva sôbre sua vida ulterior. Tirou de seu estado a conclusão de que não se pode casar enquanto estiver doente. Mas temos todo motivo de suspeitar que foi para não se casar e para ficar junto do pai que ela ficou doente.

Não devemos descurar a questão de saber como, por que vias e por que motivos se assume uma atitude tão estranha e tão desvantajosa para

a vida. Subentende-se, todavia, que então supomos que essa atitude constitue um caracter geral da neurose, e não um carácter particular de nossas duas doentes. Ora, sabemos que aí se trata de um traço comum a todas as neuroses, cuja importância prática é considerável. A primeira doente histerica de Breuer estava igualmente fixada na época em que perdera o pai, vítima de grave enfermidade. A despeito de sua cura, renunciara depois, até certo ponto, à vida; mesmo tendo recuperado a saúde e o normal desempenho de todas as suas funções, subtraiu-se à sorte normal da mulher. Analisando cada uma de nossas doentes, poderemos constatar que, por seus sintomas mórbidos e pelas conseqüências que daí decorrem, ela se acha reposta num certo período de seu passado. Na maioria dos casos, o doente escolhe mesmo para êsse efeito uma fase muito precoce de sua vida, a primeira infância, e até, por mais ridículo que isto possa parecer, o período em que ainda era lactente.

As neuroses traumáticas, de que observámos tantos casos no correr da última guerra, apresentam, a êste respeito, grande analogia com as neuroses de que estamos tratando. Antes da guerra, viram-se naturalmente suceder casos do mesmo gênero, em conseqüência de catástrofes de estrada de ferro e outros desastres terríficos. No fundo, as neuroses traumáticas não podem ser inteiramente assimiladas às neuroses espontâneas que geralmente submetemos ao exame e ao tratamento analítico; ainda não nos foi possível ordená-las sob nossos critérios e espero poder um dia dar-lhes a razão disto. Mas a assimilação de umas às outras é perfeita num ponto: as neuroses traumáticas são, precisamente como as espontâneas, fixadas no momento do acidente traumático; e nos casos acompanhados de acessos histeriformes acessíveis à análise, constata-se que cada acesso corresponde a uma reposição completa nessa situação. Dir-se-ia que os doentes ainda não acabaram com a situação traumática, que esta ainda se ergue ante êles como um assunto atual, urgente, e tomamos esta concepção perfeitamente a sério: ela nos mostra o caminho de uma concepção por assim dizer *econômica* dos processos psíquicos. E, mesmo, o termo *traumático* não tem outro sentido sinão um sentido econômico. Chamamos assim um acontecimento vivido que, no espaço de pouco tempo, faz intervir na vida psíquica um tal acréscimo de excitação, que sua supressão ou sua assimilação pelas vias normais se torna uma tarefa impossivel, o que tem por efeito perturbações duradouras na utilização da energia.

Esta analogia nos anima a designar igualmente como traumáticos os acontecimentos vividos a que os nervosos parecem estar fixados. Obte-

mos assim para a afecção neurótica uma condição muito simples: a neurose poderia ser assimilada a uma afecção traumática e explicar-se-ia pela incapacidade em que se acha o doente de reagir normalmente a um acontecimento psíquico de um carácter afectivo muito pronunciado. Eis o que estava efetivamente enunciado na primeira fórmula em que eu e Breuer resumimos, em 1893-95, os resultados de nossas novas observações. Um caso como êsse de nossa primeira doente, da mulher jovem separada do marido, enquadra-se muito bem nesta maneira de ver. Ela não obteve a cicatrização da ferida moral ocasionada pela não consumação do casamento e ficou como que suspensa dêsse traumatismo. Mas já nosso segundo caso, o da moça eróticamente afeiçoada ao pai, demonstra que nossa fórmula não é bastante compreensiva. Por um lado, o amor de uma menina pelo pai é um fato tão corrente e um sentimento tão fácil de vencer que a designação "traumático", aplicada a êste caso, arrisca-se a perder toda significação; por outro lado, resulta da história da doente que esta primeira fixação erótica parecia ter a princípio um carácter inteiramente inofensivo e só muito mais tarde se exprimiu pelos sintomas da neurose obsessional. Aqui, portanto, prevemos complicações, pois as condições do estado mórbido devem ser mais numerosas e variadas do que supúnhamos; mas também temos a convicção de que o ponto de vista traumático não deve ser abandonado como errôneo: apenas ocupará outro lugar e será submetido a outras condições.

Abandonamos portanto novamente o caminho em que tínhamos entrado. Em primeiro lugar, êle não conduz mais longe; e depois, ainda teremos muitas coisas a aprender antes de poder encontrar sua continuação exata. A propósito da fixação numa fase determinada do passado, observemos ainda que êste fato ultrapassa os limites da neurose. Cada neurose comporta uma fixação dêste gênero, mas nem toda fixação conduz necessàriamente à neurose, não se confunde com a neurose, não se introduz furtivamente no correr da neurose. Um exemplo impressionante de uma fixação afectiva ao passado nos é dado na tristeza, que comporta mesmo uma separação completa do passado e do futuro. Mas, até no juizo do leigo, a tristeza distingue-se nitidamente da neurose. Em compensação, ha neuroses que podem ser consideradas como uma forma patológica da tristeza.

Sucede ainda, em conseqüência de um acontecimento traumático que sacudiu a própria base de sua vida, os homens ficarem abatidos a ponto de renunciarem a todo interêsse pelo presente e pelo futuro, pois todas as faculdades de sua alma se fixaram no passado. Mas nem por

isso êsses infelizes são neuróticos. Não vamos pois, ao caracterizar a neurose, exagerar o valor dêste traço, sejam quais forem sua importância e a regularidade com que se manifesta.

Chegamos agora ao segundo resultado de nossas análises, para o qual não temos a prever uma limitação ulterior. Dissemos, a propósito de nossa primeira doente, quanto era desprovida de sentido a ação obsessional por ela realizada e que recordações íntimas de sua vida com ela relacionava; examinámos em seguida as relações que podiam existir entre essa ação e essas reminiscências, e descobrimos a intenção daquela pela natureza das últimas. Mas deixámos então completamente de lado uma particularidade que merece toda a nossa atenção. A doente, enquanto realizava a ação obsessional, ignorava que, ao fazê-lo, se reportava ao acontecimento em questão . Escapava-lhe o elo existente entre a ação e o acontecimento; dizia a verdade, quando, afirmava que ignorava os móveis que a faziam agir dessa sorte. E eis que, sob a influência do tratamento, teve um dia a revelação dêste laço, que se tornou capaz de participar-nos. Mas ignorava sempre a intenção a cujo serviço realizava a ação obsessional: para ela, tratava-se especilmente de corrigir um penoso fato do passado e de elevar o espôso amado a um nível superior. Só depois de um trabalho longo e penoso acabou compreendendo e concordando que êsse motivo bem podia ser a causa de sua neurose obsessional.

E' da relação com a cena que seguiu a infortunada noite de núpcias e dos móveis da doente inspirados pela ternura, que deduzimos o que chamámos o "sentido" da ação obsessional. Mas enquanto ela a executava, êsse sentido lhe era desconhecido tanto no que concerne à origem da ação quanto ao seu fim. Por conseguinte, agiam nela processos psíquicos, cujo produto era a ação obsessional. Percebia bem êsse produto por sua organização psíquica normal, mas nenhuma de suas condições psíquicas chegara ao seu conhecimento conciente. Comportava-se exatamente como êsse hipnotizado a quem Bernheim ordenara que abrisse um guarda-chuva na sala de demonstrações cinco minutos depois de despertar e que, uma vez acordado, executou essa ordem sem poder motivar seu ato. E' em situação dêste gênero que pensamos quando falamos de *processos psíquicos concientes*. Desafiamos seja a quem for que exponha esta situação de um modo científico mais correto, e, quando isto se fizer, renunciaremos de bom grado à hipotese dos processos psíquicos inconcientes. Daqui até lá, mantê-la-emos e acolheremos com um resignado encolher de ombros a objeção segundo a qual o inconciente não teria realidade alguma no sentido científico da palavra,

sendo apenas um arranjo, um modo de falar. Objeção inconcebível no caso que nos ocupa, posto que êste inconciente do qual se quer contestar toda realidade produz efeitos de uma realidade tão palpável e apreensível como a ação obsessional.

A situação é no fundo idêntica no caso de nossa segunda paciente. Ela creou um principio segundo o qual o travesseiro não deve encostar na cabeceira do leito, e tem de obedecer a êsse princípio, sem lhe conhecer a origem, sem saber o que significa nem a que motivos deve sua fôrça. Que ela mesma o considere indiferente, que se indigne ou revolte contra êle, ou se proponha emfim desobedecer-lhe, tudo isto não tem nenhuma importância do ponto de vista da execução do ato. Sente-se impelida a obedecer e debalde pergunta a si mesma a razão disto. Pois bem, nêstes sintomas da neurose obsessional, nestas representações e impulsos que surgem não sabemos de onde, que se mostram tão refratárias a todas as influências da vida normal e que ao próprio doente parecem hóspedes onipotentes vindos de um mundo estranho, imortais vindo mesclar-se ao tumulto da vida dos mortais, como não reconhecer o indício de uma região psíquica particular, isolada de todo o resto, de todas as outras atividades e manifestações da vida interior? Êstes sintomas, representações e impulsos nos levam infalívelmente à convicção da existência do inconciente psíquico, e eis porquê a psiquiatria clínica, que só conhece uma psicologia do conciente não sabe arranjar-se de outra forma sinão declarando que todas estas manifestações são meros produtos de degenerescência. E' óbvio que em si mesmas as representações e os impulsos obsessionais não são inconcientes, assim como a execução de ações obsessionais não escapa à percepção conciente. Estas representações e impulsos não se teriam tornado sintomas si não tivessem penetrado até a conciência. Mas as condições psíquicas às quais, de acôrdo com a análise que dêles fizemos, estão submetidos, assim como os conjuntos em que nossa interpretação permite ordená-los, são inconcientes, pelo menos até o momento em que os tornamos concientes ao sujeito por meio de nosso trabalho de análise.

Si a isto acrescentarem que êsse estado de coisas que constatámos em nossas duas doentes se encontra em todos os sintomas de todas as afecções neuróticas, que em toda parte e sempre o sentido dos sintomas é desconhecido do doente, que a análise sempre revela que êstes sintomas são produtos de processos inconcientes que entretanto podem, em certas condições variadas e favoraveis, ser tornados concientes, compreenderão sem dificuldade qûe a psicanálise não possa abrir mão da hipótese do in-

conciente e que tenhamos o hábito de manejar o inconciente como algo palpável. E talvez compreendam tambem quão pouco competentes são nesta questão todos os que só conhecem o inconciente a título de noção, que nunca praticaram a análise, nunca interpretaram um sonho, nunca procuraram o sentido e a intenção dos sintomas neuróticos. Digamo-lo, portanto, mais uma vez: o simples fato de ser possivel, graças a uma interpretação analítica, atribuir um sentido aos sintomas neuróticos, constitue uma prova irrefutável da existência de processos psíquicos inconcientes ou, si o preferem, da necessidade de admitir a existência de tais processos.

Mas não é tudo. Uma outra descoberta de Breuer, descoberta que acho ainda mais importante que a primeira e que êle fez sem nenhuma colaboração, ensina-nos mais coisas sôbre as relações entre o inconciente e os sintomas neuróticos. Não só o sentido dos sintomas é geralmente inconciente, mas existe, entre estas inconciências e a possibilidade da existência dos sintomas, uma relação de substituição recíproca. Hão de compreender-me daqui a pouco. Afirmo com Breuer o seguinte: todas as vezes que nos achamos ante um sintoma, devemos concluir pela existência no doente de certos processos inconcientes que contêm precisamente o sentido dêsse sintoma. Mas tambem é necessário que êsse sentido seja inconciente para que o sintoma se produza. Os processos concientes não geram sintomas neuróticos; por outro lado, desde que os processos inconcientes se tornam concientes, os sintomas desaparecem. Aí têm os senhores um acesso à terapêutica, um meio de fazer desaparecer os sintomas. Efetivamente, foi por êste meio que Breuer obteve a cura de sua doente histérica, ou seja o desaparecimento de seus sintomas; encontrara uma técnica que lhe permitiu trazer à conciência os processos inconcientes que ocultavam o sentido dos sintomas. Isto feito, obteve o desaparecimento dêstes.

Esta descoberta de Breuer foi resultado, não de uma especulação lógica, mas de uma feliz observação devida à colaboração da enfêrma. Não procurem compreender esta descoberta ligando-a a um outro fato já conhecido: aceitem-na antes como um fato fundamental que permite explicar muitos outros. Eis porquê lhes pedirei permissão para exprimi-la sob outras formas. Um sintoma se forma a título de substituição, no lugar de algo que não conseguiu manifestar-se exteriormente. Certos processos psíquicos que não se puderam desenvolver normalmente, de modo a chegar até a conciência, deram lugar a um sintoma neurótico. Êste é portanto produto de um processo cujo desenvolvimento

foi interrompido, perturbado por uma causa qualquer. Houve aí uma espécie de permuta; e a terapêutica dos sintomas neuróticos cumpriu sua tarefa quando conseguiu suprimir esta relação.

A descoberta de Breuer forma ainda em nossos dias a base do tratamento psicanalítico. A proposição de que os sintomas desaparecem quando suas condições inconcientes se tornaram concientes foi confirmada por todas as pesquisas ulteriores, mau grado as complicações mais bizarras e mais inesperadas em que tropeçamos na sua aplicação prática. Nossa terapêutica age transformando o inconciente em conciente, e só age na medida em que está em condições de operar esta transformação.

Aqui, permitam-me uma breve digressão destinada a pô-los em guarda contra a facilidade aparente dêste trabalho terapêutico. De acôrdo com o que dissemos até êste ponto, a neurose seria a conseqüência de uma espécie de ignorância, de não-conhecimento de processos psíquicos que se deveriam conhecer. Esta proposição recorda em muito a teoria socrática segundo a qual o próprio vício seria efeito da ignorância. Ora, um médico que tem o hábito da análise não sentirá em geral nenhuma dificuldade em descobrir os movimentos psíquicos de que um doente particular não tem conciência. Eis porquê deveria poder fàcilmente restabelecer seu doente, livrando-o da ignorância pela comunicação do que sabe. Deveria ao menos poder suprimir desse modo uma parte do sentido inconciente dos sintomas; quanto às relações existentes entre os sintomas e os acontecimentos vividos, o médico, que não conhece êstes últimos, não pode naturalmente adivinhá-los e deve esperar que o doente se recorde e fale. Mas ainda nêste ponto se pode, em certos casos, obter informações por via indireta, principalmente dirigindo-se à família e companheiros do doente que, estando ao par de sua vida, muitas vezes poderão reconhecer, entre os fatos desta, os que apresentam um caracter traumático, e até informar-nos sobre acontecimentos que o doente ignora, por terem-se passado numa época muito recuada de sua vida. Combinando os dois processos, poder-se-ia esperar chegar, em pouco tempo e com um mínimo de esfôrço, ao resultado pretendido, que consiste em trazer à conciência do doente seus processos psíquicos inconcientes.

Efetivamente, isto seria uma beleza! Nêste ponto, adquirimos experiências para as quais desde logo não estávamos preparados. Assim como, na expressão de Molière, "il y a fagots et fagots, il y a savoir et savoir", ha diferentes espécies de saber que nem todas têm o mesmo valor psicológico. O saber do médico não é o do doente e não pode

manifestar os mesmos efeitos. Quando o médico comunica ao doente o saber que adquiriu, não obtém o menor sucesso. Ou, antes, o sucesso que obtém consiste, não em suprimir os sintomas, mas em pôr em andamento a análise cujos primeiros indícios são freqüentemente fornecidos pelas contradições expressas pelo doente. O doente sabe então algo que ignorava anteriormente, a saber, o sentido do sintoma, e entretanto não o sabe mais que antes. Aprendemos assim que ha mais de uma espécie de não-saber. Fazem-se mister profundos conhecimentos psicológicos para perceber em que consistem as diferenças. Mas nem por isso deixa de ser verdadeira a nossa proposição de que os sintomas desaparecem logo que o seu sentido se torna conciente. Apenas, o saber deve ter por base uma mudança interior do doente, mudança que só pode ser provocada por um trabalho psíquico realizado visando determinado fim. Estamos aqui em face de problemas cuja síntese nos surgirá dentro em breve como uma dinâmica da formação de sintomas.

Agora lhes pergunto: não acham demasiado obscuro e complicado o que lhes digo? Não se sentem desorientados por me verem tantas vezes retirar o que acabo de adiantar, cercar minhas proposições de toda sorte de limitações, escolher novas direções para imediatamente abandoná-las? Lamentaria que assim fosse. Mas não tenho o menor gôsto pelas simplificações a expensa da verdade, não vejo inconveniente algum em que os senhores saibam que o assunto de que estamos tratando apresenta faces múltiplas e uma complicação extraordinária, e penso além disto que não ha mal em dizer-lhes sôbre cada ponto mais coisas que não poderão utilizar momentâneamente. Sei muito bem que cada ouvinte ou leitor arruma em idéias o tema que lhe expõem, abrevia a exposição, simplifica-a e dela extrai o que deseja conservar. Em certa medida, é verdade que, quanto mais coisas ha, mais coisas restam. Deixem-me portanto esperar que mau grado todos os acessórios de que julguei dever sobrecarregá-la, os senhores conseguiram fazer uma idéia clara da parte essencial de minha exposição, isto é, da que se refere ao sentido dos sintomas, ao inconciente e às relações entre aqueles e êste. Sem dúvida compreenderam igualmente que nossos esforços ulteriores se orientarão em duas direções: aprender, por um lado, como os homens adoecem, tombam vítimas de uma neurose que às vezes dura toda a vida, o que é um problema clínico; investigar, por outro lado, como os sintomas mórbidos se desenvolvem a partir das condições da neurose, o que continua a ser uma problema de dinâmica psíquica. Aliás, deve haver nalguma parte um ponto em que êstes dois problemas se encontram.

Não quisera ir hoje mais além, mas, como ainda nos resta um pouco de tempo, aproveito-o para atrair a atenção dos senhores para outro carácter de nossas duas análises, carácter cujo alcance só apreenderão mais tarde: trata-se das lacunas da memória ou amnesias. Disse-lhes que toda a tarefa do tratamento psicanalítico podia ser resumida na fórmula: transformar todo o inconciente patogênico em conciente. Ora, talvez fiquem admirados ao saber que esta fórmula pode ser substituída por estoutra: preencher todas as lacunas da memória dos doentes, suprimir suas amnesias. O resultado seria o mesmo. As amnesias dos neuróticos teriam pois uma grande parte na produção de seus sintomas. Entretanto, refletindo sôbre o caso que constitue o objeto de nossa primeira análise, os senhores acharão que êsse papel atribuido à analise não é justificado. A doente, longe de ter esquecido a cena a que se liga sua ação obsessional, guarda dela a recordação mais viva, não intercorre nenhum outro esquecimento na produção de seu sintoma. Menos nítida, mas perfeitamente análoga, é a situação no caso de nossa segunda doente, a moça do cerimonial obsessional. Ela também se recorda claramente, si bem que com hesitação e de mau grado, de sua conduta de outrora, quando insistia para que a porta que separava o quarto dos pais daquele em que dormia ficasse aberta de noite e para que a mãe lhe cedesse o seu lugar no leito conjugal. A única coisa que nos pode parecer estranha é que a primeira doente, que todavia realizou sua ação obsessional um incalculável número de vezes, nunca tenha tido a menor idéia de suas relações com o acontecimento sobrevindo na sua noite de núpcias, e que não lhe tenha vindo à lembrança dêsse acontecimento, mesmo quando foi levada, por um interrogatório direto, a procurar os motivos de sua ação. O mesmo se pode dizer da moça que aliás atribue seu cerimonial e as ocasiões que o provocavam à situação que se reproduzia idêntica todas as noites. Em nenhum dêstes casos se trata de amnesia própriamente dita, de perda de reminiscências: ha apenas ruptura de um elo que deveria trazer a reprodução, o reaparecimento do fato na memória. Mas si a perturbação da memória basta para explicar a neurose obsessional, já não se dá o mesmo com a histeria. Esta última neurose as mais das vezes se caracteriza por amnesias de bem grande envergadura. Analisando cada sintoma histérico, descobrimos geralmente toda uma série de impressões da vida passada que o doente afirma expressamente haver esquecido. Por um lado, esta série se estende aos primeiros anos de vida, de sorte que a amnesia histérica pode ser considerada como uma continuação direta da amnesia in-

fantil que oculta as primeiras fases da vida psíquica, mesmo nos indivíduos normais. Por outro lado, verificamos com espanto que os acontecimento mais recentes da vida dos enfermos podem igualmente sucumbir ao esquecimento e que em particular as ocasiões que favoreceram a explosão da doença ou reforçaram esta são influenciadas, sinão completamente absorvidas, pela amnesia. As mais das vezes, são pormenores importantes que desapareceram do conjunto de uma recordação recente dêste gênero ou foram aí substituídas por falsas recordações. Sucede mesmo, e quasi regularmente, que é pouco tempo antes do fim de uma análise que se vêem surgir certas recordações de fatos recentes, recordações que puderam passar tanto tempo recalcadas, deixando no conjunto consideráveis lacunas.

Estas perturbações da memória são, dissemo-lo, características da histeria, que também apresenta, a título de sintomas, estados (crises de histeria) que geralmente não deixam nenhum vestígio na memória. E, pôsto que as coisas se passam diferentemente na neurose obsessional, os senhores estão autorizados a concluir que estas amnesias constituem um caracter psicológico da alteração histérica, e não um traço comum a todas as neuroses. A importância desta diferença acha-se diminuida pela consideração seguinte. O "sentido" de um sintoma pode ser concebido e encarado de duas maneiras: do ponto de vista de suas origens e do ponto de vista de seu fim, ou para nos exprimirmos noutros termos, considerando, de uma parte, as impressões e os acontecimentos que lhe deram nascimento e, de outra parte, a intenção a que serve. A origem de um sintoma relaciona-se pois com impressões vindas do exterior, que foram necessàriamente concientes num momento dado, mas em seguida se tornaram inconcientes por causa do esquecimento em que caíram. O fim do sintoma, sua tendência é, ao contrário, em todos os casos, um processo endopsíquico que poude tornar-se conciente num momento dado, mas que pode da mesma forma conservar-se para sempre mergulhado no inconciente. Pouco importa pois que a amnesia tenha atingido as origens, isto é, os acontecimentos sôbre os quais o sintoma se apoia, como é o caso na histeria; é a finalidade, é a tendência do sintoma, finalidade e tendência que puderam ser inconcientes desde o início, — são êles, dizemos, que determinam a dependência do sintoma em relação ao inconciente, e isto tanto na neurose obsessional como na histeria.

Foi atribuindo ao inconciente uma tal importância na vida psíquica que levantámos contra a psicanálise os peores espíritos da crítica. Não se admirem disso e não creiam que a resistência que nos opõem

derive da dificuldade de conceber o inconciente ou da inacessibilidade das experiências que a êle se referem. No correr dos séculos, a ciência infligiu ao egoísmo ingênuo da humanidade dois graves desmentidos. A primeira vez foi quando demonstrou que a terra, longe de ser o centro do universo, forma apenas uma insignificante parcela do sistema cósmico, cuja grandeza mal podemos representar-nos. Esta primeira demonstração está para nós ligada ao nome de Copérnico, si bem que a ciência de Alexandria já houvesse anunciado algo semelhante. O segundo desmentido foi infligido à humanidade pela investigação biológica, quando reduziu a nada as pretenções do homem a um lugar privilegiado na ordem da creação, estabelecendo sua descendência do reino animal e demonstrando a indestrutibilidade de sua natureza animal. Esta última revolução foi realizada em nossos dias, em conseqüência dos trabalhos de Darwin, de Wallace e seus predecessores, trabalhos que provocaram a mais encarniçada resistência de seus contemporâneos. Um terceiro desmentido será infligido à megalomania humana pela investigação psicológica de nossos dias, que se propõe demonstrar ao *eu* que êle, nem siquer é senhor de sua própria casa, estando como está reduzido a contentar-se com informações raras e fragmentárias sôbre o que se passa, fora de sua conciência, em sua vida psíquica. Os psicanalistas não são os primeiros nem os únicos que lançaram êste apêlo à modéstia e ao recolhimento, mas é a êles que parece competir a missão de defender esta maneira de ver com mais ardor, apresentando em seu apôio materiais tirados da experiência e acessíveis a todos. Daí o levante geral contra a nossa ciência, o esquecimento de todas as regras de polidez acadêmica, o desencadear de uma oposição que sacode todos os entraves de uma lógica imparcial. Acrescentem a tudo isto que as nossas teorias ameaçam perturbar a paz do mundo de outra maneira ainda, conforme verão daqui a pouco.

CAPÍTULO XIX

RESISTÊNCIA E RECALCAMENTO

Para termos das neuroses uma idéia mais adequada, precisamos de novas experiências, e possuímos duas, muito notáveis, que levantaram enorme rumor na época em que foram conhecidas.

Primeira experiência: quando nos encarregamos de curar um doente, de desembaraçá-lo de seus sintomas mórbidos, êle nos opõe uma resistência violenta, obstinada, que se mantem por todo o tempo do tratamento. O fato é tão singular que não podemos esperar que lhe dêm crédito. Está claro que nos guardamos de falar a êste respeito à família do doente, pois poderiam ver nisto um pretêxto destinado a justificar a longa duração ou o insucesso do tratamento. O próprio doente manifesta todos os fenômenos da resistência sem percebê-lo, e já se obtém um grande êxito quando se consegue fazer-lhe reconhecer sua resistencia e contar com ela. Imaginem: êsse doente que sofre tanto por seus sintomas, que faz sofrer os que o rodeiam, que se impõe tantos sacrifícios de tempo, de dinheiro, desgôsto e esforços sôbre si mesmo para desembaraçar-se de seus sintomas, como acusá-lo de favorecer a doença resistindo a quem está ali para dela curá-lo? Quão inverosímel deve parecer a êle e aos seus próximos tal afirmação! Contudo, nada mais exato, e quando nos opõe esta inverosímilhança, só nos cabe responder que o fato por nós afirmado não deixa de ter analogias, pois são numerosos, por exemplo, os indivíduos que, mesmo sofrendo uma terrivel dor de dentes, opõem a mais viva resistência ao dentista, quando êste quer aplicar ao dente que dói o boticão libertador.

A resistência do doente manifesta-se sob formas muito variadas, requintadas, à-miude difíceis de reconhecer. Chama-se a isto desconfiar do médico e pôr-se em guarda contra êle. Aplicamos, na terapêutica psicanalítica, a técnica que os senhores já conhecem por me terem visto aplicá-la à interpretação dos sonhos. Convidamos o doente a pôr-se num

estado de auto-observação, sem idéias de segundo plano, e a participar-nos todas as percepções internas que assim tiver, na respetiva ordem em que forem surgindo: sentimentos, idéias, recordações. Rogamos-lhe expressamente que não ceda a nenhum motivo que lhe pudesse ditar uma escolha ou exclusão de certas percepções, seja porque são demasiado desagradáveis ou indiscrétas, ou demasiado insignificantes ou absurdas para que se fale delas. Insistimos para que se atenha exclusivamente à superfície de sua conciência, afasta toda crítica, seja qual fôr, dirigida contra o que encontra, e asseguramos-lhe que o sucesso e, sobretudo, a duração do tratamento dependem da fidelidade com que êle se conformará a esta regra fundamental da análise. Já sabemos, pelos resultados obtidos graças a esta técnica na interpretação dos sonhos, que são precisamente as idéias e reminiscências que mais dúvidas e objeções suscitam, as que contêm via de regra os materiais mais susceptíveis de nos ajudarem a descobrir o inconciente.

O primeiro resultado que obtemos formulando esta regra fundamental de nossa técnica consiste em provocar contra ela a resistência do doente. Êste procura esquivar-se a suas injunções por todos os meios possíveis. Pretende ora não perceber nenhuma idéia, nenhum sentimento ou recordação, ora perceber tantos que lhe é impossivel apreendê-los e orientar-se. Constatamos então, com um espanto que nada tem de agradável, que êle cede a tal ou tal objeção crítica; trai-se especialmente pelas pausas prolongadas com que entrecorta seus discursos. Acaba convindo que sabe coisas que não pode dizer, que tem vergonha de confessar, e obedece a êste motivo, contrariando sua promessa. Ou então, confessa ter encontrado alguma coisa, mas que isto se relaciona com uma terceira pessoa e não pode por esta razão ser divulgado. Ou, ainda, o que encontrou é na verdade demasiado insignificante, estúpido ou absurdo e que não se pode realmente pedir-lhe que desenvolva idéias semelhantes. E continúa, variando suas objeções ao infinito. Só resta fazer-lhe compreender que dizer tudo significa efetivamente dizer tudo.

Dificilmente se encontraria um doente que não houvesse tentado reservar um compartimento psíquico, para torná-lo inacessível ao tratamento. Um de meus doentes, que considero como um dos homens mais inteligentes que já encontrei na vida, ocultara-me assim durante semanas uma ligação amorosa. Quando lhe exprobei a infração à regra sagrada, defendeu-se dizendo que julgava ser aquele um seu assunto privado. Subentende-se que o tratamento psicanalítico não admite

êste direito de asilo. Que se experimente, por exemplo, decretar numa cidade como Viena, que nenhuma prisão será feita em lugares tais como o Grande-Mercado ou a catedral de Santo Estêvão e resolva-se depois dar-se o trabalho de capturar determinado malfeitor. Podemos estar certos de que êle não se encontrará sinão num dêstes dois lugares. Julguei poder conceder êste direito de excepção a um doente que me parecia capaz de manter suas promessas e que, adstrito ao segrêdo profissional, não podia comunicar certas coisas a terceiros. Êle ficou aliás satisfeito com o sucesso do tratamento; mas eu o fiquei muito menos e prometi a mim mesmo nunca mais recomeçar uma tentativa dêste gênero nas mesmas condições.

Os neuróticos obsessionais entendem-se muito bem em tornar quasi inaplicável a regra da técnica, exagerando seus escrúpulos de conciência e suas dúvidas. Os histéricos angustiados conseguem mesmo eventualmente reduzí-la ao absurdo, só confessando idéias, sentimentos e recordações tão afastadas do que se procura, que a análise pisa por assim dizer em falso. Mas não faz parte de minhas intenções iniciá-los em todos os pormenores destas dificuldades técnicas. Baste-me dizer-lhes que quando enfim se conseguiu, a força de energia e de perseverança, impor ao doente uma certa obediência à regra técnica fundamental, a resistência, vencida de um lado, transporta-se imediatamente a outro domínio. Vemos efetivamente erguer-se uma resistência intetual que combate com a ajuda de argumentos, apodera-se das dificuldades e inverosimilhanças que o pensamento normal, mas mal informado, descobre nas teorias analíticas. Ouvimos então da boca dêsse único doente todas as críticas e objeções cujo côro nos assedia na literatura científica, como, por outro lado, as vozes que nos vêm de fora nada nos trazem que já não tenhamos ouvido da boca de nossos doentes. Uma verdadeira tempestade num copo de água. Mas o paciente tolera que lhe falem; deseja que o informem, instruam, refutem, que lhe indiquem a literatura onde possa encontrar esclarecimentos. Está disposto a tornar-se partidário da psicanálise, mas com a condição de a análise poupá-lo a êle, pessoalmente. Mas nesta curiosidade farejamos uma resistência, o desejo de nos desviar de nossa tarefa especial. Eis porquê a repellimos. Nos neuróticos obsessionais, a resistência serve-se de uma técnica especial. O doente deixa-nos prosseguir sem oposição a análise, que pode assim gabar-se de derramar uma luz cada vez mais viva sôbre os mistérios do caso que nos ocupa; mas finalmente ficamos admirados de constatar que nenhum progresso prático, nenhuma

atenuação dos sintomas corresponde a esta elucidação. Podemos então descobrir que a resistência se refugiou na dúvida que faz parte da neurose obsessional e que é dessa retirada que ela assesta contra nós seus fogos. O doente pensou mais ou menos isto: "Tudo isto é muito bonito e extremamente interessante. Agrada-me sobremodo continuar. Si fosse verdadeiro, mudaria de fato minha doença. Mas não creio absolutamente que seja verdadeiro e, enquanto não creio, isto em nada toca a minha doença". Esta situação pode durar muito tempo, até que se venha atacar a resistência em seu refúgio mesmo. Então começa a luta decisiva.

As resistências desta espécie não devem ser condenadas sem reser-mos de vencida. Mas, mesmo ficando no quadro da análise, o doente também sabe suscitar resistências contra as quais a luta é extremamente difícil. Em vez de recordar, reproduz atitudes e sentimentos de sua vida que, mediante "transferência", se deixam utilizar como meios de resistência contra o médico e o tratamento. Quando é um homem, tira em geral êsses materiais de suas relações com o pai, cujo lugar é tomado pelo médico: transforma em resistências à ação dêste suas aspirações à independência de sua pessoa e juizo, seu amor-próprio que outrora o impellia a igualar ou mesmo a ultrapassar o pai, a repugnância a tomar a si uma vez mais na vida o fardo da gratidão. Tem-se por momentos a impressão de que a intenção de confundir o médico, de lhe fazer sentir sua impotência, de triunfar sôbre êle, é mais forte no doente do que essoutra e melhor intenção de ver findar sua moléstia. As mulheres sabem maravilhosamente utilizar no sentido de resistir uma transferência em que intervém, no que concerne ao médico, muita ternura, um sentimento fortemente matizado de erotismo. Quando esta tendência atingiu certo grau, todo interêsse pela situação atual desapareceu, a doente não pensa mais em sua doença, esquece todas as obrigações que aceitara ao começar o tratamento; por outro lado, o ciume, que nunca falta, assim como a decepção causada à paciente pela frieza do médico nêste ponto, só podem contribuir para prejudicar as relações pessoais que devem existir entre ambos, eliminando assim um dos mais poderosos fatores da análise.

As resistências desta espécia não devem ser condenadas sem reserva. Tais como são, contêm numerosos materiais muito importantes relacionados com a vida do doente e expressos com uma convicção tal que são susceptíveis de fornecer à análise um excelente apôio, si sabemos, mercê de uma técnica hábil, dar-lhes orientação adequada. Deve-

se apenas notar que êstes materiais começam sempre colocando-se a serviço da resistência e só deixando aparecer sua fachada hostil ao tratamento. Tambem se pode dizer que aí se trata de traços de caracter, atitudes do *eu* que o doente mobilizou para combater as modificações que procuramos obter pelo tratamento. Estudando êstes rasgos de caracter, constatamos que apareceram sob influência das condições da neurose e como reação contra suas exigências; podemos, pois, designá-los como latentes, no sentido de que jamais se teriam apresentado ou não se teriam apresentado no mesmo grau ou com a mesma intensidade fora da neurose. Não creiamos entretanto que o aparecimento destas resistências seja de molde a prejudicar a eficácia do tratamento analítico. Estas resistências não constituem para o analista nada de imprevisto. Sabemos que devem manifestar-se; e só ficamos descontentes quando não conseguimos provocá-las com suficiente clareza e fazer compreender sua natureza ao doente. Compreendemos enfim que a supressão destas resistências forma a tarefa essencial da análise, a única parte de nosso trabalho que, si conseguirmos levá-la a cabo, é capaz de nos dar a certeza de que prestámos algum serviço ao doente.

Acrescentem a isto que o doente aproveita a menor ocasião para relaxar seu esfôrço, que se trate de um acidente qualquer sobrevindo no correr do tratamento, de um acontecimento exterior susceptivel de distrair-lhe a atenção, de uma demonstração de hostilidade para com a neurose, de parte de uma pessoa da família, de uma doença orgânica acidental ou superveniente a título de complicação da neurose, quer se trate mesmo de uma melhora de seu estado, acrescentem tudo isto, e terão um quadro, não direi completo, mais aproximado, das formas e meios de resistência entre os quais se realiza a análise. Si tratei dêste ponto com tantas minúcias, foi para dizer que a experiência que adquirimos relativamente à resistência oposta pelo doente à supressão dos sintomas é que serviu de base a nossa concepção dinâmica das neuroses. Começámos, Breuer, e eu, por praticar a psicoterapia com a ajuda da hipnose; a primeira doente de Breuer não foi aliás tratada sinão no estado de sugestão hipnótica, e não tardei a seguir êste exemplo. Concordo em que o trabalho foi então mais fácil, mais agradável, durando menos tempo. Mas os resultados obtidos eram caprichosos e não persistentes. Eis porquê não tardei a abandonar a hipnose. Só então compreendi que, enquanto me servia da hipnose, estava na impossibilidade de compreender a dinâmica destas afecções. Efetivamente, graças à hipnose, a existência da resistência escapava à percepção do

médico. Recalcando a resistência, a hipnose deixava um certo espaço livre onde se podia exercer a análise, e detrás dêsse espaço a resistência ficava tão bem dissimulada que se tornava impenetrável, precisamente como a dúvida na neurose obsessional. Estou portanto no direito de dizer que a psicanálise pròpriamente dita só data do dia em que renunciou a recorrer à hipnose.

Mas, si bem que a constatação da resistência tenha atingido uma tal importância, nem por isso devemos, por medida de precaução, deixar lugar à dúvida e perguntar si não estamos demasiado prontos a admitir resistências, si, ao fazê-lo, não procedemos às vezes com certa precipitação. Pode haver casos de neurose em que as associações não surtam efeito por outras razões; pode acontecer que os argumentos que nos opõem nêste ponto mereçam ser tomados em consideração e que façamos mal em pôr de lado a crítica inteletual de nossos analisados, aplicando-lhe a cômoda qualificação de resistência. Devo entretanto dizer-lhes que não foi sem dificuldade que chegámos a êste juizo. Tivemos ocasião de observar cada um dêstes pacientes críticos no momento de aparecer e depois de desaparecer a resistência. E' que a resistência varia sem cessar de intensidade durante o tratamento; esta intensidade aumenta sempre que se aborda um tema novo, atinge o ponto máximo no mais forte da elaboração dêste tema, e baixa de novo quando êste está esgotado. Fora disto, e a menos que intercorressem inhabilidades técnicas particulares, nunca pudemos provocar o máximo de resistência de que o doente fosse capaz. Assim pudemos constatar que o próprio doente abandona e retoma sua atitude crítica um número incalculável de vezes no decurso da análise. Quando estamos prestes a trazer-lhe à conciência uma fração nova e particularmente penosa dos materiais inconcientes, torna-se crítico ao mais alto grau; si conseguiu anteriormente compreender e aceitar muitas coisas, tôdas as suas aquisições se acham de repente perdidas em sua atitude de oposição a todo custo, pode deparar o quadro completo da imbecilidade afectiva. Mas si se poude ajudá-lo a vencer esta resistência, torna a encontrar suas idéias e recobra a faculdade de compreender. Sua crítica não é pois função independente e, como tal, digna de respeito: é um expediente a serviço de suas atitudes afectivas, um expediente guiado e dirigido por sua resistência. Si algo não lhe convém, é capaz de se defender com muito engenho e muito espírito crítico; quando, ao contrário, algo lhe convém, aceita-o com grande credulidade. Talvez todos nós façamos o mesmo; mas no analisado esta subordinação do inteleto à vida afetiva só aparece

com tanta nitidez porque a fazemos recuar por nossa análise até suas últimas trincheiras.

Como explicamos o fato de o doente se defender com tamanha energia contra a supressão de seus sintomas e o restabelecimento do curso normal de seus processos psíquicos? Dizemos que estas fôrças que se opõem à alteração do estado mórbido devem ser as mesmas que, num momento dado, provocaram êsse estado. Os sintomas devem ter-se formado em conseqüência de um processo que a experiência por nós adquirida quando da dissociação dos sintomas nos permite reconstituir. Já sabemos, desde a observação de Breuer, que a existência do sintoma tem por condição o fato de que um processo psíquico não poude chegar ao seu fim normal, de modo a poder tornar-se conciente. O sintoma vem-se substituir ao que não foi concluido. Sabemos assim onde devemos situar a ação da fôrça presumida. Deve ter-se manifestado uma violenta oposição contra a penetração do processo psíquico até a conciência; por isso, o dito processo se manteve inconciente, e, porque inconciente, teve a fôrça de formar um sintoma. A mesma oposição se manifesta, no correr do tratamento, contra os esforços de transformar o inconciente em conciente. E' o que percebemos como uma resistência. Daremos o nome de *recalcamento* ao processo patogênico que se nos manifesta por intermédio de uma resistência.

Agora devemos procurar representar-nos de um modo mais definido êste processo de recalcamento. Êle é a condição preliminar da formação de um sintoma, mas também é algo para o qual não encontramos nenhuma analogia. Tomemos um impulso, um processo psíquico dotado de uma tendência a transformar-se em ato: sabemos que êsse impulso pode ser afastado, rejeitado, condenado. Com isto, a energia de que dispõe é-lhe retirada, torna-se impotente, mas pode persistir na qualidade de reminiscência. Todas as decisões de que o impulso é objeto se fazem sob o controle conciente do eu. As coisas deveriam passar-se diferentemente quando o mesmo impulso sofre um recalque. Êle conservaria sua energia, mas não deixaria depois de si nenhuma recordação; o próprio processo do recalcamento realizar-se-ia fora da conciência do *eu*. Vê-se que esta comparação não nos aproxima absolutamente da compreensão da natureza do recalcamento.

Vou-lhes expor as representações teóricas que se mostraram mais úteis a êste respeito, isto é, mais aptas a ligar a noção do recalcamento a uma imagem definida. Mas, para que esta exposição seja clara, é preciso que antes substituamos ao sentido descritivo da palavra "incon-

ciente" seu sentido sistemático; noutras palavras, devemos decidir-nos a reconhecer que a consciência ou inconciência de um processo psíquico não é sinão uma de suas propriedades, que não é necessàriamente unívoca. Quando um processo se mantém inconciente, sua separação da conciência constitue talvez um indício da sorte que sofreu, e não essa sorte em si. Para termos uma idéia exata dessa sorte, admitimos que todo processo psíquico, com uma única excepção de que falaremos daqui a pouco, existe a princípio numa fase ou num estado inconciente, para passar em seguida à fase conciente, mais ou menos como uma imagem fotográfica começa por ser negativa, só se tornando definitiva depois de ter passado à fase positiva. Ora, assim como nem toda imagem negativa vem forçosamente a tornar-se positiva, nem todo processo psíquico inconciente se transforma necessàriamente em processo conciente. Temos toda vantagem em dizer que cada processo faz a princípio parte do sistema psíquico do inconciente pode, em certas circunstâncias, passar ao sistema do conciente.

A representação mais simples dêste sistema é para nós a mais cômoda: é a representação especial. Assimilamos pois o sistema do inconciente a uma grande antecâmara, onde as tendências psíquicas pululam, como seres vivos. Contígua a essa antecâmara ha outro aposento, mais estreito, espécie de salão, onde está a conciência. Mas na passagem da antecâmara ao salão vela um guarda que inspecciona cada tendência psíquica, impõe-lhe a censura é impede-a de entrar no salão si ela lhe desagrada. Que o guarda faça voltar determinada tendência desde o limiar ou que a faça tornar a transpor o limiar depois de ter penetrado no salão, não é grande a diferença e o resultado é mais ou menos o mesmo. Tudo depende do grau de sua vigilância e perspicácia. Esta imagem tem para nós a vantagem de nos permitir desenvolver nossa nomenclatura. As tendências que se acham na antecâmara reservada ao inconciente escapam ao olhar do conciente que reside no aposento vizinho. São portanto inicialmente inconcientes. Quando, depois de terem penetrado até o limiar, o guarda as obriga a voltar, é que são incapazes de tornar-se concientes: dizemos então que são *recalcadas*. Mas as tendências às quais o guarda permitiu transpor o límiar nem por isso se tornaram forçosamente concientes; podem tornar-se tal si conseguirem atrair o olhar da conciência. Chamaremos portanto a êste segundo aposento: sistema da *pre-conciência*. O fato de um processo psíquico se tornar conciente guarda assim seu sentido puramente descritivo. A essência do recalque consiste em que uma dada tendên-

cia é impedida pelo guarda de penetrar do inconciente no pre-conciente. E é êsse guarda que nos aparece sob a forma de uma resistência, quando procuramos, pelo tratamento analítico, pôr fim ao recalcamento.

Dir-me-ão, decerto, que estas representações, ao mesmo tempo simples e um pouco fantasistas, não podem encontrar lugar numa exposição científica. Têm razão, e eu mesmo sei muito bem que elas são, além disso, incorretas e, si não estou muito enganado, dentro em breve teremos algo mais interessante para pôr em seu lugar. Ignoro si, corrigidas e completadas, elas lhes parecerão menos fantásticas. Enquanto esperam, saibam que estas representações auxiliares, de que temos um exemplo no homúnculo de Ampêre nadando no circuito elétrico, não são para desdenhar, pois ajudam, a-pesar-de tudo, a compreender certas observações. Posso assegurar-lhes que esta hipótese bruta de dois locais, com o guarda postado no limiar entre os dois aposentos e com a conciência representando o papel de espectadora na extremidade do segundo aposento, proporciona uma idéia muito aproximada do estado de coisas real. Também quisera ouví-los convir que nossas designações: *inconciente, preconciente, conciente*, prejulgam muito menos e justificam-se mais que tantas outras, propostas ou em uso: *sub*-conciente, *para*-conciente, *inter*-conciente, etc.

Uma observação à qual eu ligaria muito mais importância seria aquela que fizessem dizendo que a organização do aparêlho psíquico, tal como a postulo aqui pelas necessidades de minha causa, que é a da explicação dos sintomas neuróticos, deve, para ser válida, ter um alcance geral e dar-nos igualmente conta da função normal. Nada mais exato. Não posso por enquanto dar a esta observação o desenvolvimento que comporta, mas nosso interêsse pela psicologia da formação dos sintomas só pode aumentar em proporções extraordinárias, si podemos verdadeiramente esperar obter, graças ao estudo destas condições patológicas, informações sôbre o porvir psíquico normal que ainda nos está tão oculto.

Esta exposição que acabo de lhes fazer a respeito dos dois sistemas, suas relações recíprocas e os laços que os ligam à conciência, não lhes recorda então coisa alguma? Reflitam bem, e perceberão que o guarda escalado entre o inconciente e o preconciente não é mais que a personificação da censura que, conforme vimos, dá ao sonho manifesto sua forma definitiva. Os restos diurnos, nos quais reconhecemos os excitadores do sonho, eram, em nossa concepção, materiais preconcientes que, tendo sofrido durante a noite a influência de desejos inconcientes

e recalcados, se associam a êstes desejos e formam, com sua colaboração e graças à energia de que estavam dotados, o sonho latente. Sob o domínio do sistema inconciente, os materiais preconcientes, dissemos ainda, sofriam uma elaboração consistente numa condensação e num deslocamento que só excepcionalmente se observam na vida psíquica normal, isto é, no sistema preconciente. E caracterizámos cada um dos dois sistemas pelo modo de trabalho que aí se realiza; segundo a relação que apresentava com a conciência, que é ela mesma prolongamento da preconciência, podia-se dizer si tal fenômeno fazia parte de um ou do outro dos dois sistemas. Ora, o sonho, segundo esta maneira de ver, nada apresenta de fenômeno patológico: pode sobrevir em qualquer homem são, nas condições que caracterizam o estado de sono. E esta hipótese sôbre a estrutura do aparêlho psíquico, hipótese, que engloba na mesma explicação a formação do sonho e a dos sintomas neuróticos, tem todas as probabilidades de ser igualmente válida para a vida psíquica normal.

Eis, até nova ordem, como se deve compreender o recalcamento. Este é apenas uma condição prévia da formação de sintomas. Sabemos que o sintoma se vem substituir a alguma coisa que o recalcamento impede de exteriorizar-se. Mas quando sabemos o que é o recalcamento, ainda estamos longe de compreender esta formação substitutiva. Na outra extremidade do problema, a constatação do recalcamento suscita as questões seguintes: Quais são as tendências psíquicas que passam pelo recalcamento? Quais as fôrças que impõem o recalcamento? A que móveis obedece êste? Para responder a estas questões, só dispomos por enquanto de um elemento. Examinando a resistência, verificámos que ela é um produto das fôrças do *eu*, de propriedades conhecidas e latentes de seu carácter. Portanto, também são estas fôrças e estas propriedades que devem ter determinado o recalque ou, pelo menos, ter contribuido para produzí-lo. Todo o resto ainda nos é desconhecido.

Mas aqui nos vem socorrer a outra das experiências de que lhes falei mais acima. A análise permite-nos de um modo perfeitamente geral a intenção a que servem os sintomas neuróticos. Nisto não ha aliás nada de novo para os senhores. Já não o demonstrei em dois casos de neurose? Sim, mas que significam dois casos? Têm o direito de exigir que prove minha afirmação em centenas de casos, em inúmeros casos. Lastimo não poder fazê-lo. Devo remetê-los de novo à sua própria experiência ou invocar a convicção que, no concernente a êste ponto, se apoia na afirmação unânime de todos os psicanalistas.

Decerto recordam que, nêstes dois casos, cujos sintomas submetemos a um minucioso exame, a análise nos fez penetrar na vida sexual íntima dos doentes. No primeiro caso, além disto, reconhecemos de um modo particularmente nítido a intenção ou a tendência dos sintomas examinados; pode ser que no segundo caso esta intenção ou tendência tenha sido mascarada por alguma coisa de que teremos oportunidade de falar mais adiante. Ora, todos os outros casos que submetêssemos à análise nos revelariam pormenores exatamente os mesmos que nos dois fatos sexuais e nos revelaria os desejos sexuais do doente, e em cada fatos sexuais e nos revelaria os desejos sexuais dos doente, e em cada vez teríamos de constatar que seus sintomas estão ao serviço da mesma intenção. Esta intenção não é outra sinão a satisfação dos desejos sexuais; os sintomas servem à satisfação sexual do doente, substituem-se a essa satisfação quando o doente dela está privado na vida normal.

Lembrem-se da ação obsessional de nossa primeira paciente. A mulher está privada do marido, a quem ama profundamente e cuja vida não pode compartilhar por causa de seus defeitos e fraquezas. Deve conservar-se fiel a êle, não procurar substituí-lo por ninguém. Seu sintoma obsessional lhe proporciona aquilo a que aspira, reergue-lhe o marido, nega, corrige suas fraquezas, em primeiro lugar a impotência. Precisamente como um sonho, êste sintoma não é no fundo mais que a satisfação de um desejo e, o que o sonho nem sempre é, satisfação de um desejo erótico. A propósito de nossa segunda doente, puderam ao menos verificar que seu cerimonial tinha por fim opôr-se às relações sexuais dos pais, afim de tornar impossível o nascimento de um novo filho. Verificaram igualmente que por êsse cerimonial nossa doente tendia no fundo a substituir-se à mãe. Trata-se portanto aqui, como no primeiro caso, de supressão de obstáculos que se opõem à satisfação sexual e de realização de desejos eróticos. Quanto à complicação a que aludimos, trataremos dela daqui a pouco.

Afim de justificar as restrições que terei de impor doravante à generalidade de minhas proposições, chamo a atenção dos senhores para êste fato: tudo o que digo aqui sôbre o recalcamento, a formação e a significação dos sintomas, foi deduzido da análise de três formas de neurose, histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessional, e só se âplica em primeiro lugar a estas três formas. Estas três afecções, que temos o hábito de reünir no mesmo grupo sob a denominação genérica de "neuroses de transferência", circunscrevem igualmente o domínio em que se pode exercer a atividade psicanalítica. As outras neu-

roses só mereceram da psicanálise estudos menos aprofundados. No que concerne a um de seus grupos, a impossibilidade de qualquer intervenção terapêutica foi a razão de ter sido posto de lado. Não esqueçam que a psicanálise ainda é uma ciência muito jovem, que para preparar-se nela é preciso muito trabalho e tempo, e que ainda bem recentemente ela só contava um adepto. Por toda parte entretanto se manifesta um esfôrço de penetrar e compreender essas outras afecções que não são neuroses de transferência. Espero ainda poder demonstrar-lhes por que desenvolvimentos nossas hipóteses e resultados passam pela fato de sua aplicação a êstes novos materiais, pois os novos estudos chegaram, não à refutação das primitivas aquisições, mas ao estabelecimento de conjuntos superiores. E pôsto que tudo o que foi dito se aplica às três neuroses de transferência, permito-me realçar o valor dos sintomas comunicando-lhes uma nova particularidade. Um exame comparado das causas ocasionais destas três afecções dá um resultado que se pode resumir na fórmula seguinte: os doentes em questão sofrem de uma *privação*, pois a realidade lhes recusa a satisfação de seus desejos sexuais. Bem vêem: ha um perfeito acôrdo entre êstes dois resultados. A única maneira adequada de compreender os sintomas consiste em considerá-los como uma satisfação substitutiva, destinada a substituir a que é recusada na vida normal.

Sem dúvida, ainda se podem opor numerosas objeções à proposição de que os sintomas neuróticos são sintomas substitutivos. Vou tratar hoje de duas dessas objeções. Si os senhores mesmos submeteram ao tratamento psicanalítico certo número de doentes, dir-me-ão talvez num tom de censura: Ha toda uma série de casos em que sua proposição não se verifica; nêstes casos, os sintomas parecem ter um destino contrário, que consiste em excluir ou suprimir a satisfação sexual. Não vou contestar a exatidão de sua interpelação. Na psicanálise, as coisas muitas vezes se revelam muito mais complicadas do que desejaríamos. Si fossem simples, não se teria talvez necessidade da psicanálise para esclarecê-las. Certas partes do cerimonial de nossa segunda doente deixam com efeito transparecer êste carácter ascético, hostil à satisfação sexual, por exemplo, quando manda retirar pêndulas e relógios, ato mágico pelo qual pensa livrar-se das erecções noturnas, ou quando quer impedir a queda e fragmentação de vasos, esperando com isto preservar sua virgindade. Noutros casos de cerimonial que precede o deitar, que tive ocasião de analisar, êsse carácter negativo era muito mais pronunciado; em certos dêles, todo o cerimonial se compunha de medidas

de preservação contra as lembranças e as tentações sexuais. A psicanálise já nos demonstrou entretanto mais de uma vez que oposição nem sempre é contradição. Poderíamos ampliar nossa proposição, dizendo que os sintomas têm por fim seja proporcionar uma satisfação sexual, seja preservar contra ela; o carácter positivo, no sentido da satisfação, predomina na histeria, o carácter negativo, ascético, predomina na neurose obsessional. Si os sintomas podem servir tanto à satisfação sexual como ao seu contrário, êste duplo destino ou bipolaridade dos sintomas explica-se perfeitamente bem por uma das engrenagens de seu mecanismo, de que ainda não tivemos ocasião de falar. São especialmente, conforme veremos, efeitos de concessões mútuas, resultantes da interferência de duas tendências opostas, e exprimem tão bem o que foi recalcado como o que foi causa do recalque e assim contribuiu para sua produção. A substituição pode fazer-se mais em proveito de uma destas tendências do que da outra; raramente se faz em benefício exclusivo de uma só. Na histeria, as duas intenções se exprimem as mais das vezes por um único sintoma; na neurose obsessional, ha separação entre as duas intenções: o sintoma, em dois tempos, compõe-se de duas ações que se realizam uma após a outra e se anulam reciprocamente.

Ser-nos-á menos fácil dissipar uma outra dúvida. Passando em revista certo número de interpretações de sintomas, terão provavelmente a tentação de dizer que é abusar um pouco querer explicar todos pela satisfação substitutiva dos desejos sexuais. Não tardarão a fazer ressaltar que êsses sintomas não oferecem à satisfação nenhum elemento real, que às mais das vezes se limitam a reanimar uma sensação ou a representar uma imagem fantasista pertencente a um complexo sexual. Acharão, além disto, que a pretensa satisfação sexual apresenta à-miude um carácter pueril e indigno, aproxima-se de um ato masturbatório ou recorda essas práticas sujas que se proíbe já às crianças e das quais se procura deshabituá-las. Ainda por cima, hão de manifestar seu espanto de ver que se considera como uma satisfação sexual o que só deveria ser descrito como uma satisfação de desejos crueis ou horríveis, ou seja de desejos contra a natureza. Nêstes últimos pontos, ser-nos-á impossível pôr-nos de acôrdo enquanto não tivermos submetido a um exame aprofundado a vida sexual do homem e enquanto não tivermos definido o que é lícito, sem risco de êrro, considerar como *sexual*.

CAPÍTULO XX

A VIDA SEXUAL DO HOMEM

Poder-se-ia crer que todo o mundo concorda sôbre o sentido que se deve atribuir à palavra "sexual". Antes de mais nada, o sexual não é o indecente, aquilo de que não se deve falar? Permiti que me contassem a seguinte história: Os alunos de um célebre psiquiatra, querendo convencer o mestre de que os sintomas dos histéricos têm as mais das vezes um carácter sexual, levaram-no junto ao leito de uma histérica cujas crises simulavam incontestavelmente o trabalho de parto. Ao vê-lo, o professor disse com desdem: "O parto não tem nada de ato sexual". Sem dúvida, um parto não é sempre e necessàriamente um ato indecente.

Decerto me censuram o fato de gracejar a propósito de coisas tão sérias. Mas o que lhes digo está longe de ser uma pilhéria. E' que o conteúdo da *noção* do "*sexual*" não se deixa definir fàcilmente. Poder-se-ia dizer que tudo o que se relaciona com as diferenças que separam os sexos é sexual, mas seria uma definição tão vaga quanto vasta. Levando principalmente em conta o ato sexual em si, poderiam dizer que é sexual tudo o que se refere à intenção de proporcionar-se um gôzo com a ajuda do corpo e mais particularmente dos órgãos genitais, do sexo oposto, em suma tudo o que se refere ao desejo da junção e da realização do ato sexual. Por esta definição, aproximar-se-iam dos que identificam o sexual com o indecente e teriam razão de dizer que o parto nada tem de sexual. Mas ao fazerem da procreação o núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir de sua definição grande número de atos que, tais como a masturbação ou mesmo o beijo, sem terem a procreação por fim, nem por isto deixam de ser de natureza sexual. Mas já sabemos que todas as tentativas de definição fazem nascer dificuldades. Não esperemos pois que suceda diferentemente no caso que nos ocupa. Podemos suspeitar que no correr do desenvolvimento da noção

do "sexual" produziu-se alguma coisa que, segundo a excelente expressão de H. Silberer, teve como conseqüência um "êrro por dissimulação". Bem consideradas as coisas, não estamos entretanto privados de toda orientação quanto ao que os homens chamam "sexual".

Uma definição que considere ao mesmo tempo a oposição dos sexos, o prazer sexual, a função da procreação e o caracter indecente de uma série de atos e objetos que devem conservar-se ocultos, — uma tal definição, dizemos, pode bastar a todas as necessidades práticas da vida. Mas a ciência não poderia contentar-se com ela. Graças a pesquisas minuciosas e que exigiram da parte dos sujeitos examinados muito desinterêsse e um grande domínio sôbre si mesmos, pudemos constatar a existência de grupos inteiros de indivíduos cuja "vida sexual" dífere de um modo impressionante da representação média e corrente. Alguns dêsses "perversos" riscaram, por assim dizer, de seu programa a diferença sexual. Só indivíduos do mesmo sexo que êles são capazes de excitar seu desejo sexual; o sexo oposto, às vezes os órgãos sexuais do sexo oposto, não apresentam a seus olhos nada de sexual, constituindo, em casos extremos, um objeto de aversão. E' óbvio que êsses pervertidos renunciaram a tomar qualquer parte na procreação. Chamamos a essas pessoas homossexuais ou invertidas. São homens e mulheres que receberam freqüentemente, mas nem sempre, uma instrução e uma educação irrepreensíveis, de um nível moral e inteletual muito elevado, padecendo desta única anomalia triste. Por intermédio de seus representantes científicos, candidatam-se à inclusão numa variedade humana particular, um "terceiro sexo" que pode pretender aos mesmos direitos que os dois outros. Teremos talvez ocasião de fazer um exame crítico de suas pretenções. Naturalmente não formam, como teriam a tentação de fazer-nos crer, uma "elite" da humanidade; encontramos em suas fileiras tantos indivíduos sem valor e inúteis como no seio dos que têm uma sexualidade normal.

Êstes pervertidos se comportam em relação ao seu objeto sexual mais ou menos da mesma maneira que os normais em relação ao dêles. Mas em seguida vem toda uma série de anormais cuja atividade sexual se afasta cada vez mais do que um homem razoável julga desejável. Por sua variedade e singularidade, só poderíamos compará-los aos monstros disformes e grotescos que, no quadro de P. Breughel, vêm tentar Santo Antônio, ou aos deuses e aos crentes ha muito tempo esquecidos, que G. Flaubert faz desfilar numa longa procissão sob os olhos de seu piedoso penitente. Sua multidão variegada pede uma classificação, sem a qual

estaríamos na impossibilidade de orientar-nos. Dividimo-los em dois grupos: os que, como os homossexuais, se distinguem dos normais por seu objeto sexual, e os que, antes de tudo, visam um fim sexual diferente do que visam os indivíduos normais. Fazem parte do primeiro grupo os que renunciaram ao ajuntamento dos órgãos genitais opostos e que, em seu ato sexual, substituem no companheiro o órgão sexual por uma outra parte ou região do corpo. Pouco importa que essa parte ou região se preste mal, por sua estrutura, ao ato em questão: os indivíduos dêste grupo abstraem desta consideração, assim como do obstáculo que pode opor a sensação de desgôsto (substituem a vagina pela boca, pelo anus). Ainda fazem parte do mesmo grupo os que pedem sua satisfação aos órgãos genitais, não por causa de suas funções sexuais, mas por causa de outras funções em que êstes órgãos participam por fôrça de razões anatômicas ou de vizinhança. Nêsses indivíduos, as funções de excreção, que a educação se esforça por fazer considerar como indecentes, monopolizam em seu proveito todo o interêsse sexual. Vêm em seguida outros indivíduos que renunciaram totalmente aos órgãos genitais como objeto de satisfação sexual e elevaram a essa dignidade partes do corpo totalmente diferentes: o seio ou o pé da mulher, sua trança. Outros indivíduos ainda nem siquer procuram satisfazer seu desejo sexual com a ajuda de uma parte qualquer do corpo; basta-lhes uma peça da indumentária: um sapato, roupa branca. São os fetichistas. Citemos enfim a categoria dos que desejam com efeito o objeto sexual completo e normal, mas lhe pedem determinadas coisas, singulares ou horríveis, até o ponto de quererem transformar o portador do objeto sexual desejado num cadáver, e só são capazes de gozar com êle depois de obedecerem ao seu criminoso impulso. Mas basta dêstes horrores!

O outro grande grupo de pervertidos compõe-se de indivíduos que designam como finalidade aos seus desejos sexuais o que, nos normais, constitue apenas um ato de preparação ou de introdução. Inspeccionam, apalpam, tateiam a pessoa do sexo oposto, procuram entrever as partes ocultas e íntimas de seu corpo, ou descobrem suas próprias partes ocultas, na esperança secreta de serem recompensados pela reciprocidade. Vêm em seguida os enigmáticos sadistas, que não conhecem outro prazer sinão o de infligir a seu objeto dores e sofrimentos, desde a simples humilhação até graves lesões corporais; e têm seu paralelo nos masoquistas cujo único prazer consiste em receber do objeto amado todas as humilhações e todos os sofrimentos, sob uma forma simbólica ou real. Outros ainda apresentam uma associação ou entrecruzamento de

várias destas tendências anormais, mas devemos acrescentar, para concluir, que cada um dos dois grandes grupos de que acabamos de nos ocupar apresenta duas grandes sub-divisões: uma destas compreende os indivíduos que procuram sua satisfação sexual na realidade, enquanto os indivíduos que compõem a outra sub-divisão se contentam com a simples representação desta satisfação, e, em vez de procurarem um objeto real, concentram todo interêsse num produto de sua imaginação.

Que estas loucuras, singularidades e horrores representam realmente a atividade sexual dos indivíduos em questão, — é ponto que não admite a menor dúvida. Aliás, é assim que êsses indivíduos concebem êles mesmos suas simpatias e gostos. Às vezes constatam que aí se trata de substituições, mas devemos acrescentar, por nosso lado, que suas loucuras, singularidades e horrores representam na vida dêles exatamente o mesmo papel que a satisfação sexual normal em a nossa vida; que êles fazem, para satisfazer-se, os mesmos sacrifícios, à-miude muito grandes, que nós, e que acompanhando as grandes e pequenas particularidades, podemos descobrir os pontos em que estas anomalias mais se aproximam do estado normal e aqueles em que dêle se afastam. Constatarão que nestas anomalias o carácter de indecência, inerente à atividade sexual, é levado a um grau extremo, a um ponto em que o indecente se torna torpe.

E agora, que atitude devemos adoptar em face dêstes extraordinários modos de satisfação sexual? Declarar que estamos indignados, manifestar nossa aversão pessoal, assegurar que não compartilharemos êstes vícios, — tudo isto nada significa e, aliás, são coisas que não nos perguntam. Trata-se, no fim de contas, de uma ordem de fenômenos que solicita nossa atenção ao mesmo título que qualquer outra. Refugiar-se detrás da afirmação de que são fatos raros, simples curiosidades, é expor-se a receber um rápido desmentido. Os fenômenos de que tratamos são, ao contrário, muito freqüentes, muito espalhados. Mas si nos viessem dizer que êstes desvios e perversões do instinto sexual não nos devem induzir em êrro quanto à nossa maneira de conceber a vida sexual em geral, nossa resposta seria imediata: enquanto não tivermos compreendido estas formas mórbidas da sexualidade, enquanto não tivermos estabelecido suas relações com a vida sexual normal, ser-nos-á igualmente impossivel compreender esta última. Em suma, encontramo-nos ante uma tarefa teórica urgente, que consiste em relatar as perversões de que falámos e suas relações com a sexualidade dita normal.

Seremos ajudados nesta tarefa por uma observação e duas novas experiências. A primeira é de Iwan Bloch que, à concepção que vê em todas estas perversões "sinais de degenerescência", junta a corrigenda de que êstes desvios da finalidade sexual, estas atitudes perversas em relação ao objeto sexual existiram em todas as épocas conhecidas, em todos os povos, tanto nos mais primitivos como nos mais civilizados, tendo às vezes gozado da tolerância e do reconhecimento gerais. Quanto às duas expêrincias, foram feitas no correr de investigações psicanalíticas em neuróticos; são de molde a orientar de um modo decisivo nossa concepção das perversões sexuais.

Os sintomas neuróticos, dissemos, são satisfações substituitivas, e fiz-lhes entrever que a confirmação desta proposição pela análise tropeçaria em muitas dificuldades. Ela só se justifica si, ao falar de "satisfação sexual", subentendemos igualmente as necessidades sexuais ditas pervertidas, pois uma tal interpretação dos sintomas se nos impõe com impressionante freqüência. A pretenção pela qual os homossexuais e os invertidos afirmam que são seres excepcionais, desaparece ante a constatação de que não ha um só neurótico no qual não se possa provar a existência de tendências homossexuais e que bom número de sintomas neuróticos não passa da expressão dessa inversão latente. Os que a si mesmos se chamam homossexuais são apenas os invertidos concientes e manifestos; seu número é mínimo ao lado da legião dos homossexuais latentes. Somos obrigados a ver na homossexualidade uma excrescência mais ou menos regular da vida amorosa, e sua importância cresce aos nossos olhos à medida que nos aprofundamos nesta. Sem dúvida, as diferenças que existem entre a homossexualidade manifesta e a vida sexual normal não se acham suprimidas por êste fato; si o valor teórico daquela se vê por isto consideravelmente diminuido, seu valor prático se mantém intato. Verificamos mesmo que a paranoia, que não podemos classificar na categoria das neuroses por transferência, resulta rigorosamente da tentativa de defesa contra impulsos homossexuais demasiado violentos. Talvez ainda se lembrem que uma de nossas doentes, no correr de seu ato obsessional, simulava o próprio marido do qual vivia separada. Tal produção de sintomas simulando um homem é freqüênte nas mulheres neuróticas. Si bem que aí não se trate de homossexualidade própriamente dita, nem por isto êsses casos deixam de realizar certas de suas condições.

Conforme os senhores provàvelmente sabem, a neurose histérica pode manifestar seus sintomas em todos os sistemas de órgãos, pertur-

bando deste forma todas as funções. A análise nos revela nêstes casos uma manifestação de todas as tendências ditas perversas, as quais procuram substituir aos órgãos genitais outros órgãos que então se comportam como órgãos genitais de substituição. Foi precisamente graças à sintomatologia da histeria que chegámos à concepção segundo a qual todos os órgãos do corpo, além de sua função normal, também representariam um papel sexual, erógeno, que às vezes se torna dominante a ponto de perturbar o funcionamento normal. Inúmeras sensações e inervações que, a título de sintomas da histeria, se localizam em órgãos que aparentemente não têm a menor relação com a sexualidade, revelam-nos assim sua verdadeira natureza: constituem outras tantas satisfações de desejos sexuais perversos, para o que outros órgãos assumiram o papel de órgãos sexuais. Temos então oportunidade de constatar a freqüência com que os órgãos de absorção de alimentos e os órgãos de excreção se tornam portadores das excitações sexuais. Trata-se assim da mesma constatação que fizemos a propósito das perversões, com a diferença de que nestas últimas o fato que nos ocupa pode ser constatado sem dificuldade e sem êrro possível, de passo que na histeria devemos começar pela interpretação dos sintomas e relegar em seguida as tendências sexuais perversas ao inconciente, em vez de atribuí-las à conciência do indivíduo.

Dos numerosos quadros sintomáticos que reveste a neurose obsessional, os mais importantes são os provocados pela pressão das tendências sexuais fortemente sádicas, portanto perversas quanto ao seu fim; e, em conformidade com a estrutura de uma neurose obsessional, êstes sintomas servem de meio de defesa contra êsses desejos ou então exprimem a luta entre a vontade de satisfação e a vontade de defesa. Mas a satisfação intrínseca, em vez de se produzir tomando o caminho mais curto, sabe manifestar-se na atitude dos doentes pelos caminhos mais sinuosos e volta-se de preferência contra a própria pessoa do doente, que assim se inflige toda sorte de torturas. Outras formas desta neurose, as que podemos chamar perscrutadoras, correspondem a uma sexualização excessiva de atos que, nos casos normais, são apenas atos preparatórios da satisfação sexual: os doentes querem ver, tocar, inspeccionar. Temos aí a explicação da enorme importância que às vezes revestem nêstes doentes o medo de qualquer toque e a obsessão ablucionista. Não se suspeita quão numerosos são os atos obsessionais que representam uma repetição ou uma modificação mascarada da masturbação, que, conforme

sabemos, acompanha, na qualidade de ato único e uniforme, as formas mais variadas do desvio sexual.

Ser-me-ia facil multiplicar os laços que ligam a perversão à neurose, mas o que lhes disse basta à nossa intenção. Entretanto, devemos guardar-nos de exagerar a importância sintomática, a presença e a intensidade das tendências perversas no homem. Já ouviram dizer que se pode contraír uma neurose pela privação de satisfação sexual normal. A necessidade procura então as vias de satisfação anormais. Verão mais tarde como as coisas se passam nêstes casos. Mas desde já compreendem que, tornadas perversas, em conseqüência dêste recalcamento "colateral", as tendências devem surgir mais violentas do que o seriam si nenhum obstáculo real se opusesse à satisfação sexual normal. Constata-se aliás uma influência análoga, no que concerne às perversões manifestas. Elas são provocadas ou favorecidas em certos casos pelo fato de que, em conseqüência de circunstâncias transitórias ou de condições sociais duradouras, a satisfação sexual normal tropeça em dificuldades insuperáveis. E' óbvio que noutros casos as tendências perversas são independentes das circunstâncias ou condições susceptíveis de favorecê-las, e constituem para os indivíduos por elas dominados a forma normal de sua vida sexual.

Acabam talvez de ter a impressão de que, longe de esclarecer as relações que existem entre a sexualidade normal e a sexualidade pervertida, não fizemos sinão complicá-las. Reflitam entretanto no seguinte: si é exato que nas pessoas privadas da possibilidade de obter uma satisfação sexual normal se vêem aparecer tendências perversas que, sem isto, jamais se teriam manifestado, deve-se admitir que existia ainda assim nessas pessoas algo que as predispunha a essas perversões; ou, si o preferem, que estas perversões existiam nelas em tado latente. Admitido isto, chegamos, ao outro dos fatos novos que eu lhes havia anunciado. A investigação psicanalítica viu-se particularmente obrigada a dirigir também sua atenção para a vida sexual da criança, e a isto foi levada pelo fato de que as recordações e as idéias que surgem nos indivíduos durante a análise de seus sintomas fazem regularmente êste trabalho de pesquisa remontar aos primeiros anos da infância do analisado. Todas as conclusões que havíamos formulado a propósito dêste fato foram verificadas ponto por ponto, depois de observações diretas sôbre crianças. E constatámos que todas as tendências perversas mergulham por suas raizes na infância, que as crianças trazem em si todas as predisposições a essas tendências que manifestam na medida compativel com sua imaturidade,

em suma, que a sexualidade perversa não é outra coisa sinão a sexualidade infantil aumentada e decomposta em suas tendências particulares.

Desta vez percebem as perversões sob um ângulo completamente diverso, e já não poderão desconhecer suas relações com a vida sexual do homem. Mas ao preço de quantas surpresas e penosas decepções! A princípio, terão a tentação de negar tudo: tanto o fato de as crianças possuirem algo que mereça o nome de vida sexual, como a exatidão de nossas observações, e ainda o meu direito de encontrar na atitude das crianças uma afinidade com o que condenamos em pessoas mais idosas como sendo uma perversão. Permitam-me pois, antes de mais nada, explicar-lhes as razões de sua resistência. Vou expor-lhes em seguida o conjunto de minhas observações. Pretender que as crianças não têm vida sexual, — excitações sexuais, necessidades sexuais, uma especie de satisfação sexual, — mas que esta vida acorda nelas bruscamente na idade de 12 a 14 anos, é, abstração feita de todas as observações, avançar uma afirmação que, do ponto de vista biológico, é tão inverosimel, e mesmo tão absurda quanto seria a de que as crianças nascessem sem órgãos genitais, os quais só apareceriam na puberdade. O que desperta nas crianças nessa idade, é a função da reprodução, que se serve, para realizar seus fins, de um aparêlho corporal e psíquico já existente. Os senhores incorrem no êrro que consiste em confundir sexualidade e reprodução, e com êsse êrro fecham diante de si o acesso à compreensão da sexualidade, das perversões e das neuroses. Trata-se entretanto de um êrro tendencioso. E, coisa singular, tem sua fonte no fato de que os senhores mesmo também foram crianças e, como tais, sofreram a influência da educação. Do ponto de vista educacional, a sociedade considera como uma de suas tarefas essenciais refrear o ínstinto sexual quando se manifesta como necessidade de procreação, límitá-lo, submetê-lo a uma vontade indivídual que se curva à imposição social. A sociedade está igualmente interessada em que o desenvolvimento completo da necessidade sexual seja retardado até que a criança tenha atingido certo grau de madureza social, pois desde que se alcança êsse desenvolvimento, a educação já não age sôbre a criança. A sexualidade, si se manifestasse de um modo demasiado precoce, romperia todas as barreiras e derrubaria todos os resultados tão penosamente adquiridos pela cultura. Aliás, a tarefa de refrear a necessidade sexual nunca foi fácil; consegue-se realizá-la ora com demasiado rigor, ora muito deficientemente. A base em que repousa a sociedade humana é, em última análise, de natureza econômica: não possuindo bastantes meios de subsis-

tência para permitir aos seus membros viver sem trabalhar, a sociedade é obrigada a limitar o número dêles e a desviar a energia dos homens da atividade sexual para o trabalho. Estamos aqui em presença da eterna necessidade vital que, nascida ao mesmo tempo que o homem, persiste até nossos dias.

A experiência deve ter demonstrado aos educadores que a tarefa de domar a vontade sexual da nova geração só é realizável si, sem esperar a explosão tumultuária da puberdade, começamos a influenciar as crianças muito cedo, a submeter a uma disciplina, desde os primeiros anos, sua vida sexual que só é uma preparação para a da idade madura. Com êste fim, interdizem-se às crianças todas as atividades sexuais infantis; desviamo-las delas, na esperança ideal de tornar sua vida assexual, e chegámos pouco a pouco a considerá-la realmente como tal, crença a que a ciência trouxe sua confirmação. Afim de não nos pormos em contradição com as crenças que professamos e as intenções que visamos, negligenciamos a atividade sexual da criança, o que está longe de ser uma atitude fácil, ou então nos contentamos, na ciência, com concebê-la diferentemente. A criança é considerada pura, inocente, e quem quer que a descreva de outro modo é acusado de cometer um sacrilégio, de se entregar a um atentado ímpio contra os sentimentos mais ternos e sagrados da humanidade.

As crianças são as únicas que não se deixam enganar por estas convenções; fazem valer em toda candidez seus direitos anormais e mostram a todo instante que, para êles, o caminho da pureza ainda está todo por percorrer. E' bastante singular que os que negam a sexualidade infantil nem por isto renunciam à educação e condenam o mais severamente, a título de "maus habitos", as manifestações do que negam. E' além disto extremamente interessante, do ponto de vista teórico, que os cinco ou seis primeiros anos da vida, isto é, a idade em que o preconceito de uma infância assexual menos se aplica, esteja envolta na maior parte das pessoas por um nevoeiro de amnesia que só a investigação psicanalítica consegue dissipar, mas que antes já se mostrara permeável a certas formações de sonhos.

Agora, vou expor-lhes o que aparece com o máximo de nitidez quando se estuda a vida sexual da criança. Para maior clareza, pedir-lhes-ei licença afim de introduzir, para êste efeito, a noção da *líbido*. Análoga à *fome* em geral, a líbido designa a fôrça com que se manifesta o instinto sexual, como a fome designa a fôrça com que se manifesta o instinto de absorção de alimentos. Outras noções, tais como excita-

ção e satisfação sexuais, não precisam de explicação. Os senhores vão ver, e talvez tírem daí um argumento contra mim, que as atividades sexuais do lactente abrem à interpretação um campo infinito. Obtêm-se estas interpretações, submetendo os sintomas a uma análise regressiva. As primeiras manifestações da sexualidade, que se mostram no lactente, ligam-se a outras funções vitais. Conforme sabem, seu principal interêsse se volta para a absorção de alimento; quando adormece saciado ante o seio materno, apresenta uma expressão de satisfação feliz, que mais tarde encontramos depois da satisfação sexual. Isto não bastaria para justificar uma conclusão. Mas observamos que o lactente está sempre disposto a recomeçar a absorção de alimento, não porque dêste tenha necessidade, mas pela única ação que esta absorção comporta. Dizemos então que êle suga; e o fato de que, ao fazê-lo, adormece de novo com uma expressão de beatitude, nos demonstra que a ação de sugar lhe proporcionou, como tal, uma satisfação. Via de regra, acaba por não poder mais adormecer sem sugar. Foi um pediatra de Budapest, o dr. Lindner, quem primeiro afirmou a natureza sexual dêste ato. As pessoas que cuidam da criança e que não procuram absolutamente adoptar uma atitude teórica, parecem fazer sôbre êste ato um juizo análogo. Percebem perfeitamente que êle só serve para proporcionar um prazer, vêem nisso um "mau hábito", e quando a criança não quer renunciar espontâneamente a êsse costume, procuram corrigí-lo associando-lhe impressões desagradáveis. Aprendemos assim que o lactente realiza atos que só servem para proporcionar-lhe um prazer. Acreditamos que êle começou a sentir êste prazer na ocasião de ingerir alimentos, mas não tardou a aprender a separá-lo desta condição. Ligamos esta sensação de prazer à zona buco-labial, designamos esta zona pelo nome de *zona erógena* e consideramos o prazer proporcionado pelo ato de sugar como um prazer *sexual*. Certamente ainda teremos de discutir a legitimidade destas designações.

Si o lactente fosse capaz de participar o que sente, certo declararia que sugar o seio materno constitue o ato mais importante da vida. E não é sem surpresa que verificamos pela psicanílise quão profunda é a importância psíquica dêste ato, cujos vestígios depois persistem durante toda a vida. O ato que consiste em sugar o seio materno torna-se o ponto de partida de toda a vida sexual, o ideal jamais atingido de toda satisfação sexual ulterior, ideal a que a imaginação aspira em momentos de grande necessidade e grande privação. E' assim que o seio materno forma o primeiro objeto do instinto sexual; e eu não poderia dar-lhes

uma idéia bastante exata da importância dêste primeiro objeto para toda procura ulterior de objetos sexuais, da influência profunda que exerce, em todas as suas transformações e substituições, até nos domínios mais distantes de nossa vida psíquica. Bem cedo, porém, deixa a criança de sugar o seio, que substitue por uma parte de seu próprio corpo. Põe-se a sugar o dedo, a língua. Assim se proporciona prazer, sem ter para isso necessidade do consentimento do mundo exterior, e o apêlo a uma segunda zona do corpo reforça além disto o estímulo da excitação. As zonas erógenas não são todas igualmente eficazes; eis porquê é um acontecimento importante na vida da criança, quando, à fôrça de explorar seu corpo, descobre as partes particularmente excitáveis de seus órgãos genitais e encontra assim o caminho que acabará por conduzí-lo ao onanismo.

Fazendo ressaltar a importância do ato de sugar, desvendámos dois caracteres essenciais da sexualidade infantil. Esta se acha especialmente ligada à satisfação das grandes necessidades orgânicas e se comporta, além disto, de um modo *auto-erótico*, isto é, encontra seus objetos em seu próprio corpo. O que surgiu com a maior nitidez a propósito da ingestão de alimentos, renova-se em parte a propósito das excreções. Daí concluímos que a eliminação da urina e do conteúdo intestinal é para o lactente uma fonte de gôzo e que êle se esforça dentro em pouco para organizar estas ações de modo que lhe proporcionem o máximo de prazer, graças a excitações correspondentes das zonas erógenas das mucosas. Quando chegou a êste ponto, o mundo exterior se lhe depara, segundo a fina observação de Lou Andreas, como um obstáculo, como uma fôrça hostil ao seu desejo de prazer, deixando-lhe prever, para o futuro, lutas exteriores e interiores. Proíbem-lhe desembaraçar-se de suas excreções quando e como quer; forçam-no a conformar-se com as indicações de outras pessoas. Para obter sua renúncia a estas fontes de prazer, inculcam-lhe a convicção de que tudo o que se liga a estas funções é indecente, deve conservar-se oculto. E' obrigado a renunciar ao prazer, em nome da dignidade social. Não sente a princípio nenhum desgôsto ante seus excrementos, que considera como fazendo parte de seu corpo; separa-se dêles a contragôsto e utiliza-os como primeiro "presente" para distinguir as pessoas que aprecia particularmente. E mesmo depois que a educação conseguiu desembaraçá-lo destas tendências, transfere ao "presente" e ao "dinheiro" o valor que concedera aos excrementos. Em compensação, parece orgulhar-se notàvelmente das façanhas que liga ao ato de urinar.

Sinto que fazem um esfôrço sôbre si mesmos para não me interromperem, exclamando: "Basta desses horrores! Pretender que a defecação é uma fonte de satisfação sexual, já utilizada pelo lactente! Que os excrementos são uma substância preciosa, o anus uma espécie de órgão sexual! Jamais acreditaremos nisto; mas compreendemos muito bem porquê os pediatras e os pedagogos nada querem saber da psicanálise e de seus resultados". Acalmem-se. Esqueceram-se simplesmente que si lhes falei dos fatos que a vida sexual infantil comporta, foi a respeito dos fatos que se relacionam com as perversões sexuais. Porquê não saberiam os senhores que em numerosos adultos, tanto homossexuais como heterossexuais, o anus substitue realmente a vagina nas relações sexuais? E porquê não saberiam que ha indivíduos para os quais a defecação continua a ser, durante toda a vida, uma fonte de volúpia que estão longe de desdenhar? Quanto ao interêsse que o ato da defecação suscita e ao prazer que se pode sentir assistindo a êste ato, quando realizado por um outro, basta-lhes, para se informarem, dirigir-se às próprias crianças, quando, mais idosas, já estão em condições de falar a respeito. Subentende-se que não devem começar por intimidar as crianças, pois compreendem muito bem que, si o fizerem, nada obterão delas. Quanto às outras coisas em que não querem acreditar, recomendo-lhes os resultados da análise e da observação direta das crianças, e digo-lhes que é preciso má vontade para não ver estas coisas ou para vê-las diferentemente. Não vejo nenhum inconveniente em que achem espantosa a afinidade que postulo entre a atividade sexual infantil e as perversões sexuais. Aí se trata entretanto de uma relação perfeitamente natural, pois si a criança possue uma vida sexual, esta só pode ser de natureza pervertida, visto como, salvo algumas vagas indicações, lhe falta tudo o que faz da sexualidade uma função de procreação. O que caracteriza, por outro lado, todas as perversões, é que desconhecem o fim essencial da sexualidade, isto é, a procreação. Com efeito, qualificamos de perversa toda atividade sexual que, tendo renunciado á procreação, procura o prazer como um fim independente desta. Compreendem assim que a linha de ruptura e a roda mestra do desenvolvimento da vida sexual devem ser procuradas em sua subordinação aos fins da procreação. Tudo o que se produz antes dessa diretriz, tudo o que a ela se subtrai, tudo o que serve únicamente para proporcionar prazer, recebe a denominação pouco recomendável de "perverso" e é, como tal, votado ao desprêzo.

Deixem-me, por conseguinte, prosseguir minha rápida exposição da sexualidade infantil. Tudo o que disse a respeito de dois sistemas de órgãos poderia ser completado tomando outros em consideração. A vida sexual da criança comporta uma série de tendências parciais que se exercem independentemente umas das outras e utilizam, visando o prazer, seja o próprio corpo da criança, seja objetos exteriores. Entre os órgãos sobre os quais se exerce a atividade sexual da criança, os órgãos sexuais não tardam a tomar o primeiro lugar; ha homens que, desde o onanismo inconciente da primeira infância até o onanismo forçado da puberdade, jamais conheceram outra fonte de prazer além dos próprios órgãos genitais, e em alguns até esta situação persiste muito além da puberdade. Aliás o onanismo não é um dêsses temas que se destrinçam fàcilmente; aí ha matéria para múltiplas considerações.

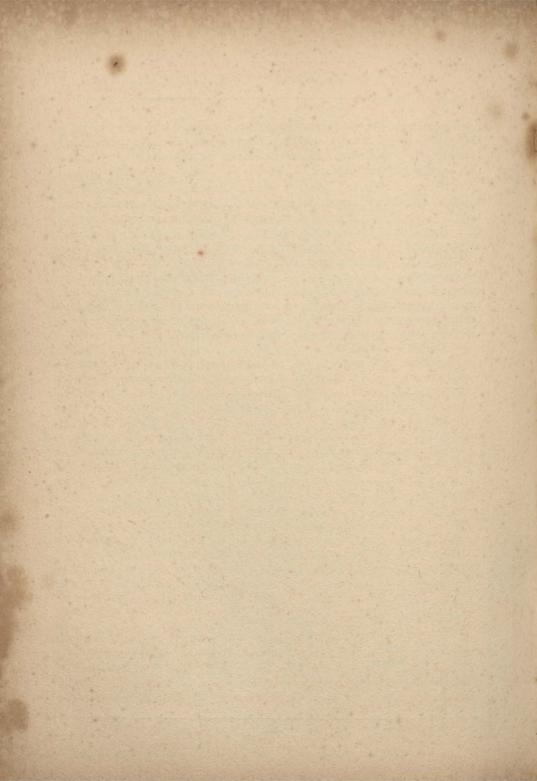
Mau grado meu desejo de abreviar o mais possivel minha exposição, sou obrigado a dizer-lhes mais algumas palavras sôbre a curiosidade sexual das crianças. Ela é demasiado característica da sexualidade infantil e apresenta uma importância muito grande do ponto de vista da sintomatologia das neuroses. A curiosidade sexual da criança começa cedo, às vezes antes do terceiro ano. Não tem por ponto de partida as diferenças que separam os sexos, pois estas diferenças não existem para as crianças, as quais (especialmente os meninos) atribuem aos dois sexos os mesmos órgãos genitais, os do sexo masculino. Quando um menino descobre na irmã ou numa camarada de folguedos a existência da vagina, começa por negar o testemunho de seus sentidos, pois não pode imaginar que um ser humano seja desprovido de um órgão ao qual atribue tão grande valor. Mais tarde, recua horrorizado ante a possibilidade que se lhe revela e começa a sentir a ação de certas ameaças que anteriormente lhe foram dirigidas, por ocasião da excessiva atenção que concedia a seu pequeno membro. Cai sob o domínio do que denominamos "complexo da castração", cuja forma influe em seu carácter, quando se conserva hígido, em sua neurose, quando adoece, em suas resistências, quando se submete a um tratamento analítico. No que concerne à menina, sabemos que considera como um sinal de sua inferioridade a ausência de um penis longo e visível, que inveja os meninos porque possuem êste órgão, que desta inveja nasce nela o desejo de ser homem e que êste desejo se acha mais tarde implicado na neurose provocada por insucessos que a assediaram no cumprimento de sua missão de mulher. O clitoris desempenha aliás na menina o papel do penis, é sede de uma excitabilidade particular, o órgão que proporciona a satisfação

auto-erótica. A transformação da menina em mulher é caracterizada principalmente pelo fato de que esta sensibilidade se desloca em determinada data e totalmente do clitoris à entrada da vagina. Nos casos de anestesia chamada sexual das mulheres o clitoris conserva intata a sua sensibilidade.

O interêsse sexual da criança volta-se em primeiro lugar para o problema de saber de onde vêm as crianças, isto é, para o problema que forma o fundo da questão proposta pela esfinge tebana, e êste interêsse é as mais das vezes despertado pelo temor egoísta que suscita a vinda de um novo filho. A resposta usual de que a cegonha traz as crianças, é acolhida, mais freqüentemente do que se pensa, com desconfiança, mesmo pelas criancinhas. A impressão de ser enganada pelas pessoas grandes contribue muito para o isolamento da criança e para o desenvolvimento de sua independência. Mas a criança não está em condições de resolver êste problema por seus próprios meios. Sua constituição sexual ainda insuficientemente desenvolvida opõe-lhe limites à faculdade de conhecer. Admite a princípio que as crianças vêm em conseqüência da ingestão com o alimento de certas substâncias especiais, e ignora ainda que só as mulheres são capazes de ter filhos. Aprende êste fato mais tarde e relega para o domínio dos contos a explicação que faz depender a vinda das crianças da ingestão de certo alimento. Crescendo um pouco mais, a criança percebe que o pai representa certo papel no aparecimento de novos filhos, mas ainda é incapaz de definir êsse papel. Si lhe sucede surpreender por acaso um ato sexual, vê nêle uma tentativa de violência, um corpo a corpo brutal: falsa concepção sádica do coito. Todavia, não estabelece imediatamente uma relação entre êste ato e a vinda de novos filhos. E então, mesmo que perceba vestígios de sangue no leito e nas roupas de sua mãe, vê nisso apenas uma prova das violências cometidas pelo pai. Mais tarde, começa efetivamente a suspeitar que o órgão genital do homem representa um papel essencial no aparecimento de novas crianças, mas continua não podendo atribuir a êsse órgão outro papel além do que tem de evacuar a urina.

As crianças são desde o início unânimes em crer que o nascimento se faz pelo anus. E' só quando o seu interêsse se desvia dêste órgão que abandonam tal teoria, substituindo-a pela de que a criança nasceria através do umbigo, que se abriria para êste fim. Ou então situam na região esternal, entre os seios, o lugar onde o recem-nascido faria sua irrupção. E' assim que a criança, em suas explorações, se aproxima dos fatos sexuais ou, transviada por sua ignorância, passa ao lado dêles, até

o momento em que a explicação recebida dos anos que precedem imediatamente a puberdade, explicação deprimente, à-miude incompleta, atuando freqüentemente à maneira de um traumatismo, venha tirá-la de sua primitiva ingenuidade.

Decerto já ouviram dizer que, para manter suas proposições concernentes à causalidade sexual das neuroses e à importância sexual dos sintomas, a psicanálise imprime à noção do sexual uma extensão exagerada. Agora estão em condições de julgar si esta extensão é verdadeiramente injustificada. Não estendemos a noção da sexualidade mais que o estritamente suficiente para nela fazer entrar também a vida sexual dos perversos e a das crianças. Com outras palavras, não fizemos mais que restituir-lhe a amplitude que lhe pertence de direito. O que se entende por sexualidade fora da psicanálise é uma sexualidade absolutamente restrita, uma sexualidade posta ao serviço exclusivo da procreação, em suma o que se chama a vida sexual normal.

CAPÍTULO XXI

DESENVOLVIMENTO DA "LÍBIDO" E ORGANIZAÇÕES SEXUAIS

Tenho a impressão de não haver conseguido convencê-los, como quisera, da importância das perversões para nossa concepção da sexualidade. Vou portanto melhorar e completar, à medida do possível, o que disse a êste respeito.

Não se deve crer que seja exclusivamente pelas perversões que fomos levados a esta modificação da noção da sexualidade, que nos valeu tão violenta oposição. O estudo da sexualidade infantil contribuiu ainda mais para isto, e os resultados concordantes fornecidos pelo estudo das perversões e pelo da sexualidade infantil foram para nós decisivos. Mas as manifestações da sexualidade infantil, por mais evidentes que sejam nas crianças já um pouco crescidas, parecem entretanto a princípio vagas e indeterminadas. Os que não tomam em consideração o desenvolvimento e as relações analíticas recusar-lhes-ão todo carácter sexual, atribuindo-lhes antes um carácter indiferenciado. Não esqueçam que ainda não possuimos um sinal universalmente reconhecido, permitindo afirmar com certeza a natureza sexual de um processo; a êste respeito, só conhecemos a função de reprodução, da qual já dissemos que oferecia uma definição muito restrita. Os critérios biológicos, no gênero das periodicidades de 23 e de 28 dias estabelecidas por W. Fliess, são ainda muito discutiveis; as particularidades químicas dos processos sexuais, particularidades que suspeitamos, ainda estão á espera de ser descobertas. Ao contrário, as perversões sexuais dos adultos são algo palpável e não se prestam a nenhum equívoco. Conforme prova sua denominação geralmente admitida, fazem incontestavelmente parte da sexualidade. Quer as chamem sinais de degenerescência ou de qualquer outro modo, ninguem ainda teve coragem de classificá-las fora dos fenômenos da vida sexual. Mesmo que só houvesse as perversões, já estaríamos amplamente autorizados a afirmar que

a sexualidade e a procreação não coïncidem, pois é sabido que toda perversão constitue uma negação dos fins peculiares à procreação.

Vejo a êste respeito um paralelo que não é desprovido de interêsse. Enquanto a maioria confunde o "conciente" com o "psíquico", fomos obrigados a ampliar a noção de "psíquico" e reconhecer a existência de um psíquico que não é conciente. O mesmo se dá com a identidade que certos estabelecem entre o "sexual" e "o que se refere à procreação" ou, para abreviar, o "genital", enquanto nós não podemos deixar de admitir a existência de um "sexual" que não é "genital", que nada tem a ver com a procreação. A identidade de que nos falam é meramente formal e carece de razões profundas.

Mas si a existência das perversões sexuais traz a esta questão um argumento decisivo, como se explica que êste argumento ainda não tenha feito sentir sua força e que a questão não esteja ha muito tempo resolvida? Não poderia dizê-lo, mas parece-me que é preciso ver a causa disto no fato de as perversões sexuais serem alvo de uma proscrição particular que se repercute na teoria e se opõe ao seu estudo científico. Dir-se-ia que as pessoas vêem nas perversões uma coisa não só repugnante, mas tambem monstruosa e perigosa, que receiam ser por elas induzidos em tentação, e que no fundo são obrigadas a reprimir em si mesmas, em relação aos que se vêem dominados por tais perversões, uma inveja secreta no gênero da que confessa, na célebre paródia de Tannhâuser, o landgrave justiceiro:

"Em Venusberg, esqueceu honra e dever!
— Ai! já a nós outros tal não sucederia!"

Na realidade, os perversos são antes pobres diabos que expiam bem duramente a satisfação que têm tanta dificuldade em proporcionar-se.

O que, mau grado toda a estranheza de seu objeto e de seu fim, faz da atividade perversa uma atividade incontestàvelmente sexual, é que o ato da satisfação sexual comporta as mais das vezes um orgasmo completo e uma emissão de esperma. Isto naturalmente em pessoas adultas; na criança o orgasmo e a emissão de esperma nem sempre são possíveis; não substituídos por fenômenos aos quais nem sempre se pode atribuír com certeza um carácter sexual.

Para completar o que disse a respeito da importância das perversões sexuais, ainda faço questão de acrescentar o seguinte. Mau grado todo

o descrédito que as envolve, mau grado o abismo pelo qual se pretende separá-las da atividade sexual normal, nem por isso deixamos de ser obrigados a inclinar-nos ante a observação que nos mostra a vida sexual normal entremeada dêste ou daquele cunho perverso. O beijo já pode ser classificado de ato perverso, pois consiste na união de duas zonas bucais erógenas, no lugar de dois órgãos sexuais opostos. E, entretanto, ninguém o repele como perverso; ao contrário, toleram-no em cena como expressão velada do ato sexual. O beijo especialmente, quando é tão intenso que se acompanha, o que ainda sucede com bastante freqüência, de orgasmo e de emissão de esperma, transforma-se fácil e totalmente num ato perverso. Aliás, é fácil de constatar que inspecionar com os olhos e palpar o objeto constitue para certos indivíduos uma condição indispensável do gôzo sexual, de passo que outros, quando estão no apogeu da excitação sexual, chegam a beliscar e a morder o companheiro, e que no apaixonado em geral a excitação mais forte nem sempre é provocada pelos órgãos genitais, e sim por uma outra região qualquer do corpo amado. E poderíamos multiplicar estas constatações ao infinito. Seria absurdo excluir da categoria dos normais e considerar como perversas as pessoas que apresentam estas tendências isoladas. Antes se reconhece com uma nitidez cada vez maior que o carácter essencial das perversões consiste, não em ultrapassarem o fim sexual, ou em substituírem os órgãos genitais por outros, ou em comportarem uma variação do objeto, mas antes no caráter exclusívo e invariável dêstes desvios, caráter que os torna incompatíveis com o ato sexual como condição da procreação. Na medida em que as ações perversas só intervêm no ato sexual normal a título de preparação ou de refôrço, seria injusto qualificá-los de perversões. Subentende-se que o fosso que separa a sexualidade normal da sexualidade perversa se acha em parte nivelado pelos fatos dêste gênero. Dêstes fatos, resulta, com uma evidência incontestável, que a sexualidade normal é produto de algo que existiu antes dela, e que só se poude formar depois de ter eliminado como inutilizáveis certos dêsses materiais preexistentes e conservados os outros para subordiná-los à finalidade da procreação.

Antes de utilizar os conhecimentos que acabamos de adquirir no que se refere às perversões, para empreender, à sua luz, um novo estudo, mais aprofundado, da sexualidade infantil, faço questão de atraír a atenção dos senhores para uma importante diferença que existe entre aquelas e esta. A sexualidade perversa é geralmente centralizada de um modo perfeito, todas as manifestações de sua atividade tendem para a mesma

finalidade, que é freqüentemente única; uma de suas tendências parciais, tendo-se via de regra postado em primeiro plano, manifesta-se seja sòzinha, com exclusão das outras, seja depois de ter subordinado as outras a suas próprias intenções. A êste respeito, não existe, entre a sexualidade normal e a sexualidade perversa, outra diferença além da que corresponde à diferença existente entre suas tendências parciais dominantes e, por conseguinte, entre suas finalidades sexuais. Pode-se dizer que existe tanto numa como noutra uma tiranía bem organizada, consistindo a única diferença no partido que conseguiu apoderar-se do mando. Ao contrário, a sexualidade infantil, encarada em seu conjunto, não apresenta nem centralização, nem organização, pois todas as tendências parciais gozam dos mesmos direitos, procurando cada qual gozar por sua conta. A ausência e a existência da centralização concordam naturalmente com o fato de que as duas sexualidades, a perversa e a normal, derivam da infantil. Existem aliás casos de sexualidade perversa que apresentam uma semelhança muito maior com a sexualidade infantil, no sentido de que numerosas tendências parciais nela trabalham visando seus fins, cada qual independentemente e sem se preocupar com as outras. Seriam antes casos de infantilismo sexual, do que perversões.

Assim preparados, podemos abordar a discussão de uma pergunta que não deixarão de fazer-nos. Hão de dizer-nos: "Porquê se obstina em denominar sexualidade estas manifestações da infância que o senhor mesmo considera como imdefiniveis e que só mais tarde se tornam sexuais? Porquê, contentando-se com a simples definição fisiológica, não dirá simplesmente que se observam no lactente atividades que, tais como o ato de sugar e a retenção dos excrementos, demonstram apenas que a criança procura o prazer que pode sentir por intermédio de certos órgãos? Dizendo-o, evitaria susceptibilizar os sentimentos de seus ouvintes e leitores pela atribuição de uma vida sexual ás crianças que mal nasceram para a vida". Sem dúvida, não tenho nenhuma objecção a levantar contra a possibilidade da procura de prazeres por intermédio de tal ou tal órgão; sei que o prazer mais intenso, o que é proporcionado pela cópula, não passa de um prazer que acompanha a atividade dos órgãos sexuais. Mas poderiam dizer-me como e porquê êste prazer local, indiferente a princípio, reveste o carácter sexual que apresenta incontestavelmente nas fases de desenvolvimento ulteriores? Estaremos mais e melhor instruidos sôbre o "prazer local dos órgãos" do que sôbre a sexualidade? Responder-me-iam que o caráter sexual surge precisamente quando os órgãos genitais começam a representar seu papel, quando o sexual

coíncide e se confunde com o genital. E refutariam a objeção que eu poderia tirar da existência das perversões, dizendo-me que no fim de contas a finalidade da maior parte das perversões consiste em obter o orgasmo genital, si bem que por um outro meio que não o ajuntamento dos órgãos genitais. Com efeito, melhoram sensivelmente sua posição pelo fato de eliminarem da característica do sexual as relações que êste apresenta com a procreação e que são incompatíveis com as perversões. Regeitam assim a procreação para o segundo plano, afim de concederem o primeiro lugar à atividade genital pura e simples. Mas então as divergências que nos separam são menores do que os senhores pensam: colocamos muito simplesmente os órgãos genitais ao lado de outros órgãos. Que fazem entretanto das numerosas observações que mostram que os órgãos genitais, como fonte de prazer, podem ser substituidos por outros órgaos, como no beijo normal, como nas práticas perversas dos debochados, como na sintomatologia dos histéricos ? Na histeria, especialmente, sucede à miude que fenômenos de excitação, sensaçoes e inervaçoes, e mesmo os processos de erecção, se acham deslocados dos órgãos genitais para outras regioes do corpo, muitas vezes bem distantes (a cabeça e o rosto, por exemplo). Assim convencidos de que nada lhes resta que possam conservar para a característica do que chamam sexual, serão com efeito obrigados a seguir meu exemplo e estender a denominação "sexual" às atividades da primeira infância em busca de gozos locais que tal ou tal órgão é susceptível de proporcionar.

E acharão que eu tenho toda razão si tomarem em conta as duas considerações seguintes. Conforme sabem, qualificamos de sexuais as atividades duvidosas e indefiníveis da primeira infância que tem o prazer por objetivo, porque fomos conduzidos a esta maneira de ver por materiais de natureza incontestàvelmente sexual, fornecidos pela análise dos sintomas. Mas si êsses materiais são de natureza incontestàvelmente sexual, dir-me-ão os senhores, disto não resulta que as atividades infantis orientadas para a procura do prazer sejam igualmente sexuais. De acôrdo. Tomem entretanto um caso análogo. Imaginem que não tenhamos nenhum meio de observar o desenvolvimento de duas plantas monocotiledôneas, tais como a pereira e a fava, a partir de suas respetivas sementes, mas que possamos nos dois casos seguir seu desenvolvimento no sentido inverso, isto é, começando pelo indivíduo vegetal completamente formado, para acabar pelo embrião primitivo que só tem dois cotilédones. Êstes últimos parecem indiferentes e são idênticos nos dois casos. Devemos concluir que se trata de uma identidade real e que a diferença

especifica existente entre a pereira e a fava só aparece mais tarde, no correr do crescimento? Não é mais correto, do ponto de vista biológico, admitir que esta diferença já existe nos embriões, mau grado a identidade aparente dos cotilédones? E' o que fazemos, denominando sexual o prazer proporcionado pelas atividades do lactente. Quanto a saber si todos os prazeres proporcionados pelos órgãos devem ser qualificados de sexuais ou si ha, ao lado do prazer sexual, um prazer de uma natureza diferente —, é uma questão que não posso discutir aqui. Sei pouca coisa sôbre o prazer proporcionado pelos órgãos e sôbre suas condições, e não ha nada de admirar si nossa análise regressiva vem ter em último lugar a fatores ainda indefiníveis.

Mais uma observação! Bem consideradas as coisas, os senhores não ganhariam grande coisa em favor de sua afirmação da pureza sexual da criança, mesmo que conseguíssem convencer-me de que ha boas razões para não considerar como sexuais as atividades do lactente. E' que, a partir do terceiro ano, a vida sexual da criança já não apresenta a menor dúvida. Desde essa idade, os órgãos genitais tornam-se susceptíveis de reação e observamos então freqüentemente um periodo de masturbação infantil, e portanto de satisfação sexual. As manifestações psíquicas e sociais da vida sexual não se prestam a nenhum equívoco: escolha de objeto, preferência afectiva concedida a tal ou tal pessoa, decisão mesmo em favor de um sexo, com exclusão do outro, ciume, tais são os fatos que foram constatados por observadores imparciais, fora da psícanálise e antes dela, e que podem ser verificados por todos os que têm a boa vontade de ver. Dir-me-ão que nunca puseram em dúvida o despertar precoce da ternura, mas que duvidam apenas de seu caráter "sexual". Decerto, na idade de 3 a 8 anos as crianças já aprenderam a dissimular êste carácter, mas, observando atentamente os senhores descobrirão numerosos indícios das intenções "sensuais" desta ternura e o que lhes escapar no correr de suas observações diretas sobressairá fàcilmente numa investigação analítica. Os fins sexuais dêste período da vida estão intimamente ligados à exploração sexual que preocupa as crianças na mesma época e de que lhes citei alguns exemplos. O carácter perverso de alguns dêstes fins explica-se naturalmente pela imaturidade constitucional da criança que ainda não descobriu o fim a que serve o ato da cópula.

Entre o sexto e o oitavo ano aproximadamente, o desenvolvimento sexual sofre uma parada ou regressão que, nos casos socialmente mais favoráveis, merece o nome de período de latência. Esta latência também

pode faltar; em todo caso, não acarreta fatalmente uma interrupção completa da atividade e dos interêsses sexuais. A maior parte dos acontecimentos e tendências psíquicas, anteriores ao período de latência, são então tomados de amnesia infantil, caem nêsse esquecimento de que já falámos e que nos oculta e nos torna estranha nossa primeira infância. A tarefa de toda psicanálise consiste em fazer reviver a recordação dêste período esquecido da vida, e não podemos deixar de suspeitar que a razão dêste esquecimento reside nos começos da vida sexual que coïncide com êste período, e que o esquecimento é, por conseguinte, efeito do recalcamento.

A partir do terceiro ano, a vida sexual da criança apresenta muitas analogias com a do adulto, só se distinguindo desta pela ausência de uma sólida organização sob a primazia dos órgãos genitais, por seu caráter incontestàvelmente pervertido e, naturalmente, pela menor intensidade do instinto em seu conjunto. Mas as fases mais interessantes, do ponto de vista teórico, do desenvolvimento sexual ou, como diríamos, do desenvolvimento da líbido, são as que precedem êsse período. Esse desenvolvimento realiza-se com uma rapidez tal, que a observação direta provàvelmente jamais conseguiria fixar suas imagens fugazes. Foi sómente graças ao estudo psicanalítico das neuroses que nos vimos em condições de descobrir fases ainda mais recuadas do desenvolvimento da líbido. Sem dúvida, isto não passa de construções, mas o exercício prático da psicanálise lhes demonstrará que estas construções são necessárias e úteis. E dentro em pouco compreenderão porquê a patologia está em condições de descobrir aqui fatos que forçosamente nos escapam nas condições normais.

Podemos agora dar-nos conta do aspeto que reveste a vida sexual da criança, antes que se firme a primazia dos órgãos genitais, primazia que se prepara durante a primeira época infantil que precede o período de latência e começa a organizar-se sólidamente a partir da puberdade. Existe, durante todo êste primeiro periodo, uma espécie de organização mais frouxa que chamaremos *pregenital*. Mas nesta fase não são as tendências genitais parciais, mas as tendências *sádicas* e *anais* que ocupam o primeiro plano. A oposição entre *masculino* e *feminino* ainda não desempenha nenhum papel; em seu lugar, encontramos a oposição entre *ativo* e *passivo*, oposição que se pode considerar como anunciadora da polaridade sexual, com a qual aliás se confunde mais tarde. O que, nas atividades desta fase, se nos depara como masculino, pôsto que nos colocamos do ponto de vista da fase genital, revela-se como expressão de

uma tendência ao domínio que cedo degenera em crueldade. Tendências à finalidade passiva ligam-se à zona erógena do anus, que, nesta fase. representa importante papel. O desejo de ver e saber afirma-se imperiosamente; o fator genital só participa na vida sexual na qualidade de órgão de excreção da urina. Não são os objetos que fazem falta às tendências parciais desta fase, mas êstes objetos não se reúnem forçosamente de modo a formarem apenas um só. A organização sádica-anal constitue a última fase preliminar que precede aquela em que se afirma a primazia dos órgãos genitais. Um estudo um pouco aprofundado mostra quantos elementos desta fase preliminar entram na constituição do aspecto definitivo ulterior e por que meios as tendências particulares são levadas a enquadrar-se em a nova organização genital. Além da fase anal-sádica do desenvolvimento da *líbido*, percebemos um estado de organização ainda mais primitivo em que é a zona mais erógena bucal que desempenha o principal papel. Podem constatar que o que caracteriza ainda êste estado é a atividade sexual expressa pela ação de sugar, e hão de admirar a profundeza e o espírito de observação dos antigos egípcios, cuja arte representa a criança, entre outros o divino Horus, com o dedo na boca. Abraham nos disse recentemente quão profundos são os vestígios dessa fase primitiva oral que encontramos em toda a vida sexual ulterior.

Receio bastante que tudo o que acabo de lhes dizer sôbre as organizações sexuais os tenha fatigado, ao envez de instrí-los. E' possível que me tenha excessivamente embrenhado em minúcias. Mas tenham paciência; chegará a ocasião em que se darão conta da importância do que acabam de ouvir, pelas aplicações que iremos fazendo ulteriormente. Por enquanto, tenham por adquirido que a vida sexual ou, como nós o dizemos, a função da líbido, longe de surgir já feita, longe mesmo de se desenvolver, conservando-se semelhante a si mesma, atravessa uma série de fases sucessivas, entre as quais não existe a menor semelhança. Apresenta, por conseguinte, um desenvolvimento que se repete várias vezes, como o que se estende da crisálida à borboleta. A chave do desenvolvimento é constituida pela subordinação de todas as tendências sexuais parciais à primazia dos órgãos genitais, e portanto pela submissão da sexualidade à função de procreação. Temos a princípio uma vida sexual incoerente composta de um grande número de tendências parciais que exercem sua atividade independentemente umas das outras, visando o prazer local proporcionado pelos órgãos. Esta anarquia é mitigada pelas predisposições às organizações "pregenitais" que levam à fase anal-sádica,

através da fase oral, que é talvez a mais primitiva. Acrescentem a isto os diversos processos, ainda insuficientemente conhecidos, que asseguram a passagem de uma fase de organização à fase seguinte e superior. Veremos dentro em breve a importância que pode ter, do ponto de vista da concepção das neuroses, êste desenvolvimento longo e gradual da líbido.

Hoje vamos encarar ainda um outro lado dêste desenvolvimento, a saber as relações que existem entre as tendências parciais e o objeto. Ou, antes, lançaremos a êste desenvolvimento uma rápida vista de olhos, para nos determos mais longamente num de seus resultados bastante tardios.

Alguns dos elementos constitutivos do instinto sexual tem desde o início um objeto que mantêm com força; tal é o caso da tendência a dominar (sadismo), do desejo de ver e saber. Outras, que se relacionam mais manifestamente com certas zonas erógenas do corpo, só têm um objeto no princípio, enquanto ainda se apoiam nas funções não sexuais, e a êle renunciam quando se destacam destas funções. E' assim que o primeiro objeto do elemento bucal do instinto sexual é constituído pelo seio materno, que satisfaz a necessidade de nutrição da criança. O elemento erótico, que tirava sua satisfação do seio materno, ao mesmo tempo que a criança satisfazia sua fome, conquista sua independência no ato de sugar que lhe permite destacar-se de um objeto estranho e substituí-lo por um órgão ou uma região do próprio corpo da criança. A tendência bucal torna-se *auto-erótica*, como o são desde o início as tendências anais e outras tendências erógenas. O desenvolvimento ulterior visa, para exprimir-nos o mais sucintamente possível, dois fins: 1.º renunciar ao auto-erotismo, substituir o objeto que faz parte do próprio corpo do indivíduo por um outro que lhe seja estranho e exterior; 2.º unificar os diferentes objetos das diversas tendências e substituí-los por um só e único objeto. Êste resultado só pode ser obtido si êsse objeto único é por sua vez um corpo completo, semelhante ao seu próprio corpo. Da mesma fôrma só pode ser obtido com a condição de que um certo número de tendências sejam eliminadas como não utilizáveis.

Os processos que levam à escolha de tal ou tal objeto são bastante complicados e ainda não foram descritos de modo satisfatório. Bastar-nos-á fazer ressaltar o fato de que quando o ciclo infantil, que precede o periodo de latência, está em certa medida concluído, o objeto escolhido é mais ou menos idêntico ao do prazer bucal do período precedente. Êsse objeto, si não é mais o seio materno, continua entretanto sendo a mãe. Logo, dizemos desta que é o primeiro objeto de *amor*. Falamos especialmente de amor, quando as tendências psíquicas do instinto sexual

vêm ocupar o primeiro plano, enquanto as exigências corporais ou "sensuais", que formam a base dêste instinto, são recalcadas ou momentâneamente esquecidas. Na época em que a mãe se torna um objeto de amor, já está iniciado o trabalho psíquico do recalcamento na criança, trabalho em conseqüência do qual uma parte dos seus fins sexuais se acha subtraída à conciência. A esta escolha, que faz da mãe um objeto de amor, se refere tudo o que, sob o nome de *complexo de Edipo*, adquiriu tão grande importância na explicação psicanalítica das neuroses e foi talvez uma das causas determinantes da resistência que se manifestou contra a psicanálise.

Escutem êste pequeno fato que ocorreu durante a última guerra. Um dos bravos partidarios da psicanálise foi mobilizado como médico nalguma parte da Polônia e atraíu a atenção dos colegas pelos resultados inesperados que obtêve num doente. Interrogado, confessa que se serve dos métodos da psicanálise e declara-se inteiramente disposto a iniciar nessa ciência os seus colegas. Todas as noites, os médicos do corpo, colegas e superiores, reúnem-se para instruír-se nas misteriosas teorias da análise. Tudo corre bem durante certo tempo, até o dia em que nosso pisicanista fala aos seus ouvintes do *complexo de Édipo*. Um superior levanta-se então e diz que não acredita em nada disto, que é inadmissível que se contem tais coisas a gente direita, pais de família, que combatem pela pátria. E acrescenta que interdiz dessa data em diante qualquer conferência sôbre a psicanálise. Nada mais. Nosso analista foi obrigado a pedir transferência para um outro sector. Quanto a mim, creio que seria uma grande infelicidade si, para vencer, os alemães precisassem de uma tal "organização" da ciência, e estou persuadido de que a ciência alemã não a suportaria por muito tempo.

Estão sem dúvida impacientes por saber em que consiste êste terrível *complexo de Édipo*. O nome em si já lhes permite adivinhá-lo. Conhecem todos a lenda grega do rei Édipo que foi votado pelo destino a matar o pai e desposar a mãe. Faz tudo o que pode para escapar à predição do oráculo e, não o conseguindo, pune-se vasando os próprios olhos, ao verificar que, sem o saber, cometeu os dois crimes que lhe foram preditos. Supondo que muitos dos senhores foram abalados por uma violenta emoção à leitura da tragédia em que Sófocles tratou dêste tema. A obra do poeta ático nos expõe como o crime cometido por Édipo foi pouco a pouco desvendado em conseqüência de um inquérito artificialmente retardado e constantemente reanimado por novos indícios: nêste ponto, sua explanação apresenta certa semelhança com os tramites de uma psica-

nálise. Sucede no correr do dialogo que Jocasta, a mãe-esposa cega pelo amor, se opõe ao prosseguimento da investigação. Para justificar sua oposição, invoca o fato de que muitos homens têm sonhado que vivem com sua mãe, mas os sonhos não merecem nenhuma consideração. Nós não desprezamos os sonhos, sobretudo os sonhos típicos, os que são tidos por muitos homens, e estamos persuadidos de que o sonho mencionado por Jocasta se liga intimamente ao conteúdo singular e horrendo da lenda.

E' espantoso que a tragédia de Sófocles não provoque no ouvinte o menor movimento de indignação, emquanto as inofensivas teorias de nosso bravo médico militar suscitaram uma reprovação que era muito menos justificada. Esta tragedia é no fundo uma peça imoral, porque suprime a responsabilidade do homem, atribue aos poderes divinos a iniciativa do crime e revela a impotência das tendências morais do homem para resistír às inclinações criminosas. Nas mãos de um poeta como Eurípedes que vivia zangado com os deuses, a tragédia de Édipo fàcilmente se tornaria um pretêxto para recriminações contra os deuses e contra o destino. Mas no crente Sófocles não se podia cogitar de recriminações; êle tira-se da dificuldade por uma piedosa subtileza, proclamando que a suprema moralidade exige a obediência à vontade dos deuses, mesmo quando ordenam o crime. Não acho que esta moral constitua uma das fôrças da tragédia, mas em nada influe sôbre o efeito desta. Não é a esta moral que o ouvinte reage, mas ao sentido e ao conteúdo misterioso da lenda. Reage como si em si próprio encontrasse, pela auto-análise, o *complexo de Édipo;* como si percebesse, na vontade dos deuses e no oráculo, fantasias idealizadas de seu próprio inconciente; como si se lembrasse com horror de ter sentido êle mesmo o desejo de afastar o pai e desposar a mãe. A voz do poeta parece dizer-lhe: "Debalde te ergues contra tua responsabilidade, e é em vão que invocas tudo o que fizeste para reprimir essas intenções criminosas. Tua falta não persiste menos por isto, pôsto que não soubeste suprimir tais intenções: elas permanecem intactas em teu inconciente". E aí ha uma verdade psicológica. Mesmo quando, tendo recalcado suas tendências ruins no inconciente, o homem crê poder dizer que não é responsável por elas, nem por isso deixa de sentir essa responsabilidade como um sentimento de pecado, cujos motivos ignora.

E' absolutamente certo que devemos ver no *complexo de Édipo* uma das principais fontes dêsse sentimento de remorsos que tão freqüentemente atormenta os neuróticos. Melhor aínda: num estudo sôbre os começos da religião e da moral humanas, que publiquei em 1913 sob o título "Totem e Tabú", emitia a hipótese de que foi o *complexo de Édipo* que

sugeriu à humanidade em conjunto, no início de sua história, a conciência de sua culpabilidade, essa fonte extrema da religião e da moralidade. Poderia dizer-lhes muita coisa a êste respeito, mas prefiro abandonar êste tema. E' difícil mudar de assunto quando começamos a tratar dêle, e tenho pressa de voltar à psicologia individual.

Que nos revela pois do *complexo de Édipo* a observação direta da criança na época da escolha do objeto, antes do período de latência? Vê-se fàcilmente que o homenzinho quer ter a mãe só para êle, que a presença do pai o contraria, que se zanga quando êste manifesta à mãe provas de ternura, que não oculta sua satisfação quando o pai está ausente ou partiu em viagem. Exprime muitas vezes de viva voz seus sentimentos, promete à mãe desposá-la. Dir-se-á que são infantilidades em comparação com as façanhas de Édipo, mas como fatos bastam e representam estas façanhas em embrião. Freqüentemente nos vemos despistados pela circunstância de que a mesma criança demonstra, noutras ocasiões, uma grande ternura em relação ao pai; mas essas atitudes sentimentais opostas ou antes *ambivalentes* que, no adulto, fatalmente entrariam em conflito, concluiam-se perfeitamente, e durante muito tempo, na criança, como vivem em seguida lado a lado, e de um modo durável, no inconciente. Dir-se-ia talvez que a atitude do menino se explica por motivos egoístas e não autoriza absolutamente a hipótese de um complexo erótico. E' a mãe que vela por todas as necessidades da criança, a qual tem aliás todo interêsse em que nenhuma outra pessoa cuide disso. Sem dúvida é verdade, mas imediatamente percebemos que nesta situação, como em muitas outras análogas, o interêsse egoísta constitue apenas o ponto de inserção da tendência erótica. Quando a criança manifesta para com a mãe uma curiosidade sexual pouco dissimulada, quando insiste em dormir de noite a seu lado, quando quer a todo custo vê-la mudar de roupa e usa mesmo de meios de sedução que não escapam à mãe, que fala nisso rindo, a natureza erótica do apêgo à mãe parece fora de dúvida. Não se deve esquecer que a mãe cerca dos mesmos cuidados a filhinha sem provocar o mesmo efeito, e que muitas vezes o pai rivaliza com ela em atenções ao garoto, sem conseguir adquirir aos olhos dêste a mesma importância. Em suma, não ha argumento crítico mercê do qual se possa eliminar da situação a preferência sexual. Do ponto de vista do interêsse egoísta, não seria mesmo inteligente da parte do menino apegar-se a uma só pessoa, isto é à mãe, quando poderia fàcilmente ter dois em sua devoção: a mãe e o pai.

Hão de observar que só expus a atitude do menino em relação ao pai e à mãe. A da menina é, salvo certas modificações necessárias, perfeitamente idêntica. A terna afeição pelo pai, a necessidade de afastar a mãe, cuja presença é considerada estrovante, uma garridice que já põe em ação os meios de que dispõe a mulher, formam na menina um quadro encantador que nos faz esquecer a seriedade e as graves conseqüências possíveis desta situação infantil. Acrescentemos sem tardar que os próprios pais exercem freqüentemente uma influência decisiva sôbre a aquisição pelos filhos do *complexo de Édipo*, cedendo por sua vez à atração sexual, o que faz que, nas famílias onde ha várias crianças, o pai prefira manifestamente a filha, de passo que toda a ternura da mãe se volta para o filho. Mau grado sua importância, êste fator não constitue entretanto um argumento contra a natureza espontânea do complexo de Édipo na criança. Êste complexo, ampliando-se, torna-se o "complexo familial", quando a família aumenta pelo nascimento de outras crianças. Os que nasceram antes vêem nisso uma ameaça aos seus direitos adquiridos; eis porquê os novos irmãos e irmãs são acolhidos com pouca solicitude e com o desejo formal de vê-los desaparecer. Êsses sentimentos de ódio são mesmo expressos verbalmente pelas crianças muito mais freqüentemente do que os inspirados pelo complexo em relação aos pais. Quando o mau desejo da criança se realiza e a morte arrebata ràpidamente o que foi considerado como intruso, pode-se constatar, graças a uma análise ulterior, que importante acontecimento esta morte foi para a criança, que entretanto pode muito bem não ter guardado dela a menor recordação. Rejeitada para o segundo plano pelo nascimento de um irmão, quasi desdenhada a princípio, a criança dificilmente esquece êsse abandono; isto faz nascer nela sentimentos que, quando existem no adulto, fazem-no ser qualificado de rude, e êste sentimentos podem tornar-se o ponto de partida de uma frieza duradoura para com a mãe. Já dissemos que as pesquisas sôbre a sexualidade, com todas as suas conseqüências, se referem precisamente a esta experiência da vida infantil. À medida que os irmãos crescem, a atitude da criança para com êles sofre as mais significativas mudanças. O mesmo pode transferir à irmã o amor que antes sentira pela mãe, cuja infidelidade o feriu tão profundamente; desde o "quarto das crianças", vemos nascer, entre vários irmãos que rodeiam solícitos a jovem irmã, essas situações de uma hostil rivalidade que desempenham tão grande papel na vida ulterior. A menina substitue o irmão mais velho ao pai, que já não lhe dedica a mesma ternura de outrora, ou então substitue sua irmã mais moça ao filho que tanto desejara do pai.

Tais são os fatos, e eu poderia citar muitos outros análogos, que revelam a observação direta das crianças e a interpretação imparcial de suas recordações que ressaltam com grande nitidez, sem terem sido de maneira alguma influenciados pela análise. Dêstes fatos, os senhores tirarão, entre outras, a conclusão de que o lugar ocupado por uma criança numa família composta de várias tem uma grande importância para a conformação de sua vida ulterior, e deveria ser levado em conta em toda biografia. Mas, e isto é muito mais importante, em presença desta explicações que se obtêm sem dificuldade e sem esfôrço, os senhores não poderão recordar sem rir todos os esforços que a ciência tem feito para dar conta da proïbição do incesto. Não nos disseram que a vida em comum remontando à infância é de molde a desviar a atração sexual infantil dos membros da família do sexo oposto; ou que a tendência biológica a evitar cruzamentos consanguíneos encontra seu complemento psíquico no horror inato do incesto? Ao dizê-lo, esqueciam apenas que si a tentação incestuosa tivesse realmente na natureza barreiras seguras e intransponíveis, não teria havido necessidade de proïbí-la por leis implacáveis e pelos costumes. O contrário é que é verdadeiro. O primeiro objeto em que se concentra o desejo incestuoso do homem é de natureza incestuosa — a mãe ou a irmã —, e é apenas à fôrça de proïbições da máxima severidade que se consegue reprimir esta inclinação infantil. Entre os primitivos que ainda existem, nos povos selvagens, as proïbições de incesto são ainda mais severas do que entre nós, e Th. Reik demonstrou recentemente, num trabalho brilhante, que os ritos da puberdade que existem entre os selvagens e que representam uma ressurreição, têm por fim romper o laço incestuoso que liga o menino à mãe e operar sua conciliação com o pai.

A mitologia nos demonstra que os homens não hesitam em atribuir aos deuses o incesto que a êles mesmos causa horror, e a história antiga nos ensina que o casamento incestuoso com a irmã era (entre os antigos faraós, entre os incas do Perú) um mandamento sagrado. Tratava-se, pois, de um privilégio interdito ao comum dos mortais.

O incesto maternal é um dos crimes de Édipo, o assassínio do pai é o seu outro crime. Digamos de passagem que são os dois grandes crimes que já eram condenados pela primeira instituïção religiosa e social dos homens, o totemismo. Passemos agora da observação direta da criança ao exame analítico do adulto neurótico. Quais são as contribuições dêste exame a uma análise mais aprofundada do complexo de E'dipo? Podem ser definidas muito fàcilmente. Êle nos apresenta êste

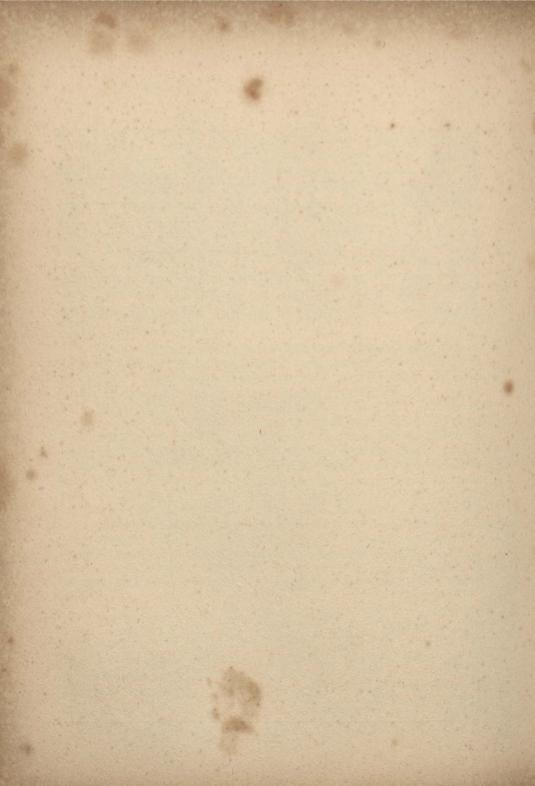
complexo tal como nos é exposto pela lenda; demonstra-nos que cada neurótico foi uma espécie de E'dipo ou, o que dá na mesma, se tornou um Hamleto reagindo contra êsse complexo. E' óbvio que a representação analítica do *complexo de E'dipo* não é mais que um acréscimo e um aumento do esboço infantil. O ódio ao pai, o desejo de vê-lo morrer, não são mais notados por tímidas alusões. A ternura pela mãe tem por fim confesso possuí-la como espôsa. Temos o direito de atribuir à tenra infância êstes sentimentos crus e extremos, ou é a análise que nos induz em êrro, pela intervenção de um fator novo? Aliás não é difícil descobrir êsse fator. Todas as vezes que um homem fala do passado, mesmo tratando-se de um historiador, devemos tomar em consideração tudo o que êle introduz, sem intenção, do presente ou do intervalo que separa o passado do presente, no período de que se ocupa e cujo quadro falseia desta sorte. No caso do neurótico, é mesmo lícito indagar si está confusão entre o passado e o presente é perfeitamente involuntária; verificaremos mais tarde os motivos desta confusão, e teremos em geral de explanar êste jôgo de imaginação que se exerce sôbre os acontecimentos e os fatos de um passado remoto. Vemos também sem dificuldade que o ódio ao pai é reforçado por numerosos motivos fornecidos por épocas, e circunstâncias posteriores, que os desejos sexuais tendo por objeto a mãe revestem formas que ainda deviam ser desconhecidas e estranhas à criança. Mas seria um esfôrço baldado querer explicar o complexo de E'dipo em conjunto por um jôgo retrospetivo de imaginação, que introduz no passado elementos tirados do presente. O neurótico adulto conserva o núcleo infantil com alguns de seus acessórios, tais como os que nos são revelados pela observação direta da criança.

O fato clínico, que se nos depára detrás da forma analíticamente estabelecida do complexo de E'dipo, apresenta uma importância prática muito grande. Verificamos que na puberdade, quando o instinto sexual se afirma em toda a sua pujança, os antigos objetos familiares e incestuosos são retomados e providos de um carácter libidinoso. A escolha do objeto pela criança era apenas um prelúdio tímido, mas decisivo, à orientação da escolha na puberdade. Nêste momento se realizam processos afectivos muito intensos, orientados seja para o complexo de E'dipo, seja para uma reação contra êsse complexo, mas as premissas dêsses processos, sendo inconfessáveis, devem em sua mor parte ser subtraídas à conciência. A partir dessa época, o indivíduo humano acha-se em face de uma grande tarefa, que consiste em destacar-se dos

pais; e é só depois de ter cumprido essa tarefa que poderá deixar de ser uma criança, para tornar-se membro da coletividade social. A tarefa do filho consiste em destacar da mãe seus desejos libidinais, para transportá-los a um objeto real estranho, em reconciliar-se com o pai, si lhe guardou certa hostilidade, ou em emancipar-se de sua tirania, quando, como reação contra sua revolta infantil, fizeram dêle um escravo submisso. Estas tarefas se impõem a todos e a cada um; e é de notar que raramente se consegue realizá-las de um modo ideal, isto é, com uma correção psicológica e social perfeita. Quanto aos neuróticos, falham totalmente nessas tarefas, ficando o filho toda a vida curvado sob a àutoridade do pai e incapaz de transferir sua líbido a um objeto sexual estranho. Tal pode ser igualmente, *mutatis mutandis*, a sorte da filha. E' nêste sentido que o "complexo de E'dipo" pode ser considerado como o núcleo das neuroses.

Decerto adivinham que afasto ràpidamente grande número de pormenores, tanto práticos como teóricos, relacionados com o "complexo de E'dipo". Não insistirei igualmente sôbre suas variações e inversão possível. No que concerne a suas relações mais remotas, direi apenas que êle foi uma fonte abundante de produção poética. Otto Rank mostrou, num livro meritório, que os dramaturgos de todos os tempos têm retirado seus materiais principalmente do "complexo de E'dipo" e do complexo do incesto, assim como de suas variações mais ou menos veladas. Mencionemos ainda que os dois desejos criminosos que fazem párte dêsse complexo foram reconhecidos, muito tempo antes da psicanálise, como sendo os desejos representativos da vida instintiva sem freio. No diálogo do célebre enciclopedista Diderot intitulado: *Le neveu de Rameau*, do qual o próprio Goethe nos deu uma versão alemã, encontra-se a notavel passagem que segue: "Si o pequeno selvagem fosse abandonado a si mesmo, conservando toda a sua imbecilidade e reünindo à pouca razão da criança de berço a violência das paixões do homem de trinta anos, torceria o pescoço ao pai e deitar-se-ia com a mãe."

Mas ha um pormenor que não devo omitir. Não foi debalde que a espôsa-mãe de E'dipo, nos fez pensar no sonho. Lembram-se ainda do resultado de nossas análises de sonhos, a saber que os desejos formadores de sonhos são à-miude de natureza perversa, incestuosa, ou revelam uma hostilidade não suspeitada em relação a pessoas muito próximas e amadas? Não explicámos então a orígem dessas tendências más. Agora, esta explicação se nos impõe, sem que nos tivésse-

mos dado o trabalho de procurá-la. Trata-se nem mais nem menos de produtos da líbido e de certas deformações de objetos que, datando dos primeiros anos da infância e desaparecidos ha muito tempo da conciência, ainda revelam sua existência durante a noite e se mostram em certa medida capazes de exercer uma ação. Ora, como todos os homens têm dêsses sonhos perversos, incestuosos, crueis, não constituindo por conseguinte êsses sonhos monopólio de neuróticos, estamos autorizados a concluir que o desenvolvimento dos normais se realizou igualmente através das perversões e deformações de objetos características do "complexo de E'dipo", que é preciso ver nisso o modo de desenvolvimento normal e que os neuróticos só apresentam em maior escala o que a análise dos sonhos também nos revela nos homens sãos. Eis uma das razões por que fizemos o estudo dos sonhos preceder o dos sintomas neuróticos.

CAPÍTULO XXII

PONTOS DE VISTA DO DESENVOLVIMENTO

E DA REGRESSÃO. — ETIOLOGIA

Acabamos de verificar que a função da líbido passa por uma longa evolução até atingir a fase dita normal, que é aquela em que se põe a serviço da procreação. Quisera dizer-lhes hoje o papel que êste fato representa na determinação das neuroses.

Creio estar de acôrdo com o que ensina a patologia geral, admitindo que êste desenvolvimento comporta dois perigos: o da *parada* e o da *regressão*. Isto significa que, dada a tendência a variar que apresentam os processos biológicos em geral, pode suceder que nem todas as fases preparatórias sejam corretamente percorridas e inteiramente ultrapassadas; certas partes da função, podem demorar-se de um modo durável, numa ou noutra destas primeiras fases, e o conjunto do desenvolvimento apresentará por isso um certo grau de parada.

Procuremos noutros domínios algumas analogías para êste fato. Quando todo um povo abandona seu habitat, para procurar um novo, o que se produzia freqüentemente nas épocas primitivas da história humana, certamente não atinge em sua totalidade o novo país. Abstração feita de outras causas de defecção, freqüentemente deve ter sucedido que pequenos grupos ou associações de imigrantes, chegados a um lugar, aí se fixassem, enquanto o grosso do povo seguia seu caminho. Ora, para tomar uma comparação mais próxima, os senhores sabem que nos mamíferos superiores, as glândulas germinais que, a princípio, estão situadas na profundidade da cavidade abdominal, passam, num dado momento da vida intra-uterina, por uma deslocamento que os transporta quasi imediatamente sob a pele da parte terminal da bacia. Como conseqüência desta emigração encontramos um grande número de

indivíduos nos quais um dêstes dois órgãos ficou na cavidade abdominal, ou se localizou definitivamente no canal chamado inguinal, que as duas glândulas devem transpôr normalmente, ou nos quais um dêsses canais ficou aberto, quando nos casos normais todos os dois devem tornar-se impermeáveis depois da passagem das glândulas. Quando, jovem estudante ainda, eu executava meu primeiro trabalho científico sob a direção de Von Brücke, tive de me ocupar da orígem das raízes nervosas posteriores da medula de um peixe de forma ainda muito arcaica. Verifiquei que as fibras nervosas destas raízes emergiam de grandes células situadas no corno posterior, o que já não se observa nos outros vertebrados. Mas não tardei a descobrir igualmente que estas células nervosas se acham igualmente fora da substância cinzenta e ocupam todo o trajeto que se estende até o gânglio chamado espinal da raíz posterior; donde conclúo que as células dêsses grupos ganglionares emigraram da medula espinal para se virem colocar ao longo do trajeto radicular dos nervos. Confirma-o a história da evolução; mas no pequeno peixe que foi objeto de minhas pesquisas, o trajeto da migração era marcado por células que ficaram no caminho. Num exame aprofundado, os senhores encontrarão fàcilmente os pontos fracos destas comparações. Por isso lhes direi diretamente que, no que concerne a cada tendência sexual, é, a meu ver, possível que certos de seus elementos se tenham demorado em fases de desenvolvimento anteriores, enquanto outros alcançaram a meta final. Fica bem entendido que concebemos cada uma destas tendências como uma corrente que avança sem interrupção desde o começo da vida e que usamos de um processo até certo ponto artificial quando a decompomos em varios surtos sucessivos. Têm razão de pensar que estas representações precisam ser esclarecidas, mas é um trabalho que nos levaria muito longe. Limito-me a preveni-los de que chamo *fixação* (da tendência, bem entendido) o fato de uma tendência parcial haver estacado numa fase anterior.

O segundo perigo dêste desenvolvimento gradativo consiste em que os elementos mais avançados podem, por um movimento retrógrado, voltar por sua vez a uma dessas fases anteriores: a isto chamamos *regressão*. A regressão tem lugar quando, em sua forma mais avançada, uma tendência tropeça, no exercício de sua função, isto é, na realização de sua satisfação, em grandes obstáculos exteriores. Tudo leva a crer que fixação e regressão não são independentes uma da outra. Quanto mais forte for a fixação no correr do desenvolvimento, mais

fácil será à função escapar às dificuldades exteriores pela regressão aos elementos fixados e menos a função formada estará em estudo de resistir aos obstáculos exteriores que encontrar em seu caminho. Quando um povo em marcha deixou no caminho fortes destacamentos, as fracções mais avançadas terão grande tendência, quando forem derrotadas ou encontrarem um inimigo demasiado forte, a voltar sôbre seus passos para se refugiarem juntos a êsses destacamentos. Mas essas fracções avançadas também terão tanto mais probabilidade de ser batidas quanto mais numerosos forem os elementos que ficaram para trás.

Para compreender bem as neuroses, é muito importante não perder de vista esta relação entre a fixação e a regressão. Assim se adquire um ponto de apôio seguro para abordar o exame, que vamos empreender, da questão relativa à determinação das neuroses, à etiologia das neuroses.

Ocupemo-nos ainda um momento da regressão. De acôrdo com o que aprenderam a respeito do desenvolvimento da função da líbido, devem esperar a existência de duas espécias de regressão: volta aos primeiros objetos visados pela líbido e que são, conforme sabemos, de natureza incestuosa; volta de toda a organização sexual a fases anteriores. Ambos gêneros de regressão se observam nas neuroses de transferência, em cujo mecanismo desempenham importante papel. E' sobretudo a volta aos primeiros objetos da líbido que se observa nos neuróticos com uma regularidade cansativa. Haveria muito mais que dizer sôbre as regressões da líbido, si tomássemos em consideração um outro grupo de neuroses, especialmente as neuroses chamadas narcísicas. Mas não é nossa intenção falarmos delas aqui. Essas afecções nos põem ainda em presença de outros modos de desenvolvimento, ainda não mencionados, e também nos mostram novas formas de regressão. Creio entretanto dever agora pô-los em guarda contra uma confusão possível entre *regressão* e *recalcamento*, e ajudá-los a formar uma idéia clara das relações que existem entre êstes dois processos. O recalcamento é, si os senhores se lembram, o processo mercê do qual um ato capaz de tornar-se conciente, isto é, fazendo parte da pre-conciência, se torna inconciente. E ainda ha recalcamento, quando o ato psíquico inconciente nem siquer é admitido no sistema preconciente vizinho, porque a censura o detém na passagem e o faz voltar atrás. Não existe nenhuma relação entre a noção do recalcamento e a de sexualidade. Chamo muito particularmente a atenção dos senhores para êste fato. O recalcamento é um processo puramente psicológico que caracterizaremos ain-

da melhor qualificando-o de *tópico*. Queremos dizer com isto que a noção de recalcamento é uma noção espacial, em relação com nossa hipótese dos compartimentos psíquicos ou, si queremos renunciar a esta grosseira representação auxiliar, diremos que decorre do fato de o aparêlho psíquico se compor de vários sistemas distintos.

Da comparação que acabamos de fazer resulta que temos empregado até aqui o termo "regressão", não em sua significação geralmente admitida, mas em um sentido perfeitamente especial. Si lhe derem seu sentido geral, o do retôrno de uma fase de desenvolvimento superior a uma fase inferior, o recalcamento também pode ser concebido como uma regressão, como um retôrno a uma fase anterior e mais recuada do desenvolvimento psíquico. Apenas, quando falamos de recalcamento, nós outros não pensamos nesta direção retrógrada, pois vemos ainda um recalcamento no sentido dinâmico da palavra, quando um ato psíquico é mantido na fase inferior do inconciente. O recalcamento é uma noção tópica e dinâmica; a regressão é uma noção puramente descritiva. Pela regressão, tal como a descrevemos até aqui pondo-a em relação com a fixação, entendíamos únicamente o retôrno da líbido a fases anteriores de seu desenvolvimento, isto é, algo que difere totalmente do recalcamento e é de todo independente dêle. Nem siquer podemos afirmar que a regressão da líbido seja um processo puramente psicológico e não poderíamos designar-lhe uma localização no aparêlho psíquico. Si bem que exerça na vida psíquica uma influência muito profunda, nem por isso deixa de ser verdadeiro que é o fator orgânico que nela domina.

Estas discussões decerto lhes parecerão áridas. A clínica nos fornecerá aplicações que as tornarão mais claras a nossos olhos. Sabem que a histeria e a neurose obsessional são os dois principais representantes do grupo das neuroses de transferência. Na histeria existe de fato uma regressão da líbido aos primeiros objetos sexuais, de natureza incestuosa, e pode-se dizer que ela existe em todos os casos, si bem que aí não se observe a menor tendência à regressão a uma fase anterior da organização sexual. Em compensação, o recalcamento desempenha no mecanismo da histeria o principal papel. Si me fosse permitido completar por uma construção todos os conhecimentos certos que até aqui adquirimos a respeito da histeria, eu descreveria a situação do seguinte modo: a reünião das tendências parciais sob a primazia dos órgãos genitais é realizada, mas as conseqüências que daí decorrem chocam-se com a resistência do sistema preconciente ligado à conciência. A or-

ganização genital liga-se pois ao inconciente, mas não é admitida pelo preconciente, donde resulta um quadro que apresenta certas semelhanças com o estado anterior à primazia dos órgãos genitais, mas que é na realidade coisa bem diversa. — Das duas regressões da líbido, a que se efectua para uma fase anterior da organização sexual é muito mais notavel. Com esta última regressão não existe na histeria e como todo a nossa concepção das neuroses ainda se ressente da influência do estudo da histeria, que a precedeu no tempo, a importância da regressão da líbido só se nos deparou muito mais tarde que a do recalcamento. Esperem que nossos pontos de vista passem por novas extensões e modificações quando tivermos de tomar em consideração, alem da histeria e da neurose obsessional, as neuroses narcísicas.

Na neurose obsessional, ao contrário, a regressão da líbido à fase preliminar da organização anal-sádica constitue o fato mais impressionante e o que marca com o seu cunho todas as manifestações sintomáticas. O impulso amoroso apresenta-se então sob a máscara do impulso sádico. A representação obsedante: *quisera matar-te*, quando a desembaraçamos de excrescências não acidentais, mas indispensáveis, no fundo significa isto: *quisera gozar-te no amor*. Suponham ainda uma regressão simultânea interessando o objecto, isto é, uma regressão tal que os impulsos em questão só se apliquem às pessoas mais próximas e mais amadas, e terão uma idéia do horror que podem despertar no doente estas representações obsedantes, que parecem à sua conciência serlhe totalmente estranhas. Mas o recalcamento representa igualmente nestas neuroses uma papel importante, que é difícil de definir numa introdução rápida como esta. A regressão da líbido, quando não acompanhada de recalcamento, levaria a uma perversão, mas nunca daria uma neurose. Vêem assim que o recalcamento é o processo mais peculiar à neurose, o que melhor a caracteriza. Eu talvez ainda tenha ocasião de lhes dizer o que sabemos do mecanismo das perversões, e então hão de ver que ali tudo se passa de um modo infinitamente menos simples do que se imagina.

Espero que não me queiram mal por ter-me entregue a estas considerações a respeito da fixação e da regressão da líbido, si lhes disser que as apresentei a título de preparação ao exame da etiologia das neuroses. A respeito desta última, não lhes comuniquei mais que um dado, a saber que os homens se tornam neuróticos quando se vêem privados da possibilidade de satisfazer sua líbido, e portanto por "privação", para empregar o termo de que me servi então; os sintomas vêm substituir

nêles a satisfação que lhes é recusada. Não se deve naturalmente concluir daí que toda privação de satisfação libidinal torne neurótico aquele que dela é vítima; minha proposição significa apenas que o fator *privação* existia em todos os casos de neurose examinados. Não é portanto reversivel. E, sem dúvida, também percebem que esta proposição revela, não todo o mistério da etiologia das neuroses, mas apenas uma de suas condições importantes e essenciais.

Ainda ignoramos si, pela discussão ulterior desta proposição, se deve insistir principalmente sôbre a natureza da privação ou sôbre as particularidades daquele que é por ela atingido. E' que a privação raramente é completa e absoluta; para tornar-se patogênica, deve afectar a única satisfação que a pessoa exige, a única de que é capaz. Ha em geral numerosos meios que permitem suportar, sem adoecer, a privação de satisfação libidinal. Conhecemos homens capazes de se infligir esta privação sem prejuizo; não são felizes, assoberba-os o languor, mas não adoecem. Devemos, além disto, tomar em consideração o fato de que as tendências sexuais, são, si assim me posso exprimir, extraordinàriamente *plásticas*. Podem substituir-se reciprocamente, uma pode assumir a intensidade das outras; quando a realidade recusa a satisfação de uma, pode-se encontrar uma compensação na satisfação de outra. Representam como que uma rede de canais cheios de líquido e comunicantes, isto mau grado a subordinação à primazia genital: duas características difíceis de conciliar. Além disto, as tendências parciais da sexualidade, assim como o instinto sexual que resulta de sua síntese, apresentam uma grande facilidade de variar seu objeto, de trocar cada um de seus objetos por um outro, mais fàcilmente acessível, propriedade que deve opor uma forte resistência à ação patogênica de uma privação. Entre êstes fatores que opõem uma ação por assim dizer profilática à ação nociva das privações, ha um que adquiriu uma importância social particular. Consiste em que a tendência sexual, tendo renunciado ao prazer parcial ou ao que é proporcionado pelo ato da procreação, substituíu-o por um outro fim apresentando com o primeiro relações genéticas, mas que cessou de ser sexual para tornar-se social Damos a êste processo o nome de "sublimação", e fazendo-o nos enquadramos na opinião geral, que concede um valor maior aos fins sociais do que aos fins sexuais, os quais são, no fundo, fins egoístas. A sublimação não é aliás sinão um caso especial da ligação de tendências sexuais a outras, não sexuais. Tornaremos a falar a êste respeito noutra ocasião.

Os senhores sentem sem dúvida a tentação de crer que, graças a todos êsses meios que permitem suportar a privação, esta perde toda a sua importância. Não se dá tal coisa, e a privação conserva toda a sua força patogênica. Os meios que lhe opomos são via de regra insuficientes. O grau de insatisfação da líbido, que o homem médio pode suportar, é limitado. A plasticidade e a mobilidade da líbido estão longe de ser completas em todos os homens, e a sublimação só pode suprimir uma parte da líbido, sem falar do fato de que muitos homens só possuem a faculdade de sublimar numa medida muito restrita. A principal das restrições é a que afecta a mobilidade da líbido, o que tem por efeito só fazer depender a satisfação do indivíduo de um número muito pequeno de objetos a alcançar e de fins a realizar. Lembrem-se apenas de que um desenvolvimento incompleto da líbido comporta fixações numerosas e variadas da líbido em fases anteriores da organização e objetos anteriores, fases e objetos que as mais das vezes já não são capazes de proporcionar uma satisfação real. Reconhecerão então que a fixação da líbido constitue, depois da privação, o mais poderoso fator etiológico das neuroses. Podemos exprimir êste fato por uma abreviação esquemática, dizendo que a fixação da líbido constitue, na etiologia das neuroses, o fator predisponente, interno, e a privação o fator acidental, exterior.

Aproveito aqui a ocasião para conjurar-lhes a que se abstenham de tomar partido numa discussão absolutamente supérflua. E' muito apreciado, no mundo científico, apoderar-se de uma parte da verdade, proclamar essa parte como sendo toda a verdade e contestar em seguida, em favor dela, todo o resto que entretanto não é menos verdadeiro. Foi graças a êste processo que várias correntes se destacaram do movimento psicanalítico, umas reconhecendo apenas as tendências egoistas e negando as tendências sexuais, outras só tomando em consideração a influência exercida pelas tarefas que a vida real impõe e negligenciando completamente a que é exercida pelo passado individual, etc. Pode-se da mesma forma opor entre si a fixação e a privação, e suscitar uma controvérsia perguntando: são as neuroses doenças exógenas ou endógenas, são a conseqüência necessária de uma certa constituição ou produto de certas ações nocivas (traumáticas)? E, mais especialmente, são provocadas pela fixação da líbido (e outras particularidades da constituição sexual) ou pela pressão que a privação exerce? Tudo considerado, êste dilema não me parece menos deslocado que estoutro, que lhes poderia apresentar: a criança nasce porque foi procreada pelo pai ou porque foi concebida pela mãe? As

duas condições são igualmente indispensáveis, dir-me-iam os senhores, e com razão. As coisas apresentam-se, sinão inteiramente assim, de um modo análogo na etiologia das neuroses. Do ponto de vista da etiologia, as afecções neuróticas podem ser ordenadas numa série em que os dois fatores — constituição sexual e influências exteriores, ou, si o preferem, fixação da líbido e privação — são representados de tal sorte que a parte de um cresce quando a do outro diminue. Numa das extremidades desta série encontram-se os casos extremos, dos quais podem dizer com certeza: dado o desenvolvimento anormal de sua líbido, êstes homens teriam adoecido, fossem quais fossem os acontecimentos exteriores de sua vida, mesmo que esta houvesse sido o mais possível indene de acidentes. Na outra extremidade se encontram os casos de que podem dizer, ao contrário, que êsses doentes certamente teriam escapado à neurose si não se tivessem encontrado em tal ou tal situação. Nos casos intermediários, vemo-nos em presença de combinações tais, que a uma parte cada vez maior da constituição sexual predisponente, corresponde uma parte cada vez menor das influências nocivas sofridas no correr da vida, e vice-versa. Nêstes casos, a constituição sexual não teria produzido a neurose sem a intervenção de influências nocivas, e estas influências não teriam sido seguidas de um efeito traumático se as condições da líbido fossem diferentes. Nesta série posso, a rigor, reconhecer certa predominância do papel desempenhado pelos fatores predisponentes, mas minha concessão depende dos limites que os senhores queiram designar ao nervosismo.

Proponho-lhes chamar a estas séries *séries de complemento*, prevenindo-lhes que ainda teremos ocasião de estabelecer outras séries iguais.

A tenacidade com que a líbido adere a certas direções e certos objetos, a *viscosidade* por assim dizer da líbido, aparece-nos como um fator independente, variando de um indivíduo a outro e cujas causas nos são totalmente desconhecidas. Si não devemos depreciar seu papel na etiologia das neuroses, também não devemos exagerar a intimidade de suas relações com esta etiologia. Observa-se uma tal "viscosidade", de causa igualmente desconhecida, da líbido, em numerosas circunstâncias, no homem normal e, a título de fator determinante, nas pessoas que, num certo sentido, formam uma categoria oposta à dos nervosos: nos perversos. Antes da psicanálise já se sabia (Binet) que é muitas vezes possível descobrir na anamnese dos perversos uma impressão muito antiga, deixada por uma orientação anormal do instinto ou uma escolha

anormal do objeto e à qual a líbido do perverso fica adstrita durante toda a vida. E' freqüentemente impossível dizer o que torna esta impressão capaz de exercer sôbre a líbido uma atração tão irresistivel. Vou contar-lhes um caso que eu próprio observei. Um homem, a quem os órgãos genitais e todos os outros encantos da mulher deixam hoje indiferente, e que entretanto sente uma excitação sexual irresistivel ao ver um pé calçado de certa forma, lembra-se de um fato que lhe aconteceu quando tinha a idade de seis anos, e que representou um papel decisivo na fixação de sua líbido. Estava sentado num banquinho, junto da governante que devia dar-lhe uma lição de inglês. A governante, solteirona sêca, feia, de olhos azul-claro e nariz arrebitado, estava nêsse dia com um dor num pé, que por isso calçara com um chinelo de veludo e tinha estendido num almofada. A perna entretanto estava escondido do modo mais decente. Fôra um pé magro, cheio de tendões, como o da governante, que se tornara, depois de um tímido ensaio de atividade sexual normal, seu único objeto sexual, e nosso homem era por êle irresistivelmente atraído, quando a êsse pé se vinham juntar ainda outros traços que lembravam o tipo da governante inglesa. Esta fixação da líbido fez de nosso homem, não um neurótico, mas um perverso, o que chamamos um fetíchista do pé. Bem vêem: a-pesar-de a fixação excessiva e, além disto, precoce da líbido constituir um fator etiológico indispensável da neurose, sua ação estende-se muito além do quadro das neuroses. A fixação constitue assim uma condição tão pouco decisiva como a privação de que falámos anteriormente.

O problema da determinação das neuroses parece portanto complicar-se. De fato, a investigação psicanalítica nos revela um novo fator que não figura em nossa série etiológica e que surge com o máximo de evidência em pessoas que são atacadas por uma afecção nervosa quando se acham em plena saúde. Encontram-se regularmente nestas pessoas os indícios de uma oposição de desejos ou, como temos o hábito de exprimir-nos, de um *conflito* psíquico. Uma parte da personalidade manifesta certos desejos, uma outra parte a êles se opõe e os repele. Sem um conflito dêste gênero, não existe neurose. Aliás, nisto não haveria nada de singular. Sabem que nossa vida psíquica é constantemente agitada por conflitos cuja solução nos compete encontrar. Para que um tal conflito se torne patogênico, requerem-se portanto condições particulares. Eis porquê nos devemos perguntar quais são estas condições, entre que fôrças psíquicas se desenrolam êstes conflitos patôgeni-

cos, quais as relações existentes entre o conflito e os outros fatores determinantes.

Espero poder dar a estas questões respostas satisfatórias, si bem que abreviadas e esquemáticas. O conflito é provocado pela privação, sendo a líbido, a que se recusa a satisfação normal, obrigada a procurar outros objetos e caminhos. Êle tem por condição a desaprovação que êsses outros objetos e caminhos provocam da parte de uma certa fração da personalidade: daí resulta um veto que torna a princípio impossível o novo modo de satisfação. A partir dêsse momento, a formação de sintomas segue um caminho que percorreremos mais tarde. As tendências libidinosas repelidas procuram então manifestar-se tomando por vias sinuosas, mas não sem se esforçarem por justificar suas exigências mercê de certas deformações e atenuações. Êsses rodeios são os da formação de sintomas: êstes constituem a satisfação nova ou substitutiva que a privação tornou necessária.

Pode-se ainda fazer ressaltar a importância do conflito psíquico dizendo: "Para que uma privação *exterior* se torne patôgenica, é mister que se lhe acresça uma privação *interior*". Subentende-se que privação exterior e privação interior se referem a objetos diferentes e seguem caminhos diferentes. A privação exterior afasta tal possibilidade de satisfação, a privação interior quisera afastar uma outra possibilidade, e é a propósito destas possibilidades que rebenta o conflito. Prefiro êste método de exposição por causa de seu conteúdo implícito. Êle implica particularmente a probabilidade de, nas épocas primiticas do desenvolvimento humano, as abstenções interiores terem sido determinadas por obstáculos reais exteriores.

Mas quais são as fôrças de onde emana a objeção contra a tendência libidinosa, qual é a outra parte do conflito patôgenico? São, para exprimir-nos de um modo muito geral, as tendências não sexuais. Designamo-las sob a denominação genérica de "tendências do *eu*"; a psicanálise das neuroses de transferência não nos oferece nenhum meio utilizável de acompanhar sua decomposição ulterior, só conseguimos conhecê-las em certa medida pela resistência que se opõem à análise. O conflito patogênico é um conflito entre as tendências do *eu* e as tendências sexuais. Em certos casos, temos a impressão de que se trata de um conflito entre diferentes tendências puramente sexuais; esta aparência em nada infirma nossa proposição, pois das duas tendências sexuais em conflito, uma é sempre a que procura, por assim dizer, satis-

fazer o *eu*, enquanto a outra surge como um defensor que pretendesse preservar o *eu*. Voltamos pois ao conflito entre o *eu* e a sexualidade.

Todas as vezes que a psicanálise encarava tal ou tal acontecimento psíquico como um produto das tendências sexuais, objetavam-lhe com cólera que o homem não se compõe apenas de sexualidade, que existem na vida psíquica outras tendências e interêsses afora as tendências e interêsse de natureza sexual, que não se deve fazer "tudo" derivar da sexualidade, etc. Pois bem, não conheço nada mais reconfortante que encontrar-nos uma vez em acôrdo com os nossos adversários. A psicanálise nunca esqueceu que existem tendências não sexuais, construiu todo o seu edifício sôbre o princípio da separação nítida e funda entre tendências sexuais e tendências relacionadas com o *eu*, e afirmou, sem esperar as objeções, que as neuroses são produtos, não da sexualidade, mas do conflito entre o *eu* e a sexualidade. Não tem nenhuma razão plausivel de contestar a existência ou a importância das tendências do *eu* quando procura destacar e definir o papel das tendências sexuais na doença e na vida. Si foi levada a ocupar-se em primeira linha das tendências sexuais, foi porquê as neuroses de transferência fizeram ressaltar estas tendências com uma evidência particular e assim ofereceram ao seu estudo um domínio que outros tinham desdenhado.

Assim também, não é verdade que a psicanálise se desinteressa do lado não sexual da personalidade. Foi a separação entre o *eu* e a sexualidade que demonstrou precisamente com uma clareza particular que as tendências do *eu* também passam por um desenvolvimento significativo, que não é nem totalmente independente da líbido nem absolutamente isento de reação contra ela. Deve-se na verdade dizer que conhecemos muito menos bem o desenvolvimento do *eu* do que o da líbido, e a razão disto está no fato de que só depois do estudo das neuroses narcísicas podemos esperar penetrar a estrutura do *eu*. Contudo, já conhecemos uma tentativa muito interessante referente a esta questão. E' a de Ferenezi, que ensaiou estabelecer teòricamente as fases evolutivas do *eu*, e possuímos pelo menos dois pontos de apôio sólidos para um julgamento relativo a êste desenvolvimento. Não é que os interêsses libidinais de uma pessoa estejam desde o início e necessàriamente em oposição com seus interêsses de auto-conservação; antes se pode dizer que o *eu* procura, em cada etapa de seu desenvolvimento, pôr-se em harmonia com sua organização sexual, adaptá-la a si mesmo. A sucessão das diferentes fases de desenvolvimento da líbido realiza-se verosimelmente segundo um programa preestabelecido; entretanto, não é du-

vidoso que esta sucessão possa ser influenciada pelo *eu*, que deva existir um certo paralelismo, uma certa concordância entre as fases de desenvolvimento do *eu* e as da líbido e que da perturbação dessa concordância possa nascer um fator patogênico. Um ponto que muito nos importa é o de saber como o *eu* se comporta nos casos em que a líbido deixou uma fixação numa fase dada de seu desenvolvimento. O *eu* pode acomodar-se com esta fixação, caso em que se torna, numa medida correspondente a esta, perverso ou, o que dá na mesma, infantil. Mas também pode rebelar-se contra esta fixação da líbido, caso em que o *eu* experimenta um *recalcamento* no ponto onde a líbido sofreu uma *fixação*.

Seguindo esta via, verificamos que o terceiro fator da etiologia das neuroses, a *tendência aos conflitos*, depende tanto do desenvolvimento do *eu* como do da líbido. Nossas idéias sôbre a determinação das neuroses vêem-se assim completadas. Em primeiro lugar, temos a condição mais geral, representada pela privação, depois vem a fixação da líbido que a impele em certas direções, e em terceiro lugar intervém a tendência ao conflito decorrente do desenvolvimento do *eu* que se desviou dessas tendências da líbido. A situação não é portanto nem tão complicada nem tão difícil de apreender quanto provàvelmente lhes teria parecido enquanto eu desenvolvia minhas deducções. Mas também é verdade que nem tudo foi dito sôbre esta questão. Ao que dissemos, ainda teremos de acrescentar algo novo e também teremos de submeter a uma análise mais aprofundada coisas já conhecidas.

Para lhes demonstrar a influência que exerce o desenvolvimento do *eu* sôbre o nascimento do conflito, e por conseguinte sôbre a determinação das neuroses, vou citar-lhes um exemplo que, a-pesar-de imaginário, não tem àbsolutamente nada inverosímel. Êsse exemplo me foi inspirado pelo título de uma comédia de Nestroy: "*No andar térreo e no sobrado*". No andar térreo habita o porteiro; no sobrado, o proprietário da casa, homem rico e estimado. Ambos têm filhos, e suporemos que a filhinha do proprietário tem todas as facilidades de brincar, fora de qualquer vigilância, com a filha do empregado. Pode suceder então que os folguedos das crianças assumam um carácter indecente, isto é, sexual, que elas brinquem de "papai e mamãe", que cada qual procure ver as partes íntimas do corpo e excitar os órgãos genitais da outra. A filha do proprietário, que, mau grado seus cinco ou seis anos, pode ter tido ocasião de fazer certas observações concernentes à sexualidade dos adultos, bem pode haver representado nessa opor-

tunidade o papel de sedutora. Mesmo quando não duram muito tempo, êstes "folguêdos" bastam para ativar nas duas crianças certas tendências sexuais que, depois de êles terem cessado, se manifestam durante alguns anos pela masturbação. Eis o que haverá de comum às duas crianças; mas o resultado final diferirá de uma à outra. A filha do porteira entregar-se-á à masturbação mais ou menos até o aparecimento da menstruação, renunciará em seguida a isso sem dificuldade, arranjará alguns anos mais tarde um amante, terá talvez um filho, abraçará tal ou tal carreira, tornar-se-á quiçá uma artista em voga e acabará aristocrata. Pode ser que tenha um destino menos brilhante, mas sempre ha de viver o resto de sua existência sem se ressentir do exercício precoce de sua sexualidade, livre de neurose. Coisa diversa sucederá à filha do proprietário. Muito cedo, criança ainda, experimentará a sensação de ter feito alguma coisa má; renunciará sem tardança, mas depois de uma luta terrivel, à satisfação masturbatória, mas nem por isso deixará de conservar dela uma lembrança e uma impressão deprimente. Quando, moça feita, se encontrar no caso de aprender os fatos relativos às relações sexuais, desviar-se-á dêsse terreno com uma aversão inexplicada e preferirá conservar-se ignorante. E' possível que então sofra de novo a pressão irresistível da tendência à masturbação, sem ter coragem de queixar-se disto. Quando chegar à idade em que as moças começam a pensar em casar-se, ver-se-á presa da neurose, em conseqüência da qual sentirá uma profunda decepção em relação ao matrimônio e encarará a vida pelo prisma mais sombrio. Si conseguíssemos pela análise decompor esta neurose, constataríamos que essa moça bem educada, inteligente, idealista, recalcou completamente suas tendências sexuais, mas que estas, de que não tem a menor conciência, se ligam aos miseráveis jogos a que ela se entregara com sua amiga de infância.

A diferença que existe entre êstes dois destinos, mau grado a identidade dos fatos iniciais, deriva do sentido diverso que marcou o desenvolvimento do *eu* das duas protagonistas. À filha do porteiro a atividade sexual apresentou-se mais tarde sob um aspeto tão natural, tão isento de segundas intenções como na sua infância. A filha do proprietário sofreu a influência da educação e de suas exigências. Com as sugestões que recebeu de sua educação, formou da pureza e da castidade da mulher um ideal incompatível com a atividade sexual; a formação inteletual debilitou-lhe o interêsse pelo papel que era chamada a representar na qualidade de mulher. Foi em conseqüência dêsse

desenvolvimento moral e inteletual superior ao de sua amiga que ela se viu em conflito com as exigências de sua sexualidade.

Ainda quero insistir hoje sôbre um outro ponto concernente ao desenvolvimento do *eu*, e isto por causa de certas perspetivas, bastante vastas, que êle nos abre, e tambem porque as conclusões que vamos tirar nesta oportunidade serão de molde a justificar a separação profunda, mas cuja evidência não salta aos olhos, que postulamos entre as tendências do *eu* e as tendências sexuais. Para formular um juizo sôbre êstes dois desenvolvimentos, devemos admitir uma premissa que até agora não tomámos suficientemente em consideração. Os dois desenvolvimentos, o da líbido e o do *eu*, não são no fundo mais que legados, repetições abreviadas da evolução que a humanidade inteira percorreu a partir de suas origens e que se estende durante um período longo. No que se refere à evolução da líbido, reconhecem-lhe de bom grado esta origem *filogenética*. Basta-lhes recordar que em certos animais o aparêlho genital apresenta relações íntimas com a boca, que noutros é inseparável do aparêlho de excreção e que noutros ainda êle se liga aos órgãos do movimento, coisas estas todas de que encontrarão uma interessante exposição no precioso livro de W. Bölsche. Observam-se, por assim dizer, nos animais todas as variedades de perversão e de organização sexual fixada em fase anterior. Ora, no homem o ponto de vista filogenético acha-se em parte mascarado por esta circunstância: as particularidades que, no fundo, são herdadas, não deixam por isso de ser novamente adquiridas no correr do desenvolvimento individual, provàvelmente pela razão de que as condições, que impuseram outrora a aquisição de determinada particularidade, persistem sempre e continuam a exercer sua ação sôbre todos os indivíduos que se sucedem. Eu poderia dizer que estas condições, de creadoras que foram em tempos idos, tornaram-se provocadoras. E' além disto incontestável que a marcha de desenvolvimento predeterminado pode ser perturbada e modificada em cada indivíduo por influências exteriores recentes. Quanto à fôrça que impôs à humanidade êste desenvolvimento e cuja ação continúa a exercer-se na mesma direção, conhecemo-la: é ainda a privação imposta pela realidade ou, para chamá-la pelo seu verdadeiro grande nome, a *necessidade* que decorre da vida, a 'Ανάγκη. Os neuróticos são aqueles em que êsse rigor provocou efeitos desastrosos, mas seja qual for a educação que recebeu, o indivíduo está exposto ao mesmo risco. Aliás proclamando que a necessidade vital constitue o motor do desenvolvimento, não diminuímos

em nada a importância das "tendências evolutivas internas", quando a existência destas se deixa demonstrar.

Ora, convém notar que as tendências sexuais e o instinto de conservação não se comportam da mesma maneira em face da necessidade real. Os instintos que têm por fim a conservação e tudo o que a isso se refere são mais acessíveis à educação; cedo aprendem a curvar-se à necessidade e a conformar seu desenvolvimento às indicações da realidade. Isto se concebe, visto que não podem proporcionar-se de outro modo os objetos de que necessitam e sem os quais o indivíduo se arrisca a perecer. As tendências sexuais, que não precisam de objeto no início e ignoram esta necessidade, são mais difíceis de educar. Levando uma existência por assim dizer parasitária associada à dos outros órgãos do corpo, capazes de encontrar uma satisfação auto-erótica, sem ultrapassar o próprio corpo do indivíduo, escapam à influência educadora da necessidade real e, na maior parte dos homens, conservam, sob certos pontos de vista, durante toda a vida, êste carácter arbitrário, caprichoso, refratário, "enigmático". Acrescentem a isto que um jovem deixa de ser acessível à educação no momento exato em que suas necessidades sexuais atinguem sua intensidade definitiva. Os educadores sabem-no e agem em conseqüência; mas talvez ainda se deixarão convencer pelos resultados da psicanálise e reconhecerão que é a educação recebida na primeira infância que deixa a impressão mais profunda. O homemzinho já está inteiramente formado desde o quarto ou quinto ano e contenta-se de manifestar mais tarde o que estava depositado nêle desde essa idade.

Para encarecer toda a significação da diferença que estabelecemos entre êstes dois grupos de instintos, somos obrigados a fazer uma longa digressão e a introduzir uma destas considerações às quais convém a qualificação de *econômicas*. Fazendo-o, abordaremos um dos domínios mais importantes, mas também, infelizmente, dos mais obscuros da psicanálise. Levantamos a questão de saber si uma intenção fundamental qualquer é inerente ao trabalho de nosso aparêlho psíquico, e a esta questão respondemos por uma primeira aproximação, dizendo que segundo toda aparência o conjunto de nossa atividade psíquica tem por fim proporcionar-nos prazer e evitar-nos o desprazer, que ela é regida automàticamente pelo *princípio de prazer*. Ora, daríamos tudo para saber quais são as condições do prazer e do desprazer, mas faltam-nos precisamente os elementos dêste conhecimento. A única coisa que estamos autorizados a afirmar é que o prazer está em relação com a di

minuição, a atenuação ou a extinção das massas de excitações acumuladas no aparêlho psíquico, enquanto a mágua vai de par com o aumento, a exasperação dessas excitações. O exame do prazer mais intenso que é acessível ao homem, isto é, do prazer que se sente na realização do ato sexual, não deixa a menor dúvida a êste respeito. Como se trata, nêstes atos acompanhados de prazer, da sorte de grandes quantidades de excitação ou de energia psíquica, damos às considerações relacionadas com êste ponto o nome de *econômicas*. Notamos que a tarefa que compete ao aparêlho psíquico e a ação que êle exerce ainda podem ser descritas diferentemente e de um modo muito mais geral do que insistindo sôbre a aquisição do prazer. Pode-se dizer que o aparêlho psíquico serve para dominar e suprimir as excitações e irritações de origem externa e interna. No que concerne às tendências sexuais, é evidente que, do comêço ao fim de seu desenvolvimento, são um meio de aquisição de prazer, e desmpenham essa função sem esmorecer. Tal é igualmente, no início, o objetivo das tendências do *eu*. Mas sob a pressão da grande educadora que é a necessidade, as tendências do *eu* não tardam a substituir o princípio de prazer por uma modificação. A tarefa de afastar o desgôsto impõe-se a elas com a mesma urgência que a de adquirir prazer; o *eu* aprende que é indispensável renunciar à satisfação imediata, adiar a aquisição de prazer, suportar certas penas e renunciar em geral a determinadas fontes de prazer. O *eu* assim educado tornou-se "razoável", não se deixa mais dominar pelo princípio de prazer, mas conforma-se com o *princípio de realidade* que, no fundo, tem igualmente por fim o prazer, mas um prazer que, si é protelado e atenuado, tem a vantagem de oferecer a certeza que é proporcionada pelo contato com a realidade e pela conformidade com as suas exigências.

A passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade constitue um dos progressos mais importantes na evolução do *eu*. Já sabemos que as tendências sexuais não transpõem sinão tardíamente, como que forçadas e constrangidas, esta fase de desenvolvimento do *eu*, e veremos mais tarde que conseqüências, podem decorrer para o homem destas relações mais frouxas que existem entre sua sexualidade e a realidade exterior. Si o *eu* do homem passa por uma evolução e tem sua história, precisamente como a líbido, os senhores não se admirarão de saber que pode haver igualmente uma "regressão do *eu*", e talvez se sintam curiosos de conhecer o papel que pode desempenhar nas doenças neuróticas êsse retorno do *eu* a fases evolutivas anteriores.

CAPÍTULO XXIII

OS MODOS DE FORMAÇÃO DE SINTOMAS

Aos olhos do leigo, seriam os sintomas a essência da doença e a cura consistiria para êle no desaparecimento dos sintomas. O médico, ao contrário, faz questão de distinguir entre sintomas e doença, e pretende que o desaparecimento dos sintomas está longe de significar a cura da enfermidade. Mas o que resta da enfermidade depois do desaparecimento dos sintomas é a faculdade de formar novos sintomas. Eis porquê vamos provisoriamente adoptar o ponto de vista do leigo e admitir que analisar os sintomas equivale a compreender a doença.

Os sintomas, e naturalmente só falamos aqui dos sintomas psíquicos (ou psicogênicos) e de doença psíquica, são, para a vida considerada em seu conjunto, atos nocivos ou pelo menos inúteis, atos que se realizam com aversão e que são acompanhados de um sentimento penoso ou de sofrimento. Seu principal prejuizo consiste no esfôrço psíquico que sua execução exige e no esfôrço que se requer para combatê-los. Êstes dois esforços, quando se trata de uma formação exagerada de sintomas, podem acarretar uma tal diminuição da energía psíquica disponível, que a pessoa interessada se torna incapaz de bastar às tarefas importantes da vida. Como êste efeito constitue sobretudo uma expressão da quantidade de energia dispendida, os senhores concebem sem dificuldade que "estar doente" é uma noção essencialmente prática. Si, contudo, colocando-se de um ponto de vista teórico, fazem abstração destas quantidades, podem dizer, sem receio de desmentido , que somos todos doentes, isto é, neuróticos, pôsto que as condições que presidem à formação de sintomas existem igualmente no homem normal.

Quanto aos sintomas neuróticos, já sabemos que são o efeito de um conflito que se trava em tôrno de um novo modo de satisfação da líbido. As duas fôrças que se tinham separado reünem-se de novo no sintoma, reconciliam-se por assim dizer num convênio que não é

outro sinão a formação dos sintomas. Isto explica a capacidade de resistência do sintoma: é sustentado dos dois lados. Sabemos também que uma das duas partes em conflito representa a líbido insatisfeita, afastada da realidade e obrigada a procurar novos modos de satisfação. Si a realidade se mostra impiedosa, mesmo quando a líbido está disposta a adoptar outro objeto no lugar do que é recusado, esta será finalmente obrigada a entrar pelo caminho da regressão e a procurar sua satisfação seja numa das organizações já ultrapassadas, seja num dos objetos anteriormente abandonados. O que atrai a líbido para o caminho da regressão, são as fixações que deixou nêsses estádios de seu desenvolvimento.

Ora, a via da regressão separa-se nítidamente da via da neurose. Quando as regressões não suscitam nenhuma oposição do *eu*, tudo se passa sem neurose, e a líbido obtém uma satisfação real, sinão sempre normal. Mas quando o *eu*, que tem o controle não só da conciência, mas ainda dos acessos à inervação motora e, por conseguinte, da possibilidade de realização das tendências psíquicas; quando o *eu*, dizemos, não aceita estas regressões, achamo-nos em presença de um conflito. A líbido vê o caminho, por assim dizer, bloqueado e deve procurar escapar numa direção onde possa dispender sua reserva de energia segundo as exigências do princípio de prazer. Deve separar-se do *eu*. O que lhe facilita a tarefa são as fixações que deixara ao longo do caminho de sua evolução e contra as quais o *eu* de cada vez se defendeu graças a recalcamentos. Ocupando em sua marcha regressiva essas posições recalcadas, a líbido subtrai-se ao *eu* e a suas leis, renunciando ao mesmo tempo a toda educação que recebera sob sua influência. Deixava-se guiar, enquanto podia esperar uma satisfação; mas sob a dupla pressão da privação exterior e interior, torna-se insubordinada e pensa com saudade na ventura dos tempos ídos. Tal é seu carácter, no fundo invariável. As representações a que a líbido aplica daí em diante sua energia fazem parte do sistema do inconciente e estão submetidas aos processos que se realizam nêste sistema, em primeiro lugar à condensação e ao deslocamento. Encontramo-nos aqui em presença da mesma situação que caracteriza a formação de sonhos. Sabemos que o sonho propriamente dito, que se formou no inconciente a título de realização de um desejo imaginário inconciente, choca-se com uma certa atividade (pre) conciente. Esta impõe ao sonho inconciente sua censura em conseqüência da qual sobrevém um convênio caracterizado pela formação de um sonho manifesto. Ora, o mesmo se dá com a líbido, cujo

cbjeto, relegado para o inconciente, deve contar com a fôrça do *eu* preconciente. A oposição que se ergueu contra êste objeto no seio do *eu* constitue para a líbido uma espécie de "contra-ataque" dirigido contra a sua nova posição e obriga-a a escolher um modo de expressão que possa tornar-se igualmente o do *eu*. Assim nasce o sintoma, que é um produto consideràvelmente deformado da satisfação inconciente de um desejo libidinal, um produto equívoco, hàbilmente escolhido e possuíndo duas significações diametralmente opostas. Todavia, nêste último ponto, ha entre o sonho e o sintoma a diferença de que, no primeiro, a intervenção preconciente visa apenas preservar o sono, nada admitir na conciência do que seja susceptivel de perturbá-lo; não opõe ao desejo inconciente um veto ríspido, não lhe grita: não! ao contrário! Quando tem de haver-se com o sonho, a intenção preconciente deve ser mais tolerante, pois a situação do homem que dorme é menos ameaçada, pois o estado de sono forma uma barreira que suprime toda comunicação com a realidade.

Vêem assim que, si a líbido pode escapar às condições creadas pelo conflito, deve-o à existência de fixações. Pelo seu retôrno às fixações, a líbido suprime o efeito dos recalcamentos e obtém uma derivação ou satisfação, com a condição de observar as cláusulas do convênio. Por seus rodeios através do inconciente das antigas fixações, consegue emfim proporcionar-se uma satisfação real, si bem que excessivamente limitada e quasi impossivel de ser reconhecida. A propósito dêste resultado final, farei duas observações: em primeiro lugar, chamo, a atenção dos senhores para os laços estreitos que aqui existem entre a líbido e o inconciente, de uma parte, a conciência e a realidade, de outra parte, si bem que a principio êstes dois conjugados não estejam ligados entre si por nenhum elo; em segundo lugar, faço questão de preveni-los rogando-lhes não esqueçam que tudo o que acabo de dizer se refere únicamente à formação de sintomas na neurose histérica.

Onde encontra a líbido as fixações de que necessita para abrir um caminho através dos recalcamentos? Nas atividades e sucessos da sexualidade infantil, nas tendências parciais e nos objetos abandonados e desdenhados da infância. E' a tudo isto que volta a líbido. A importância da infância é dupla: de uma parte, a criança manifesta pela primeira vez instintos e tendências que traz ao mundo a título de disposições inatas e, de outra parte, sofre influências exteriores, acontecimentos acidentais que despertam a atividade de outros dos seus instintos. Creio que temos um direito incontestável de adoptar esta divisão. A

manifestação de disposições ínatas não suscita nenhuma objeção crítica, mas a experiência analítica nos obriga precísamente a admitir que acontecimentos puramente acidentais sobrevindos na infância são capazes de deixar pontos de apôio para as fixações da líbido. Aliás não vejo aí nenhuma dificuldade teórica. As disposições constitucionais são incontestavelmente heranças que nos deixaram antepassados longínquos; mas aí se trata de caracteres que também foram um dia adquiridos, pois sem aquisição não haveria hereditariedade. E' admissível que a faculdade de adquirir novos caracteres susceptíveis de ser transmitidos hereditàriamente seja precísamente recusada à geração que consideramos? O valor dos acontecimentos da vida infantil não deve, conforme se faz de bom grado, ser diminuido em benefício dos acontecimentos da vida ancestral e da idade madura do indivíduo considerado; os fatos que enchem a vida infantil merecem, muito ao contrário, uma consideração toda particular. Acarretam conseqüências tanto mais graves quanto se produzem numa época em que o desenvolvimento ainda não está terminado, circunstância que favorece precisamente sua ação traumática. Os trabalhos de Roux e outros sôbre a mecânica da evolução nos demostraram que a menor lesão, uma picada de agulha, por exemplo, infligida ao embrião durante a divisão celular, pode acarretar perturbações de desenvolvimento muito graves. A mesma lesão infligida à larva ou ao animal concluido não produz nenhum efeito nocivo.

A fixação da líbido do adulto, que introduzimos na equação etiológica das neuroses a título de representante do fator constitucional, deixa-se agora decompor em dois novos fatores: a disposição hereditária e a disposição adquirida na primeira infância. Sei que um esquema tem sempre a simpatia dos que querem aprender. Resumamos, pois, as relações entre os diversos fatores no esquema seguinte:

Etiologia das neuroses = **Disposição por fixação da líbido** + **Acontecimento acidental (traumático)**

Disposição por fixação da líbido:

- **Constituição sexual** (**Acontecimentos da vida prehistórica**)
- **Acontecimentos da vida infantil**

A constituição sexual hereditária apresenta uma grande variedade de disposições, segundo a disposição alcança mais particularmente tal ou tal tendência parcial, sózinha ou combinada com outras. Em associa-

ção com os acontecimentos da vida infantil, a constituição forma uma nova "série complementar", perfeitamente análoga àquela cuja existência constatamos como resultado da associação entre a disposição e os fatos acidentais da vida do adulto. Aqui e alí encontramos os mesmos casos extremos e as mesmas relações de substituição. A êste respeito podemos perguntar si a mais notável das regressões da líbido, a saber, sua regressão a qualquer uma das fases anteriores da organização sexual, não é determinada princípalmente pelas condições constitucionais hereditárias. Mas faremos bem protelando a resposta a esta questão até o momento em que dispusermos de uma série maior de formas de afecções neuróticas.

Detenhamo-nos agora no resultado da investigação analítica que nos mostra a líbido dos neuróticos ligada aos fatos de sua vida sexual infantil. Por isto, êstes acontecimentos parecem adquirir uma importância vital para o homem e representar um papel muito grande na eclosão de doenças nervosas. Essa importância e êsse papel são incontestàvelmente muito grandes, enquanto só se toma em consideração o trabalho terapêutico. Mas si fazemos abstração dêsse trabalho, percebemos fàcilmente que nos arriscamos a ser vítimas de um malentendido e a ter da vida uma concepção unilateral, baseada demasiado excessivamente na situação neurótica. A importância dos acontecimentos infantis vê-se diminuida pelo fato de a líbido, em seu movimento regressivo, só se vir fixar nêles depois de expulsa de suas posições mais avançadas. A conclusão que parece impor-se nestas condições é que os acontecimentos infantis de que se trata não tiveram, na época em que se produziram, nenhuma importância e só se tornaram importantes regressivamente. Recordem que já adoptámos uma atitude análoga por ocasião da discussão do *complexo de E'dipo*.

Não nos será difícil tomar partido no caso particular de que tratamos. A observação segundo a qual a transformação libidinal e, por conseguinte, o papel patogênico dos acontecimentos da vida infantil são grandemente reforçados pela regressão da líbido, é certamente justificada, mas seria susceptível de induzir-nos em êrro si a aceitássemos sem reservas. Outras considerações devem ainda ser levadas em conta. Em primeiro lugar, a observação demonstra de um modo indiscutível que os acontecimentos da vida infantil possuem sua importância própria, a qual aparece aliás desde a infância. Ha neuroses infantis em que a regressão no tempo só desempenha um papel insignificante ou não se produz absolutamente, seguindo-se imediatamente a um acontecimento

traumático o surto da afecção. O estudo destas neuroses infantis é de molde a preservar-nos de mais de um malentendido perigoso a respeito das neuroses dos adultos, assim como o estudo dos sonhos infantis nos pôs no caminho que nos conduziu à compreensão dos sonhos de adultos. Ora, as neuroses infantis são muito freqüentes, muito mais freqüentes do que se acredita. À-miude passam despercebidas, são consideradas, como sinais de perversidade ou de má educação, dignas de reprimenda pelas autoridades que regem as crianças, mas são fáceis de reconhecer por um exame retrospetivo. Manifestam-se as mais das vezes sob a forma de uma *histeria da angústia*, e os senhores aprenderão noutra oportunidade o que isto significa. Quando uma neurose irrompe numa das fases ulteriores da vida, a análise revela regularmente que ela não é sinão a continuação direta de uma neurose infantil que, na época, talvez só se manifestou sob um aspecto velado, em estado de esbôço. Mas ha casos, dissemos, em que êste nervosismo infantil prossegue sem interrupção, a ponto de se tornar uma moléstia que dura tanto como a vida. Pudemos examinar na própria criança, em seu estado atual, alguns exemplos de neurose infantil; mas as mais das vezes foi-nos preciso contentar-nos com concluir pela existência de uma neurose infantil através de uma neurose da idade adulta, o que exigiu de nossa parte certas correções e precauções.

Em segundo lugar, somos obrigados a reconhecer que esta regressão regular da líbido ao período infantil teria de que admirar-nos, si não houvesse nêsse período algo que exerce sôbre a líbido uma atração particular. A fixação, cuja existência admitimos em certos pontos do trajeto seguido pelo desenvolvimento, não teria conteúdo, si não a concebêssemos como a cristalização de uma certa quantidade de energia libidinal. Devo enfim recordar-lhes que, no que concerne à intensidade e ao papel patogênico, existe, entre os acontecimentos da vida infantil e os da vida ulterior, a mesma relação de complemento recíproco que a que constatámos nas séries anteriormente estudadas. Ha casos em que o único fator etiológico é constituido pelos acontecimentos sexuais da infância, de origem seguramente traumática e cujos efeitos, para se manifestarem, não exigem outras condições além das oferecidas pela constituição sexual mediana e por sua imaturidade. Mas existem, em compensação, casos em que a etiologia da neurose deve ser procurada unicamente em conflitos ulteriores e em que o papel das impressões infantis, revelado pela análise, surge como um efeito da regressão. Temos assim os extremos da "parada de desenvolvimento" e da "regressão", e,

entre êstes dois extremos, todos os graus de combinação dêstes dois fatores.

Todos êstes fatos apresentam certo interêsse para a pedagogia, que se propõe prevenir as neuroses instituíndo cedo um controle sôbre a vida sexual da criança. Enquanto concentramos toda a atenção sôbre os acontecimentos sexuais da infância, podemos crer que fizemos tudo para prevenir as doenças nervosas quando tomamos cuidado de retardar o desenvolvimento sexual e de poupar à criança impressões de ordem sexual. Mas já sabemos que as condições determinantes das neuroses são muito mais complicadas e não se acham sob a influência de um único fator. A vigilância rigorosa da criança não tem o menor valor, porque nada pode contra o fator constitucional; além disto, é mais difícil de exercer do que supõem os educadores e comporta dois novos riscos que estão longe de ser negligenciáveis: de uma parte, ultrapassa a meta, favorecendo um recalcamento sexual exagerado, capaz de ter conseqüências nocivas; de outra parte, lança a criança na vida sem nenhum meio de defesa contra o afluxo de tendências sexuais que a puberdade deve trazer consigo. As vantagens da profilaxia sexual da infância são portanto mais que duvidosas, e é o caso de perguntar si não é numa outra atitude em relação à atualidade que convém procurar um melhor ponto de apôio para a profilaxia das neuroses.

Mas voltemos aos sintomas. À satisfação de que o indivíduo esta privado, criam uma substituição fazendo retrogradar a líbido a fases anteriores, o que comporta o retôrno aos objetos ou à organização que caracterizaram essas fases. Já sabíamos que o neurótico está adstrito a um certo momento de seu passado; trata-se de um período em que sua líbido não estava privada de satisfação, de um período em que era feliz. Procura no passado, até que encontra um tal período, ainda que para isto deva remontar à primeira infância, tal como se lembra dela ou a imagina de acôrdo com seus indícios ulteriores. O sintoma reproduz de um ou de outro modo esta satisfação da primeira infância, satisfação deformada pela censura que nasce do conflito, geralmente acompanhada de uma sensação de sofrimento e associada a fatores que fazem parte da predisposição mórbida. A satisfação que nasce do sintoma é de natureza exquisita. Fazemos abstração do fato de que a pessoa interessada sente essa satisfação como um sofrimento e dela se queixa: esta transformação é o efeito do conflito psíquico sob a pressão do qual o sintoma deve ter-se formado. O que foi outrora para o indivíduo uma satisfação, deve precisamente hoje em dia provocar sua resistência

ou sua aversão. Conhecemos um exemplo pouco aparente, mas muito instrutivo desta transformação de sensações. A mesma criança que outrora absorvia com avidez o leite do seio materno manifesta alguns anos mais tarde uma forte aversão pelo leite, aversão que a educação tem muita dificuldade em vencer. Esta aversão se agrava às vezes e vai até o desgôsto, quando o leite ou a bebida misturada com leite estão cobertos de uma delgada película. E' lícito supor que esta membrana desperta a lembrança do seio materno tão ardentemente desejado em tempos idos. Devemos acrescentar que no intervalo se acha o desmame com sua ação traumática.

Mas ainda ha uma outra razão pela qual os sintomas nos parecem singulares e, como meio de satisfação libidinal, incompreensíveis. Só nos recordam aquilo de que em geral e normalmente esperamos uma satisfação. Fazem as mais das vezes abstração do objeto e renunciam assim a toda relação com a realidade exterior. Dizemos que isto é uma conseqüência da renúncia ao princípio de realidade e da volta ao princípio de prazer. Mas aí também ha uma volta a uma espécie de auto-erotismo ampliado, àquele que proporcionou à tendência sexual suas primeiras satisfações. Os sintomas substituem uma modificação do mundo exterior pôr uma modificação do corpo, e portanto uma ação exterior por uma ação interior, um ato por uma adaptação, o que, do ponto de vista filogenético, corresponde ainda a uma regressão perfeitamente significativa. Só compreenderemos bem tudo isto em face de um novo dado que nossas investigações analíticas nos revelarão mais tarde sôbre a formação dos sintomas. Recordaremos além disto que na formação de sintomas cooperam os mesmos processos do inconciente que vimos em ação quando da formação de sonhos, a saber, a condensação e o deslocamento. Como o sonho, o sintoma representa algo como sendo realizado, uma satisfação à maneira infantil, mas, por uma condensação levada ao extremo limite, esta satisfação pode ser contida numa única sensação ou inervação, e por um deslocamento extremo pode ser limitada a um único pequeno pomenor de todo o complexo líbidinal. Não é nada de admirar si também sentimos certa dificuldade em reconhecer no sintoma a satisfação líbidinal suspeitada e sempre confirmada.

Acabei de anunciar-lhes que ainda iam aprender alguma coisa nova. Trata-se com efeito de uma coisa não somente nova, mas ainda singular e perturbadora. Sabem que pela análise, que tem como ponto de partida os sintomas, chegamos ao conhecimento dos fatos da vida infantil em que se fixou a líbido e de que são feitos os sintomas. Ora, o espan-

toso é que estas cenas infantis nem sempre são verdadeiras. Sim, as mais das vezes não são verdadeiras, e nalguns casos são mesmo diretamente contrárias à verdade histórica. Mais que qualquer outro argumento, esta descoberta é de natureza a desacreditar ou a análise que chegou a um tal resultado ou o doente sôbre cujas palavras repousam todo o edifício da análise e a compreensão das neuroses. Esta descoberta é, além disto, extremamente perturbadora. Si os acontecimentos infantis desvendados pela análise fossem sempre reais, teríamos a sensação de mover-nos em terreno sólido; si fossem sempre falsos, si se revelassem em todos os casos como invenções, fantasias dos doentes, não nos restaria sinão abandonar êste terreno movediço e refugiar-nos num outro. Mas não nos encontramos em face de nenhuma destas duas alternativas: os acontecimentos infantis, reconstituídos ou evocados pela análise, são ora incontestàvelmente falsos, ora não menos incontestàvelmente reais, e na maioria dos casos, são uma mistura de verdadeiro e de falso. Os sintomas representam, pois, ora acontecimentos que realmente tiveram lugar e aos quais se deve reconhecer uma influência sôbre a fixação da líbido, ora fantasias dos doentes às quais não se pode atribuir nenhum papel etiológico. Esta situação é de natureza a pôr-nos num embaraço muito grande. Lembrar-lhes-ei entretanto que certas recordações de infância que os homens sempre conservam na consciência, fora e independentemente de toda análise, podem igualmente ser falsas ou ao menos apresentar uma mistura de falso e verdadeiro. Ora, nêstes casos, a prova da inexatidão raramente é difícil de fazer, o que ao menos nos proporciona o consôlo de pensar que o embaraço de que acabo de falar é produto não da análise, mas do doente.

Basta refletir um pouco para compreender o que nos perturba nesta situação: é o desprêzo da realidade, é o fato de não levar absolutamente em conta a diferença que existe entre a realidade e a imaginação. Temos a tentação de zangar-nos com o doente, porque nos entedia com suas histórias imaginárias. A realidade parece-nos separada da imaginação por um abismo intransponível, e nós a apreciamos de um modo inteiramente diverso. Aliás, é o mesmo o ponto de vista do doente quando raciocina normalmente. Quando nos apresenta os materiais que, dissimulados detrás dos sintomas, revelam situações modeladas sôbre os acontecimentos da vida infantil e cujo núcleo é formado por um desejo que procura satisfazer-se, começamos sempre por perguntar-nos si se trata de coisas reais ou imaginárias. Mais tarde, aparecem certos sinais que nos permitem resolver esta questão num ou noutro sen-

tido, e apressamo-nos a pôr o doente ao par de nossa solução. Mas esta iniciação do doente não decorre sem dificuldades. Si lhe dizemos desde o início que está contando acontecimentos imaginários com os quais vela a história de sua infância, como os povos substituem pelas lendas a história de seu passado esquecido, constatamos que seu interêsse em prosseguir a narrativa baixa subitamente, resultado que estávamos longe de desejar. Êle também quer ter a experiência de coisas reais e se declara cheio de desdem pelas coisas imaginárias. Mas si, para levar nosso trabalho a bom termo, mantemos o doente na convicção de que o que êle nos conta representa os acontecimentos reais de sua infância, expomo-nos a que mais tarde nos censure nosso êrro e zombe de nossa pretensa credulidade. Tem dificuldade em compreender-nos quando o concítamos a pôr no mesmo plano a realidade e a fantasia e a não se preocupar de saber si os acontecimentos de sua vida infantil, que queremos esclarecer e tais como nos são por êle contados, são verdadeiros ou falsos. E' entretanto evidente que essa é a única atitude recomendável em face destas produções psíquicas. E' que tais produções também são reais em certo sentido: resta especialmente o fato de que foi o doente quem creou os acontecimentos imaginários; e, do ponto de vista da neurose, êste fato não é menos importante que si o doente tivesse realmente, vivido os acontecimentos de que fala. As fantasias possuem uma realidade *psíquica*, oposta à realidade *material*, e pouco a pouco nos imbuimos desta verdade: *no mundo das neuroses, é a realidade psíquica que desempenha o papel dominante.*

Entre os acontecimentos que figuram em todas, ou quasi todas, as histórias de infância dos neuróticos, ha alguns que merecem ser especialmente citados por sua grande importância. São: observações relativas ás relações sexuais dos pais, o fato de ter sido desencaminhado por um adulto, a ameaça de castração. Seria um êrro acreditar que aí só se trata de coisas imaginárias, sem nenhuma base real. Ao contrário, é possível estabelecer indiscutivelmente a materialidade dêstes fatos interrogando os parentes mais idosos dos pacientes. Não é raro verificar, por exemplo, que tal menino que começou a brincar indecentemente com seu órgão genital, não sabendo ainda que essa é uma diversão que se deve ocultar, foi ameaçado pelos pais e pessoas encarregadas de cuidar dêle, de uma amputação do penis ou da mão pecadora. Os pais, interrogados, não hesitam em responder que sim, pois acham que tiveram razão de intimidar a criança; certos doentes guardam uma recordação correta e conciente desta ameaça, sobretudo quando esta se produziu quando

êles já tinham certa idade. Quando é a mãe ou uma outra pessoa do sexo feminino quem profere esta ameaça, faz entrever sua execução pelo pai ou pelo médico. No célebre "Struwwelpeter" do pediatra francfortense Hoffmann, que deve seu encanto à profunda inteligência dos complexos sexuais e outros da infância, a castração acha-se substituida pela amputação do polegar, com que se ameaça a criança por sua obstinação em sugá-lo. Entretanto, é absolutamente inverosimel que as crianças sejam tão freqüentemente ameaçadas de castração, como se poderia crer de acôrdo com as análises dos neuróticos. Ha todo motivo de supor que a criança imagina esta ameaça, a princípio baseando-se em certas alusões, em seguida porque sabe que a satisfação auto-erótica é proïbida e enfim sob a impressão que lhe deixou a descoberta do órgão genital feminino. Da mesma forma, não é absolutamente inverosímil que, mesmo nas famílias não proletárias, a criança, que cremos incapaz de compreender e lembrar-se, tenha podido ser testemunha das relações sexuais entre seus pais ou outras pessoas adultas e que, compreendendo mais tarde o que vira, reagisse à impressão recebida. Mas quando descreve as relações sexuais, que poude testemunhar, com particularidades demasiado minuciosas para poderem ter sido observadas, ou quando as descreve, o que é o caso muito mais freqüente, como relações *more ferarum,* parece fora de dúvida que esta fantasia se liga à observação de atos sexuais entre animais (cães) e explica-se pelo estado de insatisfação que a criança, que só teve a impressão visual, experimenta por ocasião da puberdade. Mas o caso mais extremo dêste gênero é aquele em que a criança pretende ter observado o coito dos pais, enquanto ainda se achava no seio materno. A fantasia relativa ao fato de ser desencaminhado apresenta um interêsse particular, porque as mais das vezes se trata, não de um fato imaginário, mas da recordação de um acontecimento real. Mas, mesmo sendo freqüente, este acontecimento real o é muito menos do que se poderia crer pelos resultados das análises. Ser desencaminhado por crianças mais idosas ou da mesma idade é mais freqüente que ser desencaminhado por adultos, e quando nas narrativas de meninas é o pai que surge (isto é quasi a regra) como sedutor, o carácter imaginário desta acusação parece fora de dúvida, da mesma forma que nenhuma dúvida é possivel quanto ao motivo que a determina. E' pela invenção do desencaminhamento, quando nada sucedeu que pudesse assemelhar-se a êste fato, que a criança justifica geralmente o período auto-erótico de sua atividade sexual. Situando pela imaginação o objeto de seu desejo sexual nêste período recuado de sua infância, dispensa-

se de ter vergonha do fato de se masturbar. Aliás, não creiam que o abuso sexual cometido sôbre crianças pelos parentes masculinos mais próximos seja um fato que pertence inteiramente ao domínio da fantasia. A maior parte dos analistas certo já terá tido de tratar de casos em que êste abuso realmente existiu e poude ser estabelecido de um modo indiscutivel; apenas, este abuso teve lugar numa época muito mais tardia que aquela em que a criança situa.

Temos a impressão de que todos êstes acontecimentos da vida infantil constituem o elemento necessário, indispensável da neurose. Si êstes acontecimentos correspondem à realidade, tanto melhor; si a realidade os recusa, são formados segundo tais ou tais indícios e completados pela imaginação. O resultado é o mesmo, e ainda não nos foi dado constatar uma diferença quanto aos efeitos, conforme os acontecimentos da vida infantil são um produto da fantasia ou da realidade. Ainda aqui temos uma dessas relações de complemento de que já tratámos tantas vezes, mas esta última relação é a mais estranha de todas as que conhecemos. De onde vem a necessidade destas invenções e de onde tira a criança seus materiais? No que concerne aos motivos, nenhuma dúvida é possível; mas resta explicar porquê as mesmas invenções se reproduzem sempre, e com o mesmo conteúdo. Sei que a resposta que estou em condições de dar a esta questão lhes parecerá demasiado ousada. Penso especialmente que estas *fantasias primitivas*, pois tal é o nome que lhes convém, como aliás a algumas outras, constituem um patrimônio filogenético. Por essas fantasias, o indivíduo torna a imergir na vida primitiva, quando sua própria vida se tornou demasiado rudimentar. A meu ver, é possível que tudo o que nos é contado no correr da análise a título de fantasias, a saber, o desencaminhamento de crianças, a excitação sexual ao ver relações sexuais dos pais, a ameaça de castração ou, antes, a castração, — é possível que todas estas invenções tenham sido outrora, nas fases primitivas da família humana, realidades, e que, dando livre curso a sua imaginação, a criança preenche apenas, com o auxílio da verdade prehistórica, as lacunas da verdade individual. Muitas vezes tive a impressão de que a psicologia das neuroses é susceptível de nos informar mais e melhor que todas as outras fontes sôbre as fases primitivas do desenvolvimento humano.

As questões que acabamos de tratar obrigam-nos a examinar mais de perto o problema da origem e do papel desta atividade espiritual que tem o nome de "fantasia". Esta, bem o sabem, goza de grande consideração, sem que se tenha uma idéia exata do lugar que ela ocupa na

vida psíquica. Aqui está o que lhes posso dizer a êste respeito. Sob a influência da necessidade exterior, o homem é pouco a pouco levado a uma apreciação exata da realidade, o que lhe ensina a conformar sua conduta ao que chamámos o "princípio de realidade" e a renunciar, provisória ou duradouramente a diferentes objetos e fins de suas tendências hedônicas, inclusive à tendência sexual. Esta renúncia ao prazer sempre foi penosa para o homem; e êle não a realiza sem uma certa espécie de compensação. Eis porquê se reservou uma atividade psíquica, graças à qual todas as fontes de prazeres e todos os meios de adquirir prazer, aos quais renunciou, continuam a existir sob uma forma que os põe ao abrigo das exigências da realidade e do que chamamos a prova da realidade. Toda tendência reveste imediatamente a forma que a representa como satisfeita, e é fora de dúvida que, ao comprazer-se com as satisfações imaginárias de desejos, o indivíduo sente uma satisfação que aliás em nada é perturbada pela conciência de sua irealidade. Na atividade de sua fantasia, o homem continua portanto a gozar, em relação ao constrangimento exterior, dessa liberdade a que a muito tempo se viu forçado a renuciar na vida real. Realizou um quasi impossível que lhe permite ser alternativamente um animal de alegria e um ser razóavel. A magra satisfação que pode arrancar à realidade não lhe basta. "E' impossível passar sem construções auxiliares," diz nalguma parte Th. Fontane. A creação do reino psíquico da fantasia encontra sua completa analogia na instituição de "reservas naturais" nos lugares onde as exigências da agricultura, das comunicações, da indústria, ameaçam transformar, a ponto de torná-lo irreconhecível, o aspecto primitivo da terra. A "reserva natural" perpetua êsse estado primitivo que fomos forçados, muitas vezes a contragosto, a sacrificar em todas as outras partes à necessidade. Nestas reservas, tudo deve brotar e desabrochar sem constrangimento, tudo, mesmo o que é inútil e nocivo. O reino psíquico da fantasia constítue uma reserva dêste gênero, subtraída ao princípio da realidade.

As produções mais conhecidas da fantasia são os "sonhos despertos" de que já falámos, satisfações imaginadas de desejos ambiciosos, grandiosos, eróticos, satisfações tanto mais completas, tanto mais luxuriosas, quanto mais ordena a realidade a modéstia e a paciência. Reconhece-se com uma nitidez impressionante, nêstes sonhos despertos, a própria essência da felicidade imaginária, que consiste em tornar a aquisição de prazer independente do assentimento da realidade. Sabemos que êstes sonhos despertos formam o núcleo e o protótipo dos sonhos

noturnos. Um sonho noturno não é, no fundo, mais que o sonho desperto, tornado mais maleável graças à liberdade noturna das tendências, deformado pelo aspeto noturno da atividade psíquica. Já estamos familiarizados com a idéia de que o sonho desperto não é necessàriamente conciente, que ha sonhos despertos inconcientes. Êstes sonhos despertos inconcientes podem portanto ser tão bem a fonte dos sonhos noturnos como dos sintomas neuróticos.

Eis o que será de natureza a fazer-lhes compreender o papel da fantasia na formação dos sintomas. Tinha-lhes dito que nos casos de privação a líbido, realizando um trajeto regressivo, vem ocupar novamente as posições que tinha ultrapassado, não todavia sem nelas ter deixado uma parte de si mesma. Sem querer retirar seja o que for desta afirmação, sem querer trazer-lhe qualquer correção, faço entretanto questão de introduzir um elo intermediário. Como encontra a líbido o caminho que deve conduzi-la a êstes pontos de fixação? Pois bem, os objetos e direções abandonados pela líbido não o são de um modo completo e absoluto. Êsses objetos e direções, ou seus derivados, persistem ainda com certa intensidade nas representações da fantasia. Eis porquê basta à líbido reportar-se a estas representações para tornar a encontrar o caminho que deve conduzí-la a todas as fixações recalcadas. Estas representações imaginárias gozaram de certa tolerância, não houve conflito entre elas e o *eu*, por forte que pudesse ser sua oposição com êste, mas isto enquanto uma certa condição era observada, condição de natureza *quantitativa* e que só se vê perturbada pelo fato do refluxo da líbido para os objetos imaginários. Em conseqüência dêste refluxo, a quantidade de energia inerente a êsses objetos acha-se aumentada ao ponto de êles se tornarem exigentes e manifestarem um impulso no sentido da realização. Daí resulta um conflito entre êles e o *eu*. Mesmo tendo sido outrora concientes ou preconcientes, sofrem agora um recalcamento da parte do *eu* e são entregues à atração do inconciente. Das fantasias agora inconcientes, a líbido remonta às suas origens no inconciente, aos seus próprios pontos de fixação.

A regressão da líbido aos objetos imaginários, ou fantasias, constitue uma secção intermediária no caminho que conduz à formação de sintomas. Esta secção merece, aliás, uma designação especial. C. G. Jung propôs para êste fim a excelente denominação de *introversão*, à qual aliás fez muito fora de propósito designar também outra coisa. Quanto a nós, designamos por *introversão* o afastamento da líbido das

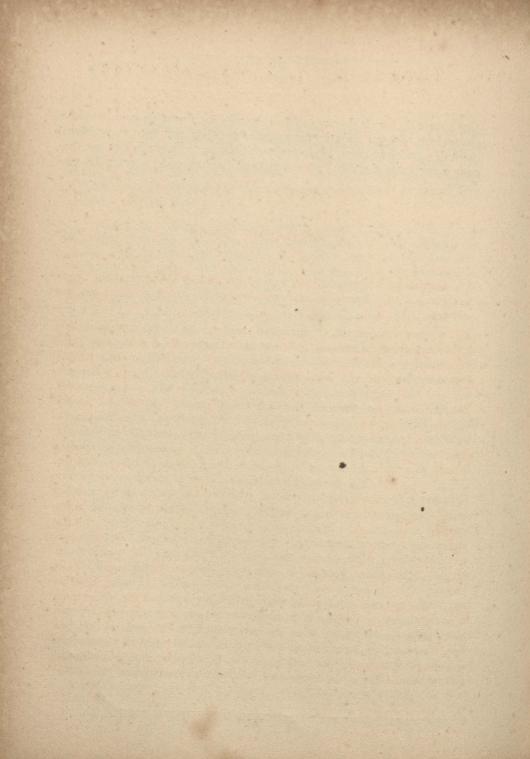
possibilidades de satisfação real e seu deslocamento para fantasias consideradas até então inofensivas. Um introvertido, sem ser ainda um neurótico, acha-se numa situação instável; ao primeiro deslocamento de fôrças, apresentará sintomas neuróticos si não encontrar outra saída para sua líbido recalcada. Em compensação, o carácter irreal da satisfação neurótica e o apagamento da diferença entre a fantasia e a irrealidade existem desde a fase da introversão.

Sem dúvida notaram que, em minhas últimas explicações, introduzi no encadeamento etiológico um novo fator: a quantidade, a grandeza das energias consideradas. Eis um fator que sempre devemos tomar em consideração. A análise puramente qualitativa das condições etiológicas não é exaustiva. Ou, para exprimir-nos de outro modo, uma concepção puramente *dinâmica* dos processos psíquicos que nos interessam é insuficiente: precisamos ainda encará-los do ponto de vista *econômico*. Devemos dizer-nos que o conflito entre duas tendências só estala a partir do momento em que certas intensidades são atingidas, mesmo quando as condições decorrentes dos conteúdos dessas tendências existem ha muito tempo. Assim também, a importância patogênica dos fatores constitucionais depende da predomiância quantitativa de uma ou de outra das tendências parciais em relação com a disposição constitucional. Pode-se mesmo dizer que todas as predisposições humanas são qualitativamente idênticas e não diferem entre si a não ser por suas proporções quantitativas. Não menos decisivo é o fator quantitativo do ponto de vista da resistência a novas afecções neuróticas. Tudo depende *da quantidade* da líbido não empregada que uma pessoa é capaz de conter em estado de suspensão, e *da fração maior ou menor* dessa líbido que ela é capaz de desviar da vida sexual para orientá-la no sentido da sublimação. A meta final da atividade psíquica que, do ponto de vista qualitativo, pode ser descrita como uma tendência a adquirir prazer e evitar o desprazer, depara-se-nos, si a encaramos do ponto de vista econômico, como um esfôrço para dominar as massas (grandezas) de excitações que têm sua sede no aparêlho psíquico e impedir a ação da mágua que pode resultar de sua estagnação.

Aí está tudo o que me propusera dizer-lhes sôbre a formação de sintomas nas neuroses. Mas faço questão de repetir uma vez mais e do modo mais explícito que tudo o que disse só se refere à formação de sintomas na histeria. Já na neurose obsessional a situação é diferente, si bem que os fatos fundamentais continuem sendo os mesmos. As resistências aos impulsos que decorrem das tendências, resistências de que

falámos igualmente a propósito da histeria, vêm, na neurose obsessional, ocupar o primeiro plano e dominam o quadro clínico, na qualidade de formações chamadas "reacionais". Encontramos as mesmas diferenças e outras, ainda mais profundas, nas outras neuroses que ainda esperam que as pesquisas relativas aos seus mecanismos de formação de sintomas estejam terminadas.

Antes de concluir esta lição, quisera ainda chamar a atenção dos senhores para um dos lados mais interessantes da vida imaginativa. Existe evidentemente um caminho de retôrno que leva da fantasia à realidade: é a arte. O artista é ao mesmo tempo um introvertido que beira a neurose. Animado de impulsos e tendências extremamente fortes, quisera conquistar honras, poder, riquezas, glória e amor das mulheres. Faltam-lhe, porém, os meios de proporcionar-se estas satisfações. Eis porquê, como todo homem insatisfeito, se desvia da realidade e concentra todo o seu interêsse, e também sua líbido, nos desejos creados por sua vida imaginativa, o que pode fàcilmente levá-lo à neurose. São precisas muitas circunstâncias favoráveis para que seu desenvolvimento não chegue a êsse resultado; e sabemos quão numerosos são os artistas que sofrem uma parada parcial de sua atividade em conseqüência de neuroses. E' possível que sua constituição comporte uma grande aptidão à sublimação e uma certa fraqueza em efectuar recalcamentos susceptíveis, de decidir o conflíto. E eis como o artista torna a encontrar o caminho da realidade. Não preciso dizer-lhes que êle não é o único a viver de uma vida imaginativa. O domínio intermediário da fantasia goza do favor geral da humanidade, e todos os que são privados de alguma coisa vêm procurar aí compensação e consôlo. Mas os profanos só retiram das fontes da fantasia um prazer limitado. O carácter implacável de seus recalcamentos obriga-os a contentar-se com raros sonhos despertos, dos quais ainda é mister que se tornem concientes. Mas o verdadeiro artista pode mais que isto. Sabe, em primeiro lugar, dar a seus sonhos despertos uma forma tal que perdem todo carácter pessoal capaz de chocar os estranhos, e tornam-se uma fonte de gôzo para outrem. Sabe igualmente embelezá-los de uma maneira a dissimular completamente sua orígem suspeita. Possue, além disto, o poder misterioso de modelar dados materiais até fazer dêles a imagem fiel da representação existente em sua fantasia, e ligar a essa representação de sua fantasia inconciente uma soma de prazer suficiente para dissimular ou suprimir, ao menos provisóriamente, os recalcamentos. Quando conseguiu realizar tudo isto, proporciona a ou-

tros o meio de haurir de novo alívio e consôlo nas fontes de gozo, tornadas inacessíveis, de seu próprio inconciente; grangeia por isso o reconhecimento e admiração dêles, tendo assim finalmente conquistado *por* sua fantasia o que antes só existira *em* sua fantasia: honras, poder e amor das mulheres.

CAPÍTULO XXIV

O NERVOSISMO COMUM

Depois de haver concluido, em nossas últimas palestras, uma tarefa bastante difícil, abandono momentâneamente o tema e dirijo-me aos senhores.

Sei em primeiro lugar que estão descontentes. Tinham feito uma idéia bem diferente do que deve ser uma *Introdução à psicanálise*. Esperavam exemplos tirados da vida, e não a exposição de uma teoria. Dizem-me que quando lhes contei a parábola intitulada: *No andar térreo e no sobrado*, perceberam alguma coisa de etiologia das neuroses, mas lastimam que eu lhes tenha contado histórias imaginárias, ao envez de citar observações tiradas do vivo. Ou, ainda, quando lhes falei a princípio de dois sintomas, que, êstes, não são inventados, fazendo-lhes assistir ao seu desaparecimento e pondo ante seus olhos as relações dêles com a vida do doente, os senhores entreviram o "sentido" dos sintomas e esperaram ver-me persistir nesta maneira de agir. E eis que eu me pus a desenrolar perante os senhores longas teorias que nunca eram completas, às quais sempre tinha alguma coisa a acrescentar, trabalhando com noções que não lhes dera previamente a conhecer, passando da exposição descritiva à concepção dinâmica, desta à concepção que chamei "econômica". Os senhores tinham o direito de perguntar a si mesmos si, entre as palavras que eu empregava, não havia um certo número delas tendo a mesma significação e que só eram empregadas alternativamente por questões de eufonia. Nada fiz para informá-los a êste respeito; em vez disto, fiz surgir perante os senhores pontos de vista tão vastos como os do princípio de prazer, do princípio de realidade e do patrimônio hereditário filogenético; e, em vez de introduzí-los nalguma coisa, fiz desfilar ante seus olhos algo que, à medida que eu o envocava, se afastava dos senhores.

Porquê não comecei a introdução na teoria das neuroses pela exposição do que os senhores mesmos sabem a respeito das neuroses, do que ha muito tempo suscitou seu interêsse? Porquê não comecei por lhes falar da natureza particular dos nervos, de suas reações incompreensíveis às relações com os outros homens e às influências exteriores, de sua irritabilidade, de sua falta de previdência e de adaptação? Porquê não os conduzi pouco a pouco da inteligência das formas simples, que se observam todos os dias, à dos problemas que se referem às manifestações extremas e enigmáticas do nervosismo?

Não contesto o fundamento de suas queixas. Não tenho ilusões sôbre minha arte de expor, ao ponto de atribuir um encanto particular a cada um de seus defeitos. Concedo que teria sido mais proveitoso para os senhores agir de modo diverso do que eu fiz; e aliás era essa a minha intenção. Mas nem sempre é fácil realizar suas intenções, mesmo as mais razoáveis. Ha na própria matéria de que tratamos algo que nos comanda e nos desvia da primeira intenção. Mesmo um trabalho tão insignificante como a disposição dos materiais não depende sempre e inteiramente da vontade do autor: ela se opera por si, e é só depois que podemos perguntar intimamente porquê os materiais escolheram tal ordem de disposição e não outra.

Pode ser que o título *Introdução à Psicanálise* não convenha a esta parte que trata das neuroses. A introdução à psicanálise é fornecida pelo estudo dos atos falhados e dos sonhos; mas a teoria das neuroses é a própria psicanálise. Não creio ter podido dar-lhes, em tão pouco tempo e sob uma forma tão condensada, um conhecimento suficiente da teoria das neuroses. Antes de tudo, fazia questão de dar-lhes uma idéia de conjunto do sentido e da importância dos sintomas, das condições exteriores e interiores, assim como do mecanismo da formação de sintomas. Foi pelo menos o que tentei fazer, e aí está mais ou menos o núcleo do que a psicanálise pode ensinar-nos hoje em dia. Havia não poucas coisas a dizer acêrca da líbido e seu desenvolvimento, e havia também alguma coisa a dizer acêrca do desenvolvimento do *eu*. Quanto ás premissas de nossa técnica e as grandes noções do inconciente e do recalcamento (da resistência) os senhores estavam preparados para elas desde a introdução. Verão numa das próximas lições em que ponto o trabalho psicanalítico retoma seu avanço orgânico. Não lhes escondi de antemão que todas as nossas deducções são tiradas de um único grupo de afecções nervosas, das neuroses chamadas "de transferência". E até, ao analisar o mecanismo da formação de sintomas, eu

tinha em vista exclusivamente a neurose histérica. Mesmo supondo que os senhores não tenham assim adquirido nenhum conhecimento sólido nem retido todos os pormenores, espero que nem por isso tenham deixado de adquirir uma idéia dos meios com que a psicanálise trabalha, das questões que encara e dos resultados que obteve.

Suponho, pois, que teriam desejado ver-me começar a exposição das neuroses pela descrição da atitude dos nervosos de maneira porque sofrem a neurose, por que dela se defendem e com ela se acomodam. E' certamente um tema interessante e instrutivo, pouco dificil de tratar, mas pelo qual é um pouco perigoso começar. Ao tomar como ponto de partida as neuroses comuns, ordinárias, expomo-nos particularmente a não descobrir o desconhecido, a não apreender a grande importância da libido e a deixar-nos influenciar na apreciação dos fatos pela maneira por que elas se apresentam ao *eu* do nervoso. Ora, é óbvio que êste *eu* está longe de ser um juiz seguro e imparcial. Si o *eu* possue o poder de negar o inconciente e recalcá-lo, como podemos esperar dêle um juizo equânime a respeito dêsse inconciente? Entre os objetos recalcados, as exigências não aprovadas da sexualidade figuram em primeiro plano; o que significa que nunca poderemos fazer uma idéia de sua grandeza e importância de acôrdo com a maneira por que as concebe o *eu*. A partir do momento em que vemos surgir o ponto de vista do recalcamento, estamos prevenidos de que não podemos tomar como juiz um dos dois adversários em conflito, máxime o adversário vitorioso. Daí em diante, sabemos que tudo o que o *eu* poderia dizer-nos seria de molde a induzir-nos em êrro. Ainda poderíamos confiar no *eu* si o soubéssemos ativo em todas as suas manifestações, si soubéssemos que êle próprio quis e produziu seus sintomas. Mas num grande número de suas manifestações, o *eu* mantém-se passivo, e é esta passividade que êle procura ocultar e apresentar sob um aspecto que não lhe pertence. Aliás, o *eu* nem sempre ousa submeter-se a êste ensaio, e é obrigado a convir que, nos sintomas da neurose obsessional, sente erguer-se contra êle fôrças estranhas, das quais só a duras penas consegue defender-se.

Aqueles que, sem se deixarem desanimar por estas advertências, tomam as falsas indicações do *eu* por moeda sonante, terão certamente a estrada livre e escaparão a todos os obstáculos que se opõem à interpretação psicanalítica do inconciente, da sexualidade e da passividade do *eu*. Êsses poderão afirmar, como Alfred Adler, que é o carácter nervoso" que é causa da neurose, em vez de ser seu efeito, mas serão também

incapazes de explicar a menor particularidade da formação de sintomas ou o sonho mais insignificante.

Hão de perguntar-me: "Não seria então possível tomar em consideração a parte que compete ao *eu* no nervosismo e na formação de sintomas, sem negligenciar de um modo demasiado flagrante os fatores descobertos pela *psicanálise?*" Ao que respondo: "A coisa deve certamente ser possível, e de fato ha de fazer-se um dia, mas, dada a orientação seguida pela psicanálise, não é por êsse trabalho que ela deve começar". Pode-se predizer o momento em que essa tarefa virá impor-se à psicanálise. Ha neuroses em que a parte do *eu* se manifesta de um modo muito mais intensivo do que naquelas que estudámos até agora: chamamos a essas neuroses "narcísicas". O exame analítico destas afecções permitir-nos-á determinar com certeza e imparcialidade a participação do *eu* nas afecções neuróticas.

Mas ha uma atitude do *eu* em relação à sua neurose que é tão impressionante, que poderia ter sido tomada em consideração desde o início. Não parece faltar em nenhum caso, mas sobressai com particular evidência numa afecção que ainda não conhecemos: na *neurose traumática*. E' preciso que os senhores saibam que, na determinação e no mecanismo de todas as formas de neuroses possíveis, encontramos em ação sempre os mesmos fatores, com a única diferença de que o papel principal, do ponto de vista da formação de sintomas, cabe, conforme as afecções, ora a um, ora a outro dentre êles. Dir-se-ia o pessoal de uma companhia de teatro: cada ator, si bem que tendo seu emprêgo especial — heroi, confidente, intrigante, etc. — nem por isto deixa de escolher para sua representação de benefício um papel diferente do que está habituado a representar. Em nenhuma parte as fantasias, que se transformam em sintomas, aparecem como mais nitidez do que na histeria; em compensação, as resistências ou formações reacionais dominam o quadro da neurose obsessional; e, por outro lado, o que chamámos de *elaboração secundária,* quando falámos do sonho, ocupa na paranoia o primeiro plano, a título de falsa percepção, etc.

E' assim que nas neuroses traumáticas, sobretudo nas provocadas pelos horrores da guerra, descobriremos um móvel pessoal, egoísta, utilitário, defensivo, móvel que, si é incapaz de crear por si só a doença, contribue para a explosão desta e a mantém quando formada. Êste motivo procura proteger o *eu* contra os perigos cuja ameaça foi a causa ocasional da enfermidade, e tornará a cura impossível, enquanto o doen-

te não estiver garantido contra a volta dos mesmos perigos ou enquanto não tiver recebido uma compensação por ter estado a êles exposto.

Mas, em todos os outros casos análogos, o *eu* toma o mesmo interêsse no nascimento e na persistência das neuroses. Ja dissemos que o *eu* contribue, com certa parte, no sintoma, porque êste tem um lado pelo qual oferece uma satisfação à tendência do *eu* que procura operar um recalcamento. Além disto, a solução do conflito pela formação de um sintoma é a solução mais cômoda e a que melhor se coaduna com o princípio de prazer; é com efeito incontestável que poupa ao *eu* um trabalho interior duro e penoso. Ha casos em que o próprio médico é obrigado a convir que a neurose constitue a solução mais inofensiva e, do ponto de vista social, a mais vantajosa, de um conflito. Não se admirem si lhes disserem que o próprio médico toma ás vezes o partido da doença que combate. Não lhe convém restringir em todas as situações seu papel ao de um fanático de saúde. Sabe que no mundo ha outras misérias além da miséria neurótica, que ha outros sofrimentos, talvez mais reais ainda e mais rebeldes; sabe que a necessidade pode obrigar um homem a sacrificar sua saúde, porque êste sacrifício de um só pode prevenir uma imensa desgraça que traria o sofrimento a muitos outros. Si portanto se poude dizer que o neurótico, para esquivar-se a um conflito, *se refugia na doença*, forçoso é convir que em certos casos esta fuga é justificada, e o médico, que percebe a situação, deve então retirar-se, sem nada dizer e com todas as precauções possíveis.

Mas façamos abstração dêstes casos excepcionais. Nos casos comuns, o fato de refugiar-se na neurose proporciona ao *eu* certa vantagem de ordem interna e de natureza mórbida, á qual se vem juntar, em certas situações, uma vantagem exterior, evidente, mas cujo valor real pode variar de um caso para outro. Tomemos o exemplo mais freqüente dêste gênero. Uma mulher, brutalmente tratada e explorada sem consideração pelo marido, encontra mais ou menos regularmente um refúgio na neurose quando é nisso ajudada por suas disposições, quando é demasiado covarde ou demasiado honesta para manter relações secretas com outro homem, quando não é bastante forte para afrontar todas as convenções exteriores e separar-se do espôso, quando não tem a intenção de resguardar-se e arranjar um marido melhor e quando, além de tudo isto, seu instinto sexual a impele, a respeito de tudo, para êsse homem brutal. A doença torna-se para ela uma arma na luta contra êsse homem cuja fôrça a esmaga, uma arma de que se pode servir para defender-se e de que pode abusar para vingar-se. E'-lhe permitido

queixar-se de sua doença, de passo que não podia queixar-se do casamento. Achando no médico um auxiliar, obriga o marido, que, em circunstâncias normais, não tinha por ela a menor consideração, a tratá-la bem, a fazer despesas por sua causa, a permitir-lhe ausentar-se da residência e escapar assim por algumas horas à opressão que o marido faz pesar sôbre ela. Nos casos em que a vantagem exterior ou acidental que a doença proporciona assim ao *eu* é considerável e não pode ser substituida por nenhuma outra vantagem mais real, o tratamento da neurose arrisca-se muito a ser ineficaz.

Hão de objetar-me que o que lhes conto sôbre as vantagens proporcionadas pela doença é antes um argumento em favor da concepção que repeli, segundo a qual seria o *eu* que quer e que cria a neurose. Tranquilizem-se, entretanto: os fatos que acabo de relatar-lhes significam talvez muito simplesmente que o *eu* se compraz na neurose, que, não podendo impedí-la, faz dela o melhor uso possível, si todavia se presta a seus fins. Enquanto a neurose apresenta vantagens, o *eu* acomoda-se muito bem com ela; mas a neurose nem sempre apresenta vantagens. Geralmente constatamos que, ao deixar-se tombar na neurose, o *eu* fez um mau negócio. Pagou demasiado caro a atenuação do conflito, e as sensações de sofrimento, inerentes aos sintomas, si são talvez equivalentes aos tormentos do conflito que substituem, não deixam por isso de determinar, segundo toda probabilidade, uma agravação do estado penoso. O *eu* bem desejaria desembaraçar-se do que os sintomas têm de penoso, sem renunciar às vantagens que tira da doença, mas é impotente para obter êsse resultado. Constatamos nessa oportunidade que o *eu* está longe de ser tão ativo como supúnhamos.

Quando tiverem, como médicos, de cuidar de neuróticos, não tardarão a constatar que não são os que mais se queixam e lamentam a propósito de sua doença os que se deixam socorrer mais de boamente e opõem ao tratamento menor resistencia. Muito ao contrário. Mas compreenderão sem dificuldade que tudo o que contribue para aumentar as vantagens que o estado mórbido proporciona, reforçará ao mesmo tempo a resistência pelo recalcamento e agravará as dificuldades terapêuticas. À vantagem que o estado mórbido proporciona e que nasce por assim dizer com o sintoma, é preciso acrescentar uma outra que se manifesta mais tarde. Quando uma organização psíquica tal como a doença tem durado um certo tempo, acaba por se comportar como uma entidade independente. Manifesta uma espécie de instinto de conservação, forma em *modus vivendi* entre ela e as outras secções da vida

psíquica, mesmo as que no fundo, lhe são hostís e é raro que não encontre ocasião de se tornar novamente útil, adquirindo assim uma espécie de *função secundária*, feita para prolongar e consolidar sua existência. Tomemos, ao envez de um exemplo tirado da patologia, um caso da vida quotidiana. Um bom operário, que ganha a vida com seu trabalho, adoece em conseqüência de um acidente profissional. Incapaz de trabalhar daí em diante, dão-lhe uma pequena pensão de acôrdo com a lei e êle aprende além disto a utilizar sua enfermidade para entregar-se à mendicância. Sua existência atual, agravada, tem por base o mesmo fato que lhe fez desmoronar a existência antiga. Dembaraçando-o da enfermidade, os senhores tirar-lhe-iam antes de mais nada seus meios de subsistência, pois sempre haveria ocasião de perguntar si êle ainda está em condições de retomar o antigo ofício. O que, na neurose, corresponde a esta utilização secundária da doença, pode ser considerado como uma vantagem, secundária que se vem juntar à primária.

Devo dizer-lhes de um modo geral que, sem depreciar a importância prática da vantagem proporcionada pelo estado mórbido, não devemos deixar-nos influenciar por ela do ponto de vista teórico. Abstração feita das excepções reconhecidas mais acima, esta vantagem faz pensar nos exemplos de "inteligência dos animais", ilustrados por Oberländer nos *Fliegende Bläter*. Um árabe sobe, montado num camelo, uma senda estreita cortada na montanha abrupta. Numa volta do caminho, acha-se de repente em presença de um leão prestes a saltar sôbre êle. Nenhuma saída: de um lado a montanha quasi vertical, do outro um abismo; impossível fazer a volta e fugir; o árabe vê-se perdido. Tal não é a opinião do camelo. Dá com seu dono um salto no abismo... e o leão fica chuchando o dedo. O auxílio trazido ao doente pela neurose assemelha-se a êste salto no abismo. Também pode suceder que a solução do conflito pela formação de sintomas não passe de um processo automático, mostrando-se assim o homem incapaz de corresponder às exigencias da vida e renunciando a utilizar sua fôrças melhores e mais elevadas. Si houvesse possibilidade de escolher, dever-se-ia preferir a derrota heroica, isto é, consecutiva a um nobre corpo a corpo com o destino.

Devo todavia dar-lhes ainda as outras razões por que não comecei a exposição da teoria das neuroses pela do nervosismo comum. Acreditam talvez que, si assim procedi, foi porque, seguindo uma ordem oposta, teria encontrado mais dificuldades em estabelecer a etiologia sexual das neuroses. Enganam-se. Nas neuroses de transferência, de-

vemos, para chegar a esta concepção, começar por executar o trabalho de interpretação dos sintomas. Nas formas ordinárias das neuroses chamadas *atuais*, o papel etiológico da vida sexual constitue um fato bruto, que se oferece por si só à observação. Tropecei nêste fato ha mais de vinte anos, quando um dia perguntei a mim mesmo porquê nos obstinamos a não tomar absolutamente em consideração, no exame dos nervosos, sua atividade sexual. Sacrifiquei então a estas pesquisas a simpatia de que gozava junto aos doentes, mas não me foi míster muito esfôrço para chegar à constatação de que a vida sexual normal não comporta neurose (referi-me à neurose atual). Sem dúvida, esta proposição dá demasiado de barato as diferenças individuais dos homens e padece também dessa incerteza que é inseparável da palavra "normal", mas, do ponto de vista da orientação *grosso modo*, ainda hoje conserva todo o seu valor. Pude então estabelecer relações específicas entre certas formas de nervosismo e certas perturbações sexuais particulares, e estou convencido de que, si dispusesse dos mesmos materiais, do mesmo conjunto de doentes, faria ainda hoje observações idênticas. Freqüentemente me foi dado constatar que um homem, que se contentava com uma certa satisfação sexual incompleta, por exemplo o onanismo manual, era afectado de determinada forma de neurose atual, a que cedia prontamente seu lugar a uma outra forma, quando o indivíduo adoptava um regime sexual diferente, mas igualmente pouco recomendável. Foi-me assim possível adivinhar uma mudança no modo de satisfação sexual de acôrdo com a mudança do estado do doente. Tomei o hábito de não renunciar às minhas suposições e suspeitas enquanto não conseguira vencer a insinceridade do doente e arrancar-lhe confissões. E' verdade que os doentes preferiam então dirigir-se a outros médicos que punham menos insistência em informar-se sôbre sua vida sexual.

Também não me escapou então que a etiologia do estado mórbido nem sempre podia ser atribuida à vida sexual. Si tal doente foi diretamente afectado de uma perturbação sexual, em tal outro essa perturbação só sobreveio em conseqüência de perdas pecuniárias importantes, ou de uma grave doença orgânica. A explicação desta variedade só se nos deparou mais tarde, quando começamos a entrever as relações recíprocas, até então apenas suspeitadas, do *eu* e da líbido, e nossa explicação tornava-se cada vez mais satisfatória, à medida que as provas dessas relações se tornavam mais numerosas. Uma pessoa só se torna neurótica quando seu *eu* perdeu a aptidão para reprimir a líbido de um ou de outro modo. Quanto mais forte é o *eu*, tanto mais fácil lhe

é desempenhar essa tarefa; todo enfraquecimento do *eu*, seja qual for sua causa, é seguido do mesmo efeito que o exagêro das exigências da líbido e abre por conseguinte caminho à afecção neurótica. Existem ainda outras relações, mais intimas, entre o *eu* e a líbido; mas como estas relações não nos interessam aqui, ocupar-nos-emos delas mais tarde. O que se mantém para nós essencial e instrutivo, é que eu todos os casos, e seja qual for o modo de produção da doença, os sintomas da neurose são fornecidos pela líbido, o que supõe um enorme dispêndio desta.

Agora, devo chamar a atenção dos senhores para a diferença fundamental que existe entre as neuroses atuais e a psiconeuroses, cujo primeiro grupo, as neuroses de transferência, nos tem merecido tantas referências até êste momento. Nos dois casos, os sintomas decorrem da líbido, implicam um dispêndio anormal, desta, são satisfações substitutivas. Mas os sintomas das neuroses atuais, pêso na cabeça, sensação de dor, irritação de um órgão, enfraquecimento ou parada de uma função, não têm nenhum "sentido", nenhuma significação psíquica. Êsses sintomas são corporais, não só em suas manifestações (tal é igualmente o caso dos sintomas histéricos, por exemplo), mas também quanto aos processos que os produzem e que se desenrolam sem a menor participação de qualquer um dos complicados mecanismos psíquicos que conhecemos. Como podem, nestas condições, corresponder a utilizações da líbido que, conforme vimos é uma fôrça psíquica? A resposta a esta questão não pode ser mais simples. Permitam-me evocar uma das primeiras objeções que foram dirigidas à psicanálise. Dizia-se então que a psicanálise perde seu tempo a querer estabelecer uma teoria puramente psicológica dos fenômenos neuróticos, o que é um trabalho estéril, pois as teorias psicológicas são incapazes de fazer compreender uma doença. Mas quem apresentava êste argumento comprazia-se em esquecer que a função sexual não é nem puramente psíquica nem puramente somática. Exerce sua influência ao mesmo tempo sôbre a vida psíquica e sôbre a vida corporal. Si reconhecermos nos sintomas das psiconeuroses as manifestações psíquicas das perturbações sexuais, não ficaremos admirados de encontrar nas neuroses atuais seus efeitos somáticos diretos.

A clínica médica nos fornece uma indicação preciosa, à qual aderem aliás muitos autores, quanto à maneira de conceber as neuroses atuais. Estas deparam particularmente, nos pormenores de sua sintomatologia, assim como por seu poder de agir sôbre todos os sistemas de órgãos e sôbre todas as funções, uma incontestável analogia com os estados mórbidos ocasionados pela ação crônica de substâncias tóxicas ex-

teriores ou pela supressão brusca dessa ação, isto é, com as intoxicações e as abstinências. O parentesco entre êsses dois grupos de afecções torna-se ainda mais íntimo atendendo a estados mórbidos que atribuímos, como é o caso da doença de Basedow, à ação de substâncias tóxicas que, em vez de serem introduzidas no corpo, vindas do exterior se formam no próprio organismo. Estas analogias nos impõem, a meu ver, a conclusão de que as neuroses atuais resultam de perturbações do metabolismo das substâncias sexuais, seja que se produzam mais toxinas do que a pessoa pode suportar, seja que certas condições internas ou mesmo psíquicas perturbem a utilização adequada destas substâncias. A sabedoria popular sempre professou estas idéias sôbre a natureza da necessidade sexual, dizendo do amor que é uma "embriaguez", produzida por certas bebidas, ou filtros, aos quais atribue aliás uma origem exógena. Seja como for, o termo "metabolismo sexual" ou "quimismo da sexualidade" é para nós um molde sem conteúdo; nada sabemos a êste respeito e nem siquer podemos dizer si existem duas substâncias, uma das quais seria "macho", outra "fêmea", ou si devemos contentar-nos com admitir uma única toxina sexual que então seria a causa de todas as excitações da líbido. O edifício teórico da psicanálise, que creamos, não passa de uma super-estrutura que devemos assentar sôbre sua base orgânica. Mas isto ainda não nos é possível.

O que caracteriza a psicanálise, como ciência, é menos a matéria em que trabalha, do que a técnica de que se serve. Pode-se, sem forçar sua natureza, aplicá-la tanto à história da civilização, à ciência das religiões e à mitologia como à teoria das neuroses. Seu único fim e sua única contribuição consistem em descobrir o inconciente na vida psíquica. Os problemas relacionados com as neuroses atuais, cujos sintomas resultam provàvelmente de lesões tóxicas diretas, quasi não se prestam ao estudo psicanalítico: não podendo esta fornecer nenhum esclarecimento a seu respeito, deve transmitir êsse encargo à pesquisa médico-biológica. Si lhes tivesse prometido uma "Introdução à teoria das neuroses", deveria começar pelas formas mais simples das neuroses atuais, para chegar às afecções psíquicas mais complicadas, consecutivas às perturbações da líbido: teria sido incontestàvelmente a ordem mais natural. A propósito das primeiras, deveria apresentar-lhes tudo o que soubemos de diversos lados ou tudo o que supomos saber e, uma vez chegados às psiconeuroses, deveria falar-lhes da psicanálise como do meio técnico auxiliar mais importante de todos os que possuímos para esclarecer êsses estados. Mas minha intenção era dar-lhes uma "Introdução à psicaná-

lise", e foi o que lhes anunciei; importava-me muito mais dar-lhes uma idéia da psicanálise do que fazer-lhes adquirir certos conhecimentos concernentes às neuroses, e isto me dispensava de pôr no primeiro plano as neuroses atuais, tema perfeitamente estéril do ponto de vista da psicanálise. Creio que a escolha que fiz é de inteira vantagem para os senhores, pois a psicanálise merece interessar toda pessoa culta, por causa de suas premissas profundas e de suas multiplas relações. Quanto à teoria das neuroses, é um capítulo da medicina, semelhante a muitos outros.

Entretanto, estão no direito de esperar que também dediquemos certo interêsse às neuroses atuais. Somos aliás obrigados a fazê-lo, quando mais não fosse, por causa das estreitas relações clínicas que apresentam com as psiconeuroses. Digo-lhes pois que distinguimos três formas puras de neuroses atuais: a *neurastenia*, a *neurose de angústia* e a *hipocondria*. Estas divisão não deixou de levantar objeções. Os nomes são na verdade de uso corrente, mas as coisas que designam são indeterminadas e incertas. Ha mesmo médicos que se opõem a qualquer classificação no mundo caótico dos fenômenos neuróticos, a todo estabelecimento de unidades clínicas, de individualidades mórbidas, e que nem siquer reconhecem a divisão em neuroses atuais e psiconeuroses. A meu ver, êsses médicos vão demasiado longe e não seguem o caminho que leva ao progresso. Às vezes estas formas de neurose se apresentam puras; mas as mais das vezes as encontramos combinadas entre si ou com uma afecção psiconeurótica. Mas esta última circunstância não nos autoriza a renunciar à sua divisão. Pensem um instante na diferença que a mineralogia estabelece entre minerais e rochas. Os minérios são descritos como indivíduos, decerto em razão da circunstância de freqüentemente se apresentarem como cristais, nitidamente circunscritos e separados do que os cerca. As rochas compõem-se de massas de minerais cuja associação, longe de ser acidental, é sem dúvida alguma determinada pelas condições de sua formação. No que concerne à teoria das neuroses, sabemos ainda bem pouca coisa relativamente ao ponto de partida do desenvolvimento para edificar a êste respeito uma teoria análoga à das rochas. Mas estamos incontestàvelmente dentro da verdade quando começamos por isolar da massa as entidades clínicas que conhecemos e que, estas sim, podem ser comparadas aos minérios.

Existe, entre os sintomas das neuroses atuais e os das psiconeuroses, uma relação interessante, que fornece uma contribuição importante ao conhecimento da formação de sintomas nestas últimas: o sintoma da neurose atual constitue freqüentemente o núcleo e a fase preliminar do

sintoma psiconeurótico. Observa-se mais particularmente esta relação entre a neurastenia e a neurose de transferência chamada histeria de conversão, entre a neurose de angústia e a histeria de angústia, mas também entre a hipocondria e as formas de que falaremos mais adiante designando-as pelo nome de parafrenia (demência precoce e paranoia). Tomemos como exemplo a dor de cabeça ou as dores lombares histéricas. A análise nos demonstra que, pela condensação e pelo deslocamento, estas dores se tornaram uma satisfação substitutiva para toda uma série de fantasias ou recordações libidinais. Mas tempo houve em que essas dores eram reais, em que eram um sintoma direto de uma intoxicação sexual, a expressão corpórea de uma excitação libidinal. Não pretendemos que todos os sintomas histéricos contenham um núcleo dêste gênero; nem por isto deixa êste caso de ser particularmente freqüente, utilizando a histeria de preferência, para a formação de seus sintomas, todas as influências, normais e patológicas, que a excitação libidinal exerce sôbre o corpo. Êles representam então o papel dêstes grãos de areia que recobrem de camadas de nacar a concha que abriga o molusco. Os sinais passageiros da excitação sexual, os que acompanham o ato sexual, são igualmente utilizados pela psinoneurose, como os materiais mais cômodos e apropriados para a formação de sintomas.

Outro processo do mesmo gênero apresenta um interêsse particular, do ponto de vista diagnóstico e do tratamento. Em pessoas que, si bem que predispostas à neurose, não padecem de nenhuma neurose declarada, sucede muitas vezes que uma alteração corporal mórbida, por inflamação ou lsão, desperta o trabalho de formação de sintomas, de inflamação que o sintoma fornecido pela realidade se torna imediatamente o representante de todas as fantasias inconcientes que espreitavam a primeira ocasião de se manifestar. Nos casos dêste gênero, o médico instituirá ora um tratamento, ora outro: procurará seja suprimir a base orgânica, sem se preocupar com o rumoroso edifício neurótico que ela suporta, seja combater a neurose que se produziu ocasionalmente, sem prestar atenção à causa orgânica que lhe serviu de pretêxto. E' pelos efeitos obtidos que se poderá julgar da eficácia de um ou do outro dêstes processos, mas é difícil estabelecer regras gerais para êstes casos mixtos.

CAPÍTULO XXV

A ANGÚSTIA

O que lhes disse em minha última lição a respeito do nervosismo comum é de molde a parecer-lhes uma exposição tão incompleta e insuficiente quanto possível. Eu o sei e penso que o que mais lhes deve ter admirado, foi não encontrar ali uma palavra sôbre a angústia, que entretanto é um sintoma de que se queixa a maior parte dos nervosos, que falam dela como de seu sofrimento mais terrível; da angústia, que efectivamente pode revestir nêles uma intensidade extraordinária e impelí-los aos atos mais insensatos. Entretanto, longe de querer contornar esta questão, tenciono, ao contrário, atacar claramente o problema da angústia e tratá-lo perante os senhores minuciosamente.

Sem dúvida, não preciso apresentar-lhes a angústia; cada um dos senhores já sentiu pessoalmente, ao menos uma vez na vida, esta sensação, ou, mais exatamente, êsse estado afectivo. Parece-me entretanto que nunca nos perguntámos bastante sériamente porque são precisamente os nervosos que padecem da angústia mais freqüentemente e mais intensamente que os outros. Achava-se talvez a coisa muito natural: não se empregam indiferentemente, e uma pela outra, as palavras "nervoso" e "ansioso", como si significassem a mesma coisa? Faz-se mal em proceder assim, pois ha homens ansiosos que não têm mais nada de nervosos, e ha nervosos que apresentam muitos sintomas, salvo a tendência à angustia.

Seja como for, o certo é que o problema da angústia forma um ponto para o qual convergem as questões mais diversas e mais importantes, um enigma cuja solução deveria projetar ondas de luz sôbre toda a nossa vida psíquica. Não digo que lhes vou dar sua solução completa, mas decerto prevêem que a psicanálise atacará êste problema, como a tantos outros, por meios diferentes dos usados pela medicina de escola. Esta volta seu principal interêsse para o ponto de saber quel é o determinismo

anatômico da angústia. Declara que se trata de uma irritação do bulbo, e o doente aprende que sofre de uma neurose do vago. O bulbo é um objeto muito sério e muito bonito. Lembro-me muito bem o que seu estudo me custou outrora em tempo e canseiras. Mas hoje devo confessar que, do ponto de vista da compreensão psicológica da angústia, nada me pode ser mais indiferente que o conhecimento do trajeto nervoso seguido pelas excitações que emanam do bulbo.

E, antes de mais nada, podemos falar durante muito tempo da angústia, sem pensar no nervosismo em geral. Os senhores me compreenderão sem outra explicação, si eu designar esta angústia pelo nome de angústia *real*, em oposição à angústia *neurótica*. Ora, a angústia real nos surge como algo muito racional e compreensível. Diremos que é uma reação à percepção de um perigo exterior, isto é, de uma lesão esperada, prevista, que é associada ao reflexo da fuga e que, por conseguinte, devemos considerá-la como uma manifestação do instinto de conservação. Diante de que objetos e em que situação se produz a angústia ? Isto depende naturalmente em grande parte do grau de nosso saber e de nosso sentimento de poder em face do mundo exterior. Achamos naturais o medo que inspira ao selvagem a vista de um canhão e a agústia que sente por ocasião de um eclipse do sol, quando o branco que sabe manejar o canhão e predizer o eclipse não sente diante deles angústia alguma. Às vezes é o fato de saber demasiado que é causa da angústia, porque então se prevê o perigo muito cedo. E' assim que o selvagem será assoberbado pelo pavor ao ver na floresta uma pista que deixará indiferente um estrangeiro, porque essa pista lhe revelará a vizinhança de uma fera, e ainda é assim que um marinheiro experiente olhará com pavor uma nuvenzinha que se formou no céu, nuvem que nada significa para o viajante, de passo que ao marujo anuncia a aproximação de um ciclone.

Refletindo mais de perto a êste respeito, somos obrigados a dizer-nos que o juizo segundo o qual a angústia atual seria racional e adaptada a um fim requer uma revisão. A única atitude racional, em presença de uma ameaça de perigo, consistiria em comparar as próprias fôrças com a gravidade da ameaça e decidir em seguida si é a fuga ou a defesa ou, mesmo, eventualmente o ataque que é o meio mais eficaz de escapar ao perigo. Mas nesta atitude não ha lugar para a angústia; tudo o que acontece aconteceria tão bem, e até provàvelmente melhor, si a angústia não interviesse. Os senhores percebem igualmente que, quando a angústia se torna demasiado intensa, constitue um obstáculo

que paralisa a ação e até a fuga. Quasi sempre, a reação a um perigo é uma combinação em que entram o sentimento de angústia e a ação de defesa. O animal assustado sente angústia e foge, mas só a fuga é racional, de passo que a angústia não corresponde a nenhum fim.

Temos portanto a tentação de afirmar que a angústia nunca é racional. Mas talvez façamos uma idéia mais exata da angústia, analisando mais de perto a situação que ela creou. Verificamos em primeiro lugar que o sujeito está preparado para o perigo, e que se manifesta por uma exaltação da atenção sensorial e da tensão motora. Êsse estado de espectativa e de preparação é incontestàvelmente um estado favorável, sem o que o sujeito se acharia exposto a conseqüências graves. Dêsse estado decorrem, de uma parte, a ação motora: fuga, a princípio, e, num grau superior, defesa ativa; de outra parte, o que sentimos como um estado de angústia. Quanto mais restrito é o desenvolvimento da angústia, mais esta aparece como um simples apêndice, um sinal, e mais todo o processo, que consiste na transformação do estado de preparação ansiosa em ação, se realiza rápida e racionalmente. E' assim que, no que chamamos angústia, o estado de preparação se me depara como o elemento útil, de passo que o desenvolvimento da angústia me parece contrário ao fim visado.

Deixo de lado a questão de saber si a linguagem usual designa pelos termos *angústia, medo, terror,* a mesma coisa ou coisas diferentes. Parece-me que a angústia se refere ao estado e faz abstração do objeto, de passo que no medo a atenção se acha precisamente concentrada no objeto. A palavra *terror* parece-me, em compensação, ter um significado especial, designando especialmente a ação de um perigo para o qual não estávamos preparados por um estado prévio de angústia. Podemos dizer que o homem se defende do terror pela angústia.

Seja como for, não lhes escapa que a palavra angústia é empregada com múltiplos sentidos, o que lhe dá um carácter vago e indeterminado. As mais das vezes, entende-se por angústia o estado subjetivo provocado pela percepção do "desenvolvimento da angústia", e chama-se a êsse estado subjetivo: "estado afectivo". Ora, que é um estado afectivo do ponto de vista dinâmico? Alguma coisa muito complicada. Um estado afectivo compreende em primeiro lugar certas inervações ou descargas, e em seguida certas sensações. Estas são de duas espécies: percepção das ações motoras realizadas e sensações diretas de prazer e desprazer que imprimem ao estado afectivo o que se chama o tom fundamental. Não creio entretanto que com esta enumeração se te-

nha esgotado tudo o que se pode dizer sôbre a natureza do estado afectivo. Em certos estados afectivos, cremos poder remontar além dêstes elementos e reconhecer que o núcleo em torno do qual se cristaliza todo o conjunto é constituido pela repetição de um certo acontecimento importante e significativo, vivido pelo sujeito. Êsse acontecimento pode ser apenas uma impressão muito recuada, de um caráter muito geral, impressão que faz parte da prehistória não do indivíduo, mas da espécie. Para me fazer compreender melhor, dir-lhes-ei que o estado afectivo apresenta a mesma estrutura que a crise de histeria, que êle é, como esta, constituido por uma reminiscência depositada. A crise de histeria pode portanto ser comparada a um estado afectivo individual novamente formado, e o estado afectivo normal pode ser considerado como a expressão de uma histeria genérica, tornada hereditária.

Não creiam que o que aqui lhes digo a respeito dos estados afectivos forme um patrimônio reconhecido da psicologia normal. Trata-se, ao contrário, de concepções nascidas no solo da psicanálise e que só aí se encontram à vontade. O que a psicologia lhes diz dos estados afectivos, a teoria de James-Lange, por exemplo, é para nós outros psicanalista incompreensível e impossível de discutir. Mas também não nos consideraremos como muito certos do que sabemos a respeito dos estados afectivos; não vejam no que lhes vou dizer sôbre êste assunto mais que uma primeira tentativa para nos orientarmos nêste obscuro domínio. Continuo pois. No que concerne ao estado afectivo caracterizado pela angústia, acreditamos saber qual é a impressão remota que êle reproduz repetindo-a. Dizemo-nos que só pode ser o *nascimento*, isto é, o ato em que se acham reünidas todas as sensações penosas, todas as tendências de descarga e todas as sensações corporais, cujo conjunto se tornou como que o protótipo do efeito produzido por um perigo grave e que depois sentimos em múltiplas oportunidades como estado de angústia. Foi o aumento enorme da irritação consecutiva à interrupção da renovação sanguínea (da respiração interna), que causou então a sensação de angústia: a primeira angústia foi portanto de natureza tóxica. A palavra *angústia* (do latim *angustia*, exiguidade espacial; em alemão, *Angst*) faz precisamente sobressair o confinamento, a exiguidade de respiração que existia então como efeito da situação real e que hoje se reproduz regularmente no estado afectivo. Acharemos igualmente significativo o fato de êsse primeiro estado de angústia ser provocado pela separação que se opera entre a mãe e o filho. Pensamos naturalmente que a predisposição à repetição dêste primeiro estado de angústia, foi, atra-

vés de um número incalculável de gerações, a tal ponto incorporado ao organismo, que nenhum indivíduo pode escapar a êsse estado afectivo, mesmo que fosse, como o lendário Macduff, "arrancado das entranhas maternas", isto é, mesmo que viesse ao mundo por um outro modo que não o nascimento natural. Ignoramos qual pode ter sido o protótipo da angústia nos animais não mamíferos. Eis porquê ignoramos igualmente o conjunto de sensações que, nêstes seres, corresponde à nossa angústia.

Os senhores talvez tenham a curiosidade de saber como é que se poude chegar à idéia de que é o ato do nascimento que constitue a fonte e o protótipo do estado afectivo caracterizado pela angústia. A idéia é o menos especulativa possível; cheguei a ela partindo do cândido pensamento do povo. Um dia, —faz disso muito tempo! — em que estávamos reünidos, vários jovens médicos dos hospitais, no restaurante em torno de uma mesa, o assistente da clínica obstétrica nos contou um fato divertido que sucedera no último exame de parteiras. Uma candidata, à qual haviam perguntado que significava a presença de mecônio nas águas durante o trabalho de parto, respondeu sem hesitar: "A criança sente angústia". Essa resposta fez rir os examinadores, que reprovaram a candidata. Mas eu, em meu foro íntimo, tomei o partido desta e comecei a suspeitar que a pobre mulher do povo tivera a justa intuição de uma relação importante.

Para passar à angústia dos nervosos, quais são as novas manifestações e as novas relações que ela apresenta? Ha muito que dizer a êste respeito. Achamos, em primeiro lugar, um estado de angústia geral, uma angústia por assim dizer flutuante, pronta a apegar-se ao conteúdo da primeira representação susceptível de lhe fornecer um pretêxto, influindo sôbre os juizos, escolhendo as espectativas, espreitando todas as ocasiões para encontrar uma justificação para si mesma. Chamamos a êsse estado "angústia de espera" ou "espectativa ansiosa". As pessoas atormentadas por esta angústia sempre prevêem as mais terríveis de todas as eventualidades, vêm em cada fato acidental o presságio de uma desgraça, inclinam-se sempre para o peor, quando se trata de um fato ou acontecimento incerto. A tendência á esta espectativa de desgraça é um traço de caráter peculiar a muitas pessoas que, afora isso, não parecem absolutamente doentes; censura-se seu humor sombrio, seu pessimismo; mas a angústia de espera existe regularmente num grau bastante pronunciado numa afecção nervosa a que dei o nome de *neurose de angústia* e que coloco entre as neuroses atuais.

Outra forma de angústia apresenta, ao contrário da que acabo de descrever, ligações preferentemente psíquicas e é associada a certos objetos ou situações. E' a angústia que caracteriza as tão numerosas e freqüentemente tão singulares fobias. O eminente psicólogo americano Stanley Hall deu-se recentemente ao trabalho de apresentar-nos toda uma série destas fobias sob inefáveis nomes gregos. Aquilo se parece com a enumeração das dez pragas do Egipto, com a diferença de que as fobias são muito mais numerosas. Escutem tudo o que se pode tornar objeto ou conteúdo de uma fobia: escuridão, ar livre, espaços descobertos, gatos, aranhas, lagartas, serpentes, ratos, tempestade, pontas agudas, sangue, espaços fechados, multidões humanas, solidão, travessia de pontes, viagem por mar ou estrada de ferro, etc., etc. A primeira tentativa de orientação nêste caos deixa entrever a possibilidade de distinguir três grupos. Alguns dêsses objetos ou situações temidas têm algo de sinistro, mesmo para nós outros normais, por nos recordarem um perigo; eis porquê estas fobias não nos parecem incompreensíveis, si bem que lhes achemos uma intensidade exagerada. E' assim que quasi todos nós sentimos repulsão ao avistar uma serpente. Pode-se mesmo dizer que a fobia das serpentes é uma fobia espalhada pela humanidade inteira, e Ch. Darwin descreveu de um modo impressionante a angústia que sentiu ao ver uma serpente que se dirigia para êle, a-pesar-de estar protegido por um espêsso disco de vidro. Num segundo grupo, classificamos os casos em que existe de fato uma relação com um perigo, mas um perigo que temos o hábito de negligenciar e não tomar em consideração nos nossos cálculos. Sabemos que a viagem em estrada de ferro comporta maior risco de acidente que si ficarmos em casa, a saber o perigo de uma colisão. Sabemos igualmente que um navio pode naufragar e que assim podemos morrer afogados, e entretanto viajamos em estradas de ferro e em navio sem angústia, sem pensar nêstes riscos. E' igualmente certo que seríamos precipitados na água si a ponte desmoronasse no momento em que a transpomos, mas isto sucede tão raramente, que não se toma absolutamente em consideração êste perigo possível. A solidão, por sua vez, apresenta certos riscos e nós a evitamos em determinadas circunstâncias; mas daí não se segue que não possamos sob nenhum pretêxto e em condição alguma suportar um momento de solidão. Tudo isto se aplica igualmente às multidões, aos espaços fechados, à tempestade, etc. O que nos parece estranho nestas fobias dos neuróticos, é menos o conteúdo do que a intensidade. A angústia causada pelas fobias é simplesmente sem apelação!

E temos às vezes a impressão de que os neuróticos não experimentam sua angústia ante os mesmos objetos e situações que, em certas circunstâncias, podem igualmente provocar nossa angústia, e aos quais êles dão os mesmos nomes.

Resta ainda um terceiro grupo de fobias, mas trata-se de fobias que escapam à nossa compreensão. Quando vemos um homem adulto, robusto, sentir angústia, ao ter de atravessar uma rua ou praça de sua cidade natal, da qual conhece todos os recantos, ou uma mulher aparentemente sã sentir um terror insensato porque um gato lhe passou ao pé ou um rato cruzou o aposento, como podemos estabelecer uma relação entre a angústia de ambos, de uma parte, e o perigo que evidentemente só existe para o nervoso, de outra parte ? No que concerne às fobias que têm por objeto os animais, não se pode tratar evidentemente de um exagêro de antipatías humanas gerais, pois temos a prova do contrário no fato de numerosas pessoas não poderem passar ao lado de um gato sem chamá-lo e acariciá-lo. O rato, tão temido pelas mulheres, emprestou seu nome a uma expressão terna de primeira ordem: tal moça, que está encantada de se ouvir chamar "meu ratinho" pelo noivo, solta um grito de horror quando avista o gracioso animalzinho dêste nome. No que concerne aos homens que têm a angústia das ruas e das praças, não encontramos outro meio de explicar seu estado a não ser dizendo que se portam como crianças. A educação inculca diretamente à criança que deve evitar como perigosas situações dêste gênero, e nosso agoráfobo cessa efectivamente de sentir angústia quando atravessa a praça acompanhado de alguém.

As duas formas de angústia que acabamos de descrever, a angústia de espera, livre de qualquer ligação, e a angústia associada às fobias, são independentes uma da outra. Não se pode dizer que uma represente uma fase mais avançada que a outra, e elas só existem simultâneamente de um modo excepcional e como que acidental. O estado de angústia geral mais pronunciado não se manifesta fatalmente por fobias; pessoas cuja vida é envenenada pela agorafobia podem ser inteiramente isentadas da angústia de espera, fonte de pessimismo. Está provado que certas fobias, fobia do espaço, fobia da estrada de ferro, etc., só são adquiridas na idade madura, de passo que outras, fobia da escuridão, fobia da tempestade, fobia dos animais, parecem ter existido desde os primeiros anos da vida. Aquelas têm toda a significação de doenças graves; estas aparecem como singularidades, caprichos. Quando um sujeito apresenta uma fobia dêste último grupo, estamos autori-

zados a supor que ainda tem outras do mesmo gênero. Devo acrescentar que incluímos todas estas fobias no quadro da *histeria de angústia*, isto é, que as consideramos como uma afecção muito próxima da histeria de conversão.

A terceira forma de angústia neurótica põe-nos em face de um enigma: aqui perdemos inteiramente de vista as relações que existem entre a angústia e o perigo ameaçador. Na histeria, por exemplo, esta angústia acompanha os outros sintomas histéricos, podendo ainda produzir-se em quaisquer condições de excitação; de sorte que esperando uma manifestação afectiva, ficamos admirados ao observar a angústia, que é a manifestação que menos esperávamos. Enfim, a angústia pode ainda produzir-se sem relação com nenhuma condição, de um modo tão incompreensivel para nós como para o doente, como um acesso espontâneo e livre, sem que se possa falar de um perigo ou de um pretexto cujo exagêro tivesse por efeito êsse acesso. Constatamos, no decorrer dêsses acessos espontâneos, que o conjunto a que damos o nome de estado de angústia é susceptível de dissociação. O conjunto do acesso pode ser substituido por um sintoma único, de grande intensidade, tal como tremor, vertigem, palpitação, opressão, faltando ou sendo apenas acentuada a sensação geral mercê da qual reconhecemos a angústia. Entretanto, êsses estados, que descrevemos sob o nome de "equivalente da angústia", devem ser em tudo, clínica e etiologicamente, assimilados à angústia.

Surgem aquí duas questões. Existe um laço qualquer entre a angustia neurótica, em que o perigo não representa nenhum papel ou só representa um papel mínimo, e a angústia real, que é sempre e essencialmente uma reação a um perigo? Como se deve compreender essa angústia neurótica? E' que desejaríamos antes de mais nada salvaguardar o princípio: toda vez que ha angústia, deve haver alguma coisa que provoca essa angústia.

A observação clínica nos fornece um certo número de elementos susceptíveis de ajudar-nos a compreender a angústia neurótica. Vou discutir sua significação ante os senhores.

a) Não é difícil estabelecer que a angústia de espera ou o estado de angústia geral depende grandemente de certos processos da vida sexual ou, mais exatamente, de certas aplicações da líbido. O caso mais simples e mais instrutivo dêste gênero nos é fornecido pelas pessoas que se expõem à excitação chamada frusta, isto é, nas quais violentas excitações sexuais não encontram uma derivação suficiente, não chegam a um fim satis-

fatório. Tal é, por exemplo, o caso dos homens durante o noivado, e das mulheres cujos maridos não possuem uma potência sexual normal, ou abreviam ou fazem abortar por precaução o ato sexual. Nestas circunstâncias, a excitação líbidinal desaparece, para ceder lugar à angústia, sob a forma seja de angústia de espera, seja de um acesso ou de um equivalente de acesso. A interrupção do ato sexual por medida de precaução, quando se torna o regime sexual normal, constitue nos homens, e sobretudo nas mulheres, uma causa tão freqüente de neurose de angústia, que a prática médica nos ordena, toda vez que nos encontramos ante casos dêste gênero, pensar antes de tudo nesta etiologia. Procedendo de tal sorte, teremos mais de uma vez ocasião de constatar que **a neurose de angústia desaparece logo que o sujeito renuncía à restrição sexual.**

Ao que sei, a relação entre a restrição sexual e os estados de angústia é reconhecida mesmo pelos médicos estranhos à psicanálise. Mas suponho que se tentará inverter a relação, admitindo particularmente que se trata de pessoas que praticam a restrição sexual, porque eram de antemão predispostas à angústia. Esta maneira de ver é categóricamente desmentida pela atitude da mulher, cuja atividade sexual é essêncialmente de natureza passiva, isto é, sofre a direção do homem. Uma mulher, quanto mais temperamento tem, mais inclinada é às relações sexuais, mais capaz é de tirar delas uma satisfação total, e mais reagirá à impotência do homem e ao "coito interrompido" por fenômenos de angústia, enquanto êstes fenômenos mal aparecerão numa mulher afectada de anestesia sexual ou pouco libidinosa.

A abstinência sexual, tão calorosamente preconizada em nossos dias pelos médicos, naturalmente só favorece a produção de estados de angústia nos casos em que a líbido que não encontra derivação satisfatória apresenta um certo grau de intensidade e não foi suprimida em sua quasi totalidade pela sublimação. A produção do estado mórbido depende sempre de fatores quantitativos. Mas mesmo quando encaramos não mais a moléstia, e sim o simples carácter da pessoa, fàcilmente reconhecemos que a restrição sexual é coisa de pessoas que têm um carácter indeciso, inclinadas à dúvida e à angústia, de passo que o carácter intrépido, corajoso, é às mais das vezes incompatível com a restrição sexual. Sejam quais forem as modificações e as complicações que as numerosas influências da vida civilizada possam imprimir a estas relações entre o carácter e a vida sexual, existe entre ambos uma relação das mais estreitas

Estou longe de lhes ter comunicado todas as observações que confirmam esta relação genética entre a líbido e a angústia. Ainda haveria o que falar, a êste respeito, do papel que desempenham, na produção de doenças caracterizadas pela angústia, certas fases da vida que, tais como a puberdade e a menopausa, favorecem incontestàvelmente a exaltação da líbido. Em certos casos de excitação, podemos ainda observar diretamente uma combinação de angústia e de líbido e a substituição final desta por aquela. Dêstes fatos se depreende uma dupla conclusão: temos especialmente a impressão de que se trata de um acúmulo de líbido, cujo curso normal é entravado e que os processos a que assistimos são todos únicamente de natureza somática. Em primeiro lugar, não se vê como a angústia nasce da líbido: constata-se apenas que a líbido está ausente e que seu lugar foi tomado pela angústia.

b) Outra indicação nos é fornecida pela análise das psiconeuroses, e mais especialmente da histeria. Já sabemos que nesta afecção a angústia aparece freqüentemente a título de acompanhamento dos sintomas, mas aí também se observa uma angústia independente dos sintomas, que se manifesta seja por crises, seja como estado permanente. Os doentes não sabem dizer porquê sentem angústia, e atribuem seu estado, em conseqüência de uma elaboração secundária fácil de reconhecer, às fobias mais correntes: fobia da morte, da loucura, de um ataque de apoplexia. Quando se analisa a situação que gerou seja a angústia, seja os sintomas acompanhados de angústia, é via de regra possível descobrir a corrente psíquica normal que não venceu e foi substituída pelo fenômeno angústia. Ou, para exprimir-nos com outras palavras, retomamos o processo inconciente como si êle não houvesse sofrido recalcamento e como si tivesse prosseguido seu desenvolvimento sem obstáculos, até chegar à conciência. Êste processo teria sido acompanhado de um certo estado afectivo, e ficamos muito surpreendidos ao constatar que êsse estado afectivo que acompanha a evolução normal do processo se acha em todos os casos recalcado e substituido pela angústia, seja qual for sua qualidade própria. Também, quando nos achamos em face de um estado de angústia histérica, estamos no direito de supor que seu complemento inconciente é constituído seja por um sentimento da mesma natureza — angústia, vergonha, confusão, — seja por uma excitação positivamente líbidinal, seja enfim por um sentimento hostíl e agressivo, tal como o furor ou a cólera. A angústia constitue, pois, a moeda corrente pela qual são trocadas ou podem ser

trocadas todas as excitações afectivas, quando o seu conteúdo foi eliminado da representação e sofreu um recalcamento.

c) Uma terceira experiência nos é oferecida pelos doentes de atos obsedantes, doentes que parecem de um modo bastante notável ser poupados pela angústia. Quando procuramos impedir êsses doentes de executarem os atos obsedantes, abluções, cerimonial, etc., ou quando êles mesmos ousam renunciar a qualquer uma de suas obsessões, sentem uma angústia terrível que os obriga a ceder à obsessão. Compreendemos então que a angústia estava apenas dissimulada detrás do ato obsedante e que êste só era realizado como um meio de esquivar-se à angústia. E' assim que na neurose obsessional a angústia não surge exteriorizada, porque é substituída pelos sintomas; e si nos voltamos para a histeria, aí encontramos a mesma situação como resultado do recalcamento: seja uma angústia pura, seja uma angústia que acompanha os sintomas, seja enfim um conjunto de sintomas mais completo, sem angústia. Parece pois lícito dizer de um modo abstrato que os sintomas só se formam para impedir o desenvolvimento da angústia que, não fôra isto, sobreviria inevitàvelmente. Esta concepção põe a angústia no próprio centro do interêsse que dedicamos aos problemas referentes às neuroses.

Nossas observações relativas à neurose de angústia favoreceram-nos esta conclusão: o desvio da líbido de sua aplicação normal, desvio que gera a angústia, constitue o resultado de processos puramente somáticos. A análise da histeria e das neuroses obsessionais permitiu-nos completar esta conclusão, pois nos demonstrou que desvio e angústia podem igualmente resultar da recusa de intervenção de fatores psíquicos. E' tudo o que sabemos sôbre o modo de produção da angústia neurótica; si isto ainda parece bastante vago, não vejo por enquanto caminho susceptível de conduzir-nos mais adiante.

De solução ainda mais difícil parece o outro problema que nos tínhamos proposto resolver, o de estabelecer os laços que existem entre a angústia neurótica, que resulta de uma aplicação anormal da líbido, e a angústia real, que corresponde a uma reação a um perigo. Poder-se-ia crer que aí se trata de coisas absolutamente dispares, e contudo não temos nenhum meio que permita distingir em nossa sensação uma destas angústias da outra.

Mas o laço procurado aparece imediatamente, si tomamos em consideração a oposição que tantas vezes afirmámos entre o *eu* e a líbido. Conforme sabemos, a angústia sobrevém como reação do *eu* a um peri-

go, constituindo o sinal que anuncia e precede a fuga; e nada nos impede de admitir por analogia que na angústia neurótica o *eu* procura igualmente escapar pela fuga às exigências da líbido, que êle se comporta em face dêste perigo interior perfeitamente como si se tratasse de um perigo exterior. Esta maneira de ver autorizaria a conclusão seguinte: todas as vezes que ha angústia, também ha alguma coisa que é causa da angústia. Mas a analogia pode ser levada ainda mais longe. Assim como a tentativa de fugir ante um perigo exterior conduz à parada e à tomada de medidas de defesa necessárias, assim também o desenvolvimento da angústia é interrompido pela formação dos sintomas, aos quais acaba por ceder lugar.

A dificuldade de compreender estas relações recíprocas entre a angústia e os sintomas acha-se agora alhures. A angústia, que significa uma fuga do *eu* ante a líbido, é entretanto gerada por esta. Êste fato, que não salta aos olhos, é contudo real; também não devemos esquecer que a líbido de uma pessoa faz parte desta e pode opor-se-lhe como algo exterior. O que ainda se mantém obscuro para nós, é a dinâmica tópica do desenvolvimento da angústia, é a questão de saber quais são as energías psíquicas que se dispenderam nessas ocasiões e de que sistemas psíquicos estas energías provêm. Não lhes posso prometer respostas a estas questões, mas não desdenharemos seguir duas outras pistas, e ao fazê-lo, pedir de novo à observação direta e à investigação analítica uma confirmação de nossas deduções especulativas. Vamos portanto ocupar-nos da produção da angústia na criança e da proveniência da angústia neurótica, associada às fobias.

O estado de angústia na criança é coisa muito freqüente, e à-miúde é dificílimo dizer si se trata de angústia neurótica ou real. O valor da distinção que eventualmente poderíamos estabelecer achar-se-ia infirmado pela própria atitude da criança. De um lado, com efeito, não achamos absolutamente de admirar que a criança sinta angústia em face de pessoas novas, situações novas, objetos novos, e explicamos sem dificuldade esta reação por sua fraqueza e ignorância. Atribuímos portanto à criança uma forte propensão à angústia real e acharíamos perfeitamente natural que nos viessem dizer que a criança trouxe êsse estado de angústia ao vir ao mundo, a título de predisposição hereditária. A criança assim não faria mais que reproduzir a atitude do homem primitivo e do selvagem de nossos dias que, em razão de sua ignorância e da falta de meios de defesa, sentem angústia ante tudo o que é novo, ante coisas que nos são hoje familiares e já não nos inspiram a menor

angústia. E seria perfeitamente de acôrdo com a nossa espectativa, si as fobias da criança fossem igualmente, ao menos em parte, as mesmas que as que atribuímos a estas fases primitivas do desenvolvimento humano.

Não nos deve escapar, de outra parte, que nem todas as crianças são sujeitas à angústia na mesma medida, e aquelas dentre elas que manifestam uma angústia particular em presença de todas as espécies de objetos e situações são precisamente futuros nevrosados. Portanto, a disposição neurótica também se traduz por uma acentuada propensão à angústia real, o estado de angústia surge como estado primário, e chegamos à conclusão de que a criança, e mais tarde o adulto, sentem angústia ante o elevado grau de sua líbido, e isto precisamente porque sentem angústia a propósito de tudo. Esta maneira de ver equivale a negar que a angústia nasce da líbido, e, examinando todas as condições da angústia real, chegaríamos lógicamente à concepção segundo a qual é a conciência de sua própria fraqueza e impotência, de seu menor valor, segundo a terminologia de A. Adler, que seria a causa primordial da neurose, quando esta conciência, longe de terminar com a infância, persiste até a idade madura.

Êste raciocínio parece tão simples e sedutor, que merece reter nossa atenção. Contudo, sua conseqüência seria únicamente deslocar o enigma do nervosismo. A persistência do sentimento de menor valor e, por conseguinte, da condição da angústia e dos sintomas, surge nesta concepção como uma coisa tão certa, que seria antes o estado a que chamamos de saúde que, quando por acaso se visse realizado, necessitaria de explicação. Mas que nos revela a observação atenta do estado ansioso das crianças? A criança pequena sente em primeiro lugar angústia em presença de pessoas estranhas; as situações nêste caso só desempenham um papel pelas pessoas que implicam; e, quanto aos objetos, só vêm, como geradores de angústia, em último lugar. Mas a criança só sente angústia diante de pessoas estranhas por causa das más intenções que lhes atribue e porque compara sua fraqueza com a fôrça, delas, na qual vê um perigo para sua existência, segurança, euforia. Pois bem, esta criança desconfiada, vivendo no pavor de uma ameaça de agressão espalhada em todo universo, constitue uma construção teórica pouco feliz. E' mais exato dizer que a criança se espanta ao ver um rosto novo porque está habituada a ver essa pessoa familiar e amada que é a mãe. Sente uma decepção e uma tristeza que se transformam em angústia; trata-se pois de uma líbido tornada inutilizável e que, não podendo en-

tão ser mantida em suspensão, encontra sua derivação na angústia. E não é certamente por acaso que nesta situação característica da angústia infantil se acha reproduzida a condição que é a do primeiro estado de angústia que acompanha o ato do nascimento, a saber, a separação da mãe.

As primeiras fobias de situações que observamos na criança são as que se referem à obscuridade e à solidão; a primeira persiste a-miúde toda a vida e as duas têm de comum a ausência da pessoa amada, dispensadora de cuidados, isto é, a mãe. Uma criança, ansiosa por se achar na escuridão, dirige-se à tia que está num quarto vizinho: "Titia, fala-me; tenho medo. — De que te serviria isto, si não me vês?" Ao que a criança responde: "Fica mais claro quando alguém fala." A tristeza que sentimos na escuridão transforma-se assim em angústia ante a escuridão. Por conseguinte, não é apenas inexato dizer que a angústia neurótica é um fenômeno secundário e um caso especial da angústia real: vemos, além disto, na criança pequena, portar-se como angústia algo que tem de comum com a angústia neurótica um traço essencial: a proveniência de uma líbido não empregada. Quanto à verdadeira angústia real, a criança parece possuí-la apenas num grau pouco pronunciado. Em todas as situações que se podem tornar mais tarde condições de fobias, quer se encontre em alturas, em passagens estreitas acima da água, em estradas de ferro ou em navio, a criança não manifesta nenhuma angústia, e manifesta-a tanto menos quanto mais ignorante é. Fôra mais desejavel que ela houvesse recebido como herança um maior número de instintos tendentes à preservação da vida; com isto se facilitaria grandemente a tarefa dos vigilantes encarregados de impedí-la de expôr-se a sucessivos perigos. Mas, na realidade, a criança começa por exagerar suas fôrças e comporta-se sem sentir angústia, porque ignora o perigo. Corre à beira da água, trepa no parapeito da janela, brinca com objetos cortantes e com fogo, em suma faz tudo o que pode ser nocivo e causar preocupações aos que a rodeiam. Só à fôrça de educação é que se acaba fazendo nascer nela a angústia real, pois não se pode verdadeiramente permitir-lhe instruir-se pela experiência pessoal.

Si ha crianças que sofreram a influência desta educação pela angústia numa medida tal que acabam achando por si mesmas perigos de que não lhes falaram e contra os quais não as puseram em guarda, isto depende do fato de sua constituição comportar uma necessidade libidinal mais pronunciada, ou de terem muito cedo contraído maus hábitos no que se refere à satisfação libidinal. Não é de admirar si muitas destas cri-

anças se tornam mais tarde nervosas, pois, conforme sabemos, o que mais facilita o nascimento de uma neurose, é a incapacidade de suportar durante um tempo mais ou menos longo um recalcamento um tanto considerável da líbido. Notem bem que tomamos aqui em conta o fator constitucional, cuja importância aliás jamais contestámos. Erguemo-nos apenas contra a concepção que despreza todos os outros fatores em benefício exclusivo do fator constitucional e concede a êste o primeiro lugar, mesmo nos casos em que, segundo os dados da observação e da análise, êle nada tem a ver ou só representa um papel mais que secundário.

Permitam-me, pois, resumir assim os resultados que nos forneceram as observações sôbre o estado de angústia nas crianças: a angústia infantil, que não tem quasi nada de comum com a angústia real, aproxima-se, ao contrário, muito da angústia neurótica dos adultos; nasce, como esta, de uma líbido não empregada e, não tendo objeto em que possa concentrar seu amor, ela o substitue por um objeto exterior ou por uma situação.

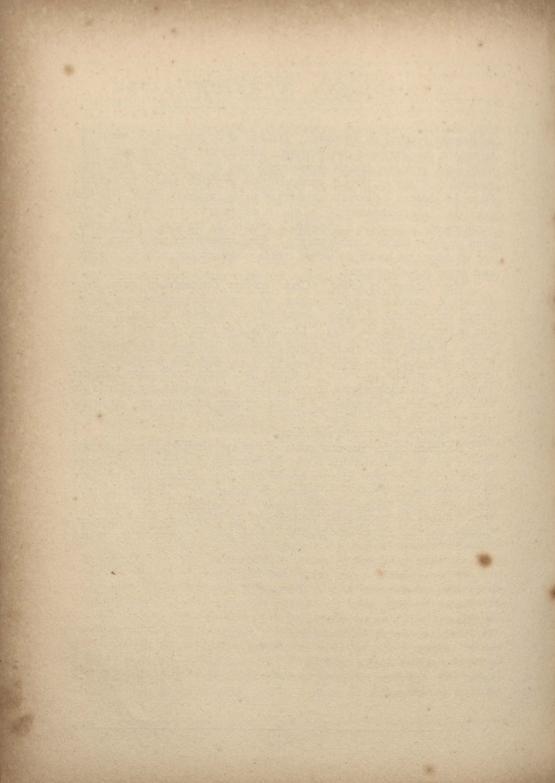
E agora, os senhores decerto não ficarão aborrecidos de me ouvir dizer que a análise não tem muita coisa nova a ensinar-nos sôbre as *fobias*. Nestas, com efeito, as coisas se passam exatamente como na angústia infantil: uma líbido não empregada sofre constantemente uma transformação numa aparente angústia real e, por isto, o menor perigo exterior se torna uma substituição para as exigências da líbido. Esta concordância entre as fobias e a angústia infantil nada tem que nos deva surpreender, pois as fobias infantis são não sómente o protótipo das fobias mais tardias que incluimos no quadro da "histeria de angústia", mas também sua prévia condição direta e prelúdio. Toda fobia histérica remonta a uma angústia infantil e continúa-a, mesmo quando tem outro conteúdo e deve receber outra denominação. As duas afecções não diferem entre si a não ser do ponto de vista do mecanismo. No adulto não basta, para que a angústia se transforme em líbido, que esta, na qualidade de desejo ardente, se conserve momentâneamente não empregada. E' que o adulto aprendeu ha muito tempo a conservar sua líbido em suspensão ou a empregá-la de outro modo. Mas quando a líbido faz parte de um movimento psíquico que sofreu o recalcamento, encontra-se a mesma situação que na criança que ainda não sabe fazer uma distinção entre o conciente e o inconciente, e esta regressão à fobia infantil proporciona à líbido um meio cômodo de se transformar em angústia. Os senhores recordam que falámos muito do recalcamento, mas sempre tendo em vista a sorte da representação que devia passar pelo

recalcamento, e isto naturalmente porque se deixa mais fàcilmente constatar e expor. Quanto à sorte do estado afectivo associado à representação recalcada, sempre a deixávamos de lado, e só agora é que verificamos que a primeira sorte dêste estado afectivo consiste em sofrer a transformação em angústia, seja qual for sua qualidade em condições normais. Esta transformação do estado afectivo constitue a parte mais importante do processo de recalcamento. Não é muito fácil falar a seu respeito, dado que não podemos afirmar a existência de estados afectivos inconcientes do mesmo modo que afirmamos a existência de representações inconcientes. Quer seja conciente ou inconciente, uma representação se mantém sempre a mesma, talvez com uma única diferença, e não podemos dizer muito bem o que corresponde a uma representação inconciente. Mas um estado afectivo é um processo de descarga e deve ser julgado de um modo inteiramente diferente de uma representação; sem ter analisado e esclarecido a fundo nossas premissas relativas aos processos psíquicos, estamos na impossibilidade de dizer o que no inconciente corresponde ao estado afectivo. Também êste é um trabalho que não podemos empreender aqui. Mas queremos ficar sob a impressão que adquirimos, a saber, que o desenvolvimento da angústia está íntimamente ligado ao sistema do inconciente.

Eu disse que a transformação em angústia ou, mais exatamente, a descarga sob a forma de angústia, constitue a primeira sorte reservada à líbido que sofre o recalcamento. Devo acrescentar que não é nem sua única sorte, nem sua sorte definitiva. No correr das neuroses, desenrolam-se processos que tendem a entravar êsse desenvolvimento da angústia e que conseguem fazê-lo de diferentes maneiras. Nas fobias, por exemplo, distinguem-se nítidamente duas fases do processo neurótico. A primeira é a do recalcamento da líbido e de sua transformação em angústia, a qual está ligada a um perigo exterior. Durante a segunda fase, são estabelecidas todas as precauções e garantias destinadas a impedir o contato com êsse perigo, que é tratado como um fato exterior. O recalcamento corresponde a uma tentativa de fuga do *eu* ante a líbido, sentida como um perigo. A fobia pode ser considerada como o estabelecimento de uma defesa contra o perigo exterior que substitue agora a líbido temida. A debilidade do sistema de defesa empregado nas fobias reside naturalmente nêste fato: a fortaleza, inatacável de fora, não o é do interior. A projeção para o exterior do perigo representado pela líbido nunca pode ter um êxito perfeito. Eis porquê existem nas outras neuroses outros sistemas de defesa contra o desen-

volvimento possível da angústia. Trata-se aí de um capítulo muito interessante da psicologia das neuroses; infelizmente, não podemos abordá-lo aqui, pois nos levaria demasiado longe, sem falar que para compreendê-lo é mister possuir conhecimentos especiais muito profundos. Só tenho algumas palavras a acrescentar ao que acabo de dizer. Já lhes falei do "contra-armamento" a que o *eu* recorre por ocasião de um recalcamento e que êle é obrigado a manter de um modo permanente, afim de fazer durar o recalcamento. Êsse armamento serve para realizar os diferentes meios de defesa contra o desenvolvimento da angústia que segue o recalcamento.

Mas voltemos às fobias. Creio ter-lhes demonstrado quão insuficiente é procurar explicar apenas seu conteúdo, interessar-se únicamente pela questão de saber porquê tal ou tal objeto, tal ou tal situação se torna objeto, da fobia. O conteúdo de uma fobia está para esta como a fachada visivel de um sonho manifesto está para o sonho própriamente dito. Pode-se conceder, fazendo as restrições necessárias, que entre os conteúdos de fobias ha alguns que, conforme Stanley Hall demonstrou, são adequados a tornar-se objeto de angústia em virtude de uma transmissão filogenética. E esta hipótese encontra sua confirmação no fato de muitos dêsses objetos de angústia só apresentarem com o perigo relações puramente simbólicas.

Pudemos assim dar-nos conta do pôsto verdadeiramente central que o problema da angústia ocupa na psicologia das neuroses. Conhecemos também os laços estreitos que ligam o desenvolvimento da angústia às vicissitudes da líbido e ao sistema do inconciente. Entretanto, nossa concepção ainda apresenta uma lacuna: não sabemos a que atribuir o fato, entretanto difícilmente contestável, de a angústia real dever ser considerada como uma manifestação dos instintos de conservação do *eu*.

CAPÍTULO XXVI

A TEORIA DA LÍBIDO E O "NARCISISMO"

Em várias oportunidades, e ainda bastante recentemente, tivemos de distinguir entre as tendências do *eu* e as tendências sexuais. O recalcamento demonstrara-nos a princípio que pode haver uma oposição entre ambas, oposição em conseqüência da qual as tendências sexuais sofrem uma derrota formal e são obrigadas a procurar satisfazer-se lançando mão de rodeios regressivos: indomáveis, no fundo, acham na própria indomabilidade uma compensação à sua derrota. Vimos em seguida que os dois grupos de tendências se comportam diferentemente em face dessa grande educadora que é a necessidade, de sorte que seguem vias evolutivas diferentes e afectam manter com o princípio de realidade relações diferentes. Acreditámos enfim constatar que as tendências sexuais se ligam mais estreitamente que as tendências do *eu* ao estado afectivo do *eu*, resultado que só num ponto importante ainda parece incompleto. Também citaremos em apôio dêste resultado um fato digno de nota: a não satisfação da fome e da sêde, êsses dois instintos de conservação mais elementares, nunca é seguida da transformação dêsses instintos em angústia, de passo que sabemos que a transformação em angústia da líbido insatisfeita é um dos fenômenos mais conhecidos e mais freqüentemente observados.

Nosso direito de fazer uma distinção entre as tendências do *eu* e as tendências sexuais é portanto incontestável. Tiramos êsse direito da existência mesma do instinto sexual como atividade particular do indivíduo. Pode-se apenas perguntar que importância e que profundidade atribuímos a esta distinção. Mas só poderemos responder a esta pergunta quando tivermos estabelecido as diferenças de comportamento que existem entre as tendências sexuais, em suas manifestações corporais e psíquicas, e as outras tendências que lhes opomos, e quando tivermos constatado a importância das conseqüências que decorrem des-

tas diferenças. Não temos naturalmente nenhuma razão de afirmar uma diferença de natureza, aliás pouco concebível entre êstes dois grupos de tendências. Ambos designam fontes de energia do indivíduo, e a questão de saber si êstes dois grupos não formam no fundo mais que um ou si existe entre êles uma diferença de natureza e, no caso de não formarem no fundo mais que um, em que momento se separaram um do outro, — esta questão, dizemos, pode e deve ser discutida, não segundo noções abstratas, mas sôbre a base dos fatos fornecidos pela biologia. Nêste ponto, nossos conhecimentos ainda são insuficientes, e mesmo que fossem mais suficientes, não teríamos de nos ocupar dessa questão, que não interessa a nossas investigações analíticas.

Evidentemente, nada ganhamos em insistir, com Jung, sôbre a unidade primordial de todos os instintos e em dar o nome de "líbido" à energia que se manifesta em cada um dêles. Como é impossível, seja qual for o artifício a que se recorra, eliminar da vida psíquica a função sexual, ver-nos-íamos obrigados a falar de uma líbido sexual e de uma líbido assexual. Entretanto, é com razão que o nome de líbido fica reservado às tendências de vida sexual, e é únicamente nêste sentido que sempre o temos empregado.

Penso, pois, que a questão de saber até que ponto convém levar a separação entre tendências sexuais e tendências decorrentes do instinto de conservação, não tem grande importância para a psicanálise. Esta não tem aliás competência alguma para resolver a questão. Contudo, a biología nos fornece certos indícios que permitem supor que esta separação tem uma significação profunda. A sexualidade é, com efeito, a única função do organismo vivo que ultrapassa o indivíduo e assegura sua ligação à espécie. E' fácil constatar que o exercício dessa função, longe de ser sempre tão útil ao indivíduo como o exercício de suas demais funções, cria-lhe, ao preço de um prazer excessivamente intenso, perigos que lhe ameaçam a vida e até a suprimem com bastante freqüência. E' além disto provável que seja a expensas de processos metabólicos particulares, diferentes de todos os outros, que uma parte da vida individual pode ser transmitida à posteridade a título de disposição. Enfim, o ser individual, que se considera êle próprio como o essencial e só vê em sua sexualidade um meio de satisfação entre tantos outros, não forma, do ponto de vista biológico, mais que um episódio numa série de gerações, uma excrescência caduca de um protoplasma virtualmente imortal, uma espécie de possuidor temporário de um fideicomisso destinado a sobreviver-lhe.

A explicação psicanalítica das neuroses não tem todavia de fazer considerações de tão vasto alcance. O exame separado das tendências sexuais e das tendências do *eu* fornecem-nos o meio de compreender as neuroses de transferência que pudemos relacionar com o conflito entre as tendências sexuais e as tendências decorrentes do instinto de conservação ou, para exprimir-nos em termos biológicos, si bem que mais imprecisos, com o conflito entre o *eu* considerado como ser individual independente e o *eu* considerado como membro de uma série de gerações. Ha todo motivo para crer que êsse desdobramento só existe no homem; eis porquê êle é de todos os animais o que possue o privilégio de oferecer um terreno favorável às neuroses. O desenvolvimento execessivo de sua líbido, a riqueza e a variedade de sua vida psíquica que são conseqüência disto, parecem ter creado as condições do conflito de que falamos. E é evidente que estas condições são igualmente as dos grandes progressos realizados pelo homem, progressos que lhe permitiram deixar bem longe detrás de si o que tinha de comum com os outros animais, de sorte que sua predisposição à neurose não constitue sinão o reverso de seus dons puramente humanos. Deixemos porém estas especulações que só podem distanciar-nos de nossa tarefa imediata.

Até agora, conduzimos nosso trabalho postulando a possibilidade de distinguir as tendências do *eu* das tendências sexuais de acôrdo com as manifestações de umas e outras. No que se refere às neuroses de transferência, pudemos fazer esta distinção sem dificuldade. Chamámos "líbido" os dispêndios de energia que o *eu* afecta aos objetos de suas tendências sexuais, e "interêsse" todos os outros dispêndios de energia que têm sua fonte nos instintos de conservação; e acompanhando todas estas fixações da líbido, suas transformações e sua sorte final, pudemos adquirir uma primeira noção do mecanismo que preside às fôrças psíquicas. As neuroses de transferência tinham-nos fornecido a êste respeito a matéria mais favorável. Mas o *eu* em si, as diferentes organizações de que se compõe, sua estrutura e modo de funcionamento, tudo isto se nos conservava ainda oculto e só podíamos supor que a análise de outros distúrbios neuróticos nos traria alguma luz sôbre estas questões.

Bem cedo começámos a estender as concepções psicanalíticas a essas outras afecções. Foi assim que, já em 1908, K. Abraham, depois de trocar idéias comigo, emitiu a proposição de que o principal carácter da *demência precoce* (classificada entre as neuroses) consiste em que *nesta afecção falta a fixação da líbido aos objetos* ("As diferenças psico-se-

xuais que existem entre a histeria e a demência precoce"). Mas que é feito da líbido dos dementes, desde que ela se desvia dos objetos? A esta pergunta, Abraham não hesita em responder que a líbido se volta para o *eu* e que *é êsse retorno refletido, êsse recuo da líbido para o* Eu *que constitue a fonte da mania das grandezas* da demência precoce. A mania das grandezas pode aliás ser comparada ao exagêro do valor sexual do objeto que observamos na vida amorosa. E' assim que pela primeira vez um traço de uma psicose nos é revelado por seu confronto com a vida amorosa normal.

Digo-lhes sem mais demora: as primeiras concepções de Abraham mantiveram-se na psicanálise e tornaram-se a base de nossa atitude em face das psicoses. Familiarizámo-nos assim pouco a pouco com a idéia de que a líbido que encontramos fixada aos objetos, a líbido que é a expressão de uma tendência a obter uma satisfação por meio dêsses objeto, também se pode desviar dêstes e substituí-los pelo *eu*. Cuidou-se então de dar a esta representação uma forma cada vez mais acabada, estabelecendo laços lógicos entre seus elementos constitutivos. A palavra *narcisismo*, que empregamos para designar êste deslocamento da líbido é tirada de uma perversão descrita por P. Näcke, na qual o indivíduo adulto tem por seu próprio corpo a ternura de que em geral cercamos um objeto sexual exterior.

Pensou-se então que, desde o momento que a líbido é assim capaz de se fixar no próprio corpo e na própria pessoa do indivíduo, em vez de visar um objeto, isto decerto não pode ser um fato excepcional e insignificante. E' antes provável que o narcisismo constitua o estado geral e primitivo, de onde o amor aos objetos só saiu ulteriormente, sem acarretar por seu aparecimento o desaparecimento do narcisismo. E de acôrdo com o que se sabia do desenvolvimento da líbido objetiva, recordou-se que muitas tendências sexuais recebem no início uma satisfação a que chamados *auto-erótica*, isto é, uma satisfação oriunda do próprio corpo do sujeito, e que é a aptidão ao auto-erotismo que explica a demora que a sexualidade põe em adaptar-se ao princípio de realidade inculcado pela educação. Assim, o auto-erotismo foi a atividade sexual da fase narcísica da fixação da líbido.

Resumindo, fizemos da relações entre a líbido do *eu* e a líbido objetiva uma representação que posso concretizar aos olhos dos senhores valendo-me de uma comparação tirada da zoologia. Conhecem êstes seres vivos elementares, compostos de uma bola de substância protoplásmica quasi indiferenciada. Êsses seres emitem prolongamentos,

chamados pseudópodos, em que derramam sua substância vital. Mas podem igualmente retirar êsses prolongamentos e enrolar-se de novo à feição de bola. Ora, nós assimilamos a emissão dos prolongamentos à emanação da líbido para os objetos, podendo sua massa principal continuar no *eu*, e admitimos que em circunstâncias normais a líbido do *eu* se transforma fàcilmente em líbido objetiva, podendo esta aliás voltar ao *eu*.

Graças a estas representações, estamos em condições de explicar ou, para exprimir-nos de um modo mais modesto, descrever na linguagem da teoria da líbido um grande número de estados psíquicos que devem ser considerados como fazendo parte da vida normal: atitude psíquica no amor, no correr de doenças orgânicas, no sono. No que concerne ao estado de sono, tínhamos admitido que êle se baseia num isolamento em relação ao mundo exterior e na subordinação ao desejo que o sono implica. E dizíamos que todas as atividades psíquicas noturnas que se manifestam no sonho se acham a serviço dêste desejo, e são determinadas, dominadas, por móveis egoístas. Colocando-nos esta vez no ponto de vista da teoria da líbido, deduzimos que o sono é um estado no qual todas as energias, tanto libidinais como egoístas, ligadas aos objetos, se retiram dêstes e tornam a entrar no *eu*. Não acham que esta maneira de ver lança uma luz nova sôbre o descanso proporcionado pelo sono e a natureza da fadiga? O quadro de bemaventurado isolamento no correr da vida intra-uterina, quadro que o dormente toda noite evoca aos nossos olhos, acha-se assim completado do ponto de vista psíquico. No dormente, acha-se reproduzido o estado primitivo de repartição da líbido: êle apresenta particularmente o narcisismo absoluto, estado em que a líbido e o interêsse do *eu* vivem unidos e inseparáveis no *eu* que se basta a si mesmo.

Aqui, é oportuno fazer duas observações. Em primeiro lugar, como se distinguiria teòricamente o narcisismo do egoísmo? Ora, a meu ver, aquele é o complemento libidinal dêste. Falando de egoísmo, só pensamos no que é útil ao indivíduo; mas falando de narcisismo, levamos em conta sua satisfação libidinal. Do ponto de vista prático, esta distinção entre o narcisismo e o egoísmo pode ser levada bastante longe. Pode-se ser absolutamente egoísta, sem por isso deixar de ligar grandes quantidades de energia libidinal a certos objetos, na medida em que a satisfação libidinal proporcionada por êsses objetos corresponde às necessidades do *eu*. O egoísmo velará então para que a consecução dêsses objetivos não prejudique o *eu*. Pode-se ser egoísta e apresentar

ao mesmo tempo um gráu muito pronunciado de narcicismo, isto é, poder privar-se fàcilmente de objetos sexuais, seja do ponto de vista da satisfação sexual direta, seja no que concerne a essas tendências derivadas da necessidade sexual que temos o hábito de opôr, na qualidade de "amor", à "sensualidade" pura. Em todas estas conjunturas, o egoísmo surge como o elemento colocado acima de toda contestação, como o elemento constante, sendo o narcisismo, ao contrário, o elemento variavel. O contrário do egoísmo, o *altruísmo*, longe de coïncidir com a subordinação dos objetos à líbido, distinge-se dela pela ausência de trabalho que vise satisfações sexuais. E' só no estado amoroso absoluto que o altruísmo coïncide com a concentração da líbido sôbre o objeto. O objeto sexual atrai via de regra para si uma parte do narcisismo, donde resulta o que se pode chamar o "exagêro do valor sexual do objeto". Que a isto se apresenta ainda a transfusão altruísta do egoísmo ao objeto sexual, e êste se torna onipotente: pode-se dizer então que êste absorveu o *eu*.

Espero que para os senhores seja um descanso ouvir, depois da exposição sêca e árida das descobertas da ciência, uma descrição poética da oposição econômica que existe entre o narcisismo e o estado amoroso. Tiro-a do "Westöstlicher Divan", de Goethe:

ZULEICA:

Povos, escravos e vencedores sempre estiveram acordes nêste ponto: A suprema felicidade dos filhos da terra, consiste apenas na personalidade. Seja qual for a vida, pode-se vivê-la, contanto que o indivíduo se conheça bem a si mesmo; nada está perdido, enquanto êle continua a ser o que é.

HATEM:

E' bem possivel ! Tal é a opinião corrente; mas eu sigo outra orientação: Toda a felicidade da terra, encontro-a reünida pura e exclusivamente em Zuleica. Enquanto me prodigaliza seus favores, eu me estimo; si se afastasse de mim, eu estaria perdido para mim mesmo. Seria o fim de Hatem; mas sei o que faria; fundir-me-ia imediatamente com o ditoso mortal a quem ela concedesse seus beijos.

Minha segunda observação vem completar a teoria do sonho. Não podemos explicar-nos a produção do sonho, si não admitimos, a título adicional, que o inconciente recalcado se tornou até certo ponto inde-

pendente do *eu*, de sorte que não se curva ao desejo contido no sono e mantém suas ligações, mesmo quando todas as outras energias que dependem do *eu* são monopolizadas em proveito do sono, na medida em que estão ligadas a objetos. Só então chegamos a compreender como o inconciente pode aproveitar a supressão ou a diminuição noturna da censura e apoderar-se dos restos diurnos para formar, com os materiais que êles fornecem, um desejo de sonho proïbido. Por outro lado, pode ser que os restos diurnos tirem, ao menos em parte, seu poder de resistência à líbido monopolizada pelo sono, do fato de já se acharem em relação prévia com o inconciente recalcado. Existe aí um importante carácter dinâmico que devemos introduzir imediatamente em nossa concepção relativa à formação de sonhos.

Uma afecção orgânica, uma irritação dolorosa, uma inflamação de um órgão, criam um estado que tem claramente como conseqüência destacar-se a líbido de seus objetos. A líbido retirada dos objetos volta ao *eu* para apegar-se com fôrça á parte do corpo doente. Pode-se mesmo ousar afirmar que, nestas condições, o desprendimento da líbido de seus objetos é ainda mais impressionante do que o desprendimento de que o interêsse egoísta dá provas em relação ao mundo exterior. Isto parece abrir-nos caminho à compreensão da hipocondria, em que um órgão preocupa da mesma forma o *eu*, sem que soubéssemos que êle está doente. Mas resisto à tentação de ir mais adiante nêste caminho ou de analisar outras situações que a hipótese do reingresso da líbido objetiva no *eu* nos tornaria inteligíveis ou concretas: é que tenho pressa de responder a duas objeções que, bem sei, se apresentam ao espírito dos senhores. Querem saber, em primeiro lugar, porquê, ao falar de sono, de doença e de outras situações análogas, faço uma distinção entre líbido e interêsse, entre tendências sexuais e tendências do *eu*, quando as observações podem via de regra ser interpretadas, admitindo a existência de uma só e única energia que, livre em seus deslocamentos, se apega ora ao objeto, ora ao *eu*, pondo-se a serviço ora de uma tendência, ora de outra. E, em segundo lugar, estão sem dúvida admirados de me ver tratar como fonte de um estado patológico o desprendimento da líbido do objeto, quando estas transformações da líbido objetiva em líbido do *eu* ou, mais geralmente, em energia do *eu*, fazem parte dos processos normais da dinâmica psíquica que se reproduzem todos os dias e todas as noites.

Minha resposta será a seguinte. A primeira objeção dos senhores sôa bem. O exame do estado de sono, de doença, do estado amoroso,

provàvelmente jamais nos teria conduzido, como tal, à distinção entre uma líbido do *eu* e uma líbido objetiva, entre a líbido e o interêsse. Mas esquecem as pesquisas que nos serviram de ponto de partida e à luz das quais encaramos agora as situações psíquicas de que se trata. Foi assistindo ao conflito de que nascem as neuroses de transferência que aprendemos a distinguir entre a líbido e o interêsse, e por conseguinte entre os instintos sexuais e os instintos de conservação. Não nos é mais possível renunciar a esta distinção. A possibilidade de transformação da líbido dos objetos em líbido do *eu*, e portanto a necessidade de levar em conta uma líbido do *eu*, pareceu-nos a única explicação verosímel do enigma das neuroses chamadas narcísicas, como, por exemplo, a demência precoce, assim como das semelhanças e das diferenças que existem entre estas, de um lado, e a histeria e a obsessão, de outro. Aplicamos agora à doença, ao sono e ao estado de amor aquilo de que encontrámos alhures uma confirmação irrefutável. Devemos prosseguir estas aplicações, afim de ver até onde nos levarão. A única proposição que não decorre diretamente de nossa experiência analítica, é que a líbido continua a ser a líbido, quer se aplique a objetos ou ao próprio *eu* do sujeito, e que nunca se transforma em interêsse egoísta; outrotanto se pode dizer dêste. Mas esta proposição equivale à distinção, já por nós submetida a uma apreciação crítica, entre as tendências sexuais e as tendências do *eu*, distinção que estamos decididos a manter, até sua refutação possível.

A segunda objeção dos senhores é igualmente justificada, mas tomou por um caminho falso. Sem dúvida, a volta da líbido desprendida dos objetos ao *eu* não é diretamente patogênica. Porventura não vemos êste fenômeno produzir-se diàriamente antes do sono, e seguir o caminho inverso depois do despertar? O animalzinho protoplasmático recolhe seus prolongamentos, para emití-los de novo na primeira ocasião. Mas a coisa é bem diferente quando determinado processo, muito enérgico, força a líbido a destacar-se dos objetos. A líbido, tornada narcísica, já não pode então tornar a encontrar o caminho que conduz aos objetos, e é essa diminuição da mobilidade da líbido que se torna patogênica. Dir-se-ia que além de uma certa medida o acúmulo da líbido não pode mais ser suportado. E' lícito supor que si a líbido vem-se apegar a objetos, é porque o *eu* vê nisso um meio de evitar os efeitos mórbidos que produziria uma líbido acumulada nêle em excesso. Si estivesse em nossa intenção ocupar-nos mais minuciosamente da demência precoce, demonstrar-lhes-íamos que o processo em conseqüência do qual a líbido,

uma vez destacada dos objetos, encontra o caminho barrado quando a êles quer retornar, se aproxima do processo do recalcamento e deve ser considerado paralelo a êle. Mas os senhores teriam sobretudo a sensação de pisar um solo familiar, si eu lhes disesse que as condições dêsse processo são quasi idênticas, de acôrdo com o que sôbre êle sabemos atualmente, às do recalcamento. O conflito parece ser o mesmo e desenrolar-se entre as mesmas fôrças. Si a conclusão é diferente da que observamos na histeria, por exemplo, isto só pode depender de uma diferença de disposição. Nos doentes de que tratamos aqui, a parte fraca do desenvolvimento da líbido corresponde a uma outra fase; a fixação decisiva que, si se recordam, torna possível a formação de sintomas, encontra-se alhures, corresponde provàvelmente à fase do narcisismo primitivo a que a demência precoce retorna em sua fase final. E' absolutamente notável que sejamos obrigados a admitir, para a líbido de todas as neuroses narcísicas, pontos de fixação correspondentes a fases de desenvolvimento muito mais precoces que na histeria ou na neurose obsessional. Mas já sabem que as noções que adquirimos depois do estudo das neuroses de transferência permitem igualmente orientar-nos nas neuroses narcísicas, muito mais dificeis do ponto de vista prático. Os traços comuns são muito numerosos, e trata-se no fundo da mesma e única fenomenologia. Tambem os senhores fàcilmente constatarão as dificuldades, sinão impossibilidade, em que devem tropeçar os que empreendem a explicação destas afecções que já são da alçada da psiquiatria, sem trazer para êste trabalho um conhecimento analítico das neuroses de transferência.

O quadro sintomático, aliás muito variável, da demência precoce não se compõe ùnicamente dos sintomas decorrentes do desprendimento da líbido dos objetos e de seu acúmulo no *eu*, na qualidade de líbido narcísica. Ao contrário, cabe um grande lugar a outros fenômenos ligados aos esforços da libido para voltar aos objetos, e portanto correspondentes a uma tentativa de restituição ou de cura. Êstes últimos sintomas são mesmo os mais impressionantes, os mais ruidosos. Apresentam uma semelhança incontestável com os da histeria, mais raramente com os da neurose obsessional, e entretanto diferem de uns e de outros em todos os pontos. Parece que em seus esforços de voltar aos objetos, isto é, às representações dos objetos, a líbido consegue realmente, na demência precoce, apegar-se a êles, mas o que apreende dos objetos não é mais que sua sombra, isto é, a representação verbal que lhes corresponde. Nada mais posso dizer aqui a êste respeito, mas acho que um tal comportamen-

to da líbido, em suas aspirações de retorno ao objeto, nos permitiu constatar a verdadeira diferença que existe entre uma representação conciente e uma representação inconciente.

Introduzí-os assim no domínio em que o trabalho analítico é chamado a realizar seus próximos progressos. Desde que nos familiarizámos com o manejo da noção "líbido do eu", as neuroses narcísicas se nos tornaram acessíveis; a tarefa que daí decorre para nós consiste em achar uma explicação dinâmica destas afecções e, ao mesmo tempo, em completar nosso conhecimento da vida psíquica aprofundando o que temos do *eu*. A psicologia do *eu*, que procuramos edificar, deve basear-se, não nos dados de nossa introspeção, mas, como na líbido, na análise das perturbações e dissociações do *eu*. E' possível que quando tivermos concluído êsse trabalho, o valor dos conhecimentos que nos foram fornecidos pelo estudo das neuroses de transferência, relatívas à sorte da líbido, se ache diminuído a nossos olhos. Mas êsse trabalho ainda está muito pouco adiantado. As neuroses narcísicas mal se prestam à técnica de que nos serviços nas neuroses de transferência, e vou dizer-lhes a razão disto nêste instante. Todas as vezes que damos um passo à frente num estudo desta índole, vemos erguer-se ante nós como que um muro que nos ordena um tempo de parada. Nas neuroses de transferência, hão de estar lembrados, também tropeçávamos em marcos de resistência, mas lá pudemos abater os obstáculos, fragmento por fragmento. Nas neuroses narcísicas, a resistência é insuperável; podemos no máximo lançar um olhar curioso por cima do muro, para espiar o que se passa do outro lado. Nossos métodos técnicos usuais devem, pois, ser substituidos por outros, e ignoramos ainda si conseguiremos operar esta substituição. Sem dúvida, mesmo no que concerne a êstes doentes, não nos faltam materiais. Êles manifestam seu estado de numerosas maneiras, si bem que nem sempre sob a forma de respostas a nossas perguntas, estamos por enquanto reduzidos a interpretar suas manifestações, valendo-nos das noções que adquirimos graças ao estudo dos sintomas das neuroses de transferência. A analogia é bastante para garantir-nos no princípio um resultado positivo, sem que todavia possamos dizer si esta técnica é susceptível de conduzir-nos muito longe.

Outras dificuldades surgem ainda, que se opõem ao nosso avanço. As afecções narcísicas e as psicoses que com elas se relacionam só revelarão seu segrêdo aos observadores formados na escola do estudo analítico das neuroses de transferência. Ora, nossos psiquiatras ignoram a psicanálise e nós outros psicanalístas só vemos poucos casos de psiquia-

tria. Precisamos de uma geração de psiquiatras que tenham passado pela escola da psicanálise, a título de ciência preparatória. Vemos atualmente esforços nêste sentido na America, onde eminentes psiquiatras iniciam seus alunos nas teorias psicanalíticas, e onde diretores de asilos de alienados, particulares e públicos, se esforçam por observar seus doentes à luz destas teorias. Todavia, nós também conseguimos lançar um olhar por cima do muro narcísico e no que segue vou contar-lhes o pouco que pudemos avistar.

A forma mórbida da paranoia, da alienação sistemática crônica ocupa, nos ensaios de classificações da psiquiatria moderna, um lugar incerto. No entanto, seu parentesco com a demência precoce constitue um fato incontestável. Tomei uma vez a liberdade de reünir a paranoia e a demência precoce sob a designação comum de *parafrenia*. De acôrdo com seu conteúdo, as formas de paranoia são descritas como: mania das grandezas, mania das perseguições, erotomania, mania do ciume, etc. Não esperaremos tentativas de explicação de parte da psiquiatria. Mencionarei a êste respeito, a título de exemplo (é verdade que se trata de um exemplo que remonta a uma época já distante e que perdeu muito de seu valor), a tentativa de deduzir um sintoma de outro, atribuindo ao doente um raciocínio intelectual: o doente que, em virtude de uma disposição primária, se crê perseguido, tiraria dessa perseguição a conclusão de que é uma personagem importante, o que daria orígem à sua mania de grandeza. Para nossa concepção analítica, a mania de grandeza é a conseqüência imediata do engrandecimento do *eu* por toda a quantidade de energia libidinal retirada dos objetos; é um narcisismo secundário, sobrevindo como conseqüência do despertar do narcisismo primitivo, que é o da primeira infância. Mas uma observação que fiz nos casos de manía de perseguição, levou-me a seguir uma certa pista. Observei logo de início que na grande maioria dos casos o perseguidor pertencia ao mesmo sexo que o perseguido. Êste fato bem se podia explicar de um modo qualquer, mas em alguns casos bem estudados se poude constatar que era a pessoa mais amada do mesmo sexo antes da doença, que se transformara em perseguidora durante esta. A situação podia desenvolver-se pela substituição, segundo certas afinidades conhecidas, da pessoa amada por uma outra, por exemplo, do pai pelo preceptor, pelo superior. Destas experiências, cujo número ia aumentando, tirei a conclusão de que a *paranoia persecutoria* é uma forma mórbida em que o indivíduo se defende contra uma tendência sexual que se tornou demasiado forte. A transformação da

ternura em ódio, transformação que, como sabemos, se pode tornar uma grande ameaça para a vida do objeto amado e ao mesmo tempo odiado, corresponde nêstes casos à transformação das tendências libidinais em angústia, sendo esta última transformação uma conseqüência regular do processo de recalcamento. Escutem ainda, por exemplo, a última de minhas observações referentes a êste ponto. Um jovem médico foi obrigado a abandonar sua cidade natal, por ter feito ameaças de morte ao filho de um professor da Universidade, que até então fôra seu melhor amigo. Atribuia a êsse antigo amigo intenções verdadeiramente diabólicas e um poder demoníaco. Acusava-o de todas as desgraças que, no correr dêsses últimos anos, haviam atingido sua família, de todos os infortúnios familiais e sociais. Mas, não se contentava com isto: o mau amigo e seu pai, o professor, seriam ainda responsáveis pela guerra e teriam chamado os russos ao seu país. Para castigar o crime, nosso doente arriscaria mil vezes a vida; está persuadido de que a morte do malfeitor poria fim a todas as desgraças. Contudo, sua antiga afeição pelo negregado ainda é tão forte, que sua mão se achou como que paralisada no dia em que teve ocasião de abater o inimigo com um tiro de revólver. No correr das breves palestras que tive com o doente, soube que as relações amistosas entre os dois homens datavam de seus primeiros anos de colégio. Uma vez pelo menos, essas relações haviam ultrapassado os limites da amizade: uma noite que passaram juntos levara-os a um contato sexual completo. Nosso doente nunca sentiu pelas mulheres um sentimento em relação com sua idade e o encanto de sua personalidade. Fôra noivo de uma moça bonita e distinta, mas esta, tendo constatado que o noivo não sentia por ela nenhuma ternura, rompera o noivado. Vários anos mais tarde, sua doença declarou-se no momento exato em que êle conseguiu pela primeira vez satisfazer completamente uma mulher. Tendo-o esta abraçado com gratidão e abandono, sentiu súbitamente uma dor exquisita, como si um golpe de faca lhe seccionasse o crânio. Mais tarde, explicou esta sensação, dizendo que só podia compará-la à sensação que alguém teria si lhe fizessem saltar a abóbada craniana, para pôr a nú o cérebro, como se faz nas necrópsias, ou nas grandes trepanações; e como seu amigo se especializara em anatomia patológica, descobriu paulatinamente que êste bem poderia ter-lhe enviado aquela mulher para tentá-lo. A partir dêsse instante, abriram-se-lhe os olhos, e compreendeu que todas as outras perseguições que o estorvavam eram obra de seu antigo amigo.

Mas como se passam as coisas nos casos em que o perseguidor não pertence ao mesmo sexo que o perseguido e que parecem contradizer nossa explicação pela defesa contra uma líbido homossexual? Tive recentemente ocasião de examinar um caso dêste gênero e de tirar da contradição aparente uma confirmação à minha maneira de ver. A moça, que se julgava perseguida pelo homem a quem concedera duas ternas entrevistas, começara na realidade por dirigir sua manía contra uma mulher que se pode considerar em suas idéias como substituta de sua mãe. Foi só depois da segunda entrevista, que conseguiu destacar a manía da muher voltando-se para o homem. A condição do sexo igual achava-se pois primitivamente realizada nêste caso, como no primeiro de que lhes falei. Na queixa que formulou perante o advogado e o médico, a doente não mencionara esta fase preliminar de sua demência, o que poude dar uma aparência de desmentido à nossa concepção da paranoia.

Primitivamente, a homossexualidade na escolha do objeto apresenta com o narcisismo mais pontos de contato que a heterossexualidade. Também, quando se trata de afastar uma tendência homossexual demasiado violenta, a volta ao narcisismo acha-se particularmente facilitada. Até agora, não tive ocasião de conversar longamente com os senhores sôbre os fundamentos da vida amorosa, tais como os concebo, e é-me impossível preencher aquí esta lacuna. Tudo o que lhes posso dizer é que a escolha do objeto, a progressão no desenvolvimento da líbido depois da fase narcísica, podem-se efectuar segundo dois tipos diferentes: segundo o *tipo narcísico,* sendo o eu do sujeito substituído por um outro eu que se lhe assemelhe o mais possível, e segundo o *tipo extensivo,* das pessoas que se tornaram indispensáveis, porque proporcionam ou asseguram a satisfação de outras necessidades vitais, sendo igualmente escolhidas como objetos da líbido. Uma forte afinidade da líbido para a escolha do objeto segundo o tipo narcísico deve ser considerada, a nosso ver, como fazendo parte da predisposição à homossexualidade manifesta.

Falei-lhes, numa de minhas lições anteriores, de um caso de manía do ciúme numa mulher. Agora que minha exposição se aproxima do fim, os senhores teriam sem dúvida a curiosidade de saber como eu explico uma manía do ponto de vista psicanalítico. Lastimo ter de lhes dizer a êste respeito menos do que esperam. A inacessibilidade da manía à ação de argumentos lógicos e experiências reais explica-se, tão perfeitamente quanto a inacessibilidade da obsessão às mesmas influên-

cias, por suas relações com o inconciente, que é representado e exprimido pela manía ou pela idéia obsessional. As duas afecções só diferem entre si do ponto de vista tópico e dinâmico.

Como na paranoia, encontrámos na melancolia, de que aliás se têm descrito formas clínicas muito diversas, uma brecha que nos permite perceber-lhe a estrutura interna. Constatámos que as impiedosas censuras que os melancólicos fazem a si mesmos, aplicam-se na realidade a outras pessoas, ao objeto sexual que perderam ou que, por sua própria culpa, decaíu na estima dêles. Disto pudemos concluir que si o melancólico retirou do objeto sua líbido, êsse objeto se trasladou ao *eu*, como que se projetou sôbre êle, em conseqüência de um processo a que se pode dar o nome de *identificação narcísica*. Só lhes posso dar aquí uma imagem figurada, e não uma descrição topico-dinâmica em regra. O *eu* é então tratado como o objeto abandonado, e suporta todas as agressões e manifestações de vingança que atribue ao objeto. A tendência ao suicídio, que se observa no melancólico, também se explica mais fàcilmente à luz desta concepção, encarniçando-se o doente em suprimir de um só golpe a si mesmo e ao objeto ao mesmo tempo amado e odiado. Na melancolia, como nas outras afecções narcísicas, manifesta-se de um modo muito pronunciado um traço da vida afectiva a que damos geralmente, desde Bleuler, o nome de *ambivalência*. E' a existência, numa mesma pessoa, de sentimentos opostos, amistosos e hostís, em relação a uma outra pessoa. Não tive infelizmente ocasião, no correr destas palestras, de lhes falar mais longamente desta ambivalência dos sentimentos.

Ao lado da indentificação narcísica, existe uma identificação histérica que conhecemos ha muito tempo. Quisera já estar em condições de mostrar-lhes as diferenças que existem entre ambas, mercê de alguns exemplos bem escolhidos. No que concerne às formações periódicas e cíclicas da melancolia, posso dizer-lhes uma coisa que certamente lhes interessará. E' possível, em condições favoráveis (e fiz esta experiência em duas oportunidades), impedir, graças ao tratamento analítico aplicado nos intervalos livres de toda crise, a volta do estado melancólico, seja da mesma tonalidade, seja de tonalidade oposta. Constata-se então que se trata, na melancolia e na manía, de um conflito de gênero particular, conflito cujos elementos são exatamente os mesmos que os de outras neuroses. Os senhores percebem fàcilmente a multidão de dados que a psicanálise ainda é chamada a recolher nêste domínio.

Disse-lhes igualmente que podíamos, graças à psicanálise, adquirir conhecimentos relativos à composição do *eu*, aos elementos que intervêm na sua estrutura. Já havíamos mesmo começado a entrever essa composição, êsses elementos. Da análise da manía de observação, acreditámos poder concluir que existe realmente no *eu* uma instância que observa, crítica e compara infatigàvelmente, opondo-me assim à outra parte do *eu*. Eis porquê acho que o doente nos revela uma verdade, que não levamos geralmente em conta como merece, quando se queixa de que cada um de seus passos é espiado e observado, cada um de seus pensamentos desvendado e criticado. Seu único êrro consiste em situar fora dêle, como sendo exterior, esta fôrça tão incômoda. Sente em si o poder de uma instância que mede seu *eu* atual e cada uma de suas manifestações de acôrdo com um *eu ideal* que creou para si mesmo no correr de seu desenvolvimento. Penso até que esta creação foi efectuada com a intenção de restabelecer o contentamento de si mesmo que era inerente ao narcisismo primário infantil e que depois foi tão perturbado e mortificado. Essa instância que vela, nós a conhecemos: é o censor do *eu*, a conciência; é a mesma que de noite exerce a censura de sonhos, é dela que partem os recalcamentos de desejos inadmissíveis. Desagregando-se sob a influência da mania de observação, ela nos revela suas origens: influências exercidas pelos pais, educadores, ambiente social; identificação com algumas das pessoas cuja influência mais se sofreu.

Tais seriam alguns dos resultados obtidos graças á aplicação da psicanálise às afecções narcísicas. Reconheço que não são numerosos e que freqüentemente carecem desta nitidez que só se obtém depois de estar bem familiarizado com um campo novo. Devemos êsses resultados à utilização da noção de líbido do *eu* ou líbido narcísica, que nos permitiu estender às neuroses narcísicas os dados que nos havia fornecido o estudo das neuroses de transferência. E, agora, os senhores decerto perguntam, de si para si, si não seria possível chegar a um resultado que consistiria em subordinar à teoria da líbido todos os distúrbios das afecções narcísicas e das psicoses, si no fim de contas não seria o fator libidinal o responsável pela doença, sem que pudéssemos invocar uma alteração no funcionamento dos instintos de conservação. Ora, a resposta a esta questão não me parece urgente, e, sobretudo, não está bastante madura para que alguém ouse formulá-la. Deixemos ir avante o progresso do trabalho científico e esperemos pacientemente. Eu não ficaria admirado de aprender uma dia que o poder patogênico constitue

efectivamente um privilégio das tendências libidinais e que a teoria da líbido triunfa em toda linha, desde as neuroses atuais mais simples até a mais grave alienação psicótica do indivíduo. Não sabemos que o que caracteriza a líbido é sua recusa de se submeter à realidade cósmica? Mas parece-me perfeitamente verosímel que as tendências do *eu*, arrastadas pelos impulsos patogênicos da líbido, também incorram em distúrbios funcionais. E si um dia eu souber que nas psicoses graves as próprias tendências do *eu* podem apresentar perturbações primárias, não verei absolutamente nêste fato um desvio da direção geral de nossas pesquisas. Mas esta questão pertence ao futuro, ao menos para os senhores. Permitam-me apenas voltar um instante à angústia, para dissipar uma última obscuridade que deixámos a seu respeito. Dissemos que, dadas as relações bem conhecidas que existem entre a angústia e a líbido, não nos parecia admissível, e entretanto é coisa incontestável, que a angústia real em face de um perigo seja a manifestação dos instintos de conservação. Não poderia dar-se que o estado afectivo caracterizado pela angústia haurisse seus elementos, não nos instintos egoístas do *eu*, mas na líbido do *eu*? E' que o estado de angústia é no fundo irracional, e sua irracionalidade se torna sobretudo impressionante, quando atinge um grau um pouco elevado. Perturba então a ação, de fuga ou de defesa, que é a única racional e susceptível de assegurar a conservação. E' assim que, atribuindo a parte afectiva da angústia real à líbido do *eu*, e a ação que se manifesta nessa oportunidade ao instinto de conservação do *eu*, afastamos todas as dificuldades teóricas. Os senhores não crêem sériamente, espero-o, que o indivíduo foge *porque* sente angústia? Não: O indivíduo sente angústia *e* foge pelo mesmo motivo, que é fornecido pela percepção do perigo. Homens que correram grandes perigos contam que não sentiram a menor angústia, mas simplesmente agiram, dirigindo, por exemplo, suas armas contra o animal feroz. Aí está certamente uma reação que não poderia ser mais racional.

CAPÍTULO XXVII

A TRANSFERÊNCIA

Como nos aproximamos do fim de nossas palestras, estou certo de que os senhores sentem despertar em seu íntimo uma espectativa, que não se deve transformar numa fonte de decepções. Hão de dizer consigo que si os guiei através das grandes e pequenas secções da matéria psicanalítica, não foi decerto para despedir-me dos senhores sem lhes dizer uma palavra da terapêutica em que entretanto se baseia a possibilidade de praticar a psicanálise. E' com efeito impossível que eu ponha de lado êste tema, pois seria deixá-los na ignorância de um novo fato, sem o qual sua compreensão das doenças que examinámos ficaria absolutamente incompleta.

Sei que não esperam de mim uma iniciação na técnica, na maneira de praticar a análise com um fim terapêutico. Querem apenas saber de um modo geral qual é o modo de ação da psicoterapia analítica e quais são mais ou menos os seus efeitos. Têm um direito incontestável de sabê-lo, e contudo nada lhes direi a êste respeito, preferindo deixá-los encontrar êsse modo de ação e êsses efeitos por seus próprios meios.

Imaginem só! Conhecem agora todas as condições essenciais da doença, tods os fatores cuja ação intervém na pessoa enfêrma. A impressão seria de que não resta mais lugar para uma ação terapêutica. Em primeiro lugar, a predisposição hereditária: não falamos disto muítas vezes, pois outros insistem nêste ponto de modo mais enérgico, e nada temos a acrescentar ao que êles dizem. Entretanto, não creiam que lhe desconheço a importância; é precisamente como terapêutas que estamos em situação de constatar sua fôrça. Aliás, aí nada podemos mudar; também para nós ela se conserva como uma fôrça que opõe limites a nossos esforços. Vem em seguida a influência dos acontecimentos da primeira infância, aos quais temos o hábito de conceder o primei-

ro lugar na análise; pertencem ao passado e não estamos em condição de conduzir-nos como si êles não existíssem. Temos enfim tudo o que reünimos sob a designação genérica da "renúncia real, todas essas desgraças da vida que impõem a renúncia ao amor, que geram a miséria, as discórdias em família, os casamentos infortunados, sem falar das condições sociais desfavoráveis e do rigor das exigências morais cuja pressão sofremos. Sm dúvida, são outros tantos caminhos abertos à intervenção terapêutica eficaz, mas no gênero da que, segundo uma lenda vienense, teria exercido o imperador José: intervenção benéfica de um poderoso, cuja vontade faz curvar todos os homens e desaparecer todas as dificuldades. Mas quem somos nós, para introduzir um tal benefício em nosso arsenal terapêutico? Nós mesmos, pobres e socialmente impotentes, obrigados a tirar nossa subsistência do exercício de nossa profissão, nem siquer podemos dar gratuitamente cuidados clínicos aos doentes sem meios de fortuna, enquanto outros médicos que empregam outros métodos de tratamento estão em condições de conceder-lhes êste favor. E' que nossa terapêutica é uma terapêutica de longo fôlego, uma terapêutica cujos efeitos são excessivamente lentos em produzir-se. Pode ser que, passando em revista todos os fatores que enumerei, a atenção dos senhores seja mais particularmente atraída por um dêles e o julguem capaz de servir de ponto de aplicação à nossa influência terapêutica. Si a limitação moral imposta pela sociedade é responsável pela privação de que padece o paciente, o tratamento, hão de pensar os senhores, poderá encorajá-lo ou incitá-lo diretamente a elevar-se acima desta limitação, a proporcionar-se satisfação e saúde mediante a recusa de se conformar com um ideal ao qual a sociedade concede grande valor, mas em que tão raramente nos inspiramos. Equivaleria dizer que a pessoa pode curar-se vivendo até o fim sua vida sexual. E si o tratamento analítico implicasse um encorajamento dêste gênero, mereceria decerto o reproche de ir contra a moral geral, pois então retiraria da coletividade o que concedesse ao indivíduo.

Mas como estão mal informados! O conselho de viver até o fim a vida sexual nada tem a ver com a terapêutica psicanalítica, quando mais não fosse porque existe no doente, conforme eu mesmo já lhes avisei, um obstinado conflito entre a tendência libidinal e o recalcamento sexual, entre seu lado sensual e seu lado ascético. Ajudar um dos adversários a vencer o outro, não é derimir o conflito. Vemos que nos nervosos é a tendência ascética que predomina, com esta conse-

qüência: a tendência sexual se indeniza com ajuda dos sintomas. Si, ao contrário, proporcionássemos a vitória ao lado sensual do indivíduo, seria o seu lado ascético que, assim recalcado, procuraria desforrar-se mercê dos sintomas. Nenhuma das duas soluções é capaz de pôr fim ao conflito interior; sempre haverá um lado que não ficará satisfação. Raros são os casos em que o conflito é tão fraco, que basta a intervenção do médico para trazer uma decisão, e a falar verdade êstes casos não reclamam um tratamento analítico. As pessoas sôbre as quais um médico poderia exercer uma influência dêste gênero, fàcilmente obteriam o mesmo resultado sem a intervenção do médico. Os senhores sabem muito bem que quando um rapaz abstinente se decide a ter relações sexuais ilegítimas e quando uma mulher insatisfeita procura desforrar-se com um outro homem, em geral não esperaram, para fazê-lo, a autorização do médico ou mesmo do psicanalista.

Não se presta atenção nêste assunto a um ponto essencial, a saber, que o conflito patogênico dos neuróticos não é comparável a uma luta normal que tendências psíquicas travem no mesmo terreno psicológico. Nos neuróticos ha luta entre fôrças das quais algumas atingiram a fase do preconciente e do conciente, de passo que outras não ultrapassaram o limite do inconciente. Eis porquê o conflito não pode chegar a uma solução. Os adversários não se encontram mais frente a frente que o urso branco e a baleia no exemplo que os senhores todos conhecem. Uma verdadeira solução só pode intervir quando os dois se en contram no mesmo terreno. E creio que a única tarefa da terapêutica consiste em tornar êsse encontro possível.

Posso assegurar-lhes, além disto, que estão mal informados, si crêem que aconselhar e guiar nas circunstâncias da vida faz parte da influência psicanalítica. Ao contrário, repudiamos tanto quanto possível êste papel de mentor e só temos um desejo: ver o doente tomar por si só suas decisões. Eis porquê exigimos que êle protele até o fim do tratamento toda decisão importante concernente à escolha de uma carreira, um empreendimento comercial, a conclusão de um matrimônio ou o divórcio. Concordem que não é absolutamente o que tinham pensado! E' só quando nos encontramos ante pessoas muito jovens, sem defesa e sem consistência, que, longe de impor esta limitação, associamos ao papel de médico o de educador. Mas então, concientes de nossa responsabilidade, agitamos com todas as precauções necessárias.

Mas, da energia com que me defendo contra o reproche de querer, pelo tratamento psicanalítico, impelir o nervoso a viver até o fim sua

vida sexual, fariam mal em concluir que nossa influência se exerce em proveito da moral social. Esta intenção não nos é menos estranha que a primeira. E' verdade que somos, não reformadores, mas observadores. Contudo, não podemos deixar de observar com um ôlho crítico: eis porquê achámos impossível tomar a defesa da moral sexual convencional, aprovar a maneira por que a sociedade procura resolver na prática o problema da vida sexual. Podemos dizer sem rodeios à sociedade que o que ela chama sua moral custa mais sacrifícios do que ela vale e que seus processos carecem tanto de sinceridade como de sabedoria. Não nos faz falta formular nossas críticas ante os pacientes: habituamo-los a refletir sem preconceitos nos fatos sexuais como em todos os outros fatos e quando, terminado o tratamento, êles se tornam independentes, decidindo-se por sua própria e exclusiva vontade em favor de uma solução intermediária entre a vida sexual sem restrições e a vida absolutamente ascética, nossa conciência nada tem a exprobar-se. Dizemos conosco que aquele que soube, depois de haver lutado contra si mesmo, elevar-se para a verdade, está ao abrigo de qualquer perigo de imoralidade e pode permitir-se ter uma escala de valores morais um pouco diferente da que está em uso na sociedade. Guardemo-nos aliás de exagerar o papel da abstinência na produção das neuroses. E' só num pequeno número de casos que se pode pôr fim à situação patogênica decorrente da privação e do acúmulo da líbido por meio de relações sexuais conseguidas sem esfôrço.

Por conseguinte, os senhores não explicarão a ação terapêutica da psicanálise dizendo que ela permite viver integralmente a vida sexual. Procurem outra explicação. Dissipando seu êrro nêste ponto, fiz uma observação que talvez os tenha posto na boa pista. A utilidade da psicanálise, hão de ter pensado, consiste sem dúvida em substituir o inconciente pelo conciente, em traduzir o inconciente no conciente. E' exato. Trazendo o inconciente à conciência, suprimimos os recalcamentos, afastamos as condições que presidem a formação de sintomas, transformamos o conflíto patogênico num conflito normal que, de um modo ou de outro, acabará por ser solucionado. Não provocamos no doente outra coisa além desta única modificação psíquica, e, na medida em que a provocamos, obtemos a cura. Nos casos em que não se pode suprimir um recalcamento ou outro processo psíquico do mesmo gênero, nossa terapêutica se torna ineficiente.

Podemos exprimir o fim de nossos esforços utilizando várias fórmulas: podemos dizer que procuramos tornar conciente o inconciente, ou suprimir os recalcamentos, ou preencher as lacunas amnésicas; dá tudo na mesma.

Mas esta confissão talvez os deixe insatisfeitos. Tinham feito da cura de um nervoso uma outra idéia, tinham imaginado que depois de se haver submetido ao penoso trabalho de uma psicanálise, êle se tornava outro homem; e eis que lhes venho dizer que sua cura consiste em que êle tem um pouco mais de conciente e menos de inconciente do que antes! Ora, os senhores muito provàvelmente depreciam a importância de uma mudança interior dêste gênero. O nervoso curado tornou-se com efeito outro homem, mas no fundo, e isto é óbvio, conservou-se o mesmo, isto é, tornou-se o que poderia ter sido, independentemente do tratamento, nas condições mais favoráveis. E é muita coisa. Si, sabendo-o, os senhores ouvem falar de tudo o que é preciso fazer, de todos os esforços que é preciso pôr em ação para obter essa modificação aparentemente insignificante na vida psíquica do doente, não duvidarão mais da importância desta diferença de nível psíquico que se consegue produzir.

Faço uma pequena digressão para lhes perguntar si sabem o que se chama uma terapêutica causal. Chama-se assim um método terapêutico que, em vez de visar as manifestações de uma enfermidade, procura suprimir suas causas. Ora, a terapêutica psicanalítica é ou não é uma terapêutica causal? A resposta a esta questão não é simples, mas talvez nos depare ocasião de constatarmos o quanto a questão em si é importuna. Na medida, em que a terapêutica analítica não tem por fim imediato a supressão dos sintomas, comporta-se como uma terapêutica causal. Mas, encarada de um outro ponto de vista, surge como não sendo causal. Ha muito tempo seguimos o encadeamento das causas, através dos recalcamentos, até as predisposições instintivas, com suas intensidades relativas na constituição do indivíduo e os desvios que apresentam em relação ao seu desenvolvimento normal. Suponham agora que estamos em condições de intervir por processos químicos nessa estrutura, de aumentar ou diminuir a quantidade de líbido, existente num momento dado, de reforçar um instinto a expensas de outro. Seria uma terapêutica causal no sentido extrito da palavra, uma terapêutica em cujo benefício nossa análise realizou o trabalho de reconhecimento preliminar e indispensável. Ora, conforme sabem, atualmente não se pode pensar em exercer uma influência dêste gênero sôbre os processos da líbido; nosso tratamento psíquico visa um outro elo da cadeia, um elo que, si não faz parte das raizes dos fenômenos visíveis para nós, foi tornado acessível em conseqüência de circunstâncias muito notáveis.

Que devemos, pois, fazer, para substituir em nossos enfermos o inconciente pelo conciente? Por um momento, havíamos acreditado que

a coisa era muito simples, que nos bastava descobrir o inconciente e pô-lo, por assim dizer, ante os olhos do paciente. Mas hoje sabemos que labo- rávamos em êrro. O que sabemos do inconciente não coïncide de modo algum com o que dêle sabe o doente; quando lhe participamos o que sabemos, êle *não substitue* seu inconciente pelo conhecimento assim ad- quirido, mas coloca êste *ao lado* daquele, que se mantém mais ou menos inalterado. Devemos antes fazer dêste inconciente uma representação *tópica*, procurá-lo em suas recordações no ponto exato onde êle poude formar-se em conseqüência de um recalcamento. E' êsse recalcamento que se faz mister suprimir, para que a substituição do conciente ao in- conciente se opere por si só. Como, porém, suprimir o recalcamento? Aqui começa a segunda fase de nosso trabalho. Em primeiro lugar, pesquisa do recalcamento; em segundo lugar, supressão da resistência que mantém êsse recalcamento.

E como se suprime a resistência? Da mesma forma: descobrindo-a e expondo-a aos olhos do doente. E' que a resistência também provém de um recalcamento, seja do mesmo que procuramos resolver, seja de um recalcamento sobrevindo anteriormente. E' produzida por uma con- tra-manobra feita com o intuito de recalcar a tendência indecente. Por conseguinte, fazemos agora o que já queríamos fazer no princípio: in- terpretamos, descobrimos e participamos ao doente o que obtemos; mas desta vez o fazemos no momento oportuno. A contra-manobra ou a resistência faz parte, não do inconciente, mas do *eu* que é nosso colabo- rador, e isto mesmo quando a resistência não é conciente. Sabemos que aqui se trata do duplo sentido da palavra "inconciente": o incon- ciente como fenômeno, o inconciente como sistema. Isto parece muito difícil e obscuro, mas, no fundo, não é a mesma coisa? Ha muito tem- po estamos preparados para isso. Esperamos que a resistência desapa- reça, que a contra-manobra seja abandonada, desde que nossa inter- pretação tenha pôsto ambas ante os olhos do *eu*. Com que fôrças tra- balhamos então em casos dêste gênero? Contamos em primeiro lugar com o desejo que o doente tem de recobrar a saúde, desejo que o de- cidiu a entrar em colaboração conosco; contamos em seguida com sua inteligência, à qual fornecemos o apôio de nossa intervenção. E' certo que a inteligência poderá mais fàcilmente reconhecer a resistência e en- contrar a tradução correspondente ao que foi recalcado, si lhe fornece- mos a representação do que tem de reconhecer e encontrar. Si lhes digo: "olhem o céu, nêle verão um aerostato", hão de encontrar êste mais fàcilmente do que si eu lhes disser simplesmente que levantem os

olhos para o céu, sem precisar o que nêle encontrarão. Da mesma forma, o estudante que olha pela primeira vez num microscópio nada vê, si o mestre não lhe diz o que ali deve ver.

E depois, temos os fatos. Num grande número de afecções nervosas, nas histerias, neuroses de angústia, neuroses obsessionais, nossas premissas se mostram justas. Pela pesquisa do recalcamento, pela descoberta da resistência, pelo desvendamento do que está recalcado, conseguimos realmente resolver o problema, vencer as resistências, suprimir o recalcamento, transformar o inconciente em conciente. Nessa ocasião, temos a impressão nítida de que, a propósito de cada resistência que se trata de vencer, passa-se na alma do doente uma luta violenta, uma luta psíquica normal, no mesmo terreno psicológico, entre móveis contrários, entre forças que tendem a sustentar a contra-manobra e outras que impelem a pô-la de lado. Os primeiros móveis são os móveis antigos, os que provocaram o recalcamento; e entre os últimos se acham alguns recentemente surgidos e que parecem dever resolver o conflito no sentido que desejamos. Conseguimos assim reanimar o antigo conflito que levara ao recalcamento, submeter a uma revisão o processo que parecia terminado. Os fatos novos que trazemos em favor desta revisão consistem na lembrança que fazemos ao doente de que a decisão anterior levou à doença, na promessa de que outra decisão abrirá o caminho à cura e na demonstração de que desde o momento da primeira solução todas as condições sofreram modificações consideráveis. Na época em que a doença se formou, o *eu* era franzino, infantil, e tinha talvez razões para proscrever as exigências da líbido como uma fonte de perigos. Hoje êle é mais forte, mais experiente e possúe além disto no médico um colaborador fiel e devotado. Eis porquê estamos no direito de esperar que o conflito reavivado tenha uma solução mais favorável que na época em que terminou pelo recalcamento, e, conforme dissemos, o sucesso que obtivemos nas histerias, neuroses de angústia e neuroses obsessionais justifica em princípio nossa espectativa.

Existem entretanto doenças em que, em igualdade de condições, nossos processos terapêuticos nunca são coroados de sucesso. No entanto, aqui se tratava igualmente de um conflito primitivo entre o eu e a líbido, conflito que também levou a um recalcamento, seja qual for aliás a característica tópica; nestas doenças, como nas outras, podemos descobrir, na vida dos doentes, os pontos exatos onde se prduziram os recalcamentos; aplicamos a essas doenças os mesmos processos, fazemos aos doentes as mesmas promessas, auxiliamo-los da mesma maneira, isto é, guiando-os por

meio de "representações de espera", e o intervalo que decorreu entre o momento em que se produziram os recalcamentos e o momento atual é todo favorável a uma solução satisfatória do conflito. A-pesar-de tudo isso, não conseguimos nem afastar uma resistência nem suprimir um recalcamento. Êsses doentes, paranoicos, melancólicos, dementes precoces, mantêm-se refratários ao tratamento psicanalitico. Qual a razão dêste fato? Isto não pode depender de uma falta de inteligência; sem dúvida, supomos em nossos doentes um certo nível intelectual, mas êsse nível existe com certeza nos paranoicos, tão hábeis em edificar combinações engenhosas. Não podemos igualmente incriminar a ausência de um outro fator qualquer. Ao contrário dos paranoicos, os melancólicos têm conciência de estar doentes e de sofrer gravemente, mas isto não os torna mais acessiveis ao tratamento psicanalitico. Estamos aí em presença de um fato que não compreendemos, de sorte que temos a tentação de perguntar-nos si compreendemos bem todas as condições do sucesso que obtivemos nas outras neuroses.

Si nos atemos aos nossos histéricos e aos nossos doentes de neurose de angústia, não tardamos a ver apresentar-se um outro fato para o qual não estávamos absolutamente preparados. Ao fim de muito pouco tempo, percebemos que êsses doentes se comportam para conosco de um modo absolutamente singular. Acreditávamos ter passado em revista todos os fatores que se devem tomar em consideração no correr do tratamento, ter tornado nossa situação em relação ao paciente tão clara e evidente como um exemplo de cálculo; e eis que constatamos que se insinuou no cálculo um elemento que não foi levado em conta. Sendo êsse elemento inesperado susceptível de se apresentar sob formas múltiplas, começarei por descrever-lhes os seus aspetos mais freqüentes e mais fàcilmente inteligíveis.

Verificamos que o doente, que não deveria procurar outra coisa sinão uma solução para os seus conflitos dolorosos, manifesta um interêsse particular pela pessoa de seu médico. Tudo o que a êste se refere lhe parece ter mais importância do que seus próprios assuntos e lhe desvia a atenção de sua doença. Eís porquê as relações que se estabelecem entre o médico e o cliente são durante algum tempo muito agradáveis; o enfêrmo mostra-se particularmente previdente, aplica-se a testemunhar sua gratidão todas as vezes que o pode e revela finezas e qualidades de seu caracter que talvez não houvéssemos procurado. Acaba por inspirar uma opinião favorável ao médico, e êste abençoa o acaso que lhe deu ocasião de auxiliar uma personalidade particularmente notável. Si o médico tem oportunidade de falar às pessoas que cercam o doente, tem o prazer de

saber que a simpatia que sente por êste é recíproca. Em casa, o paciente não se cansa de elogiar o médico, no qual todos os dias descobre novas qualidades. "Êle só sonha com o senhor, tem uma confiança cega no senhor; tudo o que o senhor diz é para êle a palavra do evangelho", contam as pessoas da família. De vez em quando, ouve-se uma voz que, ultrapassando as outras, declara: "torna-se aborrecido, à fôrça de só falar do senhor, de só ter o seu nome na boca".

Suponho que o médico será bastante modesto para não ver em todos êsses louvores mais que uma expressão da satisfação que proporcionam ao doente as esperanças que êle lhe dá e o efeito da ampliação de seu horizonte intelectual, em conseqüência das surprendentes perspectivas de liberação que o tratamento descortina. Também a análise realiza nestas condições notáveis progressos; o doente compreende as indicações que lhe são sugeridas, aprofunda os problemas que o tratamento faz surgir diante dêle, recordações e idéias afluem-lhe em abundância, a segurança e a justeza de suas interpretações admiram o médico, que só pode constatar com satisfação a solicitude com que o doente aceita as novidades psicológicas que via de regra suscitam de parte dos indivíduos sãos a mais violenta oposição. À boa atitude do enfêrmo durante o trabalho analítico também corresponde uma melhora objetiva, constatada por todo o mundo, do estado mórbido.

Mas o bom tempo não pode durar toda a vida. Chega um dia em que êle se enevoa. Surgem dificuldades no correr do tratamento, o doente pretende que não lhe vem mais nenhuma idéia. Temos a impressão muito nítida de que êle não se interessa mais pelo trabalho e que de bom grado se esquiva à recomendação que lhe fizemos de dizer tudo o que lhe passar pela cabeça, sem se deixar prturbar por nenhuma consideração crítica. Porta-se como si não estivesse em tratamento, como si não houvesse concluido um pacto com o médico; é evidente que está preocupado por alguma coisa, que faz questão de não revelar. Eis uma situação perigosa para o tratamento. Encontramo-nos incontestàvelmente em face de uma violenta resistência. Que se passou então?

Quando se acha o meio de esclarecer novamente a situação, consta-se que a causa da perturbação reside na própria ternura intensa e profunda que o paciente sente pelo médico e que não é justificada nem pela atitude dêste nem pelas relações que se estabeleceram entre ambos no correr do tratamento. A forma sob a qual se manifesta esta ternura e os fins que visa dependem naturalmente das relações pessoais existentes entre os dois. Si a paciente é uma moça e o médico um homem também jovem ainda, ela

sentirá por êle um amor normal, e acharemos natural que uma moça se apaixone por um homem com o qual passa muito tempo a sós, a quem pode contar muitas coisas íntimas e que se impõe a ela pela superioridade que lhe confere sua atitude de salvador; e nessa ocasião esqueceremos que da parte de uma rapariga neurótica deveríamos antes esperar uma perturbação da faculdade libidinal. Quanto mais as relações pessoais entre o paciente e o médico se afastam dêste caso hipotético, mais admirados ficaremos de encontrar em cada vez a mesma atitude afectiva. Vá lá ainda, quando se trata de uma mulher jovem, que, infeliz no lar conjugal, sente uma paixão séria pelo médico celibatário, está pronta a requerer divórcio para desposá-lo, ou, quando obstáculos de ordem social a isto se opõem, não hesitaria em fazer-se sua amante. Mas nos casos de que nos ocupamos, ouvem-se da boca de mulheres e moças considerações que revelam uma atitude determinada em face do problema terapêutico; pretendem ter sempre sabido que só poderiam curar-se pelo amor e ter tido a certeza, desde o início do tratamento, de que as relações com o médico que as tratava lhes proporcionaria afinal o que a vida sempre lhes recusara. Sustentadas apenas por essa esperança, é que teriam dispendido tantos esforços, no correr do tratamento, e superado todas as dificuldades da confissão. E acrescentaremos de nossa parte: sustentadas apenas por esta esperança, é que compreenderam tão fàcilmente coisas em que via de regra dificilmente se acredita. Uma tal confissão nos deixa estupefatos e põe por terra todos os nossos cálculos. Será que deixámos escapar o mais importante ?

Com efeito, quanto mais nossa experiência se amplia, menos podemos opôr-nos a esta correção tão humilhante para as nossas pretenções científicas. Poder-se-ia crer a princípio que a análise tropeçava num impecilho provocado por um fato acidental que nada tinha a ver com o tratamento propriamente dito. Mas quando vemos essa terna afeição do doente pelo médico reproduzir-se regularmente em cada caso novo, quando a vemos manifestar-se até, nas condições mais desfavoráveis e em casos onde a desproporção entre o doente e o médico toca as raias do grotesco, da parte de uma mulher já idosa em relação a um médico de barba branca, isto é, em casos onde, a nosso ver, não se pode cogitar de atração ou fôrça de sedução, então somos de fato obrigados a abandonar a idéia de um acaso perturbador e reconhecer que se trata de um fenômeno que apresenta as mais estreitas relações com a própria natureza do estado mórbido.

Êsse fato novo que reconhecemos assim como a contragosto, não é mais que a chamada *transferência*. Tratar-se-ia pois de uma transferên-

cia de sentimentos para a pessoa do médico, pois não cremos que a situação creada pelo tratamento possa justificar a eclosão de tais sentimentos. Antes suspeitamos que toda essa prontidão afectiva tem outra origem, que ela existia no doente em estado latente e sofreu a transferência para a pessoa do médico por ocasião do tratamento analítico. A transferência pode manifestar-se seja como exigência amorosa tumultuária, seja sob formas mais temperadas; em presença de um médico idoso, a paciente jovem pode sentir o desejo, não de tornar-se sua amante, mas de ser tratada por èle como uma filha predileta, sua tendência libidinal pode moderar-se e tornar-se uma aspiração a uma amizade inseparável, ideal, que nada tenha de sensual. Certas mulheres sabem sublimar a transferência e modelá-la até torná-la de algum modo viável; outras a manifestam sob uma forma bruta, primitiva, as mais das vezes impossível. Mas, no fundo, trata-se sempre do mesmo fenômeno, tendo a mesma origem.

Antes de perguntar onde convém situar êste fato novo, permitam-me completar sua descrição. Como se passam as coisas nos casos em que os pacientes são do sexo masculino? Poder-se-ia crer que êstes escapam à aborrecida intervenção da diferença sexual e da atração sexual. Pois bem, não lhe fogem mais que as pacientes femininas. Apresentam o mesmo apêgo ao médico, fazem a mesma idéia exagerada de suas qualidades, tomam uma parte igualmente ativa em tudo o que lhe concerne e têm ciumes, precisamente como as mulheres, de todos os que dêle se aproximam na vida. As formas sublimadas da transferência de homem a homem são tanto mais freqüentes e as exigências sexuais diretas tanto mais raras, quanto a homossexualidade manifesta desempenha no indivíduo em aprêço um papel menos importante em relação à utilização dos outros fatores constitutivos do instinto. Nos pacientes masculinos o médico observa também mais freqüentemente que nas mulheres uma forma de transferência que, à primeira vista, parece em contradição com tudo o que foi descrito até aqui: a transferência hostil ou *negativa*.

Notemos desde logo que a transferência se manifesta no paciente desde o início do tratamento e representa durante algum tempo a mola mais sólida do trabalho. Não a percebemos e não nos devemos preocupar com ela enquanto sua ação se exerce em proveito da anáálise realizada em comum. Mas logo que se transforma em resistência chama toda a atenção, e constatamos que suas relações com o tratamento podem variar em dois pontos diferentes e opostos: em primeiro lugar, a atitude de ternura torna-se tão forte, os sinais de sua origem sexual fazem-se tão nítidos, que ela deve provocar contra si uma resistência interna;

em segundo lugar, pode-se tratar de uma transformação de sentimentos ternos em sentimentos hostís. De um modo geral, os sentimentos hostís aparecem com efeito mais tarde que os sentimentos ternos detrás dos quais se dissimulam; a existência simultânea de uns e outros reflete bem essa ambivalência dos sentimentos que transparece na maior parte de nossas relações com os outros homens. Precisamente como os sentimentos ternos, os sentimentos hostís são um sinal de apêgo afectivo, assim como o desafio e a obediência exprimem o sentimento de dependência, si bem que com sinais contrários. E' incontestável que os sentimentos hostís, em relação ao médico merecem igualmente o nome de "transferência", pois a situação creada pelo tratamento não fornece nenhum pretêxto suficiente para a formação dêles; e é assim que a necessidade em que estamos de admitir uma transferência negativa nos prova que não nos enganámos em nossos julgamentos relativos à transferência positiva ou de sentimentos ternos.

De onde provém a transferência? Quais as dificuldades que nos opõe? Como podemos superá-las? Que proveito podemos tirar dela em última análise? Outras tantas questões que só podem ser versadas pormenorizadamente num ensino técnico da análise e que hoje me contentarei de aflorar apenas. Subentende-se que não cedemos às exigências do doente decorrentes da transferência; mas seria absurdo repelí-las inamistosamente ou com cólera. Dominamos a transferência, demonstrando ao doente que seus sentimentos, ao envez de serem produzidos pela situação atual e aplicarem-se à pessoa do médico, não fazem mais que reproduzir uma situação em que êle já se encontrou anteriormente. Forçâmo-lo assim a remontar dessa reprodução à reminiscência. Quando êsse resultado é obtido, a transferência, terna ou hostil, que parecia constituir a mais grave ameaça no que se refere ao exito do tratamento, põe em nossas mãos a chave mercê da qual podemos abrir os compartimentos mais fechados da vida psíquica. Desejaria entretanto dizer-lhes algumas palavras para dissipar seu espanto possível em face dêste fenômeno inesperado. Com efeito, não esqueçamos que a doença do paciente cuja análise empreendemos não constitue um fenômeno acabado, rígido, mas está sempre em via de crescimento e evolução, como um ser vivo. O início do tratamento não põe fim a essa evolução, mas quando o tratamento conseguiu apoderar-se do doente, constatamos que todas as neoformações da doença já não se referem sinão a um único ponto, e especialmente às relações entre o médico e o paciente. A transferência pode assim ser comparada à camada inter-

mediária entre a árvore e a córtex, camada que fornece o ponto de partida à formação de novos tecidos e ao aumento de espessura do tronco. Quando a transferência adquiriu uma importância tal, o trabalho que tem por objeto as recordações do doente sofre um retardamento considerável. Podemos dizer que então lidamos, não mais com a doença anterior do paciente, mas com uma neurose ha pouco formada e transformada, que substitue a primeira. Esta nova camada que se vem sobrepor à afecção antiga, seguímo-la desde o início, vímo-la nascer e desenvolver-se, e tanto mais fàcilmente nos orientamos nela, quanto nós mesmos lhe ocupamos o centro. Todos os sintomas do doente perderam sua significação primitiva e adquiriram um sentido novo, em relação com a transferência. Ou então, dos sintomas só restam os que puderam sofrer uma tal transformação. Dominar essa nova neurose artificial é suprimir a doença gerada pelo tratamento. Êstes dois resultados andam emparelhados, e quando são obtidos, está terminada nossa tarefa terapêutica. O homem que, em suas relações com o médico, se tornou normal e liberto da ação de tendências recalcadas, também se conservará tal na vida normal, quando o médico dela houver sido eliminado.

E' nas histerias, nas histerias de angústia e neuroses obsessionais que a transferência apresenta essa importância extraordinária, central mesmo do ponto de vista do tratamento. E eis porquê foram chamadas, e com razão, "neuroses de transferência". Aquele que, tendo praticado o trabalho analítico, teve ocasião de obter uma noção exata da natureza da transferência, sabe com toda a certeza de que gênero são as tendências recalcadas que se exprimem pelos sintomas destas neuroses, e não exigirá outra prova, mais convincente, de sua natureza libidinal. Podemos dizer que nossa convicção segundo a qual a importância dos sintomas depende de sua qualidade de satisfações libidinais substitutivas, só recebeu sua confirmação definitiva depois de constatada a ação da transferência.

E, agora, temos mais de uma razão para melhorar nossa concepção dinâmica anterior, relativa ao processo da cura, e mais de uma razão para pô-la em harmonia com esta nova maneira de ver. Quando o doente está prestes a empreender a luta normal contra as resistências cuja existência nossa análise lhe revelou, precisa de um poderoso impulso que faça pender a decisão no sentido que desejamos, isto é, na direção da cura. Sem isto, êle poderia decidir-se em favor da repetição da solução anterior e infligir de novo o recalcamento ao que fôra trazido à

conciência. O que decide da solução dessa luta, não é a penetração intelectual do doente — ela não é nem bastante forte nem bastante livre para isto, — mas únicamente sua atitude em relação ao médico. Si sua transferência tem o sinal positivo, reveste o médico de uma grande autoridade, transforma as comunicações e concepções dêste último em artigos de fé. Sem esta transferência, ou quando a transferência é negativa, o doente não prestaria a menor atenção às palavras do médico. A fé reproduz nessa ocasião a própria história de seu nascimento: é fruto do amor e não precisava de argumentos no início. Só mais tarde é que atribue a êstes bastante importância para submetê-los a um exame crítico, quando são formulados por pessoas estimadas. Os argumentos que não têm como corolário o fato de emanar de pessoas estimadas não exercem nem nunca exerceram a menor ação na vida da maior parte dos homens. Também o homem só é em geral acessível por seu lado intelectual na medida em que é capaz de sofrer a investida libidinal de objetos, e temos boas razões para crer — e a coisa é verdadeiramente de temer — que é do grau de seu narcisismo que depende o grau de influência que sôbre êle pode exercer a técnica analítica, mesmo a melhor.

A faculdade de concentrar a energia libidinal em pessoas deve ser reconhecida a todo homem normal. A tendência à transferência que constatámos nas neuroses citadas mais acima não constitue mais que um exagêro extraordinário dessa faculdade geral. Seria entretanto singular, si um traço de carácter tão disseminado e tão importante nunca houvesse sido percebido nem apreciado em seu justo valor. Com efeito, êle não escapou a alguns observadores perspicazes. Foi assim que Bernheim deu prova de uma penetração particular baseando a teoria dos fenômenos hipnóticos na proposição de que todos os homens são, em certa medida, "sugestionáveis". Sua "sugestionabilidade" não é mais que a tendência à transferência, concebida de um modo um pouco estreito, isto é, com exclusão da transferência negativa. Entretanto, Bernheim nunca poude dizer o que é a sugestão propriamente dita e como se produz. Para êle, ela era um fato fundamental cujas origens não era preciso explicar. Não viu a relação de dependência que existe entre a "sugestionabilidade" de um lado, e a sexualidade, a atividade da líbido, do outro. E devemos reconhecer que si, em nossa técnica, abandonámos a hipnose, foi para descobrir de novo a sugestão sob a forma da transferência.

Mas aqui me detenho e lhes dou a palavra. Percebo que uma objeção se impõe ao espírito dos senhores com uma fôrça tal que os tornaria incapazes de acompanhar o resto de minha exposição si não lhe dessem a liberdade de exprimir-se. "Acaba então por convir, me dirão os senhores, que os psicanalistas trabalham com auxílio da sugestão, precisamente como os partidários da hipnose. Suspeitávamos disso ha muito tempo. De que lhes servem então a evocação das reminiscências do passado, a descoberta do inconciente, a interpretação e a re-tradução das deformações, todo êsse enorme dispêndio de fadiga, tempo e dinheiro, si a sugestão é o único fator eficaz? Porquê não sugerem diretamente contra os sintomas, a exemplo dos outros, dos honestos hipnotizadores? E, depois, si, querendo desculpar-se de haver feito um rodeio tão longo, o senhor alega as numerosas e importantes descobertas psicológicas que teria feito e que a sugestão direta não consegue revelar, quem nos garante a certeza dessas descobertas? Não seriam elas também um efeito da sugestão, e particularmente da sugestão não intencional? Não podem os psicanalistas, mesmo com o seu método, impôr ao doente o que querem e o que lhes parece justo?"

O que me dizem é excessivamente interessante e exige uma resposta. Mas essa resposta, não posso dá-la hoje, por falta de tempo. Na próxima vez, por conseguinte. Hoje, contentar-me-ei de terminar pelo que havia começado. Prometera fazer-lhes compreender, valendo-me do fato da transferência, porquê nossos esforços terapêuticos falham nas neuroses narcísicas.

Fa-lo-ei em poucas palavras, e os senhores verão que a solução do enigma é das mais simples, harmonizando-se com todo o resto. A observação demonstra que os doentes de neurose narcísica não possuem a faculdade da transferência ou dela só apresentam restos insignificantes. Repelem o médico, não com hostilidade, mas com indiferença. Eis porquê não são acessíveis à sua influência, tudo o que êle diz os deixa frios, não os impressiona de modo algum; também êsse mecanismo da cura, tão eficaz nos outros e que consiste em reanimar o conflito patogênico e superar a resistência oposta pelo recalcamento, não se deixa estabelecer nêles. Conservam-se tais como são. Já de iniciativa própria fizeram tentativas de corrigir a situação, mas essas tentativas só tiveram efeitos patológicos. Nada podemos alterar nêste ponto.

Baseando-nos nos dados clínicos que êsses doentes nos forneceram, afirmámos que nêles a líbido deve ter-se destacado dos objetos, para se transformar em líbido do *eu*. Acreditámos poder, por êsse carácter,

diferenciar essa neurose do primeiro grupo de neuroses (histeria, neuroses de angústia e obsessional). Ora, o modo por que ela se comporta por ocasião do ensaio terapêutico confirma nossa maneira de ver. Não apresentando o fenômeno da transferência, as doenças em aprêço escapam a nossos esforços e não podem ser curadas pelos meios de que dispomos.

CAPÍTULO XXVIII

A TERAPÊUTICA ANALÍTICA

Sabem qual é o tema de nossa palestra de hoje. Tinham-me perguntado porquê não nos servíamos, na psicoterapia analítica, da sugestão direta, desde o momento em que reconhecemos que nossa influência se baseia essencialmente na transferência, isto é, na sugestão; e, em face dêsse papel predominante consignado à sugestão, emitiram dúvidas a respeito da objetividade de nossas descobertas psicológicas. Prometi-lhes então responder minuciosamente.

A sugestão direta é a sugestão dirigida contra a manifestação dos sintomas, é a luta entre a autoridade dos senhores e as razões do estado mórbido. Recorrendo à sugestão, os senhores não se preocupam com estas razões, exigem apenas do enfêrmo que cesse de exprimí-las em sintomas. Pouco importa então que mergulhem o doente em hipnose ou não. Aliás, Bernheim, com sua perspicácia habitual, já fizera observar que a sugestão constitue o fato essencial do hipnotismo, sendo a própria hipnose um efeito da sugestão, um estado sugerido, e praticava de preferência a sugestão em estado de vigília, como susceptível de dar os mesmos resultados que a sugestão em estado de hipnose.

Ora, nesta questão, que é que lhes interessa mais: os dados da exriência ou as considerações teóricas? Comecemos pelos primeiros. Fui aluno de Bernheim, cujo curso segui em 1899, em Nancy, e cujo livro sôbre a sugestão traduzi em alemão. Durante anos, apliquei o tratamento hipnótico, associado a princípio à sugestão de defesa, e em seguida à exploração do paciente segundo o método de Breuer. Tenho portanto bastante experiência para falar dos efeitos do tratamento hipnótico ou sugestivo. Si, de acôrdo com um velho ditado médico, uma terapêutica ideal é a que age ràpidamente, com certeza e não é desagradável ao doente, o método de Bernheim satisfazia pelo menos duas destas condições. Podia ser aplicado ràpidamente, muito mais ràpidamente

que o método analítico, sem impor ao doente a menor fadiga, sem lhe causar perturbação alguma. Para o médico, tornava-se monótono ter de recorrer em todos os casos aos mesmos processos, ao mesmo cerimonial, para pôr fim à existência dos mais variados sintomas, sem poder dar-se conta de sua significação e de sua importância. Era um trabalho de manobra, nada tendo de científico, recordando antes a magia, o exorcismo, a prestidigitação; nem por isto se deixava de executar êste trabalho, porque se tratava do interêsse do doente. Mas a terceira condição faltava ao método, que não era certo sob nenhum ponto de vista. Aplicável a uns, não o era a outros; nêstes se mostrava muito eficaz, naqueles pouco eficaz, sem que se soubesse porquê. Mas o que era ainda mais aborrecido do que esta incerteza caprichosa do processo, era a instabilidade de seus efeitos. Ao cabo de algum tempo, sabia-se da recidiva da doença ou de sua substituição por outra. Podia-se recorrer de novo à hipnose, mas autoridades competentes haviam levantado a prevenção contra o recurso reiterado à hipnose: corria-se o risco de abolir a independência do doente e crear nêle o hábito, como com um narcótico. Mas mesmo nos casos, raros é verdade, em que se conseguia, depois de alguns esforços, obter um sucesso completo e duradouro, ficava-se na ignorância das condições dêsse resultado favorável. Vi uma vez reproduzir-se tal qual um estado muito grave que eu conseguira suprimir completamente depois de um curto tratamento hipnótico; tendo sobrevindo essa recidiva numa época em que a doente creara aversão por mim, consegui obter nova cura, mais completa ainda, quando ela voltou a melhores sentimentos para comigo; mas uma terceira recidiva declarou-se, quando a doente se me tornou de novo hostil. Outra de minhas doentes, que eu tinha, por várias vezes, conseguido desembaraçar de crises nervosas mercê da hipnose, atirou-se-me subitamente ao pescoço enquanto lhe estava prestando meus cuidados, numa crise particularmente rebelde. Fatos dêste gênero nos obrigam, pelo sim, pelo não, a encarar a questão referente à natureza e origem da autoridade sugestiva.

Tais são as experiências. Demonstram que, renunciando à sugestão direta, não nos privamos de algo indispensável. Permitam-me agora formular a êste respeito algumas considerações. A aplicação hipnoterapêutica só impõe ao médico e ao paciente um esfôrço insignificante. Essa terapêutica concorda admiràvelmente com a apreciação das neuroses que ainda tem curso na maior parte dos meios médicos. O médico diz ao nervoso: "Nada lhe falta; o que sente é apenas de natureza

nervosa; com algumas palavras posso, em poucos minutos, suprimir suas perturbações". Mas nosso pensamento energético se recusa a admitir que se possa por um leve esfôrço mobilizar uma grande massa, atacando-a diretamente e sem auxílio de aparelhamento especíal. Na medida em que as condições são comparáveis, a experiência nos demonstra que êste artifício não tem melhor resultado nas neuroses do que na mecânica. Sei entretanto que êste argumento não é inatacável, que também ha a alavanca suficientemente longa que, com um ponto de apôio, é capaz de mover o mundo.

Os conhecimentos que adquirimos graças à psicanálise nos permitem descrever mais ou menos assim as diferenças que existem entre a sugestão hipnótica e a sugestão psicanalítica. A terapêutica hipnótica procura recobrir e mascarar alguma coisa na vida psíquica; a terapêutica analítica procura, ao contrário, desvendá-la e pô-la de parte. A primeira age como um processo cosmético, a segunda como um processo cirúrgico. Aquela utiliza a sugestão para interdizer os sintomas, reforça os recalcamentos, mas deixa inalterados todos os processos que levaram à formação dos sintomas. Ao contrário, a terapêutica analítica, quando se acha em face dos conflitos que geraram os sintomas, procura remontar até a raiz e serve-se da sugestão para modificar no sentido que deseja a solução dêsses conflitos. A terapêutica hipnótica deixa o paciente inativo e inalterado, por conseguinte igualmente sem resistência ante uma nova causa de perturbações mórbidas. O tratamento analítico impõe ao médico e ao doente penosos esforços tendentes a superar resistências interiores. Quando essas resistências são vencidas, a vida psíquica do doente se acha mudada de um modo duradouro, elevada a um grau de deenvolvimento superior e mantém-se protegida contra qualquer nova possibilidade patogênica. E' êsse trabalho de luta contra as resistências que constitue a tarefa essencial do tratamento analítico, e essa tarefa compete ao doente, a quem o médico auxilia pelo recurso à sugestão agindo no sentido de sua *educação*. Também se tem dito com razão que o tratamento psicanalítico é uma espécie de *post-educação*.

Creio ter-lhes feito compreender em que nossa maneira de aplicar a sugestão com um fim terapêutico difere da única que é possível na terapêutica hipnótica. Graças à redução da sugestão à transferência, os senhores também estão em condições de compreender as razões dessa inconstância que nos impressionou no tratamento hipnótico, enquanto o tratamento analítico pode ser calculado até em seus últimos efeitos. Na

aplicação da hipnose, dependemos do estado e do grau da faculdade da transferência que o doente apresenta, sem poder exercer a menor ação sôbre essa faculdade. A transferência do indivíduo a hipnotizar pode ser negativa ou, como é o caso mais freqüente, ambivalente, o sujeito pode, por certas atitudes particulares, ter-se premunido contra sua transferência: de tudo isto, nada sabemos. Com a psicanálise, trabalhamos sôbre a própria transferência, afastamos tudo o que se lhe opõe, dirigimos para nós o instrumento com a ajuda do qual queremos agir. Adquirimos assim a possibilidade de tirar da sugestão, que se torna dócil em nossas mãos, um proveito inteiramente diverso; não é o doente o único que sugere a si mesmo o que lhe apraz: somos nós que guiamos sua sugestão na medida em que, de um modo geral, êle é acessivel à sua ação.

Ora, dirão os senhores, que chamemos a força motriz de nossa análise "transferência" ou "sugestão", pouco importa. Nem por isso a influência sofrida pelo doente deixa de tornar duvidoso o valor objetivo de nossas constatações. O que é útil à terapêutica é nocivo à investigação. E' a objeção que mais freqüentemente se faz à psicanálise, e devo convir que mesmo baseando-se num critério falso, ela não pode entretanto ser repelida como absurda. Mas si fosse justificada, só restaria da psicanálise um tratamento pela sugestão, de um gênero particularmente eficaz, e todas as suas proposições relativas às influências vitais, à dinâmica psíquica, ao inconciente, nada teriam de sério. Assim pensam com efeito nossos adversários, os quais pretendem que, no que se refere mais particularmente a nossas proposições concernentes à importância da vida sexual, a essa vida em si, elas são mero produto de nossa imaginação corrompida, e que tudo o que os doentes dizem a êste respeito, foi-lhes sugerido por nós. E' mais fácil refutar essas objeções apelando para a experiência do que por meio de considerações teóricas. Aquele que fez pessoalmente psicanálise, poude assegurar-se mais de uma vez que é impossivel sugestionar um doente a êste ponto. Não é naturalmente difícil fazer de um doente um adepto de uma certa teoria e fazê-lo compartilhar um certo êrro do médico. Porta-se então como qualquer outro indivíduo, como um discípulo; apenas, nessa ocorrência influímos, não sôbre a sua enfermidade, mas sôbre sua inteligência. A solução de seus conflitos e a supressão de suas resistências só é bem sucedida quando lhe deram representações de espera que nêle coïncidem com a realidade. O que, nas suposições do médico, não correspondia a essa realidade é espontâneamente eliminado no correr da análise, deve

ser retirado e substituido por suposições mais exatas. Procura-se, por uma técnica adequada e atenta, impedir a sugestão de produzir efeitos transitórios; mas mesmo quando se obtêm êstes efeitos, o mal não é grande, pois nunca nos contentamos com o primeiro resultado. A análise não se termina, enquanto todas as obscuridades do caso não são esclarecidas, todas as lacunas da memória preenchidas, todas as circunstâncias dos recalcamentos postas a descoberto. Nos sucessos obtídos com demasiada rapidez, devem-se ver antes obstáculos do que circunstâncias favoráveis ao trabalho analítico, e destroem-se êsses sucessos, suprimindo, dissociando a transferência em que se baseiam. No fundo, é êste último traço que diferencia o tratamento puramente sugestivo e permite opor os resultados obtidos pela análise aos sucessos devidos à simples sugestão. Em todo outro tratamento sugestivo, a transferência é cuidadosamente poupada, deixada intata; o tratamento analytico, ao contrário, tem por objeto a própria transferência, que procura desmascarar e decompor, seja qual for a forma que revista. No fim de um tratamento analítico, a transferência em si deve ser destruida, e si se obtem um sucesso duradouro, esse sucesso repousa, não sôbre a sugestão pura e simples, mas sôbre os resultados obtidos graças à sugestão: supressão das resistências interiores, modificações internas do doente.

À medida que as sugestões se sucedem no correr do tratamento, temos de lutar incessantemente contra resistências que sabem transformar-se em transferência negativas hostis). Aliás, não tardaremos a invocar a confirmação que muitos resultados da análise, que somos tentados a considerar como produtos da sugestão, tiram de uma fonte cuja autenticidade não pode ser posta em dúvida. Nossos fiadores não são outros sinão os dementes e os paranoicos, que naturalmente escapam à suspeita de ter sofrido ou poder sofrer uma influência sugestiva. O que êsses doentes nos contam acêrca de suas traduções de símbolos e suas fantasias coïncidem com os resultados que nos forneceram nossas investigações sôbre o inconciente nas neuroses de transferência e corrobora assim a exatidão objetiva de nossas interpretações, tão freqüentemente postas em dúvida. Creio que os senhores não correm o risco de enganar-se, concedendo nêstes pontos toda a sua confiança à análise.

Completemos agora a exposição do mecanismo da cura exprimindo-o nas fórmulas da teoria da líbido. O neurótico é incapaz de gozar e de agir: de gozar, porque sua líbido não é dirigida a nenhum objeto real; de agir, porque é obrigado a dispender muita energia para manter sua líbido em estado de recalcamento e, premunir-se contra seus as-

saltos. Só se pode curar quando o conflito entre seu *eu* e a líbido estiver terminado e o *eu* tiver de novo dominado a líbido. A tarefa terapêutica consíste pois em liberar a líbido de suas inserções atuais, subtraídas ao *eu*, e em pô-la de novo a serviço dêste último. Onde se encontra, pois, a líbido do neurótico? E' fácil de responder: acha-se ligada aos sintomas que, por enquanto, lhe proporcionam a única satisfação substitutiva possível. E' portanto preciso apoderar-se dos sintomas, dissolvê-los, em suma, fazer precisamente o que o enfêrmo nos pede. E para dissolver os sintomas, é preciso remontar a suas origens, tornar a despertar o conflito que lhes deu nascimento e orientar êsse conflito para uma outra solução, pondo em aço outros fatores que, na época em que surgiram os sintomas, não estavam à disposição do doente. Essa revisão do processo que levou ao recalcamento só pode ser feita em parte, acompanhando o rastro que êle deixou. A parte decisiva do trabalho consiste, partindo da atitude em relação ao médico, partindo da "transferência", em crear novas edições dos antigos conflitos, de modo que o doente nelas se comporte como se comportara nêstes últimos, mas pondo desta vez em ação todas as suas fôrças psíquicas disponíveis, para chegar a uma solução diferente. A transferência torna-se assim o campo de batalha em que se devem entrechocar todas as fôrças em luta.

Toda a líbido e toda a resistência à líbido se acham concentradas exclusivamente na atitude para com o médico; e nessa ocasião se produz inevitàvelmente uma separação entre os sintomas e a líbido, aqueles surgem despojados desta. No lugar da doença própriamente dita, temos a transferência artificialmente provocada ou, si o preferem, a doença da transferência; no lugar dos objetos tão variados quanto irreais da líbido, temos um único objeto, si bem que igualmente fantástico: a pessoa do médico. Mas a sugestão a que o médico recorre traz a luta que se trava em tôrno dêsse objeto na fase psíquica mais elevada, de sorte que já nos achamos em presença apenas de um conflito psíquico normal. Opondo-nos a um novo recalcamento, pomos fim à separação entre o *eu* e a líbido, e restabelecemos a unidade psíquica da pessoa. Quando a líbido se destaca enfim dêsse objeto provisório que é a pessoa do médico já não pode voltar a seus objetos anteriores: conserva-se à disposição do *eu*. As potências que tivemos de combater no correr dêsse trabalho terapêutico são: de uma parte, a antipatía do *eu* por certas orientações da líbido, antipatia que se manifesta na tendência ao recalcamento; doutra parte, a fôrça

de adesão, a viscosidade, por assim dizer, da líbido que não abandona de bom grado os objetos em que se fixa.

O trabalho terapêutico deixa-se, pois, decompor em duas fases: na primeira, toda a líbido se destaca dos sintomas para fixar-se e concentrar-se nas transferências; na segunda, a luta se trava em tôrno dêsse novo objeto do qual acabamos por libertar a líbido. Êste resultado favorável só é obtido si se consegue, no correr dêste novo conflito, impedir um novo recalcamento, mercê do qual a líbido se refugiaria no inconciente, esquivando-se novamente do *eu*. Isto se consegue, graças à modificação do *eu* que se realiza sob a influência da sugestão médica. Mercê do trabalho de interpretação que transforma o inconciente em conciente, o *eu* cresce a expensas daquele; sob a influência dos conselhos que recebe, torna-se mais cordato para com a líbido e disposto a conceder-lhe certa satisfação, e os temores que o doente sentia em face das exigências da líbido atenuam-se, graças à possibilidade em que está de libertar-se de uma parte desta pela sublimação. Quanto mais a evolução e a sucessão dos processos, no correr do tratamento, se aproximam desta descrição ideal, maior será o sucesso do tratamento analítico. O que é susceptível de limitar êste sucesso, é, de uma parte, a insuficiente mobilidade da líbido, que não se deixa fàcilmente destacar dos objetos em que está fixada; de outra parte, é a rigidez do narcisismo, que só admite a transferência de um objeto a outro até certo límite. E o que talvez ainda os faça compreender melhor a dinâmica do processo curativo, é o fato de que interceptamos toda a líbido que se tinha subtraído ao domínio do *eu*, atraíndo para nós, graças à transferência, boa parte dela.

E', bom que saibam que as localizações da líbido supervenientes durante e depois do tratamento, não autorizam nenhuma conclusão direta quanto à sua localização no correr do estado mórbido. Suponhamos que constatámos, no correr do tratamento uma transferência da líbido para o pai e que tenhamos conseguido destacá-la felizmente dêsse objeto para atraí-la à pessoa do médico: faríamos mal em concluir dêste fato que o doente tenha realmente sofrido uma fixação inconciente de sua líbido na pessoa do pai. A transferência para a pessoa do pai constitue o campo de batalha, em que acabamos por apoderar-nos da líbido; esta não se achava estabelecida ali désde o início, suas origens estão alhures. O campo de batalha em que combatemos não constitue necessàriamente uma das posições mais importantes do inimigo. A defesa da capital inimiga não está sempre e necessàriamente organizada

bem em frente às suas portas. E' só depois de ter suprimido a última transferência, que se pode reconstituir mentalmente a localização da líbido durante a doença.

Colocando-nos do ponto de vista da teoria da líbido, podemos ainda acrescentar algumas palavras a respeito do sonho. Os sonhos dos neuróticos servem-nos, assim como seus atos falhados e recordações espontâneas, para penetrar o sentido dos sintomas e descobrir a localização da líbido. Sob a forma de realizações de desejos, revelam-nos os desejos que sofreram um recalcamento e os objetos a que estava adestrita a líbido subtraída ao *eu*. Eis porquê a interpretação dos sonhos representa na psicanálise um papel importante e constituiu mesmo em muitos casos e durante longo tempo seu principal meio de trabalho. Já sabemos que o estado de sono como tal tem por efeito um certo relaxamento dos recalcamentos. Em consequência desta diminuição do pêso que sôbre êle gravita, o desejo decalcado pode no sonho revestir uma expressão mais nítida do que a que lhe oferece o sintoma durante a vida desperta. E' assim que o estudo do sonho nos abre o acesso mais cômodo ao conhecimento do inconciente recalcado, do qual faz parte a líbido subtraída ao domínio do *eu*.

Os sonhos dos neuróticos não diferem entretanto em nenhum ponto essencial dos sonhos dos indivíduos normais; não só não diferem dêles, como também é difícil distinguir uns dos outros. Seria absurdo querer dar dos sonhos dos indivíduos nervosos uma explicação que não fosse válida para os sonhos dos indivíduos normais. Eis porquê devemos dizer que a diferença que existe entre a neurose e a saúde só afecta a vida desperta em ambos estados, e desaparece nos sonhos noturnos. Somos obrigados a aplicar e estender ao homem normal uma multidão de dados que se deixam deduzir das relações entre os sonhos e os sintomas dos neuróticos. Devemos reconhecer que o homem são também possue, em sua vida psíquica, o que torna possível a formação de sonhos e a de sintomas, e daí devemos tirar a conclusão de que êle também se entrega a recalcamentos, que dispende certo esfôrço para mantê-los, que seu sistema inconciente oculta desejos reprimidos, ainda providos de energia, e que *uma parte de sua líbido é subtraída ao domínio de seu eu*. O homem são é pois um neurótico em potencial, mas o sonho parece o único sintoma que êle é capaz de formar. Todavia, isto é apenas uma aparência, pois submetendo a vida desperta do homem normal a um exame mais penetrante, descobrimos que sua vida, que se diz hígida,

está penetrada de uma multidão de sintomas, insignificantes na verdade e de pouca importância prática.

A diferença entre a saúde nervosa e a neurose não passa pois de uma diferença na vida prática e depende do grau de gôzo e de atividade de que a pessoa ainda é capaz. Ela reduz-se provàvelmente ás proporções relativas que existem entre as quantidades da energia que se conservam livres e as que se acham imobilizadas em conseqüência do recalcamento. Trata-se, pois, de uma diferença de ordem quantitativa, e não qualitativa. É não preciso recordar-lhes que essa maneira de ver fornece uma base teórica à convicção que exprimimos, a saber, que as neuroses são curáveis em princípio, a despeito de terem sua base na predisposição constitucional.

Eis o que a identidade que existe entre os sonhos dos homens sãos e os sonhos dos neuróticos nos autoriza a concluir sôbre a característica da saúde. Mas no que concerne ao sonho em si, resulta desta identidade uma outra conseqüência, a saber, que não devemos destacar o sonho das relações que êle apresenta com os sintomas neuróticos, que não devemos crer que traduzimos suficientemente a natureza do sonho declarando que êle não é mais que uma forma de expressão arcaica de certas idéias e pensamentos, que devemos enfim admitir que êle revela localizações e fixações da líbido realmente existentes.

Chego ao fim de minha exposição. Os senhores estão talvez decepcionados de constatar que só consagrei a considerações teóricas o capítulo relativo ao tratamento psicanalítico, que nada lhes disse das condições em que se aborda o tratamento, nem dos resultados que êle visa obter. Limitei-me à teoria, porque não tencionava absolutamente oferecer-lhes um guia pràtico para o exercício da psicanálise, tinha razões particulares para não lhes falar dos processos e dos resultados desta. Disse-lhes, logo em nossas primeiras palestras, que obtemos, em condições favoráveis, sucessos terapêuticos que em nada cedem aos mais belos resultados que se obtêm no domínio da medicina interna, e posso acrescentar que os sucessos devidos à psicanálise não podem ser obtidos por nenhum outro processo de tratamento. Si lhes dissesse mais, poderia fazer nascer no espírito dos senhores a suspeita de querer cobrir com uma reclame ruidosa o côro já demasiado incômodo dos que nos atacam. Certos colegas ameaçaram os psicanalistas, mesmo no correr de reuniões profissionais públicas, de abrir os olhos do público sôbre a esterilidade de nosso método de tratamento, publicando a lista de seus insucessos e mesmo dos resultados desastrosos de que ela se teria tornado culpada. Mas, abstração feita

do carácter odioso de uma tal medida, que não passaria de uma denúncia odiosa, a publicação com que nos ameaçam não autorizaria nenhum juizo adequado sôbre a eficácia terapêutica da análise. A terapêutica analítica, conforme sabem, é de creação recente; foi preciso muito tempo para estabelecer sua técnica, e ainda assim isto só poude ser feito no correr do trabalho e como reação à experiência imediata. Em conseqüência das dificuldades que apresenta o ensino dêste ramo, o médico que estréia na psicanálise é, mais que qualquer outro especialista, abandonado às próprias fôrças para se aperfeiçoar em sua arte, de sorte que os resultados que pode obter nos primeiros anos de clínica nada provam, nem pró nem contra a eficácia do tratamento analítico.

Muitos ensaios de tratamento falharam nos inícios da psicanálise, porque feitos em casos que não são da alçada dêste processo e que hoje excluimos do número de suas indicações. Mas não foi sinão graças a essas tentativas que pudemos estabelecer nossas indicações. Não se podia saber de antemão que a paranoia e a demência precoce, em suas formas pronunciadas, eram inacesíveis à psicanálise, e tinha-se ainda o direito de experimentar o método em afecções muito variadas. Entretanto, é justo dizer que os insucessos dêsses primeiros anos devem ser atribuídos, menos à inexperiência do médico, que a circunstâncias exteriores desfavoráveis. Até aqui só falámos das resistências interiores: estas, que nos são opostas pelo doente, são necessárias e superáveis. Mas também ha obstáculos exteriores: êstes, decorrentes do meio em que vive o doente, creados pelas pessoas que o cercam, não têm nenhum interêsse teórico, mas apresentam muito grande importância prática. O tratamento analítico pode ser comparado a uma intervenção cirúrgica e, como esta, só pode ser empreendido em condições onde as probabilidades de insucesso estejam reduzidas ao mínimo. Sabem todas as precauções de que se cerca um cirurgião: sala apropriada, boa iluminação, assistentes experimentados, afastamento dos parentes do enfêrmo, etc. Quantas operações terminariam favoràvelmente, si devessem ser feitas em presença de todos os membros da família cercando o cirurgião e o doente, e gritando a cada golpe de bisturi? No tratamento psicanalítico, a presença de parentes é pura e simplesmente um perigo, e um perigo contra o qual não sabemos preparar-nos. Estamos armados contra as resistências interiores que vêm do doente e que sabemos necessárias; mas como defender-nos contra essas resistências exteriores? No que concerne à família do paciente, é impossível fazê-la atender a razões e decidí-la a conservar-se afastada de todo o assunto; doutra parte, nunca

se deve entrar em acôrdo com ela, pois então ha o risco de perder a confiança do doente, que exige, e com razão aliás, que o homem a quem se confia tome seu partido sempre e em todas as ocasiões. Quem sabe que discórdias dividem freqüentemente uma família não ficará admirado de constatar, praticando a psicanálise, que os parentes próximos do enfêrmo estão a-miúde muito mais interessados em vê-lo continuar assim do que em vê-lo curar-se. Nos casos, aliás freqüentes, em que a neurose está em relação com conflitos entre membros da família, o indivíduo são não hesita, quando se trata de escolher entre seu próprio interêsse e o restabelecimento do doente. Não nos devemos pois admirar de que um espôso não aceite de bom grado um tratamento que comporta, como êle suspeita com razão, a revelação de seus pecados. Eis porquê nós outros, psicanalistas, não o estranhamos, e declinamos toda censura quando nosso tratamento não é bem sucedido ou deve ser interrompido, porque a resistência do marido vem reforçar a da mulher. E' que empreendemos algo que, em tais circunstâncias, era irrealizável.

Só lhes citarei, entre tantos outros, um único caso, em que considerações puramente médicas me impuzeram um papel de vítima silenciosa. Ha alguns anos, empreendi o tratamento psicanalítico de uma moça ha certo tempo assoberbada por uma angústia tal, que não podia nem sair na rua, nem conservar-se sózinha em casa. Pouco a pouco, a doente acabou confessando-me que sua imaginação se vira impressionada por ter constatado que sua mãe mantinha relações amorosas com um rico amigo da casa. Mas foi bastante desastrada, ou astuta, para dar a compreender à sua mãe o que se passava durante as sessões de psicanálise: mudou, por exemplo, sua atitude para com ela, não quis mais, para defender-se contra a angústia da solidão, ter outra companhia a não ser a da mãe, e opunha-se a que esta saísse de casa. A mãe, que em tempos idos também sofrera de nervosismo, fôra tratada com êxito num estabelecimento hidroterápico. Acrescentemos que foi nêsse estabelecimento que travou conhecimento com o cavalheiro que depois veio a manter com ela relações as mais satisfatórias sob todos os aspetos. Impressionada pelas violentas exigências da moça, a mãe compreendeu *subitamente* o que significava a angústia desta. Compreendeu que a filha se deixara adoecer para tornar a mãe prisioneira e privá-la da possibilidade de rever o amante tão a-miude como desejaria. Por uma decisão brusca, a mãe pôs fim ao tratamento. A moça foi internada num estabelecimento para doentes nervosos onde, durante anos, a apresen-

taram como uma "pobre vítima da psicanálise". Nessa ocasião, bastante me censuraram o infeliz resultado do tratamento! Guardarei silêncio, porque me sentia ligado pelo dever da discreção profissional! Só muito tempo depois é que soube, por um colega que visita êsse estabelecimento e teve ocasião de ver a moça agoráfoba, que as relações entre a mãe e o opulento amigo da família eram de pública notoriedade e provàvelmente favorecidas pelo marido e pai. Foi portanto a êsse "segredo" que se sacrificou o tratamento.

Nos anos que precederam a guerra, quando o grande afluxo de estrangeiros me tornou independente do favor ou desfavor de minha cidade natal, impus-me a regra de nunca empreender o tratamento de um doente que não fosse *sui juris*, nas relações essenciais de sua vida, independente de quem quer que fosse. Eis uma regra que nem todo psicanalista se pode impor e seguir. Mas, do fato de eu os pôr em guarda contra os parentes próximos do doente, os senhores podem sentir-se tentados a concluir que os doentes passíveis da psicanálise devem ser separados das respetivas famílias e que nosso tratamento só é aplicável aos internados em estabelecimentos para doentes nervosos. De modo algum: é muito mais vantajoso para os doentes, quando não se acham num grave estado de esgotamento, ficar durante o tratamento nas mesmas condições em que têm de resolver os problemas que se lhes apresentam. Basta então que os próximos não venham neutralizar essa vantagem por sua atitude e que não manifestem em geral nenhuma hostilidade em relação aos esforços do médico. Mas essas coisas são tão impossíveis de obter! E os senhores naturalmente não tardarão a constatar em que medida o sucesso ou o insucesso do tratamento depende do meio social e do estado de cultura da família.

Não acham que tudo isto não é de molde a dar-nos uma idéia elevada da eficácia da psicanálise como método terapêutico, mesmo quando a maior parte de nossos insucessos só depende de fatores externos? Amigos da psicanálise incitaram-me a opor uma estatística de sucessos à coleção dos insucessos que nos são exprobados. Não aceitei o conselho dêles. Fiz valer, apoiando minha recusa, que uma estatística não tem valor, quando as unidades justapostas de que se compõe não são bastante semelhantes, e os casos de afecções neuróticas que foram submetidos ao tratamento psicanalítico, diferiam com efeito entre si sob os mais variados aspetos. Além disto, o lapso de tempo decorrido era demasiado curto, para que se pudesse afirmar si se tratava de curas definitivas, e em muitos casos nem siquer se podia aventurar nenhuma afir-

mação sôbre êste ponto. Êstes últimos casos eram os de pessoas que ocultavam tanto a sua doença como o tratamento, e das quais era igualmente preciso manter a cura em segrêdo. Mas o que, mais que qualquer outra consideração, me fez declinar êsse conselho, foi a experiência que tenho da maneira irracional por que os homens se portam nas coisas da terapêutica e da pequena possibilidade de convencê-los com a ajuda de argumentos lógicos, mesmo tirados da experiência e da observação. Uma novidade terapêutica é aceita ou com um entusiasmo ruidoso, como foi o caso da primeira tuberculina de Koch, ou com uma desconfiança desanimadora, como foi o caso da vacina verdadeiramente benéfica de Jenner, que ainda em nossos dias tem adversários irredutíveis A psicanálise chocava-se com uma prevenção manifesta. Quando falávamos da cura de um caso difícil, respondiam-nos: isto nada prova, pois a êsta hora seu doente estaria curado, mesmo que se não houvesse submetido ao seu tratamento. E quando uma doente, que já completou quatro ciclos de tristeza e de mania, e se submeteu, durante uma pausa consecutiva à melancolia, ao tratamento psicanalítico, se acha, três semanas depois dêste, no começo de um novo período de mania, todos os membros da família, aprovados nêste ponto por uma alta autoridade médica chamada em consulta, exprimiram a convicção de que essa nova crise só podia ser conseqüência do tratamento tentado. Contra os preconceitos, não ha nada a fazer. E' preciso esperar e deixar ao tempo o cuidado de usá-los. Dia virá em que os homens terão sôbre as mesmas coisas uma idéia diferente da que tiveram na véspera. Mas porquê não pensaram na véspera como pensam hoje? Eis o que para nós e para êles mesmos é um mistério obscuro e impenetrável.

Todavia, pode ser que o preconceito contra a terapêutica analítica esteja em via de regressão. Eu veria uma prova disto na contínua difusão das teorias analíticas e no aumento, em certos países, do número de médicos que praticam a psicanálise. Recem-formado, vi os círculos médicos acolherem o tratamento pela sugestão hipnótica com a mesma tempestade de indignação com que os "razoáveis" de hoje em dia acolhem a psicanálise. Mas, como agente terapêutico, o hipnotismo não manteve o que prometera a princípio; nós outros, psicanalístas, devemos considerar-nos como seus legítimos herdeiros, e não esquecemos todos os encorajamentos e todas as explicações teóricas que lhe devemos. Os prejuizos que se exprobam à psicanálise reduzem-se no fundo a fenômenos passageiros produzidos pelo exagêro dos conflitos nos casos de análise feita desastradamente ou bruscamente interrompida. Agora

que sabem como nos portamos para com o doente, podem julgar si nossos esforços são de molde a lhes causar um prejuizo duradouro. Sem dúvida, a análise se presta a toda sorte de abusos, e a transferência constitue mais particularmente um meio perigoso nas mãos de um médico não conciencioso. Mas conhecem algum meio ou algum processo terapêutico que esteja ao abrigo de um abuso? Para ser um meio de cura, um bisturi deve cortar.

Terminei. E, sem querer usar de um artifício oratório, digo-lhes que reconheço, lamentando-os, todos os defeitos e lacunas das lições que acabam de ouvir. Lastimo sobretudo ter-lhes muitas vezes prometido voltar a tal assunto que aflorava de passagem e não ter podido manter minha promessa, por fôrça da orientação que o meu curso tomava. Empreendi o trabalho de iniciá-los numa matéria ainda em pleno desenvolvimento, ainda muito incompleta, e à fôrça de querer resumí-la, mesma incompleta. Mais de uma vez, reüni todos os materiais visando minha exposição se tornou ela mesma incompleta. Mais de uma vez, reüni todos os materiais visando uma conclusão que eu próprio me abstive de tirar. Mas não tinha a ambição de fazer dos senhores especialistas; queria apenas esclarecê-los e estimulá-los.